

R. CHRISTINY

UM
ESCOCÊS
NO
MEU
CAMINHO





R. CHRISTINY

UM
ESCOCÊS
NO
MEU
CAMINHO

Copyright © 2019 R. CHRISTINY

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Mari Vieira e Rebecca Pessoa

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.



[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo Final](#)



À minha mãe, que foi crucial para o desfecho dessa história enquanto eu enlouquecia, ao meu amor Rick que nunca deixa de me apoiar em cada aventura, a Raquel que foi fundamental durante minha pesquisa, a Kelly e a Liara, que indicaram Charlie e Tess para o Mundo todinho. E, sem dúvida alguma, à minha agenciadora Mari que me fez correr contra o tempo e encontrou uma casa para meu livro. Também agradeço muito aos meus leitores que pediam todos os dias por mais capítulos de forma nada amorosa (risos). Amo vocês.

Carta da autora: Olá, caro leitor. Sei que está ansioso para inciar a leitura e eu também estou ansiosa por isso. Mas, antes de você embarcar nessa aventura é importante que saiba de algumas coisas. Vamos lá?

Em “Um escocês no meu caminho” eu decidi criar algumas cidades fictícias para não ficar presa à regras e poder ter mais liberdade na hora de criar a história. Contudo, isso não me impediu de honrar os costumes escoceses.

Pode acontecer de logo no primeiro capítulo você ficar confuso porque se inicia com ação e romance, e se perguntará se há algum livro que antecede à esse. Respondo aqui: não. Esse é o primeiro da série “Os escoceses”, tudo ficará explicadinho nos próximos capítulos. Prometo a você.

Por último, gostaria de dizer que nosso querido escocês não pertence há nenhum clã específico. Sendo assim, se divirta decidindo de qual clã você será.

Espero que você se saia melhor que eu pronunciando as frases em gaélico, porque, por Odin, eu sou uma aberração. E, falando nisso, as frases foram traduzidas através de um dicionário gaélico escocês, então cuidado com o amigo google tradutor caso tente traduzir. As vezes ele é uma armadilha.

Com todo amor,

R. Christiny.



Tess

CARREGAVA UMA FACA EM UMA MÃO, enquanto que, com a outra, segurava a rédea do cavalo para não cair. Desviei das árvores de troncos mais espessos, porém, não conseguia evitar que os galhos mais finos ferissem meu rosto.

Meu coração batia depressa; sabia que eles não estavam muito longe de mim. Pensei em diminuir a velocidade, me apavorei ao ver o quanto a floresta ficara estreita.

Senti um novo corte em minha bochecha, outro em meu braço. Já não podia contar quantas feridas surgiram em meu corpo desde que comecei a galopar.

Depois de correr por cerca de meia hora, reparei que o cavalo estava se cansando.

— Vamos lá, amigão. Aguarde só mais um pouco... — Falei, tanto para ele, quanto para mim. Honey já era um cavalo velho, apesar de sua pelagem preta e sua musculatura não deixarem isso em evidência.

Honey diminuiu a velocidade. E diminuiu... Diminuiu... Até parar por completo.

— Ah, por favor, Honey! — Tentei fazê-lo andar novamente, mas o animal estava decidido a não me obedecer. — Tudo bem. Já entendi.

Joguei a faca no mato para não me machucar ao descer.

Ao ouvir a cavalaria se aproximando, saltei o mais rápido possível. Ergui o vestido para não tropeçar nele, peguei a faca do chão e me preparei para continuar fugindo a pé.

Corri por entre as árvores, usando a faca para abrir caminho. Gemi de dor ao sentir as pedrinhas ferirem meus pés descalços e, para dificultar, os grampos caíram do meu cabelo e os fios se soltaram, atrapalhando a minha visão.

O sol estava se pondo, precisava encontrar um lugar seguro antes que o breu dominasse a floresta. Sabia que quando a noite chegasse, eu

estaria completamente em desvantagem em relação aos homens; eles possuíam lanternas e conheciam aquele lugar muito melhor que eu.

Minhas mãos estavam suadas e escorregadias, o que tornava quase impossível segurar a faca para cortar os galhos que estavam em meu caminho.

— Tess, pare de correr. Você irá se machucar! — Ele gritou.

Não iria respondê-lo para que não me encontrasse tão facilmente. A essa altura, provavelmente já tinham passado por Honey e visto que eu continuei a pé.

E como se fosse uma profecia, eu tropecei em um galho que estava camuflado no chão e cai de cara na terra. Bati o queixo e dei uma bela mordida na língua, o que me fez ganhar de dor. A faca foi jogada para frente, longe do meu alcance, e me tornou uma presa fácil.

— Eu te avisei, Tess. Avisei que iria se machucar! — Ele disse, ao descer do cavalo e se aproximar de mim. O comprido cabelo loiro estava preso em um coque bagunçado.

Deu uma leve coçada na barba antes de esticar a mão para tentar me ajudar a levantar.

Olhei ao redor e vi os capangas me cercando com seus cavalos. Eu estava sem saída. Mesmo que não quisesse me render, reconhecia que não havia como fugir.

— Não voltarei com você! — Afirmei, mas nós dois sabíamos que essa afirmação não tinha fundamento algum.

— Tess, não me faça ter que carregá-la em meus braços, sabe que farei se for preciso. — Atentou, para me lembrar das inúmeras vezes em que me carregou enquanto eu me fazia de garota birrenta apenas para provocá-lo. Mas dessa vez era diferente. Não era uma provocação. Ir embora talvez fosse uma questão de *sobrevivência*.

— Você não entende, Ryld? Eu não posso voltar. Agora todos sabem que não posso lhe dar herdeiros. Eu ouvi sobre a história da esposa que desapareceu misteriosamente porquê não podia conceder filhos ao seu marido.

— O quê? Você não é minha esposa... *ainda*. Mas, de toda forma, eu nunca permitirei que alguém a machuque. — Garantiu. Os olhos verdes como um pântano exalavam sinceridade.

Me ajeitei e sentei em meus calcanhares. Sentia gosto de sangue em minha boca, mas não queria cuspir. Desde que conheci a realeza de perto, aprendi que esse tipo de comportamento era extremamente inaceitável.

— O que acha que acontecerá comigo quando voltarmos? Como todos irão me olhar?

— Desde quando a dona marrenta se importa com o que alguém pensa a respeito dela? — Questionou, com um pequeno sorriso surgindo em seus lábios, e eu não consegui não corresponder ao sorriso que fazia meu coração palpitar.

Conhecer Ryld não fazia parte dos meus planos. Quando decidi sair do Brasil e me mudar para o Reino Unido, não tinha intenção alguma de me apaixonar, principalmente por um príncipe. Sem dúvida alguma, era a coisa mais maluca que já aconteceu em toda a minha vida. Era de suspirar e se desesperar.

Aceitei sua ajuda para me levantar. Ele retirou os gravetos que grudaram em meu vestido e as folhas das árvores que caíram em meus cabelos, como um bom cavalheiro.

— Você está ferida. Onde estão seus sapatos? — Ele questionou, ao observar meus pés sujos e também machucados.

— Eles apertavam meus dedos. Me desfiz deles no meio do caminho.

— Os brasileiros são realmente admiráveis. — Ele brincou. Me ergueu pela cintura para que eu subisse em seu cavalo e montou atrás de mim logo em seguida. — Você me deixou preocupado. Por que fugiu dessa forma?

Fiquei com a nuca arrepiada. Eu estava noiva de um dos homens mais cobiçados do mundo, mas ainda não tínhamos consumado a relação. Era preciso seguir a tradição de sua família, e, para minha infelicidade, Ryld seguia esse protocolo bem à risca. E eu estava completamente desesperada para tocá-lo sem aquele amontoado de roupa entre nossos corpos.

— Porque eu me desesperei. Não tenho conseguido dormir direito desde que o boato se espalhou. Sinto que sou observada a todo instante. — Cochichei para que apenas ele me ouvisse.

— Tess, você em breve será a duquesa de *Broksdalle*. Não é coisa da sua cabeça, todos a observam. — Ele tentou me tranquilizar com seu tom de voz doce, gentil e sexy. — É por isso que trouxe uma faca consigo?

— Sim. Eu não confio em seus guardas. — Cochichei novamente, e olhei de soslaio para os cavaleiros que nos acompanhavam em silêncio.

— Eles a aborreceram de alguma forma? — Questionou, em um tom alarmante, porém baixo, e deixei de olhar para a estradinha de terra por um breve momento para encarar os guardas.

— Obviamente que não, Ryld. — Menti. Não havia razão para aborrecê-lo contando que Noah, seu guarda mais antigo, olhava para meus seios sempre que eu usava vestidos com um pequeno decote. E por que eu diria que Ethan, seu outro segurança, já me passou galanteios? Eu podia muito bem lidar com esses babacas. No entanto, tinha Charlie, seu segurança recentemente contratado, esse sim me causava calafrios. Ele não me sorria como os outros, e muito raramente se dirigia à mim. Havia algo no homem que me amedrontava; suas poucas palavras eram frias como cristais de gelo.



— O que acha que acontecerá quando voltarmos? — Perguntei a Ryld assim que atravessamos a porta de entrada. Aproveitávamos o verão juntos na casa de campo da sua família fazia poucos dias.

— Como assim? — Ele perguntou, logo atrás de mim. Os seguranças também entraram, mas não nos seguiram até o andar de cima para nos dar privacidade.

Esperei até que entrássemos em nosso quarto e a porta estivesse fechada para responder.

— Sobre eu não poder ter filhos. Não finja que não se importa. Você mesmo disse que não queria que ninguém soubesse antes do casamento e agora essa notícia está em todos os jornais. — Falei. Encarei meu

reflexo no espelho e arranquei os poucos grampos que haviam sobrado em meu cabelo.

Ryld entrou na minha frente e segurou meus pulsos de forma delicada para roubar minha atenção para si.

— Tess, quando você me disse que nunca poderia ter filhos eu te disse que isso não mudava nada entre nós e eu fui sincero. Meu coração foi parar na garganta. Eu nunca me acostumaria com esse homem genuíno me amando de forma tão pura.

— Eu sou uma plebeia. Uma plebeia estéril. — Murmurei, refreando as lágrimas.

— Não. Você é a mulher que eu amo. Essa é a única coisa que importa. — Ele soltou meus pulsos para erguer meu queixo. — Minha marrentinha.

Ryld sabia como acalmar meu frágil coração.

— Sua alteza real me deixa deveras seduzida por essas belas palavras. — Brinquei em um baixo tom de voz, quase um sussurro.

Me coloquei na ponta dos pés para alcançar os lábios daquela beldade de sorriso sedutor.

O beijei com ternura, fogo e cintilância. Eu entreguei meu coração através do toque quente e dos lábios úmidos. Agarrei seus braços fortes; o desejo ardia e me mordida por dentro.

Ryld me afastou quando percebeu que nossos corpos pegavam fogo, que através do nosso abraço já não passava nem mesmo vento.

— Estou contando os dias, marrentinha. Conto os minutos e segundos para que você seja minha. — Compartilhou, entre sorrisos e lábios molhados.

— Quebre o relógio por um momento, sua alteza real. — Falei com provocação. O ar já não era inalado com a mesma frequência.

Ryld deu um passo à frente e todo meu sangue ferveu.

Ele me tocou outra vez. Agora suas mãos foram em meus cabelos. Fechei os olhos com deleite, e segurei um gemido que parecia vir da alma.

— O calor perto de você é intenso e insuportável. É quase impossível te dizer não. — Ele balbuciou. As mãos firmes puxavam meus cabelos.

Elevei o rosto e o olhei nos olhos, o tom verde estava incendiado.

— É tão difícil recolher minhas mãos para não tocá-la. Ter essa vontade e não poder satisfazê-la logo. — Ele acrescentou.

Cada frase que saía da sua boca era como uma deliciosa chicotada no meio das minhas pernas, me deixando molhada. Entrei em estado de brasas ao sentir seus lábios em minha nuca, mordiscando minha pele e a beijando suavemente. Talvez fosse errado, ia contra as regras, mas eu ansiava que ele me tocasse. Queria sentir suas mãos masculinas em meus seios, os dedos compridos em minha intimidade molhada.

Já quase sem forças e trêmula, o afastei apenas para rasgar sua camisa. Ouvi os botões quando eles caíram no assoalho de madeira.

Seu corpo era como sempre imaginei, tórax e abdômen fortes e definidos, não a ponto de chocar, mas atraentes o suficiente para me fazer ficar enlouquecida para sentir... com a língua.

Provocadora, levei minhas mãos até o zíper do vestido, nas costas, e o desci lentamente. Ryld trincou o lábio inferior e observou todos meus movimentos depravados.

Em um balanço dos quadris e com ajuda das mãos, me despi. Eu senti a ponta dos seus dedos descerem de meu pescoço até os meus seios. A minha respiração afogou. Ele permaneceu com a mão em meu corpo, saboreando-me lentamente.

— Em meus pensamentos, já tive você de todas maneiras possíveis e desejadas. — Ele sussurrou. Suas palavras eram como magia que excitava meu corpo. — Por segundos, eu pude sentir teu interior ligeiramente amargo e embriagante. Minha mente devassa, inventava cada pedacinho seu. E agora você está aqui, Tess, quase completamente nua na minha frente, e tudo que posso fazer é tocá-la superficialmente.

— Eu sou inteiramente sua, alteza real. Admire-me com os olhos ou com os lábios, da forma que desejar. — Ciciei, com intuito de atirá-lo um pouco mais. Ryld tinha um curioso poder de me deixar submissa. Seu olhar me aquecia, como se eu segurasse um punhado de carvão quente.

— Precisamos aguentar mais um pouco, dama fogosa. Prometo que não se arrependerá. — Ele disse, após um minuto tentando voltar a respirar normalmente.

— Sabe do que preciso? Da sua barba roçando minhas coxas, sua língua penetrando meu caminho mais quente e molhado... — Eu mal consegui completar meus pensamentos perversos e Ryld já estava outra vez agarrando meus cabelos e sugando meus lábios com volúpia.

Ele me apertou em seus braços fortes. Nossos corpos suados e cálidos se encaixavam perfeita e enlouquecidamente. Estávamos prontos para ir adiante com aquilo, até a batida na porta acabar com tudo.

— Sua alteza real!? — Ele chamou. Era Charlie.

Ryld se afastou rapidamente e ajeitou sua roupa e cabelo. Eu fiz o mesmo. Não que adiantasse muita coisa: qualquer um que tivesse um pingo de malícia na mente saberia o que acontecia ou estava prestes a acontecer dentro daquele quarto, bastava observar a camisa de Ryld rasgada, seus lábios vermelhos, ou meu rosto rubro de quem estava prestes a ter um delicioso orgasmo.

— Sua alteza? — Charlie insistiu, batendo à porta. — Vossa majestade, a rainha, está ao telefone.

— Saio em um minuto — Ryld respondeu, e depois se voltou para mim: — Sinto muito, Tess, preciso atendê-la.

— Claro. — Concordei da boca *pra* fora; por dentro estava feito um vulcão que por muito pouco não entrou em erupção. Sempre que estávamos prestes a fazer algo, sua mãe encontrava uma forma de interromper. Era como se tivesse uma câmera em todo lugar que fossemos.

Ryld abriu a porta depois de ter trocado de camisa.

Charlie, que aguardava pacientemente ao lado de fora, deu espaço para Ryld passar e, de uma forma estranha e misteriosa, virou o rosto e me deu um sorriso de canto, quase inexistente. Eu, que já estava levemente ruborizada, fiquei ainda mais. Franzi o cenho, tentando entender sua piada interna.

— Se me permite falar, senhora, seu vestido está aberto. — Disse Charlie. Automaticamente, tentei virar o rosto para conseguir olhar o zíper nas costas.

— Sim, eu sei. — Falei, fingindo não estar vermelha de vergonha.

— Se me permite falar novamente, senhora, seus ferimentos estão sangrando. — Charlie apontou para os machucados no meu braço, que eu tinha feito questão de esquecer enquanto me agarrava com meu noivo.

— Mais algum comentário, Charlie? — Questionei com arrogância, e entrelacei as mãos em frente ao corpo.

— Não, senhora.

— Ah, por favor. Ainda não estou casada, prefiro que me chame de senhorita. — Falei em um tom mais sociável. Gostaria de ter uma relação amigável com ele, da mesma forma que eu tinha com os outros seguranças. No entanto, o senhor cristais de gelo parecia não ter a mesma intenção que eu.

— Como quiser, senhorita. — Falou de forma breve e fez uma reverência grotesca, como se fosse sair.

— Charlie? — O chamei, antes que ele desaparecesse no extenso corredor. Ele se virou e me encarou com seus olhos escuros feito madeira polida. — Você tem algum problema comigo?

Ele franziu o cenho e ergueu a sobrancelha, como quem está claramente confuso. Mas eu não dei muita credibilidade. O homem tinha um quê de ironia no rosto que estava sempre presente ao me encarar.

— Não tenho problema algum com a senhorita. Me permita perguntar: por que acha isso?

Engoli em seco e meus ombros ficaram tensos quando me dei conta de que eu tinha medo de Charlie. Não apenas pelo fato de ele ser alto e forte, como também por ele aparentar ter um coração viperino.

— Eu não sei. Apenas sinto que há um muro invisível entre nós. — Minhas frases soaram com rouquidão.

— Senhorita, isso vem do fato de eu servi-los. — Retrucou com insensibilidade e amargura. — Lamento que a dama se sinta desconfortável perto de mim. Tentarei ser mais sorridente como os outros.

Senti meu estômago embrulhar e aprisionei uma ofensa na garganta.

— Certo. Agora já pode ir. Obrigada.

Ele me deu outro daqueles sorrisos enigmáticos antes de partir.

Tomei banho após cuidar dos meus ferimentos dos braços, rosto e pés. Por sorte, nenhum fizera um corte profundo, porém, o do rosto me causava incômodo. Foi preciso algumas camadas de maquiagem para conseguir escondê-lo.

Optei por um vestido colorido para o jantar. Cabelo preso com grampos, o que deixava em evidência os brincos de pérola, assim como o colar de três voltas no pescoço, e um salto baixo nos pés.

Ryld não retornou ao quarto depois do telefonema da rainha, e após perguntar a Noah, descobri que o príncipe se encontrava no escritório executivo na ala leste, e que havia pedido para não ser incomodado. Certamente essa ordem não se aplicava a mim.

O encontrei com um copo de uísque na mão, sentado no sofá vermelho carmesim perto da lareira - que não estava acesa. O olhar cabisbaixo foi o que me deixou aflita.

— O que aconteceu? — Perguntei assim que entrei. Ele ergueu os olhos de pântano para mim, foi quando reparei que ele chorara.

— Você está magnífica. — Elogiou com admiração e ignorou minha pergunta.

Dei a volta no cômodo para me sentar em seu colo.

Ele deixou o copo na pequena mesa ao lado para puxar meu rosto para si e beijar-me nos lábios com ternura.

— Eu nunca deixarei você. — Sussurrou, assim que nossas bocas se afastaram.

— O que houve? O que a rainha queria? — Questionei temerosa.

Ele bufou e revirou os olhos.

— Ela leu a matéria sobre você que vazou no jornal e pede para que eu cancele o casamento.

Me levantei do seu colo quase que em um salto, nervosa.

— Eu sabia que isso iria acontecer. Mulheres que não podem ter filhos não são nada, não é?

Ele também se levantou. As mãos que foram irritadas à cabeça, arrancaram a fita de cabelo e, maldito seja, Ryld com aquela cabeleira

loura caindo pelos ombros era de tirar o fôlego.

— Olhe para mim, Tess. — Clamou. — Eu me casarei com você. Encontraremos uma forma.

— Você pode perder a...

Ele segurou as minhas mãos.

— Falarei novamente, para o caso de você não ter entendido. — Me interrompeu. — Eu me casarei com você. Eu sou seu, Tess, desde a primeira vez em que a vi sentada sozinha naquela mesa de restaurante. Eu fui seu desde as primeiras palavras que trocou comigo sem saber quem eu era. Eu sou seu, e se você puder me conceder a honra de ser minha esposa, isso valerá mais que qualquer coroa, mais que qualquer bem material.

O ar me faltou. E, pela segunda vez, ele me desarmou.

— Honra concedida, sua alteza real. — O respondi com um resquício de oxigênio.

Ele sorriu, aquelas curvas lindas de morrer.

Senti suas mãos quentes me apertarem pelas costas, e meu coração acelerou.

— Você é a única ilha no meu oceano. A única ilha — Murmurou.

Nos preparávamos para nos beijarmos, quando um dos seus seguranças entrou correndo no escritório, com o coração na boca, testa suada e olhar apavorado.

Ryld e eu nos desvencilhamos igualmente assustados.

— Ethan!?

— Desculpe, sua alteza real, eu devia ter batido. Mas aconteceu algo que merece atenção emergencial.

— Outro telefonema? — Questionei.

— Não, senhorita. — O olhar de Ethan foi de mim para Ryld. — São os cavalos. Estão mortos.

Levei à mão ao peito, surpreendida e chocada.

— Todos? — Ryld quis saber. Os olhos refletiam a dúvida sentida.

— Sim, alteza. Ainda não sabemos o que aconteceu. — Ethan respondeu agitado.

— Como não sabem!? — Ryld falou em um tom que se misturava incredulidade e repreensão.

Ethan encarou os próprios pés.

— Os cavalos... eles estavam bem quando chegamos. Não conseguimos entender. — O tom diminuiu para um sussurro irritado. — Parecem ter sido envenenados.

Foi minha vez de ficar abalada. *Envenenados?*

— Como isso é possível? Eles não estavam no estábulo com o zelador? — Eu perguntei.

Ethan virou-se para mim.

— Estavam sim, madame. Acontece que o zelador já tinha ido se deitar havia algumas horas quando ouvi um barulho suspeito, como se algo tivesse caído. Eu corri para verificar, foi assim que constatei que os cavalos não respiravam. Eu telefonei para o veterinário deles, mas era tarde demais. Eu sinto muito.

— Alguma animal venenoso? — Perguntou Ryld, bastante abalado. Os cavalos sempre foram sua paixão.

— Ainda não sabemos, sua alteza. Mas acredito que não.

Ryld esfregou os olhos, transtornado, e começou a andar de um lado para o outro.

— Em que acredita, Ethan? Sugere que alguém tenha envenenado meus cavalos?

— Sua alteza... eu... não... — Ethan começou a gaguejar, como se de repente sua camisa tivesse ficado bem menor que seu tamanho e o impedisse de respirar. Eu o entendia, Ryld e seus braços fortes eram de silenciar qualquer um, principalmente quando ele estava zangado. Parecia três vezes maior.

— Querido, por que não vamos lá dar uma olhada? — Perguntei em um tom manso, ao notar como ele ficou pálido e trombudo. Nenhum vestígio do meu noivo carinhoso e gentil estavam visíveis.

— Não! — Retrucou. — Você não sairá daqui.

Fiz careta, odiando a escolha do seu tom de voz.

— Isso é uma ordem do príncipe Ryld de Gales ou do meu noivo!? —
Revidei, sem me importar com a presença do seu segurança particular.
— Eu, honestamente, espero que isso não seja ordem de nenhum dos dois.

Notei que Ryld relaxou os ombros, e as linhas de expressão também sumiram do rosto. Ele se aproximou e segurou minhas mãos.

— Tess, se alguém envenenou meus cavalos é porque está tentando me atingir, a pessoa sabia que eles eram importantes para mim. O que será de mim se essa pessoa descobrir que você é meu bem mais precioso? — Seus olhos não desviaram dos meus por um único segundo.

— Não me agrada quando me dá ordens, sabe disso. — Respondi.

— Eu sei. Peço desculpa. — Murmurou, segurando meu queixo pequeno. — Tire esse olhar do seu rosto.

— Sim, sua alteza real. — Disse, um pouco debochada. O fiz sorrir por um breve momento, antes da expressão aflita dominá-lo por completo novamente.

— Onde estão os outros homens, Ethan? — Ele perguntou, deixando de dar atenção para mim.

— Pedi para que verificassem a casa, alteza. — O homem parecia com medo de falar.

Ryld concordou com um balançar de cabeça. Eu ouvi o suspiro aliviado que soou de Ethan.

— Fez bem. Vamos, quero dar uma olhada nos cavalos.

— Não acha mais seguro esperar pelos outros homens? — Eu resolvi me intrometer.

— Não. Se eu encontrar quem fez isso, quero ter a honra de acabar com ele ou ela. — Disse e depois cruzou os braços. — Espero que essas palavras fiquem apenas entre nós. Não quero ter que me explicar para nenhum jornal mais tarde caso isso apareça fora de contexto.

— Não tem com o que se preocupar, sua alteza. — Falou Ethan, um pouco mais relaxado.

Eu apenas abaixei minha cabeça e acariciei meus braços arrepiados. Não me agradava a ideia de alguém ter matado os cavalos apenas para provocar Ryld.

O que a pessoa queria com isso? Era alguma espécie de aviso?

— Tess? — Me chamou. — Você está bem?

— Sim, só estou com um pouco de frio. — Menti.

— Quer que eu peça para alguém acender a lareira? — Ele perguntou.

— Não vejo necessidade. Eu irei para o quarto. Me avise quando voltarem do estábulo, sim? — Me agarrei ao corpo de Ryld e o abracei com toda força, como se fosse uma espécie de adeus. Ele retribuiu o abraço com a mesma ternura.

— Eu preciso ir agora — sussurrou em meu ouvido. Fui obrigada a soltá-lo.



Não jantei. Me deitei na cama com o mesmo vestido colorido que tinha colocado horas atrás. Chacoalhava a perna em cima da outra em um gesto nervoso. Já haviam passado algumas horas desde que Ryld fora ao estábulo com Ethan, e esse tempo sem notícias me deixava aflita.

O relógio marcava quase uma da manhã. A casa estava tão silenciosa, que minha própria respiração era motivo de pavor.

Não aconteceu nada. Eles ainda devem estar olhando os cavalos.

Me sentei na cama, tirei o salto dos pés e, por ser mais confortável, resolvi sair descalça.

Poucas luzes estavam acesas. A imensa casa de paredes vermelhas e longos tapetes, era de causar arrepios quando era possível ouvir o eco. Segurei no corrimão de madeira enquanto descia em passos rápidos. Minhas mãos suavam frio, o que tornava o toque um pouco escorregadio.

Ao chegar no andar debaixo, constatei que os funcionários também não estavam por ali. Fazia um tempo desde a última vez que ouvi a voz de alguém que não a minha própria.

— Madame? — Uma voz soou atrás de mim, e, por isso, pulei assustada.

— Ah, Charlie. — Falei, assim que me recuperei do susto.

Seus braços estavam cruzados. Um sorriso singelo surgiu em seu rosto carrancudo.

— Perdoe-me, não quis assustá-la. Eu apenas não esperava encontrá-la vagando pelos corredores a essa hora.

Reparei que seu cabelo estava molhado e bagunçado, como se tivesse acabado de sair do banho. O bom cheiro de sabonete ou shampoo, me fez ter certeza.

— Procurava por meu noivo. Ele não retornou do estábulo? — Tentei falar em um tom de voz pacífico, para não deixar transparecer o desconforto que eu sentia sempre que ele estava por perto.

— Não, madame. Sua alteza pediu privacidade para que pudesse se despedir de seus cavalos.

— Ele ficou sozinho!? — Questionei em um tom acusatório.

— Decerto que não, madame. Há dois seguranças fora do estábulo; enquanto eu fui encarregado de protegê-la. — Falou com animosidade.

Revirei os olhos, desaprovando não apenas sua função, como também a forma como ele me tratava. Eu falaria com Ryld pela manhã, diria que o homem que ele colocou para me proteger era o mesmo que me olhava como se estivesse enfiando uma espada em meu peito e adorando ver o sangue jorrar.

— Vejo que se preparava para dormir. Por favor, não permita que eu estrague seus planos. — Ironizei, usando o mesmo tom de voz que ele.

Lhe dei as costas para seguir em direção à cozinha. Ouvi seus passos me acompanhando sem se preocupar em manter muita distância. Fiquei inteiramente arrepiada.

— A senhorita está com fome? Quer que eu peça para que preparem algo?

— Não, Charlie. Creio que eu mesma possa fazer meu chá. — Falei. Peguei um bule e o enchi de água. Charlie chegou ainda mais perto, quase encostando seu braço no meu. — Não precisa me seguir, Charlie. Acredito que o senhor possa cumprir sua função e me dar espaço ao mesmo tempo.

— Da última vez que lhe dei espaço, a dama pegou um cavalo, uma faca e fugiu. Não posso cometer o mesmo erro.

Eu não sabia o que me causava mais tremor: seu olhar oblíquo ou as grossas sobrancelhas que contrastavam com eles. Talvez fosse a junção de tudo. Seu corpo alto, as veias transparecendo em seus braços fortes, o queixo quadrado e os lábios que raramente sorriam de forma natural.

Charlie era como um labirinto que a cada segundo me deixava mais perdida. Ele não era uma pessoa fácil de decifrar; ele se escondia como se fosse um valioso tesouro.

— Eu não sabia que eu tinha um segurança particular. — Revelei. — Eu não sou ninguém perto do príncipe. Não preciso de proteção.

— Está enganada, madame. És a mulher que o endireitou.

Larguei o bule em cima da pia, pois aquele assunto muito me agradava.

— Como assim?

— A senhorita deve ter ouvido os rumores sobre o príncipe. — Ele parecia adorar me ver confusa, soltava as informações gradativamente, sabendo que eu ansiava por detalhes. — Não é nada que mereça sua preocupação.

Cruzei os braços para tentar parecer durona.

— Diga de uma vez, Charlie.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça relaxadamente. *Segurança* coisa nenhuma. O senhor cristais de gelo certamente me deixaria morrer na primeira tentativa.

— Não é segredo para ninguém que o príncipe gostava de festas e de sair com muitas mulheres. — Deu de ombros para mostrar que a informação era insignificante.

— Está tentando dizer que o príncipe era mulherengo e que eu o "tirei" dessa vida? — Fiz aspas com as mãos, zombando daquilo.

— É o que todo o Reino Unido diz. — Fez uma breve pausa para me avaliar. — No entanto, vejo que a dama não se importa muito com isso.

— É que estou imaginando como estou sendo vista pelas pessoas agora que descobriram que não posso ter filhos. Aparentemente deixei de ser "importante", já que a rainha exigiu que o príncipe Ryld me deixasse. — Novamente fiz aspas para ironizar a situação. Charlie não falou nada dessa vez, ficou feito uma estátua me analisando com perspicuidade. — Vejo que a novidade sobre o possível fim do casamento não é segredo para você.

— Não, madame. Não é — respondeu sucinto. Durante toda minha conversa com Charlie, eu senti um calafrio que começava nos pés e subia por todo o corpo, até arrepiar meus cabelos. Também tinha a estranha sensação de que ele não me ouvia com toda sua atenção, parecia que outros assuntos percorriam sua mente, como se os meus fossem insignificantes demais para ele. — Desistiu do chá?

Olhei por cima do ombro, o bule abandonado em cima da pia.

— A conversa me fez perder o apetite. — Menti. Eu estava faminta, porém, repudiava a ideia de ficar de costas para ele.

— Por favor, madame, não permita que minha presença interrompa seus planos. — Usou minha própria frase contra mim.

— Na verdade, Charlie, eu quero ir até meu noivo.

Ele não escondeu a surpresa.

— Temo que não seja possível. Sua alteza pediu para que eu a assegurasse aqui dentro, devido à morte suspeita dos cavalos.

Seu comentário me arrancou um riso.

— Me responda, Charlie. Eu sou uma prisioneira?

— Não, mas...

— Se não sou uma prisioneira, não me trate feito uma. — O interrompi severamente. Planejei passar por ele para seguir até a porta, mas o homem se colocou na minha frente, feito uma barreira que bloqueava a passagem.

Frente a frente. Olho no olho. Procurei pelo chão que desapareceu dos meus pés quando mergulhei dentro das suas órbitas escuras e ávidas. Como se fosse uma telespectadora da minha própria vida, vi

meus lábios tremerem ao exigir que ele saísse do meu caminho. Com um balançar de cabeça, ele recusou minha ordem.

— Saia da minha frente agora mesmo!

— Eu adoraria, madame. No entanto, obedecer sua ordem significa desacatar a ordem do príncipe. — Falou muito calmamente.

Me segurei para não me descabelar e gritar insultos para ele. Eu não era uma mulher que perdia o controle facilmente, no entanto, Charlie parecia saber perfeitamente onde ficava o botão que ligava o meu "eu" selvagem.

Graças aos céus, Ryld atravessou a porta e encerrou minha pequena discussão com o segurança. Feito um cão obediente ao ver seu dono, Charlie se afastou assim que viu Ryld.

Bufei indignada. *O que... O que é isso!? Por que Ryld está carregando seu segurança nos braços?*

— Por favor, sua alteza real, já pode me colocar no chão. Eu... eu estou bem. — Pediu Ethan, entre gemidos de dor e constrangimento.

— Não. Você está ferido, não pode andar — respondeu Ryld, e logo ergueu seus olhos para mim. — Ainda acordada?

Franzi o cenho.

— O que aconteceu? — Questionei, ignorando sua pergunta.

— Ethan torceu o pé na volta e resmungou o caminho todo porque eu o trouxe no colo.

Ryld o levou até uma das salas e ajudou Ethan a sentar no sofá.

— O que todos pensarão de mim ao ver o príncipe me carregando no colo? — Ethan parecia já não se importar com a dor, estava mais preocupado com a humilhação.

— Você não conseguia andar, não fiz o menor esforço ao trazê-lo. — Disse Ryld. Concordei em silêncio com seu comentário; bastava olhar seu corpo forte para saber que ele dizia a verdade.

— Onde está Noah? — Perguntei, assim que olhei ao redor e não vi o segurança por perto.

— Ele ficará de vigia essa noite junto com os outros seguranças da casa. — Explicou, prendendo uma mexa de cabelo atrás da orelha.

— Sua alteza real precisa de algum serviço meu? — Charlie perguntou, se pondo atrás de mim feito minha sombra. Senti um novo desconforto na barriga.

— Não, Charlie. Já pode se retirar.

Suspeitei que Charlie fizera uma breve reverência antes de se afastar.

Eu não consegui aprisionar o suspiro de alívio quando ele se foi.

— Está tudo bem? — Ryld acariciou meu braço ao se aproximar e procurou por meus olhos com os seus. — O que faz acordada?

— Aqui não. Vamos conversar no quarto. — Murmurei, olhando de esguelha para Ethan que continuava sentado no sofá de couro.

— Certo. — Ryld concordou. — Ethan, passe com o médico pela manhã para examinar seu pé.

— Sim, sua alteza. Agradeço a preocupação.

Ryld me acompanhou em silêncio, e só resolveu falar quando já estávamos no corredor próximo ao quarto.

— Por que está sempre descalça? Esse, por acaso, é um hábito dos brasileiros?

— Eu não sei. Gosto de sentir o chão gelado — respondi, segurando a maçaneta para abrir a porta.

— Você ainda se machucará. — Falou, em um tom de aviso e preocupação.

Assim que entramos no quarto ele se sentou na cama e eu fiquei em pé de frente para ele. Ryld estava com o rosto um pouco avermelhado e brilhante, demonstrava cansaço, mas ainda assim, muito disposto a me ouvir. Diferente de Charlie, que durante toda nossa conversa fez questão de deixar bem claro que pouco se importava com o que eu dizia.

— Você pediu para que Charlie me vigiasse? — Inquiri, sem delongas.

— Não. Eu pedi para que ele a protegesse. — Me corrigiu, com paciência.

— Entendo. Mas você sabe que o príncipe é você, certo? — Por alguma razão o meu comentário o fez rir. Eu continuei séria. — Eu não

preciso de segurança... ainda mais de alguém como ele.

O sorriso desapareceu do seu rosto genuíno e seus olhos ficaram mais atentos aos meus, procurando decifrar meus pensamentos através deles.

— Qual o problema com Charlie?

Olhei pelo quarto para ter certeza de que o senhor cristais de gelo não nos ouvia, por mais improvável que fosse.

— Ele é um pouco assustador e debochado. — Dessa vez eu o encarei.

— Ele a deixa insegura de alguma forma? Ele a ameaçou alguma vez? — Me estudou com cuidado, procurando respostas em minha fisionomia.

— Não. Mas eu sinto que ele não gosta de mim. — Falei com honestidade. Era fácil me abrir com Ryld. Ele era muito mais que meu noivo, ele era meu porto seguro, o meu farol na escuridão. No entanto, a resposta que ele me deu me pegou de surpresa, e eu desejei puxar seus cabelos com bastante força.

— Eu não posso dispensá-lo, Tess. Não sem motivo suficiente. Charlie foi uma contratação da rainha para mim. Ele é um dos seus homens de confiança. Nosso casamento já a aborrece suficientemente, não vamos dar um novo motivo para ela te odiar. Por favor, peço que seja paciente.

Minhas pálpebras tremeram. Não era todo dia que Ryld me negava um pedido, aquilo era uma trágica exceção.

— Seja paciente!? — Gritei. — Charlie me olha como se fosse um canibal querendo me devorar e você quer que eu seja paciente por causa de uma droga de rainha? Eu nem sou inglesa!

Ele olhou para a porta, assustado, temendo que alguém nos ouvisse.

— Tess, controle-se. — Ele se levantou e tentou segurar minhas mãos, eu recuei. — Olha, eu pedirei para que Noah troque de lugar com Charlie, assim você não precisará trocar sequer uma palavra com ele.

Abri a boca algumas vezes para respondê-lo de maneira rude, mas sempre acabava desistindo. Eu sabia que dessa vez Ryld não atenderia

ao meu pedido. Ele fazia qualquer coisa para que sua mãe, a rainha, me aceitasse como sua noiva.

— Não. Esqueça isso. Eu posso me resolver com Charlie. — Falei. Seus músculos relaxaram ao ouvir isso. — Na verdade, até que foi interessante ouvir a opinião dele sobre o fato de você ter sido mulherengo antes de eu surgir na sua vida.

Ele ergueu uma sobrancelha, surpreso.

— Isso não era segredo para ninguém.

— Certamente que não. Só não entendo a razão de não se deitar comigo, já que estive com outras mulheres.

Ele fingiu uma tosse e me deu as costas para eu não vê-lo tão sem jeito.

— É diferente. Eu não pretendia me casar com nenhuma delas. — Ele se virou, estava irritado. — Por que falamos disso pela vigésima vez?

— Por que você nunca me dá uma boa razão. Você sempre encontra uma forma de terminar o assunto sem precisar me responder.

Ele colocou as mãos na cintura e respirou fundo.

— É complicado. Você sabe que não sou um homem comum. Há um protocolo bobo que preciso seguir sobre não me deitar com minha noiva antes do casamento.

— Seja mais claro — exigi, temendo o rumo da conversa.

— É para garantir que me casarei com uma virgem — disse, em um tom quase inaudível.

Meus olhos se arregalaram.

— Você sabe que não sou virgem, certo?

Ele sorriu de forma fofa e apaixonante.

— Sim. Eu sei disso e não me importo. Mas nem todos a veem da mesma forma que eu a vejo.

— Isso é... é estupidez! — Gaguejei, incrédula.

— Eu sei. Eu concordo. É um dos poucos protocolos que a rainha ainda exige para eu não correr o risco de me casar com uma mulher grávida de outro homem e colocar em risco a pureza do sangue real.

Comecei a numerar com os dedos enquanto eu proferia as palavras.

— Primeiro, já foi provado que sou estéril. Segundo, existe DNA, exame de sangue, urina. Esse protocolo não devia ser válido há muitos anos.

Ele concordou com a cabeça.

— Eu sei, você tem razão em tudo o que diz, mas a rainha quer continuar seguindo essa "regra". O que eu posso fazer a não ser obedecê-la?

— Por acaso há câmeras nesse quarto? — Perguntei, ainda que soubesse a resposta.

Ryld, por instinto, olhou ao redor.

— Claro que não — respondeu por fim.

— Então não há razão para obedecer esse protocolo, uma vez que ninguém poderá saber o que acontece entre quatro paredes — provoqueei, ao passo em que diminuía nossa distância.

— Tess, não quero desapontá-la, não quero recusar suas investidas provocantes, mas eu acabei de perder todos os meus cavalos. Você, mais que ninguém, sabe o quanto eles significavam para mim. — Falou. Parei com minhas mãos no primeiro botão da sua camisa e não fiz mais movimento algum.

— Eu sei, querido. Sinto muito. — Respondi sincera. — Me fale, como os cavalos estavam?

Seu olhar se transformou como em um passe de mágica. Eu podia dizer que Ryld estava absurdamente magoado pela morte dos cavalos, mas também notei uma fúria reprimida. Ele balançou a cabeça, como se tentasse expulsar um pensamento.

— Pareciam estar apenas dormindo — lembrou. — Farão exames neles pela manhã para descobrir que tipo de veneno foi utilizado.

Envovi seu rosto com minhas mãos para obrigá-lo a olhar dentro dos meus olhos.

— Por que eu sinto que você está me escondendo algo?

Ele cerrou os lábios, depois respirou profundamente.

— Nós precisamos encerrar nossa viagem um pouco mais cedo. — Disse, e rapidamente explicou: — É por motivo de segurança. Obviamente não foi uma coincidência todos os cavalos morrerem. Isso pode ter sido um atentado contra mim ou um aviso do que pode estar por vir.

Levei uma mão ao peito, demonstrando meu choque. Muito embora eu já tivesse suspeitado exatamente disso, ouvi-lo concordar com meus pensamentos era apavorante.

— Eu entendo. — Era verdade, eu conseguia enxergar a gravidade da situação, mas uma pequena parte de mim odiava saber que voltar significava encarar a rainha e todo o repúdio que exprimia contra mim. Todas as coisas a que eu me submetia para tentar, de certa forma, mostrar que eu era a dama certa para seu filho... Eu precisei concordar em mudar a forma como me vestia, o jeito que me sentava, precisei aprender a acenar sem parecer uma desesperada, a não demonstrar afeto para com meu noivo em público. Eu precisei passar por tantas formas de aprovação, que cheguei a suspeitar que me candidatava para ser a própria rainha e não uma duquesa.

Ryld provavelmente reparou em minha mudança de humor.

— Eu prometo que a recompensarei por tudo que está passando. Eu sei que é difícil essa situação, sei que não sou o homem dos seus sonhos, mas... apenas não desista de nós. — Sua frase saiu em um murmúrio e ele me enlaçou em seus braços.



Tess

O VENTO ASSOVIAVA, as árvores eram chacoalhadas e as folhas voavam de um canto para o outro. Eu já tinha me acostumado com o clima gelado da Inglaterra, mas ainda sentia saudade do verão ardente do Brasil. Sentia saudade principalmente do short jeans curto e despojado e da regatinha levemente decotada, as olheiras que eu escondia com um óculos escuro e o cabelo bagunçado que eu disfarçava com um coque apertado. Tentei não sentir muita saudade, sentada na poltrona e olhando pela janela, pois era estupidez da minha parte sentir falta de coisas tão banais vivendo um completo conto de fadas. Eu podia me adaptar aos vestidos longos e sofisticados, aos saltos finos nos pés, aos chapéus gigantes em eventos sociais. Era tudo questão de se adaptar e de deixar a vida antiga para trás.

— Tess, está pronta? — Ryld bateu à porta, mesmo ela estando aberta. — O helicóptero já deve estar para chegar.

— Queria poder ficar mais um pouco. — Falei, sem me virar para olhá-lo.

— Nós voltaremos assim que possível. Eu prometo.

— Aqui é tão lindo, tranquilo e verde. — Não o respondi.

Ouvi ele suspirar com pesar.

— Eu ficaria mais se pudesse, sabe disso, mas eu não posso, e não vou arriscar sua segurança e a minha. — Não percebi sua aproximação, até perceber que o cheiro do seu perfume ficara mais intenso. — Eu não sabia que havia gostado tanto da casa de campo.

Virei o rosto o suficiente para conseguir fitá-lo.

— Não é a casa em si. É por conseguirmos ficar juntos de fato. Aqui eu sinto que você é inteiramente meu, aqui nós conseguimos agir como um casal e não como fantoches.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e estufou o peito.

— É isso que pensa que somos? Fantoches?

— Eu encontrei conforto aqui porque eu sei que você está perto. No palácio você sequer segura minha mão.

— Isso não é verdade — revidou. — Não faça assim, Tess. Não faça eu me sentir culpado por ter nascido onde nasci, por ser quem sou. Se significa tanto para você andar de mãos dadas em público, eu farei isso.

Suspirei e desejei beijá-lo meticulosamente. Contudo, Noah apareceu e acabou com meus planos.

— Sua alteza, temos um problema. — Alertou o loiro de olhos verdes e lábios finos, alarmando Ryld e eu.

— O que aconteceu dessa vez!? — Ryld questionou irritado, e o semblante carrancudo o deixara mais deslumbrante.

Noah juntou as mãos na frente do corpo, ajeitando sua postura.

— Houve um problema mecânico no S-76C, alteza. O piloto ainda não conseguiu decolar, teremos um atraso de aproximadamente duas horas.

— E o Airbus A320? — Perguntou Ryld.

— O jatinho está em uso por sua Majestade, em uma viagem de quatro dias em Washington e Kentucky, alteza.

— Eu confio na sua eficiência, Noah, sei que encontrará um modo de transportar eu e minha noiva de volta ao palácio em menos de uma hora. — Ryld pressionou o segurança com sua forma estruturada e deliberada de falar.

— Decerto, sua alteza. — Concordou, como se tivesse uma bola presa na garganta.

— Nós podemos aguardar por duas horas, não podemos? — Perguntei a Ryld, no intuito de aliviar o desconforto do outro inglês.

Ryld me encarou meio furtivo.

— Já conversamos sobre o risco que corremos ao passarmos cada minuto aqui, Tess — retorquiu, discordando.

Me levantei da poltrona.

— Olha, querido, sei que está chateado pelos cavalos e tem toda razão por estar. Mas não acha que está exagerando? — Interpelei, me esforçando para manter um tom de voz amansado. Eu sempre odiei a

paranoia de Ryld por achar que alguém tentava atacar a ele ou a mim o tempo todo. Foi a mesma coisa em uma viagem que fizemos ao Havaí, foram dois dias em uma praia sem poder comer frutos do mar para não correremos o risco de sermos contaminados.

— Nos dê licença, Noah — ordenou Ryld, deixando de olhar em meus olhos firmemente por meio segundo. Noah anuiu ao pedido com a cabeça e se retirou do quarto. — O que está fazendo!?

— Como assim? — Questionei, perdida.

— Você está objetando tudo o que digo na frente de meus empregados. Debocha de minha autoridade, fazendo com que eu pareça um garoto — falou, como um leão cheio de poder.

— Isso é ridículo. Eu não posso dizer o que penso apenas para não tirar sua soberania?

— Tess, entre quatro paredes eu lhe dou a coroa para que comande da forma que quiser. Mas peço para que não replique o que digo na frente dos meus funcionários.

— Certo — respondi, afiada. — Será como se eu não estivesse lá.

Ele sorriu e, em um gesto rápido, me ergueu em seu colo.

— Tire esse sorriso bobo da cara e me coloque de volta no chão! — Ordenei, mas Ryld não dava muita credibilidade ao que eu dizia quando sabia que eu estava com a risada presa na garganta.

— Você me deixa maluco, marrentinha. Mas eu amo você — gritou feito um lunático.

— Se me ama tanto quanto diz, então me carregue assim pelas ruas de Londres para que todos vejam o tirano que é — desafiei em tom de brincadeira.

Ele deu um delicado beijo em meu queixo.

— A carregarei em minhas costas, deixarei que todos saibam que sou seu escravo e seu prisioneiro, sua mulherzinha cruel.

Eu gargalhei.

— Carregue-me em seus braços por toda essa casa, prisioneiro. Meus pés estão calejados.

— Sim, princesa. Aonde a dama gostaria de ir? — Ele perguntou com seriedade, para não dar fim à nossa brincadeira boba.

— Estou faminta, quero tomar um chá e comer biscoitos como uma boa inglesa.

— Oh, a dama já não aprecia o famoso café preto e o incrível pão francês comum entre os brasileiros? — Perguntou, depois ter me ouvido reclamar por meses sobre a nostalgia dos costumes brasileiros.

— Não me enleie, prisioneiro. Apenas faça o que ordeno, ou por acaso não está vendo essa brilhante coroa em minha cabeça? — Fiz um círculo com o dedo no topo da minha cabeça para mostrar a coroa invisível.

Ele arregalou os encantadores olhos viridantes.

— Perdoe-me, sua alteza. Mas sua venustidade ofusca essa insignificante coroa cintilante.

— É impressão minha ou britânico está me cortejando? — Fingi repreendê-lo.

— Eu não me atrevera. É evidente que eu não teria a mínima chance com esses olhos castanhos sagazes, esse nariz pequeno e arrebitado ou esses lábios meticulosamente desenhados para a perdição de todo e qualquer miserável homem. Veja, o mar deve invejar as ondas desses cabelos e o pôr do sol deve detestar saber que há outro ser apossando-se de todo seu fulgor.

Sorri com recato e senti minhas bochechas queimarem.

— Percebo que meus elogios cativaram a dama, será que esta me concederia a honra de um beijo? — Perguntou, com a respiração levemente ofegante.

— Não sei, prisioneiro. O que todos diriam ao ver a princesa de Gales beijando um plebeu?

— Eu clamo, desesperadamente, por um beijo da dama. Todo o meu corpo dói, e sei que o beijo desta é a única cura.

Ele me fez querer rir.

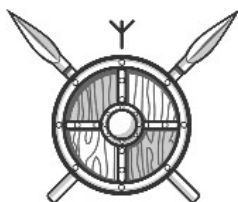
— O cretino conquistou meu coração pela segunda vez — revelei, revirando os olhos e pondo um fim na brincadeira. — Sua alteza já me

tem em seus braços, agora quem suplica sou eu. Beije minha boca e devolva todo o ar que me fez perder com essas apologias eloquentes.

Com um pequeno sorriso, ele me deixou apreciar suas covinhas nas bochechas.

— Você é cada batida do meu coração, Tess. — Sua voz era uma música celestial para meus ouvidos.

Ele me colocou novamente no chão, mas senti que voltei a flutuar quando me beijou.



Enquanto tomávamos café da manhã, eu reparei nos olhares furtivos de Charlie para mim. Tentei ignorar o desconforto que aquilo me causava, mas se tornou quase impossível. Parado próximo à porta, ele acompanhava com os olhos cada um de meus gestos, feito um gavião.

— Já se passaram mais de duas horas e até agora nada do helicóptero. — Contestou Ryld para mim, ao passo em que levava um biscoito à boca.

— Tente relaxar. Já deve estar chegando. — Tentei confortá-lo e evitei dar ouvidos aos meus próprios desconfortos.

Ele terminou de mastigar e me respondeu.

— Você não entende, Tess? Primeiro foram os cavalos e agora o helicóptero com problema. Isso nunca aconteceu, alguém está brincando comigo.

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas isso pode ser apenas uma coincidência. — Toquei em seu braço por cima da mesa. — Por que não damos uma volta enquanto aguardamos? Acho que faria bem para você.

Ele balançou a cabeça de modo negativo.

— Não sei. Pode não ser seguro.

Segurei uma revirada de olhos. Nos contos de fadas parece mais divertido ser casada com um príncipe. Eu já estava ficando maluca e ainda era apenas sua noiva.

Empurrei a cadeira e me levantei. Estava cansada de ficar trancada dentro de casa apenas esperando pelo helicóptero. Ele poderia chegar em dez minutos ou em uma hora. Era difícil precisar, já que o piloto de repente desapareceu e não atendia mais as ligações.

— Aonde vai? — Ele perguntou, agarrando meu braço e me impedindo de andar.

— Dar uma volta. Estou entediada.

— Você adora ler, por que não dá uma olhada na biblioteca? — Sugeriu.

— Não estou com cabeça para ler. — Suspirei. — Não irei longe. Não há motivo para preocupação.

Ele desistiu de tentar me fazer mudar de ideia, mas não ficou contente com a decisão, isso estava explícito em seu semblante carregado.

— Charlie pode acompanhá-la? Ou prefere que eu solicite outro segurança? — Perguntou baixinho, já que o segurança em questão estava próximo de nós.

Minha boca secou de repente. Aproveitei meus cabelos soltos para olhar disfarçadamente por cima do ombro. Charlie parecia uma estátua de gelo nos encarando.

— Se não for para ter sua companhia, eu prefiro não ter nenhuma. — Tentei me esgueirar. Mas Ryld me repreendeu com olhos nada pacíficos, apesar de ainda continuarem cativantes. — Tudo bem. Charlie pode me acompanhar, mesmo que eu não ache necessário.

— Tente não enlouquecer o homem da mesma forma que faz comigo. Nem todos tem culhões para compreender uma dama como você — brincou, com uma pitadinha de veracidade.

Não consegui achar aquilo engraçado. Ryld havia me entregado de bandeja para o homem que me causava calafrios. Ele, que era tão bom em ler minhas expressões, não conseguiu notar o medo translúcido em meus olhos? A decepção criou um redemoinho no meu estômago e me deixou nauseada.

Devido ao vento gelado da manhã que se iniciava, optei por uma calça jeans escura, uma camisa branca, um *blazer oversized* e, nos pés, botas de salto quadrado.

Assim que passei por Charlie, senti sua presença indesejável me acompanhar. Apressei os passos para tentar despistá-lo assim que atravessasse a porta. Andei tão rapidamente pelo gramado que por pouco não tropecei em meus próprios pés. Ele também aumentou a velocidade de suas pernas, mas como eram compridas, ele não exigiu tanto esforço delas como eu exigia das minhas.

— Oras, você não é o meu cão guia. Pode manter uma distância significativa sem me colocar em risco. — Falei, por cima do ombro.

— Achei que quisesse sair para respirar ar puro e não para correr, madame. — Ele comentou, ignorando minha sugestão sobre se manter afastado.

— Você pode ficar aqui, caso ache que é demais para você. — Tirei sarro.

— Se me permite dizer, eu adoraria não precisar segui-la a todo instante, mas este é o meu trabalho e eu executo muito bem minhas funções. — Gabou-se.

— Que estranho — falei —, se me recordo bem o senhor permitiu que eu fugisse com uma faca em punho... ou será que estou enganada?

Soltou um riso ríspido.

— Está certa. Um minuto distraído e a madame me escapou por entre os dedos. Mas creio que eu tenha aprendido a lição, o segredo é não tirar os olhos de você.

— Essa técnica não me agrada, Charlie.

— Não pude deixar de notar, madame. — Comentou.

Respirei fundo. A essa altura, Charlie já estava ao meu lado. Tínhamos diminuído a velocidade dos passos e agora caminhávamos de uma forma quase agradável.

— Eu disse ao príncipe que não gostava de sua companhia, Charlie. Disse que não me sentia confortável ao seu lado. — Confessei.

Ele não escondeu sua surpresa.

— Não imaginei que a recusa da senhorita por mim fosse tão rigorosa. — Admitiu, amargurado, e os braços fortes de repente pareceram fracos quando Charlie se encolheu. — Então, creio que esta seja minha última noite prestando serviço para a família real.

— Ah, por favor, Charlie. Tanto eu quanto você sabemos que não será demitido. Aparentemente é um dos homens de confiança da rainha, e também sabemos que sua alteza real preza muito a opinião da majestade.

— Tem razão, madame. Sei que não serei demitido, mas não me agrada saber que a dama ansiava por isso.

Um vento gelado arrepiou a minha nuca, enquanto Charlie pareceu não senti-lo. Ora, nem pudera, o homem era igualmente frio.

— Ouça, Charlie — parei abruptamente e me virei de frente para ele —, o senhor sempre me tratou friamente, sequer trocava uma palavra comigo. Certamente não me agrada ter alguém assim para me proteger.

Ele trocou a perna de apoio.

— Madame, não é muito apropriado uma dama feito a senhorita trocar palavras com alguém como eu. Temos algumas regras dentro dessa profissão, e digamos que uma delas seja nos tornarmos invisíveis durante o tempo em que exercemos nossas habilidades.

O homem tinha um semblante tão voraz que era quase impossível não assemelhá-lo a um *Viking*. Era fácil descobrir o motivo da rainha tê-lo selecionado para tal função. Ele amedrontava qualquer um.

— Pelo amor de Deus, você não estava presente quando Ryld carregou um de seus homens feridos nos braços? Não me importo com essas regras idiotas; somos seres humanos, precisamos da interação para sobrevivermos. Eu sei que Ethan já é pai de gêmeas, sei que Noah nunca se casou, mas que sonha com esse grande dia. E sobre você, Charlie? Eu não sei absolutamente nada...

— Receio que esteja enganada. — Ele me interrompeu em um tom grave. — A madame sabe que eu estou aqui para dar a minha vida pela sua própria.

A saliva travou na minha garganta.

— Que bobagem, Charlie. Não há ninguém querendo me matar. Espero que isso não o decepcione. — Escolhi a espontaneidade para

falar e acabei arrancando um honesto sorriso de seus lábios. E, admito, as curvas caíam bem em seu rosto.

— Se me permite perguntar, a madame nunca teve um segurança a seu dispor? — Ele acenou com a cabeça para que continuássemos seguindo em frente, em direção ao caminho que eu tinha escolhido para fugir com o cavalo noites atrás.

— Não finja que não sabe tudo sobre mim. Eu sei que investigaram sobre meu passado antes de me anunciarem como noiva do príncipe. Certamente as informações chegaram até o meu mais novo guarda-costas.

— Está correto. — Concordou. — Joia de gelo.

O espanto me fez breicar os passos novamente.

— Ai meu deus, como descobriram sobre isso?

— *Facebook, Instagram...* você sabe. Confesso que fiquei curioso sobre o apelido.

Revirei os olhos.

— Ah, foi uma fase maluca da minha infância. Eu criei um estranho hábito de pegar as joias da minha mãe, congelar em forminhas de gelo com água e depois dar de presente para ela. Ela deixava o enfeite na cômoda do quarto até ele derreter. Eu achava o máximo, e minha mãe fazia parecer que era especial. — Disse, nostálgica.

— Um presente um tanto exótico, admito.

— Era sim. Mas você sabe, depois tudo parece banal quando visto por vários anos.

— Eu também soube que a madame morava apenas com sua irmã e seu pai antes de se mudar para o Reino Unido. O que houve com sua mãe? — Perguntou, sendo invasivo. Eu teria achado ruim, se não estivesse tão necessitada em desabafar.

— Ela foi embora com um homem que não se importa com ela de verdade.

— Eu lamento. — Disse com piedade.

— Não precisa... Ouça, Charlie, tiveram mais notícia sobre os cavalos? — Mudei de assunto após sentir uma tensão no ar. Ele pareceu

não se importar, eu até diria que estava aliviado.

Tornei a andar.

— A investigação sugere que os cavalos tenham ingerido *acônito* e morrido após a falência múltipla dos órgãos. — Explicou, sem poupar detalhes.

— Santo Deus. Eu me recuso a acreditar que tenha sido acidental, mas também não consigo entender a razão de alguém envenenar os cavalos.

— A família real tem muitos inimigos, madame. É por esta razão que sua alteza está tão preocupado. — Ele gentilmente ergueu um galho que estava em meu caminho para que eu pudesse passar sem precisar me abaixar. Eu já não tinha certeza para aonde estávamos indo, o caminho de terra era estreito e tudo ao redor era feito de árvores, mas não queria perguntar e deixar tão evidente que eu estava perdida.

— Charlie, faz pouco tempo que o senhor trabalha para o príncipe Ryld, mas sei que já prestava serviços para a rainha por muitos anos. O senhor já deve ter ouvido falar sobre a esposa desaparecida do irmão da rainha. Estou certa?

Ele franziu ligeiramente a testa. O vento soprou e me permitiu sentir o perfume de Charlie através dos pinheiros que balançavam.

— A esposa do príncipe Antony de York, sim, madame.

— Eu ouvi boatos sobre ela ter desaparecido um pouco após todos descobrirem que ela não podia ter filhos por questões de saúde.

— Até onde sei, ela não desapareceu, ela comprou um barco e fugiu com um amante. — Me corrigiu, pacientemente. Mais suave do que uma brisa.

— Você acredita nisso? — Questionei, deixando claro que eu não acreditava.

Dessa vez foi ele quem brecou os passos e olhou para mim como se olhasse para todas as estrelas no céu ao mesmo tempo, perdido. Quando finalmente abriu a boca para me responder, seu celular tocou dentro do bolso e interrompeu as palavras que ele ainda não tinha dito, mas pensado.

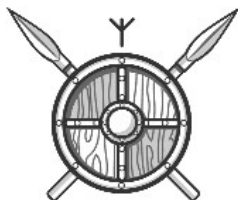
— Entendido. — Foi a única coisa que disse ao atender e hesitou ao sorrir para mim. — Temos que voltar. Conseguiram localizar o piloto. Ele está próximo.

— Finalmente. — Respondi e me virei para ir embora.

— Espere. — Charlie me puxou pelo braço, havia um vazio na sua voz e uma sombra dentro dos olhos. Ele encurtou a distância entre nossos corpos lentamente, e eu fiquei completamente estática, observando tudo como se estivesse muito distante. Sua mão ainda permanecia em meu braço; a região adormeceu com seu toque.

Ele pretende me beijar?

A pergunta soprou na minha mente com facilidade e fez eu me sentir insegura com a presença dele outra vez. Ele ergueu uma mão, eu tinha certeza de que iria tocar meus cabelos. Queria questionar sobre a sanidade do homem, dizer o quanto aquilo era inapropriado, quando vi um tecido branco em sua mão vindo em direção ao meu rosto e, em questão de segundos, tudo ao meu redor escureceu.



Os braços fortes me carregavam sem qualquer dificuldade. Seu corpo era quente, os ombros largos e aconchegantes, a carne era firme. Eu sentia seu cheiro em meio ao agradável odor exalado pela natureza. O eco dos seus passos me despertou. Abri os olhos com uma dificuldade exagerada para o horizonte e vi o entardecer se aproximar. O sol alaranjado tentava, inutilmente, conseguir um espaço entre a névoa do arvoredo.

Meio dispersa e com a vista turva, observei seus lábios maculados, que soltava um ar quente e abafado. Queria perguntar a Ryld a razão de andar tão depressa, era como se fugíssemos.

As palavras ressoaram dentro da minha cabeça sem que eu conseguisse colocá-las para fora.

Encarei com mais concentração o rosto do homem que me carregava. Havia algo de errado. Aqueles olhos que me rasgavam como

faca, o cabelo escuro que se espalhava com o vento, o cheiro do perfume que me causava tremor.

Eu estava enganada, aquele rapaz não era Ryld.

Eu precisava gritar, mas tudo que soltei foram gemidos quase inaudíveis.

— Acordou. — Observou Charlie, o tom de voz delicado nublando o arisco. — Por favor, não grite.

— Me... me coloque no chão. — Gaguejei, recebendo as lembranças com a força de um coice. Eu... eu havia desmaiado?

Charlie me dopou?

Notei um abismo em seus olhos mascarados.

— Já estamos chegando. — Ignorou meu pedido. Meu coração disparou quando consegui perceber que seguíamos em sentido oposto à casa de campo.

Me remexi, na tentativa de me soltar de seus braços, quando o pânico causado pela segunda descoberta me dominou: meus pulsos estavam amarrados por cordas apertadas, assim como minhas pernas.

Eu estou sendo raptada!

O desespero brotou dentro de mim e fez eu me sacudir ainda mais violentamente. Charlie me jogou por cima do seu ombro como se eu fosse um saco de batatas.

— Aquiete-se, não quero ter que apagá-la pela segunda vez!

— O que pensa que está fazendo, hã!? Sabe o que acontecerá com você quando Ryld descobrir? — Por alguns instantes, me despi do medo. — ME COLOQUE NO CHÃO!

— Não irei machucá-la, madame. Não tocarei em um único fio de cabelo da sua cabeça.

— Está dizendo que minha morte será indolor? — Perguntei em tom rude, com o choro escandaloso aprisionado na garganta seca.

Ele parou de andar, de princípio acreditei que fosse por conta do meu comentário, mas logo descobri que não.

— Suba. — Disse, ao me colocar no chão. Eu estava diante uma carroça puxada a cavalo e cheia de palha. — Eu preciso que deite aí para que eu possa cobri-la. — De repente, um cobertor de crochê surgiu em sua mão.

— Charlie... por favor, o que fará comigo? Me diga o que quer. — Supliquei, agora sentindo o gosto salgado das lágrimas. Suor escorria por minhas costas.

— Eu a levarei para outro lugar, apenas isso. Não a machucarei, tem a minha palavra.

— Sua palavra? Era para você me proteger e agora estou sendo raptada! — Gritei, espantando os pássaros que observavam dos galhos toda aquela loucura.

Titubeou por um instante e depois ordenou:

— Não estou te dando uma escolha, madame. Não nos faça perder tempo. Suba logo!

— Meus pés estão amarrados! — O lembrei. Eu certamente não iria acatar sua ordem. Assim que ele libertasse meus pés, eu correria feito um guepardo por aquela floresta. Eu urraria com todos meus pulmões até que alguém me ouvisse.

Charlie se agachou e, em um único movimento, cortou a corda com um pequeno canivete.

— Suba! — Ordenou, quando voltou a me olhar. As sobrancelhas se fecharam formando linhas de expressão na testa. — Não pense em correr, olhe para o comprimento das minhas pernas e veja as suas. Sou mais rápido e conheço esse pedaço de terra como a palma da minha mão. — Avisou e desmontou meu exército de esperança, dando uma sacudidela nos meus nervos. Enfrentá-lo com unhas e dentes deixou de ser uma alternativa quando vi o canivete ainda em sua mão.

— Eu sabia! — Falei, após sentir uma névoa de sentimento de tristeza. — Eu devia ter ouvido meus instintos. Você nunca despertou coisas boas em mim, sempre soube que era uma pessoa vil!

— Ouça seus instintos da próxima vez. — Recomendou em um erguer de sobrancelha sutil. Me puxou pela corda em meus pulsos e eu fui obrigada a subir na carroça e me sentar no amontoado de palha sem saber o que me aguardava dali em diante.

Charlie não me obrigou apenas a sentar. Ele fez eu me deitar e me cobrir dos pés à cabeça com o cobertor de crochê. Antes disso acontecer, eu o vi jogar um casaco estranho por cima do seu terno, provavelmente para não chamar a atenção de ninguém.

Senti o peso do seu corpo sobre a palha quando se sentou ao meu lado. Não demorou para que a carroça começasse a se mover.

Era fato que eu não apreciava a viagem, mas precisei me manter em silêncio para tentar arquitetar uma forma de escapar daquilo.

Foram longos minutos de mutismo absoluto até Charlie resolver dar as palavras.

— Quando você se cala consegue ser mais terrível do que quando fala. — Ele comentou, em um tom indesculpavelmente sujo.

— Eu estou sendo raptada. Não consigo ser amigável quando isso acontece! — Debochei com um humor sombrio.

— Não veja isso dessa forma. Imagine que isso é um agradável passeio.

— Um agradável passeio!?— Perguntei em um grito, beirando o escândalo.

— Sim. Se a madame enfiar as mãos por debaixo da palha poderá encontrar algumas frutas, caso esteja com fome. — Sugeriu, fingindo gentileza.

— Eu não quero comer. Eu quero uma explicação! — Exigi.

— O que quer saber?

Balancei a cabeça para deixar o cobertor cair e liberar meus olhos. A estrada andurrial e escura me remetia aos pequenos bairros de São Paulo.

— Para aonde está me levando!?

— Estamos indo para Kerrera...

Dei um salto e acabei sentada ao seu lado.

— Escócia? Por que vai me levar para a Escócia? Você é maluco ou o quê!? — O interrompi, alarmada.

— Porque eu moro lá.

— Não me interessa de onde você é. Eu não tenho nada a ver com isso!

— Tem sim. A senhorita salvará a vida de muitas pessoas. — Ele sabia que eu ia ficar confusa com seu comentário e mesmo assim optou por deixar o suspense no ar.

— Explique-se! — Exigi, me concentrando para o chacoalhar da carroça não me derrubar em cima dele.

— Não. Eu prefiro que você veja com seus próprios olhos.

Senti um fogo sutil correr por minhas veias. Se meus pulsos não estivessem amarrados, eu teria avançado naquele maldito pescoço com toda minha fúria.

— Charlie, isso tem a ver com dinheiro? — Tentei subornar e camuflei o desespero. — Me fale de quanto precisa e...

Ele me encarou, raivoso.

— Eu não estaria sequestrando a futura duquesa de *Broksdalle* por dinheiro. Eu não seria tão estúpido! — Me interrompeu com repúdio e em um ranger de dentes.

Eu esperava uma oportunidade para conseguir escapar e essa oportunidade surgiu quando Charlie precisou reduzir a velocidade da carroça para fazer uma curva fechada. A manobra exigia toda sua atenção, pois a ladeira abaixo podia ser fatal.

Assim que a curva foi realizada com segurança e a carroça se endireitou na via, lancei meu corpo sobre o seu em um bater de ombros, com força o suficiente para jogá-lo para fora do transporte. Ele tentou se equilibrar, tentou segurar nas rédeas, mas eu fui mais insistente e consegui derrubá-lo. Ouvi o baque de quando seu corpo atingiu o chão.

Com dificuldade por conta dos pulsos amarrados, peguei as rédeas para assumir o controle, mas como eu não sabia conduzir uma carroça, não tentei fazer o retorno e continuei seguindo na mesma direção.

Meu Deus, em que século estamos!? Uma carroça... quem sequestra alguém com uma carroça!?

— TESS! — Charlie gritou. Olhei rapidamente para trás. O miserável escocês já tinha se levantado, e como se não sentisse a mínima dor pela

queda, começou a correr atrás de mim com aquelas pernas longas e musculosas.

— Vamos mais rápido, cavalinho. Você consegue me entender, não consegue? Não faça eu chicotear ou gritar com você. — Falei com o animal, na esperança de que me entendesse. Ele certamente continuou com a mesma morosidade ao puxar a carroça.

Um assovio estridente chamou a atenção do cavalo e, de súbito, o animal parou de galopar. Ele simplesmente parou, como se alguém tivesse pisado no freio e depois desligado o motor.

Um cavalo obediente, certo. Por que não?

— Só pode ser brincadeira! — Resmunguei, num suspirar de languidez.

— É como dizem, não importa o quanto você planeje, algo sempre pode dar errado. — Disse, triunfante, ao se aproximar. Seus grandes olhos fixos em mim. — Podemos seguir viagem ou a madame tem mais algum plano estúpido?

Claro que eu tinha mais planos estúpidos para tentar escapar de Charlie, mas eu não precisava cumpri-los para saber que todos seriam um grande fiasco. Qual era a chance de eu conseguir roubar o canivete borboleta do bolso da sua calça sem que ele percebesse? E se eu conseguisse, o que devia fazer primeiro, cortar a corda dos meus pulsos ou ameaçar o homem?

O celular! O celular ainda estava com ele. Sem dúvida estávamos sendo rastreados. Logo Ryld chegaria. Ele me encontraria. Claro que sim. O problema era que já estávamos muito distantes da casa e todos os cavalos estavam mortos, era impossível acessar aquela estradinha com carro... *Espere....*

— Os cavalos... foi você! — Acusei, entre os ventos taciturnos. Eu era uma pequena folha que tremia. — Você já tinha planejado isso.

— Quiçá. — Sua frase vaga atravessou o meu peito. — Está com frio?

Frio? Não saberia dizer se eu estava com frio. Já não sabia o que sentir. De repente, queria chorar, queria correr. Senti um vazio enorme dentro do peito: era medo. Se Charlie já tinha planejado aquele sequestro, ele não iria errar. Ele estava mais do que preparado para tudo.

— Por que eu? — Resolvi perguntar por não conseguir desvendar aquele mistério sozinha.

— Eu já disse, você entenderá melhor quando chegarmos lá. Agora não temos tempo para conversar. Os minutos estão se passando muito rapidamente. — Falou apressado e olhou ao redor, como se temesse ver alguém por ali. Eu não queria chegar *lá*, queria voltar para casa, para os braços de Ryld. — Deite logo.

Avaliei minhas alternativas — que não eram muitas — e vi que o mais seguro e sábio no momento era seguir as instruções de Charlie. Eu não era uma grande lutadora, não tinha uma carta na manga. Precisava jogar o jogo dele se não quisesse me ferir.

— Não precisa ter medo de mim. — Ele acrescentou, basicamente lendo meus pensamentos. Ergui uma sobrancelha. Ele subiu na carroça outra vez de forma profissional, como se fosse feito para aquilo. — Não me orgulho do que estou fazendo, mas se eu não fizesse isso... algo ruim aconteceria.

Nossos cotovelos se esbarraram. Me encolhi como um ratinho assustado. Aquele homem ao meu lado planejou meu sequestro, só Deus sabia por quanto tempo. Ele envenenou oito cavalos, isento de qualquer remorso. Se ele era capaz de um ato tão cruel, do que mais seria capaz?

A carroça ganhou movimento. Me engasguei com minha própria saliva, eu estava cada minuto mais longe de Ryld. Eu precisava me mexer. Precisava tomar uma atitude antes que fosse tarde demais.

Escócia. Acorde, você está indo para a Escócia com um desconhecido! Faça algo!

Ele me olhou de relance, meu coração pulsou mais rápido, tentava me avaliar e descobrir o que eu estava sentindo, já que há muito eu não trocava nenhuma palavra.

— Você está tremendo. Se cubra. — Recomendou mais uma vez. Continuei muda. — Se te conforta, o carro não está muito longe daqui.

— Carro?

Charlie confirmou com a cabeça e deu um sorriso torto e banal.

— Não achou que iríamos de carroça até a Escócia, achou? — Usou um tom infantilizado para a pergunta.

Virei o rosto para o outro lado. A angústia pelo destino incerto e infeliz, fez algumas lágrimas salgadas rolares para dentro da minha boca.

A noite já tinha chegado e meu coração se partia um pouco mais a cada quilômetro longe do meu noivo. O que se passava por sua mente agora? Quão enlouquecido estava por eu ter simplesmente desaparecido? O helicóptero com certeza já havia pousado, Ryld o utilizaria para me procurar, mas a questão era, ele procuraria na direção correta?

Ah, porcaria, se ele não me encontrasse logo, então aconteceria... eu iria para a Escócia.

Me restringi para não gritar.

Não, não vou me desesperar. O celular de Charlie está sendo rastreado. Ryld me ama verdadeiramente, ele convocaria todo o exército para me encontrar, se fosse preciso. Tudo que preciso fazer é suportar mais um pouco. *Suportar mais um pouco...*

— Chegamos. — Avisou Charlie, chamando minha atenção. Não muito longe, avistei uma caminhonete que parecia ter saído dos anos 70. — A viagem será longa e exaustiva, você devia tentar comer ao menos uma maçã.

Neguei com a cabeça.

— Como quiser. — Ele saltou para fora da carroça. — Vamos, desça.

— Não toque em mim! — O adverti, quando ele tentou segurar meu braço para me ajudar a desembarcar.

Charlie fechou a cara e soltou um suspiro pesado.

— *Suaimhneach!*

Ele disse uma frase que para mim não fez o menor sentido. Mas reparei que as últimas letras soaram feito um rosnado.

— Em que língua está me ofendendo!? — Questionei.

— Não a ofendi, apenas pedi para que fique calma.

— Então por que não pediu em uma língua que eu fosse compreender?

— Porque quando estou enfurecido não percebo que estou falando gaélico. — Explicou e abriu a porta da caminhonete. — Entre... Não me faça te colocar aí dentro.

Olhei para os dois lados da estradinha, o silêncio se movia lentamente entre as árvores, não conseguia ver muito mais que isso. A noite estava cada vez mais escura, com um punhado de estrelas pálidas. Não era seguro ir com Charlie, e tampouco era seguro ficar ali, sem saber ao certo onde eu estava, sem ter qualquer iluminação que não a do céu.

Mais uma vez ele me puxou pela corda, como se eu fosse um cão na coleira.

— Eu mandei você entrar. Não quero ser rude com você, mas a senhorita não está me dando muita opção.

— Se você espera que eu receba suas ordens como uma boa moça, então você não entende nada sobre as mulheres brasileiras, meu caro! — Retruquei, obstinada, e dei um tranco nos braços para obrigá-lo a soltar a corda. Ele cedeu facilmente.

Charlie me segurou pelos ombros e me chacoalhou, como se tentasse me despertar de um pesadelo.

— *Tha mi sgìth dheth!* — Tornou a resmungar em gaélico, com seus olhos fosforados, como o clarão de uma cidade em chamas. Todo o meu castelo de coragem derreteu feito neve. Toda a minha força escorreu feito água.

As palavras adormeceram em meus lábios e o silêncio repousou, até ele soltar um suspiro feito um abano suave de um leque.

— Me desculpe. — Murmurou, ao perceber que eu o encarava com olhos saltados. — Eu disse que estou cansado disso. Você acordará em breve, e eu prometo que essa será a última vez que farei isso.

Antes que eu pudesse perguntar ou compreender sobre o que ele estava falando, eu vi o maldito tecido branco em sua mão, e a escuridão fluiu novamente.



Tess

DEMOREI PARA ENTENDER ONDE eu estava assim que abri os olhos. As paredes de pedras, as janelinhas, a escada de tronco de árvore bem no centro do quarto, a luminária acesa ao meu lado direito. Nada disso fazia sentido para mim. Me levantei da cama em um pulo e joguei o cobertor de crochê para o lado quando as lembranças voltaram.

Escócia... Meu deus! Isso é a Escócia.

Ainda estava com a mesma roupa no corpo, mas meus pés estavam enfiados em um par de meias quentes que não eram minhas.

— Acordou. — Disse Charlie, descendo a escada de tronco de árvore. — Bem-vinda a Kerrera, madame.

— Por quanto tempo dormi? — Perguntei, assustada, ao ver que o dia já tinha amanhecido.

— Bastante. — Falou sucinto. Charlie havia trocado de roupa. Agora vestia uma calça preta que parecia bem quente e uma blusa azul de manga longa. — Você deve estar com fome... Está?

Balancei a cabeça negativamente.

— O que estou fazendo aqui, Charlie!? Por que me trouxe *pra cá*? — Questionei, agitada. Meu estômago estava embrulhado, eu estava apavorada. Não me lembrava de ter me sentido assim alguma vez antes.

Ele sumiu dos meus olhos por alguns minutos e retornou em seguida.

Me estendeu uma xícara de chá preto com leite antes de se dar ao trabalho de me responder. Recusei e cruzei os braços para pressioná-lo a falar.

— Por que eu não te apresento a todos antes? — Redargui.

— Não estou interessada. — Falei. Ele bebericou seu chá me encarando de forma contínua e dolorosa.

— Devia se mostrar mais amigável, já que sua estadia aqui pode ser relativamente longa.

— Você está brincando com a minha cara, não está?

— Se acalme, tome seu chá e então conversaremos. — Tentou me convencer, mas eu estava decidida a não seguir suas instruções dessa vez. Dessa vez eu não iria desvanecer feito uma flor.

Dei um passo firme em sua direção e o agarrei pela camiseta. Ele abaixou a mão que antes estava suspensa no ar com a xícara e me olhou de forma curiosa. Não pude deixar de notar as curvas se formando ligeiramente em seu rosto após ele ameaçar sorrir descaradamente.

— Eu quero conversar agora. Quero saber que merda está acontecendo! — Falei. Fazia bastante tempo que palavras tão sujas não saíam de meus lábios.

Me ergui na pontinha dos pés para poder encará-lo mais de perto, quando fui abduzida por aqueles olhos nublados e depois diluída para uma escuridão ainda maior. Era desgastante tentar ler aquele rosto, mas minhas definições estavam entre abismo e destruição.

— Eu espero estar viva para ver Ryld acabar com você! — Falei. A ameaça saiu em um sussurro descontrolado.

Ele ergueu novamente a xícara de chá que havia trazido para mim e, como se não desse a menor importância para o que eu dizia, ofereceu a bebida pela segunda vez, ao meio-riso secreto.

— Agora a madame aceita o chá?

— Ryld não medirá esforços para me procurar. Inclusive, tenho certeza de que seu helicóptero pousará aqui nos próximos minutos. — Alertei, confiante.

— Sua alteza real deve estar absolutamente devastado nesse exato momento, senhorita, quanto a isto, não há dúvida.

— Mas...? — Perguntei, ao sentir que sua frase ficou inacabada.

— Não há "mas".

— Sim, há. Você está seguro de que Ryld não virá. Por Deus, o que fez com meu noivo!? — O segurei com mais fúria ainda. Nossos rostos estavam relativamente próximos um do outro, eu podia sentir sua respiração em minhas maçãs me sobressaltando em arrepios desagradáveis.

— Não o feri fisicamente, se é o que está insinuando. O que fiz foi partir seu coração em mil pedaços ao desaparecer com a madame. — Falou com franqueza.

— O que ganhará com isto? O que ganha nos vendo tão infelizes? — Minhas pálpebras tremeram quando a voz nostálgica de Ryld reverberou em meus ouvidos.

— Não é sobre o que eu ganho. É sobre o que não perco. — Jogou a incógnita no ar e se calou. — Agora, tire suas frágeis e cálidas mãos de mim, por favor.

A saliva deslizou amarga por minha garganta. Não o respondi.

— Não me agrada tê-la aqui comigo, da mesma forma que não agrada a senhorita. — Confessou, havia uma tristeza resignada em seu olhar.

— Então por que me trouxe? — Aproveitei seu momento frágil para tentar obter informações. Afastei minhas mãos do seu corpo para tentar me controlar e não cometer um assassinato.

— Eu não a traria se não tivesse razão suficiente para isso. — Desconversou.

— Isso não me conforta, Charlie. Na verdade, isso só me deixa ainda mais curiosa e assustada.

— Eu não irei machucá-la, ninguém aqui fará mal a você. Eu prometo. Tudo o que você precisa fazer é estar aqui. — Charlie era muito enigmático com as palavras, e o que me disse a seguir me deixou ainda mais apavorada. — Pense como se você fosse o nosso amuleto da sorte.

Franzi o cenho e senti uma nervosa vontade de rir.

— Eu não sou um objeto, eu tenho sentimentos, e tudo isso não está me fazendo feliz. Você me sequestrou, me arrancou da minha zona de conforto e agora me diz que sou o amuleto da sorte de pessoas que eu sequer conheço?

— Se observado por este ponto de vista, realmente é assustador. — Concordou, e se manteve calado depois, o que me permitiu ouvir burburinhos que pareciam vir do lado de fora da casa em que estávamos.

Olhei através de uma das janelas e reparei algumas pessoas espiando.

— Por que estão nos olhando? — Questionei. Ele seguiu meu olhar.

— Porquê você é um rosto novo por aqui e está escondida desde que chegou.

— Não me trate como se eu fosse uma visita. Eu sou sua prisioneira. Não serei receptiva com pessoas que estão compactuando com isso. — O alertei.

— A decisão é sua. A madame pode ficar trancada aqui dentro o dia todo ou pode sair e desfrutar das belezas de Kerrera. Eu estou disposto a lhe mostrar tudo, caso opte pela segunda alternativa. — Ofertou, como se eu tivesse realmente uma escolha.

— Quando poderei ir embora? — Refutei sua proposta indecorosa.

Ele respirou fundo e olhou para as pessoas através da janela, com um aceno de cabeça sutil, ele pediu para que todos se retirassem. Não desviou os olhos até ter certeza de que todos se foram.

— Não sou eu quem decide quanto tempo isso durará. Eu apenas a trouxe aqui. Não controlo o que acontecerá daqui em diante.

Respirei fundo. *Se controle. Você está em uma zona desconhecida, não pode acabar com o homem antes de descobrir como poderá voltar.*

— Tudo bem. — Decidi mudar a pergunta, estava claro que algo o impedia de soltar mais detalhes. — O que estamos esperando acontecer?

Ele não escondeu a surpresa ao compreender minha tática. Mas não tentou desconversar. Dessa vez ele foi objetivo na resposta.

— Sua alteza real deixar de amá-la.

A falta de fôlego me sufocou. Um tristeza inefável invadiu o meu coração. Era como se eu tivesse sido engolida pela escuridão, ou como se estivesse me afogando no mais profundo dos oceanos. Eu teria tirado sarro da situação, no entanto, o semblante irrequieto de Charlie não permitiu que eu fosse adiante com a piada.

— Isso... isso... — palavras me faltaram. — O que meu relacionamento com Ryld tem a ver com você?

O homem se aproximou ainda mais de mim, seu corpo grande parecia uma colina perto do meu miúdo — era forte como um trabalhador

selvagem. Ele me enfraquecia, me paralisava. Já não sabia se o que sentia era somente medo.

— Me deixe te mostrar Kerrera antes de cogitar odiar todos nós, por favor?

Por que ele sempre voltava nesse assunto? O que essa ilha idiota tinha a ver com meu relacionamento com Ryld? Talvez Charlie não batesse muito bem da cabeça. Talvez ele nutrisse algum sentimento oculto por mim... ou pelo príncipe.

— Está bem. — Concordei, mas não garanti que não fugiria na primeira oportunidade. Não me lembrava de como cheguei até lá. Em minha última lembrança, ainda não tínhamos entrado na caminhonete que estava estacionada na estradinha escura.

— Obrigado. — Sua voz se tornou pura e trêmula, como se eu tivesse quebrado seu arco e curvado suas flechas. Já não era o mesmo homem bruto que havia me sequestrado, agora parecia mais com um garotinho feliz em uma festa de aniversário.

Charlie se afastou e subiu a escada correndo, apressado, não me disse nada, apenas se foi. Ao voltar, trazia casacos em seus braços e um par de botas. Eram as minhas.

— O vento está gélido. É melhor se proteger. — Ele disse, e me entregou um dos casacos e minhas botas. Charlie se agasalhou e aguardou pacientemente até que eu fizesse o mesmo. O casaco era bem quente e aconchegante, não podia negar.

— O que tem lá em cima? — Perguntei, ao passo em que calçava as botas.

— Meu quarto. — Respondeu. — Deseja conhecer?

— Não. — Falei por fim.

Charlie caminhou em direção à porta de entrada, e assim que ele a abriu, uma luz celestial da manhã me cegou por um breve instante. Quando tornei a enxergar, não pude deixar de reproduzir um som que exprimia a mais sincera admiração. Precisei de um tempo estática para poder falar daquelas pequenas flores em tons variados, colorindo a relva de um verde vívido. Um céu que parecia mais azul e brilhante do que todos que já vi. À margem do pélago, vi um homem lançar uma pedra e

fazê-la pular sobre a água, um pouco mais a direita, um outro homem fumava absorto.

Cientistas não seriam capazes de explicar tamanha beleza, eu sequer tentaria. Mas, se eu pudesse classificar aquele lugar em uma única palavra, eu diria que ali era o paraíso.

O vento gelado uivou em meus ouvidos e me trouxe de volta à realidade. Ouvi a terra crepitar aos passos de Charlie e acelerei para conseguir acompanhá-lo.

— Cuidado onde pisa. — Ele gritou, tentando fazer sua voz sobressair aos uivos do vento. Olhei para o chão, havia pedregulhos na estrada, mas provavelmente Charlie estava se referindo ao desnível da terra. Eu torceria o pé facilmente se não tomasse cuidado.

— Aonde estamos indo agora? — Perguntei, também em um grito. Estava quase impossível controlar meu cabelo entrando em meus olhos ou em minha boca. A ventania naquele lugar parecia muito mais feroz.

— Para a vila. — Ele disse. Parou de andar e se virou. Me estendeu sua mão por achar que eu precisaria de ajuda para atravessar um regato. Ignorei seu cavalheirismo por puro prazer e pulei por cima do regato sem a menor dificuldade. O esperei do outro lado, até que ele pulasse também.

Quando se pôs de pé na minha frente, fiz questão de demonstrar desprezo em meu rosto, enquanto a vulnerabilidade se debatia no meu âmagô e na ponta dos dedos.

— Ainda não consigo compreender...

— Apenas me siga, madame.

Revirei os olhos e bufei impaciente. Olhei ao redor antes de continuar seguindo-o. Kerrera era uma ilha feita de montanhas e vegetação. Rochas cinzas e um mar azul-intenso. Eu adoraria ter viajado para aquele lugar, mas não da forma que foi feita.

Brinquei com a aliança em meu dedo, rodando-a, e se fechasse os olhos, praticamente podia sentir os lábios de Ryld encontrando os meus. Seu corpo quente me apertando em um abraço forte. Sua respiração profunda em minha nuca...

Engoli o choro. *Não posso fraquejar. Preciso encontrar uma forma de fugir desse lugar.*

Enquanto seguia Charlie subindo uma das montanhas, estudei a ilha. Não havia cavalos, ou carros. O único meio de transporte que parecia existir era um barquinho que vi alguns quilômetros atrás, no cais. Fazia sentido, Kerrera era uma ilha, contudo, não deixava de ser estranho para mim, que nasci em um país tão caótico e com tantas variedades de transporte. Como as pessoas iam e voltavam da cidade em dias de chuva? A maré costuma subir consideravelmente em dias mais turbulentos. Não?

— Ela chegou. Ela chegou! — As vozes das crianças que ecoaram do alto da montanha eram fracas, quase um sussurrar, e logo foram substituídas por sons de ferramentas.

Ao chegar no cume, descemos por uma estradinha menos sinuosa e esburacada. Um pouco mais adiante, em meio a árvores secas e pinheiros onde o sol tentava transpassar, vi a primeira casinha escura com pequenas janelas. De repente, haviam várias casinhas de tijolinhos e telhados.

Eu os vi e eles também me viram. Uma garota pequena correu para se esconder atrás de uma senhora que enxugava suas mãos em uma toalha. A esquerda, um homem brecou seu movimento com a enxada, enquanto outro, que estava sentado em uma mesinha de madeira bebendo o que eu suspeitava ser cerveja, se levantou. A ruiva de boina vermelha desgrudou os olhos do livro que estava sobre seu colo para me encarar, assim como todos os outros. Me senti como um animal selvagem que escapou da jaula.

— Ah, Duquesa, é uma honra tê-la conosco. — A senhora foi a primeira a quebrar o silêncio e fazer uma breve reverência.

Levei uma mão ao peito, em choque.

— Oh, meu Deus, não precisa disso. Não sou uma duquesa. — Não consegui ser grosseira com aquela velha senhora que no rosto transluzia a mais sincera inocência.

— Então, como devemos chamá-la? — Ela perguntou.

Os que estavam mais afastados se aproximaram para ouvir a conversa. Eles pareciam tão simples e gentis e tão... ruivos.

— Tess. Apenas Tess.

Charlie franziu as sobrancelhas e um sorriso decorou seu rosto.

— Essa não seria a forma de tratamento mais apropriada, visto que a senhorita é noiva do príncipe Ryld de Gales. — Disse Charlie.

— Será que ainda sou, Charlie!? Porque parece que você está tentando mudar o percurso das coisas, não? — Ataquei. Toda a admiração que eu senti minutos atrás por aquela ilha foi transformada em aversão.

— *Chan eil e gu diofar!* — Ele resmungou, quase que em um rosnado.

— Vou começar a fazer esse joguinho com você também e soltarei algumas palavras em português apenas para ter a honra de vê-lo confuso!

— Não estou fazendo joguinhos. Eu posso traduzir para você, eu disse que "não tem importância". — Ele disse.

— Então fale isso em uma língua eu compreenda. Merda! — Me exaltei, e todos ficaram horrorizados. Certamente não esperavam esse tipo de comportamento vindo da noiva de um homem tão requintado.

— Essa moça não me parece contente, Balder.

Balder? Quem diabos é Balder?

— A senhora tem toda razão, eu não estou contente, e nem pudera, vista a situação em que fui trazida! — Concordei, e de esguelha pude ver que Charlie ficou tenso quase que imediatamente.

— Situação? — Questionou o homem com a enxada. Algo dentro de mim dizia que eles não tinham conhecimento sobre meu sequestro.

— Por que não deixamos essa conversa para mais tarde, sim? Eu estou apresentando a ilha para a madame. — Sugeriu Charlie, evidentemente fugindo do assunto.

— Tess, não é? — O homem que antes bebia cerveja estendeu sua mão para me cumprimentar. Ele não era o tipo de homem que eu consideraria bonito, sua testa era grande demais e o queixo pequeno demais, mas eu tinha um fetiche em particular por homens de cabelo comprido. Estiquei minha mão para cumprimentá-lo de forma educada. — Estamos felizes por ter vindo, e por aceitar fazer isto por nós.

— Mas o que... O que é que eu estou fazendo, pelo amor de Deus? Alguém pod... — Charlie me puxou pelo braço e não me permitiu terminar

a frase.

— A madame está ansiosa para caminhar por entre as montanhas. Voltaremos mais tarde para que vocês possam perguntar o que quiserem para ela. — Avisou Charlie, me carregando pelo braço como se eu fosse uma criança que estava prestes a levar bronca dos pais. Sai tropeçando em meus próprios pés, tentando acompanhar o homem que andava na velocidade da luz.

— Não estou ansiosa não. Na verdade, eu estou muito interessada no que eles têm para me dizer.

— Eles acham que você veio porque quis. Porque é uma pessoa que tem um bom coração. — Ele disse, ainda segurando meu braço. Era como se sua mão gostasse de estar em contato com meu corpo. Eu no entanto, fiz questão de afastá-lo.

— E por que eu viria? Por que alguém em sã consciência abandonaria o noivo para fugir para uma ilha que parece estar estagnada na Era de Cristo?

Eu não teria percebido que escalávamos uma nova montanha, caso não estivesse ofegando e com suor por todo corpo. Charlie, por sua vez, parecia ter sido feito para aquilo. Não tinha dúvida de que ele seria capaz de subir até o pico daquele monte comigo em seus braços sem exigir o menor esforço do corpo.

De súbito ele parou de andar, assim, no meio da montanha, e a fisionomia carregada praticamente fez meu coração empedrar.

— Tente me ouvir até o final, está bem? Tente compreender, por mais estúpido que tenha sido sequestrá-la. Por mais que esteja me odiando severamente.

— Prometo que me concentrarei no que você diz ao passo em que tento controlar a vontade que estou sentido de jogar você dessa montanha.

— *Tríd-shoilleir!* — Ele riu, e prontamente traduziu, sem que eu precisasse me descabelar dessa vez: — Claro.

— Não estou feliz por estar aqui, Charlie. Então, se você tem algo para me dizer que possa contornar o sentimento feroz dentro de mim, então...!

Respirei fundo e cravei meus olhos nele. *Por que ele não é ruivo como os outros? Cruzes.* Eu não devia estar preocupada com isso!

— Eu sequestrei você para proteger as pessoas dessa ilha. — Ele pareceu sentir dor ao dizer aquilo e, por outro lado, ele conseguiu complicar minha mente. — Queriam transformar Kerrera em um ponto turístico, com pousadas e hotéis. Teríamos que sair daqui e deixar tudo para trás.

— E podem fazer isso?

— A pessoa que pretendia fazer, tem poder para fazer qualquer coisa.

— Ainda não consigo compreender minha relação com tudo!

— Eu recebi uma proposta um tanto quanto audaciosa. Se eu conseguisse impedir seu casamento com o príncipe Ryld, então abdicariam da ilha. — Ele tossiu para desengasgar. — A rainha. A rainha nos deixaria continuar em Kerrera.

Minhas pernas amoleceram. Lancei um suspiro ao ar para suavizar minha aflição e anestesiá-la minha alma.

— A rainha? A Rainha Mary? — Perguntei, atônita. — Aquela vigarista mandou você me sequestrar para que eu não case com seu filho!?

— Na verdade, ela pediu que eu impedisse seu casamento.

— Eu não sei quem é mais doente. Ela por querer impedir, ou você por aceitar! — O interrompi com rispidez.

— Isso aqui é tudo o que essas pessoas têm. Eles nasceram aqui. Seus filhos e seus netos nasceram aqui. Essas pessoas não teriam a menor chance em outro lugar. Como iriam começar tudo do zero?! — Entrou na defensiva, mas logo se acalmou. — Não me decidi sobre isso em uma noite, como a madame parece estar sugerindo. Eu debati comigo mesmo por semanas. E então a rainha me contou sobre a viagem que você e sua alteza real estavam planejando para o verão, disse que a ocasião era favorável para eu executar algum plano.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, incrédula com tamanha maldade dos dois. Minhas lágrimas caíram após eu não mais aguentar. Eu sempre soube que a rainha Mary me desprezava, mas nunca suspeitei que ela iria tão longe para me afastar de Ryld.

— Ocasão favorável? Que interessante. — Ironizei. — Quer saber de uma coisa, Charlie? Não me interessa as razões que o levaram a fazer isto. Eu voltarei para Londres e me casarei com Ryld, independentemente do que você ou a rainha queiram.

— Receio que isso não venha acontecer, madame. Já cumpri a parte mais difícil. Agora tudo que preciso é mantê-la na ilha pelo tempo necessário.

O sofrimento me fez gritar de boca fechada.

— Você realmente acredita que a parte mais difícil foi me trazer adormecida para cá? — Debochei. — Certo, Charlie. Então temo que irei surpreendê-lo.



Tess

SURPRESA? CHOCADA? HORRORIZADA? Com certeza, sem dúvida e muito.

Não era mais que oito horas da noite quando todos se retiraram para dormir. Na verdade, eu estava no quarto desde minha conversa estarrecedora com Charlie. Não comi, não bebi, não falei com mais ninguém, mesmo sabendo que estava sendo espionada pela janela por aqueles ruivos estranhos. Podiam ser boas pessoas, mas meu estado de espírito do momento não me permitiu apreciar suas qualidades.

Sequestrada por não ser boa o bastante para me casar com o príncipe de Gales. Isso era ultrajante, para não dizer, no mínimo, ridículo. Nos contos de fadas essa situação seria tão simples. Bastaria nos amarmos para sermos felizes pelo resto de nossas vidas.

Era um tormento ter que lidar com essa dor que me abraçava enquanto eu esperava Charlie pegar em um sono profundo para que eu pudesse entrar em seu quarto e revirar aquilo do avesso. Esperava encontrar seu celular e conseguir contato com Ryld facilmente.

Me levantei devagarinho da cama, temendo que a madeira envelhecida fizesse algum barulho. A lua era tão brilhante ali, que conseguia proporcionar uma excelente iluminação no quarto. Guiada pela lua, segui minha rota até a escada. Subindo pé ante pé e mordendo o lábio para conter minha respiração ruidosa. Não havia corrimão, então foi preciso muito cuidado para não cair. Eu, que sempre fui tão desastrada, planejava me sair melhor essa noite.

Charlie estava esparramado em sua cama como se fosse o próprio lençol — braços e pernas esticados. Dormia serenamente, e os braços nus me diziam que o frio não o incomodava. E nem pudera, seu quarto tinha uma pequena lareira para aquecê-lo. A verdadeira surpresa estava na simplicidade do quarto. O cômodo consistia em uma cama, um criado mudo de madeira com um abajur em cima, um pequeno tapete xadrez e um guarda-roupa de duas portas. Sem televisão, sem computador, absolutamente nada de tecnologia. Na verdade, eu até me surpreendi pela tomada ao lado da cama. Os anos pareciam correr de uma forma

diferente para aquelas pessoas... na realidade, não corria. Eles simplesmente pararam no tempo.

— Posso ajudá-la, madame? — Sua voz foi como fogos de artifício disparados dentro de uma biblioteca. Dei um pulo. — O que está procurando?

Pensei em apenas perguntar: "cadê seu celular?", mas seria uma grande burrice contar sobre meu plano. Por isso, abri o guarda-roupa e, quando encontrei o terno que ele estava usando no dia que me raptou, o arranquei do cabide.

— O que... o que está fazendo? — Ele perguntou e se levantou da cama.

Seu abominável peito desprovido de tecido me encantou por um minuto, como se fosse uma serpente. Foi por pouco que minhas mãos ébrias não soltaram o blazer que eu segurava.

Desci a escada como se estivesse descendo um escorregador, não me lembrava dos meus passos pisando degrau por degrau. Quando percebi que Charlie fazia o mesmo, não tive outra alternativa que não sair porta afora para encarar uma noite fria e um céu acinzentado. O vento cortante chicoteou em minhas bochechas e secou meus olhos que antes estavam umedecidos pelas lágrimas que derramei enquanto estava com a cabeça no travesseiro.

— Tess! — Charlie me chamou aos gritos, correndo ao meu encontro. Se o frio para mim que estava agasalhada era quase insuportável, para Charlie certamente era dez vezes pior.

Me concentrei em revirar os bolsos do seu blazer, sem perder a velocidade. Procurei nos bolsos de dentro, nos bolsos de fora. Estavam vazios. Apenas... *vazios*.

— Não. Não. — Falei, amiúde. Olhei para o mar de ondas violentas, olhei para as montanhas, soturnas e solitárias e optei por encará-las pelo fato de eu não saber nadar.

— Pare. Aonde você está indo? Há animais selvagens esse horário. É perigoso. Tess! — Clamou. Dei uma espiada por cima do ombro. O homem estava poucos metros de mim. Não era possível. Ele parecia ter rodinhas nos pés.

Meu coração já estava saindo pela boca. Acabei diminuindo o ritmo sem perceber e foi quando Charlie me puxou pelo braço.

— Você é maluca? — Questionou seriamente, e quase arrancou um "sim" de mim. — O que... o que você queria com minha roupa?

— O seu celular. Cadê!?

Ele se fez de desentendido antes de responder.

— Você está alguns quilômetros atrasada, madame. Eu me desfiz do celular quando ainda estávamos na casa de campo. — Esclareceu. — Me devolva meu casaco para eu não morrer congelado, por favor!?

Olhei para o blazer em minha mão e para o mar.

— Por mim, você pode virar um cubo de gelo! — Falei, antes de lançar seu blazer no mar em um gesto rápido. Charlie seguiu minha ousadia com um olhar indecifrável e depois se voltou para mim com um sorriso nada complacente.

— *Fadhb ar bith!* (Sem problemas!)

— Não me importo com o que tenha dito, Charlie. Eu te darei tanto trabalho que o farei ter vontade de desaparecer desta ilha!

— Sou um homem paciente, madame. Porém, não questiono sua competência.

— O que fez com a outra mulher? — Resolvi perguntar.

— Que outra?

— A esposa do príncipe Antony de York.

Ele me fitou com um olhar tão profundo quanto o mar. Eu não deixaria aquilo me desestabilizar.

Sou forte como uma rocha.

— Não me surpreende que suspeite que tenha sido eu. Me surpreende por ter demorado tanto tempo para me fazer essa pergunta.

— Essa é sua resposta ou está apenas tentando fugir da indagação de modo furtivo... Ah, não, furtivo não é a palavra adequada. Eu quis dizer covarde.

A avidez da sua risada incendiou minhas veias.

— Dama, cujo lábios rosados me profere ofensas, eu posso lhe ceder mil noites de sono para ouvir suas lamúrias, mas para isso acontecer meu coração precisa continuar batendo, e creio que isso não acontecerá se o frio glacial continuar congelando meu sangue.

— Até onde sei, não estou com suas pernas, Charlie. Você pode voltar quando bem entender.

Ele cerrou os lábios e praguejou.

— O que ficará fazendo aqui? Hã!? Quer virar comida para algum animal? — Questionou. Parado muito ereto, com os ombros para trás, me lançou um olhar furioso.

— O único animal selvagem que me preocupa está bem na minha frente! — Me irritei, ignorando o homem de aparência perigosa que podia facilmente me matar.

— A madame tem uma língua muito afiada. Esse deve ser um dos motivos de não se encaixar nos padrões da realeza. — Insultou.

— Esse assunto não diz respeito à você.

Assentiu.

— Tem razão. Estou indo me deitar e a madame vem comigo. — Concordou, mudando abruptamente de assunto. Ele agarrou o meu pulso, decidido a me arrastar de volta.

Pisei firme no chão.

— Não. Eu não vou. Se não me levar de volta para meu noivo agora mesmo, incendiarei toda essa ilha. Começando por sua casa! — Eu disse em um tom ameaçador, que não demonstrava o nervosismo que estava sentindo.

— Ah, vai? Isso eu quero ver! — Desafiou. O rosto dele era a miragem perfeita do deboche. Comecei a sentir seus dedos congelados em contato com a minha pele. Eu teria sentido pena se não estivesse tão decidida a acabar com ele.

— Acha que estou brincando, Charlie?

— Acho que está, madame.

O sangue me subiu à cabeça e, naquele momento, não tive dúvida de que seria capaz de incendiar inclusive o próprio Charlie.

— Não quero ter que carregá-la em meus braços pela centésima vez, madame. Recomendo que me acompanhe por vontade própria. — Me encarou com uma expressão dura. — Estou cansado e congelando.

O encarei carrancuda em resposta.

— Como quiser. — Foi sua última frase antes de me erguer do chão e me jogar por cima do seu ombro, daquele seu modo irritante, como se eu não passasse de um saco de batatas.

Eu gritei e me debati. Também tentei chutá-lo, mas nada adiantou.

— Já compreendi que as coisas não serão fáceis com a senhorita.

— Eu vou te matar!

— Me espanta que uma criatura do seu tamanho possa ter um temperamento tão... acre.

Criatura?

— Me coloque de volta no chão! — Exigi, sentindo enxovalho.

— Por que? Estou bastante confortável assim. A madame está me protegendo do vento frio. Inclusive, eu agradeço. — Murmurou, de um jeito irritantemente simpático. Começou a seguir em direção à sua casa. — Você é leve feito um galho de árvore. Não morava na parte do Brasil que consome a famigerada feijoada?

Dei um tapa ardido em suas costas. A intenção era ferir, porém, Charlie fez que não sentiu. Suas mãos subiram um pouco por minhas pernas, bem abaixo da minha bunda. Me encolhi por dentro, odiando estar tão vulnerável.

Foi um grande alívio quando chegamos em sua casa e ele finalmente me colocou no chão. Encarou-me com as mãos nos quadris. Os olhos estavam tão escuros quanto seu cabelo que havia sido totalmente bagunçado pelo vento.

— Vá dormir. Não estava cansado!? — Lembrei-o. Minha intenção era tirá-lo do meu caminho para dessa vez tentar fugir pelo mar. O barquinho que eu havia visto no cais pela manhã não ficava tão longe da sua casa. A maré não estava serena, mas eu podia lidar com isso. Certo?

— Não estou inclinado a deixá-la sozinha. Meu instinto me diz a madame não sossegará tão facilmente.

— Está com medo de mim, Charlie? — Provoquei.

— De você? — Ele deu uma risada prazerosa de se ouvir. — Não, não. Meu medo é de que tenha mais alguma ideia estúpida e se machuque. Quando irá perceber que não há para onde correr? — Cerrou os dentes de modo azucrinante.

— O que espera que aconteça? Quer que eu aceite essa situação como se não estivesse sofrendo? — Questionei. — Ryld é tão importante para mim quanto Kerrera é para você. Não desistiremos um do outro, Charlie.

— Você tem razão. — Admitiu alarmado, me surpreendendo.

— Tenho?

A expressão dele era soturna.

— Não sei aonde eu estava com a cabeça. Eu apenas pensei na parte fácil, trazê-la comigo. Achei que quando você visse a ilha, conhecesse os poucos moradores daqui, você ficaria encantada e aceitaria ficar conosco.

— Achou que meu noivo me esqueceria tão facilmente após eu ser raptada?

Ele esfregou os olhos e me olhou com pesar.

— Você escreveu uma carta antes de partir, nela você se lamenta por não poder se casar com o príncipe de Gales, por estar apaixonada por outro homem... Vocês tinham um relacionamento escondido e você não sabia como dizer isso olhando para ele, achou que a saída mais fácil seria se simplesmente fugisse.

Cheguei muito perto de vomitar.

— Isso é... isso é... Eu não escrevi essa carta. E mesmo que outra pessoa tenha escrito, Ryld conhece a minha letra!

— Madame, imitar sua caligrafia foi a parte mais simples.

Dessa vez não me segurei, fui obrigada a dar um forte tapa em seu rosto para descontar um terço da minha ira. Pensei que ele fosse revidar, mas tudo que fez foi aceitar a agressão como se isso não o tivesse provocado.

— Ryld acha que fui infiel? Ele acha que o troquei por outro homem!? — Questionei, indignada.

— Eu sinto muito...

— SENTE MUITO!? — Meu grito o espantou. — Você acabou com a minha vida, Charlie. E eu te prometo que farei o mesmo por você.

Ele tentou me segurar para me fazer olhar para ele. Mas eu estava tão zangada, que o empurrei com uma força que eu desconhecia.

— Eu não tive escolha...

— Não teve? — O interrompi. — Não pensou em contar para mim ou para o próprio Ryld?

Ele riu com escárnio.

— A madame consegue imaginar-me indo até sua alteza real para lhe dizer que sua mãe, a rainha, me ofereceu uma proposta onde eu devo escolher entre seu casamento com uma plebeia e a ilha onde cresci com amigos que são a única família que tenho? — Ele descreveu de uma forma que me fez visualizar a cena, e ela me pareceu estúpida. — Tente me entender, por favor. Não peço para me perdoar, ou para concordar, mas... que entenda. Não a trouxe aqui para maltratá-la, longe disso. Estou disposto a te dar o que quiser, a hora que quiser. Qualquer coisa, se aceitar ficar aqui... Me deixe terminar, não me olhe assim... Se aceitar ficar até que eu consiga pensar em uma forma de nos tirar disso sem prejudicar algum dos lados.

Era muita cara de pau a de Charlie. Como ousava me pedir algum favor depois de ter feito o que fez?

— Não. De forma alguma. Olhe o que está me pedindo. Como se atreve? Eu magoei o homem com quem irei me casar. Você consegue imaginar como ele está se sentindo agora?

— Não madame. Não posso imaginar a dor do amor, se não sei como funciona esse sentimento.

Ergui a sobrancelha.

— Está me dizendo que nunca amou uma mulher, Charlie?

Ele camuflou com um sorriso o frio alojado no coração.

— É exatamente o que estou lhe dizendo, madame. — Sua confissão me pasmou. Charlie claramente não valia o chão que pisava, mas *por Deus*, o homem era lindo de morrer. O tipo de homem que não passava despercebido onde quer que estivesse. Claro que seu cabelo precisava de um bom corte, que sua barba estava pela hora da morte, mas eu precisava admitir: ele foi feito com pincel. — Madame? — Me chamou, seus grandes olhos negros fixos em mim.

— Não... Charlie. — Desfiz o nó preso na minha garganta com uma tossida improvisada. — Não posso aceitar o que está me propondo. Você basicamente está pedindo para que eu congele o meu coração.

— Está certo. — Rosnou, descontente. — Eu a levarei de volta pela manhã.

— Levará? — Meu rosto se iluminou, o sangue voltou a correr em minhas veias.

— Sim. — Ele piscou, e o fez de novo.

— Está mentindo. — Falei.

— Prometo que não. Mas que fique claro que a madame me venceu porque tem uma grande habilidade de argumentação.

Eu não me contive e ri.

— Como pode continuar me chamando de madame. Olhe para mim, Charlie, eu pareço uma madame para você? — Dei uma voltinha para que ele pudesse me avaliar. Eu estava um completo desastre. Descabelada, o nariz provavelmente avermelhado pelo frio, os olhos inchados de tanto chorar, a roupa amarrotada como quem acabou de sair de uma guerra.

Um ligeiro rubor tomou conta do seu rosto.

— A madame continua sofisticada. Se ignorarmos o tabefe que me deu, claro.

— Aquilo não foi nada perto do que você merece, Charlie. Quando voltarmos, exijo que você esclareça tudo com meu noivo.

Semicerrou os olhos.

— Isso está fora de questão. Eu apenas a deixarei onde a raptei e voltarei para minha casa.

— O quê? Como quer que eu explique tudo o que aconteceu? Você escreveu uma carta se passando por mim. Ninguém acreditará em nada disso!

— Eu tenho problemas maiores que o seu conflito amoroso, madame. Levá-la de volta significará uma guerra contra a rainha, será como se eu estivesse desacatando sua ordem. Só os deuses sabem do que ela é capaz.

— Você não deve estar entendendo o que estou dizendo, Charlie, o que não me espanta, já vimos que o seu grau de inteligência é quase inexistente, mas tentarei deixar mais claro para que compreenda: — Cobri a distância que nos separava. — Não exijo apenas que detalhe os acontecimentos, como também exijo que peça perdão a Ryld por sua traição e pelo transtorno que nos causou.

Seus olhos mostravam um lampejo de irritação e também de desprezo.

— A madame me faz rir da mesma forma que me faz ter vontade de jogá-la do penhasco. Eu tenho sido mavioso com você, tenho sido educado e cortês, e eu não sou esse homem bonzinho que tenho mostrado apenas para não assustá-la.

— E você acha que dar um simples tabefe em sua cara é tudo de mais perigoso que eu posso fazer!? — O enfrentei com a mesma expressão beligerante que ele.

— Ah, não. Você deixou bem manifesta sua ameaça sobre incendiar minha casa. — Recordou, zombando. — Eu a deixarei pelas redondezas da casa de campo, e isso é tudo.

Ele me deu as costas e se preparava para subir para o seu quarto. Os ombros largos e a pele bronzeada me chamaram atenção, mas uma cicatriz que antes eu não tinha reparado, também era motivo de surpresa. Charlie era um segurança assustadoramente qualificado, obviamente ele já esteve em combate alguma vez.

— Aqui não é um hotel cinco estrelas e também não temos travesseiro de pluma de ganso, mas a madame devia tentar descansar para tirar esse círculo escuro ao redor dos olhos. — Ele comentou.

— E você devia passar uma pomada para desaparecer com essa cicatriz horrível no ombro. — Falei.

Maldição, por que não consigo manter a língua dentro da boca?

Ele parou no meio da escada e se virou para mim, rabugento. Claramente detestou o meu comentário, odiou até mais do que eu suspeitava.

— Você devia aprender a hora de ficar calada. — Atacou.

— Um conselho que você próprio devia seguir... Balder.

Merda. Pare de falar.

Charlie me encarou por alguns minutos em silêncio e, por alguma razão, ele sorriu.

— Ah, compreendi. A madame não está se aguentando de curiosidade. Que coisa feia bisbilhotar a vida das pessoas.

— Está um pouco equivocada, Charlie. Sua vida particular não me causa o menor interesse.

— Certo, certo. Então não está nenhum pouco interessada na minha cicatriz?

É claro que estou.

— Nadinha, Charlie. Na verdade, estou me questionando do porque a pessoa ou a coisa que acertou suas costas, não acertou sua garganta ou cabeça.

Ele deu de ombros, mas pela sua expressão era possível saber que ele não acreditou em mim. Ele sabia que eu estava me roendo de curiosidade. Quero dizer, qualquer um que tivesse o mais breve contato comigo, saberia que a curiosidade era o meu maior defeito. A questão era que eu não entraria no jogo daquele homem. O menor deslize seria motivo suficiente para ele tentar me convencer a ficar mais um pouco naquele lugar. E, *por Deus*, eu estava louca para ir embora o quanto antes.

— Como quiser, mas saiba que essa cicatriz carrega uma história um tanto intrigante. — Atiçou.

— Então escreva um livro. Anuncie em jornais. — Zombei, esforçando-me para permanecer séria.

— Talvez eu faça isso.

Cometi o erro de olhar em seus olhos, e isso me acarretou sérias complicações sentimentais. Que loucura. Aquele homem severo estava mexendo comigo. Não tinha nada a ver com o que ele era por dentro, porque era podre, tinha a ver com o que ele era por fora. *Que diabo, tem como ser mais lindo?*

Simulei um bocejo e me espreguicei. Estiquei os braços e soltei um suspiro, fiz parecer que a estafa era real para ter uma boa razão para encerrar aquela conversa sem parecer que eu estava fugindo.

— Boa noite, madame. — Ele disse, porém, continuou parado na escada me analisando de forma peculiar. Seus olhos passaram pelos meus e depois desceram para meus lábios e por meu pescoço, por meus seios... *mas que ousado*. Tentar respirar sem parecer que eu estava me engasgando era tudo que eu precisava fazer, só que eu não estava me saindo muito bem nessa tarefa. — A água daqui não deve ser tão diferente da água do palácio real. Tome um banho. Você está com uma aparência horrível.

Bruto como o coice de um cavalo.

— Você sabe mesmo como impressionar uma dama, Charlie.

— É uma das minhas qualidades, madame. Tenha uma ótima noite.

Me deu as costas outra vez e desapareceu na penumbra do seu quarto.



Tess

— **SUA PELE É TÃO LINDA.** — Murmurou, me obrigando a abrir os olhos para ter conhecimento de quem era aquela voz. A ruiva de boina vermelha estava ajoelha ao pé da minha cama e debruçada sobre meu colchão. Me encarava com admiração, como se eu fosse uma esfinge.

— Oi... bom dia... — Falei apreensiva, me sentando na cama. Seus cabelos laranja estavam trançados para trás. Seu rosto era como uma constelação, mas de sardas.

Ela se endireitou e pareceu menos estranha sem aquele olhar curioso.

— Me desculpe, não queria assustá-la. — Ela tinha um forte sotaque britânico. — Eu sou Maisie. Já nos vimos na vila, está lembrada?

Concordei com a cabeça

— Balder pediu que eu cuidasse de você até ele voltar. — Explicou.

Cuidar de mim? Quantos anos ela acha que eu tenho?

— Voltar? Aonde ele foi?

— Uma das crianças ficou doente. Ele foi até a cidade buscar medicamento.

Eu não queria parecer insensível e nem grosseira. Mas era para eu estar a caminho de casa naquele exato momento.

— Por que ele? — Resolvi perguntar. O que eu mais vi naquela ilha desde que cheguei foram homens. Muitos homens. Qualquer um poderia ter pego o barco e ido até a cidade.

Maisie riu da minha indagação. O senso de humor daquelas pessoas era um tanto... diferente.

— Porque Balder cuida de todos nós. Sempre foi assim.

Meu rosto se tornou um enorme ponto de interrogação, porém, a fulana não acrescentou mais nada.

— Como assim ele cuida de todos vocês?

Ela sorriu com seus lindos olhos verdes e pequenos e fez eu me sentir uma bobinha.

— É como se ele fosse nosso "líder". Balder é um homem forte, destemido e muito sábio. Sempre o procuramos quando estamos com algum problema, seja qual for. Falta de comida, invasores, doenças...

Mas que coisa louca.

— Por que os pais da criança não a levam ao hospital?

Ela ficou aterrorizada com a minha pergunta. Eu até diria que a ofendi de alguma forma.

— Porque o mundo do outro lado dessa ilha é assustador. É barulhento, e sangrento.

— Vocês não saem daqui? NUNCA? — Não pude evitar o grito.

— Não precisamos sair. Temos tudo o que precisamos aqui. E se algo falta, Balder busca.

Fiquei alguns segundos sem conseguir reproduzir qualquer som. Esperava que a ruiva gargalhasse para mostrar que estava brincando, mas ela continuou com aquele semblante inocente.

— Eu sei que moram aqui há bastante tempo — falei e ela assentiu —, mas há um mundo lindo do outro lado, embora ele seja barulhento e sangrento. Você nunca quis conhecer?

— Balder me levou uma vez, no meu aniversário, mas eu achei que as pessoas andavam e falavam rápido demais. — Relembrou, com pavor.

Dei uma coçadinha na cabeça, atordoada com a conversa.

— Minha vez — ela disse, e soltou a pergunta em seguida: — Por que a rainha não quer que você se case com o príncipe?

Fui pega de surpresa. Provavelmente Charlie tinha dito a ela.

— Ela diz que não sou uma dama adequada. Eu sou brasileira, meu pai é divorciado e minha mãe já foi viciada. Ah, e eu não sou virgem. Todas essas coisas contribuíram para a minha não aprovação, mas o motivo que mais se sobressai é porque eu não posso ter filhos.

Maisie não escondeu o horror.

— Por que não pode ter filhos? — Questionou de forma invasiva. E eu senti a ferida reabrir em meu peito.

— Porque eu tenho malformação uterina. Digamos que minha mãe ingeriu substâncias não recomendadas durante sua gravidez e eu estou pagando o preço pela sua irresponsabilidade.

A moça segurou minha mão, tentando me reconfortar, como se fôssemos amigas de longa data. Eu deixei que o fizesse, e isso acalmou meu coração, mesmo que por poucos minutos.

— Não importa o que a rainha ache de você. A senhorita tem um bom coração. Você escolheu abrir mão do seu amor para nos ajudar. Os deuses a recompensarão por isso.

Um nó se formou na minha garganta.

— Eu preciso te contar uma coisa, Maisie. Eu não vim aqui por causa de vocês. — Me preparei para abrir o jogo com ela. Eu lhe diria que Charlie me obrigou a ir para Kerrera com ele. Diria que ele não me deu escolha em momento algum.

Até que ele apareceu.

— Maisie? — Chamou. Ele estava parado à porta do quarto e haviam muitas sacolas em suas mãos. Algo me dizia que ele havia escutado nossa conversa, e seu rosto fechado deixava claro que isso não o deixou nenhum pouco feliz.

— Sim? — Maisie prontamente se levantou. Seu rosto ficou tão vermelho quanto seu cabelo e os olhos se iluminaram. Era óbvio que a moça nutria algum sentimento por Charlie.

Coitadinha. Se apaixonar por um homem feito aquele só podia ser uma espécie de azar.

— Entregue os remédios para os pais de Brenda. — Pediu. Ele estava me ignorando, agindo da mesma forma que agia antigamente, como se eu não existisse.

— Sim, claro. — Ela respondeu, nervosa demais na presença dele, e depois me fitou com doçura. — Eu tenho que ir, senhorita. Agradeço pela conversa.

— Eu quem agradeço, Maisie. — Fui amigável. Ela pegou duas sacolas da mão de Charlie e desapareceu do meu campo de visão em

seguida.

Charlie largou as outras sacolas no chão sem se importar com o que havia dentro delas e cobriu a distância que nos separava.

— O que pensa que está fazendo? — Questionou, e eu não gostei do modo como aquilo soou.

— Do que está falando? — Me fiz de desentendida e lhe lancei um olhar cauteloso.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso artificial.

— Não tente se fazer de boba, isso não combina com uma mulher atrevida feito você. — Atacou. — O que disse para Maisie?

— Eu não disse nada. Ela por outro lado... — o provoquei por puro prazer. Eu estava pegando gosto em fazê-lo perder a cabeça.

Ele bufou com impaciência e mudou de assunto.

— Comprei roupas para você.

Como é?

— Como é?

— Eu comprei roupas para você. — Falou mais devagar, me obrigando a prestar atenção no nácar de seus lábios. Ele voltou para as sacolas que havia largado no chão e as jogou em cima da cama, e fez um gesto com a cabeça indicando para que eu as olhasse. Eu ignorei.

— Eu não preciso de roupas porque você vai me levar de volta para casa, Charlie.

— Maisie não te contou que há uma criança doente? — Esperou que eu consentisse. — Eu não posso ir embora. Não nessas condições.

— Se não pode me levar, então peça para que outro leve. Você é o líder aqui!

Ele cerrou os olhos. Sua aparência era de cansaço e preocupação.

— De forma alguma eu depositarei sua segurança nas mãos de outro. — Disse, muito determinado.

— Isso é ridículo. Peça para que outro me leve ou eu mesma pedirei. — Exigi, com um olhar furioso.

— Eu não farei isso. Não adianta gritar. Esses homens não tem a mesma experiência que eu tenho com a maré alta.

— Que porra de *vikings* são esses!?

— O quê? — Perguntou, totalmente confuso.

Respirei fundo para me obrigar a ficar calma.

— Charlie, eu irei embora de Kerrera hoje. Não importa de que maneira. Eu partirei hoje! — Falei de forma clara.

Ele desviou o olhar e se inclinou contra a parede em uma pose insolente.

— Não me obrigue a amarrar você. Eu prometi que a levaria de volta e eu a levarei, só peço que espere até que Brenda se recupere.

Resmunguei baixinho.

— Reclame um pouco mais alto para que eu possa rebater o que diz.
— Acrescentou.

— O que a criança tem? — Resolvi mudar de assunto.

— Vômito e dores abdominais. Provavelmente ela comeu algo estragado. Acredito que até amanhã já esteja melhor.

Suspirei.

— Certo. Acho que posso esperar até amanhã. — Eu não estava muito confortável com a minha decisão, mas pelo semblante cabisbaixo de Charlie, eu soube que ele não estava pedindo aquilo por ele, e sim pela garotinha adoecida. Somente por essa razão eu concordei em ficar mais um dia em Kerrera... e longe de Ryld.

Seus olhos de petróleo coriscaram para mim.

— Meus ouvidos nunca ficaram tão felizes por ouvi-la falar. — Comentou, e volteou seu rosto para as sacolas em cima da cama. — Veja se o que comprei serve em você.

— Certamente que não, mas agradeço a tentativa. — Falei com acidez.

Peguei a primeira sacola. Era uma echarpe xadrez vermelho de *popelina*.

— Olha, que surpresa. Seu gosto não é tão ruim assim. — Disse com admiração. — Um homem nunca tinha me comprado roupas antes.

Ele ruborizou, mas tentou fingir indiferença. Peguei dentro da segunda sacola um chapéu preto *Floppy* de *Feltro* com pompom na parte de trás.

— Na maioria das suas fotos na internet reparei que a madame usava um chapéu. — Ele explicou ao me ver olhando fixamente para o chapéu. — E como pode perceber, aqui costuma ventar bastante, mesmo no verão.

— É lindo. — Disse sincera. Eu estava deveras encantada com as peças escolhidas por Charlie. Ou ele me conhecia muito bem ou era perito no gosto feminino.

— Nas outras duas sacolas são peças íntimas e...

— Calcinha!? Você me comprou calcinha? — O acanhamento me pegou desprevenida. Senti todo meu sangue subir para o rosto quando olhei dentro da sacola e contei umas três calcinhas dentro dela.

— É um tecido como outro qualquer — fez pouco caso. — A não ser que a madame não use.

Prendi o ar e quis correr para debaixo da cama feito uma virgem. O que diabos estava acontecendo comigo? Um comentário desse jamais teria me feito ficar tão ruborizada se fosse feito por qualquer outro homem. O problema estava em Charlie, o maldito me deixava completamente nervosa e sem jeito.

Se eu não estivesse noiva, sem dúvida teria rebatido sua indelicadeza com algo inapropriado.

— Uso... claro que uso. — Senti uma estranha necessidade de deixar isso bem explícito.

— Certo. Agora que tem roupas novas, não vejo razão para não ir se lavar.

— Farei isso. — Concordei, não conseguindo, de forma alguma, encará-lo novamente. A sensação era como se eu estivesse nua na sua frente, com cada perna em uma ponta da cabeceira da cama.

Santo Deus.

Balancei a cabeça para espantar o pensamento devasso e completamente imprudente.

— O banheiro fica no corredor à direita. Eu a aguardarei em meu quarto. — Ele falou. O seu tom de voz não foi nada malicioso, mas por alguma razão, um milhão de atos sexuais passaram por minha cabeça.

Quase um ano. Eu estava quase um ano sem me envolver sexualmente com um homem. Um ano tentando controlar minha libido, enquanto Ryld me mandava esperar até o maldito casamento. Por Cristo, há tempos eu já tinha passado do ponto de pegar fogo. Eu estava tão quente que era capaz de incendiar um milharal.

— A madame está se sentindo bem? — Charlie perguntou, se inclinando para me avaliar de perto. — Está suando. Está febril?

Ele planejou levar sua mão até meu rosto para sentir a temperatura. Eu desviei do seu toque com uma urgência que era como se estivesse desviando de uma bala.

— Estou ótima. Nunca estive tão bem!

Me relanceou um olhar duvidoso.

— Está ótima? Eu a sequestrei, lembra-se disso?

Foi por Deus que voltei a ter bom senso e parei de sentir as coisas estranhas que estava sentindo.

Ele me sequestrou, isso é tudo o que importa.

— Eu... eu vou tomar meu banho. — A gagueira ainda continuava, e eu não conseguia levantar meu olhar para ele, mas Charlie facilitou tudo quando disse que iria me dar espaço e que eu devia chamá-lo quando estivesse pronta.



— O que será dessas pessoas quando você morrer? — Perguntei quando estávamos a caminho da vila.

Assim que saímos da sua casa, reparei que não havia outras por perto. Sua casinha de tijolos era a única que ficava do lado de lá, isolada de tudo.

Era o mar de um lado e as montanhas do outro.

— A madame está planejando me matar? — Perguntou bem sério, e diminuiu a velocidade dos passos para caminhar ao meu lado.

Estava ventando um pouco mais forte aquela manhã, por sorte a echarpe e o chapéu que Charlie me comprara eram bem quentinhos e me protegiam.

— Não, é só q...

— Então não vamos falar da minha morte. — Me interrompeu com incivilidade.

— As pessoas dessa ilha dependem muito de você. Isso não o preocupa? — Insisti, ignorando todos os muros que ele havia erguido para me manter afastada da sua vida pessoal.

Charlie usava uma jaqueta e um colete laranja por cima, mas o que mais me chamou atenção foi o seu par de luvas de dedos. Como eu daria tudo para pegar aquelas luvas. Minhas mãos estavam congelando.

— Eu deveria me preocupar? — Retrucou, ficando na defensiva. — Eu estou fisicamente bem... e devo minha vida a eles.

— Deve? — O assunto chamou minha atenção.

— Achei que a madame havia dito que não se interessava por minha história. — Relembrou minha fala da noite passada.

— Não me interessa, Charlie. Mas não há muito o que se fazer nesse fim de mundo.

— Não faz sentido eu... Olhe para o chão! Deuses, tenha cuidado com onde pisa. Você se machucou?

Fiquei parada por um momento, esperando a dor no tornozelo passar. Eu não teria torcido o pé se estivesse prestando atenção aonde pisava, e não focada nos movimentos dos lábios de Charlie enquanto ele falava. Era um tanto fascinante a forma como o vento balançava seu cabelo, era como se ele soubesse quais fios tirar do lugar para deixar o homem ainda mais atraente.

— Eu estou bem. Estou bem. Foi uma torcidinha de nada.

— Se me permite dizer, você mente muito mal, madame. Quer voltar?

— Não. Quero ver como a criança está e mandar boas energias para que ela se cure logo.

— Acho que você não é a melhor pessoa para mandar boas vibrações. — Tirou sarro com uma gargalhada rouca, e eu acabei rindo da sua risada.

— O que está tentando fazer, Charlie? — Inquiri, retomando a postura.

— Perdão? — Se recompôs imediatamente também.

— Por que está tentando me agradar? Me comprando roupas, sendo gentil. O que está planejando dessa vez?

— Planejando? — Questionou. — Eu apenas quero que se sinta confortável. Eu atrapalhei a sua vida, estou tentando tornar isso menos insuportável. E sobre as roupas, bom, eu reparei que a senhorita se encolhia com o frio.

Assenti enfaticamente, não encontrando uma resposta adequada. A verdade era que eu me surpreendi ao ver sinceridade em seus olhos comumente cruéis.

Assim que chegamos na vila reparei que ela não estava cheia como da última vez. Suspeitei que as pessoas estivessem dentro de suas casas por conta do frio.

Não, elas são acostumadas com o vento gelado daqui. Há algo de errado.

— Isso não é nada bom. — Solto Charlie, também surpreso com o silêncio do lugar.

— Onde estão todos?

— Estão com Brenda. — Ele continuou andando e eu o segui. Descemos por uma estradinha de pedras que nos levou até uma casa mais simples que todas as outras. A pintura da parede estava desgastada, o vidro de uma janela quebrado. Eu não conseguia ver muito mais do que isso, pois a impressão que dava era que a vila inteira estava ao redor dessa casa. O ambiente estava tão sobrecarregado que

imediatamente senti mal-estar. Alguns estavam chorando secretamente, outros, beirando o escândalo.

Quando viram Charlie, era como se estivessem diante uma divindade. Como se a solução para todos os problemas tivesse acabado de chegar. Eu jamais vira algo como aquilo, e eu costumava andar pelas ruas de Londres ao lado do príncipe de Gales. Charlie era uma espécie de luz.

— Balder, graças aos deuses. — Uma mulher agarrou a mão de Charlie. Seus olhos estavam encharcados e seu semblante era o mais triste que eu já vira na vida.

— O que está acontecendo, Davina? — Charlie quis saber.

— A menina Brenda... ela piorou.

— Piorou, como? Maisie não trouxe os remédios que comprei?

— Trouxe. Trouxe sim, e ela tomou. Mas acho que os deuses querem levá-la. — A mulher falou baixinho.

— *Mhallachd!* (Maldição) — Charlie entrou apressadamente dentro da casa e eu o segui por impulso. Eu não sabia como me comportar perto daquelas pessoas, principalmente em uma situação tão embaraçosa.

A parte de dentro da casa estava mais vazia, apenas um homem e uma mulher — que eu suspeitava serem os pais de Brenda, estavam no quarto da garota. O forte odor de fezes me fez levar uma mão à boca. *Santo Deus, que cheiro é esse?*

Apenas pelo odor eu soube que a menina não estava nada bem, não foi nem preciso olhar para seu rosto.

Charlie se preparava para entrar no quarto quando eu o puxei pelo braço.

— Você precisa levá-la ao médico. — O alertei, arriscando um olhar na direção de Brenda, enferma na cama. Eu não a conheci quando era saudável, mas suspeitava que seu rosto não era tão pálido assim, que seus olhos eram menos cabisbaixos e seus lábios um pouco mais rosados.

— Você já deve ter percebido que a crença dessas pessoas é um pouco diferente da sua. Eu levaria Brenda ao hospital, sem dúvida alguma, se ela fosse minha filha. Mas os pais dela não permitem, já foi

um grande avanço eles terem concordado que eu lhe comprasse remédios.

— Essa questão é irrelevante. Você, assim como eu, sabe que se a garota continuar aqui ela morrerá. — Murmurei, temendo ser ouvida pelos pais de Brenda.

— Eu não posso fazer nada contra a vontade deles.

— Eles acreditam em você, Charlie. Se você disser que essa é a melhor alternativa, eles irão concordar imediatamente. — Falei com desespero. Crianças eram o meu ponto fraco. Eu sempre agia irracionalmente quando se tratava delas.

Ele esfregou o queixo, pensativo.

— Verei o que consigo. — Falou, e me obrigou a soltá-lo para que pudesse entrar no quarto de Brenda.

Fiquei do lado de fora para dar privacidade para que ele pudesse convencer os pais da menina. Lágrimas escorreram por meu rosto, enquanto eu acariciava meu ventre.

Engoli o choro para sair da casa e abaixei a cabeça para que ninguém me visse soluçar, mesmo sabendo que todos ali estavam se sentindo piores do que eu.

Caminhei por uma estradinha e escolhi uma árvore um pouco distante da casa para me esconder. Deixei que toda dor acumulada em meu peito escorresse por meus olhos. Ver uma criança tão pequena sofrendo, me despedaçou muito mais do que eu esperava. Eu seria capaz de raptar a menina para levá-la ao hospital se seus pais não concordassem com Charlie. Não importava se eu não sabia como conduzir um barco em alto mar, não importava se eu não sabia que lado devia seguir para chegar até a cidade. Eu faria qualquer coisa para salvar a vida daquela garota.

Já havia se passado algumas horas quando Charlie me encontrou sentada no chão, encostada ao pinheiro.

— O que faz aqui? Te procurei por todo lugar. — Perguntou em tom bruto. Suas feições se suavizaram quando reparou na tristeza velada em meus olhos. — Esteve chorando?

Me levantei com urgência e fiz questão de não responder sua pergunta. Eu estava muito mais interessada em outro assunto.

— Eles concordaram? Você poderá levar Brenda ao hospital?

Charlie desviou o olhar e me pareceu bastante desapontado.

— Repudiaram a sugestão. Acreditam vigorosamente que a sina de Brenda já está predestinada.

O encarei com ferocidade.

— É isso? Você deixará a criança morrer?

— Não é o que estou dizendo. — Rebateu secamente. — Eu levarei Brenda ao médico. Raptarei a menina essa noite e a levarei. No entanto, há outra coisa que me preocupa.

— Diante do real estado em que a garota se encontra, não consigo imaginar o que mais possa o estar preocupando.

— Não mesmo? — Perguntou em um tom impertinente, dando a entender que a resposta era óbvia demais.

— Eu!? O que faz de mim um motivo de preocupação, Charlie?

Ele olhou para o horizonte, obviamente ponderando sobre como responder à pergunta.

— A senhorita deve ter visto nosso pequeno bote no cais. Suspeito que tenha reparado que a embarcação não suporta mais que duas pessoas.

Pude compreender onde ele queria chegar. Charlie estava tentando dizer que eu não poderia ir com ele para a cidade, logo, talvez eu precisasse passar mais um dia em Kerrera.

— Terei que esperá-lo voltar para ir embora. Estou certa?

— Temos somente um bote e eu irei utilizá-lo. A não ser que a dama planeje ir nadando até a civilização mais próxima, então sim, terá que esperar pelo meu retorno.

Aquilo já estava indo longe demais. Minha estadia em Kerrera estava se prolongando a cada minuto, estava fugindo do controle. Como eu iria esclarecer tudo isso para Ryld quando voltasse? Como o faria acreditar que a ilha tinha apenas um único meio de transporte para cerca de quinze pessoas, se eu que estava vivendo a situação custava a crer em tamanha penúria?

— Certo. — Concordei, com o coração partido em mil pedaços.

— Madame? — Chamou docemente, me fazendo franzir o cenho. — Estou disposto a fazer o que me pediu. Esclarecerei tudo para seu noivo quando voltarmos, mesmo que isso possa custar minha morte.

Quando recuperei o fôlego, indaguei:

— O quê?

— Não pude deixar de reparar no brilho em seus olhos ao ver uma de nossas crianças adoecidas e isso me convenceu muito mais do que seus ultimatos. Não posso arruinar a vida de uma dama que carrega dentro de si um fascinante coração.

Enrubesci diante do elogio.

— Estou surpreendida por um homem feito o senhor ter se comovido.

— Um homem feito eu!? — Rebateu, não aprovando minha escolha de palavras.

— Certamente não sou a primeira dama a questionar sua rudeza. — Censurei.

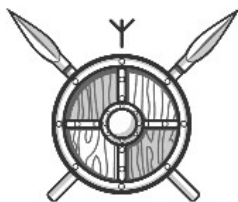
— Talvez Maisie já tenha comentado a respeito. Porém, não acredito que eu tenha sido tão pétreo com a senhorita.

— Você também não foi um grande cavalheiro. — Devolvi.

— Se usarmos sua alteza real como base, então, sim, estou longe de ser um grande cavalheiro, madame.

Abri um pequeno sorriso.

— E se usarmos sua majestade real como base, eu estou longe de ser uma madame.



Era de tarde quando Charlie me convenceu a me alimentar. Eu já não me lembrava da última vez que tinha comido ou bebido. Ele pediu para que eu esperasse na pequena sala da sua casa enquanto ele

preparava uma refeição. Foi um pouco assustador quando ele me fez esse pedido, um homem ogro daqueles cozinhando enquanto eu ficava sentada feito uma madame apenas esperando? Realmente, as coisas em Kerrera eram um pouco diferentes.

Eu estava sentada no sofá cinza que ficava de frente para as portas de correr que enquadravam a belíssima paisagem lá fora. Na parede, apenas um quadro solitário, e no chão, um tapete cinza com listras vermelhas. Nada de televisão ou computador, mas havia dois livros na mesinha de madeira ao lado do sofá.

— Está pronto. — Charlie avisou entrando na sala.

— O que vocês fazem em Kerrera? — Perguntei.

Ele se virou para mim com um sorriso questionador.

— Nós fazemos uma coisa muito interessante e um pouco arcaica que se chama... conversar. — Disse com seriedade, e me arrancou uma revirada de olhos.

— E quando você está sozinho? — Questionei.

Enfiou as grandes mãos dentro dos bolsos da calça.

— Eu não fico muito em Kerrera, passo mais tempo servindo a rainha. Mas antigamente, quando eu estava em casa e ficava sozinho, *o que dificilmente acontecia*, eu dormia, ou lia, ou caçava.

— Dificilmente acontecia? — Questionei.

Não pude deixar de observar a sombra que surgiu em seus olhos.

— Eu dividia a casa com um grande amigo.

Senti quando ingressei em suas trevas, ou em uma pequena porcentagem dela.

— E onde ele está? — Fui um pouco cautelosa ao fazer a pergunta.

— Ele se chamava Logan, eu fui morar com ele quando meus pais morreram. Ele era como um irmão para mim, construímos essa casa juntos e passamos a dividi-la quando seus pais também faleceram. Ele era amado e respeitado por todos em Kerrera. Quando eu estava à disposição da rainha, Logan cuidava das pessoas daqui. Ele fazia tudo que eu faço hoje. — Ele respirou fundo e balançou a cabeça de forma

solene. — Um dia, quando ele estava voltando da cidade, a maré alta o engoliu. Ele e seu barco foram arrastados para as profundezas.

Era como se meu coração tivesse encolhido dentro de mim. Eu senti pena.

— Eu sinto muito. — Balbuciei.

— Sente?

Não entendi sua pergunta.

— Sinto. O que te faz pensar que não?

— Achei que a madame me detestasse e quisesse incendiar tudo. — Disse, cruzando a distância que nos separava.

Por que eu sentia que algo entre nós havia mudado? Eu ainda odiava o fato de Charlie ter me sequestrado, ainda queria ir embora de Kerrera, mas um terço do meu coração já o perdoara. Eu não concordava com suas atitudes, certamente que não, mas por outro lado, eu era capaz de entender o quão desesperado ele estava para ter sido convencido a fazer o que fez.

— Ora, Charlie, eu lamentar sua perda não significa que eu não queira destruí-lo. — Falei, arrancando um estonteante sorriso dele.

— Acho que eu seria capaz de permitir. — Seu comentário me fez perder o fio do pensamento.

— Como!? — Uma sensação muito cálida e muito inusitada tomou conta do meu corpo.

— Quando eu olho para você... — Ele parou de falar. Seus olhos de repente pairaram em minha aliança e ele balançou a cabeça, como se estivesse expulsando seus pensamentos. *Ah, que Deus me acuda*, como eu ansiava poder ler sua mente. Seu semblante voltou a ser rígido. — Isso não é relevante, madame.

— Acredito que eu mesma possa decidir o que é ou não relevante para mim, Charlie. — Rebatí, quando, na verdade, devia me calar.

Ele pareceu surpreso com a minha resposta. Era como se o homem bonzinho e o homem mau guerreassem para decidir quem rebateria o meu comentário.

— Desejo beijá-la.

Me sufoquei com o oxigênio. Meu rosto pegou fogo.

Por Deus, o que é isso!?

— Eu... eu... Receio que isso jamais possa acontecer, Charlie. — Gaguejei, evitando olhar naqueles olhos negros que me atraíam feito ímã.

— Estou certo disso. É por essa razão que eu disse que era irrelevante. — Deu um meio sorriso e me estendeu sua mão. — Venha, o *Haggis* vai esfriar.



Escocês

EM QUE EU ESTAVA PENSANDO? Por que raios disse que queria beijar aquela criatura?

Deamhan! (Diabo)

O pior não foi ter admitido, a verdadeira desgraça era saber que eu a beijaria se ela consentisse. *Que os deuses me protejam*, mas aquela *boireannach* (mulher) estava me desorientando. Eu preferia que uma espada fosse cravada em meu peito a ter qualquer envolvimento com a dama de um aristocrata. *Mesmo ela sendo linda de morrer*. O que eu poderia lhe oferecer além daquelas terras que a própria já desdenhou?

Lhe oferecer? Em que estou pensando?

Péssima escolha ter estendido minha mão para ajudá-la a se levantar do sofá. O devaneio me adormeceu quando nossa pele entrou em contato e meu coração queimou mais que hulha.

— O que é isso? — Ela perguntou, olhando o prato de comida que eu havia preparado para nós. Não me agradava lembrar o quanto me esforcei para dar o melhor de mim na cozinha. Talvez eu estivesse tentando impressionar aquela *boireannach* por alguma razão que eu preferia não descobrir. Quanto mais solapada essa razão dentro de mim, melhor.

— Primeiro coma e veja se gosta. Depois te digo o que é. — Falei. Tess me parecia o tipo de pessoa que torcia nariz para aquele tipo de comida. Mas *Haggis* era prato típico da Escócia por uma razão.

— Algo me diz que não ficarei muito contente quando descobrir o que é.

— Talvez seja pelo fato de ele não ter uma aparência muito agradável. — Respondi, reprimindo um riso ao observar a dúvida clara em seu rosto. Era impossível não agir feito um tolo perto dela e não me curvar diante de sua presença, da mesma forma que me curvava diante a majestade. Logo eu, que sempre repudiei a capacidade de uma mulher em dobrar um homem.

Tess levou o garfo à boca mesmo que com um pé atrás. A observei mastigar, enfeitado com o movimento de seus lábios.

— E então? — Perguntei com entusiasmo. — O que achou?

— O escocês sabe se virar muito bem na cozinha. Maldição. Isso está delicioso. — Falou, limpando os cantos da boca com a língua.

Perturbação.

— Nunca me ocorreu o contrário. — Dei um sorrisinho pretencioso.

— Acho que agora pode me dizer que diabos é isso que estou comendo, não? — Lembrou-me.

— Haggis é um prato tradicional da Escócia, feito com bucho de carneiro, recheado com vísceras e ligado com farinha de aveia.

— Santo Deus. Eca! — Torceu o nariz como eu suspeitara. Mas o asco não fez a criatura parar de comer por um segundo sequer.

— Você geralmente come de forma tão deleitosa coisas que te causam aversão?

— Ah... Eu estou com tanta... fome... — disse entre mastigadas — que não acho muito seguro você ficar perto de mim.

— Vá com calma, *boireannach*. Dessa forma irá engasgar.

— Boi... Boire o quê?

— *Boireannach* — repeti. — Quer dizer "mulher" em gaélico.

Ela terminou de mastigar e me lançou um sorriso que eu arriscava dizer ser malicioso. Eu poderia eternizar seus lábios com aquelas encantadoras curvas para sempre.

Isso não está certo. Eu preciso levar essa mulher de volta para o seu... seu... Diabo, por que ela está me olhando como se também me desejasse? Por que tem que confundir minha cabeça de tal maneira?

— Por que está sorrindo, madame? — Perguntei, após alguns instantes tentando me recompor.

— Não estou sorrindo, Charlie. — Levou uma mão à boca para disfarçar o risinho afogueado.

— Não? Então o que são essas belas curvas surgindo em seus lábios?

— Belas curvas?

Teria sido melhor que me arrancassem a cabeça do que ter confessado que seu sorriso me agrilhoava.

— A madame vive a sorrir, alguém já deve ter lhe dito que essas sinuosidades lhe caem muito bem.

— Certamente, Charlie. Contudo, isso não exime minha surpresa pelo elogio ter saído de você.

— Devo admitir que hoje estou me expressando mais do que deveria, madame. Peço desculpa por minha devassidão. — Fixei os olhos em meus pés, temendo que minha mentira fosse descoberta. Eu lamentava coisa alguma. Queria aquela mulher cavalcando em cima de mim a pleno galope.

— Tess. Eu me chamo, Tess! — Respondeu com acidez, e depois sussurrou algo inteligível que eu entendi como: "maldito, escocês!"

— Um nome que me causa uma certa curiosidade, por sinal. — Confessei.

Ela se voltou para mim com um semblante desafiador. Se aquela criatura não era a coisa mais pirracenta do universo, eu não saberia dizer o que é.

— Se me contar sobre Balder, eu lhe conto sobre Tess. — Ela fez a brincadeira parecer divertida, mas eu sabia que, na verdade, a curiosidade sobre meu nome em Kerrera a enlouquecia.

— A conversa está absolutamente agradável, madame, mas eu tenho uma penosa viagem para fazer e preciso me preparar. — Anunciei, lembrando-a de que ainda hoje eu precisaria raptar uma criança doente.

Ela pareceu decepcionada com a minha resposta.

— Quero ajudá-lo. — Me pegou de surpresa. Não pude deixar de arregalar os olhos.

— Creio que não ouvi muito bem.

— A ideia de raptar Brenda e levá-la ao hospital foi minha. Eu não ficarei aqui de braços cruzados sabendo o desastre que você é em sequestrar pessoas. — Alfinetou.

— Pelo tom ácido da sua voz, suspeito que tenha tentado me ofender, mas na verdade eu fico aliviado por saber não sou um criminoso qualificado.

Ela revirou os olhos e suspirou.

— Você já me trouxe para esse maldito lugar contra minha vontade. O mínimo que pode fazer por mim, é permitir que eu te ajude a salvar a vida de uma criança.

Lidar com o temperamento de Tess estava sendo muito mais penoso do que eu achei que seria. A rainha havia me alertado sobre ela ser uma dama fora dos padrões, mas nem em sonhos eu imaginei que seria tão desafiador.

— *Ceart!* (Certo). — Grunhi.

— Espero que isso seja um "sim", porque já estou indo trocar de roupa. — Alertou, e desapareceu do meu campo de vista.

Pelos deuses.



Tess

UM POUCO MAIS TARDE, naquele mesmo dia, ouvi Charlie conversar com um homem na sala. Me espreitei para tentar ouvir um *cadinho* sequer, mas me deparei com diálogos em gaélico, e a forma rápida como eles pronunciavam as palavras, nem um dicionário me ajudaria. A verdade é que me mantive atenta a conversa, mesmo sem compreendê-la, porque não queria ter que lidar com meus sentimentos. Charlie bagunçou a minha vida muito mais que um terremoto seria capaz de bagunçar uma cidade.

Por que aquele maldito escocês se atreveu a me dizer que queria me beijar? E, antes de mais nada, por que ele queria me beijar?

Ryld ainda era o meu noivo e nada havia mudado.

Eu estou apenas assustada. Não é todo dia que a rainha manda alguém me sequestrar.

Tudo bem, era simples de entender o que eu estava sentindo. Charlie estava sendo atencioso comigo, me comprou roupas e cozinhou para mim, além de eu estar passando mais tempo ao seu lado do que passei na vida com Ryld.

Eu estava em uma ilha desconhecida, e ele estava tentando reverter seu erro sendo extremamente atencioso. Meus sentimentos não eram nada preocupantes.

— Tudo bem, obrigado, Gael. — Charlie fez questão de levar o homem até a porta e deixou escapar um suspiro frustrado quando se aproximou de mim.

— Aconteceu mais alguma coisa?

Ele esfregou a testa preenchida de preocupação.

— A saúde de Brenda está se agravando a cada segundo.

— Então não vamos perder tempo!

Ele me encarou com intensidade.

— Não quero que vá comigo, Tess!

Eu o teria elogiado por ter pronunciado meu nome no lugar de madame ou senhorita, mas me vi muito mais interessada em brigar pelo meu direito de tomar minhas próprias decisões.

— Algo dentro de mim me diz que eu não me importo com o que você quer! — Retruquei com ironia.

— Isso não é uma brincadeira. Brenda está doente e pode ser contagioso. Não permitirei que você corra o risco de adoecer também.

— Levarei em consideração sua preocupação com o meu bem-estar.

— Levará? — Havia uma fagulha de esperança na sua voz.

— Levarei e descartarei. Eu vou com você, Charlie.

Um intenso aborrecimento tomou conta do seu rosto.

— Eu a amarrarei à cama se for preciso! — Garantiu, em um ranger de dentes.

— Você não seria capaz. Não suportaria partir sabendo que eu poderia estar sentindo dor por ter meus pulsos e pernas presos. O escocês prometeu me proteger, lembra-se?

Ele colocou as mãos nos quadris e estreitou os olhos para mim. Com toda certeza, a essa altura, Charlie estaria se lamentando por ter me sequestrado.

— Por vezes tenho medo dos pensamentos que a madame desperta em mim. — O tom de voz era sombrio, mas não tive medo. — Tenho vontade de esquecer o bom senso e puxar-lhe os cabelos.

— Saiba que também não tenho vontade de lhe fazer cafuné, Charlie.

— Fazer o quê? — O semblante confuso me fez querer rir.

— Cafuné. — Repeti.

— Que raios de palavra é essa?

Por uma fração de segundo eu achei que ele estivesse zombando de mim, e então me lembrei que certa vez li na internet que essa era uma das poucas palavras em português que não tinha uma tradução direta para outros idiomas. A pronunciei em português sem ao menos perceber.

— É o ato de acariciar a cabeça de alguém com leveza. — Expliquei, e tentei simplificar fazendo uma demonstração em minha própria cabeça. Fiquei bastante irritada com o sorriso no rosto dele. — Esqueça isso, você está tentando me enrolar.

— Eu não me atrevera, madame. Estou aqui, dando o melhor de mim para compreender os movimentos das suas mãos nos próprios cabelos. Isso se parece muito com o que os macacos fazem, não?

— Você se esforça para ser tão irritante, Charlie?

— Não, madame. Esse é um dom herdado de família.

Eu estava por um fio de lançar um objeto em sua cabeça quando, pela janela, vi um clarão que não estava ali antes. E o mais maluco naquilo era que a intensa luz parecia estar dentro do mar.

— Que diabo é aquilo? — Meu questionamento o fez se virar para olhar o mesmo que eu. Ele parecia estar tão em dúvida quanto eu estava, mas de repente seu corpo pareceu ter sido tomado por uma forte tensão, e Charlie soltou uma palavra de calão que eu, nos meus dias mais estressantes, não seria capaz de repetir.

Charlie atravessou a porta tão veloz, que me arrepiou como se fosse um taró (*vento frio*).

Corri atrás dele desajeitadamente, surpresa por vê-lo tão furioso. Eu já tinha visto muitos homens exaltados durante minha vida, mas nada me preparou para a cólera que Charlie estava sentindo naquele momento.

Quando me aproximei um pouco mais da ourela do mar, consegui identificar a origem do clarão. Era fogo. Mas o que é que estava pegando fogo?

— Charlie? — Tentei chamar sua atenção.

— Volte para casa, Tess. Aqui pode não ser seguro! — Ordenou, com fúria.

Eu ignorei e me aproximei dele um pouco mais. Eu não estava ignorando apenas sua ordem, como também meus instintos que N vezes me mandaram ficar longe daquele homem bruto. Só Deus sabia o que ele faria comigo caso não fosse capaz de controlar seu estado emocional.

— Era... era o barco? — Perguntei baixinho, temendo que a resposta fosse "sim".

Charlie deixou seus joelhos caírem no chão e gritou a plenos pulmões, feito um animal. Aquele grito de certa forma respondeu a minha pergunta, e foi minha vez de deixar que meus joelhos fossem atraídos pela areia. Eu perdi as contas de quantos "não" soltei ao vento enquanto me acabava em lágrimas.

E agora, como eu irei embora dessa maldita ilha?

— Oh, meu Deus, e Brenda? — Minha preocupação com a criança foi muito mais forte do que o meu próprio constrangimento.

Charlie se levantou e saiu pisando firme e andando muito rápido. Outra vez, corri ao seu encontro.

— O que você vai fazer, Charlie?

— Quem queimou o bote ainda deve estar por aqui. — Disse, sem se virar.

— Acha que foi alguém da vila? — Perguntei a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Não vejo razão para alguém daqui ter feito isso. — Retrucou.

— Alguém que não queria que você levasse Brenda ao hospital. — Palpiti.

Ele me olhou por cima do ombro, como se o meu palpite fizesse sentido, e pareceu apavorado pela teoria estar correta.

— Volte para casa, madame. Não terei como cuidar de você e de mim ao mesmo tempo.

— Nem ferrando! — Me exaltei e não medi palavras. — Se alguém foi estúpido o bastante para incendiar o único meio de transporte dessa mald... dessa ilha, eu quero dar um belo de um tabefe nele.

— Você está querendo testar a minha paciência, Tess, é isso que quer!? — Seus punhos estavam fechados. — Volte para casa agora mesmo!

Eu não o respondi, mas ele deve ter ouvido meus passos ainda o acompanhando, pois ele se virou de súbito e agarrou os meus braços.

— O que eu preciso fazer para que me ouça pelo menos uma vez!?

— Parar de gritar e de me segurar com força é um bom começo! — Rebatu, com as sobrancelhas franzidas de quem não aprovou sua atitude.

— Se eu soltá-la você voltará para casa?

— Não.

Soltou um suspiro transtornado.

— Como o príncipe de Gales pôde pedir uma criatura intolerante feito você em casamento!? — Questionou. Se sua intenção era me magoar, o tiro saiu pela culatra.

— Da mesma forma que o escocês quis me beijar mais cedo!

Charlie certamente não esperava que eu tivesse a resposta na ponta da língua. Ele ficou tão intimidado por eu tê-lo confrontado que acabou deixando os dedos frouxos em meus braços e eu consegui me desvencilhar.

— Você pretende continuar essa conversa ou podemos tornar a andar? — Questionei, sentindo o delicioso sabor doce por tê-lo vencido na discussão.

Ele praguejou em baixo tom e me deu as costas.

O silêncio na vila transformava o som dos pássaros noturnos em algo atemorizante. Já tinha anoitecido e todos se recolheram em seus aposentos, o que deixava claro que mais ninguém havia visto o clarão do incêndio.

Eu não queria culpar injustamente algum morador da vila, mas era muito improvável que alguém viesse de fora para cometer um ato daqueles.

Oh, e se foi Ryld? E se Ryld descobriu que estou em Kerrera com meu suposto amante e queimou o bote para se vingar de nós pela traição?

Reprimi um riso debochado. Por Deus, teria que ser muito infantil para fazer algo assim. O príncipe de Gales tinha poder suficiente para acabar com Kerrera se quisesse. Ele não queimaria apenas um bote para se vingar. Ele queimaria a mim e a Charlie por lhe causar tanta humilhação pública, certamente.

Não, Ryld tinha um coração puro demais para cometer uma atrocidade daquele tamanho, mesmo que estivesse agudamente magoado. *Sua mãe, por outro lado...* Não, não faz sentido. Charlie cumpriu com sua promessa à rainha e está impedindo meu casamento

com Ryld. A não ser que, de alguma forma, ela tenha descoberto os planos de Charlie sobre me levar de volta e confessar os crimes à Ryld.

Mas como? Como ela poderia descobrir?

— Seu rosto está tão expressivo que quase posso decifrar seus pensamentos. — Murmurou Charlie, me estudando com perspicuidade.

— Estou tentando compreender o que está acontecendo.

— Como assim? — Ele seguiu pela estradinha que levava à casa de Brenda, após bisbilhotar as casinhas da vila pela janela e chegar a conclusão de que todos estavam dormindo.

— Por que alguém seria tão tolo a ponto de querer nos prender na ilha?

— Você mesma disse que era alguém que não concordava sobre levarmos Brenda ao hospital. Provavelmente os pais dela descobriram e tentaram impedir.

— Eu sei o que disse, mas algo dentro de mim não crê em minhas próprias suspeitas. Sei que não conheço essas pessoas tanto quanto você, mas me recuso a acreditar que me enganei sobre a pureza de suas almas. — Confessei, sentindo um gosto amargo em minha boca. Charlie aprovou meu comentário e me respondeu com um lindo sorriso de canto.

— Concordo plenamente. Em todo caso, eu preciso me certificar de que estão todos bem e pensar em como levarei Brenda ao hospital.

— Não podemos construir outro barco?

— Não rápido o bastante para salvar a vida da garota. — Charlie olhou para os dois lados antes de correr em direção à casa de Brenda. Ele estava diferente, mesmo tentando parecer que estava com a situação sob controle eu conseguia enxergar a tormenta dentro dele. A verdade era que Charlie estava perdendo tudo pouco a pouco, como uma torneira que despeja água a conta gotas.

Contornei a casa da menina e acabei me deparando com a janela do seu quarto. Brenda continuava deitada da mesma maneira em sua cama, estava sozinha naquele momento. Precisei engolir o choro. Não havia nada mais triste na face da terra do que ver uma criança sentindo dor e não poder fazer absolutamente nada.

Induzida pelo meu estado emotivo, não pude deter minhas mãos e obrigá-las a parar de subir o vidro da janela.

— Que raios acha que está fazendo!? — Questionou Charlie, extremamente atordoado por minha atitude.

Não me preocupei em respondê-lo, o que o deixou ainda mais exasperado.

— Tess!? — Meu nome foi um estribilho em sua boca. — Tess?

Enfiei minha cabeça pela janela agora aberta. Passei uma perna e depois a outra, até acabar sentada no parapeito. A essa altura, Charlie já desvendara minha intenção. Eu iria raptar a criança doente, mas ainda não tinha certeza sobre o que fazer com ela.

Quando ainda residia no Brasil, eu era voluntária em um orfanato, e às vezes, quando as crianças adoeciam e ficavam enfermas na cama, eu lhe contava histórias apenas para distraí-las da dor. Pensei que talvez pudesse fazer algo assim por Brenda.

Pulei dentro do quarto, torcendo para que minha bota não fizesse barulho. Por sorte, o extenso tapete quadriculado silenciou minha queda. Charlie apareceu na janela e, por estar escuro, eu não saberia dizer se ele estava bravo ou surpreso com a minha atitude.

O forte cheiro de urina me fez ter vontade de correr para a janela e respirar, mas me mantive firme após ouvir Brenda ganir de dor.

Me agachei ao lado da sua cama e balbuciei seu nome. A pequena garotinha se virou para mim e tentou dizer algo.

— Você sabe quem sou? — Murmurei, temendo assustá-la com a minha presença, ela balançou a cabeça afirmativamente. — Ficaré tudo bem, viu? Eu e Balder levaremos você daqui.

Brenda estava tão enfraquecida que não conseguiu me responder.

— Agora eu vou enfiar minhas mãos por debaixo do seu corpo para levantá-la, tudo bem? — Fiz o que disse e a ergui em meu colo. Eu não estava nem um pouco preocupada se sua doença podia ser contagiosa, se eu não fizesse algo por aquela criança, eu jamais me perdoaria.

— Você enlouqueceu de vez? Não temos para onde levá-la! — Grunhiu Charlie.

Relanceei meus olhos para ele.

— Ela não pode continuar nesse calabouço de quarto. Está podre e ela está sozinha! — Contestei. — Ou me ajuda a tirá-la ou saia da minha frente!

Era mais fácil atravessar uma porta fechada a passar por ele contra sua vontade.

Se ele tentou me impedir mais alguma vez, eu não ouvi.

— *Diabha!* (Diabo) — Resmungou, antes de me pedir para entregar Brenda para ele. Charlie a pegou nos braços e deu espaço para eu saltar pela janela. — Você — apontou com a cabeça para mim quando eu já estava ao seu lado —, fique bem atrás de mim. Não distancie um palmo, está me entendendo, criatura!?

— Algum dia irá me chamar por meu nome?

— Eu já a chamei pelo nome centenas de vezes. Mas a madame me enlouquece tanto que, por vezes, digo a primeira coisa que me vem à boca.

— Talvez eu devesse ignorá-lo quando me chamar de outra coisa que não Tess. Dessa forma estou certa que...

— Tenha piedade! — Esbravejou. — Discutir sobre a forma que a chamo é mesmo relevante dada as circunstâncias que nos encontramos?

— Não. — Respondi, porém não me contive: — A criatura ficará bem atrás de você!

Charlie rezingou antes de começar a andar de volta para sua casa. Ele tentava proteger Brenda com seu corpo, a acolhia com seus braços sempre que um vento cortante se aproximava.

Eu não queria pensar em outra coisa que não fosse cuidar da criança, mas a todo segundo a imagem do bote pegando fogo me voltava. *Por Deus, como eu voltarei para casa?*

Eu enlouqueceria se precisasse passar mais alguns dias em Kerrera e perto de Charlie. O homem estava se mostrando cada vez mais impaciente e estressado comigo. Quando eu pensava que estávamos começando a nos dar bem, ele encontrava uma forma de mostrar que para ele a minha presença era uma tormenta.

— A coloque na minha cama. — Falei, assim que entramos na casa de Charlie.

— Eu estava presente quando reivindicou minha cama para você? — Ironizou.

— Você devia me agradecer por eu ter tomado posse apenas da cama!

Ele colocou a criança na cama e me respondeu apenas com um balançar de cabeça, deixando claro que nossa discussão estava encerrada. Me aproximei e cobri a garota.

— Quero tanto poder ajudá-la. — Sussurrei, olhando para Brenda, que agora estava de olhos fechados.

— Vamos deixá-la dormir. Venha. — Charlie pousou sua mão em meu ombro, e não a removeu até que eu concordasse em segui-lo para fora do quarto. Ele se dirigiu para a cozinha e apoiou as mãos na pia, soltando um exasperado suspiro. — Eu construirei um novo barco. Atravessarei o mar com você em minhas costas se for preciso para tirá-la daqui.

— Eu sou a menor preocupação no momento, Charlie. — Falei, paciente.

Ele deu um forte soco na pia e eu questionei mentalmente se aquilo havia doído.

— Você é minha segunda maior preocupação no momento. — Retrucou, e me olhou com uma expressão extremamente enfarruscada.

— Eu estou saudável, Charlie. Com o coração partido, porém, saudável. Já Brenda... — respirei fundo. — Quem queimaria o barco? E por que diabos?

— Ah, pelos deuses, tenha certeza de que irei descobrir e farei com que a pessoa se arrependa amargamente. — Não foi apenas sua voz que soou ameaçadora, sua expressão também era preocupante. Charlie estava a ponto de perder a cabeça.

— Você acha que foi uma espécie de aviso para você?

— Como assim?

— Oras, o barco não estava no cais. Ele estava próximo da sua casa. Como se fosse par...

— A dama tem razão. — Bradou uma voz. — Por falar nisso, de quem é essa linda jovem?

Tanto Charlie quanto eu arregalamos os olhos para o homem desconhecido que falava. O loiro, extremamente loiro, parecia ter por volta dos cinquenta e poucos anos e estava acompanhado de outros dois homens.

— Charlie. — O loiro disse com um sotaque suspeito. — Ou agora devo chamá-lo de Balder?

— Você não percorreu tantas léguas para perguntar meu nome, suponho! — Objetou Charlie. Algo na forma que ele respondeu me fez suspeitar de que ele conhecesse aqueles homens, e algo em seu tom de voz me fez ter certeza de que os odiava.

Me mantive calada, temendo que a atenção se voltasse para mim. Não havia dúvida de que aqueles homens eram perigosos.

O loiro riu, balançando a cabeça.

— Admito, você tem o gênio forte de seu pai.

Charlie cerrou os lábios.

— Não ouse falar dele! — Ameaçou. — O que quer em minha casa, Nikolai!?

— Por favor, tivemos uma viagem extraordinariamente longa. Não nos concederia ao menos uma xícara de chá? — Os olhos verdes e mortais de Nikolai se voltaram para mim, eu me encolhi feito um carneirinho diante deles. — Essa é a sua encantadora Nana?

Nana?

— Fique longe dela! — Charlie rugiu. Eu pensava já tê-lo visto irritado, mas nada se comparava com seu temperamento naquele momento. As veias saltavam em seu pescoço e testa.

— Tenha calma. — Zombou Nikolai. — Não viemos pela moça, apesar de ela ser encantadora. — Me lançou um olhar devorador.

Charlie deu um passo e cerrou o punho com mais força.

— Não teste minha paciência, seu russo de merda. Encoste um dedo nessa mulher e eu serei capaz de matá-lo com minhas próprias mãos!

Charlie mataria um homem por mim? E não menos importante: Russo? Por que diabos havia um russo em Kerrera?

Os capangas de Nikolai deram muita credibilidade para a ameaça de Charlie e prontamente sacaram sua arma.

Reprimi um grito de espanto.

— Pelo amor de Deus, abaixem isso! — Falei, feito uma faraute. Eu não estava pronta para ser morta, menos ainda para ver alguém levar um tiro por mim.

— Fique quieta, *boireannach*! — Bravejou Charlie, não aprovando minha intromissão. Nikolai, por outro lado, pareceu ainda mais admirado por mim.

— Ora, ora. Que sotaque adorável ela tem. — Encantou-se. — De onde você é?

Engoli uma dolorosa saliva que até alguns minutos estava presa na minha garganta.

— Ela não irá respondê-lo! — Entreviu Charlie.

— Acho que ela é brasileira, senhor. — Um dos capangas respondeu.

Nikolai não escondeu a satisfação.

— Uma brasileira? — Ele perguntou. Ainda tentava arrancar mais palavras de mim. — O que uma brasileira está fazendo nesse lugar esquecido?

— Estou avisando, Nikolai... — Alertou Charlie.

— Tudo bem. — Nikolai o interrompeu. — Preciso que faça um serviço para mim.

Charlie riu, gozando do pedido.

— Isso é uma piada?

— Piada ou não, você vai aceitar.

— Tente me obrigar. — Charlie cruzou os braços de modo provocador.

Que homem suicida. Não consegue ver que os capangas ainda estão com armas de fogo nas mãos?

— Um passarinho me contou que uma criança foi envenenada. — O russo debochou. Um calafrio subiu por minhas costas. — E eu posso

salvá-la.

Charlie explodiu feito uma bomba, e não mediu as consequências ao agarrar o pescoço de Nikolai com as duas mãos. O russo, por sua vez, manteve a compostura, e fingiu não se importar por ter alguém o estrangulando.

Olhei de soslaio para os capangas, mas provavelmente Nikolai fizera um gesto secreto que dizia para eles não intervirem.

Uma briga de suicidas.

— Está ansioso para morrer, Nikolai? — Perguntou Charlie em um timbre sombrio. — Porque estou pronto para matá-lo como nunca estive antes.

— Você me ameaça desde que aprendeu a falar, seu *Гавно* (merda)!

— *Go n-ithe an cat thu, is go n-ithe an diabhal an cat!* (Que o gato te coma e que o diabo coma o gato!) — Charlie disse entre os dentes cerrados. Eu me roí de curiosidade para entender o significado de todas aquelas palavras depois de perceber que os capangas estavam segurando o riso.

— A criança não tem muito tempo. Tem certeza de que poderá viver sabendo que poderia salvá-la e optou por não fazê-lo?

Charlie empalideceu. As pessoas daquela ilha eram seu Calcanhar de Aquiles, e Nikolai demonstrou saber disso como ninguém.

Charlie soltou o pescoço do russo.

— O que você quer que eu faça, Nikolai!? — Questionou, e não havia dúvida de que o fez com o orgulho ferido.

O maldito Nikolai sorriu, revelando dentes amarelados que eu supusera ser de um fumante.

— Agora que estamos falando a mesma língua, podemos finalmente conversar a sós.

Não. Não. Droga.

— Está bem. Podemos conversar na sala ao lado. — Respondeu Charlie. — Só peço que me dê um minuto com a dama.

Nikolai concordou com relutância. Ele e seus capangas saíram logo depois.

— Pelo amor de Odin, não troque palavras com aquele homem nunca mais. Está me entendendo? — Charlie quebrou uma barreira que eu havia colocado em nossa relação ao segurar meu rosto com delicadeza e olhar no fundo dos meus olhos, enfraquecendo cada osso do meu corpo.

Meu rosto aqueceu sob seu toque.

— Quem é Nikolai? — Consegui perguntar após me desengasgar.

— Alguém que eu quero que você mantenha distância, criatura.

— É uma resposta muito vaga para um pedido desses, Charlie. — Eu insisti.

— Eu explicarei tudo depois. — Garantiu, e para o bem da minha sanidade mental, se afastou. — Não quero que eles descubram que a madame é a noiva do príncipe de Gales. Isso... isso seria uma catástrofe.

Sua resposta esclareceu uma coisa importante para mim. Charlie não estava me defendendo por estar preocupado comigo, e sim porque se os russos descobrissem quem eu era isso poderia colocar em risco seu acordo com a rainha.

— Está bem, Charlie. Eu posso testar o meu russo com outras pessoas. — Zombei, mas não ri.

Ele sorriu, demonstrando estar aliviado com a minha resposta.

— Por um momento achei que eu teria mais dificuldade em convencer a senhorita.

— Você está me pedindo para não trocar palavras com homens armados e perigosos. Por que diabos eu contestaria isso?

— Porque você adora me enlouquecer.

— Esse é um bom argumento, Charlie. — Admiti. — Mas temo que hoje nossos problemas tenham alcançado um nível colossal.

— Não há com o que se preocupar. — Tentou mentir, mas descobri que ele era péssimo nisso. — Eu faço o que eles querem e eles salvam a criança. Isso é a única coisa que realmente importa.

Me engasguei com as palavras. Eu não iria admitir que eu estava preocupada com o que poderia acontecer com ele. Eu preferia dar um tiro

em minha própria cabeça a confessar.

— Certamente. — Consegui murmurar depois de um tempo emudecida.

Charlie parecia saber que eu tinha outras palavras presas na garganta, porque ele não saiu do lugar, e me fitava como se pudesse olhar através da minha pele e de meus ossos.



Escocês

EU PODIA BEIJÁ-LA NAQUELE INSTANTE, acolhê-la em meus braços e sussurrar em seu ouvido o quanto ansiava por ela. O desejo de provar o gosto da sua boca me sufocava dia após dia, como se eu estivesse enterrado a sete palmos do chão.

Senti meu rosto esquentar com um rubor culpado.

Que os deuses me protejam, mas se eu não levá-la para longe de mim o quanto antes, eu não sei do que serei capaz.

— É melhor você se apressar. Os russos me parecem não ter muita paciência. — Ela disse. As bochechas estavam coradas por alguma razão.

— A madame está certa. — Concordei e me afastei. Ignorar as necessidades do meu corpo nunca me pareceu tão difícil.

Os russos estavam na sala como eu havia instruído. Nikolai olhava a paisagem pela porta de vidro, mas se virou para mim assim que eu entrei.

— Você tem uma bela casa. — Ele disse.

— Por que não vamos direto ao ponto?

Ele me deu as costas.

— Preciso que descubra o local de uma instalação militar que faz testes com armas biológicas no Reino Unido.

— Eu não posso fazer isso. Eu trabalho para a rainha e... Acho que já, compreendi. — Apertei meus olhos com força. — Você quer que eu espione.

— Você entende as coisas bem rápido, meu caro. — Ele me olhou com satisfação.

— Por que essa informação seria relevante para você? — Perguntei em um rompante.

— Você sabe, precisamos estar preparados para tudo, e não vejo forma melhor de fazer isso do que estarmos um passo à frente, sempre.

Eu não podia fazer o que ele estava me pedindo. Não podia trair a coroa daquela forma, não depois de servir à realeza por tantos anos.

— Não tenho recursos para esse tipo de trabalho. Se me recordo bem, você queimou meu único meio de transporte.

— Não guardemos mágoas. Eu não podia permitir que você salvasse a vida da criança sendo que eu podia ser o super-herói dela.

O ódio me subiu à cabeça. Foi preciso muito autodomínio para não socar-lhe a cara.

— Se eu aceitar esse trabalho, você salvará a vida dela!? — Perguntei em um ranger de dentes. — E eu quero que a leve hoje mesmo!

— *яcho* (claro). — Disse. — Ou como diria você: *trid-shoilleir*.

Olhei para meus pés e pedi aos deuses que me dessem sabedoria para lidar com aquela conjuntura.

— Está bem. — Me aproximei dele e o ameacei, apontando-lhe o dedo. — Mas que fique bem claro que se acontecer alguma coisa com mais alguém dessa ilha eu irei até o inferno para acabar com a sua raça!

— Nessa sua ameaça patética devemos incluir sua belíssima brasileira!? — Perguntou. — Quero dizer, se levarmos a ameaça ao pé da letra, a mulher não faz parte de Kerrera.

Eu sabia que Nikolai estava me provocando, e que eu não devia entrar no seu jogo, mas quando ele falava em Tess, algo dentro de mim era ativado. Algo assassino e absolutamente cego.

— Ouse se aproximar dela e eu farei com que você conheça minha verdadeira fúria. Tenha certeza, Nikolai, você não sabe do que sou capaz.

— Não me aproximarei da sua Nana se você fizer o que estou mandando.

— Ela não é minha Nana.

— Como não? Eu reparei no belíssimo anel no dedo da moça. Por falar nisso, como alguém como você pôde dar um adorno precioso daquele para ela?

Engoli em seco. Eu não podia revelar a identidade de Tess. Se Nikolai descobrisse, ele a levaria e chantagearia o príncipe. Tess seria

uma mina de ouro para os russos.

— Isso não é da sua conta. — Tentei fugir do assunto.

— Tem razão, não é. Mas gosto de apreciar sua irritação quando falo dela. Aquela dama o tem na palma da mão. — Disse em um tom esnobe.

Me esforcei para não demonstrar minha perplexidade.

— Ordeno que saia da minha casa agora mesmo, e leve seus cães com você! — Me exaltei, sabendo que tinha provocado seus seguranças ao insultá-los. A verdadeira questão era que aqueles homens não me assustavam de forma alguma.

— Está certo. Andrei e Bóris, acomodem a criança no barco. — Nikolai deu a ordem e se empertigou no sofá. Os homens logo se afastaram, me deixando a sós com Nikolai.

— O que você deu para Brenda?

— Isso não importa. O que importa é que eu sou o único capaz de salvá-la. E o farei, pois agora temos um acordo. Não temos?

Assenti.



Tess

EU ESTAVA ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO, inquieta, quando vi os capangas de Nikolai entrarem no meu quarto e pegarem Brenda nos braços.

— O que estão fazendo? Para onde estão a levando!? — Ignorei os avisos de Charlie sobre não dirigir qualquer palavra àqueles homens, eu precisava saber o que pretendiam fazer com a criança doente.

O mais alto e de nariz torto me respondeu:

— Pergunte para seu marido, aquele escocês de merda!

Meu marido?

— Não permitirei que saiam dessa casa até que me digam...

Os dois me interromperam com gargalhadas de zombaria.

— Eu posso tirá-la do meu caminho com um sopro. — Dessa vez foi o de olhos cerúleos e levemente estrábicos que me respondeu

Não sou tão magra assim. Posso muito bem impedi-lo. Uma joelhada bem dada no meio das suas pernas o paralisaria facilmente.

— Se atreva, russo. Vamos, se atreva! — Incitei. Um russo olhou para o outro e o de nariz torto, que estava com Brenda nos braços, incentivou o de olhos azuis a partir para cima de mim.

Ele se aproximou com um semblante devastador. Olhei disfarçadamente seus punhos fechados e um calafrio violento percorreu minha nuca. Levar um soco daquele homem forte certamente doeria muito. Eu não sabia que parte do corpo devia proteger, qual parte ele golpearia.

Talvez eu consiga ser mais rápida que ele. Posso continuar com o plano de dar uma joelhada em seu membro ou uma cabeçada em seu nariz.

No final das contas, cerrei meu punho também e o levei em direção ao seu rosto. Eu nunca tinha dado um soco em alguém. Mirei no olho direito. O desgraçado esquivou com um sorriso belicoso nos lábios e logo

senti um desconforto no estômago e falta de ar. Ele havia me golpeado com força. Eu tentei fingir não sentir nada, mas na verdade, a dor era excruciante e eu paralisei.

— Isso deve ter doído. — Comentou o que estava apenas assistindo.

Gani de dor e não consegui me movimentar.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou Charlie atrás de mim.
— Tess? Tess, você está bem?

Ele tocou meu ombro, querendo que eu olhasse para ele.

— O que vocês fizeram com ela!? — Questionou. Seu tom de voz foi se transformando gradativamente, como se de alguma forma estivesse revivendo os acontecimentos mesmo sem ter estado presente. Charlie me empurrou com delicadeza para que eu desse espaço para ele passar.
— Perguntarei apenas mais uma vez. O que fizeram com ela!?

— Estávamos apenas conversando. — Respondeu o homem que tinha acabado de me agredir impiedosamente.

— Tess, ele a machucou? — Charlie perguntou, com os olhos fixos no russo. — Ele encostou em você?

Eu não iria tentar apaziguar de forma alguma. Iria relatar todo o ocorrido e torcer para Charlie quebrar-lhe os dentes.

— Ele socou meu estômago. Duas vezes! — Menti descaradamente, e forcei um gemido de dor.

— Is-so é mentira... — O russo agressor gaguejou. Um sorrisinho atrevido surgiu nos meus lábios. — Eu mal encostei nela.

— Como ousa contestar uma dama após agredi-la!? — Questionei, dissimulada. Oras, não tinha como Charlie saber que eu estava mentindo.

— Quer saber de uma coisa, Bóris? Não me importo com o que tenha feito de fato. Você não tinha o direito de encostar nela, a regra era clara, e agora irei matá-lo por isso!

A ameaça de Charlie apavorou até mesmo a mim, que estava sob sua proteção. Esmurrou o rosto de Bóris uma, duas, três vezes, com uma força diabólica, até o russo ficar zozinho e cair no chão do quarto. Seu rosto, outrora branco, agora estava coberto de sangue. Pensei que por

Bóris já estar indefeso as agressões terminariam, mas Charlie estava incontrolável e determinado a acabar com o homem.

— Você não me parece muito valente agora, *ruiseanach* de *buachar* (russo de merda)! — Disse Charlie. E chutou sua costela. O homem ganiu.

Eu chamei por Charlie cerca de cinco vezes, temia que Brenda, mesmo que muito sonolenta e enfraquecida, assistisse aquele show de horrores. Havia uma quantidade considerável de sangue espalhado pelo chão do quarto. Já inquieta por não estar sendo ouvida, agarrei o braço de Charlie e o obriguei a me olhar.

— Não tenho dúvida de que ele já entendeu. — Falei, empalidecida e com as mãos frias.

A expressão de Charlie era de dar medo.

— Eu disse que iria matá-lo e irei! — Bradou.

— Você não pode matá-lo. — Disse Nikolai, parado à porta. — Precisamos desse imprestável para levar a menina à cidade. Se quiser matar alguém, mate Andrei que não passa de um inútil.

O capanga ao ouvir o conselho de seu chefe, recuou apressadamente.

— O outro, ele tocou em você!? — Charlie me perguntou com urgência e com a respiração entrecortada.

Neguei rapidamente com a cabeça, eu não queria ser a responsável por alguém morrer naquela noite.

— Leve seus homens daqui antes que eu perca a cabeça de vez! — Charlie rosnou para Nikolai.

Perder a cabeça de vez? Por Deus, achei que isso tudo já tinha sido ele descontrolado.

— Lamento que sua esposa tenha se ferido, espero que isso não... — Meus ouvidos pararam de ouvir qualquer coisa que Nikolai tenha dito depois do "sua esposa".

Como é que é?

Charlie e Nikolai conseguiram chegar a um consenso alguns minutos depois. Bóris se levantou do chão após se recuperar e pretendia sair da casa quando Charlie o segurou pela roupa.

— O tolo não está pensando que eu ou a dama limparemos essa sujeira, certo? — Ele perguntou com sarcasmo. — Te trarei um pano e espero que você consiga fazer um milagre com ele!

Não havia dúvida de que Bóris engolira um insulto. Provavelmente já estava cansado de apanhar, e por isso aceitou a ordem calado.

Quando os russos foram embora deixaram uma tensão esquisita entre Charlie e eu. Eu tinha tantas perguntas para fazer que não sabia nem por onde começar.

— Está dolorida? — Ele rompeu o silêncio.

Balancei a cabeça negativamente. — Um pouco assustada, apenas.

Ele franziu o cenho.

— Brenda estará segura com eles? — Perguntei. Quando ele voltou seu olhar para mim, eu acrescentei: — Como sabe se podemos confiar em Nikolai?

— Nikolai precisa de mim. — Respondeu secamente.

— Como assim? O que ele quer que você faça?

— Acho melhor não saber, madame. — Desconversou.

O fitei.

— Não se atreva a fazer isso comigo, Charlie. — Cruzei os braços. — Já estou envolvida até a cabeça em toda essa... merda. O mínimo que espero de você é sinceridade.

Ele prendeu a respiração e logo a soltou lentamente.

— Está bem. Sente ai. — Continuei em pé e expliquei que me sentia melhor assim. — Eu sou filho de um pai russo e uma mãe escocesa. Meu pai, Mikhail, fazia parte de uma organização mafiosa denominada Máfia Vermelha. Ele trabalhou infiltrado no Reino Unido, envolvido em muitos trabalhos sujos durante anos. Certa vez ele foi designado para uma missão um pouco mais cruenta. Ele precisaria sequestrar o filho da rainha Mary, o príncipe Ryld de Gales.

— Santo Deus!

— É, eu sei. Meu pai aceitou a missão de imediato, porém, ao ter o primeiro contato com a criança, ele abdicou a função. Aquilo era mais do

que ele poderia suportar. Ele acabou relatando tudo para o governo britânico. A rainha Mary, como recompensa por sua "lealdade", o nacionalizou britânico e o deixou sob sua proteção. — Ele respirou fundo. — Mas como toda traição, houve uma consequência. A máfia vermelha tinha outros infiltrados, eles descobriram a deslealdade do meu pai e mandaram matá-lo. Os russos, e agora estou incluindo Nikolai na história, invadiram Kerrera, que era onde morávamos, e esfaquearam meus pais até a morte. Meu pai, em seu último suspiro, para me salvar, me jogou pela janela. Eu tive a sorte de cair em um amontoado de cevada que minha mãe tinha coletado no dia anterior. Mas antes de eu ser arremessado pela janela, Nikolai lançou com precisão uma faca em minhas costas.

— A cicatriz. — Murmurei, em estado de choque.

Charlie confirmou com a cabeça.

— Eu era muito pequeno, as chances de eu ter sobrevivido a uma facada e toda perda de sangue eram mínimas. Fiquei na cevada por um dia inteiro, até a mãe de Logan seguir meu choro e me encontrar ainda com a faca cravada em minhas costas. — Ele tocou seu próprio ombro. — Uma velha nórdica do leste da Dinamarca que há pouco havia se mudado para Kerrera. Ela nos contava diversas histórias mitológicas quando éramos crianças, e em uma dessas conversas surgiu a história de Balder. Na mitologia nórdica, Balder é o Deus da justiça e da sabedoria, e um dos mais amados por Odin. Há uma história sobre Balder não poder ser morto após um pedido de Frigga, uma deusa. De acordo com a história, após o pedido dessa deusa, nada do que lançassem em Balder o prejudicaria. Após o acontecido comigo, todos começaram a ver semelhança na minha história com a de Balder e foi assim que me apelidaram.

— Então, eles acham que você não morreu porque os deuses te protegeram?

— Algo assim.

— E Nana é...?

Seu rosto ficou avermelhado quase que imediatamente com a minha pergunta.

— Na mitologia, Nana é a esposa de Balder. Nikolai viu a aliança em seu dedo, eles acreditam que você seja minha esposa.

— E VOCÊ NÃO DESMENTIU POR QUE DIABOS? — Vociferei.

— Você não prestou atenção em nada do que falei, criatura!? — Irritou-se. — A máfia russa ainda tenta atingir o Reino Unido de alguma forma, se Nikolai ousar suspeitar que você é a noiva do príncipe de Gales...

— Certo, já entendi. — O interrompi, sentindo um gosto extremamente amargo na língua.

Por que inferno as coisas estavam se complicando tanto?

— Perdoe-me a incivilidade. Não estou conseguindo lidar com a ideia de trabalhar para o homem que assassinou minha família!

— Ele quer que você traia a coroa?

— Ele quer ferrar comigo, é isso que quer! — Andou de um lado para o outro na sala, até encostar a testa em uma parede e socá-la com o mesmo punho que esmurrou Bóris mais cedo.

— Você não pode fazer isso. — Encurtei a distância que nos separava. — Eu odeio com todo meu coração o que a rainha Mary fez comigo, mas está claro para mim que mesmo ela querendo tomar Kerrera de vocês, você ainda sente uma espécie de gratidão pelo que ela fez por seu pai.

— Não posso negar o pedido de Nikolai. Ele tem um dos meus em suas mãos. — Respondeu, se referindo à Brenda.

— O que ele quer que você faça? — Insisti na pergunta. Eu precisava saber dos detalhes.

Charlie e seus olhos negros se viraram para mim.

— Quer que eu descubra o local de uma instalação militar que faz testes com armas biológicas.

Ergui a sobrancelha, atordoada.

— O que esse demônio pretende com isso!?

Minha ofensa acarretou em um sorriso sincero nos lábios de Charlie.

— Não tem importância. Eu preciso fazer o que ele quer ou uma criança de cinco anos pagará o preço pelo meu orgulho estúpido.

— E-eu posso fazer isso. — Balbuciei.

O que é que estou dizendo?

Ele fez cara de espanto.

— Como é? O que está dizendo!? — Perguntou, praticamente lendo meus pensamentos.

— Ainda sou a noiva de Ryld e odeio a rainha Mary. Será simples para mim trair aquela víbora.

— A víbora que a madame menciona, é a mãe do homem que está noiva.

Pigarreei.

— Certamente. Mas não vejo outra forma de nos livrarmos desse empecilho.

— Não trate isso como um problema nosso. — Me corrigiu. — Quando Nikolai me enviar um novo barco, eu a levarei de volta para seu noivo. Tudo que preciso é mantê-la longe de problemas até lá... *o que, a cada dia, tem se mostrado ser uma incumbência laboriosa.*

— Não estou me envolvendo nisso por você, Charlie. — Retruquei de forma insensível. — Apenas quero garantir que Brenda ficará bem.

— Fico lisonjeado pela oferta, mas estou certo de que irei recusá-la.

— A oferta não é recusável! — Falei. — Seus dedos estão doloridos?

— Como? — Franziu o cenho.

— Você não para de abrir e fechar a mão. — Atentei. — Nunca soquei alguém, mas suspeito que isso deva doer.

Ele olhou para seus dedos avermelhados.

— Para ser honesto, minha fúria me impediu de sentir qualquer coisa. Eu o mataria sem hesitação, se a senhorita não tivesse me impedido. — Admitiu.

— Eu pude ver. Fiquei com um receio danado. Não teve medo de Nikolai querer intervir com uma arma?

Seu rosto se tornou reflexivo. Como se tivesse uma dúzia de respostas na ponta da língua, mas estava escolhendo a que mais se adequava.

— Haviam três homens no quarto e uma única mulher, entre todos eles, ela era a única que me deixava eriçado dos pés à cabeça.

— Eu? Como diabos alguém como eu é capaz de amedrontar um homem feito você?

— Estou tentando compreender até agora, *boireannach*... Tentando até agora...



Tess

A GRITARIA DE KERRERA ME arrancou da cama pouco depois de eu ter resolvido deitar para tentar dormir. Por Deus, parecia que os Nazistas tinham chegado. A casa de Charlie foi invadida quase que a pontapés. Maisie certa vez me disse que ela não gostava da cidade por ser muito sangrenta e alvoroçada, contudo, a ilha não estava muito diferente naquele momento. A todo instante, alguém atravessava a porta com uma nova tragédia para relatar.

Mas dessa vez eu sabia do que se tratava, estavam assustados devido o sumiço da criança enferma. Charlie tentou tranquilizar a mãe desesperada, serviu-lhe uma xícara de chá e pediu para que se sentasse na cadeira enquanto ele explicava com detalhe o que havia acontecido noite passada. Confesso que fiquei admirada com seu jeito manso de falar e sua habilidade em acalmar todos. O homem até que não era tão terrível assim.

Ele a sequestrou. Ele a sequestrou, bobinha.

— Você não teve medo? — Cochichou Maisie, ao meu lado. A encarei de forma indagativa. — Sempre ouvi dizer que os russos são maldosos.

— Honestamente? Morri de pavor. — Admiti.

— Balder te contou o que os russos fizeram com os pais dele? — Confirmei com a cabeça. — Eu morro de pena dele. Suas costas são como um escudo que ele usa para proteger todos de Kerrera. Não quero que ele faça o que Nikolai está pedindo.

— Se ele recusar Brenda pode morrer. — Falei baixinho para que a mãe de Brenda não escutasse.

— Eu sei. Mas se ele morrer... eu morro junto.

Engasguei com o ar.

— Você o ama, não é? — Era uma pergunta retórica. A resposta estava clara em seus lindíssimos olhos. — Já contou para ele?

— A senhorita está maluca? — Ela pareceu apavorada com a ideia.
— Balder me vê como uma irmã mais nova.

— E você prefere viver com a dúvida a tentar?

Deu de ombros.

— A senhorita deixou o homem com quem irá se casar por um bem maior. Eu também posso fazer isso.

— Eu não o deixei.

— Você quer voltar? Está desistindo de nós? — Me surpreendi ao ver que seus olhos começavam a ficar levemente marejados.

Como essas pessoas podiam acreditar veementemente que eu seria capaz de não me casar com um príncipe para salvar seus lares? Quanta inocência havia em seus corações?

— Eu estou do lado de vocês. — Confessei. — Mesmo que eu volte para meu noivo, eu não permitirei que a rainha tire Kerrera de vocês.

— Mas Balder foi muito claro quando nos disse que a rainha só abriria mão de Kerrera se você renunciasse o casamento.

— Sim, eu sei. Mas darei um jeito nisso. — Afirmei, dando nossa conversa por encerrada.

Santo Deus, como eu pude prometer uma coisa dessas? A rainha nunca me daria ouvidos. Eu teria que levar Ryld para Kerrera e fazê-lo se impressionar com as pessoas da mesma forma que eu me impressionei. Fazê-lo entender as razões de Charlie ter me... sequestrado.

Não sabia ao certo quanto tempo fiquei perdida com meus pensamentos, mas quando sai do torpor, reparei que já não havia ninguém na casa, exceto Charlie e eu.

— Está pensativa. — Reparou. Seus olhos estavam cravados em mim.

— Gostaria que fosse sincero comigo, Charlie.

— Sempre sou, madame.

— Sabemos que não. Mas dessa vez preciso que seja. — Pedi, e como ele não me interrompeu, dei continuidade. — Foi você quem desapareceu com a esposa de Antony?

— Qual seu interesse nesse assunto agora? — Retrucou.

— Apenas me responda, Charlie!

— É a senhorita quem deve me responder. Quando eu a sequestrei, eu pareci experiente na missão para você? — Impugnou. — Minhas mãos tremiam feito mãos de um covarde!

— Suspeitei. Mas você sabe o que aconteceu com a esposa desaparecida, estou certa? — Ele desviou o olhar. — A resposta é simples, Charlie.

— Se engana. A resposta não é simples. Eu jurei lealdade à coroa, não posso sair por ai contando tudo o que sei.

— Você precisa decidir o que é mais importante para você — esbravejei. — Kerrera ou a droga de uma velha com uma coroa na cabeça!?

Ele esboçou surpresa diante minha reação.

— Você não é apenas uma plebeia. É uma plebeia exaltada — zombou.

— Estou apenas te ajudando a somar dois mais dois, já que não é capaz de fazê-lo sozinho.

Ele olhou de forma reflexiva para o copo de água que agora estava em sua mão.

— Tudo o que sei é que a rainha Mary tentou subornar a esposa para que ela desistisse do casamento. A mulher aparentemente não aceitou, então Mary pagou para desaparecerem com ela.

Prendi a respiração.

— Ela foi assassinada?

— Não sei o que fizeram. — Ele bebeu a água, sem desprender os olhos dos meus. — O que pretende com essa informação?

— Ameaçar a rainha. — Alertei.

— Está desajuizada, *boireannach*? — Perguntou, pasmado. — Ameaçar a rainha a troco de quê?

— Não poderei viver sabendo que todas essas pessoas perderam suas casas.

Me olhou com ternura.

— Eu a envolvi nisso, madame, mas a vida dessas pessoas não é responsabilidade sua.

— Está coberto de razão. Mas agora que estou envolvida dos pés à cabeça por culpa sua, não posso simplesmente virar as costas. Há muitos inocentes aqui, e depois do que me contou sobre a crença deles, não sou capaz de imaginá-los vivendo na cidade grande.

— Sua atitude é muito nobre, não nego. Contudo, como pretende ameaçar a rainha sem qualquer prova?

— Isso não passa de um mero detalhe, Charlie. A majestade odeia rumores, e muito já se especulava sobre o desaparecimento da esposa de Antony. Ela entraria em colapso se eu ameaçasse ir a público com essa teoria.

Ele balançou a cabeça negativamente amiúde.

— Esqueça essa maluquice, *boireannach*. Essa é uma das piores ideias que ouvi nos últimos tempos.

Suspirei com revolta.

— Você não costuma ser muito grato com as pessoas, não é mesmo, Charlie?

— Isso não se trata de não reconhecer sua atitude. Isso se trata de protegê-la. Ouse ameaçar a rainha e ela a massacrará. E esse não é o único ponto, como seu noivo se sentirá ao saber que você cogita destruir a mãe dele? — Exasperou.

— Ryld não defenderá sua mãe após saber o que ela fez comigo e com a outra plebeia.

Ele respirou fundo e largou o copo na mesa, soltando uma palavra estranha em gaélico. Provavelmente era um palavrão.

— Eu resolverei isso sozinho. Depois de fazer o que os russos querem, eu me preocuparei com esse outro problema.

— Claro. Você é o Balder, você é um deus. Pode cuidar de tudo sozinho! — Ironizei.

Charlie trincou os dentes com irritação.

— Por que você tem que ser tão difícil? — Questionou, e atacou em seguida: — Criatura insuportável!

— Não ouse colocar a culpa em mim. Não fui eu quem envenenei Brenda, não sou eu quem estou ameaçando transformar seu lar em uma droga de hotel.

— Não a estou culpando por isso — continuou, irado, e me olhando de forma superficial. — É só que... Esqueça. Saia daqui. Me deixe sozinho.

— Como é?

— Eu preciso pensar e, curiosamente, não sou capaz de fazer isso quando estou perto de você.

— Que bobagem. — Recusei seu pedido e me aproximei.

— Tudo bem. Então fique. Eu saio. — Disse e pegou seu casaco quente que estava no mancebo.

Não entendia a razão de Charlie estar tentando me afastar. Eu podia ser útil para ele. Era uma mulher inteligente, e não apenas isso, eu poderia facilmente conseguir o que os russos queriam sem que ele precisasse se colocar em risco. Tudo bem, a ideia que tive de ameaçar a rainha Mary foi extremamente idiota, mas se pensássemos juntos, conseguiríamos encontrar uma saída menos desastrosa para manter todos em Kerrera.

— O que pensa que está fazendo!? — Ele perguntou ao me ver colocar o casaco também.

— Eu irei te ajudar, Charlie. Independente do que diga.

— Eu irei andar. Até onde sei, não preciso de ajuda para isso. — Entrou na defensiva. — A cada segundo me vejo mais desesperado para me livrar de você. Como Ryld consegue ficar ao seu lado sem desejar esganar-te?

— Por que precisa ser tão grosseiro? — Me esforcei para não deixar a mágoa transparecer em minhas palavras ou em gotas no canto dos meus olhos.

— Por que a boa conduta já demonstrou não mantê-la afastada. — Explicou, e eu preferia que tivesse parado por aí, mas ele prosseguiu. — E eu preciso desesperadamente ficar longe de você.

— Então por que está fazendo o exato oposto? — Perguntei. A sua aproximação repentina fez com que minha frase soasse no mais baixo sussurrar.

— Já não sei o que estou fazendo, Tess. O meu desejo desafia a força de todos os deuses.

Me faltou o ar.

— E o que deseja?

Sua mão foi em meu queixo, e ele o ergueu para que nossos olhos se encontrassem. Os fechei desesperadamente. Não podia encará-lo. Como manteria o juízo mergulhando em uma órbita tão escura e fascinante?

— Primeiro, que olhe para mim — pediu, também em um sussurro. — Por favor, *boireannach*, olhe para mim e diga que não estou ficando louco? Diga que seu coração também está extremamente confuso.

Continue de olhos fechados. Não se atreva a abri-los.

— Olhe para mim — insistiu, tentando contrariar a ordem que eu estava dando para o meu cérebro.

— Não posso... — Diga algo melhor. — Estou zozza, Charlie. Acho que... acho que preciso me sentar.

— O que está sentindo? — Perguntou. Não sabia se ele tinha acreditado em minha desculpa para não abrir os olhos, mas aparentou ter ficado realmente preocupado com a minha saúde.

— Deve ser apenas o cansaço — falei, recuando. Quando já estava em uma distância consideravelmente segura, eu o olhei. Os ombros largos, os braços fortes, o maxilar rígido e a forma perspicaz como me encarava...

— Está bem. Acho melhor a senhorita tentar descansar — sugeri.

— Certamente... e você... hã, vá fazer o passeio que havia mencionado. — Falei, forçando uma gesticulação gaiata.

Charlie seguiu em direção à porta com determinação. Eu realmente acreditei que ele iria sair, mas tudo o que fez foi segurar na maçaneta e largá-la, como se tivesse tomado um baita choque.

— Que os deuses me perdoem, mas eu preciso beijá-la!



Escocês

SEUS LÁBIOS ERAM MACIOS, o gosto doce, a pele quente como a aurora. Eu não queria beijá-la com tanta ferocidade, mas sentia que morreria se não o fizesse.

Quando anunciei o que iria fazer, achei que Tess fugiria. Ou tentaria me impedir, e, raios, eu queria que me impedisse. Mas tudo o que fez foi ficar parada, com os cabelos soltos, que se espalhavam e cobriam as protuberâncias de suas curvas.

Ela retribui meu beijo com a timidez e a incerteza de uma donzela. Não era como se não quisesse me beijar, era como se estivesse se esforçando arduamente para não ceder ao desejo mútuo. Como se correntes a prendessem...

— Santo Deus! — Ela me empurrou e perguntou, claramente ultrajada: — O que você pensa que está fazendo!?

— Eu a beijei, e lamento profundamente.

— Eu estou noiva! — Ela ergueu a mão que possuía a aliança e me obrigou encarar a pedra brilhante. — Consegue enxergar o anel?

— Impossível não vê-lo. Ele brilha mais que as estrelas no céu. — Admiti.

— Isso não é engraçado, Charlie. Ouse me atacar novamente e eu deixarei a marca desse anel em seu rosto! — Ela ameaçou. Nunca a tinha visto tão aborrecida.

— Tem todo direito de estar irritada...

— Claro que tenho. Não preciso que diga isso. — Me interrompeu.

— Como eu estava dizendo, você tem todo direito de estar irritada, perdoe-me. — Não queria ter me desculpado, uma grande parte de mim havia adorado o beijo e queria repeti-lo pela eternidade.

Raios. Pela eternidade? A eternidade de repente me pareceu um tempo curto demais para passar com aquela criatura.

— Sua desculpa conseguiu ser pior que seu beijo! — Ela falou, empinando o nariz, deixando claro que não estava de fato aborrecida. Queria demonstrar superioridade, mas eu reparei em suas pernas tremelicosas.

Ela havia gostado do beijo, e foi por essa razão que eu sorri. Mas o que isso significava? Absolutamente nada. Tess estava noiva e eu tinha uma missão para cumprir, uma ilha para cuidar. Não podia me envolver de forma alguma com qualquer mulher.

— Lamento, é que seus dentes estavam colidindo com os meus. — Menti, apenas para provocá-la e ver suas bochechas ficarem rosadas. *E ali estava... toda vermelha de vergonha.*

— Isso está longe de ser verdade. Meus dentes não chegaram nem perto dos seus. — Lançou um olhar fuzilante.

Me senti na necessidade de irritá-la apenas mais um pouco.

— Como não? Quer que eu mostre como você estava fazendo? — Ergui minha mão e fingi que iria tocá-la.

— Não se atreva! — Ela segurou meu braço com força.

— Estou apenas brincando com você.

— Você está me vendo sorrir? — Sibilou.

— Não, mas adoraria. Você fica ainda mais magnífica. — Eu disse, caindo em minha própria armadilha.

— Charlie, por acaso está tentando me seduzir?

Senti o rosto esquentar.

— Está funcionando, Tess?

— Certamente que não. Mas não se ofenda, essa é apenas uma das milhares de coisas em que você é péssimo. — Declarou, com uma tentativa fracassada de sorriso.

— Essa é sua forma de tentar não me ofender?

Ela endireitou os ombros. Os olhos estavam estreitos.

— Gostaria que saísse. Por favor, se retire.

— Da minha casa?! A madame está me expulsando de minha própria casa? — Questionei, com a voz esganiçada.

— É exatamente o que estou fazendo. Se o senhor não é capaz de controlar sua... libido — manteve a cabeça baixa para que eu não notasse seu rubor —, então não vejo outra alternativa que não nos mantermos afastados até que os russos mandem outro barco.

Senti-me ofendido com seu comentário. A criatura fez com que eu parecesse um descontrolado.

— Ah, tenha bondade, *Beathach!* (Criatura). Nossos lábios se encostaram por um milésimo de segundo. Um beijo que não irá se repetir mesmo que minha vida dependa disso.

— Receio não poder acreditar.

Praguejei. Aquela diaba me desajuizava. Gostaria de poder chacoalhá-la pelos ombros. Não... Gostaria de poder jogá-la pela janela.

Saí pisando firme em direção à porta.



Tess

PARA QUAL SANTO EU DEVERIA REZAR? Quantos gramas de milho devia jogar pelo chão para me ajoelhar e pagar por meu pecado?

Santo Deus. O que havia naqueles lábios? Eu nunca me vi tão enfeitiçada por um beijo. Minha barriga se transformou em um revoar de borboletas. Minhas pernas viraram pudim.

Por que não o impedi? Eu simplesmente congelei e deixei que me envolvesse em seus braços firmes como se eu desejasse aquilo. E eu não desejava. *Cristo*. Não. Charlie era um homem perigoso.

Ele era metade russo, metade escocês, e metade filho de uma...!

Passamos o resto da tarde nos evitando. O que era uma idiotice. Dois adultos não deviam agir de forma tão infantil. Mas, para o bem da minha sanidade, eu preferi manter essa distância segura.

Deitada na cama do meu quarto, eu podia ouvir Charlie no andar de cima andando de um lado para o outro em estado de agonia. Uma das palavras em gaélico que ele pronunciou, era algo parecido com "*ifrinn*" (inferno), o que eu não tinha a menor ideia do que significava. Mas devido seu humor, provavelmente era um xingamento. Ele estava irritado, o que não era nenhuma surpresa. O homem só vivia de cara fechada.

Eu que não iriei subir até lá para descobrir o que há de errado.

Ele disparou mais uma palavra em gaélico: "*beathach*" (criatura). Ah, com toda certeza Charlie estava enfurecido com alguém.

Como eu daria tudo para ter um dicionário gaélico para compreender um terço do que dizia o homem.

Depois de Charlie ter descontado sua fúria pelos cantos do quarto, ele resolveu descer as escadas. Me senti invisível quando passou por mim sem dirigir qualquer palavra. Ele não me olhou, mas sabia, sem sombra de dúvida, que eu estava no quarto. A verdade é que o maldito escocês fez questão de me ignorar como se eu fosse uma peste.

Desnecessário. Extremamente, desnecessário.

Calcei minhas botas - que já estavam bastante cansadas de mim - coloquei o chapéu na cabeça para proteger os ouvidos do vento e me preparei para sair daquela casa terrivelmente silenciosa.

— Vai sair? — Perguntou, vindo da cozinha com uma colher de pau na mão direita.

— Está falando comigo? — Encenei uma cara surpresa.

— E com quem mais estaria? — Comprimi os lábios.

— Achei que estivéssemos fingindo que o outro não existe. — Retruquei, com a voz aguda. — Pelo menos foi o que você fez a tarde inteira.

— Achei que fosse o que você quisesse. — Devolveu.

— Não. Eu disse para nos mantermos afastados — gesticulei com a mão —, não para não trocarmos palavras. Você sabe que eu gosto de falar. Sabe que o silêncio me tortura.

Tentei sorrir, mas só consegui esticar os lábios.

— Obrigado pelo esclarecimento, Srta. Araújo. — Disse de forma seca.

— O senhor pode me chamar pelo primeiro nome, Charlie. — Falei lentamente.

— A madame já me alertou sobre isso. — Comentou com um sorrisinho lascivo, e depois acenou com a cabeça em direção à cozinha. — Junte-se à mim e me conte sobre o mistério por detrás do seu nome. Se não me falha a memória, a senhorita havia me prometido.

Concordei com a cabeça, em um esforço de não fitá-lo.

— Não há um mistério — o acompanhei enquanto falava. — Tess era o nome de um bar grego em São Paulo que meus pais frequentavam quando se conheceram. Minha mãe gostou do nome e meu pai detestou, então eles resolveram tirar a sorte no cara ou coroa para decidir sobre o nome da primeira filha. Oras, não preciso dizer quem ganhou.

— Cara ou coroa?

— É. Aquela brincadeira de jogar uma moeda para cima para saber se vai cair cara ou coroa. Uma pessoa escolhe um lado da moeda e a

outra pessoa fica com o outro lado. Vence quem escolheu a face da moeda que ficou voltada para cima após ser lançada no ar.

— Certo. Acho que já ouvi falar.

— Eu disse que não era interessante.

Ergueu as sobrancelhas antes de ficar de costas para mim.

— Eu não disse isso. É um nome um tanto peculiar.

— Pode usar uma palavra mais esdrúxula, eu não me importo. — Comentei, com uma risada sem fôlego.

— Por que o faria? Eu aprecio seu nome. — Garantiu, me olhando por cima do ombro. Meu rosto se enrijecera ligeiramente. De que me importava se ele gostava do meu nome? Não era para eu estar sentindo essas coisas estranhas dentro de mim.

Que disparate!

Estiquei o pescoço para tentar olhar o que tinha dentro da panela que ele estava mexendo.

— O que está preparando? — Me apressei para mudar de assunto.

— Peixe. Gosta de peixe?

— Quem não gosta de peixe?

— Foi o que pensei. — Abriu para mim seu sorriso mais encantador. — Acho que já pode tirar o chapéu da cabeça... A não ser que ainda planeje fugir.

Deixei escapar um muxoxo.

— Não ia fugir. Só ia dar uma volta. — Falei.

— Foi o que disse a seu pai quando decidiu sair do Brasil? — Perguntou, tentando parecer desinteressado.

Dei um tapinha atrevido em seu ombro, o pegando de surpresa.

— Bem, as coisas não estavam fáceis para mim no Brasil.

— E agora estão? — Questionou com gentileza.

— Estavam, até um escocês entrar em meu caminho. — Tentei introduzir humor na conversa, mas o tiro saiu pela culatra, e acabei subitamente constrangida. Por sorte ele não estava olhando para mim e

acabou não percebendo. — Eu tinha acabado de perder uma das crianças que eu cuidava no orfanato que era voluntária. Ela morreu de meningite.

Ele deixou de dar atenção para o peixe e se virou para mim.

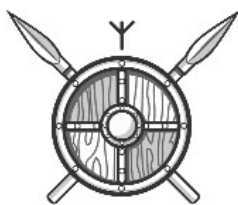
— Eu sinto muito. — Disse com compaixão. — É por essa razão que ficou tão angustiada ao ver Brenda doente?

Assenti.

— Lhe asseguro que ela ficará bem. — Acrescentou, tentando me reconfortar. Não encontrei mais nada para falar. Meu coração diminuiu ao lembrar de Carolina. A menina de lindos cabelos cacheados que sempre me recebia com um sorriso largo nos lábios carnudos. Quando ela se foi, senti que algo dentro de mim se foi também. Foram meses penosos após sua morte. Se eu não tivesse conseguido o emprego no R&R — agência publicitária no Reino Unido —, só deus sabe o que teria acontecido comigo.

— Queria estar tão segura quanto você em relação a isso. — Comentei baixinho.

Ele pareceu não ter encontrado uma resposta boa o bastante. Então me deu as costas novamente e tornou a prestar atenção no peixe que preparava.



— Mas que diabos aconteceu com você? — Perguntei pasmada. O rosto de Charlie estava tão sujo que não me surpreenderia se ele dissesse que estava rolando na terra feito um cão. Dois escoceses entraram logo atrás dele. Estavam igualmente sujos. Os cabelos ruivos pingando suor.

— Estávamos cortando árvores. — Explicou Charlie. Eu nunca o vira tão exausto.

— Acho que aconteceu o exato oposto. As árvores estavam cortando vocês. — Meu tom de voz sério os fez rir. — Talvez seja um pouco

estúpido o que irei perguntar, mas por que estavam cortando árvores?

— Para construirmos outro barco. — Disse Charlie. Os dois escoceses foram para a cozinha, provavelmente para beber água.

— Achei que Nikolai fosse mandar outro barco. — Falei confusa, e dirigi um olhar bastante indiscreto para a camiseta branca grudada em seu corpo.

Charlie estreitou os olhos, deixando clara a mudança de humor.

— Não posso ficar esperando por ele, preciso ter um segundo plano. — Declarou. — Mafiosos não são confiáveis.

— Você tem toda razão. O que posso fazer para ajudar? — Perguntei e acrescentei com seriedade: — Se disser que não devo fazer nada, farei questão de dar um tabefe em você!

Ele ergueu as mãos, deixando claro que havia se rendido.

— Maisie e as outras mulheres estão descascando os troncos que trouxemos para a seiva secar completamente. Tenho certeza de que elas não dispensariam mais duas mãos.

— Certo.

— Aonde está indo? — Ele perguntou, antes que eu pudesse sair da casa.

— Oras, descascar árvores. Não foi o que me pediu para fazer?

Ele me olhou dos pés à cabeça, avaliando-me.

— Vestida assim?

— Qual o problema? — Olhei para meu blazer *oversized* e toquei no chapéu que eu não tirava mais da cabeça.

Charlie riu, achando graça. Me senti uma boba.

Com um gesto suave, retirou o chapéu da minha cabeça, bagunçando a trança que eu havia levado minutos para fazer.

— E depois não quer que eu a chame de madame. — Zombou. — Te emprestarei uma camiseta velha e botas de plástico.

— Eu cavarei um buraco na terra ou descascarei troncos!? — Questionei, erguendo as sobrancelhas.

— Você já fez isso antes, criatura?

— Não, mas...

— Então permita-me. — Ele me estendeu sua mão avermelhada e com calos. Pensei seriamente em não tocá-lo, mas não podia permitir de forma alguma que Charlie soubesse que sua pele quente me causava calafrios na barriga, que a eletricidade que eu sentia quando o tocava estava confundindo minha cabeça.

O que eu podia fazer, senão aceitar seu gesto nobre e acompanhá-lo até seu quarto?

— Tenho uma camiseta que servirá em você. — Ele falou, assim que chegamos no quarto. Eu sequer sabia como subi até lá, estava atordoada demais para compreender o simples gesto das minhas pernas.

— Cer-to... certo! — Gaguejei.

Por que diabos estou com uma bola presa na garganta? Por que sinto que estou sendo engolida pelo céu e queimada pelo sol?

— ...Tess? — Charlie chamou. — Tess?

— Oi? Me chamou?

— Pelo menos quatro vezes.

— Perdoe-me, não me acostumei com você acertando meu nome. — Tentei disfarçar e levei as mãos ao rosto para esconder as maçãs ruborizadas.

— Ah, *boireannach*, eu sempre soube seu nome. Apenas a chamava de outra coisa para provocá-la.

— Oras, escocês, nunca me ocorreu o contrário. — O fitei de baixo para cima.

— Por que não vamos ao que realmente importa. — Estendeu-me uma peça de roupa cinza. — É uma camiseta velha, mas servirá para o propósito.

— Morrerei congelada. — Comentei, quando já estava com a malha em minhas mãos.

Ele deixou escapar uma risadinha provocante.

— Posso lhe garantir que não haverá tempo para se importar com isso. Quando estiver trabalhando, sentirá vontade de arrancar cada peça de roupa.

Engasguei com a saliva e ruborizei ao extremo.

— Suas maçãs avermelham-se com uma velocidade que me causam um terrível interesse. — Ele acrescentou, me fazendo ter vontade de fugir para as colinas. — Lamento se a constrangi.

— Não estou constrangida. Isso é culpa do ar gélido. — Tentei me defender. — Eu tenho a pele sensível.

Ele concordou com a cabeça, fingindo ter engolido minha mentira.

— Não tenho dúvida, madame. A maciez de seus lábios deixou isso bastante claro.

— Tenha bondade, Charlie. O senhor tem um trabalho a terminar, não deveria perder tempo me cortejando.

Ele estendeu o chapéu que ainda estava em sua mão para que eu o pegasse.

— Nunca estive tão certa.

Estiquei a mão para pegar o chapéu, mas Charlie o segurou com força. O encarei com severidade.

— Santo Deus. Está tentando me tirar do sério?

— Não estou fazendo isso. — Ele disse, reprimindo um sorriso feito um garoto tolo. Ele abriu a boca, voltou a fechar, então abriu-a de novo e disse: — Deixe o chapéu para depois. Vá provar a camiseta.



Escocês

— **NÃO** PODEMOS PERDER TEMPO. Cada minuto é precioso. — Disse, assim que entrei na sala.

— Precisamos descansar um pouco, Balder. Estamos trabalhando desde o nascer do sol. — Reclamou Gael, com um copo vazio na mão. Estava sentado no sofá ao lado de Jailson.

— Não podemos. Esse barco precisa ficar pronto o mais rápido possível. — Alertei, me segurando para não arrancar os dois preguiçosos do sofá.

— Por que? — Questionou Jailson. — Foi você mesmo quem disse que os russos mandariam outro barco e que eles não fariam maldade com a menina Brenda.

— Eu não preciso que me lembre de minhas palavras. — Retruquei, mas os homens esperavam que eu me explicasse. Bufei com impaciência. — Preciso levar aquela *boireannach* de volta o quanto antes.

— Como assim? E seu acordo com a majestade? — Inquiriu Gael. Eu havia contado para os dois a verdadeira história sobre a ida de Tess à Kerrera. Eram os únicos que sabiam que eu a sequestrara para nos proteger.

— Eu encontrarei outra solução para esse problema. — Garanti, colocando as mãos nos quadris. — Mas... eu não posso suportar mais nem um minuto com essa criatura!

— Iiih. O grande Balder não é capaz de conter uma raposinha? — Jailson deixou seus dentes quebrados a mostra em um sorriso zombeteiro.

— Quer que eu termine de arrancar seus dentes, seu galucho de bosta!? — Ameacei com frieza, fazendo o homem pançudo afundar no sofá.

— Se quiser, eu posso dar um jeito nela. — Se ofereceu Gael, em tom de brincadeira, mas me fez ranger os dentes.

— Se atreva! — Rosnei feito um tigre raivoso. — Se algum de vocês ousar tocar naquela *boireannach* farei com que cheguem em Marte com um pontapé na bunda.

— Ei, calma aí, grandão. Estava tentando ajudar. — Disse Gael, pasmado com minha reação.

Respirei fundo para me conter. Por que eu estava tão furioso, afinal?

Aquela criatura de corpo de sereia e voz melodiosa era um grande problema para mim. Eu devia estar garantindo que ela não me entregasse para sua alteza real quando voltasse para seus braços, não a defendendo com unhas e dentes.

— Ela está me deixando maluco. Ela é uma desvairada! — Falei. Não era mentira. Raios, ela agarrou nos braços uma criança enferma sem qualquer tento. Ela desafiou russos como se tivesse mais que um metro e meio de altura e eu ainda tive que intervir antes que eles a picotassem.

Os homens se entreolharam como se tivessem um segredo em comum. Foi Jailson quem deu as palavras:

— Se você a levar de volta, ela o denunciará. Você será morto, e dessa vez será de verdade. Isso destruirá todos dessa ilha, sabe disso.

Engoli em seco.

— Eu preciso levá-la. — Declarei. — E se acontecer alguma tragédia comigo, vocês dois saberão o que fazer.

— *Naomh! (Bendito)*. Tem gente nessa ilha com mais de oitenta anos que acredita seriamente que você é imortal. Como explicarei sua morte para eles!? — Inquiriu Gael, se levantando.

— Por Odin. Não saberão como dar uma simples notícia? — Eu estava ríspido. — É um assombro a inutilidade dos dois.

Dei as costas e saí de casa pisando firme.

Eles me seguiram, usando todo tipo de argumentação para me convencer a não levar Tess de volta para Londres.

Por falar nela...

A criatura, razão de noventa por cento dos meus problemas, estava no meio do mato, não muito longe de mim, conversando com as outras

mulheres. Ela descascava o tronco de árvore com um sorriso afrontoso no rosto, como se estivesse sentindo prazer em fazer aquilo... prazer em arruinar meu psicológico.

Raios!

Seus olhos se voltaram para mim como se soubesse que eu a observava e ela acenou com a mão, como se estivesse me chamando, mas eu não tinha certeza.

— Charlie. — Ela gritou. Estava, de fato, me chamando.

Me aproximei hesitante. Estava sendo absurdamente difícil reprimir a intensa vontade que eu sentia de beijá-la uma segunda vez, e Tess não facilitava nenhum pouco quando sorria daquele jeito descontraído.

— Como a senhorita está se saindo? — Perguntei.

Os cantos da sua boca se ergueram em um sorriso bobo.

— Tirando os insetos asquerosos, acho que estou me saindo muito bem. E olhe só, sua camiseta continua limpíssima. — Disse, orgulhosa de si mesma.

Seu comentário me obrigou a olhar para a camiseta que eu lhe emprestara e que, por sinal, a deixara ainda mais deslumbrante.

— Não se vanglorie cedo demais. Você está aqui há menos de vinte minutos. — A alertei.

Seus olhos ficaram um pouco mais duros.

— Ele sempre foi tão negativo? — A pergunta foi para um dos homens que estava atrás de mim.

— Só quando está de mau humor, o que acontece metade do tempo. — Respondeu Gael.

— Não estou de mau humor. — Retruquei em tom insolente. — Temos que construir um barco. Perdoe-me se isso não me alegra.

— Ele sempre trabalha irritado? — Tess questionou novamente, agora para Jailson.

— Por que está perguntando de mim para as outras pessoas se estou bem na sua frente!? — Perguntei com aspereza, não dando tempo para Jailson respondê-la.

A criatura se levantou e limpou as mãos na camiseta. Seu gesto brusco chamou a atenção de todos.

— Por que você é presunçoso demais para admitir que é insuportavelmente grosseiro! — Ela retrucou.

Recuei ligeiramente surpreso. Os troncos das árvores deixaram de ser importantes e agora todo mundo assistia àquele espetáculo. Ninguém nunca havia sido tão insolente comigo. Eu não permitiria ser tratado daquela forma por uma criatura tão pequena.

— Não sou grosseiro. — Rebatí. — Nem presunçoso. Apenas quero terminar o serviço o quanto antes. Achei que a madame estivesse ansiosa para ir embora. Mas, se para você está tudo bem o barco demorar para ficar pronto, então para mim está ótimo.

Ela não escondeu a surpresa.

— Não precisamos mais trabalhar hoje. Por favor, parem tudo que estão fazendo. — Dei a ordem para todos ao redor.

— Não comece, Charlie. — Seus lábios se tornaram uma linha de tão cerrados.

— Por que? Eu preciso ser uma pessoa mais relaxada, mais divertida. Então vamos ignorar toda desgraça que nos cerca e gastar o resto do dia fazendo absolutamente nada! — Falei com sarcasmo.

— Eu nunca disse para não fazermos nada. — Ela me corrigiu.

— Não, você não. Quem disse isso foi Gael e Jailson. Eles estavam agora mesmo reclamando por estarem cansados.

— Eu sabia que isso sobraria pra mim. — Murmurou Gael, balançando a cabeça com indignação.

— Eu não estou cansada, apenas comentei sobre a forma que você fala com as pessoas... *comigo*. — Disse Tess, em baixo tom.

— Você fala muitas coisas o tempo todo. É uma verdadeira satisfação quando está calada! — Rosnei, arrancando um "oh" de todos.

Ela se retraiu. Absolutamente em choque. Quis recolher minhas palavras assim que as despejei, mas já era tarde demais.



Tess

FIQUEI BOQUIABERTA.

Por que diabos ele estava me atacando daquela forma? Que bicho havia mordido Charlie?

Suas palavras pareciam pedras de tão duras.

Por Deus, queria encontrar algo pertinente para rebater, mas eu estava espantada demais, até mesmo para respirar sem parecer que estava com falta de ar.

O homem que me emprestara educadamente sua camiseta para que eu não estragasse minhas roupas, não era o mesmo que dizia que era um alívio quando não ouvia minha voz.

Meus olhos começaram a marejar. Mas eu não seria tola de chorar.

Ouvi murmúrios enquanto todos esperavam para saber de que forma eu reagiria à situação. Eu era uma dama, de acordo com todos em Kerrera, então ninguém esperava que eu fizesse o que fiz. Ergui uma mão na altura do rosto de Charlie e lhe mostrei o dedo do meio. Assim, sem mais e nem menos. Não me importei se era uma atitude infantil e grosseira. Eu estava tão ofendida e magoada que nenhuma resposta verbal e coerente surgiu no momento.

Depois de lhe mostrar o dedo do meio, acelerei os passos de volta para sua casa, decidida a voltar para Londres nos próximos minutos. Nem que fosse a nado!

Troquei de roupa assim que entrei no quarto. Joguei a camiseta de Charlie no chão e pisoteei em cima dela com fúria, tentando descontar um milímetro da minha frustração.

Odiei o fato de que isso fez com que o cheiro dele se espalhasse ainda mais pelo ambiente.

Maldito!

— Que raios está fazendo!? — O ouvi perguntar ao entrar.

Dei um pulo, assustada, e ainda zangada. Podia me imaginar rasgando seu ventre com as unhas.

— Imaginando que estou pisando na sua cabeça! — Respondi com rispidez.

— Sempre me questionei sobre sua sanidade. — Segredou, me fazendo virar o rosto para ele.

Seu olhar me queimou.

— Por que não me deixa em paz, Charlie!? — A voz soou melancólica por acidente. — Já não me humilhou o suficiente?

Ele, que antes estava com uma postura enrijecida, agora já parecia mais relaxado e menos voraz.

— Não quis magoá-la. — Disse, depois de colocar seu orgulho de lado, a voz ligeiramente abalada. — Não quis ser... grosseiro.

Um risinho nervoso escapou dos meus lábios.

— Não quis ser grosseiro em qual das milhares de vezes? Porque o senhor deve saber que aquela não foi a primeira.

Ele arregalou os olhos profundos, e eu, que já estava submersa, me afoguei.

— Sendo assim, será que a madame me perdoaria milhares de vezes?

Engoli em seco.

— Talvez perdoá-lo não seja relevante. — Falei.

— O que está dizendo? — Perguntou, desconfiado.

— Oras, devo partir em breve. Não há razão para nos atermos à forma como me trata se desapareci da sua vida tão já.

Sua face tornou a ficar ríspida. Queria desviar o olhar, mas eu estava tão presa... tão interligada àquele rosto. Eu queria prestar atenção em cada pequeno detalhe, porque algo me dizia que Charlie não era sempre tão honesto sobre seus sentimentos.

Ele não me detestava tanto quanto dizia detestar. Ele era um poço de defeitos, mas a forma como me olhava quando eu fingia não estar reparando era doce.

— Não estou certo disso, Tess. — Ele fez uma pausa longa e significativa. — Caso tenha se esquecido, eu disse a todos para não terem pressa em terminar o barco.

— Lembro-me muito bem disso. Mas não tenho dúvida de que o senhor possa reconsiderar...

Ele se aproximou muito decidido. Ele se aproximou tanto, que fui obrigada a olhar para o chão para ter certeza de que não pisaria em meus pés.

— Não irei reconsiderar. — Alertou. — Você já me causou muita dor de cabeça. Agora precisa arcar com as consequências.

— Con... consequências? — Engasguei. Seu tom de voz me enrijeceu.

— Sim, consequências. — Olhou para meus lábios de maneira ousada. — Não percebe o que está fazendo comigo?

— Fazendo com você?

Ele abriu um sorriso ardente e levou sua mão em meu rosto, erguendo meu queixo com delicadeza. Meu coração parou de bater, feito o coração de uma adolescente.

— Irei beijá-la agora, *boireannach* — Avisou. — Se não me impedir, eu irei beijá-la.

Meu coração parou de bater. Eu tinha certeza de que sim.

Impeça! Corra!

Meus pés ficaram firmes no chão, em uma bêbada sensação errante. Eu sabia que devia impedi-lo, mas eu não queria que Charlie parasse. *Santo Deus*. Eu queria beijá-lo. Todo meu corpo queria se entregar, queria sentir seus lábios outra vez, suas mãos cálidas em meu corpo, em minha nuca, em meus cabelos.

Eu o queria. Por mais proibido que fosse. Eu o queria.

Charlie era meu algoz.

Seus lábios quentes encontram os meus com desejo, com fúria. Charlie me queria, mas era como se odiasse me querer. Opostos como o vinho e a água. O beijo era uma lareira acesa, uma ilha selvagem. Aquele

homem era o próprio fogo e, por Deus, se não chovesse, nada iria nos apagar.

Sua língua buscava a minha em uma urgência de arrancar o fôlego. Sua mão subiu para a minha nuca e então ele agarrou meus cabelos.

Pura covardia.

— Ah, criatura. A falta da sua boca estava me causando febre. — Ouvi sua grave voz, acelerando a minha respiração.

Eu não sabia se beijá-lo estava me levando ao céu ou ao inferno, mas sua mão que descia lentamente por minhas costas, estava me causando espasmos.

Eu preciso detê-lo... preci...

— Olhe para mim. Olhe dentro dos meus olhos — pediu, me fazendo encarar o esconderijo dos seus demônios. — Eu quero beijá-la, e não me refiro apenas aos seus lábios. — Sua boca foi em minha nuca, me causando uma forte fervilhação. Senti sua língua molhada atrás da minha orelha, sem a menor pressa de terminar. — *Mo theine!* (Meu fogo) *Mo ifrinn!* (Meu inferno)

Seus murmúrios em gaélico foram como um beliscão no meu braço. Me afastei de Charlie como se ele fosse uma doença contagiosa.

— Meu Deus! — Levei as mãos a cabeça, atordoada, querendo chorar. — Por que fez isso? Por que... por que fez isso de novo?

— Eu não fiz nem metade do que desejo fazer com você. — Seus olhos tinham um brilho reluzente e encantador.

— Eu... eu não posso. — Minha respiração estava profunda. O lábio em tremor.

— Mas quer.

— Eu quero que pare de fazer isso! — Ordenei, irritada.

— Você não tentou me impedir.

O observei calada. Totalmente desnorteada com a explosão de sentimentos.

Por que não o impedi?

— Por favor, Charlie. Não tente me beijar novamente. Me prometa.

— Não posso.

— Não?

— Não. Se você não me deter, não me agredir ou não tentar me controlar. Eu a deixarei nua na minha cama e a beijarei dos pés à cabeça.

— Seu comentário obsceno fez minha pele esquentar.

— Pare com isso! — Comecei a andar de um lado para o outro.

Por que não o impedi? A pergunta não saía da minha cabeça.

— Isso também não me agrada, raios! Se você soubesse o que se passa na minha mente sempre que a vejo... — Ele fez uma pausa, e avaliou a confusão estampada no meu rosto. — Eu pedirei para que Maisie fique na minha casa por um tempo, com você. Eu irei para outro lugar.

Concordei com a cabeça, incapaz de abrir a boca para falar qualquer coisa. Eu estava me tremendo inteira. Queria abrir os olhos e descobrir que tudo não passou de um pesadelo.

Levei as mãos à cabeça, transtornada, confusa.

— Por favor, diga algo. — Ele pediu.

Dizer o que? Diabo!

— Você pode me insultar, se quiser. — Acrescentou.

— Não sou como você. — Rebatí, nervosa.

— Não!? — Zombou. — Não posso enumerar os insultos que a senhorita dirigiu à mim desde que nos conhecemos.

Dessa vez eu o encarei firmemente.

— Você mereceu todos eles. — Arqueei a sobrancelha. Ele me olhou, sabendo que viria uma pergunta a seguir. — Você acabou de dizer na frente de todos que era um prazer não ouvir minha voz e agora insiste para que eu diga algo? Me permite até mesmo insultá-lo. Que contraditório, Charlie.

Deu um passo na minha direção, e mais um. A sugestão de um sorriso surgiu nos seus lábios desenhados e molhados. Ele ergueu a mão e a levou em meus cabelos.

— Há folhas em você. — Me mostrou a folha verde e continuou vasculhando meus cabelos. — E gravetos. Por Odin, estava mesmo se vangloriando por não ter sujado minha camiseta?

Revirei os olhos e torci os lábios, zangada. Ele continuou arrancando coisas da minha cabeça, que o vento provavelmente havia jogado enquanto eu trabalhava.

— Ah, meu Deus, pare com isso! — Exigi, enquanto ele bagunçava meus cabelos.

— Você tem uma selva em seus cabelos, *boireannaich*. Venha aqui, me deixe limpá-la. — Disse, agudamente entretido na tarefa. — Fique quieta. Raios, pare de se mexer.

— Ai. Charlie! — Gani de dor quando ele, acidentalmente, puxou alguns fios de cabelo tentando arrancar um graveto embaraçado.

— Se tivesse ficado parada eu não teria te machucado! — Rugiu.

— Termine o barco. Por Deus, não posso passar nem mais um dia nessa ilha com você.

— Não seja dramática.

Precisei agarrar seus pulsos para fazê-lo olhar para mim.

— Eu preciso ir embora, Charlie. — Falei. — Se você não terminar o barco, eu mesma terminarei.

— É mesmo? Eu adoraria vê-la construindo um barco. — Debochou, e depois disse com seriedade: — Tente não destruir minha casa enquanto estou fora, por favor.

— Ora, não prometo nada. — Murmurei, mas ele já tinha ido.



Escocês

ELA ESTAVA SOFRENDENDO POR DENTRO. Eu não suportaria ver aqueles olhos marejados mais um dia sequer.

Por sorte, Maisie aceitou ficar em minha casa com a criatura e permitiu que eu ficasse na sua.

Mas que raios, como eu conseguiria dormir depois do que havia acontecido?

Primeiro eu a humilhei na frente de todos, depois a beijei como se minha vida dependesse disso. E talvez dependesse. Talvez todo homem desejasse morrer nos lábios de uma mulher.

Mas eu queria o melhor para Tess e o melhor para ela era se casar com Ryld. Ele a amava, e amor estava longe do que eu podia lhe oferecer. Foi com esse pensamento que cortei mais um tronco de árvore na escuridão da noite. Eu terminaria aquele barco, mesmo que sozinho.

— Você tá mesmo decidido a levá-la de volta, não é? — Perguntou Gael. Não o tinha visto chegar.

— Eu nunca estive tão decidido.

— Você devia acalmar-se e pensar melhor nas coisas. — Ele acendeu um cigarro que ele mesmo havia feito com o tabaco que lhe comprei.

— E você não devia estar dormindo? — Corri a mão pela testa.

Ele coçou sua barba ruiva e comprida.

— Até parece que eu deixaria você trabalhando sozinho. Se aquela *boireannaich* não tá te fazendo bem, então vamos mandá-la para bem longe. — Levou o cigarro à boca depois de rir.

— Eu a beijei. — Confessei, e larguei o cutelo no chão.

Seu sorriso morreu nos lábios.

— Não! — Desacreditou. — Você não seria tão... *glaiokit!* (*Estúpido*)

— Fui estúpido. Duas vezes.

— Por que a beijou!?

Dei de ombros, atônito. E lembrei da eletricidade quase mágica.

— Sou um imbecil.

Soltou uma risada engasgada.

— *Aontaím!* (*Eu concordo*) — ele tragou. — Ela te jurou de morte depois?

— *Ní hea.* (*Não*) — Cruzei os braços para me proteger do vento gélido. — Na primeira vez ela ficou feito uma onça. Na segunda, ela até que correspondeu, de certa forma.

— *Dè tha seo a 'ciallachadh?* (*O que isso significa?*)

— Como assim?

A pergunta pareceu ter sido tola, pois Gael soltou uma risada estridente.

— Se a *boireannaich* o beijou duas vezes, é porque gostou da primeira.

— Não foi bem o que aconteceu. — Refutei, lembrando. — Eu quem roubei os beijos.

— Então você gosta dela?

A pergunta me pegou desprevenido e me alarmou.

— Não. — Falei rápido demais. — A beijei porque quis e porque foi fácil — o meu orgulho me obrigou a mentir. Tudo o que aquela criatura não era, era fácil.

— Beija todas mulheres que estão "fáceis"? — Ele deixou o cigarro no canto da boca para fazer o sinal de aspas com as mãos.

— Aonde quer chegar? — Questionei, irritado com suas provocações.

— Em lugar algum. Quer um cigarro?

— Não fumo. Sabe disso.

— Eu sei, mas como está estressado, achei que não fosse recusar dessa vez.

— Não estou estressado. Por que raios todos ficam dizendo isso?

— Eu não acho que você *esteja* estressado. — A voz grossa de Jailson reverberou enquanto ele se aproximava de nós. — Eu acho que, na verdade, nunca o vimos calmo.

— Era só o que me faltava. — Revirei os olhos. Tudo que eu não precisava era daqueles dois me provocando. Eu podia lidar com Gael, mas com os dois juntos... Certamente eu acabaria cometendo um assassinato aquela noite.

— A raposinha te expulsou de casa, grande Balder? — Jailson não perdeu tempo com as piadas.

Gael riu alto.

— Por que a chama dessa forma!? — Perguntei, depois de ter me imaginado arrancando sua cabeça com o cutelo que estava largado no chão.

— Nunca a olhou nos olhos? — Ele perguntou, e imediatamente o apelido fez sentido. Os olhos castanho-claro de Tess eram ferinos como os de uma raposa indomesticável.

— Obviamente que sim. *Lindos olhos*. — Deixei escapar. Pigarreei. Torcendo para que nenhum dos dois tivesse ouvido. — Vão me ajudar com os troncos ou vieram para encher minha paciência!?

Se entreolharam como se de fato estivessem refletindo sobre o assunto.

— Você sabe que os russos voltarão antes de terminarmos esse barco, não sabe? — Perguntou Gael, entregando o cigarro aceso para Jailson que prontamente o levou à boca para uma tragada profunda.

Rangi os dentes.

— Eu quero me manter confiante em relação à eles, mas temo que podem nunca voltar.

— Eles estão com Brenda. — Lembrou Jailson. — Se não trouxerem a menina de volta, eu vou ar...

— Se não trouxerem Brenda de volta eu mesmo os matarei, tenha certeza. — Interrompi sua ameaça para expressar a minha.

— Ei, Jailson, ficou sabendo da novidade? — Gael mudou de assunto com um meio sorriso bobo no rosto. — O grande Balder beijou a outra lá.

— Que maldição. Qual a relevância desse assunto!? — Resmunguei.

— A raposinha? Por que ele a beijaria, ele a odeia!?

— Eu que sei? — Gael deu de ombros. Eles estavam me ignorando.

— Acho que ele queria matá-la pela boca.

As risadas deles me arderam os ouvidos.

— Para o inferno, os dois! — Esbravejei, cerrando os punhos. — A beije e isso não significou absolutamente nada. A criatura está noiva e voltará para a vida de madame em Londres.

— Será? — Perguntou Jailson.

Divaguei por meio segundo.

— Claro que sim. Que pergunta besta é essa!?

Jailson devolveu o cigarro para Gael, que estava com um sorriso malicioso. Com toda certeza não era por conta do tabaco.

— Ele sempre foi tão virginal? — Gael dirigiu sua pergunta para Jailson, novamente como se eu não estivesse presente.

E Jailson respondeu da mesma maneira:

— Acho que sim. Quando se trata de *boireannaich* (mulheres), o grande Balder vira um *amaideach* (bobo).

— Que as trevas levem os dois, porque se eu o fizer... eu arranco as entranhas com os dentes! — Prometi. Eles estavam tão concentrados nas piadinhas, que não deram a menor importância para as minhas ameaças, por mais sérias que elas tenham soado. — Por que não compartilham as piadas comigo!?

— A verdadeira graça será quando você descobrir sozinho, grande Balder. — Contou Jailson, enquanto o outro amigo se acabava de rir.



Tess

EU PRECISAVA MUITO CONVERSAR COM alguém antes que enlouquecesse. Eu estava perdida, confusa, com um forte desejo de desaparecer do mundo sem deixar vestígios.

Eu precisava, precisava mesmo, conversar. No entanto, minha única companhia daquela noite era Maisie, e eu não podia de forma alguma compartilhar com ela o que havia acontecido entre Charlie e eu. Ela o amava. Ela o desejava. O admirava. E eu gostava demais da ruiva para magoar seu coração.

Como eu poderia partir o coração de alguém que estava agora mesmo trançando meus cabelos com toda delicadeza do mundo?

— Pelo amor de Odin, a mente da senhorita parece uma selva cheia de grilos.

— Uma o quê? — Perguntei, cambalhada.

— Sua cabeça está tão barulhenta, que eu até consigo ouvir.

Temia que isso pudesse ser verdade. Supor que Maisie pudesse mesmo ler minha mente, me arrepiou.

— Não é nada. — Eu precisava ser mais convincente. — Estou pensando em meu noivo.

Ela suspirou com ternura.

— A senhorita sente falta dele, não sente?

— Sinto. — Era verdade.

— Me conte sobre ele. Como é o príncipe?

A lembranças vieram desorganizadas. O cabelo louro de Ryld se misturava com o escuro de Charlie. A risada doce, com a maliciosa. O sotaque britânico, com as frases aleatórias em gaélico. O olhar pacífico, com o endiabrado. *Santo Deus. Quão profundo enterrei meu noivo em minha mente?*

Eu queria esconder a verdade. Mas não havia onde eu pudesse escondê-la.

— Tess? — Maisie me chamou, terminando a trança em meus cabelos.

Travei o choro na garganta e levei uma mão à boca. *Não posso chorar. Que estupidez, não posso chorar.*

— Sim?

— Você ia me contar sobre o príncipe. — Lembrou-me, achando que eu tivesse me esquecido.

— Ah, sim. — Fechei os olhos e me esforcei para buscá-lo em meu coração. — Ele é doce, é romântico, gentil. Ele faz com que eu me sinta especial. Ele é um verdadeiro príncipe. Que irônico, não?

Ela sorriu, juntando as mãos no peito, feito uma romântica incorrigível.

— Que atencioso. Você é uma mulher de sorte.

Me engasguei com o ar e acabei tossindo.

— Por mais que eu queira que fique na ilha, entendo as razões de desejar voltar. — Ela acrescentou com seriedade.

— Estou feliz por compreender. — Segurei em suas mãos pálidas e sardentas. — Me diz uma coisa, Maisie, quantos anos você tem?

— 23, e se a senhorita não se sentir ofendida, e você? — Perguntou-me.

— Claro que não me ofende. Eu tenho 26.

— E um rosto tão lindo. — Admirou, feito uma irmã. Não pude não lembrar da minha própria irmã caçula que deixei no Brasil. Seria tão bom poder falar com ela. Elisandra saberia o que dizer, saberia como me tranquilizar. Por ser mais sábia, sempre pareceu que Lis era a mais velha.

— Tem irmã, Maisie?

Negou com um balançar de cabeça.

— Mas em Kerrera nos consideramos todos irmãos, mesmo sem compartilharmos o mesmo sangue.

— Eu sei. — Murmurei, olhando novamente para suas mãos que eu ainda segurava.

Ela se desengasgou, como se estivesse se preparando para dizer algo.

Eu tinha razão. Ela queria dizer algo.

— Eu não me importo em ficar na casa de Balder com você, porém, ele não me disse o que aconteceu entre vocês. Sei que se desentenderam mais cedo, mas, por qual razão?

Estremeci. Precisei ficar de pé e de costas para a ruiva. Não conseguiria mentir para olhos tão inocentes.

— Charlie e eu não compartilhamos os mesmos ideais. Somos completamente opostos. Para o bem da nossa sanidade, achamos melhor ficarmos afastados.

— Balder tem um bom coração, ele apenas o esconde porque precisa manter a postura de homem frio e insensível.

— Não entendo.

— Você está aqui há poucos dias e já foi surpreendida por russos. Consegue imaginar quantas surpresas já tivemos durante anos? A própria rainha Mary já pisou nessa ilha.

— A rainha? O que ela queria?

Maisie fez careta, como se tivesse acabado de chupar um limão.

— Tentar nos subornar para que deixássemos Kerrera.

— Que vaca! — Soltei sem pudor. — Oh, me perdoe. Falei sem pensar.

Maisie gargalhou.

— Não se desculpe. Eu adorei. Eu mesma a teria chamado assim se não fosse por sua presença. — Admitiu. Agora estávamos as duas sentadas na minha cama em uma crise de riso, como se fôssemos amigas de longa data.

Um barulho na janela chamou nossa atenção, como se alguém estivesse batendo com o dedo. Quando virei o rosto para descobrir do que se tratava, vi Charlie do lado de fora da casa, olhando para nós através da janela de vidro.

— Balder. — Maisie suspirou, e se levantou rapidamente para abrir a janela.

— Não queria atrapalhá-las essa hora da noite. — Sibilou, e voltou seus olhos de cascalho para mim. Meu coração disparou. — Eu poderia falar com a madame um instante?

Queria dizer não.

— Claro. — Respondi, a reação foi imediata.

— Pegue um agasalho. Eu a aguardo aqui fora.

Eu o obedeci. Só não sabia se o agasalho era para me proteger do vento gelado da noite ou da sua própria frieza.

— Volto logo. — Falei para Maisie antes de sair.

— Não tenha pressa. — Ela sorriu.

Procurei por Charlie assim que saí, com o chapéu na cabeça e o casaco felpudo para me aquecer. Olhei ao redor, me encolhendo com frio.

O encontrei em pé no cais, olhando para o horizonte feito de água.

Que péssima escolha de lugar para se ter uma conversa.

— Charlie? — O chamei, assim que me aproximei, mas ele provavelmente já sabia que eu estava ali. Minhas botas costumavam ser barulhentas.

— Você já comeu? — Ele perguntou sem se virar.

— O que? Já... — respondi, confusa.

Ele me chamou para perguntar se eu já havia comido?

— O que quer, Charlie!?

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Como não dormirei na casa essa noite, não poderei protegê-la de eventualidades. — Comentou, agora me encarando com seu olhar de cobiça: — Você sabe atirar?

Me engasguei, e levei um tempo para conseguir responder.

— Certamente que não.

Ele bufou.

— Pois bem, Maisie sabe. Há um revólver em uma caixa dentro do meu guarda-roupa, a munição está junto, se ouvirem qualquer barulho

suspeito, não hesitem em pegá-lo. Se virem alguém que não conhecem dentro da casa e não puderem correr, atirem — ressaltou —, na cabeça!

Deixei escapar um suspiro longo e trêmulo.

— Santo Deus, mas que conversa é essa?

Sua expressão era dura.

— Você me entendeu? Preciso saber que me entendeu sem sombra de dúvida.

— Eu... entendi.

— Então, onde está o revólver? — Ele era obstinado.

— Em uma caixa, dentro do seu guarda-roupa. Por Deus, Charlie, por que eu precisaria atirar em alguém. Por que alguém invadiria sua casa?

Ele crispou os lábios por um breve segundo antes de responder.

— Esqueceu-se dos russos? — Questionou, emburrado. — Eles entraram em minha casa sem que eu tivesse suspeitado, me pegaram desprevenido. Não quero que o mesmo erro se repita.

— Ora, eu também não quero que o mesmo se repita. Principalmente se o senhor estiver a montanhas de distância. — Eu disse.

Ele abriu um sorriso malicioso que me derreteu.

Eu beijei aqueles lábios... e beijaria novamente. Deus!

— Me alegra saber que a madame confia sua vida a mim.

— Ei, não foi bem o que eu disse. — O vento esfuziou em meus ouvidos, mesmo com o chapéu me protegendo. Que diabos de lugar frio. — Por que não continuamos essa conversa dentro da sua casa?

— Para ser honesto, eu já estou de partida. — Seus pés não se moveram um centímetro sequer.

— Para alguém que está de partida, você permanece muito parado.

— Eu preciso que me responda uma coisa, Tess. — A voz era baixa e hesitante. — Quando estiver de volta, em Londres, o que dirá para o seu noivo?

— A que o senhor se refere? — Perguntei, após acalmar minha boca trêmula e minha pele fria.

Que ele não esteja falando de nossas libertinagens indevidas.

— Raios, sobre eu tê-la sequestrado, sobre o que os malditos russos querem de mim.

Meu corpo denunciou o alívio que senti. Eu não queria pensar no pecado cometido e, principalmente, não queria falar sobre ele com a pessoa em questão.

— A madame não estava pensando sobre nossos beijos, estava? — Seu rosto se iluminou com um sorriso cínico. Um sorriso que eu jamais apagaria da memória.

— Certamente que não. Eu já havia me esquecido desse incidente. — Blefei.

O olhar brincalhão e o sorriso indecente em seu rosto deixaram claro que Charlie sabia que eu estava mentindo.

Maldito seja!

— Esqueceu-se dos dois incidentes? — Ele provocou. Claro que ele iria continuar com o assunto até me ver vermelha feito uma pimenta.

— Dois? Que memória a minha. Achei que havia sido apenas um. — Me fiz de tonta.

— Cretina! — Insultou, mas não em um tom ofensivo. — Talvez eu devesse refrescar sua memória.

Charlie me puxou pela cintura de supetão, e grudou nossos corpos com força, a ponto de me permitir sentir seu membro enrijecido. O meu fogo subiu à superfície. Meu sexo se arrepiou, respondendo aos instintos, e eu acabei balbuciando palavras incoerentes.

— Me peça para parar. — Pediu, em entrecortadas respirações, e antes da sua língua invadir a minha boca, deixando-me louca. Eu estava sendo açoitada por seus ardentes beijos. — Peça... Em nome de Odin, me faça parar!

Ele me implorou para que eu o detivesse, mas minha mente suplicou para que ele continuasse. Para que me beijasse com egoísmo, fome, sede, que me possuísse com todo seu fogo.

— Me solte, Charlie. — Consegui dizer, com incerteza e voz ofegante.

Ele me apertou com ainda mais força, fazendo o inimaginável no meu ser.

Seus olhos eram um emaranhado de placidez.

— Você precisará fazer melhor que isso, *boireannach*. Me bata, me empurre, me arranhe. Mostre-me que não me quer. Vamos... mostre-me!

Seu toque visceral me desmontava. Seu beijo me dopava.

Sua língua me invadiu novamente. Suas mãos escorregaram por meus braços e, mesmo com toda aquela camada de pano, eu podia sentir seu toque.

Eu precisava detê-lo antes que ele partisse meu coração. Precisava parar enquanto ainda estávamos os dois inteiros.

Nossa respiração quebrou o silêncio.

O empurrei. Quando tive lucidez, um pequeno instante de lucidez, o empurrei para longe de mim.

— Por que continua fazendo isso!? — Gritei, já não podendo deter as lágrimas.

— Por que eu a quero. A quero como nunca quis nada em toda a minha vida.

— Não faça isso, Charlie. Não faça isso comigo. — Solucei.

— Basta seu cheiro para minha pele se arrepiar. Raios! Quero rasgar sua roupa feito um leão faminto!

— Cale a boca! — O ataquei, enraivecida. — Seu escocês de merda!

Ele desalinhou o cabelo com as mãos, furioso.

— Criatura maldita, sou capaz de ajoelhar-me agora mesmo para que seja minha. — O que ele disse fez meu coração explodir. Sentia como se todos os meus ossos tivessem se partido dentro de mim.

— O que... o que está dizendo, Charlie?

— Estou, de uma forma estúpida e nada coerente, dizendo que... — Ele desviou os olhos para a aliança em meu dedo, e sua expressão se transformou como em um passe de mágica. O brilho candente do seu

rosto se apagou. — Isso não se repetirá. A madame tem a minha palavra. Perdoe-me, por favor, perdoe-me.

Praguejou, e balançou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando se recuperar ou como se estivesse incrédulo consigo mesmo.

O suor escorreu pelo meu ventre. Aquele homem era um labirinto que a cada segundo me deixava mais perdida.

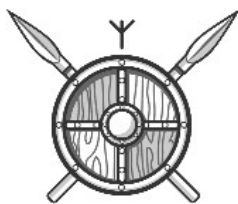
— Charlie?

— Eu preciso ir.

E foi.

Não me movi enquanto observava ele ir embora sem qualquer explicação.

Eu chorei o resto da noite olhando para a lua.



Não vi Charlie no dia seguinte, mas eu também não fiz nenhum esforço para encontrá-lo. Ele não apareceu na sua casa nem mesmo para perguntar se estava tudo bem ou se Maisie e eu precisávamos de algo. Suspeitava que ele estivesse me evitando a todo custo, e a suspeita cresceu de tamanho quando Maisie e eu fomos até os homens que estavam trabalhando no barco e eles disseram que Balder havia acabado de sair de lá. Que coincidência, não? Como se atrevia a me agarrar em uma noite e desaparecer na manhã seguinte? E o que ele não me contou? Ele ia me dizer algo na noite passada, mas mudou completamente o humor quando olhou para a minha aliança brilhante. Oras, Charlie sempre soube que eu estava noiva. Não conseguia compreender o choque, sendo que a informação não era nenhuma descoberta.

— Veja. Por Odin, veja. São os russos! — Maisie berrou, apontando para a grande embarcação no oceano.

— Graças a Deus! — Ciciei, pensando em Brenda.

— Precisamos avisar o Balder. — Ela alertou, agarrando a barra do seu vestido para correr pela montanha.

— Não! — Agarrei seu braço com força, seus olhos esverdeados me olharam com desconfiança. Eu não podia dizer para Maisie que Charlie e eu estávamos brincando de gato e rato. Precisava pensar em uma desculpa boa o bastante para convencê-la de que nós duas podíamos sozinhas lidar com os russos. — Os russos querem Charlie trabalhando para eles, lembra-se? Vamos primeiro descobrir a intenção deles.

— Você está embriagada? — A pergunta espontânea me fez refletir. Sim, eu havia enlouquecido completamente. — São mafiosos armados. Irão nos atacar!

— Charlie me disse que você sabe atirar. — Ela confirmou com a cabeça e eu acrescentei: — Há um revólver dentro de uma caixa no guarda-roupa de Charlie. Vá buscar... rápido!

— Isso é suicídio! — Contestou. — Eu já atirei em bichos, sei que os russos mafiosos não estão muito diferentes disso, mas... ainda assim... Que olhar avarento. Está bem, buscarei o revólver.

Maisie correu apressada para a casa de Charlie. Me abracei, tentando controlar o nervosismo que a todo instante me alertava que aquilo era uma péssima ideia. Onde eu estava com a cabeça? Eu tinha mesmo optado por lidar com mafiosos a encarar o homem que havia me beijado sedentamente noite passada?

Os três russos desembarcaram.

Merda, onde está Maisie com o revólver?

Antes dos três homens começarem a andar na minha direção, Nikolai ajudou Brenda a descer do barco. A criança estava de pé, e eu até diria que estava mais saudável fisicamente.

Finalmente uma boa notícia.

Nikolai se aproximou rapidamente de mim.

— Grande honra ser recebido por uma beleza tão genuína.

— Nikolai! — Rangi os dentes.

— Ao seu dispor. — O sorriso do russo embrulhou meu estômago. — Por onde anda o seu ilustríssimo *marido*?

Algo no seu tom de voz não me agradou.

— Como a garota está!? — Ignorei sua pergunta para ganhar tempo.

Por onde anda a bendita ruiva?

Nikolai passou os dedos pelo cabelo acobreado de Brenda como se fosse seu próprio pai. *Dissimulado*. Me revoltei diante a cena. Nikolai era o próprio diabo encarnado.

— *НОВЫЙ!* — Ele disse. Arqueei as sobrancelhas e então ele traduziu. — Ela está novinha em folha.

Eu não seria tola de acreditar apenas na palavra de Nikolai, por isso me agachei de frente para Brenda e avaliei a criança com os olhos e toquei em seu pequeno corpo. Não sabia ao certo o que estava procurando, mas precisava me certificar de que ela estava bem.

— Você está bem? — Murmurei para ela.

— Sim. — Foi a primeira vez que ouvi sua voz doce, e não apenas uma lamúria.

— Como eu disse, novinha em folha. — Reforçou Nikolai. — Agora, vamos ao que realmente interessa. — Insistiu. — Aonde está Charlie?

Olhei por cima do ombro. Sem sinal de Maisie.

Como ela não encontrou o revólver!? Eu fui bem específica. *Maldição*. Será que Charlie se enganara sobre onde o deixara?

— Ocupado. — Fui evasiva. Os capangas de Nikolai não tinham feito qualquer movimento até aquele momento, mas ao perceber que eu estava tentando enrolar seu chefe, eles fizeram questão de me mostrar a arma no coldre da calça.

Diabo!

Eu tinha medo dos três, mas, o russo que Charlie espancara para me defender, me fazia ter vontade de sair correndo. Ele me encarava como se eu fosse um aperitivo.

— Talvez eu devesse chamá-lo. — Acrescentei, agonizada com o silêncio sepulcral.

Peguei na pequena mão de Brenda, para trazê-la comigo. Porém, Nikolai não permitiu que nos afastássemos.

— Na verdade, estou feliz por Charlie não estar aqui.

— Está?

Minhas costas suaram frio.

— Felicíssimo. Dessa forma, podemos nos conhecer melhor. — Sua voz soou perigosa. Me sentia pisando em um campo minado, cada pequeno passo, podia ser profundamente mortal. — Por que a dama não começa me contando sobre sua aliança?

Ele sabia. Meu coração bateu tão forte que quase quebrou a caixa torácica.

— Tenho certeza de que esse assunto não será do seu agrado. — Minha voz saiu feito um gorjeio. Tentei usar meu charme para escapar daquela situação.

— Um grande engano. — Discordou, apertando os olhos. — Meus homens podem parecer dois fracassos, mas eles fizeram uma descoberta que me deixou um tanto aturdido.

Talvez eu deva amaciá-los. Santo Deus, eu seria capaz até de elogiar a aparência dos três diabos para conseguir sair viva dali.

— Não tenho dúvida sobre a capacidade dos seus homens, Nikolai.
— Outra vez, sedutora.

E se eu soltar meus cabelos?

Balancei a cabeça com leveza para que os fios de cabelo se soltassem da trança frouxa.

— O curioso, é que eu sabia que havia visto seu rosto em algum lugar. — Lembrou, olhando para o horizonte.

Ele estava me torturando a conta gotas.

— Eu sou brasileira, há muitas mulheres semelhantes a mim. Cabelo escuro, olhos escuros... isso é comum. — Tagarelei. — Ora, o senhor pode imaginar. Já deve ter ido ao Brasil. Já foi ao Brasil?

— Com certeza, mas nem todas chamaram atenção do príncipe Ryld de Gales. — Ele finalmente enfiou a faca em meu peito.

Ri de nervosismo.

— Que tolice. Estou certa de que está me confundindo.

Ele se aproximou. Os passos tão barulhentos quanto um trovão.

— Seu rostinho está em muitos jornais do Reino Unido, minha querida.

— Isso se deve ao excelente trabalho que presto como publicitária.
— Rebatí, tentando permanecer firme.

Maldita Maisie. Onde diabos se enfiou?

— Não, não, meu bem. Temo que não seja por essa razão. Em todo caso, eu tenho apenas uma pergunta para lhe fazer — se aproximou vagarosamente. — O que a senhorita acha da Rússia?

Rússia?

— Um país deveras bonito, suponho. — Murmurei.

Oras, eu nunca estive na Rússia, o que podia dizer sobre o país para enrolá-lo até alguém aparecer para me socorrer?

— Creio que a senhorita se adaptará muito bem. — Comentou Nikolai, e sorriu.

Me adaptar? Aquilo só podia ser uma brincadeira.

— Estou muito bem em Kerrera, Nikolai! — Retruquei, franzindo o cenho.

Seus capangas me cercaram feito lobos. Bóris me agarrou por trás e eu gritei, finalmente entendendo o que estava acontecendo. Eu estava sendo sequestrada, pela segunda vez.

— Não! Me larguem agora mesmo!

Não me deram ouvidos.

— A viagem será cansativa. Poupe o fôlego. — Alertou Nikolai.



Escocês

MAISIE ENTROU NA CASA TROPEÇANDO NOS PRÓPRIOS PÉS. Se algum dia ela duvidou da potência do seu coração ou do seu pulmão, com certeza, agora não duvidava mais.

Eu não sabia se devia lhe oferecer uma cadeira, um copo de água, ou uma respiração boca a boca.

— *Piuthar? (Irmã)* — A chamei, deixando de dar atenção para o chá que eu cogitava fazer para mim. — Que raios aconteceu? Não... primeiro respire.

Seu rosto estava avermelhado e molhado de suor.

— Os russos... os russos... Tess...

O bule foi parar no chão.

— Por Odin, não use russos e o nome da brasileira na mesma frase!

Ela levou uma mão ao peito e caiu em prantos no chão da cozinha. Algo muito ruim havia acontecido e a pouca informação estava me deixando maluco.

— Se recomponha e me conte o que aconteceu! — Pedi, tentando controlar minha pressa.

Maisie ainda demorou alguns minutos para deixar de chorar. Esperei com uma paciência fingida.

— Eu e Tess estávamos voltando de um passeio pelas montanhas quando eu vi um barco russo no mar. Eu disse a ela que iria avisar você, mas ela não permitiu. Pelo amor de Odin, ela agarrou meu braço com força e não me deixou andar. — Garantiu, mas eu não estava interessado naquele tipo de detalhe. — Tess me pediu para pegar seu revólver, disse que eu o encontraria no guarda-roupa, mas, Balder, não estava lá. Eu arranquei tudo de dentro e não o encontrei.

— Como não o encontrou? Não procurou direito!

Ela balançou a cabeça com desespero e se levantou.

— Eu vasculhei inclusive atrás do guarda-roupa. Não estava...

— Tudo bem. Prossiga com a história. — A interrompi com severidade.

— Cansada de procurar, pensei em chamar Tess para voltarmos ao plano 1, que era alertar você, mas então vi que os russos já haviam desembarcado. Fiquei escondida, avaliando os riscos, como você mesmo me ensinou. Não consegui ouvir o que eles diziam, mas se os pássaros que estavam por perto pudessem falar, diriam que ela estava em perigo...

Não permiti que ela terminasse de falar. Eu atravessei a porta feito um cometa após ter ouvido a história de Maisie até onde me importava. Não peguei uma arma, não peguei um casaco, apenas sai correndo da casa suplicando para os deuses protegerem aquela criatura.

Era uma distância significativa da vila até onde Maisie disse que Tess e os russos estavam. Se eram vinte minutos caminhando, eu o fiz em sete.

Se alguma coisa acontecer com aquela *boireannach*....

Raios... O que está acontecendo?

Por que Tess está entrando naquele barco amaldiçoado?

Corri, me aproximando ainda mais.

— Olha quem resolveu aparecer. Um pouco tarde, não acha? — Nikolai disse, ao me ver.

— O que pensa que está fazendo!? — Rugi.

— Sua criança está viva, de nada! — Ele mudou de assunto, se referindo à Brenda, que estava com um urso de pelúcia agarrado ao corpo miúdo.

A pequena sorriu ao me ver e correu na minha direção. Me abaixei para abraçá-la e pedi para que me esperasse dentro da minha casa.

— Por que minha esposa está entrando em seu barco? — Inquiri, assim que vi Brenda partir como eu lhe disse para fazer.

— Não tente me fazer de idiota pela segunda vez, seu moleque. Estava escondendo o ouro de mim todo esse tempo!

Raios. Ele sabe sobre Tess.

— Não tente negar. A brasileira já tentou usar essa tática e... digamos que não se saiu muito bem. — Acrescentou.

— Nikolai... — fechei os punhos com tanta força que me feri. — Ela não tem nada a ver com isso.

Ele virou o rosto para o lado e cuspiu, não muito longe do meu pé.

— Uma pequena mudança de planos não faz mal a ninguém. — Debochou.

O agarrei pelo casaco e o ergui poucos centímetros do chão.

— Peça para seus capangas tirarem aquela corda imunda dos braços daquela mulher agora mesmo! — Exigi, fazendo pequenas pausas entre uma palavra e outra.

— Não acho uma boa ideia. Não depois dela ter arranhado o rosto de Andrei. Ele não gostou nenhum pouco disso. Para falar a verdade, ele quase a agarrou pelo pescoço!

— Nikolai, estou me esforçando para não perder a paciência. — Alertai, e o próximo aviso foi dado em um grito. — SOLTE-A AGORA MESMO!

Tess e os capangas não haviam se dado conta da minha presença até aquele momento, estavam ocupados se "acomodando" no barco.

— Charlie? — Ela me chamou, mas eu não podia respondê-la, não quando para mim era mais importante salvar sua vida.

— Pense com clareza no que está fazendo. Meus homens estão armados e tem a brasileira como refém. Se eu der a ordem, eles não hesitarão em matá-la. Eu a levarei, viva ou morta. Tenho completa certeza de que seu noivo me pagaria em ouro por seu corpo!

Meu coração foi parar na garganta.

— Se ele paga em ouro, eu pago com a minha vida. — Minha dignidade já não significava mais nada. Foi atemorizante perceber. Tudo por uma criatura que me arrancava os miolos. — Eu trabalho para você. Eu traio a coroa. Não é o que sempre me pediu?

O ergui ainda mais alto.

— Perto do que essa mulher pode fazer, seu trabalho não significa nada. Agora, tire suas mãos de mim!

— Nikolai...

Eu poderia enforcá-lo agora mesmo.

— Eu tenho uma longa viagem para percorrer. Largue-me agora mesmo!

Precisei soltá-lo quando notei que Bóris estava com a *gyurza* fora do coldre. Uma arma dessa calibre seria capaz de fazer um belo de um estrago em Tess, isso se não a matasse.

Eu não sabia qual tipo de munição eles usavam, mas, se fosse a munição com ponta oca, "*hollow point*", ela se expandiria dentro de Tess e a destruiria por dentro.

Se fosse a munição com ponta ogival, que proporcionava uma maior velocidade de deslocamento e melhor perfuração... *Raios!* Que pensamento desprezível. Eu não permitiria que Tess levasse um tiro, de forma alguma. Pouco me importava que maldita munição eles estavam usando.

A criatura estava tão encolhida perto daqueles criminosos, tão pálida, que, em um completo ato de desespero, me vi suplicando sem pensar duas vezes.

— Eu imploro, Nikolai... Não a leve!

Ele abriu um sorriso zombeteiro.

— O príncipe daquela donzela virá buscá-la em uma carruagem branca, e, convenhamos, Charlie, no máximo, tudo o que você é capaz de ter é um barquinho medíocre que não suporta a mais fraca tempestade.

Recuei, com o orgulho ferido.

— Antes tivesse atirado em minha cabeça. — Comentei.

— *Xopowo* (ok). Pensarei nisso na próxima vez. — Garantiu e começou a se distanciar. — Se tentar alguma coisa — fez um sinal de arma com a mão apontada para a própria cabeça para enfatizar a ameaça —, eu a mato.

A coisa mais dolorosa que já fiz em toda a minha vida, foi ficar parado, olhando, enquanto Nikolai entrava em seu barco e dava a ordem para que partissem.

— Charlie? — Tess gritou, aflita. Provavelmente não compreendia porque eu estava parado feito uma estátua enquanto mafiosos a

levavam. Tentou correr, mas foi impedida por Bóris. — Charlie!? CHARLIE!?

Levei as mãos à cabeça.

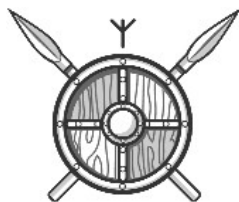
O barco estava se distanciando.

Mais.

E mais.

Eu ainda podia ouvir a agonia de Tess em forma de grito.

Dizer que meu coração batia acelerado não faria jus ao que eu estava sentindo. A verdade era que aquela foi a primeira vez que me permiti chorar depois de dez anos sem derramar uma única lágrima.



— Eu beberia toda água desse oceano para trazê-la de volta!

— Você provavelmente morreria afogado, mas não estou aqui para destruir sua esperança. — Disse Gael.

Não perdi meu tempo rindo da sua piada. Meu rosto estava duro demais para que eu sorrisse.

— Não entendo porque quer buscá-la. Os russos na verdade nos fizeram um favor. — Falou Jailson, me fazendo socar a mesa. — Pense com clareza, Balder, você não precisará levá-la de volta para Londres. Isso agora será entre o príncipe Ryld e os russos. Você não terá quebrado o acordo com a rainha Mary.

Gael concordou com a reflexão do amigo.

— *Diabhal!* Soque sua própria cara antes que eu faça isso! — Bradei.

— Você está irritado, não está pensando como deveria. — Reforçou Jailson.

— Tudo o que sei é que eu falhei. Prometi que não deixaria ninguém machucá-la, e agora só Odin sabe para onde aqueles russos a levaram.

— São russos. Para onde eles iriam que não a Rússia? — Brincou Gael.

— Tenha a bondade de ficar calado. Meu humor não está dos melhores! — Soquei novamente a mesa. Só não antes de ter atirado as cadeiras de madeira no chão a ponto de quebrá-las.

— Eu conheço esse olhar. Você acabou de ter uma péssima ideia. — Falou Gael, me olhando com firmeza.

Ele tinha razão.

— Eu preciso me casar com ela. — Afirmei.

— Você precisa... você precisa... O que foi que ele acabou de dizer Jailson? — Gael estava abismado.

— *Nèamhan* (céus). Ele não estava brincando quando disse que beberia toda água do mar. Na verdade, acho que ele já fez isso, Gael.

— Calem-se vocês dois! — Me irritei. — Nikolai só a quer porque ela é noiva do príncipe, sua intenção é chantagear a coroa. Se a criatura não for mais noiva de Ryld, ela deixará de ser a mina de ouro de Nikolai.

Os queixos dos dois homens estavam caídos, e os olhos... raios, maiores que júpiter.

— Casar? Durante todo o tempo que perdemos aqui, refletindo, tendo ideias, tudo o que conseguiu pensar foi que precisa se casar com a mulher que está noiva do príncipe? — Perguntou Gael, deixando claro sua opinião sobre a ideia.

— Teve uma ideia melhor? — Rebatí, furioso.

Ele balançou a cabeça, lambeu os lábios.

— Eu preciso fumar. — Disse por fim, e saiu.

— Vai expressar sua opinião sobre o assunto também, pançudo? — Me virei para Jailson, que ainda não tinha dito nada a respeito.

— Na verdade, grande Balder, eu só tenho uma pergunta.

— Não esperava o contrário de você. E isso não é um elogio. Diga.

— Como raios e trovões, você vai convencer aquela raposinha arisca a se casar com você?

Suspirei. Era uma ótima pergunta.

— Vamos começar com a parte mais fácil, que é chegar até os russos e tirá-la das garras deles. Depois a gente lida com o verdadeiro problema.

Jailson gargalhou. Não demorou até voltar a ficar sério e me atormentar com as perguntas.

— Estou surpreso por você achar que a raposinha seja seu maior problema. Na verdade, está se esquecendo do principal... não temos um barco.

O olhei de esquelha em silêncio.

— Não... você não está pensando nisso. — Ele disse, entrando em um completo estado de choque. — Foi você mesmo quem nos alertou para que ficássemos longe daquele barco. Para que fingíssemos que ele não existia!

— Sei o que disse, Jailson. Mas não estou vendo outra alternativa que não essa!

Ele deu a volta na mesa para ficar de frente para mim e também socou a madeira com fúria.

— Aquele barco é tudo o que sobrou do seu pai. Faz anos que não o tocamos, não sabemos qual a condição dele.

Nos encaramos.

— Não tenho tempo para me preocupar com isso. Não sabemos se Nikolai tem algum helicóptero o esperando na ilha mais próxima. Já foi uma grande sorte ele ter optado por usar um barco para vir até aqui.

— Não foi sorte alguma. Ele sabe que não há um lugar seguro para um pouso em Kerrera. — Me corrigiu. — Por Odin, Balder, por todos os deuses que nos protegem, é uma singra suicida.

Eu não me importava com nada do que ele dizia. Não estava medindo os riscos. Sequer estava pensando neles. O barco de meu pai ficou guardado por décadas, desde sua morte ninguém nunca mais o utilizou. Eu fiz todos prometerem que o barco, seu bem mais precioso, ficaria guardado. Era a única lembrança que ainda tínhamos dele, e o medo de destruir essa lembrança sempre foi maior do que qualquer necessidade que já tenhamos passado.

Até aquele momento.

Eu iria salvar a vida da criatura. Mesmo se nevasse, eu iria atravessar aquele oceano para salvá-la.

— Nada do que me disser me impedirá de ir atrás daquela *boireannach*! — Garanti, deixando bem claro que seria impossível qualquer um em Kerrera me fazer mudar de ideia. — Só preciso de uma informação de você, maldito pançudo, irá comigo!?

Jailson olhou para o teto, como estivesse buscando sabedoria ou força do além.

— É claro que sim, raios de homem teimoso!

— O que perdi? — Questionou Gael ao retornar para casa. O cigarro não estava em sua boca, pois todos sabiam que era extremamente proibido entrarem em minha casa fumando. O cheiro em compensação...

— Vamos navegar no *Gaisgeach* (guerreiro)! — Explicou Jailson, eufórico.

Ele sempre teve o sonho de navegar no barco do meu pai; todos sempre tiveram, inclusive eu. Mikhail não foi apenas o russo que se casou com a escocesa de Kerrera. Ele salvou aquelas pessoas mais vezes do que eu era capaz de contar. Claro que não me lembrava com clareza dos detalhes, pois eu era apenas uma criança, mas sua história foi passada de geração em geração durante anos.

Certa vez ouvi um relato de quando a maré alta inundou a ilha, arruinando a casa de todos e levando embora toda a comida, mas meu pai, o bendito russo recém-chegado, partiu em uma caçada na floresta e voltou com carne fresca para todos.

— Não brinquem comigo. Sei que sou um piadista desgraçado, mas não brinquem comigo dessa forma! — Gael custou a acreditar.

Jailson apertou o ombro do amigo e disse com um sorriso de orelha a orelha:

— Hoje é um bom dia, Gael. Um bom dia.

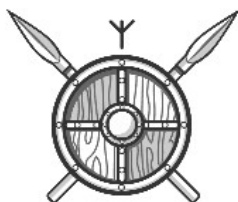
Deixei escapar um risinho amargo.

— Um bom dia para eu matar vocês dois, ruivos miseráveis.

— Não nos culpe por estarmos felizes. Passamos longos anos ouvindo sobre as aventuras que Mikhail teve no *Gaisgeach* e você nunca deixou que chegássemos nem perto. — Gael Disse.

— Ah, sim, já não se faz mais mafiosos como antigamente. — Concordou Jailson. Todos em Kerrera sabiam da identidade secreta do meu pai, mas como ele sempre foi um homem admirado por todos, ninguém se importou com o que ele trabalhava. Exceto minha mãe, claro, dizem que ela o expulsou da ilha quando descobriu, mas o coração apaixonado o perdoou em seguida.

— Chega de baboseira. Vamos logo pegar aquele barco! — Resmunguei, impaciente.



O Guerreiro, como o próprio Mikhail havia apelidado pelo fato de o barco ter suportado terríveis tempestades, estava aportado em um outro cais quase do outro lado da ilha.

As cores branco, azul e vermelho já estavam desbotadas, mas ainda continuava sendo um belo barco de madeira, apesar de pequeno.

— Espero que as velas estejam boas. — Exprimi baixinho.

— Eu cruzaria o oceano inteiro nesse barco. — Jailson estava exageradamente encantado.

— Chame os homens para nos ajudarem a zarpar. — Falei, fosse para Gael ou para Jailson.

— Eu vou. — Disse Gael, que estava menos alucinado que o amigo. E foi.

Cerca de cinco minutos depois ele voltou com todos os homens de Kerrera. Na verdade, toda a ilha acabou aparecendo de certa forma. Todos queriam ver o guerreiro novamente no mar.

— RAPOSINHA, SEUS HERÓIS ESTÃO CHEGANDO! — Gritou Jailson com todo o fôlego. O pançudo já tinha garantido o seu lugar dentro do barco. E, aparentemente, era na proa.

Não consegui conter a gargalhada.

— É tão... lindo. — Maisie estava atrás de mim, com as mãos na cintura. — Vamos, me ajude a subir.

— Aonde pensa que está indo? — Questionei, confuso.

— Eu vou com vocês. — Ela disse, e falou isso como se fosse o óbvio.

— Nem que me implore ajoelhada eu permitirei que vá conosco! — Retruquei com frieza.

Ela me olhou, subitamente insegura sobre o que diria a seguir.

— Balder, se não quer que eu faça esse barco descer por sua garganta, eu ordeno que me ajude a subir!

Fiquei paralisado. Eu nunca tinha visto Maisie falar daquele jeito, nem com aquele tom autoritário.

— Por Odin, o que a criatura fez com você!?

Ela continuou com o semblante carrancudo.

— Estamos perdendo tempo. — Ela me deu as costas, ergueu seu vestido e foi em direção ao Guerreiro. — Vamos, Jailson, pegue minha mão.

Mesmo longe de mim, soube que Jailson me encarava em dúvida. Balancei a cabeça de um lado para o outro e me aproximei.

Fui por trás de Maisie e a ergui pela cintura. Jailson, que ainda estava dentro do Guerreiro, estendeu sua mão e a ajudou a subir.

— Ah, isso será divertido. — Disse Gael ao entrar no barco. Eu fiquei por último, mas não demorei a embarcar.

Minha boca ficou seca imediatamente, quando toquei no timão.

— Que os deuses nos protejam! — Balbuciei e dei a ordem: — Suba as velas.



Tess

— **CONTROLE SEU BRAÇO.** — Resmunguei em tom áspero. Bóris se fez de desentendido. — Seu braço nojento está roçando no meu!

— Nojenta é essa sua cara! — Ele retrucou, se aproximando ainda mais de mim.

Eu estava com uma forte náusea por conta da viagem intensa no mar, e estar sentada ao lado daquele russo repugnante não estava facilitando as coisas. Não queria vomitar, *por Deus*, Nikolai me mataria se eu sujasse seu barco.

— Controlem-se. Já estamos chegando. — Alertou Nikolai, paciente, como se fosse o pai de duas crianças birrentas.

— Achei que a Rússia ficasse mais longe. — Eu disse, atordoada, olhando para os lados.

Ora, só vejo água.

— Não, minha querida, precisamos fazer uma pausa antes de irmos para a Rússia. — Respondeu. — Há uma outra encomenda que estou aguardando.

— Outra brasileira? — Provoquei. — Ora, se o senhor gosta tanto de brasileiras, devia se mudar para o Brasil, e não transformar a Rússia.

O alabastrino riu da minha ousadia.

— Estou esperando um informante. A dama é a única capturada, dessa vez.

— Informante de quê?

— Isso não é da sua conta. — Advertiu.

Eu sabia que ele não iria me dar informações, mas eu preferia mantê-lo falando do que permitir que ele pensasse em tudo o que iria fazer comigo. Santo Deus. Esperava fortemente que Nikolai não fosse um homem criativo. Que dentro do seu coração mafioso existisse um ser piedoso.

Diabo, em que estou pensando? Charlie me alertou sobre Nikolai, sobre como ele assassinou seus pais e depois lançou uma faca nas costas de uma criança sem qualquer remorso.

O que ele pretendia conseguir comigo? Dinheiro? Se vingar da rainha de alguma forma?

Cristo, que não seja vingança.

— O que fará com a minha aliança? — Perguntei para Nikolai. Fazia alguns minutos que Andrei arrancara a aliança do meu dedo após receber a ordem do seu chefe.

— Enviarei o presente para sua alteza real.

— Pensei que quisesse dinheiro, não brincar com os sentimentos de meu noivo.

Bóris bufou.

— Amordace essa cadela antes que eu perca a paciência! — Bóris disse.

— Não. Ela está me divertindo. — Apreciou Nikolai.

Isso é um bom sinal, não é? Ninguém mata pessoas divertidas. Mata?

— Costuma sequestrar pessoas engraçadas, Nikolai?

Ouvi Andrei rir baixinho da minha indagação.

— Não faço distinção, minha querida.

Olhei para a corda apertada em meu pulso. A dor começava a me incomodar, assim como a vontade de fazer xixi. Eu devia estar chorando desesperada, mas depois de ter sido sequestrada uma vez, acabei conseguindo suportar por mais tempo o mal-estar.

— Seu comentário sobre não fazer distinção acabou me trazendo uma péssima lembrança. — Eu disse. Ele prendeu seus olhos em mim. — O senhor lançou uma faca nas costas de uma criança!

Deu de ombros, como quem não se importa.

Desgraçado.

— Eu devia me comover com seu discurso? — Ironizou, olhando para os capangas. Os russos começaram a gargalhar. Eu não me senti

uma estúpida por estar sendo motivo de piada. O que senti foi um ódio crescente.

Um ódio que me aqueceu feito um cobertor quente.

— Me responda uma coisa, brasileira: por que nos jornais estão dizendo que você foi sequestrada, mas eu posso afirmar que a senhorita não se sente dessa maneira.

Jornais? Ryld mandou espalhar jornais sobre meu sequestro? Então ele não acreditou na falsa carta sobre eu tê-lo trocado por outro.

— Não é uma pergunta difícil. — Acrescentou Nikolai.

— Isso não foi uma pergunta. Foi uma afirmação. — Retruquei, bem atrevida.

Como de costume, eles riram. Descobri que o som da risada russa se tornara um dos mais detestáveis para mim.

— Andrei, guie esse barco direito! — Ordenou Nikolai, se levantando. Fiquei sozinha com o braço peludo e asqueroso de Bóris roçando no meu feito uma lixa. Mesmo com meu casaco me protegendo, eu podia jurar que sentia a pele do homem.

Como diabos ele não estava com frio?

Procurei olhar para qualquer lugar que não os russos. E então vi uma caixa de madeira em uma das extremidades do barco. Era como se ela tivesse sido jogada ali.

Não pode ser!

A caixa de Charlie? A caixa de Charlie com o revólver? Era por isso que a ruiva desapareceu dentro da casa. Maisie nunca encontrou a caixa dentro do guarda-roupa porque a caixa estava com Nikolai o tempo todo.

Se eu conseguir pegar a caixa... Ora, de que me adiantaria? Nunca toquei em uma arma!

Tudo o que posso fazer é torcer para que o escocês tenha outras armas, caso decida me resgatar.

Diabo. Ele deve estar é agradecendo aos deuses por eu ter desaparecido do seu caminho.



Escocês

— **DUAS TONTAS!** — Me intrometi na explicação de Maisie. — Em que mundo vocês acharam que podiam lidar sozinhas com os russos?

— O plano era eu estar armada! — Advertiu Maisie.

— Um plano idiota!

Ela cruzou os braços.

— E você tem algum? Ou pretende apenas tirar Tess dos russos pedindo "por favor?" — Me enfrentou.

— O plano, até agora, é não jogar você desse barco! — Me exaltei. Eu adorava Maisie. Ela era como uma irmã caçula, sempre a protegi como tal. Mas, ultimamente, tudo estava me tirando a paciência. A todo momento me via me controlando para não arrancar a cabeça de alguém.

— Que desgraça — praguejou Gael. — Vocês perceberam que não trouxemos nem comida e nem roupa?

— Eu sempre quis provar o gosto da sua carne. — Brincou Jailson em um humor umbroso.

— Chegaremos na Rússia feito canibais. — Preocupou-se Gael. — Isso se não morrermos antes.

— A intenção é não chegar na Rússia. Meu plano é encontrar o barco deles antes. — Avisei-os.

Maisie sacudiu a barra do seu vestido que estava um pouco molhada e soltou um muxoxo discreto.

— Péssimo dia para se usar vestido — ela reclamou.

— Está com frio? — Perguntei. — Pegue meu casaco. — Ela tentou negar rapidamente, mas eu já havia tirado meu agasalho e jogado por cima dos seus ombros gelados.

Seu rosto ficou da cor do seu cabelo, e eu não pude deixar de lembrar das bochechas de Tess coradas após eu beijá-la nos lábios.

Raios. Recordar o calor da sua pele me esquentou feito o próprio fogo.

— Nós temos algum plano para a possibilidade de não encontrarmos a raposinha antes de chegarmos à Rússia? — Questionou Jailson.

Levantei o queixo para encará-lo. Na minha cabeça, aquela possibilidade não existia. Já estive na Rússia poucas vezes e, honestamente, preferia não precisar voltar àquele lugar. Principalmente tão despreparado.

— Nikolai não seguirá viagem à barco. Ele fará uma pausa em alguma ilha, só precisamos pensar como ele e descobrir em qual. — Chiei.

— Como pode ter tanta certeza dos passos daquele monstro? — Maisie perguntou, em uma expressão confusa.

Meu maxilar ficou rígido.

— Por que eu já tive a infelicidade de trabalhar para ele. — Me adiantei, ao ver os olhares surpresos. — Eu não sabia que o trabalho era para ele. Eu tinha viajado para a Rússia para tentar descobrir algo sobre meu pai depois da sua morte. Lá, eu conheci uns homens em um bar e eles, de alguma forma, sabiam que eu era filho de Mikhail e me ofereceram um trabalho. Um trabalho sem complicações. Eu estava precisando de dinheiro para me sustentar, e eles, de alguém para fazer uma entrega na Finlândia.

— Seu escocês/russo desgraçado. Nunca me contou isso! — Grunhiu Gael.

— Quanto menos eu me lembrar que já trabalhei para aquele... — Os privei de um impropério. — Isso não importa. O único ponto positivo de toda essa droga é que eu sei que Nikolai sempre faz paradas em ilhas próximas. Ele nunca sai da Rússia para realizar um único serviço.

Jailson, que estava cuidando do timão depois de tanto ter insistido, o largou por um tempo para se aproximar de Gael, Maisie e eu. Ele estava com um mapa nas mãos e o olhava concentrado.

— Você faz ideia de quantas ilhas tem nesse mapa?

— Ele geralmente escolhe ilhas pequenas, pouco utilizadas.

— Certo. Isso facilitou nosso serviço em torno de... um por cento! — Respondeu, ainda encarando o mapa aberto.

— Deixe o mapa com quem entende, Jailson. — Entrevi Gael, arrancando o mapa das mãos do amigo. — Pegue, Balder. Isso é com você. — E me entregou o papel.

Maisie e eu rimos ao ver o semblante abalado de Jailson.

— Não ria não, ruivinha. Você ainda não mostrou para que veio! — Alfinetou Jailson para Maisie.

— Tenho minhas suspeitas de que Balder já teria cortado a língua de vocês dois caso eu não estivesse aqui. Então, de nada, rapazes.

— Você é uma mulher sábia, *piuthar*. — Compactuei com a brincadeira.

Fizemos a primeira parada cerca de quarenta minutos depois. Era uma ilha andurrial, pequena e jâgal. Não tinha a menor hipótese de Nikolai ter escolhido aquela ilha para uma parada, no entanto, eu já não suportava Gael e Jailson resmungando sobre precisarem esticar as pernas.

— Eu devia ter trazido apenas você. — Cochichei para Maisie, enquanto a ajudava desembarcar. — Veja, esses dois não valem de nada.

Ela abriu um largo e adorável sorriso.

— Parecem duas crianças — ela concordou. Jailson e Gael disputavam quem conseguia arremessar um tronco de árvore de 5 metros da maneira mais correta.

— Você está sendo gentil ao compará-los com crianças. Para mim, parece mais dois idiotas.

— Ei, grande Balder, venha. Mostre para nós que você é mesmo um deus — desafiou Jailson, ofegando, após lançar o tronco. O sangue que circulava no seu corpo foi parar completamente no rosto.

— E acabar com a brincadeira de vocês dois? — Zombei.

Ele soltou o ar algumas vezes antes de me responder.

— Está com medo?

Se havia algo que todos sabiam a meu respeito, era sobre a minha competitividade. Eu precisava ser o melhor, sempre, em tudo. Mesmo

que isso me ferisse, mesmo que... *Raios*, certa vez quase morri de hipotermia para provar que eu suportava o frio muito mais que Gael.

Escolhi o tronco de árvore mais pesado entre os que estavam caídos na ilha, devido ao corte mal feito, provavelmente uma tempestade havia derrubado todos.

Me posicionei, soltei o ar, e, em um urro, ergui o tronco. Em outro urro e outra soltada de ar, o arremessei com perfeição. *Diabo*. Quase caí duro na areia.

Maisie aplaudiu. Jailson me ofendeu e Gael disse de forma séria:

— Se há vida após a morte, como já ouvi muitos dizerem, espero que eu nasça com o bendito sangue Russo na próxima!

Todos riram.

— Quero uma revanche! — Disparou Jailson.

Gael arquejou incomodado e deu um tapa na cabeça do amigo.

— Você é tonto, Jailson? Não acha que já fomos humilhados o suficiente?

— Não fomos humilhados! — Rebateu, e levantou bruscamente a cabeça. — Esse miserável está roubando.

— Acho que vocês podem tentar a noite inteira, mas nunca ganharão de Balder. — Disse Maisie, casualmente. E olhou para meus braços: — É evidente que ele é mais forte.

— Acho que eu disse que já fomos humilhados o bastante, dona ruivinha! — Brincou Gael.

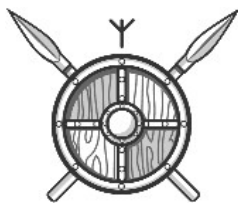
Eu sorri, meio a contragosto.

— Está bem. Já descansamos o suficiente. — Resolvi que era hora de lembrar todo mundo a razão de estarmos ali. — Vamos voltar para o barco!

— Quando decidimos que o grande Balder era o capitão!? — Resmungou Jailson. O homem era orgulhoso demais para admitir uma derrota.

Gael inspirou e teve uma pequena explosão de raiva.

— A ideia e o barco são dele, Jailson. Agora quer fazer o favor de calar essa boca!?



Passamos por duas ilhas, mas como elas não se encaixavam na descrição que eu havia feito sobre a possível escolha de Nikolai para uma pausa, optamos por não parar.

O sol já estava se pondo. O vento estava mais cortante. E a nossa fome também já tinha aumentado. Eu estava tentando me manter positivo para não desesperar mais ninguém, no entanto, a preocupação estava tomando conta de mim pouco a pouco. Estávamos em um barco à vela, sem comida, sem agasalhos, sem qualquer perspectiva de encontrar Tess. E eu era o único responsável por tudo aquilo. Pela vida de cada uma daquelas pessoas. Depois do que aconteceu com Logan, ninguém nunca mais confiou no mar. Foi um grande avanço eles terem concordado em irem à bordo comigo.

— Eu estou um tanto receoso, mas quero perguntar mesmo assim. Que porcaria é essa que você tá fazendo!? — Jailson rompeu com o silêncio.

Maisie e eu olhamos rapidamente para Gael. Ele era o único ainda em pé no barco. Havia um pedaço de madeira em suas mãos. Uma madeira que estava exigindo toda sua concentração.

— Eu vou tentar pescar. — Ele explicou, os olhos azuis ainda estavam fixos em seja lá o que ele estivesse fazendo.

— E eu posso saber que raios você usará de isca? — Questionei, fazendo suas sobrancelhas erguerem.

— Olha, eu estou faminto. Não consigo pensar direito. Mas se eu não fizer nada, eu irei me jogar desse barco! — Despejou, finalmente.

— Isso seria muita generosidade da sua parte, Gael. — Ironizou Maisie.

Gael não escondeu o espanto.

— Ela sempre foi essa cobrinha!? — Ele perguntou para mim.

— A mais venenosa. — Concordei, mas todos sabiam que era apenas uma brincadeira. Maisie sempre foi doce e gentil com todos. Ela apenas gostava de provocar aqueles dois como se sua vida dependesse disso.

— O que é aquilo!? — Questionou Jailson, novamente chamando a atenção de todos nós.

Eu me levantei.

Jailson levou um binóculo aos olhos que me obrigou a questionar:

— Aonde você arrumou isso?

— Na mala. Estava junto com o mapa. — Respondeu distraído. Sua atenção estava na água.

— Mala? Que mala!?

— Acho que era do seu pai. Você não revistou o Guerreiro quando entrou? — Ele deixou de olhar para o oceano e me encarou com estranheza. Eu balancei a cabeça negativamente. — Tem algumas coisas lá dentro. Você devia dar uma olhada.

— Certo! — Concordei. Meus pensamentos foram até meu pai. Inconscientemente levei uma mão em minha cicatriz rugosa. As lembranças daquela maldita noite voltaram feito um vendaval. Entre tantas recordações que podiam ocupar um espaço na minha mente, era uma calamidade saber que eu escolhi justamente aquela para se tornar a principal.

— Não. Agora não. — Ele me puxou pela camiseta para me deter. E me estendeu o binóculos. — Acho que encontramos sua raposinha, grande Balder.



Tess

AGORA EU ESTAVA COM MEDO. Não. Eu estava apavorada. Santo Deus. Que lugar era aquele que Nikolai escolheu para esperar seu informante!? Precisava ser tão escuro? E, e tão... tão...

— Desça logo dessa barco ou eu a descerei pelos cabelos! — Rugiu Bóris. Sempre um amor de pessoa.

Mordi a língua para não rebater.

— Que lugar é esse? — Perguntei para Nikolai. Resolvi que a melhor alternativa seria ignorar Bóris. Dos três, ele havia se mostrado o mais grosseiro. Tinha até medo de imaginar o que suas mãos sanguinárias já fizeram. Aquele monte de tatuagem esquisita por seu pescoço. *Cruzes*. Ele era mesmo assustador, e ficou ainda pior depois das marcas que Charlie deixou por seu rosto.

Charlie... Ora, escocês, espero que esteja planejando resolver essa merda toda em que você me meteu!

— Uma ilha. — Respondeu Nikolai, sem dar detalhes.

Novamente, mordi a língua. Não seria nada inteligente irritar aqueles homens.

— Qual ilha? — Insisti de forma doce, fingindo que minha pergunta era inocente e despretensiosa. Para ser sincera, eu estava tentando ganhar tempo. Não queria descer do barco.

— Não tem nome. É apenas uma ilha! — Nikolai estava ficando furioso comigo. Eu havia deixado de ser a dama engraçada que o estava distraindo e passei a ser a prisioneira insolente, que não ficava calada um segundo sequer. — Desça logo desse barco!

Eu não tive escolha.

Minhas botas preta de salto quadrado já não me suportavam. E nem eu a elas. Meus pés já estavam doloridos. E andar sobre aquele cascalho... Oras, eu não podia ter escolhido nada mais inadequado para calçar.

— Vamos. — Falou Nikolai, me puxando pela corda como se puxa um animal. Cambaleei.

Vamos?

— Não iremos aguardar por seu informante?

Soltou um resmungo em russo.

— Sim, mas não passaremos a noite aqui embaixo. Temos algumas cabanas montadas lá em cima. — E apontou para a montanha. Meus calcanhares sentiram a dor só por imaginar andar tudo aquilo.

Engoli em seco. Seria muito fácil para eles se livrarem do meu corpo lá em cima. *Maldito pensamento. Eles não irão me matar. Eles precisam de mim viva para chantagear Ryld.*

Nikolai se virou para os capangas e disse alguma coisa em russo para eles. Provavelmente era alguma ordem. Talvez algo sobre o barco, pois os dois consentiram e foram até ele.

— Ande logo! — Me acelerou assim que começamos a ir em direção à montanha.

Ora, não tenho a menor pressa. Me controlei e acatei sua ordem feito um soldadinho. Agora eu compreendia as ameaças que Charlie fazia para Nikolai. Qualquer um que passasse um tempo com o russo teria vontade de esganá-lo. *Não. Decapitá-lo.*

Acabou que o medo e o frio foram maiores que a dor nos pés. Demorou um tempo para eu compreender o real perigo que eu corria. *Santo Deus.* Nikolai era um assassino. Perigoso e cruel.

Não era como o medo que senti ao ser raptada por Charlie. Longe daquilo. Apesar de eu ter tido medo com Charlie, algo dentro de mim não acreditava que ele seria capaz de me ferir. Mas com Nikolai... com Nikolai era diferente. O russo cheirava a maldade. Os olhos eram como lâminas. O sangue em suas veias, como veneno.

Inferno. Preciso encontrar uma forma de escapar.

— Preciso usar o banheiro. — Eu falei.

— Aguarde mais um pouco.

Parei de andar. Ele também parou.

— Eu preciso usar o banheiro. — Repeti com mais firmeza.

— Volte a andar agora mesmo! — Ele ordenou.

— Não acho que ignorar minha vontade de fazer xixi seja uma opção. — Insisti, acabando com a paciência do russo. Eu sabia como deixar um homem louco.

Ele soltou um som que parecia uma espécie de rosnado.

— Vá atrás daquela árvore. — Apontou com a cabeça. Segui com o olhar. Não era um tronco muito espesso, mas eu também não planejava fazer dele um banheiro. A intenção era escapar.

— Preciso das minhas mãos para... você sabe, descer a calça.

— Eu faço isso para você. — Havia malícia na sua voz. Eu me desesperei ainda mais.

Minhas pálpebras tremeram só por imaginar aquele homem asqueroso me tocando.

— Prefiro fazer isso eu mesma.

— Não pense que sou um tolo, querida. Deve saber que você não é a primeira mulher que eu sequestro.

Minha saliva ficou amarga de repente. *O que aconteceu com as outras mulheres?*

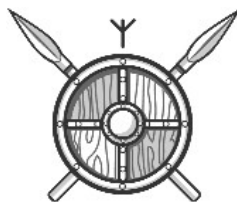
— Certamente que não.

— Então, bela dama, quer que eu baixe sua calça ou você pode reconsiderar segurar mais um pouco? — Nikolai era esperto, sabia como conseguir o que queria sem precisar usar a força.

— Posso segurar mais um pouco! — Rangi o dentes, aceitando o fracasso.

Ele sorriu.

— Foi o que imaginei. — E voltou a me arrastar pela corda montanha acima.



E havia mesmo cabanas no alto da montanha. Cerca de três. Eram de madeira, pequenas, claramente improvisadas. Os telhados estavam cobertos por plantas parasitas. Aquilo podia facilmente ruir. Não era um lugar onde chegávamos e podíamos dizer que estávamos em "casa", acolhidos, pelo contrário, eu preferia ter continuado escalando montanhas a entrar naquelas cabanas.

— Vamos, vou te mostrar o banheiro. — Disse Nikolai, me empurrando pelas costas para que eu andasse.

— Em qual delas entraremos? — Perguntei.

— Eu sou o chefe, você deve saber que eu sempre fico com o melhor.

— Me parecem todas iguais. — Tentei não soar rude.

— Um olhar um tanto grosseiro para uma dama tão requintada. — Disse, em tom de crítica.

Contraí os lábios e tornei a avaliar as cabanas. Um pequeno amontado de pedra servia como escada para a entrada de uma delas. E essa mesma cabana tinha uma janela bem pequena de vidro. Exceto por esses detalhes, todas me pareciam muito iguais.

— Acho que aquela é a sua. — Falei por fim, apontando com a cabeça.

— Sua perspicácia superou minha expectativa. — Disse com grande sarcasmo. — Entre logo!

Eu entrei, tentando me convencer de que nada de ruim aconteceria. *Nada pior, é claro.* Nikolai só queria dinheiro, ele não estava interessado em mim. Ele não iria me tocar...

Ele acendeu a luz, que, por ser bem fraca, não clareou muita coisa.

Dentro da cabana tinha apenas uma mesa pequena com duas cadeiras e um colchão no chão. Não havia dúvida de que Nikolai usava aquele lugar apenas para descansar da viagem.

— O banheiro é logo ali. — Ele apontou para uma portinha discreta. — Eu irei desamarrar a corda agora, mas se você tentar alguma coisa...

— Não tentarei nada. — Interrompi seu alerta. Eu realmente não queria ouvir de que formas Nikolai poderia me torturar.

Ele me puxou novamente pela corda e a desamarrou com cuidado. Não entendi porque não a cortou, mas supus que ele pretendia me amarrar novamente em breve e talvez aquela fosse sua única corda.

Olhei para meus pulsos vermelhos e marcados. *Podia ser pior.*

Corri para o banheiro. Eu estava mesmo muito apertada. Precisava saciar um incômodo de cada vez. Olhei ao redor depois de fazer xixi. Não tinha nada além de uma privada e uma pia. Por um instante pensei que pudesse encontrar algum objeto para usar como arma contra Nikolai, um pedaço de vidro, mas não havia espelho. Uma janela por onde pudesse me esgueirar. Não havia coisa alguma. Era frustrante.

Que grande azar, Tess.

Gastei mais um tempo no banheiro tentando me tranquilizar. Entrar em pânico não era uma opção. Sequestradores e assassinos sempre machucam pessoas escandalosas para silenciá-las. Eu precisava manter a calma e, quando surgisse a oportunidade, eu fugiria.

Quando saí, vi que Nikolai não estava mais dentro da cabana. Aquela não era bem a oportunidade a que eu estava me referindo, tudo que tinha ali dentro ainda continuava sendo inútil. O que eu poderia fazer com um colchão? Ou com cadeiras e mesa?

Dar uma cadeirada naquele russo não me parecia ser muito vantajoso. Nikolai parecia ter o corpo duro feito concreto, a cadeira provavelmente se quebraria assim que o atingisse.

Também não me adiantaria de nada bloquear a porta. Um chute dele e tudo iria para o espaço.

Eu não queria ficar sentada esperando para ser resgatada, fosse por Charlie ou por Ryld, a essa altura pouco me importava quem seria. A grande questão era que eu não estava conseguindo pensar em como me safar de Nikolai. E eu precisava fugir dele antes que os outros dois russos voltassem.

A janela da cabana era um pouco alta, então usei a cadeira para subir e conseguir olhar através. O vidro estava embaçado devido a umidade do lugar. Puxei a manga do meu casaco para limpar.

Ora essa, não me adiantou de muita coisa. Já tinha anoitecido. Estava um breu de sufocar.

Desci da cadeira e me sentei nela. *Porcaria*, estava difícil segurar o choro. Me encolhi feito uma criança que foi posta de castigo.

— Me desculpe a demora — disse Nikolai ao voltar —, fui ver se aqueles dois imprestáveis tinham alguma bebida escondida na cabana deles.

— E encontrou? — Perguntei, com uma curiosidade ostensiva. Se Nikolai estivesse embriagado, seria mais fácil para escapar.

Ele soltou o ar com exasperação.

— Não prestam nem para isso! — Ralhou e eu concordei. — Por que levou a cadeira para aí?

— Ah, bem, estava tentando respirar ar fresco. — Menti facilmente.

— Tem certeza? — Ele não esperou por minha resposta. — Por que eu acho que você estava tentando espionar pela janela.

Senti que meu rosto ficou vermelho vivo. Ele era bom. Eu subestimei a esperteza do russo.

— Está certo. Eu saí do banheiro e não o vi. Achei que, de alguma forma, você tivesse sido pego. Bom, está claro que eu não tive tanta sorte. — Falei francamente.

— Minha querida, os príncipes existem, não os super-heróis. Ninguém virá salvá-la. Esqueça isso. — Debochou, como se falasse com uma criança.

— E você acha que seu plano funcionará!? — Questionei com um sorriso discreto.

— Sempre funciona. — Argumentou. — A não ser que a dama tenha algo para me contar.

— O que quer dizer?

Eu não podia estar mais confusa com sua pergunta.

— Digamos que a forma como Charlie tentou salvá-la me deixou um pouco alarmado.

Meus olhos ficaram escancarados. Como eu poderia fingir que meu coração não foi parar na garganta?

— Ora, ele sabe o patife que você é. Só estava tentando me proteger.

Ele se sentou na outra cadeira e cruzou as pernas. Depois, virou seu rosto para mim.

— Ele ofereceu a vida dele pela sua.

Um maldito sorriso escapou dos meus lábios e Nikolai não deixou passar despercebido. *Minha nossa senhora*. Estava cada vez mais difícil fingir que aquelas informações não estavam mexendo comigo. Por que aquele homem rude ofereceria a vida dele pela minha?

— Isso é simples de explicar. A função de Charlie é me proteger. Ele é um homem que leva a sério suas funções. — Rebatí.

Nikolai pareceu ter acreditado. Mas eu não o conhecia o suficiente para ter certeza.

— Não acho que seja isso. Mas não estou interessado na sua vida amorosa. — Eu estava errada em achar que ele havia engolido minha explicação.

Ele se levantou novamente e pegou a corda no chão.

— Não me amarre. Eu prometo não tentar nada. — Implorei, me obrigando a soar sincera.

Ele já estava perto de mim.

— Eu tenho um péssimo hábito de não acreditar nas pessoas, querida. — Falou em um tom condescendente. — Me dê seus pulsos.

Escondi minhas mãos atrás da cadeira. Se Nikolai me amarrasse novamente, seria ainda mais difícil conseguir escapar.

— Me dê um voto de confiança. — Pedi. Eu não sabia ao certo como negociar com mafiosos, porém, eu sabia como soar honesta. — Ora, desde que me raptou eu tenho sido complacente. Não pode negar.

Ele coçou o queixo, lembrando-me Charlie.

— Sim, você não é escandalosa. Talvez porque tenha medo de mim.

— Não tenho medo de você. — Garanti. O que não era nenhum pouco verdade.

Ele escolheu seu olhar mais cruel para me encarar. Um olhar que dizia que o russo já tinha visto e feito de tudo.

— E se eu te contasse sobre a vida que tirei? Sobre como foi agradável enfiar a faca em Mikhail e ver seu olhar de desespero!? O sangue jorrou pelas paredes e teto porque seu coração ainda continuava batendo mesmo depois do segundo golpe.

Meus olhos tremeram. Ele queria que eu sentisse medo, mas eu não estava inclinada a dar o que ele queria.

Como alguém conseguia sentir prazer em tirar uma vida? Como alguém conseguia falar sobre isso sem esboçar qualquer reação? Como ele pôde assassinar os pais de uma criança e ainda permitir que essa criança assistisse tudo? Eu não conseguia imaginar o que Charlie sentiu durante todos esses anos, mas eu podia imaginar como isso moldou sua personalidade.

Rangi o dentes, cerrei o punho com força. Nikolai tinha que pagar por tudo o que fez, e eu queria ter forças o bastante para acabar com ele.

Eu nunca fui boa em esmurrar alguém, pelo amor de Deus, eu sempre fui a menor da escola. Ninguém nunca dava muita credibilidade quando eu sentia raiva, pelo contrário, sempre achavam que eu ficava fofa com o beicinho de emburrada. Então, como eu podia amedrontar aquele homem que tinha quase dois metros de altura e cerca de 10kg (*exageradamente*) em cada braço?

— Nikolai, isso me faz ter pena de você. Não medo. — Falei por fim.

Pena? Por que diabos eu disse isso?

Era óbvio que ele iria rir.

— Fico grato por sua condolência. — Zombou. — Pensarei nisso quando estiver cortando seu pescoço.

Engasguei.

Nikolai me puxou pelo braço e me obrigou a ficar de pé.

Eu precisava me livrar do russo. Eu precisava tentar alguma coisa. Qualquer coisa. Percebi que a guarda dele estava baixa, ele estava interessado em me fazer ter medo de quem ele era, não estava prestando atenção nos meus movimentos. Era uma boa oportunidade para tentar algo que meu pai me ensinou muitos anos atrás e que eu nunca tentei colocar em prática por receio de não dar certo.

Fiquei na ponta dos pés e quando encontrei uma brecha, o golpeei no maxilar. E antes que ele pensasse em reagir, usando força suficiente, dei outro murro no plexo solar.

Nikolai se encolheu para tentar conter a dor. Ele estava em choque. Eu entrei em desespero depois que a adrenalina cessou.

— Sua vad.... — Ele tentou me ofender, mas o gemido ocupou o lugar da ofensa.

Recuei. Minhas pernas estavam bambas, as mãos tremiam, minha língua estava dormente. Eu não conseguiria desferir outro golpe, de forma alguma. E Nikolai me mataria quando se recuperasse. Era a única certeza que eu tinha.

Eu respirava com tanta dificuldade que a impressão que dava era que eu quem havia sido golpeada.

Se controle. Se controle.

Nikolai estava se recuperando, não estava mais tão encolhido, o choque inicial tinha passado.

Eu não podia ficar esperando que ele recobrasse a consciência. Seria suicídio. Então corri em direção à porta. Não me lembrava de tê-lo visto trancar, então a minha esperança era que ela só estivesse encostada. Segurei na maçante e rezei.



Escocês

— **EU** SOU O MAIS FRAQUINHO, então tenho que ficar com o menor.

— Minha barriga ser maior que a sua não faz de mim mais forte, Gael! — Rebateu Jailson.

— Pelos deuses, calem a boca vocês dois! — Resmunguei baixinho. Já estava sendo difícil o suficiente subir aquela montanha sem lanterna e tentar ser silencioso ao mesmo tempo. Não queria ter que lidar com Gael e Jailson discutindo para saber qual dos três russos cada um enfrentaria.

— Nós estamos indo salvar uma donzela sem um plano e sem armamento, Balder. Como pode estar tão calmo? — Questionou Gael, em um sussurrar ríspido.

— Aquela criatura não é uma donzela. Provavelmente ela já fez os três homens se matarem. — Rebatí bruscamente.

— Não me desanime dessa forma. Quero ter o prazer de fazer sangue russo jorrar! — Jailson brincou e nós três rimos.

— Só espero que Maisie fique bem no Guerreiro. — Ecoei, olhando por cima do ombro.

— A ruivinha tem sangue escocês. É mais brava que nós três juntos. Ela ficará bem. — Gael tocou em meu ombro para tentar me tranquilizar. — Você não pode se preocupar com duas *boireannaich* ao mesmo tempo.

Quando Jailson avistou um barco em uma ilha pequena, não pensei em outra coisa que não ir imediatamente até ele. Não pensei em esconder o Guerreiro, não pensei em um plano para resgatar Tess, em armas. Eu nunca tinha sido tão inconsequente em toda minha vida.

Assim que eu me encontrasse com a bendita criatura, primeiro eu a esganaria, depois tentaria salvá-la. Em que raios de situação ela foi nos meter!

Quando chegamos, a primeira coisa que fizemos foi verificar pela margem da ilha e no barco deles, e ao constatarmos que não estavam

em nenhum dos dois lugares, não tivemos outra alternativa que não encarar o pico da montanha.

Continuamos seguindo em frente sem trocar mais palavras. Sabíamos que o silêncio a partir dali era demasiadamente importante. Éramos nosso elemento surpresa.

— Estão ouvindo isso!? — Balbuciei e fiquei estático, obrigando todos a pararem de andar. O som de galhos sendo pisoteados ficara ainda mais intenso. — Alguém está vindo em nossa direção.

— Algum russo? — Gael perguntou com desdém.

— Não tenho certeza. Eu não consigo enxergar. — Falei, apertando os olhos. Tudo o que podia ser visto era um vulto sem forma se movendo sob o luar. — Se escondam atrás de alguma árvore. Quando o *ser* passar, o pegamos!

Me embucei na retaguarda de um tronco. Jailson e Gael fizeram o mesmo. Sentia-me mais do que pronto para acabar com aqueles russos canalhas. Sentia-me tão encolerizado que não careceria nenhuma arma de fogo para destruí-los, meus punhos seriam mais do que suficiente.

Eu conseguia ouvi-lo se aproximar. Podia ouvir sua respiração ruidosa. Aquele russo estava mesmo com muita pressa; seria um grande prazer arruinar seus planos.

Curvei-me em posição de ataque. Pernas levemente dobradas, ombros um pouco voltados para trás. Eu estava mais que pronto. Quando o russo passou por mim, não pensei duas vezes, saltei em cima do seu corpo e fomos os dois parar no chão. Rolamos feito cães ladeira abaixo. Ela gritou.

Ela?

Por Odin, que raios de voz feminina era aquela!?

Trombei com uma árvore e estagnei. O mesmo aconteceu com a mulher que antes rolava comigo pela montanha. Me levantei rapidamente, desconsiderando as fisgadas que eu estava sentindo por todo corpo.

— Pelo amor de Deus! — Arfou ela como que consigo mesma.

A claridade do luar me propiciou um exíguo vislumbre do seu rosto.

— Tess!? — Perguntei, muito embora eu conhecesse sublimemente o som da sua voz.

— Charlie? Santo Deus. É claro que é você. Que outro homem seria tão cavalheiro assim, não é mesmo!? — Rebateu bruscamente.

Jailson e Gael nos alcançaram, esbaforidos.

— Como... como você... como que... — Não consegui concluir a pergunta. Eu não precisava perguntar como ela conseguiu fugir dos russos. Ela era uma criatura tempestuosa, era capaz de fazer nevar em pleno verão brasileiro, se quisesse.

— Subimos metade da montanha à toa, Gael. — Fungou Jailson.

— É bom que você elimina um pouco essa sua pança de cerveja, Jailson.

Eu estava boquiaberto, ainda olhando para Tess. Ela teria que me explicar muita coisa quando estivéssemos em segurança.

— Eles estavam vindo atrás de mim. É melhor continuarmos correndo. — Alertou-nos.

— Você nos poupou de muito trabalho. Porém, eu ainda quero acabar com Nikolai! — Rebatu.

— Santa paciência, Charlie. Não é hora de você tentar resolver seus problemas. Eu quero ir embora dessa merda de ilha o quanto antes. — Contestou.

Pensei que eu a abraçaria quando a visse, pensei que me sentiria aliviado por encontrá-la sã e salva. Mas eu não estava sentindo nada disso. Em meio segundo, Tess conseguiu me fazer ter vontade de enforcá-la ou de enforcar a mim mesmo.

— Jailson e Gael, levem essa criatura para o Guerreiro. — Ordenei, ignorando seu faniquito.

— Aonde você pensa que vai, Charlie? — Agarrou meu braço, fazendo suas unhas compridas me ferirem.

Pensei seriamente em ignorá-la. Contudo, Tess não era o tipo de mulher que aceitava muito bem ser ignorada.

— Farei Nikolai se arrepender de tê-la levado de mim!

— Não seja estúpido. Não permitirei que seja morto por minha causa. — Ela disse.

— Acho melhor o caszinho resolver isso logo. Posso ouvir os russos se aproximando. — Atentou Gael. Se pudéssemos um ver o rosto do outro, ele saberia que eu o coriscava com os olhos.

— Solte meu braço de uma vez, *boireannach*! — Exigi, tentando me desvencilhar. A criatura tinha uma força sobrenatural para o seu tamanho.

— Já ataquei russos hoje, eu não teria problema algum em atacar escoceses também. — Tentou me amedrontar. Eu adorava sua ousadia, mas por vezes queria lhe arrancar a cabeça. — Eu não vou embora dessa ilha sem você, Charlie. Desista! — Completou.

Arfei com irritação. Eu afrontava qualquer um sem pensar duas vezes, ninguém me fazia mudar de ideia quando eu colocava algo na cabeça, mas aquela criatura. Ah, ela tinha uma intimidante facilidade de me deixar impotente.

— Fique bem atrás de mim! — Ordenei para ela e lhe dei as costas.

— Você nunca disse isso para mim, grande Balder. Estou enciumado. — Zombou Jailson.

— É porque não o beijamos duas vezes, Jailson. — Gael entrou na brincadeira.

— COMO É!? — Tess reagiu aos gritos e me esmurrou nas costas. — Seu escocês de merda, você contou para eles?

Virei-me para ela com um sorriso afável no rosto e agarrei seus pulsos para contê-la.

— A madame nunca me pediu segredo. — Respondi em um tom inofensivo.

— Charlie, eu vou matar você. Juro que vou!

— Por que não continuamos essa adorável conversa sem estarmos correndo risco de vida? — Entreviu Jailson.

— Não vou continuar essa conversa. Na verdade, Charlie, o proíbo de dirigir qualquer comentário à mim!

— Vocês dois deixaram a dama constrangida. — Provoquei e tornei a andar. — E na verdade, rapazes, foram três beijos.

Agora eu estava correndo montanha abaixo, ciente de que Tess me seguia rogando todas as pragas existentes no mundo.



Tess

— **QUANDO VÃO LIGAR A DROGA DO MOTOR!?** — Questionei para qualquer um, exceto Charlie. *Que Deus me segure, quando eu estiver a sós com o desgraçado, eu o matarei. Matarei mesmo, como nunca desejei matar alguém antes. Nem mesmo Nikolai.*

— Ninguém avisou a raposinha que esse é um barco à vela sem motor? — Jailson perguntou em tom de deboche.

— Estão brincando comigo? Vieram me resgatar em um barco à vela sem motor? — Reagi, boquiaberta. Fui obrigada a voltar a interagir com o escocês. — Santo Deus, Charlie, você precisa melhorar seus transportes. Primeiro me sequestra com uma carroça e agora tenta me salvar com um barco à vela?

— Sequestra? — Maisie questionou, confusa.

O barco começou a se mover depois de Charlie soltá-lo do cais.

— Foi apenas um modo de falar. — Tentei disfarçar. Havia me esquecido que aquelas pessoas não sabiam sobre as razões que me levaram à Kerrera. — E por falar nisso, onde arrumaram esse barco? Se não me falha a memória, estavam construindo um. Custa a acreditar que seja esse.

Ouvi Jailson resmungar algo sobre eu ser tagarela, mas não tive tempo de respondê-lo.

— Esse barco era do meu pai. O chamamos de Guerreiro. — Explicou Charlie.

— Ah, que gracinha, mas não me importo com o nome dele. Só me explique porque diabos nunca me contou que havia um barco esse tempo todo?

— O Guerreiro é como se fosse nossa pedra preciosa. Você tem suas joias brilhantes e nós temos esse barco velho aqui. — Respondeu Gael, dando tapinhas no barco como se estivesse cumprimentando um velho amigo.

Charlie balançou a cabeça e sorriu para mim, mas logo seu rosto se fechou, carrancudo.

— Aonde raios está seu anel!?

Olhei para meus dedos. Eu nunca tinha me visto tão suja. Minha mão direita estava vermelha e dolorida, mas tinha valido a pena cada murro dado em Nikolai.

— Nikolai o tirou de mim. Disse que mandaria de presente para Ryld.
— Suspirei.

Charlie ficou furioso.

— Eu o recuperarei. — Garantiu, como se mais nada importasse.

— Era apenas um adorno. Eu tenho certeza que Ryld compreenderá quando eu explicar.

Maisie que estava sentada ao meu lado no banco de madeira, tocou em meu joelho, como se tentasse me consolar.

— O importante é que você está bem. — Murmurou, e eu concordei.

— Ainda não acredito que você entrou nesse barco para me salvar.
— Murmurei de volta.

— Olha só, com a gente ela não foi tão receptiva. — Resmungou Gael. Eu não o conhecia tão bem, assim como não conhecia Jailson, mas aqueles homens atravessaram um oceano apenas por mim.

— Obrigada. — Disse com sinceridade, inclusive para Charlie, o homem feito de cristais de gelo. — A todos vocês, muito obrigada.

— Agora compreendo o porquê você disse que casaria com ela, grande Balder. — Comentou Jailson.

Não sei como aconteceu, mas eu acabei em pé no barco e engasgada com minha própria saliva. Tossi tantas vezes que cheguei a me preocupar com meus pulmões.

— Cas... casar!? Charlie, o que é que esse homem está falando? — Exigi saber.

— Se casar? — Maisie também pareceu atordoada.

— *Diabhal*. Você sempre tem que abrir sua boca, pançudo maldito?
— Questionou Charlie, com um ar de vaga irritação.

— Charlie!? — O chamei em tom ríspido. Seu nome de repente pareceu amargo em minha boca. Ele precisava me responder antes que eu tivesse uma taquicardia.

Ele se virou para mim e caminhou em minha direção.

— Podemos conversar sem uma plateia?

Concordei, sentindo um calor desmedido. Até arranquei meu casaco, que me pareceu mais quente que o habitual.

O segui até a proa do barco, longe de todos. Ele segurou em um dos mastros para se equilibrar. Eu fiz o mesmo.

— Diga de uma vez. — O apressei. — Por que Jailson disse que você se casaria comigo?

— Porque foi o que eu disse a eles. — Ele riu de forma amarga. — Não quero me casar com você, se é o que está pensando. Mas foi uma sugestão que dei para que Nikolai desistisse de raptá-la.

— Que diabos, Charlie, eu prefiro me entregar para Nikolai a me casar com você! — Repliquei, em um tom mais cortante que navalha.

— Você sabe que Nikolai não desistirá de procurá-la. Não sabe? — Ele praticamente despejou as palavras. — Eu conheço aquele *fear* (*homem*) a mais tempo que você. Enquanto a madame for a noiva do príncipe Ryld de Gales, Nikolai não desistirá.

Soltei uma risada amarga, assim como a dele.

— E o escocês acha que devo me casar com ele apenas por essa razão? — Menosprezei. Charlie, que antes segurava no mastro, agora estava com as duas mãos em mim, em meus braços. Se eu pudesse ver seus olhos, sei que veria algo sombrio.

— Não precisa casar-se comigo, pode ser com qualquer escocês, eu realmente não me importo. Mas precisamos despistar o *ruiseanach* (*russo*). Caso a criatura tenha uma proposta mais sensata, estou aberto a sugestões.

Não era para ter doído, mas suas duras palavras me desconjuntaram. Eu certamente não queria me casar com Charlie, contudo, a forma como ele abominou a ideia...

— Não me casarei com outro homem que não Ryld. — Disse de forma clara, engolindo as emoções.

— Não é hora e nem lugar para a madame ser tão — ele me puxou para mais perto, seu hálito quente acariciava meu rosto — intransigente. Já não basta ter agido de forma infantil e ter sido raptada?

— Eu não fui infantil! — Contestei, parecendo ainda mais infantil, e tentei recuar, mas Charlie era insistente quando queria.

— Você pediu para Maisie não me chamar. O que pensou?

— Ora, Charlie, eu mesma o teria chamado, caso o senhor não tivesse fugido de mim a manhã inteira!

— Você sabe como ninguém as razões que me levaram a isso. — Murmurou.

Engoli em seco.

— Certamente. O senhor não sabe controlar a própria libido. — Provoquei, e mordi o lábio inferior para não rir.

Charlie acariciou meus braços lentamente, como se eu fosse um objeto de grande valor e admiração. Todas as estrelas estavam assistindo enquanto eu ficava arrepiada.

— Quer saber de uma coisa, criatura? — Ele se inclinou para cochichar em meu ouvido. — Eu estou me contendo agora, mas temo que não seja isso que a madame deseje.

Umedeci meus lábios. Eu não havia me dado conta do quanto eu queria ser beijada pelo escocês, até ele dizer. Eu ansiava por seus beijos. Certamente não era amor o que eu estava sentindo, estava mais para um maldito vício.

Que diabos, como deixei chegar a esse ponto? Em que momento permiti que Charlie se tornasse uma obsessão para meu corpo?

O que antes eu odiei, agora era o que eu mais desejava.

Charlie me soltou e colocou uma distância segura entre nós, e eu finalmente pude respirar. Meu Deus do céu. Por que ele me provocava daquela forma? Era como se quisesse me arruinar.

— O que os russos fizeram com você? — Ele perguntou com frieza, mudando totalmente de assunto.

Esfreguei a testa. Precisei me esforçar para conseguir acompanhar a mudança de temperatura. Charlie me colocou no fogo para depois me

fazer andar descalça na neve.

— Eles... eles não me tocaram, se é o que quer saber. — Fui sucinta. Minha cabeça estava revirada.

— Como escapou?

Fechei e abri a mão direita.

— Eu soquei Nikolai, duas vezes, enquanto Andrei e Bóris não estavam por perto. Depois eu corri.

— Você o quê? — Bradou, descrente.

— Eu não podia ficar esperando para ser resgatada. Precisei ser minha própria heroína. — Expliquei e o encarei. — E, bem, eu não tinha certeza de que você iria me procurar. Para ser sincera, pensei que estivesse agradecendo aos deuses por Nikolai ter me levado.

— Nem se o oceano congelasse eu permitiria que você fosse levada para a Rússia, Tess. — Assegurou.

Prendi a respiração.

— Nikolai me disse que você ofereceu sua vida pela minha.

Eu daria mil pulos para ter uma faísca de luz e conseguir ver como Charlie reagiu aquele comentário.

— E ofereceria quantas vezes fosse preciso. — Sustentou minha afirmação. — Eu a tirei de todo conforto de Londres e coloquei sua vida em risco. Nunca me perdoaria se soubesse que algo aconteceu à senhorita por um erro meu.

As batidas do meu coração normalizaram. Por um momento acreditei veementemente que Charlie estivesse preocupado comigo, quando, na verdade, ele estava apenas preocupado com o peso da própria consciência.

— Entendo. — Murmurei, desviando o olhar para o oceano.

— Me parece que o que eu disse não a agradou. — Observou.

Por Deus, eu sou tão transparente assim?

— Estamos indo para Londres? — Ignorei seu comentário.

— Pela manhã. — Garantiu. — Foi um dia longo. Creio que a madame esteja ansiosa por uma pausa.

— Está coberto de razão. — Confirmei. — Mas não corremos o risco de Nikolai aparecer novamente em Kerrera?

Charlie riu. Uma risada rouca que fez meu coração disparar novamente.

Que diabo!

— Estou torcendo para que ele faça exatamente isso, madame.

— Charlie, enquanto eu estava no barco dos russos eu vi uma caixa, e creio que seja a sua caixa com revólver.

— Sim. — Ele não ficou surpreso como eu achei que ficaria.

— Se ele está com sua arma, como pretende enfrentá-lo? — Perguntei. O barco estava chacoalhando bruscamente. Tivemos que nos segurar para não cairmos.

— Acha realmente que sou um homem tão tolo, Tess!?

— Ora, pelo que Jailson e Gael disseram vocês vieram totalmente desarmados para me resgatar, o que me faz suspeitar de que aquele bendito revólver era o único que o senhor tinha em Kerrera. Não vejo como minha pergunta possa tê-lo ofendido.

Charlie encurtou a distância mais uma vez, e em questão de segundos ele estava segurando meu rosto. O meu queixo, para ser mais precisa.

— Eu estava desarmado porque quando soube que ele a havia sequestrado, eu fiquei cego. Nada no mundo me pareceu mais certo do que me jogar dentro do mar e ir buscá-la, mesmo que nadando. Eu fiquei enlouquecido e, raios, eu nunca enlouqueço!

— En... entendo. — Gaguejei.

Ele ergueu meu queixo.

— Não, criatura, não entende. — Disse em um tom ríspido. — Se eu tivesse um terço do poder que o príncipe de Gales tem, eu jamais permitiria que você desaparecesse de meus olhos por tanto tempo.

Meu rosto corou, era uma grande sorte que a escuridão não permitisse que Charlie visse.

— O que quer dizer, Charlie?

— Quero dizer que aquele inglês está demorando tempo demais para encontrá-la, e que eu jamais demoraria tanto tempo assim.

Eu não sabia o que sentir. Não sabia se devia me sentir lisonjeada ou se devia defender Ryld. Oras, o príncipe era um homem muito ocupado. Não podia se dar ao luxo de andar pelas ruas para me procurar. Mas eu não tinha dúvida de que ele havia contratado um exército apenas para isso. Por mim.

— Meu rosto está em todos os jornais. Ryld está fazendo o que pode. — Arranquei sua mão do meu rosto de forma brusca. — Além do mais, Charlie, a rainha está compactuando com meu desaparecimento. Não há dúvida de que está inserindo pistas falsas. Só deus sabe o que aquela víbora é capaz de fazer para me manter longe de seu filho.

— A madame tem toda razão. — Ele disse, com aspereza na voz.

— Não vou discutir isso com você, Charlie.

— É um grande alívio para mim, Tess. — Retrucou com escárnio.

Santo Deus, o que aquele homem queria de mim? Por que estava dizendo aquelas coisas sobre Ryld? Meu coração já não estava partido o suficiente?

— Não queria atrapalhar o caszinho, mas temos companhia, Balder. — Anunciou Gael, ao se aproximar de nós.

Queria ter dito que não éramos um caszinho coisa alguma, contudo, Charlie foi muito mais rápido.

— Me deixe adivinhar: Nikolai?

— Em carne e osso. E acredito que gostariam de saber que seu barco está se aproximando bem rápido.

— Claro que sim, o barco de Nikolai é motorizado! — Foi minha vez de responder.

Charlie praguejou. Certamente mordera a língua para não me responder.

— O que faremos? — Perguntou Maisie ao chegar, e com ela veio Jailson.

— Nikolai não desistirá tão facilmente. — Era como se Charlie tivesse pensado alto.

— Ainda estamos longe de casa. — Alertou Jailson, levando um binóculos aos olhos. Era improvável que ele conseguisse ver qualquer coisa com toda aquela escuridão. O único ponto iluminado no oceano que eu havia acabado de reparar, parecia ser o barco russo.

Senti um terrível calafrio percorrer meu corpo. Maisie, que estava com os olhos presos em mim, pareceu perceber, e me entregou meu casaco, que eu havia retirado poucos minutos atrás.

— Onde está o mapa, Jailson? — Charlie quis saber. O escocês parecia ainda mais austero que o normal.

— Eu pego. — Apressou-se Gael, desapareceu do nosso ponto de vista por uns instantes e reapareceu com o mapa.

Charlie o pegou com urgência.

— Preciso de luz. — Ele disse.

— Acho que vi uma lanterna na mala do seu pai. — Comentou Jailson.

— Deixe que eu vou dessa vez. — Falou Maisie.

— Não. Eu vou. Preciso mesmo ver o que há de útil lá dentro. — Disse Charlie, e todos nós o seguimos até a pequena cabine.

Charlie se abaixou em frente a mala de lona em poliéster e colocou a lanterna que pegara na boca para que pudesse enxergar enquanto revirava o interior da mala. Cruzei os dedos para que Charlie encontrasse alguma arma, qualquer coisa para nos defendermos dos russos.

Seu suspiro cansado destruiu minhas esperanças. Insultei Mikhail em pensamento. Que diabo de mafioso era aquele que não andava armado?

Um estrondoso barulho me fez prender a respiração e colocou Charlie em pé ao meu lado.

— Desgraça, estão atirando no Guerreiro! — Explicou Gael.

O deslocamento de ar quase me fez cair para trás.

— Vou acabar com esses... — Um novo tiro calou Jailson, que proferia ameaças aos russos.

— Abaixem-se. — Ordenou Charlie, e me puxou para o chão. Como não cabia todos deitados dentro da cabine, os três escoceses saíram e

deixaram Charlie e eu sozinhos.

— O que é isso, criatura!? Controle esse coração. Até eu posso ouvi-lo. — Comentou Charlie, tentando trazer leveza à situação. Certamente ele não podia ouvir meu coração, mesmo que o órgão estivesse parecendo uma escola de samba dentro de mim. Mas seu comentário fez com que eu sorrisse.

— Não quero que se machuquem por minha causa. — Confidencieei com pesar.

Outro tiro.

Fechei os olhos e orei, pedindo que o tal do Guerreiro fosse mesmo um Guerreiro e suportasse todas aquelas "feridas" em seu corpo.

— Espero que um dia possa me perdoar por tudo isso, *boireannach*. — A lanterna ainda acesa, agora caída perto de Charlie, me permitiu ver a sinceridade escondida em seus olhos soturnos. Aqueles olhos eram escuros como o céu sem qualquer estrela. Angustiadados como o oceano sem nenhuma onda.

— Ora essa, escocês, se está tentando me tranquilizar, não faça isso parecer um adeus. — Foi minha vez de tentar amenizar a gravidade da situação. Porém, Charlie não sorriu. Eu já o vi preocupado antes, com a saúde de Brenda, mas naquele momento era como se Charlie já tivesse atingido o auge do desespero. Sua expressão era como a de um matemático que se vê diante um cálculo sem solução.

Outro tiro, e eu já me sentia dentro do próprio Titanic prestes a naufragar.

— GRANDE BALDER, TEMO QUE FICAR DEITADO NO CHÃO NÃO RESOLVERÁ NOSSO PROBLEMA! — Gritou Jailson.

— Receio que ele esteja certo, Charlie. Não podemos continuar dessa forma. — Murmurei.

— Acha que eu não sei? — Retrucou aflito. — Estou pensando em todas possibilidades.

Minha bile subiu e amargou minha boca.

— Talv... talvez eu devesse voltar para os russos. — Titubeei. Era uma péssima ideia, eu sabia, mas era uma vida por quatro. Eu não precisava sequer pensar.

— Nem por cima do meu cadáver! — Impugnou, e agarrou a minha mão com desespero. — Nunca mais repita uma coisa dessa, Tess. Nunca mais!

Mordi meu lábio inferior que tremia. Só não sabia se era pela medo que se apossava de mim ou por conta do choro.

— Ah, Charlie. Iremos todos afundar.

— Você sabe nadar? — Ele perguntou. Neguei com a cabeça rapidamente e seus olhos se arregalaram. Ele apertou minha mão com força. — Não se preocupe. Eu não soltarei sua mão, está bem?

— Promete?

Ele sorriu com os olhos e levou minha mão aos seus lábios para um beijo acalentador.

— Por Odin, eu prometo.



Escocês

EU IRIA MATAR NIKOLAI. Era minha única certeza. Eu iria matá-lo com minhas próprias mãos.

Protegi aquele barco por tantos e tantos anos para aquele russo maldito arruiná-lo em poucos minutos! Já não bastava ter me feito uma criança órfã, precisava destruir a única lembrança que sobrara de meu pai?

Se não fosse por Tess, se aquela *boireannach* não estivesse tão amedrontada ao meu lado eu já teria saltado do Guerreiro e invadido o barco dos russos. Sua mão suave e tremia tanto que não pude evitar o cavalheirismo que repugnei por longos anos. Sempre tratei as mulheres da mesma forma que tratava os homens, não as via como seres frágeis. Como Maisie mesmo, a ensinei a atirar, a ensinei a se defender, porque era disso que ela precisava para viver no mundo, e não que eu puxasse sua cadeira para se sentar. No entanto, Tess veio de um mundo diferente do meu, ela era uma dama, foi educada para ser uma. Raios, ela era a noiva do príncipe de Gales. Era fato que ela nunca esteve em uma situação daquelas: um barco prestes a afundar e russos tentando raptá-la.

Se Tess não se acalmasse, tudo se complicaria ainda mais.

— Jailson conseguiu avistar luzes não muito longe de onde estamos. Acreditamos que seja uma cidade. Nos encontramos lá? — Perguntou Maisie ao engatinhar para conseguir ver meu rosto. Reparei que ela lançou um olhar furtivo para minha mão entrelaçada a de Tess.

Eu já não sabia em que direção nosso barco estava indo. Mas se havia uma cidade por perto, era uma boa notícia. Podíamos nadar até ela. Jailson, Gael, Logan, eu e Maisie éramos piores que peixes quando se tratava de nado. Nos dias menos frios, apostávamos corrida a nado até a ilha mais próxima, *Hotterdam*. Quando eu não ganhava, era Logan. Os outros três sempre chegavam alguns minutos depois. Mas tudo mudou depois da morte de Logan. O oceano passou a ser o nosso segundo principal inimigo. Perdia apenas para Nikolai.

— Nos encontramos lá. — Concordei.

— Morreremos congelados antes de chegarmos à cidade. — Disse Tess, aflita.

Ah, mulher de cidade grande.

— Já fizemos isso antes. Não se preocupe. — Assegurei e me volvei para Maisie com doçura. — Não se perca dos dois idiotas.

— Não se perca de nós. — Maisie respondeu igualmente doce e olhou para Tess. — Ficaremos bem, Tess. Depois riremos de tudo isso.

— Eu duvido muito. — Respondeu Tess, após um longo suspiro.

Estava nítido para mim que os tiros já havia perfurado o casco do Guerreiro de proa a popa. Não se tratava de um revólver, o furo causado pelo impacto me fez acreditar que se tratava de um calibre superior a 15mm. Nikolai era o tipo de homem que andava muito bem preparado. Ao contrário de mim, ele sempre contava com adversidades. Era um homem prevenido. Devia ter todo tipo de armamento em seu barco. Uma verdadeira chuva de aço. O russo podia afundar o Guerreiro em um piscar de olhos.

Era uma questão de tempo até que aquela velha banheira naufragasse.

E era o que estava acontecendo. O Guerreiro estava prestes a afundar.

— É a hora. — Gritou Gael.

Maisie se afastou para ter espaço suficiente para arrancar os sapatos e meu casaco que ainda estava com ela.

— Que diabos ela está fazendo? — Cochichou Tess para mim.

— Roupas pesadas podem dificultar dentro da água e nos cansar mais rápido. — Expliquei para ela.

— Creio que eu deva fazer o mesmo!? — Não era bem uma pergunta, mas a respondi mesmo assim.

— Sim.

Soltei sua mão para que ela tivesse mais liberdade para se mover. Ela arrancou suas botas e o casaco que eu havia lhe comprado quando ainda estávamos em Kerrera com determinação. Fiquei excepcionalmente feliz pela criatura não estar chorando

escandalosamente como eu achei que faria. Também pensei que ela me culparia até seu último suspiro por ter arruinado sua vida, mas não. Tess estava lidando bem com a situação, era como se confiasse em mim verdadeiramente. Como se acreditasse se eu lhe dissesse que estaria tudo bem se ela saltasse de um precipício, pois tinha asas.

— O que está olhando? — Questionou, com a testa franzida.

— Você. — Respondi sucinto.

— Isso eu pude perceber. Mas por que está me olhando?

— Eu gosto do que vejo. Você é corajosa. — Confessei e nossa troca de olhares me deixou eriçado. Me apressei para tirar minhas botas. Por mais agradável que fosse contemplar seus olhos de raposa, como Jailson chamava, eu precisava salvar sua vida.

— No três nos levantamos. Ok? — Falei.

— Certo. — Seus lábios ficaram brancos e sua pele pareceu ficar cinza. Odiava vê-la tão apavorada e saber que a culpa era toda minha.

Como pude um dia pensar em fazer mal a uma criatura tão magnífica? Não. Não era bem nisso que eu estava pensando enquanto a olhava novamente. A verdade era que eu estava me questionando sobre como pude passar tanto tempo longe dela. Sem seus olhos, sua risada, seu sorriso, suas provocações. Como eu conseguiria viver sem tudo isso, depois de descobrir que eram coisas tão essenciais quanto o ar que eu respirava?

Raios...

— NOS VEMOS EM BREVE, GRANDE BALDER. — Gritou Jailson. Pouco tempo depois Gael e Maisie também se despediram. E vi todos se jogando no mar feito peixes.

Fiz minha prece aos deuses para que os protegessem. Seria minha última súplica na vida.

— Ah, meu deus. — Espantou-se Tess, ao ver todos desaparecerem como uma mágica. Uma terrível mágica.

Peguei sua mão novamente. Ela estava tão gelada. Queria abraçá-la e aquecê-la com meu corpo. Transferir todo meu calor para não precisar vê-la tremer daquele jeito.

— É a nossa vez. — Sussurrei. — Olhe para mim.

Seus olhos estavam fixos na porta aberta da cabine.

— Olhe para mim. — Pedi pela segunda vez. — Por favor, bendita criatura, olhe para mim.

Seus olhos tremeluzentes encontraram os meus. Ela procurava uma palavra de consolo. Procurava algo para se agarrar e não desabar.

Eu lhe daria isso.

Por Odin. Pelos deuses. Eu daria tudo que ela quisesse.

— Eu não a soltarei. — Fiz a promessa mais uma vez. E precisei acrescentar uma palavra que estava na ponta da minha língua. — Nunca.



Tess

A ÁGUA ESTAVA FRIA. Não. Estava congelante. Não era como o inverno no Brasil. Era como a geleira do Canadá. Como se eu tivesse resolvido tirar férias dentro de um *freezer*.

Se as últimas palavras que Charlie proferiu antes de nos jogarmos dentro do mar não tivessem me abrasado inteiramente, a essa altura eu seria nada mais nada menos que um cubo de gelo. Ora, mamãe estaria rindo de mim se pudesse ler meus pensamentos. Eu, que sempre adorei congelar tudo... que ironia, não?

Falta de ar...

O frio deixou de ser minha preocupação quando senti meus pulmões doerem. Eu precisava da superfície. Precisava de oxigênio.

Não sinto a mão de Charlie...

Tive a brilhante ideia de abrir os olhos. Pelo amor de Deus, era como se eu tivesse jogado sal puro dentro deles. Comecei a me mexer, eu não era uma boa nadadora, não, era péssima, mas sabia os movimentos que devia fazer para alcançar a superfície.

Acalme-se, Tess.

Havia muita. Muita água no meu caminho. Eu nunca tinha visto um abismo maior que aquele. Era angustiante.

Algo agarrou meus cabelos e em instantes, voltei a respirar ar puro.

Eu até podia chorar de tanta felicidade.

— Peguei você. — Disse Charlie claramente aliviado. Mas não estava sorrindo. Nem pudera. Nossos problemas estavam longe de serem solucionados.

Tentei controlar minha respiração para não engasgar e olhei ao redor do imenso oceano assim que minha vista deixou de ficar turva. Nosso barco estava longe de nós, e ainda não naufragara por completo. A única sorte, era que os russos estavam perseguindo-o por alguma razão. Era possível que acreditassem que ainda estávamos dentro dele? Ora, muito

provavelmente, afinal, quem seria louco de se jogar dentro do mar naquele frio?

— Tess? — Charlie me chamou.

Virei o rosto para olhá-lo. *Que diabo*. O escocês ficara ainda mais bonito com os cabelos molhados e as gotas de água em seus cílios espessos.

— Você está bem? — Ele perguntou, estava apreensivo.

— Sim. — Balbuciei.

Meus dentes começaram a bater um no outro.

— Precisamos ir. — Ele disse e veio por trás de mim. Em meio segundo, eu estava em seus braços fortes, e aquilo nunca me pareceu tão certo, e protetor e quente. Eu me encaixei naqueles braços como se fosse uma peça de quebra-cabeça que estava faltando.

Mas Charlie não havia me puxado para me abraçar ou me aquecer. Era a forma que ele havia encontrado para nadar e me carregar junto. Não via como aquilo podia dar certo, mas, pior que alguém que não ajuda, é alguém que atrapalha. Optei por ficar calada.

— Nadarei de costas e preciso que você me ajude batendo os pés. Acha que pode fazer isso? — Ele perguntou enquanto passou um braço por baixo da minha axila.

— Sim. — Respondi.

Charlie começou a "remar" com o braço que estava livre e eu ajudava batendo os pés para dar impulso.

Depois de alguns minutos nesse ritmo, eu passei a entender como eles não morriam de hipotermia como eu suspeitei antes. Aquilo estava exigindo tanto esforço de Charlie e de mim, que eu sequer tive tempo para sentir a água gelada. O movimento desgastante enganava o frio.

— Aguento... firme... *boireannaich*, estamos perto. — Falou entre uma respirada e outra.

— Não vejo os outros. — Consegui falar, mesmo que com dificuldade.

— Não se preocupe com eles. São experientes. — Me garantiu, mas eu pude sentir a incerteza em sua voz. Charlie também estava

preocupado com os outros, já que não tivemos qualquer sinal deles fazia um bom tempo.

Eu nunca havia passado por nada parecido com aquilo, mas não estava tão apavorada quanto achei que estaria. Eu confiava em Charlie. Era como se eu soubesse que ele me protegeria de tudo e de todos dando sua vida para isso se fosse preciso. Eu nunca me senti tão segura. Com Ryld era como se eu estivesse sempre tentando provar meu valor, tentando competir com a droga de uma coroa.

E nadamos.

Nadamos.

Nadamos.

Ininterruptamente. Até que, graças aos céus, quando paramos para descansar novamente, eu senti a areia em meus pés.

— Não acredito. É o chão. — Choringuei. Meus olhos lacrimejaram. Senti um enorme alívio dentro do peito, mesmo estando esgotada.

O rosto de Charlie se iluminou com um delicioso sorriso.

— Eu nunca duvidei da nossa capacidade, *boireannaich*.

Aquilo me fez rir. Eu cheguei a duvidar que conseguiríamos, mas Charlie não precisava saber disso.

— Acredito que o senhor já possa me soltar. Já estou em segurança.
— Avisei. Ele ainda segurava minha mão.

— Somente em terra firme. Temo que a madame ainda possa se afogar. — Zombou. A água estava na nossa cintura. Eu não me afogaria nem se quisesse.

— Não seja bobo. Você mal está se aguentando em pé.

Era verdade. O rosto do escocês demonstrava seu esgotamento. As pálpebras pareciam desesperadas para se fechar.

— Posso fazer esse mesmo percurso pelo menos mais três vezes, criatura. — Fantasiou.

Senti minhas pernas titubearem enquanto caminhávamos para fora do mar.

— Nada pode te vencer, não é mesmo, Charlie?

— Absolutamente nada. — Ele me lançou um olhar que, não teve como, fez minhas pernas falharem vergonhosamente. *Meu Deus, esse homem ainda vai me arruinar.*

Charlie me segurou pelo quadril antes que eu caísse. Ter sua mão em meu corpo molhado era como andar nas nuvens. Era como provar um pedacinho do céu, ou até mesmo do inferno.

— Percebe agora porque ainda não a soltei? — Ele perguntou.

Confirmei com a cabeça. Eu não teria a menor condição de responder. E não era por conta da estafa, ou do frio, era culpa daquele escocês. Daquele maravilhoso, digo, maldito escocês!

Quando por fim saímos do mar, Charlie me soltou. Agora não havia mais o seu calor para me aquecer. Era tudo tão frio sem o seu toque.

Charlie levou uma mão acima dos olhos, como se estivesse tentando ver algo que estava distante.

— Está procurando os outros? — Resolvi perguntar.

— Sim. — Disse de forma vaga.

— Acha que ainda estão no mar?

— Eles são lerdos, mas não creio que sejam tanto. Acho que devem ter saído na outra extremidade da praia.

— Então vamos até eles. — Encorajei.

Ele me olhou. Na verdade, me analisou dos pés à cabeça. Minha camisa branca colada ao meu corpo teria me feito enrubescer sob aquele olhar se fosse em outra circunstâncias.

— Você precisa descansar um pouco. Está fraca.

Eu podia discutir com ele, me fazer de forte, dizer que ele estava errado. Mas assim que pude, me deixei cair sentada no chão e respirei profundamente olhando para as estrelas no céu.

Charlie se sentou ao meu lado, também deixando o cansaço vencê-lo dessa vez.

— Desistiu? — Perguntei.

Ele me lançou um olhar indagativo.

— Achei que nada te vencesse. — Esclareci.

Ele revirou os olhos.

— Como pode acreditar nisso? Já fui derrotado tantas vezes por você. — Confessou.

— Eu sempre te venço pelo cansaço.

— Não foi pelo cansaço que me venceu.

— Não? — Questionei.

Ele me olhou diretamente nos olhos, e eu não consegui desviar. Bom, talvez eu não quisesse desviar.

— Foi pela beleza que há dentro e fora de você. — Murmurou, cortesmente.

Mordi o lábio inferior. Havia se tornado um vício fazer isso quando estava nervosa.

— Essa é a coisa mais gentil que já me disse.

— Essa é a coisa mais gentil que já me permiti sentir. — Declarou, e aproximou seu rosto do meu, contudo, manteve nossos lábios longe um do outro. Uma distância que eu implorava para que ele quebrasse.

Eu queria beijá-lo. Mas queria honrar meu relacionamento com Ryld. Estava tudo tão confuso. Meus sentimentos foram abalados por Charlie, e era inútil dizer que eu não sentia nada por ele, sendo que meu coração disparava quando o via, minhas mãos suavam, meu rosto corava e, meu corpo... Ah, meu corpo o desejava de forma muito, muito pecadora.

Por outro lado... O que Charlie sentia por mim? Ele sempre deixou claro que o desejo era mútuo. Mas eu não queria ter um espaço apenas em sua cama, queria um espaço em seu coração de gelo.

— Novamente pensando em um milhão de coisas? — Perguntou, e levou um dedo em minha testa de forma brincalhona. — Essa cabecinha não para de trabalhar um minuto sequer?

— Um de nós precisa ser sensato, já que o outro é inconsequente. — Disparei.

Semicerrou os olhos.

Ainda mais lindo molhado.

— Eu sou sensato. — Se defendeu. — A não ser que a madame esteja falando de nossos beijos. Deleitosos beijos, se me permite dizer.

Como sentir frio ao lado de um homem que era feito de fogo? Certamente corei.

— Está me paquerando, Charlie?

Ele sorriu e se aproximou mais um pouco. Seu hálito quente se emaranhava com o meu.

— Pareço estar fazendo isso, Tess?

— Eu raramente sei o que você está fazendo. — Confessei. — Mas, se o escocês pretende me beijar — prendi a respiração —, saiba que estou completamente de acordo.

Meu coração palpitou. Seus olhos se iluminaram de alegria e sua mão agarrou meu cabelo molhado.

— Ah, raios, quanto tempo esperei para ouvir isso.



Escocês

A BEIJEI.

Após suas palavras, as palavras que eu ansiava ouvir. Era ilógico o quanto eu queria beijar aquela *boireannaich*. O mundo parecia girar de forma errada quando nossos lábios estavam longe um do outro. E quando sua boca encostava na minha, nada me parecia mais certo. Mais verdadeiro.

Eu a queria para mim.

Seus beijos.

Seu corpo.

Seu toque.

Ela.

Suas mãos foram em minha nuca, puxando-me para mais perto. Me deixei ir, sentindo-me impotente.

Era um beijo urgente, selvagem, exigente. Era como se fosse um desejo insaciável. Quanto mais se dava, mais se queria. Como se seus pulmões estivessem apertados e eu fosse seu ar.

— Beije-me até seu coração parar de bater. — Ela disse em um respirar ofegante, ao se afastar brevemente.

— Você já fez meu coração parar há muito tempo, *boireannaich*. — Admiti.

Ela sorriu, satisfeita com a minha resposta.

— Adoro quando me chama assim. — Balbuciou, agarrando meus cabelos.

— *Boireannaich*? — Inquiri. Ela confirmou com a cabeça, ao passo em que eu me aproximava de seu ouvido com a boca e lhe arrancava um gemido. — Esperei tanto para tê-la exatamente assim, em meus braços. Sinto como se você tivesse sido feita exatamente para eles.

Me afastei para conseguir olhar em seus olhos de raposa. Ergui seu rosto pelo queixo com delicadeza. A criatura era uma vista de tirar o fôlego. Seus olhos puros eram capazes de acabar com uma guerra. Seu perfume, eu podia senti-lo mesmo que ela não estivesse ao meu lado. Ela era maravilhosamente linda, e quando sorria, pelos deuses, eu seria capaz de morrer.

Que diabos essa mulher está fazendo comigo?

— É como se eu pudesse olhar para você para sempre. — Murmurei. Eu já não era dono das minhas próprias palavras e nem de meus gestos.

Ela respirou intensamente e fez meu coração parar de bater por alguns segundos.

— Charlie... — A dor em sua voz era crescente e urgente.

— Não diga nada. Eu sei. Eu sei. — A interrompi. — Sei o que quer dizer. Mas, peço, por um momento, vamos fingir que isso é eterno e que você é minha.

Havia um brilho intenso em seus olhos. Um brilho mais forte que o da lua. Reparei que seus olhos estavam se enchendo d'água.

— Ah, diabos, a fiz chorar. — Soltei seu queixo para afagar seu rosto com ternura e enxugar as lágrimas de pérola que escorriam uma atrás da outra. — Peço que me perdoe, não quis entristecê-la.

Ela mordeu o lábio para tentar se conter. Me aproximei e dei um suave beijo em sua bochecha fria.

— Não está me deixando triste, Charlie. Por Deus, está me fazendo gostar até da forma como você respira.

Seu rosto foi tomado por um sorriso que me fez flutuar em emoções.

— Seu sorriso é um vício do qual não me abstenho. Espero poder recompensar todas as vezes que o roubei de seus lábios.

— Por que está me dizendo essas coisas? Por que... por que agora?

Emudeci por um tempo. Era uma pergunta para a qual eu não soube a resposta de imediato. Até que tudo ficou claro como o sol.

— Pense nas profundezas de um oceano inexplorado. Você nunca mergulhou nesse oceano e não sabe nadar. Você dá um mergulho, um pequeno e rápido mergulho todos os dias, aos poucos vai descobrindo

que é seguro nadar ali. E a todo instante descobre uma nova e agradável surpresa, até que por fim, você chega no âmago desse oceano e se pergunta porque não mergulhou ali antes. — Falei. Ela estava confusa com minha metáfora, então precisei ser mais claro. — Você é o meu oceano, *boireannaich* e me descobrir apaixonado por você foi como dar pequenos e rápidos mergulhos em uma profundidade nunca antes explorada. Eu não sabia o que estava sentindo porque nunca me senti assim em toda minha vida. Eu precisei ir aos poucos, precisei conhecer o oceano para depois descobrir que era seguro mergulhar de cabeça nele.

Ela estava prendendo a respiração, dava para perceber a elevação irregular do seu peito, e ela estava rígida, os ossos das clavículas estavam mais expostos.

Por que ela estava tão surpreesa? Por que não dizia nada?

Foram-se angustiantes minutos em um silêncio absoluto, até que Tess resolveu se levantar. Me levantei também.

— Precisamos encontrar os outros. — Ela disse, sem me encarar.

— A aborreci? — A segurei pelo cotovelo. Nem mesmo assim ela tornou a me olhar. Encarar a areia em seus pés descalços parecia ser muito mais atrativo para ela. — Por Odin, o que eu fiz de errado?

— Não fez nada. — Repetiu após uma longa arfada. — Não fez nada.

Ela me fez uma pergunta e eu a respondi. Mas, por alguma razão, ela não havia gostado da resposta. Fez cara de dor como se tivesse topado o dedinho do pé em algum móvel.

— Está bem. Vamos procurar os outros. — Falei. Ela começou a andar, porém na direção errada. — É por aqui.



Tess

COMO ELE OUSAVA BRINCAR com meus sentimentos daquela forma? Como ousava dizer que estava apaixonado? E todas as coisas de suspirar que me disse... Era como se Charlie tivesse explodido uma bomba dentro de mim.

Eu estava comprometida com Ryld. Iria me casar com ele. *Se ele ainda me quiser depois de tudo que contarei.*

No entanto...

Beijar Charlie me fez perceber que tudo o que eu queria estava bem na minha frente. Abraçá-lo foi como encontrar a saída de um extenso labirinto.

Foi doloroso ouvi-lo dizer o que sentia por mim, e não devia ter sido. Foi doloroso porque ele conseguiu colocar em palavras tudo o que eu mesma estava sentindo por ele. Foi como se ele tivesse lido cada linha do que estava escrito dentro do meu coração.

Andar ao seu lado, descalços na areia, sem emitir qualquer som que não o da nossa respiração, era angustiante. Me fazia pensar, me fazia querer correr para o mar e nadar sem destino.

Se eu não tivesse dito que queria beijá-lo... Se não tivesse lhe dado permissão, nada disso estaria acontecendo. Eu teria voltado para os braços do meu noivo sem sentir que esse seria meu maior ato de burrice.

Eu devia ter sido adulta, sensata. Mas eu paralisei. Fiquei olhando para o vendaval chegando e não fugi dele.

— Está tremendo. — Ele disse em um tom alto, e sem se virar para mim. Eu o seguia mantendo uma distância anormal, como se ele fosse um desconhecido.

Eu não estava tremendo, até ele dizer que eu estava. Meus dentes começaram a bater dentro da boca. Meus lábios provavelmente começavam a ficar arroxeados e minha pele pálida, quase transparente. Era assim que eu sempre ficava quando estava com muito frio ou muito nervosa. Nesse caso, as duas situações se aplicavam.

— Estou bem. — Respondi. Qualquer um que me olhasse saberia que eu estava mentindo.

— Posso ouvir o rangido dos seus dentes de onde estou. — Ele disse, e parou de andar para me esperar.

— Eu estou molhada, mas você também está. Então não se preocupe comigo. — Não tinha intenção de ser grosseira, mas fui mesmo assim.

— Eu estou acostumado com o frio, você não. — Ele respondeu com aspereza também.

Não tive resposta para dar.

— Me deixe aquecê-la. — Pediu, a voz era grave.

Recuei e tropecei em meus próprios pés. Por pouco não caí.

— Pare de me evitar como se eu fosse uma doença! — Vociferou Charlie. — Que raios, até parece que eu a feri de alguma forma!

E me feriu, só não sabia.

— Eu apenas não preciso que me aqueça. — Eu falei e me abracei.

Ele franziu o cenho.

— Por Odin. Eu vejo dor em seus olhos, e isso está me deixando louco.

Senti uma forte queimação dentro de mim, não sabia em que local especificamente. Mas me senti feito um fósforo que foi aceso.

— Se a fiz sofrer de alguma forma, me puna. Se sou o culpado pela tristeza dentro desses incríveis olhos, então peço que me puna da forma que preferir. — Completou decidido.

A saliva que engoli para umedecer a garganta foi tão áspera quanto a areia que eu pisava.

— Eu não sei como agir perto de você. Não mais!

Ele franziu o cenho e cruzou os braços.

— Não seja tola. Eu não te disse como me sinto para deixá-la constrangida, apesar de adorar vê-la tão avermelhada.

Também cruzei os braços.

— Então por que falou? — Questionei.

— Porque você me perguntou. E também porque a metáfora era boa demais para guardar para mim. — Brincou, tentando descontraír. Ele realmente me fez sorrir. — Quero que você seja feliz, *boireannaich*, me promete isso?

— Charlie, eu...

Meus olhos arderam. Por que aquilo estava parecendo tanto com um adeus?

Não chore. Se você chorar, ele irá abraçá-la, e uma vez dentro daqueles braços...

Foi como se Charlie finalmente tivesse compreendido o que eu estava sentindo. Como se o vento tivesse lhe sussurrado toda a confusão dentro do meu coração. Seu rosto tomou uma expressão sombria. Uma expressão difícil de definir.

— Apenas me permita levá-la em segurança até Londres. É meu último pedido a você. — Ele disse.

Novamente fiquei calada. Novamente sem saber como dizer as palavras certas.

— Pelos deuses. Encontrei vocês! — Um grito nos interrompeu. Era a voz de Jailson. Na verdade, estava mais para um sopro cansado. E é como dizem: "salva pelo gongo".

Charlie foi até o amigo e o abraçou, dando tapas em suas costas.

— Como você está, camarada? — Charlie perguntou. Pela voz, era possível saber o quão aliviado ficou ao ver Jailson.

— Molhado. — Respondeu Jailson. Os dois riram.

Maisie e Gael vinham logo atrás, arrastando os pés.

— Estão todos bem? — Perguntou Charlie, avaliando a situação dos escoceses.

— Procuramos vocês dois por toda costa. — Disse Gael e olhou de Charlie para mim.

— Chegamos faz poucos minutos. — Charlie o respondeu, e teve uma mudança abrupta na expressão. — Estávamos descansando.

— Viu só, Jailson. Dessa vez fomos mais rápidos que o Balder. — Gael falou.

— Não sejam tontos, nós pulamos no mar muito antes deles — Alertou Maisie, revirando os olhos.

— Não me diga que estavam apostando corrida no mar. — Eu comentei, em estado de choque.

Maisie se aproximou de mim e ficou ao meu lado para cochichar:

— Eles apostam tudo. Um dia você se acostuma.

Meu coração palpitou. Eu não teria tempo para me acostumar. Eu iria embora e nunca mais veria aquelas pessoas.

— Precisamos encontrar algum lugar para nos aquecermos. — Alertou Charlie. Estávamos todos com muito frio, mas minha situação, com certeza, era mais grave que a deles, uma vez que seus corpos já tinham sido adaptados a esse tipo de temperatura por anos.

— Sabe em que cidade estamos? — Perguntei a Charlie, depois de um tempo sem me dirigir a ele.

Ele olhou ao redor, como se tentasse se localizar.

— *Dindow*. Já estive aqui algumas vezes. — Ele disse.

— Acho que isso é um alívio, não? Não estamos perdidos. — Murmurei.

— Mas estamos longe de casa. — Maisie também murmurou.

— E molhados. — Completou Jailson.

— Tenho um amigo na cidade que talvez possa nos acolher essa noite. — Ele disse. Como um bom líder, Charlie tentou tranquilizar todos nós. Era a primeira vez que o via assumir o controle da situação.

— Acha que despistamos os russos? — Gael perguntou. Os olhos azuis estavam voltados para o mar igualmente azul.

— Se sim, será por pouco tempo. — Charlie respondeu.

— Não podemos fugir dos russos para sempre. Temos que acabar com isso de uma vez! — Esbravejou Jailson.

— Quero isso mais que tudo. — Comentou Charlie, fitando o outro escocês. — Mas não podemos ser tolos e achar que conseguiríamos

enfrentar os homens apenas com nossos punhos. Precisamos de armas, e tirar Tess do caminho deles.

De repente estavam todos me encarando. Engoli em seco e cruzei os braços, me sentindo ainda menor.

— Talvez esse seu amigo possa conseguir um meio para ela contatar seu noivo e ele poderá vir buscá-la pela manhã. — Disse Maisie para Charlie.

Pensar em ver Ryld estranhamente me pareceu ser a pior das ideias no momento. Eu queria voltar para casa, mas ainda não sabia como explicar todos os acontecimentos dos últimos dias. Eu precisava, antes de tudo, de um pouco de privacidade para pensar no que faria a seguir e no que diria para todos.

— Veremos isso quando chegarmos lá. Vamos, vocês estão congelando. — Disse Charlie, gesticulando com a mão.

— Ele diz isso como se estivesse confortável com a temperatura. — Comentou Gael para Jailson.

— Ele é o grande Balder. Ele nunca dirá como realmente se sente. — Respondeu Jailson sem pretensão alguma.

Mas ele disse.

Charlie disse estar apaixonado por mim. Disse que eu era como seu oceano, disse que poderia olhar para o meu rosto pela eternidade. Ele abriu seu coração para mim. Mas Jailson fez isso parecer um caso atípico. Fez eu me sentir pior do que já me sentia. Me fez parecer uma sortuda e uma grande tola.

Maisie enlaçou seu braço ao meu enquanto seguíamos Charlie e os outros dois homens pela areia. O frio longe dele conseguia ser ainda mais insuportável.

Subimos uma escadinha para sairmos da areia. A cidade estava escura; correção: a cidade *era* escura. As casas não tinham cor primaveril, os tijolinhos eram todos do mesmo tom — lúgubre, cinzento. Causava-me uma certa tristeza, apesar da elegância dos castelos.

— É tão silencioso. — Comentou Maisie, reparando no mesmo que eu e atraindo a atenção de todos.

— É porque ainda não chegamos na parte alegre da cidade. — Explicou Charlie.

— Com "parte alegre" entendo que esteja se referindo a locais com cerveja, meu caro. — Disse Jailson.

— E cigarro. — Acrescentou Gael, como se estivesse sentindo dor. — Eu preciso tanto de um cigarro.

— O que precisam é de roupa quente e uma xícara de chá. — Censurou Charlie, mas não de forma grosseira. Parecia mais com um irmão dando bronca nos mais novos.

— E você, brasileira, de que sente falta? — Gael perguntou para mim.

Maisie abriu um largo sorriso e suspirou feito uma tola apaixonada.

— Aposto que ela sente falta do seu príncipe, e do grande palácio. — Ela respondeu por mim, e me deixou ruborizada.

Como Charlie estava muito à frente de nós duas, não pude olhar para seu rosto, mas pelos ombros tensos, eu diria que ele não ficou confortável com o comentário da escocesa.

Talvez ele goste mesmo de mim.

— Eu sinto falta de café preto. — Eu falei, e causei um enorme espanto em todos. Charlie, Gael e Jailson diminuíram a velocidade dos passos para que Maisie e eu os alcançássemos.

— Achei que gostasse de chá. — Comentou Charlie, me olhando diretamente.

— E gosto. Mas prefiro café. — Respondi, sustentando seu olhar.

— Como são os brasileiros? — Questionou Jailson.

— Exatamente como estamos agora. — Falei. Ele franziu o cenho sem entender. — Ora, descalços. No Brasil é comum vocês verem crianças correndo descalças, jogando bola descalças.

— Vocês não tem sapatos? — Brincou Gael, se intrometendo na conversa.

Seu comentário me arrancou um riso.

— Certamente que temos. É apenas uma preferência.

— Isso é... esquisito. — Expressou Jailson.

— Não mais esquisito do que vocês terem um unicórnio como animal nacional. — Retruquei, mas não de forma ofensiva.

— Eu acho bonitinho. — Suspirou Maisie.

— Tão bonito quanto homens de saia. — Ironizei em tom de brincadeira.

Gael abriu a boca em um "o" e se fingiu de ofendido.

— Caso a dama venha a convidar-nos para seu casamento, saiba que faremos questão de usar nossos *kilt* para homenageá-la. — Gael prometeu e Jailson balançou a cabeça para concordar.

Um arrepio prazeroso e estranho deslizou por meu braço. Charlie de kilt? Por Deus, devia ficar incrivelmente charmoso. Afinal, algo no mundo ficava feio naquele homem? Eu suspirava por ele até mesmo com aquela barba comprida.

— Tentem se comportar. Chegamos. — Anunciou Charlie. Ele já tinha se afastado de nós outra vez, e por eu estar tão compenetrada na conversa, sequer percebi sua distância.

Ele estava parado em frente a uma casa quase nada diferente das outras, de tijolinhos e telhados escuros. Charlie bateu à porta algumas vezes antes de um homem com cara de sono abrir.

— Charlie? — Disse o homem, nos olhando atordoados.

— Hamish, espero não tê-lo incomodado. — Desculpou-se Charlie.

Eu e os outros procuramos dar privacidade para Charlie explicar a situação para o amigo. Um tempo depois, Charlie veio até nós, enquanto o homem aguardava segurando a porta aberta.

— Ele não tem muitos quartos, mas disse que podemos passar essa noite e descansarmos.

Respirei aliviada. Maisie ao meu lado, fez o mesmo.

Gael e Jailson foram os primeiros a entrar. Maisie se desgrudou de mim para que pudesse atravessar a porta estreita.

— Duquesa. — Disse o homem, antes que eu pudesse entrar.

Encarei seus olhos azuis.

— Ainda não sou uma duquesa. — Respondi de forma educada.

— Em breve será. — Comentou Charlie, dois degraus atrás de mim.

Não o respondi.

— Pode me chamar de Tess. — Me virei para o homem que segurava a porta.

Charlie praguejou e deixou escapar um comentário que eu entendi como: "ou de criatura".



Escocês

— **ONDE ESTÁ KATE?** — Perguntei a Hamish ao me encontrar com ele na sala após um banho para me aquecer.

— Está acomodando as duas moças. — Ele explicou, e me estendeu um copo de uísque que eu fiz questão de aceitar. — Pensei que você e Nikolai já tinham se resolvido ou se matado.

Virei um gole da bebida na garganta. A queimação foi prazerosa.

— Dessa vez seu problema não é comigo. Ele está atrás da brasileira. — Expliquei.

Hamish se largou no sofá com um olhar indagativo.

— Por falar na moça. Você ainda não me disse como a noiva do príncipe de Gales foi parar com você.

— É uma longa história, meu amigo. — Desconversei.

— Suas histórias geralmente são as melhores. — Relembrou Hamish. Eu costumava visita-lo sempre que voltava para Escócia após prestar algum serviço secreto para a rainha. Hamish também trabalhou para a realeza muitos anos atrás, até que decidiu abandonar a função para se casar com Kate e ter sua própria família. Eles ainda não tinham conseguido ter os filhos que tanto sonhavam.

— Receio que essa, em particular, eu não possa contar. — Lamentei.

Como um bom soldado, ele compreendeu meu sigilo.

— Entendo. Mas você pode me explicar como foi atrás de russos desarmado? Desde quando o grande Balder comete esse tipo de falha? — Questionou. Hamish, assim como todos meus amigos mais próximos, conhecia meu apelido.

Bebi mais um gole do uísque.

— Eu deixei de andar armado desde que a brasileira chegou em Kerrera. Não queria assustá-la.

Hamish suspirou.

— Nos jornais, dizem que vocês dois desapareceram, que podem ter sido sequestrados. Suponho que compreenda meu espanto ao vê-lo em minha casa com ela.

Aquiesci, vendo-o tomar sua bebida.

— Estou em uma situação complicada, meu amigo. Eu diria que a mais complicada de todas. Preferia ter sido mandado para uma guerra sem armas nas mãos, a ter que passar por tudo que estou passando. — Disse de forma sincera, e ele riu.

— O que pretende fazer agora?

Olhei para o interior do meu copo e bebi mais um gole do uísque.

— A levarei de volta para seu noivo e direi a rainha que abduco de minha função.

Eu já esperava o espanto de Hamish, mas não esperava que seu rosto fosse tomado por uma expressão de tristeza.

— Você sabe o que acontece com quem desacata uma ordem da rainha. — Alertou-me.

— Sim, eu sei. Mas não posso ver a tristeza no olhar daquela *boireannaich* nem mais um dia sequer.

— Você ama seu trabalho. Você jurou lealdade a...

— Hamish, você sabe que nem tudo o que a rainha me pede para fazer é algo a se orgulhar. Mas eu nunca fui posto para fazer um serviço tão desonesto quanto este. — O cortei.

Hamish ligou os pontos por si só.

— Não... Não me diga que era para acontecer o mesmo que aconteceu com a esposa de Antony. — Ele arregalou os olhos e sua voz ficou rouca.

Me levantei e me servi de mais uísque.

— Era isso ou perder Kerrera. Você já esteve na ilha, pode imaginar aquelas pessoas vivendo em uma cidade grande? Abandonando suas terras?

Me escorei na parede de frente para ele.

— Não durariam dois dias. — Concordou. O olhar agora estava cabisbaixo. — A rainha queria te *foder*, meu amigo. Como ela pôde propor essa troca?

— Ela conhece meu ponto fraco, Hamish, e ela usou essa arma. — Falei. Meus olhos ficaram levemente molhados.

Ele se levantou e pousou uma mão em meu ombro para me consolar.

— Você é um bom homem, Charlie. Nunca deixe roubarem isso de você, não importa quem seja. — Disse e prosseguiu. — Conte comigo para o que precisar.

Bebi o uísque todo de uma vez para que ele levasse consigo o choro.

— E precisarei, meu amigo.

Ele aquiesceu.

— Venha. Posso ouvi-los na cozinha. — Disse Hamish, ouvindo as gargalhadas no outro cômodo. Provavelmente Gael estava compartilhando suas duras piadas com Kate.

Segui Hamish.

Estavam todos dentro da grande cozinha. Kate preparava algo no fogão, enquanto Maisie, Jailson e Gael idolatravam a tecnologia da geladeira. Eu me enganara, dei uma nova olhada ao redor, Tess não estava com eles.

— Você viu isso, Balder? A geladeira tem um painel! — Admirou Gael.

— Bem-vindo ao mundo real. — Zombei.

Kate me olhou por cima do ombro e deixou de mexer na panela para me abraçar.

— Eu senti sua falta, Charlie. — Ela murmurou.

Retribui o abraço com todo carinho.

— Se tivessem se mudado para Kerrera como eu sugeri, não precisaríamos ficar tanto tempo sem nos vermos.

Kate entortou um pouco a cabeça para o lado, de forma doce, e sorriu.

— E eu ficaria igual ao seu amigo com a geladeira. — Gesticulou com o dedo para trás e todos nós rimos.

— Não diga isso. Eu não suportaria outra versão de Gael. — Disse Jailson, em tom de desprezo e brincadeira.

Segurei a mão de Kate e olhei em seus olhos cor de chocolate para murmurar:

— Aonde está a brasileira?

— Ela estava ao telefone com o noivo.

Prendi a respiração e senti uma dor diferente. Uma dor que não era física, como as que eu já estava acostumado, era uma dor que parecia enfraquecer todo meu corpo.

— Certo. — Falei por fim.

Nos reunimos na mesa de jantar para apreciar a deliciosa refeição que Kate nos preparara. Eu não gostava de admitir, mas o Haggis que Kate fazia sempre era melhor que o meu e, para completar o sabor do prato, ainda fomos servidos de *Scotch Whisky*.

— Nunca me contará o segredo? — Perguntei a ela, enquanto levava o garfo à boca.

— Nunca. Alguém precisa ser melhor que você em alguma coisa, Charlie. — Ela brincou.

Sentada ao meu lado direito estava Maisie, ao lado esquerdo Kate. À nossa frente estava Jailson, ao seu lado Gael e Hamish sentou-se em uma das pontas. Tess não nos deu a honra da sua companhia mais uma vez. Ninguém a vira desde que se ausentou para telefonar para seu noivo algumas horas atrás.

— Minha mira é melhor que a dele, querida. — Disse Hamish para Kate.

Larguei os talheres no prato para encarar Hamish de forma desafiadora.

— Até mesmo sua esposa sabe que isso não é verdade, meu amigo.

— Você não pode levar em consideração a única vez em que disputamos. Eu estava gripado, não estava nos meus melhores dias. — Lembrou Hamish.

— As garrafas estavam a menos de 100 metros e você conseguiu acertar apenas duas de quatro tentativas. — Lembrei-o também, em tom de zombaria. Hamish tinha a mesma necessidade que eu: ser o melhor em tudo o que fazia.

— Como eu disse, estava gripado, e estava ventando exageradamente naquela manhã. — Ele retrucou, não se deixando vencer.

— Está certo. Tentarei te dar mais chances na próxima vez. — O provoquei ainda mais.

Se a distância da mesa não estivesse entre nós, eu sabia que Hamish me agarraria pelo pescoço sem pensar duas vezes.

— Acho que ele está desafiando você para uma revanche, meu caro. — Atiçou Gael, jogando ainda mais lenha na fogueira.

Hamish semicerrou os olhos e deu um leve soco na mesa.

— Se prepare para o massacre, meu amigo! — Ele disse, e levantou seu copo de bebida para um brinde.

Abri um sorrisinho de escárnio.

— Mal posso esperar por isso, meu amigo. — Ergui meu copo e simulamos um brinde, agitando o ânimo dos outros que estavam na mesa.

— Não esqueça de convidar-nos! — Alertou Jailson, empolgado com a disputa. — Se alguém é capaz de derrotar o grande Balder em algo, eu preciso mesmo estar presente.

— Eu não estaria tão ansioso se fosse você, Jailson. Até hoje, nunca vi alguém acertar uma garrafa no ar igual Balder acerta. — Lembrou Maisie.

Costumávamos fazer competições em Kerrera, e certa vez lhe pedi para lançar garrafas ao vento para que eu tentasse acertar. A regra era clara, eu precisava ficar olhando para o chão enquanto ela lançava as garrafas, uma por vez, só podia olhar quando a garrafa já tivesse sido

lançada. Oito garrafas foram lançadas, seis eu acertei. Enquanto os outros acertaram no máximo duas, por sorte.

— Tenho um bom reflexo e sei lidar com revólveres. — Falei, e vi uma colher ser jogada na minha direção, a intenção era acertar meu rosto. A agarrei no alto com a mão direita e impedi o impacto.

— Alguém precisa deter esse homem! — Resmungou Gael, após ter sua tentativa de me atacar fracassada. Seu comentário arrancou gargalhadas de todos da mesa.

Gael pegou a faca dessa vez. Fez que ia lançá-la, mas eu disse rapidamente:

— Pare de atirar talheres em mim. Tem pessoas tentando ter uma boa refeição.

Ele olhou para Jailson que pretendia levar sua comida à boca e brecou o movimento ao perceber que todos o encaravam.

— Jailson, quantos dentes você tem na boca? — Questionou Gael de forma incrédula.

— Alguns, por que? — Respondeu Jailson.

— Todos já terminaram de comer e sua comida parece que não para de aumentar no prato. — Observou Gael, olhando de forma indiscreta para o Haggis quase intacto no prato do amigo.

Jailson deu de ombros e se encostou na cadeira.

— Eu estava esperando a raposinha para que ela não comesse sozinha.

— Oh, é verdade. Tess ainda não saiu do quarto. Será que aconteceu algo? — Preocupou-se Maisie.

— Talvez você devesse ir ver, Charlie. — Sugeriu Hamish.

Levei uma mão à boca e simulei uma tosse para tirar o nó na garganta.

— Tenho total certeza de que ela não precisa de ajuda para falar ao telefone. — Respondi de forma ríspida. Ninguém sabia o que havia acontecido entre Tess e eu, não entendiam a razão por eu não querer falar com ela. Era difícil pensar em ficar a sós em um quarto com uma mulher que eu tanto desejava e não poder tocá-la.

— Não seja grosseiro. Ela e o noivo podem ter se desentendido. — Retrucou Maisie, colidindo seu ombro com o meu propositalmente. Empurrou a cadeira para se levantar. — Eu vou tentar falar com ela.

— Acho que Balder é quem deveria ir. — Disse Jailson de forma urgente.

Franzi o cenho sem entender, ele me encarava com os olhos esbugalhados. Então eu compreendi seu sinal. Maisie não sabia que eu havia raptado Tess, então talvez ela não pudesse ajudar, dependendo do problema (caso houvesse algum).

— Está bem. Eu vou. — Empurrei a cadeira e me levantei, ainda incerto sobre aquilo.

Deixei todos na cozinha e subi as escadas que davam para o quarto que Kate disponibilizara para Tess e Maisie passarem a noite.

Bati duas vezes antes da *boireannaich* resolver abrir. Os olhos vermelhos eram o de quem esteve a chorar.



Tess

ELE ESTAVA DE PRETO. Todo de preto. Até pensei em brincar com a situação e perguntar se ele estava de luto, mas como não estávamos tendo um bom dia, optei por um olhar questionador no lugar de qualquer palavra.

— Você não desceu para o jantar. — Ele disse. — Está tudo bem?

Enrolei uma mecha de cabelo molhado no dedo.

— Eu estava descansando. — Expliquei, sem dar muitos detalhes.

Charlie não se contentou com a minha resposta.

— Você já mentiu melhor. — Comentou, e a voz ficou mais grossa ao perguntar: — Conseguiu falar com seu noivo?

Suspirei com pesar.

— Não consegui. Na verdade, eu não tentei. Optei por ligar pela manhã, acredito que seja melhor.

Ele concordou e olhou para o chão, como quem não sabe o que dizer.

Diabo, eu também não sabia.

— Seus amigos, eles são muito gentis. — Tentei puxar assunto e o fiz sorrir. Qualquer coisa para não ter que suportar aquele silêncio que de repente pareceu fixado entre nós. Costumávamos rir juntos e fazer piadas um com o outro, mas desde que Charlie se declarou para mim, eu não conseguia mais olhá-lo nos olhos.

Eu simplesmente não confiava na minha sanidade quando ele estava por perto. Como manter as pernas firmes com alguém que tem um sorriso daqueles?

— Hamish e Kate são realmente ótimos. — Ele concordou, mas era como se soubesse que eu falava por falar.

Ele não está ajudando.

— Como os conheceu?

— Hamish já trabalhou para a realeza. — Ele explicou vagamente.

— O que você contou a eles sobre mim?

Seu rosto assumiu uma expressão intrigada.

— Eu disse apenas o que eles precisavam saber para nos aceitarem em sua casa.

— Sobre ter me sequestrado? — Insisti.

— Não é uma informação pertinente.

Senti o sorriso nascendo em meu rosto. Charlie arqueou as sobrancelhas.

— A informação acredito ser pertinente, o fato de o senhor não tê-la compartilhado é porque não é algo do qual se orgulhe.

Ele cruzou os braços e se escorou no batente da porta, sustentando meu olhar.

— A madame tem toda razão. Não me orgulho. — Disse francamente e prosseguiu: — Suponho que a senhorita já tenha feito uma escolha da qual não se orgulha também.

— Bem, claro. Mas nada compara-se a sequestrar uma dama. — Tornei a insistir.

Sua cabeça pendeu para o lado e seu rosto foi tomado por um sorriso insolente.

— Não vai objetar meu comentário? — Perguntei, incerta.

— Por que o faria? Novamente, a madame está coberta de razão. — Disse, com a voz fraca.

— Ora — olhei para os sapatos que Hamish provavelmente lhe emprestara —, não estou acostumada com o senhor me dando a honra de ter a última palavra.

— Foi um dia de muitas emoções, *boireannaich*. O sol deve nascer em breve, é melhor descansarmos.

Soltei um grunhido baixo e involuntário.

— Antes de ir, Charlie, gostaria que me dissesse sobre o plano para amanhã.

— Para levá-la para Londres? — Perguntou, incerto. Confirmei com a cabeça. — Bem, achei que fosse alertar seu noivo sobre seu paradeiro para ele te mandar um jatinho particular.

— E vocês? — Perguntei baixinho.

Ele me encarou com afeto.

— Não nos veja como um motivo de preocupação. Você estará em segurança e longe de Nikolai, isso é tudo que realmente importa. — Garantiu.

— Ainda estão todos lá embaixo? — Mudei de assunto.

— Gostaria de descer? — Perguntou surpreso.

Concordei com a cabeça, vendo o brilho de admiração dentro dos seus olhos de dilúvio.

— Eu não a impedirei. Por favor, permita-me acompanhá-la. — Ele brincou e me deu passagem, fazendo uma ridícula medida.

— Oh, já havia me esquecido dessas reverências.

— Receio que isso seja culpa minha. Não agi de forma cortês enquanto estávamos em Kerrera. — Desculpou-se, realmente ressentido, enquanto atravessávamos o corredor em direção a escada.

— De fato, até me fez descascar troncos de árvores em meio à mata e tocar em insetos. — Zombei.

Seu suspiro soou feito uma risada.

— Por favor, tenha piedade e não compartilhe isso com mais ninguém. Decerto serei visto como o mais grosseiro dos homens.

— Mas essa não foi a única aventura a qual fui submetida. Oh — falei de forma dramática —, eu quase fui à Rússia.

Seu maxilar enrijeceu e seus rosto petrificou.

— Nikolai foi muito cruel com você? — Havia acidez em sua voz.

— Admito que tive medo. — Confessei, dignando-me a não olhar em seus olhos. — Já não há com o que se preocupar. Eu estou bem.

— Não importa aonde você esteja, eu sempre me preocuparei. — Afirmou.

Paramos no meio da escada e nos encaramos em silêncio. Minha respiração saiu entrecortada e meu coração palpitou. Eu, que enfrentei tantos desafios nos últimos dias, sentia que o mais penoso estava sendo compreender tudo o que Charlie me fazia sentir. Olhos inclementes não deviam ser tão apaixonantes. Lábios acirrados não deviam me parecer tão convidativos.

— Aí está você. Deve estar faminta. — Disse Maisie, parada no final da escada, acabando com o feitiço que Charlie havia jogado em mim.

— Kate já guardou o haggis? — Perguntou Charlie para Maisie, e desviou de mim para continuar descendo a escada.

— Sim, mas separou um pouco para Tess. Kate estava nos contando sobre seu casamento com Hamish. — Compartilhou Maisie, nos pondo a par dos últimos acontecimentos.

Desci logo atrás de Charlie.

— Deve ser uma história encantadora. — Refleti.

Maisie abriu a boca para falar, porém Charlie foi mais rápido:

— Por favor, não a faça repetir. Perdi as contas de quantas vezes ouvi a mesma história. — Advertiu suavemente.

— Eu adoraria saber sobre casamentos escoceses. Afinal, nunca estive em um. — Falei, ao passo em que entrávamos na sala de jantar, onde todos ainda estavam.

— Quando eu me casar, farei questão da sua presença. Claro, se a senhorita aceitar o convite. — Disse Maisie, causando uma calidez em meu coração.

Peguei em sua mão pequena e a apertei com delicadeza.

— Eu ficaria honrada. — Murmurei.

Charlie soltou o que parecia ter sido uma arfada de desprezo.

— Há algo que queira compartilhar conosco, Charlie? — Questionei, enquanto ele se sentava à mesa.

— Não, madame. — Retrucou sem me olhar.

Em um piscar de olhos, havíamos formado um grupo de mulheres longe dos rapazes que discutiam sobre as missões as quais Charlie e Hamish foram submetidos.

Após comer o delicioso haggis que Kate havia preparado, me peguei ouvindo a agradável história sobre seu casamento. Maisie suspirava ao ouvir pela segunda vez. Kate me contou sobre o incrível castelo histórico onde ocorreu a cerimônia. Me disse sobre a tradição escocesa que ela e Hamish fizeram questão de honrar. Hamish usou um *kilt* de estampa xadrez, enquanto Kate, usou uma faixa também xadrez sobre o vestido branco e que, no final da festa, seu vestido estava coberto de ovo, farinha, leite e molho, após uma brincadeira das madrinhas. Kate também me mostrou sua aliança que continha a inscrição "*Tha gaol agam ort*" que ela disse significar: "eu te amo" em gaélico. Eu me vi sonhando, e a pureza dos detalhes, me fez sentir como se eu tivesse estado lá.

— Charlie nunca havia te contado? — Perguntou Kate, alto o suficiente para Charlie ouvir. Ele fez que não escutou e manteve sua conversa com os rapazes.

Neguei com a cabeça.

— Kate disse que Balder foi o padrinho. — Explicou Maisie.

— Ah, sim. Ele resmungou durante toda a cerimônia, mas aceitou o convite de Hamish. — Falou Kate. Essa era outra coisa que eu podia imaginar. Charlie revirando os olhos, a postura pétrea, as respiradas profundas de quem deseja que tudo termine o mais rápido possível.

— E seu casamento, Tess. Como o deseja? — Kate quis saber.

— Não há dúvida de que será o casamento dos sonhos. Afinal, ela se casará com um verdadeiro príncipe. — Alegrou-se Maisie, fazendo-nos sorrir.

O diabo me fez voltar os olhos para Charlie. Por que inferno eu o olhava? O escocês de expressão dura estava sentado, ou melhor, largado na cadeira com a perna cruzada de forma bem máscula. Um copo de uísque pousado na mão e os olhos fixos em... nada. Charlie não estava prestando a menor atenção à conversa dos outros homens, parecia estar em um universo completamente diferente do nosso.

— Tess!? — Ouvi meu nome ser chamado.

Santo Deus, eu havia sido arrastada para o mesmo universo ermo em que Charlie estava.

— Me desculpem. O que haviam perguntado? — Me obriguei a fixar os olhos em uma das mulheres à minha frente.

— Perguntamos sobre seu casamento. — Atentou Maisie.

Meu casamento? Ah, sim. Meu casamento. Olhei para o dedo que costumava ficar a aliança e senti falta do objeto ali.

— Ainda não comecei a planejá-lo. — Respondi com honestidade. — Não marcamos uma data.

— Deve ser mesmo muito difícil para o príncipe conseguir um tempo. — Apoiou Kate.

— Sim. Bem, ele tem muitos compromissos. Nossa última viagem precisou ser interrompida porque suspeitaram que alguém planejava atacá-lo.

Ergui novamente os olhos para Charlie, ele já estava me encarando presumivelmente fazia alguns segundos.

Será que ouvira nossa conversa?

Pela rijeza da face, certamente que sim.

— E estavam? — A voz era de Maisie.

— O que? — Voltei o contato visual para ela.

— Planejando atacá-lo. — Recordou-me.

— Não descobrimos.

— E então você foi para Kerrera!? — Completou Maisie, em um tom questionador.

Fiz uma pausa longa. Eu não sabia como responder àquilo.

— Bem, *caileagan* (moças), provavelmente o assunto está agradável, mas receio que esteja tarde. — Interpôs Charlie, ao se levantar e aproximar-se de nós. Eu não saberia dizer se ele estava tentando salvar o seu pescoço ou o meu.

Talvez ambos.

— Terei que concordar com o cavalheiro. — Disse Hamish, que agora estava um passo atrás de Charlie.

— Balder está longe de ser um cavalheiro. — Corrigiu Gael, e nos preparamos para uma piada, mas ele não prosseguiu. — O que foi? Por que estão me olhando assim?

— Você pretendia fazer um comentário maldoso sobre minha índole.
— Acusou Charlie.

— Na verdade, não. Todos já sabem o malfeitor que você é. — Disse Gael, e recebeu sua resposta através de um olhar agressivo de Charlie.

— Eu já teria cometido um assassinato. — Hamish balbuciou para Charlie, feito uma pulga atrás da orelha.

— Talvez eu não o deixe sobreviver a esta noite. — Assegurou Charlie, em um tom de voz maléfico.

— Imploro para que me deixe participar. — Interpôs Jailson, arrancando uma gargalhada de nós.

— Achei que fôssemos amigos, seu pançudo de *merda*! — Expressiu Gael, ressentido.

— E éramos, até você quebrar meus dentes! — Denunciou Jailson.

Soltei um "oh" de espanto.

— FOI UM ACIDENTE. — Gael tentou se defender aumentando o tom de voz. — Estávamos jogando cabo-de-guerra e o tolo não manteve uma distância segura de mim. A corda escapou da minha mão e eu acabei caindo para trás e dando uma cabeçada na boca dele.

— Isso é o que você conta para todos. — Provocou Charlie.

— Talvez devêssemos ter uma revanche de cabo-de-guerra, mas dessa vez será apenas dos dois, Jailson e Gael. — Sugeriu Maisie. — Já que haverá uma revanche de tiro entre Balder e Hamish, nada mais justo.

— O quê? — Me espantei.

Revanche de tiro? Que diabos esse povo está falando?

— Ah, sim. Você não estava. Balder quer provar que é melhor de mira que Hamish...

— E sou. — Gabou-se Charlie.

— Podemos decidir isso agora! — Incitou Hamish.

— Seria uma honra, meu amigo! — Retrucou Charlie, destemido.

Bocejei e senti uma mão tocar meu ombro.

— Acho melhor você ir descansar. Esses dois não terminarão essas provocações hoje. — Sussurrou Kate como um alerta.

Assenti, mas na verdade eu estava achando tudo muito divertido. Aquelas pessoas pareciam realmente muito felizes. Era como se pudessem se matar e, ao mesmo tempo, entrar na frente de um tiro para proteger um ao outro.

No meio do assunto, surgiu coisas como: "corrida do lenhador", "lançamentos de pedra", "arremesso de tronco". Eu ouvia a conversa deles com os olhos do tamanho de uma bola de basquete. Maisie, por sua vez, demonstrava extrema animação com tudo aquilo.

Bocejei três vezes seguidas e acabei chamando atenção de Charlie.

— Estamos entediando a dama com nossas bobagens. — Ele disse, e todos me olharam.

— Devemos deixar a brasileira decidir qual será nosso próximo desafio. — Sugeriu Gael.

Me levantei da cadeira em um pulo.

— Ah, não, por favor, não! — Disse de forma desesperada. — Não quero ser a responsável por vocês quebrarem os dentes uns dos outros ou só Deus sabe de que mais são capazes!

— Não se preocupe, raposinha, você não estará lá para ver. — Atentou Jailson.

Engoli em seco. Era verdade. O destino que escolhi para a minha vida estava a quilômetros de distância.

— Bem, eu acho todos vocês muito fortes. — Falei. Um silêncio se alastrou. Foi possível ouvir até mesmo a respiração de cada um.

— Isso não ajuda. — Murmurou Maisie em meu ouvido. — Se você for elogiar a força deles, precisa escolher apenas um.

Fui colocada contra a parede antes mesmo de perceber. Uma situação muito constrangedora. Todos me encaravam com ansiedade. Como eu podia escolher apenas um homem entre quatro?

Bem, eu não conhecia Hamish. Ele era um homem alto, os braços eram fortes e os traços do seu rosto lembrava-me os franceses.

Gael, o ruivo de olhos iluminados de alegria, tinha braços de um trabalhador e a energia de uma criança. Jailson, por sua vez, tinha um longo e exótico cabelo. Além da sua barriga de cerveja que a cada dia parecia maior, as pernas firmes também eram motivo de orgulho.

E tinha *e/e*, Charlie. Um leve sorriso divertido surgiu em seus lábios e me fez perceber que minha escolha era muito óbvia. E eu não queria que fosse tão óbvia assim. A força de Charlie não era apenas física. Quando eu olhava para ele, eu via uma alma ferida tentando se recuperar enquanto carregava a vida de outras pessoas em suas costas já curvadas.

— Eu prefiro passar a vez. — Rompi com o silêncio e arranquei um "aaaah" de todos com a minha decisão. — Vocês são quatro homens que claramente não sabem perder. Fazem parecer que a vida de vocês depende da minha escolha. Santo Deus. Não quero essa responsabilidade!

Maisie deu uma risadinha ao meu lado.

— Mandou bem.

— Todos sabem que eu fui o escolhido, porém, a dama não queria decepcionar os outros. — Disse Gael.

— Boa noite. — Falei rindo, e me levantei da cadeira.

— Não precisa se sentir envergonhada. Eles precisam aprender que às vezes eu também venço. — Ele insistiu, me seguindo enquanto eu deixava a sala de jantar.

Revirei os olhos com graça e bocejei.

— Você não tem outra pessoa para infernizar?

— Não precisa se sentir culpada.

Ele continuou tagarelando atrás de mim, mas quando eu percebi que ele estava repetindo as mesmas coisas, eu deixei de ouvi-lo e respondê-lo.

Graças a Deus ele não me acompanhou para o andar de cima. Quando Gael percebeu que eu ia subir as escadas ele deu meia volta e retornou para a sala de jantar.

Ouvi passos atrás de mim, enquanto eu pisava nos penúltimos degraus.

— Permita-me um último ato de cavalheirismo. — Falou baixinho, e pôs a mão nas minhas costas, na altura da cintura para me conduzir.

Meu coração agitou no peito.

— Não preciso que me acompanhe, Charlie.

— Não precisa, mas eu insisto.

Respondi com um meneio de cabeça.

— O que achou do jantar? — Ele perguntou, enquanto caminhávamos pelo corredor que dava ao meu quarto. A essa altura, sua mão já não estava em minhas costas.

— Muito agradável. — Respondi. Embora eu não estivesse olhando para ele, podia sentir que meu comentário o fez sorrir.

— Eles gostam de você. — Observou.

— Eu também gosto de vocês. — As palavras foram proferidas muito rapidamente, sem que eu me desse conta de que o havia incluído no comentário.

Ele tomou minha mão e me fez parar no meio do corredor. Notei a pulsação se acelerar em seu pescoço.

— Isso significa que estou perdoado?

— Bem, eu não diria que o perdoei, diria que o compreendi.

— Isso é tudo que preciso. — Ele disse. Os olhos cheios de resignação pareciam honestos.

— Eu não concordo com o que Gael disse a seu respeito. — Comentei.

— Gael comenta muitas coisas. Sobre o que está se referindo?

Tornamos a andar e ele já tinha soltado minha mão.

— Quando o senhor não está sendo bruto feito um cavalo, eu o acho um cavalheiro.

Ele soltou uma risada abafada.

— Depende da dama da qual estou acompanhado.

— O que quer dizer?

Ele coçou a nuca.

— Veja, Maisie, por exemplo, ela está acostumada conosco a tratando de igual para igual. Ela está sempre presente em nossas

brincadeiras, por mais estúpidas que sejam. Digamos que ela zombaria por uma semana caso eu puxasse a cadeira para ela se sentar.

— Oras, eu também não preciso que me puxem a cadeira. — Refutei, cerrando o cenho.

— Não precisa, mas não estranharia se algum homem o fizesse. Eu a vejo como uma delicada pétala — admitiu, e novamente me segurou pela mão para se explicar, olhando profundamente em meus olhos —, mas isso não é para ofendê-la. Isso é para dizer que até o mais bruto dos homens se sujeitaria a agir de forma lírica perto de você apenas para agradá-la.

Ruborizei, e era inútil tentar disfarçar, uma vez que Charlie já estava tocando em minha bochecha com o polegar.

— Me pergunto como passarei um dia sem olhar para esse rosto. — Murmurou, divagando.

— Estava sendo sincero? — Perguntei e logo estremeci.

Ele me olhou perdido.

— Sobre o que?

— Sobre estar apaixonado por mim. — Eu disse e prendi o ar.

— Isso mudaria algo? — Retrucou.

Mudaria?

— Charlie, eu es...

— Shh — levou um dedo aos meus lábios para me calar. Ergui as pálpebras para ele a tempo de ver seus olhos sorrirem com paixão. — Vamos deixar tudo assim. Em segredo dentro de você e dentro de mim. Eu nunca poderei tê-la, Tess, por mais que eu queira.

— Não!?

— Eu segui os mesmos passos do meu pai, e tudo indica que posso ter o mesmo fim que ele. Ele não pôde proteger a mulher que amava, mas se eu posso... se eu posso proteger você, então o farei.

Ah, Deus.

— Eu quero que você sej...

Me atirei em seus braços e o interrompi com um beijo. Nada mais importava. Nada. Eu precisava da sua boca como o ar que respiro. Eu me entreguei sem medo, sem culpa. Como podia continuar negando o que eu sentia sendo que as sensações me queimavam? Eu me apaixonei por Charlie, e talvez eu tenha me apaixonado desde a primeira vez em que nossos olhos se cruzaram. Estava além do que eu sentia por Ryld. Era mais forte. Mais doce. Mais quente.

Como se eu tivesse procurado por aquele homem durante toda minha vida.

— Eu quero você. Eu preciso de você. — Abri meu coração e deixei tudo se derramar.

— Eu preciso de você. — Ele respondeu, e deu um delicado e suave beijo na pontinha do meu nariz. — Preciso do seu coração batendo junto ao meu, *boireannaich*. Mas...

— Sem mas, por favor. Não coloque um "mas" entre nós.

Se o seu "mas" tinha um nome e uma coroa, então Charlie não tinha com o que se preocupar. Eu deixaria Ryld e seguiria as batidas do meu coração.

E meu coração clamava por Charlie.

— Eu nunca estive tão feliz em toda minha vida. — Falou. Ele fez parecer que as palavras estavam presas no seu âmago por tempo demais.

— Pensei que me odiasse. — Sussurrei com os lábios colados aos dele.

— Ah, raios, a odiei por saber que havia invadido e tomado posse do meu coração sem pedir licença.

Fui obrigada a sorrir.

— Achei que o grande Balder estivesse acostumado com invasores em suas terras.

Em um gesto rápido, ele me ergueu em seu colo. Soltei um gritinho de espanto.

— Dessa vez a invasora foi insistente. E, por Odin, ela era dona de olhos perigosos, como dias de tempestade.

Ele me carregou para o quarto e fechou a porta com um chute.

— Me conte mais sobre esse olhar. — Provoquei.

Ele me jogou na cama e outra vez gritei baixinho.

— Temo não ter capacidade suficiente para descrevê-lo, *gràdhach* (*querida*), mas há quem diga que seus olhos são semelhantes aos de uma raposa selvagem.

— E isso é bom? — Perguntei, usando os cotovelos para me arrastar de costas para a cabeceira da cama.

Charlie subiu no colchão e ficou de joelhos me encarando.

— Ah, criatura, isso é divino. — Sua voz saiu baixa e provocante. O olhar profundo e ardente.

Ele se inclinou sobre mim e me tomou nos lábios em um beijo caloroso. Cada célula do meu corpo o desejava. Cada parte da minha pele queimava sobre a dele.

Aquilo era uma novidade para mim. Eu já estive apaixonada, eu já beijei outros homens, mas até mesmo o respirar de Charlie me fazia sentir que aquilo era diferente de tudo.

O seu corpo forte por cima do meu fazia com que eu me contorcesse de desejo, ansiando cada vez mais por ele. O cheiro e o frescor da sua pele era puro como o mar. A sua barba roçando em meu rosto fazia eu sentir coisas no meio das minhas pernas.

— Eu quero você. — Sussurrei, erguendo os olhos para o seu rosto.

— Não mais do que eu a quero.

Ele afastou meu cabelo para trás com delicadeza e assim sua boca desceu para minha nuca, onde depositou beijos e suaves mordidas de uma fome insaciável. Gemi, sentindo-me impotente.

Mesmo eu estando tão quente quanto uma lava e com o meio das pernas escorrendo feito cera de vela, eu sabia que não poderíamos ir adiante com aquilo. Não naquela noite.

— Você precisa ir. — Murmurei, o puxando pelos cabelos.

— Odeio ter que concordar com você. — Ofegou, me dando um sorriso de canto que parecia celestial. E deu um agradável beijo no meu queixo antes de se levantar.

— O que faremos agora, Charlie? — Questionei. Não queria estragar o momento, porém, não podia fingir que aquele nosso beijo - e todos os outros - não interferiram na minha vida de forma avassaladora. Charlie cravou sua espada no meu coração e me tornou dele.

Ergui os olhos e vi que ele trincava o maxilar com força.

— Eu não posso te prometer nada, *boireannaich*. — Falou sincero. — Preciso que saiba disso.

Não me deixei abalar por suas palavras e nem por sua postura dura de soldado.

— Não posso te dar um palácio ou joias, por mais que você mereça tudo isso. — Continuou. — Você precisa saber o que está abandonando, e não quero que decida isso em uma noite.

— Se eu tiver o seu coração para mim já será o suficiente.

Não soube se ele ficou aliviado ou preocupado.

— Você o tem. — Garantiu. Uma sombra de preocupação tomou conta de seus lindos olhos. — Tess, há coisas que eu ainda preciso fazer, e talvez eu não volte com vida.

Eu estremeci e perdi o fôlego.

— Está falando de Nikolai? — Minha voz soou languida.

Sua expressão encruou ainda mais.

— Nikolai não é mais um problema. Não me casarei com Ryld. — Falei. E senti como se tivesse tirado um peso das minhas costas. Nunca havia me dado conta do quanto me sobrecarreguei ao me tornar noiva de um príncipe. Nunca me dera conta do quanto tudo aquilo me fazia mal. Passei tanto tempo me esforçando para ser aceita e analisando cada palavra que eu dizia, cada gesto que fazia, que não me dei conta de que estava me perdendo dentro de mim. E eu não queria viver desse jeito.

— Nikolai a ameaçou. Eu o farei pagar por isso. — Me encarou com uma expressão vaga.

Me levantei rapidamente, quase que de forma desengonçada.

— Eu estou bem, Charlie. Olhe para mim, eu estou bem.

Ele não mudou a compostura incompreensiva.

— Tess, podíamos ter morrido dentro daquele mar. Todos nós. Estou farto de tolerar as ameaças de Nikolai. — Bradou e cerrou os punhos com fúria.

Senti um ódio crescente dentro de mim também.

— Ele tem um exército. Você é um só! — Esbravejei.

Ele soltou uma risada irônica.

— Não me chamam de Balder por ser um nome bonito. Já enfrentei situações muito mais perigosas.

Levei as duas mãos em meus cabelos. *Santo Deus. Que homem teimoso.*

— Você está disposto a morrer por isso!? — Perguntei, tentando conter a língua. Mas Charlie não precisava me responder com todas as letras, a vingança era como uma sombra que o abraçava.

— Vamos continuar com o plano inicial. — Ele não me encarou ao dizer isso. — Você voltará para o príncipe de Gales e se tornará a duquesa de *Broksdalle*. Seja honesta com seu noivo, diga que eu a raptei com a ajuda da rainha. Ele acreditará em você, e caso não acredite, estou disposto a escrever uma carta confessando.

Era como se ele tivesse pisado no meu coração. Cambaleei para trás.

— Isso é um adeus, Charlie?

— Estou garantindo sua segurança. — Desconversou. — Ryld poderá protegê-la de Nikolai e de quem ousar tocá-la.

O orgulho ferido se transformou em lágrimas circulando meus olhos.

— A rainha tomará Kerrera de vocês. — Foi tudo o que consegui dizer.

Ouvi a respiração ofegante dele.

— Encontrarei uma solução para isso também.

Meu ar foi roubado. Não podia encará-lo. Eu entreguei meu coração para Charlie e ele o recusou. Talvez ele não tenha sido sincero. Talvez não estivesse verdadeiramente apaixonado por mim. Se estivesse, não optaria por se entregar para a morte sem olhar para trás. Sem pensar em mim.

— Peço para que não diga nada para ninguém. Eu irei atrás de Nikolai independente de qualquer coisa. Eu fiz uma promessa para meu pai, e irei cumpri-la. — Ele disse.

Cruzei os braços e olhei para meus pés.

— Como quiser. — Falei enojada. Eu não podia pedir para que ele desistisse, para que esquecesse. Eu não podia ficar entre seus demônios e suas promessas.

— Tess...

A porta foi aberta antes que Charlie pudesse terminar de falar. Era Maisie. Eu iria dividir a cama de casal com ela aquela noite, pois, apesar da casa ser grande, não havia camas e nem quarto suficientes para todos.

— Achei que... achei que já tivesse ido dormir. — Disse Maisie para Charlie, como se estivesse de desculpando.

— Eu vim ver se Tess precisava de algo. — Ele mentiu.

Contive a língua e dei as costas para os dois, fingindo estar arrumando a cama para me deitar.

— Está bem. — Disse Maisie.

— Espero que tenham uma excelente noite. — Falou Charlie, e depois a porta se fechou.

Senti quando meu coração foi ocupado por um enorme vazio e desesperança.



Escocês

TALVEZ AQUELE FOSSE O VIGÉSIMO COPO DE UÍSQUE. Ou o trigésimo. Eu já tinha perdido a conta. Geralmente o meu ânimo melhorava no décimo, mas, naquela noite em especial, cada gole parecia me afundar ainda mais em uma melancolia profunda.

O amargo da bebida não era forte o bastante para fazer desaparecer o gosto doce da mulher.

Esvaziei a garrafa em mais um gole e me joguei no sofá após deixar que o vidro caísse no tapete, sabendo que não se quebraria.

— *Diabhal! (Diabo)*

— Eu havia mesmo sentido uma espécie de infelicidade nesse canto da casa. Bastou seguir o cheiro. — Disse Hamish parado à porta.

— Pensei que todos já tivessem ido dormir.

— Kate achou que você precisaria de um cobertor, mesmo com a lareira acesa. — Ele explicou, me fazendo reparar no que havia em suas mãos.

— Agradeça por mim, mas não estou com frio. — Respondi, e esfreguei meus olhos que ardiam.

— Quer conversar?

Franzi o cenho e olhei para a garrafa no chão.

— Há outra dessa? — Perguntei, o obrigando a olhar o objeto no tapete.

— Acho que você já acabou com o estoque, amigo. O que está acontecendo?

Esfreguei a testa e os olhos outra vez. Ouvi Hamish se aproximar e depois se sentar no outro sofá, de frente para mim.

— Eu preciso que você faça algo para mim. Eu confio apenas em você para isso.

— O que quiser. — Concordeu, e nossos olhos se encontraram. Eu raramente pedia algum favor para Hamish porque sabia o quanto ele tentava esquecer a antiga vida, esquecer as vidas que já foi obrigado a tirar. Mas ele era o único que eu acreditava ser capaz de proteger Tess.

— Eu preciso que você garanta que a brasileira chegará em segurança no palácio real.

— Pensei que você fosse levá-la. — Disse confuso.

— Eu não posso. Preciso voltar para Kerrera.

— Por causa dos russos? — Questionou.

Assenti.

— Tess irritou Nikolai, mas ele sabe que quando ela voltar para Londres se tornará intocável. Então ele irá para Kerrera e descontinuará sua frustração em nós. Não posso proteger a ilha e ela ao mesmo tempo.

— Eu farei isso. Tem a minha palavra. — Disse Hamish. — Eu sugeriria um brinde agora, se você não tivesse esvaziado todas as garrafas em uma única noite.

Ele me fez sorrir.

— A proteja como se estivesse protegendo Kate, eu imploro.

Um lampejo iluminou seus olhos.

— Nunca o vi implorar. — Comentou. E era verdade.

— Eu nunca estive tão desesperado. — Confessei. O que também era verdade.

— Sua melancolia não é apenas por causa da missão. — Era uma afirmação. — O que você sente por aquela mulher?

Me levantei do sofá e tentei controlar minha respiração, mas eu estava muito acelerado.

— O que sinto me faz ter vontade de abandonar tudo e morrer em seus lábios.

— Você está apaixonado? Você... mas... ela. — Hamish ficou atordoado, e também se levantou. Andamos os dois pela grande sala, perdidos.

— Eu me apaixonei por ela, Hamish. O que ela me faz sentir eu nunca senti por ninguém. — Falei com sinceridade. — E ela sente o mesmo. Ela me disse através dos seus olhos.

Eu o deixei ainda mais atordoado.

— Então por que está me pedindo para levá-la de volta para o noivo?

— Porque mantê-la em segurança é mais importante do que mantê-la ao meu lado. Tenho armas voltadas para minhas costas. Não posso colocá-la em perigo.

Hamish se abaixou e pegou a garrafa de uísque do chão e a virou para apreciar uma única gota. Eu devia ter imaginado que aquela conversa exigiria muito álcool.

— Eu nunca o vi apaixonado antes, meu amigo. Não posso permitir que você desista desse milagre.

— Não é um milagre. É uma maldição que me mata de dentro para fora. — Afirmei. — Eu luto contra a vontade de beijá-la sempre que a vejo. Eu quero morrer sempre que penso que outro estará fazendo isso, que outro será o motivo de seu sorriso, enquanto estou acorrentado por uma promessa que fiz e que ainda não fui capaz de cumprir.

— Você é o grande Balder, pode acabar com Nikolai em um piscar de olhos.

Neguei com a cabeça e olhei para a palma da minha mão esquerda, por força do hábito.

— Nikolai não está sozinho. Toda a organização virá atrás de mim assim que eu matá-lo. Eles destruirão todos aqueles com quem me importo. Um por um. — Falei e engoli em seco. — Enquanto o sangue de Mikhail correr por minhas veias, eu estarei em perigo.

— Você tem a proteção da rainha. — Lembrou-me.

— Essa proteção chegará ao fim assim que Tess voltar para os braços do noivo. Quando a rainha Mary descobrir que eu a traí, muito sangue será derramado, inclusive o meu. — Sibilei. — Eu perco de todas as formas.

— Então é isso? Você desistirá da única mulher que conquistou seu coração? — Perguntou. Era uma indagação que deixava claro que Hamish não concordava comigo.

Rilhei os dentes.

— Você ficaria com Kate mesmo sabendo que a colocaria em risco!?

O fiz enxergar por outra perspectiva.

— Claro que não. Mas eu também não desistiria dela. — Afirmou veemente. — Eu jamais desistiria de Kate.

Levei as mãos à cabeça, apertando as têmporas.

— Eu tomei minha decisão, Hamish. Tess será feliz com o príncipe de Gales. Ele lhe dará o que nunca poderei. E acima de tudo, ela estará em segurança.

— E se ela resolver não se casar e esperar por você? — Foi sua vez de me fazer olhar por outra perspectiva.

Não pude contestar. Eu não podia garantir que Tess não faria isso. Eu vi algo em seus olhos. A forma como ela me olhava era diferente, parecia carregar uma explosão de sentimentos.

Mas ela não podia esperar por mim. Eu podia nunca voltar.

— Me certificarei que isso não aconteça.

— Isso pode magoá-la. — Atentou. Me alvejando pela segunda vez.

E só de pensar naquela *boireannaich* chorando por mim já me fazia ter vontade de desistir de tudo para ser dela. Apenas dela.

— Não mais do que irá me ferir. Tenha certeza.



Tess

O DIA JÁ TINHA AMANHECIDO, e eu presenciei de olhos abertos esse acontecimento. Achei que choraria até pegar no sono. A parte sobre chorar, de fato aconteceu. Mas o sono... Bem, a dor que meu coração estava sentindo fez minha mente visualizar diversas formas de uma vida sem Charlie, e isso roubou minha noite.

Como eu conseguiria seguir em frente depois de descobrir que eu queria seguir com ele? Como apagar do meu coração um sentimento tão puro que ele fez crescer dentro de mim?

E se ele morresse? E se... e se...

Os "e se" estavam acabando comigo.

— Ainda está chorando? — Comentou Maisie, deitada ao meu lado na cama.

Funguei baixinho. Eu estava de costas para ela.

— Como? — Me fiz de desentendida. — Não estou chorando.

— Está. E chorou a noite inteira.

Mordi o lábio inferior e pressionei os olhos, enquanto mais lágrimas escorriam deles.

— Você pode conversar comigo.

Não posso. Nunca poderei.

— É sobre Balder? — Ela perguntou.

Eu não consegui mais respirar. Virei de barriga para cima e olhei para o teto do quarto. Sentia como se tivesse uma corda amarrada no meu pescoço.

— Sobre o que conversavam noite passada? — Maisie pressionou.

A corda ficou ainda mais apertada. Eu não queria mentir para ela, mas não sabia como lhe contar a verdade sem feri-la. Já havia muitos corações sangrando naquele momento.

— Eu... eu não quero magoar você. — Sussurrei, e deixei que mais lágrimas molhassem meu travesseiro. Abandonei qualquer tentativa de parecer forte.

Maisie esticou o braço e acariciou meus cabelos.

— Eu sei o que Balder sente por você. — Ela admitiu.

Virei o rosto para observá-la.

— Sabe?

— Todos sabemos. — Abriu um pequeno sorriso. — Conhecemos Balder há muito tempo. A forma como ele olha para você é diferente de tudo. E a forma como você retribui esse olhar... Ah, vocês são loucos um pelo outro.

— Eu sinto muito, Maisie. — Balbuciei, com os lábios trêmulos.

— Não. Por que está se lamentando? Todos nós gostamos muito de você.

— Você me disse que o ama, e mesmo assim eu permiti que ele entrasse em meu coração.

— Balder é como meu irmão mais velho. O que eu sinto por ele nunca teria futuro e eu sempre soube disso. — Ela disse e parecia sincera. Mas não aliviou meu peso na consciência. — Agora me diz, por que estava chorando?

Me virei na cama para ficar totalmente de frente para ela.

— Porque o que eu sinto por ele também não tem futuro. Eu estou noiva de outro homem.

— Pelos deuses, não é como se você estivesse acorrentada! — Brincou e revirou os olhos verdes. — Você ama seu noivo?

Estufei o peito e soltei o ar lentamente.

— Não. Nunca senti por ninguém o que sinto por Charlie. — Afirmei e reforcei com sinceridade, com a sugestão de um sorriso surgindo em meus lábios. — Sempre que o vejo, é como se eu fosse deflagrar de tanta felicidade.

— Então você já tem sua resposta sobre o que deve fazer.

— Não é só isso. Charlie disse, olhando em meus olhos, para eu me casar com Ryld.

— Ele é teimoso e orgulhoso demais para pedir para que você fique.

Aquilo não era tudo, mas ela não podia saber. Charlie me pediu para não dizer a ninguém sobre suas intenções com Nikolai, pediu para que eu não dissesse a todos que ele preferia sua vingança a mim.

— Ele fez sua escolha, Maisie. Não posso mudá-la.

Ela me fitou como se tivesse feito uma grande descoberta.

— Oh, céus. Vocês dois são igualmente teimosos.

Respirei fundo. Maisie e eu descemos para tomar café da manhã depois da nossa longa e dolorosa conversa. Eu não sabia se estava pronta para encarar Charlie depois de tudo. Mas depois de ter refletido sobre o que ele disse, cheguei à conclusão de que ele estava certo. Não podíamos ficar juntos. Eu nunca o perdoaria por ter me sequestrado. Muito embora meu coração batesse de forma desenfreada sempre que ele sorria, eu não podia esquecer o que ele me fez passar.

A casa estava com um silêncio suspeito, e eu não fui a única a reparar.

— Pelos deuses, parece que estamos em um enterro! — Murmurou Maisie, agarrada ao meu braço.

— Tenho que concordar.

— Acho que somos as únicas acordadas. — Ela disse.

Eu tinha o mesmo palpite, até entrarmos na cozinha.

— Pensamos que não fossem acordar hoje. — Disse Gael, mas não o achei tão entusiasmado como de costume.

— Mas ainda são oito da manhã. — Respondi, com os olhos presos nos ponteiros do relógio da cozinha.

— Parece que estamos esperando há uma eternidade. — Ele retrucou, me fazendo ter certeza de que havia algo de errado acontecendo. Eu apenas não sabia o quê.

— O que está acontecendo? — Maisie questionou.

Jailson largou a xícara que estava segurando em cima da pia e disse:

— Balder foi embora.

Eu desfaleci ao ouvir aquelas palavras.

— Embora? Do que está falando? — Maisie perguntou e largou meu braço.

— Achamos que foi atrás de Nikolai. — Declarou Gael.

Por muito pouco não caí no chão ou em lágrimas.

— Por que ele faria isso depois de termos nadado tanto para escapar dos russos? — Maisie estava fazendo todas perguntas que eu não era capaz de fazer por ser orgulhosa demais para demonstrar qualquer interesse.

— Você conhece bem o maldito Balder. Ele só não matou Nikolai ontem porque não queria nos colocar em perigo. Agora que estamos todos em segurança, ele irá até a lua se for preciso para matar o homem. — Retrucou Gael.

Me senti fraca. Meu corpo inteiro tremia em uma tristeza cega. Charlie fez exatamente o que disse que faria, mas como ele pôde ser tão cruel a ponto de ir embora sem se despedir?

— Que os deuses o protejam. — Murmurou Maisie, como que para si mesma.

— Como voltarão para Kerrera? — Perguntei, quando finalmente consegui me desengasgar.

— Já resolvemos isso. Conheço alguém que pode levá-los. — Disse Hamish.

Aquiesci. Era hora de eu encarar minha realidade também. Era uma grande ironia pensar que contei os minutos para voltar para minha casa e para Ryld e quando esse momento estava ainda mais perto de chegar, eu me via relutante em ir.

— Acho que... — ofeguei. — Acho que devo ir embora também.

Maisie agarrou minha mão e apertou com força.

— Você pode ir para Kerrera conosco. — Ela disse.

Retribuí o aperto enternecedor.

— Não é o meu destino.

— Você não tinha que falar com ela, querido? — Ouvi Kate perguntar para Hamish.

Relanceei meus olhos para ele.

— Você tem razão. Pode me acompanhar até a sala, Tess?

Confirmei com a cabeça e o segui até uma sala escura e aconchegante. Eu já sabia que Hamish e Kate tinham uma vida confortável, isso estava bem claro. Mas aquela sala em especial me fez perder o fôlego. A combinação sóbria dos móveis marrom com cinza era harmonioso e aconchegante. Enquanto os sofás apareciam no tom marrom, as paredes se destacavam no cinza.

— Vocês têm uma bela casa. — Comentei, apreciando com os olhos os nichos que continham livros.

— Ouvir isso de alguém que atualmente mora em um palácio é realmente gratificante. — Brincou Hamish e me fez rir.

— Ontem Kate cozinhou para nós, o que me faz pensar, por que não tem empregados?

— Minha esposa veio de uma família muito humilde, ela não se sente confortável em ter alguém nos servindo. Além do mais, Kate adora cozinhar. — Ele disse. Havia amor em seus olhos e em cada palavra.

— E ela o faz muito bem. — Reparei. — Se eu tivesse mãos tão habilidosas quanto as dela, também não permitiria que outro se aproximasse do meu fogão.

Arranquei uma gargalhada espontânea de Hamish.

— Você e a cozinha não se dão bem?

Arregalei os olhos em um assombro.

— Bem, não somos inimigas, mas digamos que nos damos melhor distantes uma da outra.

— Aprecio seu humor. — Ele disse de forma natural e se sentou, me indicando o sofá de frente para eu me sentar também. — Irei direto ao ponto, Tess, como pretende voltar para sua casa?

O sorriso morreu em meus lábios.

— Ainda não pensei a respeito. — Fui sincera.

— Charlie me fez prometer que você voltaria em segurança, é por essa razão que a estou questionando. — Disse sucinto.

Cerrei o cenho.

— Não quero ser um incômodo para você. Charlie não devia ter lhe pedido isso.

— Ele preza seu bem-estar. Eu dei minha palavra de que...

— Não me compreenda mal, Hamish, mas sou uma mulher adulta. Sei me cuidar. — O interrompi de forma séria.

Ele ergueu a sobrancelha de forma sutil.

— Perdoe-me a ignorância, mas o que fará se Nikolai aparecer novamente em seu caminho?

— Imagino que Charlie não tenha lhe contado sobre o que aconteceu da última vez que Nikolai e eu nos encontramos. — Falei de forma pretensiosa.

Ergueu as duas sobrancelhas dessa vez, surpreso.

— Aí está. — Ele deixou escapar.

— Como!?

— A razão por Charlie ter se apaixonado por você.

Senti uma torrente de borboletas na barriga. E corei.

— Não sei do que está falando, Hamish.

— Claro que sabe — sorriu. — Não se sinta compelida. A paixão nunca deve ser motivo de vergonha.

Entrelacei as mãos no colo.

— Se ele estivesse tão entregue a este sentimento, ele não teria ido. Não teria me pedido para eu me casar com outro.

— Não irei justificar as atitudes de Charlie, mas posso lhe assegurar que te dizer isso terminou de matá-lo por dentro.

— E como você acha que estou me sentindo agora, Hamish? — A voz soou embargada. — Charlie me dividiu. Metade de mim quer ficar e

esperar que ele se arrependa por sua decisão, e a outra metade me chama de tola a todo momento. Como posso ter me apaixonado tanto por um homem que me destruiu desde a primeira troca de olhares?

Enxuguei as lágrimas com raiva.

— Então você já tomou sua decisão?

Senti o mundo girar devagar enquanto eu caía em um abismo que existia apenas dentro da minha cabeça.

— Sim. Eu irei me casar com Ryld e esquecer que Charlie um dia existiu.



Tess

CONHECER CHARLIE E TER QUE ESQUECÊ-LO era como viver em um constante inverno. Era como uma febre que não cessa, como uma sede que não se sacia.

Como morrer lentamente e desejar que a morte seja breve.

Chorei ao abraçar Maisie pela última vez. Chorei por rir da última piada de Gael e por ouvir o último comentário de Jailson sobre meus olhos de raposa.

Mas eu me esforçava para engolir o choro enquanto era acompanhada por dois seguranças até a entrada do palácio.

— Finalmente em casa, madame. — Disse Hamish, torcendo a faca em meu peito com aquele apelido. Ele fez questão de me acompanhar até o palácio, mesmo eu dizendo que não era preciso. Eu já estava sendo escoltada pelos seguranças de Ryld após descobrirem meu paradeiro na Escócia.

— Diga a Kate que eu mandarei levarem as roupas que ela me emprestou após serem lavadas.

— Tenho certeza de que minha esposa não está pensando em suas roupas nesse momento. — Hamish brincou e me puxou para um abraço. — Adorei conhecê-la, futura duquesa. Espero que seja feliz.

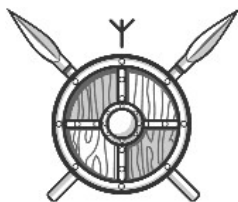
— Eu também. — Murmurei, enterrando o rosto em seu peito apenas pelo fato de ele ser o mais próximo que eu podia me sentir de Charlie. — Adeus, Hamish.

Nos desvencilhamos e ele pegou em minha mão para beijá-la como um cavalheiro.

— Adeus, duquesa.

O vi se afastar sem olhar para trás. Quando meus olhos não o alcançaram mais, senti a terra me engolir.

Eu finalmente estava em casa. Minha futura casa.



— Preparem um banho relaxante para ela. — Ordenou Ryld. — Não. Preparem um banquete. Não. Chamem um médico. Agora!

— Eu não preciso de nada disso...

— Sim, você precisa. Está abatida. — Observou, tocando em meu rosto.

Ele havia me alocado em um dos quarto no palácio. Havia empregados por todos os lados. Empregados até mesmo para me cobrir com o cobertor, mesmo eu dizendo que não havia necessidade. Ryld nunca me dava ouvidos.

Ele me puxou para um forte abraçado assim que me viu atravessar a porta do palácio. Mas logo se retraiu ao perceber que eu não o apertava com a mesma ternura. Eu estava feliz em vê-lo, claro que sim. No entanto, o tempo em que ficamos separados me fez enxergá-lo com outros olhos. Me fez perceber tudo que eu precisaria deixar para trás ao me tornar sua esposa. Eu nunca mais poderia andar sozinha pelas ruas. Nunca mais teria liberdade para falar o que eu queria, no tom que queria. Eu teria que dar adeus para muitas coisas.

— Você cortou o cabelo. — Reparei.

Ryld já não tinha a cabeleira loura que eu tanto apreciava. Seus cabelos agora estavam comportados como os de um aristocrata.

— E tirou a barba. — Acrescentei.

— Fui obrigado a fazê-lo. — Respondeu com impaciência.

Aí estava. Todas as ordens e obrigações que ele jamais contestaria, mesmo as detestando.

— Quando me contará onde esteve? O que aconteceu? — Ele questionou, em pé, ao lado da cama.

— Quando estivermos a sós. — Refutei, agoniada com a quantidade de pessoas no quarto.

Ele acenou com a cabeça, dando ordem para os funcionários se retirarem. Quando finalmente ficamos sozinhos, ele se sentou na cama, próximo aos meus pés.

— Eu fiquei tão preocupado. — Admitiu. — Quando recebi a mensagem de que você havia sido encontrada, achei que fosse desmaiar de tanta felicidade.

— Ryld, aconteceu muita coisa. Precisamos conv...

E bateram na porta.

— Alteza real? — A voz era de Noah.

— Sim? — Ryld respondeu sem se levantar para abrir a porta.

— O carro que o senhor solicitou está pronto.

Carro?

— Você vai sair!? — Questionei, sem conseguir esconder minha indignação.

— Eu tenho uma reunião com o ch...

— Eu cheguei não faz nem duas horas! — Rebatí, revoltada.

Ele tocou em minhas pernas por cima do cobertor.

— Eu sei. Não queria deixá-la. Mas estou esperando por esse reunião há dias.

— E por mim? Há quanto tempo está esperando por mim?

Ele suspirou.

— Tess...

— Sua alteza? — Noah o interrompeu novamente.

Arfei e encolhi minhas pernas para que ele não as tocasse mais.

— Pode ir. O dever o chama! — Exprimi meu desprezo sem pensar duas vezes.

— Não faça assim. — Disse com a voz mansa e tentou me entusiasmar. — Teremos muito tempo para conversarmos quando eu voltar.

Não queria ser grosseira. Não tinha esse direito. Eu havia cometido pecados que eram maiores que todos os erros de Ryld. Mas eu mal havia

chegado depois de semanas desaparecida e já estava sendo colocada em segundo plano.

Essa seria minha vida? Estar sempre um posto atrás das obrigações de Ryld?

Assenti.

Ele aproximou-se um pouco mais e deu um delicado beijo na minha cabeça antes de sair.

Passei muitas horas deitada na cama, sozinha. Não estava preparada para ser vista e tampouco questionada por alguém. *Deus me livre me deparar com a rainha Mary pelos corredores. Eu certamente teria uma síncope cardíaca.*

Resolvi aproveitar a solidão para pensar sobre o que eu contaria para todos. Eu não tinha certeza de muitas coisas, mas sem dúvida alguma, uma das certezas era que eu não delataria Charlie para Ryld. Como eu poderia fazer algo assim? Charlie seria preso, morto. Eu não seria capaz de viver em um mundo sabendo que eu podia ter poupado sua vida e não o fiz. Ele já estava pagando o preço pelo seu crime. De uma forma ou de outra, eu sabia que sim. Bem, contudo, havia um problema em proteger Charlie, isso automaticamente me fazia proteger a víbora da rainha. Ela era a verdadeira responsável por tudo, mas como eu diria isso para Ryld sem envolver Charlie?

Ah, que diabo!

Decidi que eu culparia os russos. Eles mereciam muito mais punição do que as pessoas de Kerrera.

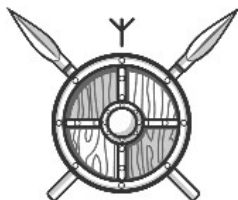
Corri a mão pela testa e me levantei para olhar pela janela. O dia já se tornara noite. O céu em Londres parecia não ser o mesmo de Kerrera. As estrelas na cidade pareciam apenas pontinhos brilhantes no céu, enquanto na ilha, ah, eu nunca tinha visto nada mais lindo. Era magnífico, como se tivessem as desenhado para um cartão-postal.

— Santo Deus, que ironia, desejei tanto estar de volta e agora tudo o que penso é naquela bendita ilha!

A tristeza dentro de mim era tão grande que não me fazia sentir fome, não me fazia sentir nada além de um enorme vazio.

As horas se passaram ainda mais. Os ponteiros do relógio marcavam dez para as onze da noite e meu ilustríssimo noivo ainda não

dera o ar da graça.



Era cedo quando fui arrancada da cama por uma das serventes.

— Sua alteza real a está aguardando para o desjejum. — Ela disse.

— Bem, diga a meu noivo que prefiro desjejuar em meu quarto, se possível.

Ela arqueou as sobrancelhas, como se lamentasse algo.

— Sua majestade também está à mesa a aguardando.

Se tivesse algum alimento em meu estômago, naquele momento eu já o teria colocado pra fora. Pensar em dividir à mesa com a rainha era pior do que passar três dias sem comer e sem beber.

Talvez eu pudesse inventar uma doença para escapar daquele encontro. Podia dizer que estava indisposta, Ryld certamente entenderia.

A servente ainda aguardava por uma resposta.

— O convite para o desjejum veio de quem? — Questionei. Era uma informação pertinente. Caso o convite tivesse partido de meu noivo, então eu podia recusá-lo facilmente. Agora, se o convite tivesse sido feito pela rainha, ora, eu certamente tinha um grande problema.

— Da majestade, senhorita.

Claro que sim. A cobra queria se certificar de que sua presa estava intacta para soltar seu veneno novamente.

Deus me perdoe, mas nunca imaginei que um dia eu odiaria tanto uma velha senhora.

— Está bem. Irei me aprontar. — Falei, com asco.

— Devo ajudá-la com o vestido? — A servente perguntou, em dúvida.

Relanceei o olhar para o vestido *primrose* no cabide em uma das extremidades do quarto.

— Algo preto cairia melhor devido meu estado de espírito — soltei uma risada engasgada.

— Perdão? — Disse a servente, atônita.

Gesticulei com a mão: "deixa pra lá."

— Não preciso de ajuda, obrigada. — Falei e sorri com doçura. — Diga a meu noivo que desço em cinco minutos.

— Sim, senhorita. — Ela fez uma medida antes de sair.

Soltei a respiração assim que a moça se retirou. Olhei para o vestido e ele também me olhou, de modo desafiador. Amarelo nunca combinou com meu tom de pele e a rainha sabia perfeitamente disso. Não duvidava de que havia sido ela quem encomendara o vestido especialmente para mim naquela manhã.

Resolvi vestir o endiabrado e o salto baixo que estava junto. Dispensei qualquer adorno, até mesmo um par de brincos nas orelhas. Aquele não era um encontro que me agradava, não havia razão para fingir.

Em menos de cinco minutos eu estava pronta. Se não fosse pelos meus cabelos, eu teria terminado muito antes, os fios rebeldes disputaram arduamente com os grampos por bastante tempo.

Fui acompanhada até o jardim privativo, onde os dois monarcas vestidos à caráter estavam sendo servidos de biscoitos e chá *Earl Grey* sem leite pelos mordomos. Os lindos mascotes da rainha se deliciavam com as poucas migalhas que caíam no chão.

Não foi preciso anunciar minha chegada, Ryld me sorriu com os olhos assim que me viu e se levantou para beijar minha mão de forma cavalheiresca, foi quando ele reparou que a aliança não estava em meu dedo. Porém, não disse nada com as palavras, apenas com os olhos.

— Estávamos a aguardando. — Falou.

— Eu sei. — Respondi e relanceei o olhar para os cabelos louros de Mary. — Majestade.

Sua dissimulação era tanta, que a víbora fez questão de fingir alegria ao me ver.

— Ah, minha querida, que alívio tê-la conosco novamente.

Contive a língua e as mãos. Santo Deus, se nada me detivesse eu iria chacoalhar os ombros dela.

— Eu imagino que sim, majestade. — Respondi, e forcei um sorriso.

Me sentei no banco de madeira ao lado de Ryld. Um mordomo encheu minha xícara com chá e depois todos foram dispensados por Mary.

— Estávamos muito preocupados com você, Tess. — Disse Ryld, e acariciou minha mão esquerda.

— Claro que estavam. — Tentei não soar irônica. Mas nem Cristo estava sendo capaz de conter minha língua.

— Como você está? — A rainha me perguntou. — Parece um pouco abatida.

— Estou me recuperando do trauma. Afinal, eu fui sequestrada em uma de suas propriedades, eu jamais imaginaria que alguém conseguisse invadir um lugar tão bem resguardado.

Ela estreitou os olhos.

— Você consegue se lembrar do que aconteceu? — A pergunta veio de Ryld.

Mary bebericou seu chá do seu jeito britânico, erguendo o mindinho, enquanto aguardava por minha resposta.

Aquele era o momento, o instante que eu tanto temia. Eu precisaria mentir, quando tudo que mais desejava era desmascarar a índole de Mary.

— Não me recordo com riqueza de detalhes. O que me lembro é que seu segurança, Charlie, e eu fomos dar uma volta enquanto aguardávamos pelo helicóptero. Acho que nos afastamos mais do que gostaríamos da casa de campo. — Respirei fundo. Meus dedos das mãos tremiam nervosamente. — Lembro-me de quando ligaram para Charlie e avisaram que o piloto...

— Está claro que ainda está em choque, querida, não vamos falar sobre esse angustiante dia. — Mary me interrompeu. Seu rosto estava levemente avermelhado. Ela estava com medo de eu desmascará-la, e eu certamente me aproveitaria disso.

— Na verdade, majestade, acredito que compartilhar aquele terrível momento aliviaria minha angústia.

Ela bebeu seu chá sem me olhar.

— Como eu dizia, Charlie recebeu um telefonema para que retornássemos para a casa, provavelmente veio de um de seus homens — falei para Ryld, ele assentiu e então comecei a mentir incessantemente. — Foi quando três homens apareceram e nos cercaram, eles portavam armas em suas mãos e gritavam em russo. Charlie se colocou na minha frente para tentar me proteger, mas foi golpeado na cabeça e desmaiou antes de conseguir reagir.

— Russo? — Ryld questionou, confuso.

— Sim, eles falavam algumas palavras em russo, mas na maioria das vezes se dirigiam a mim em inglês. — Expliquei e olhei de soslaio para a rainha, ela estava gritantemente intrigada. — Eu fui arrastada para uma carroça por um dos homens e depois jogada em um carro, foi quando também me desmaiaram com clorofórmio.

— E Charlie? — Inquiriu Mary.

— A essa altura ele já estava amarrado. — Respondi, enojada.

Ryld apertou minha mão e me fez olhar para ele.

— Para onde foram levados?

— Fomos de ilha em ilha na Escócia. Não me recordo de muita coisa, passava a maior parte do tempo dentro de uma cabana, amarrada.

— E a carta? Eu recebi uma carta que me deixou devastado. — Falou Ryld, irritado.

— Carta? — Me fiz de boba, porque precisava de um tempo para pensar sobre o que responder e não me enrolar nas mentiras.

— Deixaram uma carta em seu nome para Ryld. — Mary explicou. Ela tinha muito mais capacidade que eu em se fingir de tola.

— Ora, certamente não escrevi carta alguma! — Afirmei.

Ryld soltou minha mão de forma grosseira. Estava claro que ele não sabia se acreditava em mim. O traço de um sorriso nos lábios de Mary revelava o quanto ela estava adorando aquilo.

— Eu não escrevi uma carta! — Reafirmei. Aquela era uma das únicas verdades em toda minha história e era a que Ryld menos acreditava.

Ele se levantou abruptamente. Os cachorros se assustaram e se retiraram imediatamente. Cristo, eu queria fazer o mesmo.

— Sabe quantas pistas falsas eu segui!? — Ele estava gritando. Ah, se houvesse repórteres naquele momento eles teriam uma grande matéria para a semana.

Pistas que sua mãe implantou.

— Como você foi parar em *Dindow*!? — Ele questionou, desconfiado.

Uma longa história, meu bem. Longa história.

— E por que você está sem sua aliança!? — Ryld prosseguiu, não me dando tempo para responder.

Mary se levantou furtivamente, e antes que eu pudesse detê-la, ela se esgueirou para dentro do palácio.

— Tess!? — Ryld me chamou. Ele ainda aguardava por uma resposta.

— Os russos pegaram minha aliança, eles pretendiam chantagear você. — Expliquei pacientemente, feliz por estar dizendo a verdade novamente. Ryld riu com escárnio.

— Recebo uma carta onde a remetente é minha noiva, na carta ela diz que está fugindo com seu amante e quando finalmente a encontro, ela não está usando sua aliança.

— Você não me encontrou, fui eu quem telefonei. — O corriji, ainda com extrema cautela. — Por que eu fugiria para lhe telefonar semanas depois!?

— Não sei, Tess. Realmente não sei. — Ele estava transtornado. — Minha única certeza é a de que você está mentindo para mim.

Estremeci e desviei o olhar por impulso.

— E não é nem capaz de negar. — Completou.

— Você está tão certo de que o troquei por alguém que não é capaz de ouvir nada do que digo. — Falei, ainda controlando a paciência que já

estava por um fio. — Repetirei pela última vez, eu não escrevi uma carta e não fugi com um amante.

— Eu fiquei tão enlouquecido que...

Ele me deu as costas. Dessa vez era Ryld quem estava desviando o olhar.

— Tão enlouquecido que...? — O desafiei a completar.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. Ryld estava me escondendo algo, era nítido. Eu só não conseguia imaginar o que podia ser.

— Aonde está Charlie? — Mudou de assunto.

Meu coração bateu acelerado.

— Eu não sei — murmurei outra verdade. — Nos desencontramos quando chegamos em *Dindow*. Quando conseguimos escapar dos russos, viajamos para a cidade mais próxima.

Ryld riu baixinho, descrente de tudo o que eu falava. Se ele não estava acreditando na minha mentira menos bizarra, como reagiria se eu revelasse a verdade que era ainda mais espantosa?

— O que as pessoas pensarão se a virem sem aliança? — Perguntou, ríspido. — Você não poderá ser vista até que eu encomende outra.

Me levantei.

— Como!?

Ele se virou. Os olhos de pântano estavam avermelhados e inchados. Havia algo diferente em Ryld. Algo dentro do seu olhar.

— Eu mandarei fazer outra aliança como a que você perdeu, até lá, peço que fique no quarto para que não façam especulações, isso seria desastroso. — Ele tentou fazer parecer não ser uma ordem. Mas certamente, era.

— Ryld...

Tentei pegar em suas mãos, ele recuou.

— Algumas coisas mudaram na sua ausência, Tess. — Disse, os dentes estavam cerrados.

— Quanto a isso eu não tenho a menor dúvida. — Retruquei. — Apenas estou surpresa por eu ter me tornado sua prisioneira!

— Também estou surpreso por você começar a mentir para mim. — Devolveu.

— Eu não... — mordi o lábio inferior para não morder a língua. — Quer saber a verdade?

— Então confessa que estava mentindo!? — Questionou com desprezo.

Ryld estava me deixando maluca. Se ele queria a verdade, então eu lhe daria a verdade e *foda-se* todo o resto. Falaria sobre sua desprezível mãe, eu seria honesta e o faria engolir seu tom de repulsa.

— Por que não convidamos sua mãe para a conversa? — Perguntei com sarcasmo.

Ele estreitou os olhos.

— Ora, não me olhe assim. Tenho certeza de que ela tem muito mais coisa para explicar do que eu! — Acrescentei.

— O que está tentando dizer, Tess? Não é mais simples admitir o que fez? — Perguntou em tom ríspido e apontando o dedo na minha cara ao passo em que me acusava. — Admita que foi embora, mas voltou porque sentiu falta de toda regalia que tinha aqui!

Eu não conseguia acreditar em meus ouvidos. Não acreditava que aquelas palavras estavam mesmo sendo proferidas por Ryld.

— De que está me chamando? Diga de uma vez! — Intimei com aspereza.

— Estou facilitando para você.

Engoli seus insultos com dificuldade, mas o fiz porque sentia que devia isso para ele. Eu o traí e não me orgulhava. Eu precisava me colocar em seu lugar e deixar a arrogância de lado, ao menos daquela vez.

— Ryld, eu fui sequestrada por culpa da sua mãe! — Joguei a informação de uma vez por todas.

— Cale a boca! — Ele rugiu, me tratando como se eu fosse uma estranha para ele.

Eu finalmente entendi o que havia mudado dentro dos olhos de Ryld. Da mesma forma que as semanas me amadureceram, elas o apodreceram. O homem puro, romântico e cavalheiro que eu deixei para trás, não existia mais. Era como se Ryld tivesse reconhecido o verdadeiro poder que ele tinha. Como se a coroa estivesse por fim pesando em sua cabeça. Agora ele era apenas um alguém que eu costumava conhecer.

— Se você não tem decência, ao menos tenha caráter! — Prosseguiu entre os dentes cerrados. — Como pode envolver minha mãe nessa sua depravação?

O que aconteceria comigo se eu desse um tabefe na cara de um príncipe? O que aconteceria se eu resolvesse descontar a humilhação com agressões físicas?

Não, eu não iria me rebaixar a tanto.

Ele estava me atacando apenas através de especulações. Ryld podia me culpar por qualquer coisa, mas não pelo que não fiz. Eu não o deixei por outro homem, não escrevi uma carta de despedida. Eu não aceitaria ser acusada injustamente.

— Eu não havia lhe deixado, Ryld — disse —, mas agora, é exatamente o que farei. Desejo profundamente que o peso da sua consciência quando finalmente descobrir a verdade pese mais que sua cora, alteza real!

Ele riu com nervosismo. Os olhos estavam marejados e seus lábios mais brancos que as gardênias de adorável perfume logo atrás dele.

Eu não queria esperar por sua resposta espinhosa, temia que ele me ferisse ainda mais. Mesmo que eu não o amasse, Ryld ocupou uma grande parte do meu coração por muito tempo, e agora esse espaço estava sendo preenchido com rancor.

É nisso que os sentimentos bons geralmente se transformam quando chegam ao fim?

— O que pensa que está fazendo, Tess!? — Ele agarrou meu braço para que eu não saísse

— Exatamente o que sua mãe quer. Na verdade — puxei o braço bruscamente —, você já fez isso por nós dois.

— Você não pode ir embora, temos um compromisso. Você precisa honrar com sua palavra. — Advertiu. — Nos casaremos!

— Eu não quero me casar com você, não mais. Estou cansada de estar ao seu lado e continuar me sentindo sozinha. E depois das coisas que me disse — meu queixo tremia. — Você me insultou, me chamou de interesseira.

— Eu não quis ofendê-la. Eu... estou confuso. Passei todos esses dias ouvindo rumores sobre você. Eu tentei me manter confiante enquanto todos diziam que você havia fugido com outro.

— Me deixe adivinhar, uma dessas pessoas envenenando sua cabeça era sua mãe?

Ele suspirou. O verde dos seus olhos estavam mais suaves, passivos.

— Quero que vocês se entendam. — Ryld disse.

— Impossível. Ela nunca permitirá esse casamento. Eu acabarei ferida, ou pior, desaparecida como a esposa de Antony.

Ele voltou a ficar nervoso e afundou seus dedos em meu braço novamente, me machucando.

— Pare com isso. Ela não quer nosso casamento não a torna necessariamente um monstro.

Ryld nunca acreditaria em mim. Nunca. Foi inocência da minha parte achar que ele ficaria ao meu lado. Eu superestimei seu amor. Se eu soubesse antes o que sei agora, jamais teria permitido que Charlie partisse.

— Está me machucando. — O alertei, relanceando os olhos para sua mão em meu braço. Ele relaxou os dedos, mas continuou me segurando firmemente.

— Você... você se apaixonou por ele. — Era uma constatação. — Você se apaixonou pelo homem que eu mandei protegê-la.

Como refutar uma verdade? Nem mesmo meus olhos eram capazes de dizer o contrário. Nem mesmo as batidas do meu coração me obedeciam quando se tratava de Charlie.

Eu não tinha ideia do que se passava na mente de Ryld naquele momento, o que disseram para ele, o que ele acreditava ser real, mas existia apenas uma verdade independente da ordem dos fatos: eu me apaixonei perdidamente pelo escocês.

— Negue! — Ele gritou, agoniado com minha mudez. — Negue, em nome de Deus!

Agora suas duas mãos estavam em meus braços, me segurando com força, com intenção de ferir. Olhei pela porta de vidro, temendo que alguém nos escutasse. Ryld não estava se portando como um cavalheiro, o tamanho do seu ciúme o fez esquecer qualquer boa conduta que aprendera.

— Não posso negar. — Disse por fim. — Não aconteceu como você está pressupondo. Não o deixei para fugir com ele. Solte... solte meus braços.

Seus olhos eram frios, os lábios se retraíram com dor e ojeriza.

— Eu irei matá-lo. — Anunciou, e me fez acreditar que de fato o faria. Senti como se tivesse levado uma cotovelada no estômago.

— Ryld, me ouça — tentei dizer, mas ele ensurdecera. Estava encolerizado, diabólico.

— Irei matá-lo! — Repetiu, olhando no fundo dos meus olhos, e deixou o jardim.

Minhas pernas ficaram bambas. Precisei me sentar para conseguir respirar. Levei uma mão ao peito, sentindo a aceleração dos meus batimentos cardíacos. Sentia-me zozza e com a língua dormente. *Santo Deus.*

Não, Ryld estava blefando. Ele é o príncipe de Gales, jamais se sujeitaria a tamanha vergonha. Sua mãe nunca o deixaria sujar suas mãos de tal forma.

E se mandassem matar Charlie? Afinal, a rainha já desaparecera com alguém antes, a esposa de Antony, e ninguém nunca mais soube da dama. Seria muito simples para Mary acabar com o escocês, uma vez que sabia exatamente aonde ele morava.

Kerrera... Maisie, Jailson, Gael, Brenda...

Eu precisava falar com Charlie, precisava alertá-lo.

Deixei o jardim com as pernas ainda moles, com as mãos trêmulas e a vista como a de uma ébria.

Deus.

Eu precisava encontrar alguém de confiança dentro daquele palácio, alguém que gostasse de mim o suficiente para arriscar seu emprego e me ajudar a me comunicar com alguém de Kerrera.

O enorme corredor fazia eco enquanto eu pisava firme com os saltos. As paredes e tetos cobertos com superfícies de branco com ornamentação e folhas de ouro estavam me deixando ainda mais zozna.

Não sabia ao certo para aonde eu estava indo. Estava tão perdida em pensamentos, que acabei perdida também dentro do palácio, mesmo conhecendo cada pedacinho dele.

— O que você disse para o meu filho?

Sua voz veio de uma das inúmeras salas. Ela estava na que tinha um painel central de afrescos no teto.

— Majestade! — Cravei nela um olhar gélido e adentrei no cômodo.

— Ryld deixou o palácio enfurecido. O que disse a ele? — Ela refez a pergunta.

Só Deus sabe o quanto eu queria ser desrespeitosa e insultá-la. Mas Mary ainda era a rainha.

— A majestade não está realmente interessada em meu conflito amoroso com o príncipe de Gales. Na verdade, está mais preocupada consigo mesma e com o que pode acontecer. — Rebei, e me sentei na poltrona de frente para ela, com as duas mãos sobre o colo.

— Você sabe que não se encaixa entre nós. Não fique ressentida por...

— Ressentida? — a cortei. — A senhora fez um acordo um tanto perverso com Charlie.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Ele te contou — disse baixinho. — Não mandei ele sequestrá-la.

— Não. Mas não deu muita escolha para o sujeito. Uma vez que ameaçou tomar suas terras.

— Aquelas terras não são de Charlie — refutou. — Não posso imaginar o que ele contou para...

— Ele me contou absolutamente tudo — a interrompi mais uma vez, deixando a ira me subir à cabeça. Eu não queria ferrar com Charlie, mas

àquela altura eu precisei ser egoísta. — Sua esperança, majestade, era que eu desaparecesse como aconteceu com a esposa de Antony, estou certa?

Seu rosto ficou ainda mais pálido, e o tom rosado de seus lábios não ofuscou o esbranquiçado devido ao espanto.

— Acredito que estava indo recolher seus pertences para sair em breve — mudou de assunto. — Não quero atrapalhá-la. Posso pedir para que um de meus criados a ajude.

Ela queria se ver livre de mim o quanto antes. Estava evidente. Mas eu não lhe daria esse gosto, mesmo que estivesse desesperada para desaparecer daquele palácio.

— Na verdade, majestade, meu noivo e eu não tomamos uma decisão definitiva sobre nossa união — eu falei.

Mary se irritou e não escondeu isso.

— Srta. Araújo, meu filho é o príncipe de Gales. O que nós fazemos exige absoluto devotamento e algumas privações. Ryld não poderá nunca ser o marido que você deseja. — Ela foi curta e grossa na resposta, o que fez meu coração sacudir.

Soltei uma risada nervosa.

— Agradeço a preocupação, majestade, mas sou uma mulher adulta e estou certa de minhas decisões — disse com sarcasmo.

Por que eu continuava brigando pelo meu relacionamento com Ryld uma vez que meu coração era de outro? Ora, na verdade, eu sabia. Eu queria que nosso término fosse uma decisão minha e dele, e não da sua mãe.

Ela se remexeu na poltrona. Sua postura ereta era muito melhor que a minha, mesmo ela já sendo uma mulher de idade.

— Podemos fazer um acordo — ela propôs. A olhei com curiosidade. — Me diga algo que queira e será seu, caso desista de meu filho de uma vez por todas.

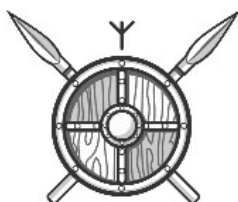
A privei de uma ofensa, de uma palavrão, com muito esforço.

— Não sou esse tipo de dama, majestade — disse entre os dentes trincados. — Não tente me subornar novamente, por favor.

— Não estou oferecendo dinheiro, minha querida. Mas imagino que há algo que você deseje muito mais que se casar com meu filho. Tenho olhos e ouvidos por todo Reino Unido, e você pode imaginar os rumores que já chegaram até mim sobre seu descontentamento com Ryld.

Ela estava certa. Eu sempre revirava os olhos quando Ryld e eu éramos interrompidos por suas obrigações durante nossas viagens de lazer. Meu noivo nunca estava realmente presente, mesmo quando estávamos entre quatro paredes. Me casar com ele foi meu maior sonho um dia, mas deixou de ser há algum tempo.

— Posso ver a confusão em seus olhos. Deixarei que pense a respeito — acrescentou, e me deixou só naquela sala repleta de personificações das virtudes monárquicas e com um lustre de cristal da Boêmia sobre minha cabeça.



Ryld voltou tarde da noite. O vi retornar ao palácio pela janela do meu quarto. Os seguranças seguravam seus braços, como se o estivesse apoiando, dando a entender que Ryld não era capaz de andar sozinho, pois estava embriagado. Às vezes meu noivo parecia esquecer que era um príncipe e agia tão tolo quanto qualquer homem com o coração partido que procurava conforto através de álcool.

Vesti um robe e desci os lances de escadas.

— Olha quem está aí... minha... linda noiva — disse Ryld, de forma confusa.

— Aonde esteve? — Questionei e cruzei os braços.

— Me divertindo — ele respondeu com a língua enrolada. Ele sequer tentava parecer sóbrio.

— O levem para o quarto, por favor. — Me virei para Noah e Ethan que ainda apoiavam Ryld. Os homens acataram minha ordem e o carregaram para o andar de cima.

Os segui, após pedir para que algum mordomo servisse uma água bem gelada para Ryld.

— Podem nos deixar a sós. Obrigada. — Me dirigi para os seguranças e o mordomo que ainda estavam no quarto. Todos se foram sem replicar.

Enchi o copo de água gelada e estendi para Ryld.

— Não querooo — objetou. Seu hálito era feito de álcool, assim como suas roupas.

— Isso não é um pedido. Beba de uma vez! — Estiquei o copo novamente para ele.

Ryld usou os braços para conseguir se sentar na cama e dirigiu seus olhos avermelhados e ébrios para mim.

— Por que está cuidando de mim se ama outro!? — Essa pergunta ele misteriosamente conseguiu pronunciar sem falhar a voz.

— Não seja infantil. Eu sempre cuidei de você — rebati com severidade.

Ele pegou o copo da minha mão sem desviar o olhar e virou o líquido em um único gole.

— Acheeei que... que não estaria aqui quando eu voltasse — disse enrolado. Era necessário muito esforço psicológico para compreender suas frases.

— Temos que conversar, mas hoje já está tarde e você não está em condições.

Seu corpo balançou na cama, como se tudo ao redor estivesse rodando e o levando junto. Peguei o copo da sua mão antes que ele deixasse cair.

— Talvez eu prefira estar bêbado para ouvir o que você tem para me dizer — ele disse.

Suspirei.

— Não conversarei com você nesse estado, Ryld.

Ele agarrou meu pulso.

— Sua alteza exige que você fale de uma vez! — Grunhiu, aproveitando-se do poder.

— Não acatarei sua ordem, Ryld.

— Como ousa me desobedecer? — Franziu o nariz.

— Você precisa dormir...

— Eu preciso matar o desgraçado que a roubou de mim. É disso que preciso! — Me cortou.

E mais uma vez ele falou em matar Charlie. Eu começava a levar a sério suas ameaças. Ébrio ou sóbrio, ele sentia o mesmo desejo assassino.

Não apenas seu odor alcoólico me fez sentir enjoo, como também seus comentários malvados.

— Amanhã falaremos sobre isso — falei novamente e puxei meu pulso. Sua mão frouxa me largou facilmente.

Em questão de minutos, Ryld estava de olhos fechados e respirando profundamente.

Ele finalmente havia dormido.



Tess

— **V**ESTIDO AMARELO NOVAMENTE? — Impugnei, observando o tecido lampejante e cheio de vida posto à minha frente.

Quando concordei em me mudar para o palácio real depois de ser muito pressionada por Ryld poucos meses atrás, sabia que teria que reformar completamente o meu guarda-roupa, mas não imaginava que também seria vestida feito um manequim pelos estilistas.

— Acho que sua alteza real aprecia o amarelo em sua pele, madame — respondeu a servente, tentando me consolar.

— Por falar nisso, Elis, como o príncipe está essa manhã? — Perguntei com curiosidade.

— Sua alteza real e a majestade se reuniram no jardim privativo novamente essa manhã, senhorita.

Um homem com um coração partido e uma víbora egoísta.

Levei a mão ao queixo, pensativa. Aquela aliança de Ryld com sua mãe não me agradava nenhum pouco. Eu sabia que não era uma reunião familiar. Mary provavelmente estava soltando mais uma gota do seu veneno.

— Está se sentindo bem, madame? — Elis perguntou.

— Me ajude com o vestido, sim?

Elis concordou com a cabeça e me ajudou a entrar no vestido. Santo Deus, aquela peça de roupa parecia pesar muito mais do que eu. A servente também me ajudou com o penteado e com os acessórios. Eu queria me arrumar o mais depressa possível.

Aquele dia estava transcorrendo como o anterior, o que não me agradava: o dia anterior fora um completo fiasco.

Esperava ter mais sucesso naquela manhã.

Os mordomos me acompanharam até o jardim privativo, mas Mary já não estava com Ryld.

— Aonde está a rainha? — Perguntei a um dos mordomos.

— Sua majestade se reuniu em uma conferência com seu chanceler.

Assenti e engoli em seco.

Ryld não foi receptivo ao me ver. Eu até diria que minha presença não o agradou. Seu olhar para mim era frio, desprezível.

— Bom dia — eu disse.

— Bom dia — respondeu, seco e gélido como o ar, e se preparou para deixar o jardim.

— Precisamos conversar, Ryld.

Ele breiou os passos.

— Tive uma péssima noite, como você pode imaginar, o que tem para me dizer pode esperar até amanhã ou mais tarde.

— Não estou certa disso — discordei. — Irei deixar o palácio e gostaria que soubesse disso por mim.

Ele prendeu o ar e depois o soltou com força.

— Você e ele não ficarão juntos. Sabe disso, não sabe!? — Havia rancor em sua voz. — Você pode ir embora quando bem entender, mas irei garantir de que não veja aquele homem nunca mais na vida!

— Você não tem esse direito! — Refutei.

Ele sorriu em um momento bem inapropriado e sabia disso.

— Eu tenho o direito de muitas coisas, Tess. Eu sei onde Charlie mora e também sei que ele não recusaria minha visita.

Minha garganta ficou seca imediatamente.

— Matará um homem apenas porque me apaixonei por ele?

Ele cerrou os punhos.

— Eu sempre te disse que faria tudo por você. Agora acredita em minhas palavras?

Seus olhos verdes pareciam mais escuros agora.

— Eu não fugi com Charlie. Sua mãe orquestrou tu...

— Cale a boca. Não quero ouvi-la nunca mais! — Me interrompeu aos gritos. — Minha mãe estava certa sobre você, você não serve para mim. É uma mentirosa, promiscua, interesseira...

Dei um tapa em sua cara e não permiti que ele concluísse os insultos. Ele não estava ferindo apenas meu coração, também tentava ferir meu ego.

— Tenho pena do diabo que carregará sua alma — murmurei, engolindo as lágrimas salgadas que escorriam de meus olhos.

Quase não pude perceber a vermelhidão causada pelo meu tapa, já que seu rosto inteiro fora tomado pela cor. Ryld era feito de fúria e mágoa. Esses dois sentimentos juntos eram capazes de arruinar o Universo.

— Farei com que você e seu amante se arrependam de terem cruzado o meu caminho! — Deixou sua ameaça e também o jardim.



Arrumei minhas malas segurando o choro. Era mais importante manter minhas mãos trabalhando com as roupas, do que enxugando as lágrimas. Quando terminei, deixei que as gotas caíssem depressa e as limpei com a mesma velocidade.

Ryld proibiu todos os funcionários de me ajudarem. Eu precisei organizar absolutamente tudo sozinha. Desde fazer as malas até levá-las para o táxi. Dentre todas as humilhações as quais fui submetida, a maior delas foi quando precisei assinar um contrato de confidencialidade para garantir a honra da família real.

— O que está fazendo? — Mary questionou, enquanto me via descer as escadas com a última mala.

— Ora, majestade, o que a senhora tanto sonhou. — Debochei.

— Rompemos com o noivado — explicou Ryld, parado ao pé da escada. — Tess está deixando o palácio.

Mary arregalou os olhos com espanto.

— Entendo. Porém, não é dessa forma que deve ser feito — refutou. — Primeiro é necessário anunciarmos o fim do noivado, e em seguida a saída de Tess do palácio. Seria ultrajante se todos pensassem que a

colocamos para fora como se fosse um cachorro. Na pior das hipóteses, isso poderia descarrilar a monarquia britânica.

Soltei um risinho baixo e provocador.

— Bem, é exatamente o que está acontecendo! — Retruquei.

— Não pode partir. Não antes de anunciarmos ao público a separação — ela insistiu.

— Todos sabem que ela me deixou por outro. Não seria surpresa alguma se a vissem deixar o palácio — comentou Ryld em um tom impiedoso.

Rangi os dentes e me preparei para rebater, mas não tive tempo.

— Deixem-nos a sós. Andem! — Mary dispensou os funcionários para termos a privacidade que exigia a conversa e voltou-se para Ryld. — Pare de agir feito um moleque qualquer. Comporte-se feito o cavalheiro que seu nome exige!

Ryld abaixou a cabeça e não a respondeu.

Eu terminei de descer as escadas. Pouco me importava a honra daquela família, eu não passaria mais nenhum minuto aturando qualquer ofensa.

— Tess, você não pode ir. Se ousar atravessar essa porta eu serei obrigada a pedir que meus seguranças a impeçam — anunciou a rainha.

Me virei para fitá-la.

— Majestade...

— O que seu pai acharia se visse o nome da sua querida filha envolvido em tantos escândalos de uma vez? — Ela disse, sabendo que isso me provocaria.

— Escândalos que você mesma me envolveu! — Ataquei de volta, deixando toda educação de lado.

— Eu estou farto. De vocês duas! — Entrevi Ryld, com intenção de dar um basta na discussão. Porém, ele só conseguiu acalorar ainda mais o momento.

— Não, por favor, fique, Ryld — eu pedi. — Talvez sua mãe queira explicar a carta, o sequestro, tud...

— Você não cansa de tentar colocar meu filho contra mim? — Mary me interrompeu.

Um estrondoso barulho nos obrigou a calar. Um dos vasos de porcelana que decorava o *hall* de entrada fora parar no chão.

— Eu não quero ver nenhuma das duas. Nunca mais. CHEGA! — Gritou Ryld. Completamente fora de si. A mão que usou para lançar o vaso no chão, tremia em fúria. E dessa forma ele nos deixou sozinhas e transtornadas. Em outra situação, outro tempo, eu teria ido até ele para fazermos as pazes. Mas já não éramos os mesmos de antes. Agora éramos dois estranhos.

— Eu vou sair por essa porta e espero que não tente me impedir! — Falei para a rainha.

— Não me desafie, querida.

Como um serzinho pequeno e enrugado daqueles conseguia me amedrontar ainda mais que os russos?

Queria fazê-la engolir sua coroa e todo seu poder. Sem os dois, ela não seria absolutamente nada.

— O que ainda quer de mim? Já não basta ter destruído minha vida? — Perguntei amargurada e larguei a mala no chão, sentindo o peso da derrota em meus ombros.

— Charlie me garantiu que você não voltaria, mas está aqui, na minha frente, e tentando colocar meu filho contra mim.

— Eu apenas estou dizendo a verdade. Você não ama seu país, majestade, você não se importa com nada além do poder. Fere todos que ficam no seu caminho de alguma forma, inclusive o próprio filho.

Ela diminuiu a distância entre nós.

— Eu a aceitei nessa família e vocês me esconderam a verdade. Ryld precisa ter herdeiros, isso não é um mero capricho, é uma obrigação! — Contestou.

— E por isso eu precisei ser sequestrada? Por isso me fez passar por traíra? — Engoli em seco. — Bem, já não importa. Ryld não acredita em mim, nosso relacionamento terminou, como a senhora tanto desejava. Acredito que isso seja o suficiente para que desista de Kerrera.

Ela esboçou surpresa.

— Se importa com aquela ilha? — Inquiriu, ajeitando alguns fios de cabelo que haviam se soltado do penteado.

— Certamente qualquer um que tenha um coração é capaz de compadecer ao ver pessoas perdendo seus lares — alfinetei propositalmente.

— Então encontrou seu preço, Srta. Araújo!?

— Meu preço?

Assentiu.

— Deixe meu filho e aceite permanecer no palácio até que o anúncio do fim do relacionamento seja divulgado de forma adequada.

— E o que eu ganho!? — Questionei, apenas para ver até onde ela seria capaz de chegar com aquilo.

A rainha deixou as rugas visíveis ao sorrir.

— O que você claramente quer, mas ainda não foi capaz de admitir. Abdico de Kerrera e poupo Charlie pela traição.

Maldição. Como ela sabia que eu me preocupava com Charlie? Bem, provavelmente Ryld lhe dissera algo. A rainha Mary esteve com a carta na manga o tempo inteiro, ela apenas esperou o momento certo para usá-la. Esperou que Ryld e eu desistíssemos um do outro para então me fazer virar seu soldadinho.

Agora, mais do que nunca, eu entendia Charlie. Mary era manipuladora, sabia o que dizer e em que momento dizer.

Ela sabia que eu não recusaria aquele acordo, pois graças a ele eu poderia salvar muitas vidas. Mesmo assim, ela esperou pacientemente até que eu concordasse. Fosse com palavras ou com um rápido aceno de cabeça.

— Tenho outra condição — falei por fim. — Quero me comunicar com uma pessoa em Kerrera e preciso de alguém de confiança para mandar o recado.

— Certo. Mas a senhorita sabe que não podemos usar telefones por razões de segurança — lembrou-me.

— Será por carta. Não se preocupe.

Ela aquiesceu e deu nossa conversa por encerrada.

Me tremi inteira quando Mary se afastou.



Tess

"Querida Maisie. Estou lhe escrevendo, como prometi que faria.

Receio não ser pelas razões que gostaria. As coisas aqui no palácio não vão muito bem. Meu noivado com o príncipe Ryld de Gales chegou ao fim da pior forma possível. Mas isso é assunto para outra carta.

A verdadeira razão de eu estar lhe escrevendo é para alertá-los sobre uma possível aparição de Ryld à ilha. O príncipe não se alegrou com o término e por vezes ameaçou verbalmente o homem que ele culpa pelo nosso fim. Tentei não dar créditos para suas ameaças, mas eu realmente não sei do que ele é capaz. Temo o pior, temo pela segurança de Charlie.

Antes que eu me esqueça, por favor, diga a Charlie que não se aflija com a rainha. Mary e eu finalmente entramos em um acordo, por mais assustada que eu esteja com isso. Acredito fielmente que vocês não precisam mais se preocupar em perder seus lares.

Exceto pelo noivo de coração partido e os malditos russos, Kerrera não receberá visitas indesejadas e ameaçadoras.

Com carinho,

Tess Araújo."

Dobrei a carta ao meio. A caneta preta em meus dedos queria despejar ainda mais palavras. Eu queria perguntar sobre Charlie, queria ter notícias, saber se estava seguro e se falava sobre mim. Mas, maior que minha curiosidade, era o meu orgulho.

Guardei a carta em meu peito, por dentro do vestido para entregá-la discretamente para o homem que Mary havia aconselhado. Ela pediu extremo sigilo em tudo aquilo, para que não houvesse fofocas entre os funcionários e eles especulassem o pior.

Me encontrei com o homem que ficou de entregar a carta para Maisie do lado de fora do palácio. Me sentia péssima por ter me aliado à rainha depois de tudo o que ela me fizera, contudo, não tive outra

escolha. Eu precisava alertar Charlie e também ansiava por notícias suas.

Que ele não tenha ido atrás de Nikolai. *Santo Deus!*

— Foi se encontrar com seu amante? — Provocou Ryld, assim que retornei ao palácio. — Ah, não, por favor, não me diga.

Soltei um ar de desprezo, subindo as escadas.

— Quanto minha mãe ofereceu a você para que aceitasse ficar aqui? — Ele continuou com as provocações, me seguindo.

— O pouparei de insultos, Ryld! — Cuspi as palavras sem me virar para ele.

— Você já me provou sua devassidão, por favor, mostre-me seu mau-caratismo também.

Finalmente me virei para encará-lo.

— Você consegue ser pior que sua mãe! — Retruquei, desejando dizer algo mais ultrajante, mas não seria nada inteligente.

— Bom, o aniversário da minha mãe será em poucos dias. Talvez seja por isso que ela quis poupar um escândalo sobre nosso término. Haverá uma pequena cerimônia no palácio. Você e eu devemos agir como um casal apaixonado para não criar especulações, principalmente após você ter desaparecido por tantos dias. — Ele fez uma pausa. — A estou alertando disso porque seria terrível se alguém flagrasse minha linda noiva cortejando um de meus seguranças.

Senti um revertério na barriga.

— Tenho certeza de que sua Majestade não fará questão alguma da minha presença.

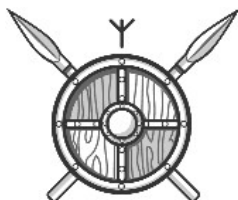
— Eu não estaria tão certo disso, se estivesse em seu lugar.

— Ryld...

— Me chame da forma apropriada, por favor — me cortou com rispidez.

— Como quiser, sua alteza real! — Respondi de forma dura. — Se não deseja mais nada, então gostaria de ir para meu quarto.

Não esperei por sua resposta e corri escada acima com os olhos marejados. Eu, que não costumava chorar com facilidade, me vi à gota d'água nas últimas semanas. Era como se todo o mundo tivesse me virado as costas.



Oito dias haviam se passado e eu não recebera qualquer retorno de Maisie. O homem que ficou de entregar a carta me jurou que o fez. Se sujeitou até mesmo em descrever a aparência de Maisie para me provar sua palavra.

"Uma ruiva com o rosto coberto por sardas e olhos de esmeralda", ele dissera. A carta havia sido entregue nas mãos da ruiva e ele me garantiu que avistara um barco aportado no cais de Kerrera. Então Maisie podia facilmente me mandar uma carta em resposta, uma vez que havia como entregá-la.

A agonia se intensificou dentro de mim. Eu queria evitar Ryld e, ao mesmo tempo, andar livremente pelos corredores, contudo, a imensidão daquele palácio não era o suficiente para que eu evitasse encontrá-lo. Coincidentemente, gostávamos dos mesmos cômodos. Nos trombávamos dentro da biblioteca, no jardim, na sala de jantar. Em todos os malditos lugares. Como naquela tarde, por exemplo.

— Não sabia que estaria aqui. Lamento — murmurei, com um pé dentro da biblioteca e outro fora.

Ele ergueu os olhos do livro que estava aberto sobre seu colo.

— Eu desisti de evitá-la, Tess, recomendo que faça o mesmo. Aparentemente, o palácio se tornou pequeno demais para nós dois — ele disse.

— Confesso que estou surpresa por encontrá-lo tantas vezes seguida, sua altura real. Isso raramente acontecia quando estávamos noivos — debochei em tom cruel.

— Ou talvez você não notara minha presença porque seus olhos estavam em outro alguém, não é mesmo? — Rebateu, utilizando o

mesmo tom de voz.

Praguejei baixinho.

— Por favor, não permita que eu estrague seus planos. Entre e pegue seu livro — incentivou, ao me ver relutante. — Amanhã acontecerá a grande cerimônia para celebrar o aniversário da rainha. Não podemos continuar sendo apáticos um com o outro.

— Eu prefiro estar onde o senhor não esteja, alteza. É um bem que faço para minha sanidade — Rebatí, e sorri com os olhos de maneira sarcástica.

Ele riu, porém, não achou graça. E fechou o livro com um baque, se preparando para uma dolorosa resposta.

— Madame? — Chamou um dos mordomos parado no corredor. O homem parecia indeciso sobre se aproximar de Ryld e de mim. Todos os funcionários sabiam que estávamos nos estranhando ultimamente.

— Sim?

Vi Ryld esticar o pescoço para tentar bisbilhotar.

Intrometido.

O mordomo continuou sem saber como reagir. E então, reparei em um pedaço de papel na sua mão.

Talvez Maisie tenha mandado uma carta.

Deixei a biblioteca apressadamente e recolhi o papel da mão do mordomo um pouco abrupta. Não era uma carta como eu suspeitara. Estava mais para um bilhete e meu coração bateu depressa quando eu o li.

"Encontre-me no jardim de roseiras"

Era o bilhete mais lacônico do mundo, mas aquelas breves palavras foram as mais doces que eu ouvira nos últimos dias. Meu coração aquecera imediatamente.

Arranquei os saltos dos pés e os larguei no chão.

Atravessei o palácio correndo até o jardim de roseiras, como recomendara o bilhete, ciente de que estava sendo observada pelos funcionários. Eu não podia ter chamado tanta atenção, pelo contrário,

precisava ser o mais discreta possível. Era o que eu havia acordado com a rainha.

Mas... quando eu li aquele bilhete, o impulso foi maior que eu. E quando eu o vi entre as rosas. Ah, Cristo, eu só queria me atirar em seus braços.

— Charlie — balbuciei, para fazê-lo me olhar.

Ele se virou ao som da minha voz. Olhou para mim demoradamente, quase sem piscar.

— Madame — ele curvou-se e fez uma breve mesura. Estava vestido à caráter, com terno e gravata, como se ainda trabalhasse para a família real.

— O que... o que está fazendo aqui? — Questionei, atordoada. Eu estava feliz por vê-lo, mas reconhecia o risco que ele corria.

Ele ficou estranhamente quieto. E olhou por cima do meu ombro, como se para se certificar de que estávamos sozinhos.

— Eu li sua carta. — Seus olhos estavam pensativos e dispersos.

— Isso não explica muita coisa. A razão de eu ter enviado a carta é porque eu queria mantê-lo afastado de Ryld e não fazê-lo vir até sua propriedade.

Ele tinha no rosto uma expressão de perplexidade.

— Se o príncipe de Gales tem algo para me dizer, então que o diga. Não me esconderei, pelo contrário, lhe pouparei o trabalho de ir até Kerrera.

— Que diabos, Charlie. Ryld está furioso, fala até em matá-lo! — O alertei, demonstrando meu pavor.

Charlie riu e balançou a cabeça.

— Então eu lhe darei a espada para que o faça.

Cruzei os braços e cravei nele um olhar estarecido.

— Veio de tão longe para morrer!?

— Vim porque não permitirei que a usem para me chantagear — retorquiu. O maxilar estava rígido, assim como os olhos de petróleo.

— Não... não estou sendo chantageada — titubeei.

— É claro que está.

— Isso não importa. Eu posso suportar, desde que todos vocês estejam bem.

Ele ergueu meu rosto pelo queixo de forma doce.

— Não tenho dúvida de você possa suportar, criatura. Sou eu quem não posso — murmurou.

Meus olhos atrevidos foram parar em seus lábios úmidos e convidativos.

Ele me soltou, a fim de usar as mãos para enfiar nos bolsos da calça, procurando por algo.

— Recuperarei isso para você — ele disse, segurando o objeto brilhante na altura dos meus olhos.

— Minha aliança — sussurrei e a peguei. — Como conseguiu?

Ele desviou o olhar, claramente fugindo da pergunta. Não cheguei a ficar surpresa.

— O que contou para o seu noivo?

— Não importa — respondi, desnorteada. — Ele não acreditou na verdade e tampouco na mentira.

— Você o deixou? — Perguntou, com um ávido interesse. Foi sua vez de olhar para meus lábios como se estivesse com sede e eu fosse a única capaz de curar sua necessidade.

— O deixei — arquejei. E achei que Charlie finalmente me puxaria para seus braços e me beijaria até perdemos o fôlego. Mas ele não o fez. Ele estava com uma expressão perturbadora, triste e fria. Era certo que estava me escondendo algo.

— Quando voltará para o Brasil? — Inquiriu ele, de modo um pouco mais repentino do que eu esperava.

Hesitei, surpresa.

— Bem, ainda não pensei a respeito. — Falei com sinceridade. *Que diabos*. Eu não queria voltar para o Brasil. Queria ir para Kerrera com Charlie. Por um momento achei que ele quisesse o mesmo, mas ficou claro que não. E nem amarrada eu o questionaria sobre isso.

— O que a majestade quer de você?

Fui tomada por uma curiosa necessidade de me afastar dele.

— Não quero discutir sobre isso.

Ele pegou o meu braço.

— Diga, Tess. — Seus olhos pareciam mãos me esganando e sua respiração entrecortada indicava que não estava de bom humor.

— Não dificulte as coisas. O que está feito, está feito. Não pode ser remediado.

— Se algum deles a machucar... — as palavras morreram em sua boca.

Forcei o sorriso mais agradável que eu conseguia.

— Eu a deixei para protegê-la. Mas aparentemente você arruma encrenca não importa aonde esteja — acrescentou em um resmungo.

— Ah, tenha bondade, Charlie. Você está muito mais encrencado que eu! — Devolvi. — E tenho certeza de que a razão pela qual você me abandonou foi porque queria se vingar de Nikolai, não para me proteger!

Ele trincou os dentes.

— Então, criatura, explique a razão de eu ter deixado tudo para trás após ler sua carta e suspeitar de que estivesse em perigo!?

Acorrentei seus olhos nos meus, provocadora.

— Tirando o fato óbvio de que você soube que Ryld queria matá-lo? A verdade é que você gosta de desafiar sua vida, escocês!

— Raios, você não toma jeito! — Irritou-se. — Cancele seu acordo com a rainha. Eu resolverei essa história!

— Não! — Contestei subitamente. — Não se meta em meus assuntos.

Ele pegou meu outro braço e me chacoalhou levemente.

— Estou por um fio de enforcá-la, criatura! — Grunhiu. — Fazer acordo com a rainha é um caminho sem volta. Isso pode nunca terminar.

— Não permitirei que ela o ameace, Charlie! — A confissão foi arrancada de dentro do meu coração.

Seus olhos cintilaram, talvez surpreso, talvez fascinado.

— Fez um acordo por mim? — Sua voz soou terna.

Diabo, como aquela humilde confissão pôde amansar uma fera daquelas?

— Se a rainha se unisse à Ryld, eles poderiam destruir não apenas Kerrera, eles acabariam com você.

— Pelos deuses, *boireannaich* — murmurou, em uma aproximação perigosa. — O que eu disse sobre continuarmos com o plano 1? Era para você se casar com o príncipe de Gales. Para me esquecer.

Dei de ombros, lentamente.

— As coisas fugiram do controle — admiti baixinho.

Ele tomou meu rosto com suas mãos.

— Preciso admitir que meu coração se alegrou com isso.

— Meu coração se alegra por seu coração ter se alegrado — balbuciei, arrancando um adorável sorriso de seus lábios.

— Tess, eu preciso ir. — Seus olhos me imploravam por compreensão.

Meu coração voltou a se partir. *E nós? Me abandonará novamente?*

— Para Kerrera?

Negou com a cabeça.

— Há coisas que preciso resolver em Londres antes de partir.

— Ah...

Ele se inclinou e me silenciou com seus lábios. Não era um beijo de arrepiar cada fragmento da minha pele, mas era um beijo que me tornava dele. Que me fazia ter certeza de que tudo em mim era seu. Meu coração, meu corpo, minha vida, meu ar.

— Eu voltarei para buscá-la, minha *boireannaich*. Eu prometo.



Escocês

— **EU ME CASAREI COM ELA, HAMISH.**

Ele arregalou seus olhos cerúleos em surpresa.

— Eu me resolverei com a rainha e me casarei com Tess — acrescentei, de forma decidida.

Ele ergueu o braço e pediu ao garçom para servir-nos de conhaque. Assim que os copos foram cheios, Hamish ergueu o seu no alto e me fez fazer o mesmo com o meu para brindarmos.

— Renunciará os seus serviços com a coroa? — Perguntou.

Virei um gole do conhaque goela abaixo.

— Sim. Não poderei me casar com Tess e continuar servindo à rainha com o príncipe de Gales querendo minha cabeça a todo custo.

Gargalhamos juntos.

— Que diabos! Você foi ao palácio apenas para se certificar de que ela estava bem e voltou decidido a se casar com ela?

— Acho que eu me decidi sobre isso desde a primeira vez em que a vi — confessei e bebi mais um gole. — Inclusive, obrigado por ter me acompanhado até aqui.

— Eu não te emprestaria meu carro visto a situação em que você estava. Não tive outra escolha que não a de vir junto.

— Por falar nisso, onde está Kate? — Perguntei, olhando pelo *Pub*. Kate decidiu entrar no carro de última hora e ir conosco para Londres.

— Nos hospedamos em um hotel. Ela ficou para descansar. Inclusive, deixamos suas coisas no quarto que pegamos para você — falou Hamish bebendo seu conhaque. — Quando se encontrará com a rainha?

Suspirei e me encostei na cadeira de aço. Estava no meio de um gole de conhaque.

— Provavelmente amanhã, antes da celebração que ela faz todo ano para o seu aniversário. Ela estará alegre, então será mais fácil para mim — sorri e virei a bebida toda de uma vez, apreciando o sabor amargo.

— E Nikolai?

Senti um nó na garganta ao ouvir aquele nome.

— O que tem Nikolai?

Hamish se inclinou sobre a mesa para cochichar.

— Charlie, você concordou em trabalhar para ele se ele desistisse da brasileira. Você concordou em trabalhar para o homem que jurou de morte durante toda sua vida. Não finja que está bem com isso. Eu o conheço.

— É claro que não estou bem — concordei —, mas eu preciso cumprir com a minha palavra para não colocar Tess em risco. Eu farei o que ele me pediu e então estarei livre para viver com a mulher que desejo.

Aquiesceu.

— O que ele quer que você faça?

Por um instante, me esqueci de respirar.

— Ainda não me foi dito. Fiquei de retornar à Rússia em uma semana. É o tempo que preciso para deixar Londres e levar Tess para Kerrera em segurança.

— Você contou para ela? Contou para Tess que aceitou trabalhar para Nikolai?

Ergui meu copo, pedindo mais bebida.

— Não contei nem sobre nosso casamento, quem dirá sobre Nikolai.

Hamish apoiou a cabeça na mão, com a expressão de indignação estampada no rosto.

— Meu Deus do céu, Charlie — sua gargalhada não foi muito reconfortante. — Você sabe como funcionam os casamentos, certo? A dama precisa saber que irá se casar, é assim que funciona.

— Não tive muito tempo para dizer a ela.

— Pois então diga. Recomendo, inclusive, que o faça antes mesmo de falar com a rainha — sua voz estava bastante receosa.

— O que quer dizer, homem?

Ele abriu um sorriso faceiro e virou seu conhaque. Ou melhor, o restinho dele.

— Sempre corremos o risco de a dama não aceitar. Sabe quantas vezes tive que pedir Kate em casamento?

— Essa conversa não está sendo muito reconfortante, meu amigo — admiti, estava com o coração martelando.

Por Odin, eu sei o que vi nos olhos daquela criatura. Ela está apaixonada por mim, igualmente eu estou por ela. Eu não me enganara. Sei que não.

— Estou apenas te alertando para eventualidades. Sabe que tem todo meu apoio para se casar com a brasileira. Eu nunca pensei que um dia veria o grande Balder apaixonado. Isso é algo que deve ser comemorado com muitas outras rodadas de conhaque e tudo que tiver nesse lugar — e ergueu seu copo de maneira festiva.



Ajeitei a grava. Não. Tentei ajeitar a gravata. Raios, como eu não estava acertando o bendito nó que fiz a vida inteira? Eu podia culpar o tecido da gravata, claro que sim. Jamais culparia minhas mãos trêmulas. Eu era um homem que não temia nada. Bem, isso era verdade, até a conversa que tive com Hamish noite passada. Ele estava errado, Tess aceitaria se casar comigo. Não havia razão para não aceitar. É o que toda mulher apaixonada quer, não? Óbvio que sim.

Então seria simples. Eu iria até o palácio para comunicar a rainha sobre o meu afastamento da realeza e depois pediria a mão da *boireannaich* e nos mudaríamos para Kerrera.

Respirei fundo.

Diabo, se ela não aceitasse, eu a carregaria em meus ombros!

— Me deixe fazer isso ou você passará a noite inteira tentando fazer um felizardo nó! — disse Kate em estado de agonia e se levantou da cama. Ela e Hamish estavam em meu quarto de hotel, observando enquanto eu me ajeitava para o aniversário da rainha.

— Esse nó nunca me pareceu tão complexo! — Me irritei, deixando Kate assumir o controle da gravata em meu pescoço.

— Você está nervoso, é uma grande noite. É normal se sentir assim — ela tentou me reconfortar. — Prontinho.

Olhei-me no espelho. Kate fez em segundos o que eu tentara fazer em meia hora.

— Eu não estava nervoso, não até seu digníssimo cônjuge me atormentar com incertezas.

Kate relanceou um olhar desaprovador para Hamish.

— Eu disse apenas a verdade — ele se defendeu e voltou para a esposa: — Eu a pedi em casamento três vezes, até a donzela resolver aceitar.

— Isso é porque o adorável cavalheiro o fez duas vezes enquanto estava bêbado — ela rebateu com sarcasmo.

— Eu não estava bêbado. Se estivesse, não teria me recordado — Hamish refutou. — Charlie, Kate acha que eu fico embriagado com uma garrafa de uísque. Vê se pode!?

Peguei as mãos de Kate para fazê-la olhar para mim.

— Kate, talvez você devesse ter negado pela terceira vez.

A fiz gargalhar e acabei recebendo um travesseirada na cabeça vinda de Hamish. O ouvi me insultar baixinho.

— Charlie, não dê ouvidos para o que meu marido diz. Não haveria razão para Tess não aceitar casar-se com você. Exceto por meu esposo, você é o homem mais lindo que já vi e de coração mais puro — disse Kate em tom amigável. A puxei para um abraço apertado e agradei por suas palavras em um breve sussurrar.

Hamish resmungou algumas vezes, mas logo se rendeu e nos abraçou também.

— Aquela mulher é louca por você, meu amigo — ele falou, me encorajando.

Hamish fez questão de me levar de carro até o palácio real. Kate, novamente, optou por ficar descansando no quarto de hotel.

— Ficarei te esperando aqui — ele disse, ao estacionar o carro na esquina.

— Não precisa. Eu posso pegar um táxi para voltar.

— Tenha ciência de que esmurrarei sua fuça se o vir entrando em um táxi! — Ameaçou, me fazendo gargalhar. Mas logo tornei a ficar sério.

Que inferno. Fazia anos que eu não sentia aquele frio na barriga. Odiava a inquietação, era indício de que algo ruim podia realmente acontecer. Todas aquelas sensações não tinham relação alguma com o que eu estava indo dizer para a Majestade. Era tudo culpa da criatura. Da maldita criatura.

— De que está rindo? — Inquiriu Hamish, confuso.

— Da minha covardia — fui honesto.

Ele deu dois tapinhas em meu ombro.

— Você pode ser muitas coisas, meu amigo. Mas covarde não é uma delas.

Aquiesci e respirei fundo antes de descer do carro. Obriguei minhas pernas a começarem a se mover e antes que eu pudesse desaparecer para dentro do palácio, ouvi Hamish gritar:

— Não esqueça de se ajoelhar!

Ajoelhar?

Raios, pra que me ajoelhar se eu podia dizer tudo o que havia para ser dito estando em pé?

Chacoalhei a cabeça e expulsei todos os pensamentos que me levavam até Tess. Eu precisava resolver um problema de cada vez e, naquele momento, me resolver com a rainha era o mais importante. Foram longos anos servindo a coroa, me dedicando integralmente a ela, por mim, por meu pai. E agora eu estava indo dizer que queria abandonar tudo aquilo, estava indo encará-la depois de ter falhado na última missão que me foi concedida.

Bem, se observar por outro ângulo, eu não falhei miseravelmente. Tess não se casaria com o príncipe de Gales, afinal. Não era o que a rainha me pediu? Eu impedi o casamento, de certa forma. Talvez a Majestade não estivesse tão zangada comigo.

Eu ainda podia entrar no palácio sem ser barrado pelos guardas. Era um bom sinal, significava que eu ainda fazia parte dos que serviam a realza. Ainda era um deles.

Me identifiquei assim que atravesssei o *Marble Hall*. Havia serviços por todos os lados. Correndo com bandejas, flores, objetos de cristal. O palácio inteiro estava em festa.

— Sua Majestade irá recebê-lo agora, Sr. Mikhailovich — anunciou.

Agradei o mordomo e o acompanhei até a Sala de Estar Branca.

— Sr. Mikhailovich — disse a rainha assim que me viu. Ela estava com um de seus terninhos com saia de cor chocante. Hoje, Mary usava rosa da cabeça aos pés.

— Majestade — fiz a devida reverência ao entrar.

— Já pode se retirar — ela disse para o mordomo.

Quando finalmente ficamos a sós dentro da sala, ela me indicou um dos sofás para me sentar e sentou-se em outro.

— Admito que fiquei intrigada ontem quando recebi seu bilhete solicitando uma reunião comigo — ela comentou.

— Eu fiquei igualmente surpreso pela Majestade ter aceitado tão em cima da hora. Inclusive, devo lhe dar meus parabéns por esse dia especial.

Ela sorriu pequeno.

— Obrigada, Mikhailovich. Agora, por que não vamos direto ao ponto? Sou uma mulher ocupada, como sabe.

Pigarreei baixinho para me preparar.

— Bem, Majestade, gostaria de tratar sobre a última missão a qual fui designado.

— Pois bem. O senhor se saiu muito bem.

Arqueei a sobrancelha.

— Me saí?

Ela assentiu.

— Não fiquei contente por ter dado tantos detalhes para Srta. Araújo, mas relevarei esse incidente já que o senhor fez exatamente o que foi ordenado e porquê tenho um carinho especial por você.

— Majestade, me alegra saber que ficou satisfeita.

— Muito satisfeita — me corrigiu. — Aquela mulher não era adequada para meu filho.

Engasguei.

— Seria ultrajante se eles se casassem — prosseguiu.

— Obrigado, eu acho — falei por fim. Ajeitei minha gravata. Não me lembrava de Kate tê-la apertado tanto. — Mas na verdade, Majestade, eu vim para pedir minha demissão. Quero um afastamento do meu posto na realeza.

Os olhos esverdeados se arregalaram.

— Mas isso... — ela se interrompeu. — Aconteceu algo?

— Não...

— O senhor sabe que não tomarei Kerrera. Era o que havíamos acordado — ela me cortou.

Eu não queria lhe contar a verdade. Não podia contar nem sobre Nikolai e tampouco sobre minhas intenções com Tess.

— Sim, Majestade. E eu agradeço por ter desistido de Kerrera. Mas eu já estou na casa dos trinta, preciso encontrar um rumo para a minha vida — falei.

Preferia parecer um estúpido a dizer meus verdadeiros objetivos. Mesmo tendo trabalhado durante tantos anos para Mary, eu não confiava nela. Era preferível deixá-la o mais distante possível da verdade.

Ela não ficou contente com a notícia e não tentou esconder isso.

— Você é um dos poucos homens em quem confio, mas não posso prendê-lo a uma velha senhora — zombou de si mesma. Seria educado da minha parte contradizê-la, mas eu não seria cortês com alguém que falara tão mal da mulher com que eu iria me casar. Se a rainha se achava

velha, pois bem, que continuasse achando. Se ela não fosse a rainha, eu até diria algo pior apenas para vê-la desconfortável dentro da própria pele.

Me levantei e entrelacei as mãos nas costas, ajeitando a postura.

— Obrigado, Majestade — inclinei-me para uma mesura.

Ela se levantou também.

— Deixe disto. Há uma festa que já deve estar acontecendo e você é meu convidado.

Hesitei, espantado.

— Agradeço o convite, Majestade. Mas há um amigo me aguardando. Não posso deixá-lo esperando.

— Você ainda trabalha para mim, Mikhailovich. Veja isso como seu último feito pela realeza — falou, tentando não soar rude. — E convide seu amigo.

Só consegui assentir friamente.

Dito isso, ela saiu. Me vi na corda bamba. Se o príncipe Ryld me visse, ele avançaria em meu pescoço na primeira oportunidade. Não que eu tivesse medo, mas eu não queria chamar atenção alguma. O plano era entrar e sair do palácio sem ser visto por ele. Era para eu falar com Tess quando todos já tivessem partido.

Por Odin.

Bati na janela do carro de Hamish assim que me aproximei. Ele pulou assustado e desceu o vidro.

— Estava dormindo? — Questionei, avaliando seus olhos levemente inchados.

— Dormir é uma palavra muito forte. Eu estava apenas descansando os olhos — brincou e deu partida no carro. — Não vai entrar?

— Terei que ficar — me corrigi em seguida. — Teremos.

Me olhou de esguelha, como quem não acredita no que está ouvindo.

— A maldita rainha quer que eu fique para a celebração do seu aniversário. Ela não me deu escolha — expliquei.

— Ela o convidou para o aniversário dela? — Questionou, apertando os lábios para não rir e desligou o carro.

— Ela ordenou que eu ficasse. E pediu para que eu o chamasse também.

Ele balançou a cabeça negativamente e muito rápido.

— Nem que me amarrem. Haverá duques, condes, príncipes, viscondes. Deus que me livre! — Repugnou. Consegui notar a raiva sob suas pestanas trêmulas. — Um bem que eu fiz para minha saúde mental foi ter me afastado desse conto de fadas tenebroso, meu amigo!

Me inclinei sobre a janela aberta para conseguir olhar em seus olhos.

— Se vier comigo, deixo dar um tiro em meu pé — oferei, de forma séria.

Hamish projetou lamúrias incompreensíveis.

— Dois tiros. Um em cada pé — ele fez uma contraoferta.

Revirei os olhos e concordei.

Cerca de duas horas depois, o salão de festas do palácio estava cheio de monarcas e flores decorativas em tons variados, porém, que combinassem entre si (a rainha jamais permitiria algo diferente). Havia um membro da realeza em cada canto. O duque de Iorque conversava com o visconde de Cambridge. A condessa de Wessex, ria com a duquesa de Kent. Havia mais títulos do que eu era capaz de contar, e todos pareciam extremamente confortáveis.

— Eu estou ridículo com essa roupa! — Resmungou em um sussurrar.

Hamish e eu procuramos ficar afastados em um canto e escondidos atrás de um imenso vaso de planta. A baixa iluminação facilitou bastante para nós.

— Você está de *smoking*. Queria ter vindo de quê? — Rebatu, sem tirar os olhos do salão. — O objetivo é não sermos notados.

— Isso será fácil. Veja os vestidos dessas mulheres, as pedras brilham mais que os lustres.

Levei a mão à boca para disfarçar a risada, mas Hamish tinha toda razão. Não era necessário luzes, as damas com seus vestidos

iluminavam todo o quarteirão.

Quando um mordomo passou servindo destilado, nós rapidamente pegamos nossos copos. Se havia uma maneira de aturar aquela noite, certamente seria com bebida.

— Ainda não vi o príncipe de Gales e nem a brasileira — balbuciou meu amigo.

Passei os olhos pelo salão novamente, de forma discreta, e reparei o mesmo que ele. Não havia sinal de Tess, Ryld e nem da própria Mary.

— Assim é melhor. Seria terrível me desentender com o príncipe logo após ter me acertado com sua mãe.

Uma duquesa de longos cabelos castanho-claros passou por nós e lançou-nos um sorriso de canto que acarretou em um comentário debochado de Hamish.

— Não importa quantos títulos elas tenham, essas damas não resistem ao nossos encantos.

Ri com jovialidade. Porém, o sorriso morreu nos meus lábios assim que vi Tess dar os primeiros passos para dentro do salão. Eu podia falar sobre o incrível e gracioso vestido que cobria suas curvas, sobre como aquele tom azul caiu misericordiosamente bem com seu tom de pele, sobre como eu adoraria beijar aquele pescoço e prender atrás da sua orelha os fios de cabelo que teimaram em escapar do penteado meticulosamente planejado. Mas todos esses elogios embrenharam-se na minha mente quando vi o príncipe ao seu lado.

Ele não estava a acompanhando. Estava a conduzindo para dentro do salão como se o corpo daquela mulher pertencesse a ele. Sua mão parecia estar totalmente confortável em seu quadril.

Rangi os dentes com ira.

— Ela está encantadora — reconheceu Hamish.

Tentei disfarçar a ironia ao dizer:

— É uma pena não poder dizer o mesmo do homem que a conduz.



Tess

— **NUNCA** APARECEMOS ASSIM EM PÚBLICO, Ryld, não há necessidade para tal feito agora — falei secamente, enlouquecida para afastar sua mão do meu corpo.

— Você ouviu a Majestade, precisamos nos comportar como noivos apaixonados — argumentou. Sua boca estremeceu num sorriso claramente falso.

Mal tínhamos dado dois passos no salão, quando vi... *Charlie*? Mas o quê... que diabos ele estava fazendo ali? E, Hamish. Por que Hamish estava ao seu lado?

Hamish me ofereceu um sorriso de canto e ergueu o copo que estava em sua mão. Charlie, por sua vez, manteve a expressão estável, fria, como se odiasse estar ali. Tudo o que consegui fazer foi assentir com a cabeça em forma de cumprimento.

— O quê... O que esse desgraçado está fazendo aqui!? — Ouvi Ryld questionar com fúria ao notar a presença que, para ele, era indesejada. Seus dedos pressionaram ainda mais meu quadril. — Você o convidou!?

— Certamente que não.

Seu olhar era chamejante.

— Eu o matarei! — Ele disse. A respiração se acelerou drasticamente.

Ryld finalmente me soltou, mas quando constatei sua intenção, fui obrigada a agarrar seu braço e fazê-lo brecar os passos. Que diabo, Ryld não se importaria em causar uma grande cena, estava tão furioso que sequer reparou no duque de Kent o cumprimentando.

— Sua alteza real, é um grande prazer tê-lo conosco — eu falei de forma educada para o duque que encarava Ryld com grande curiosidade. O duque certamente queria saber o que estava atraindo a atenção do príncipe de forma que ele sequer piscava.

Fui obrigada a dar uma cotovelada discreta na costela de Ryld para trazê-lo de volta à realidade.

— Joseph, desculpe-me a falta de civilidade — disse Ryld, se esforçando para concentrar-se exclusivamente no duque. — É uma grande graça tê-lo conosco.

O duque apertou os olhos e forçou um sorriso em seguida.

— Por um momento pensei que havia se esquecido de meu nome — brincou o duque, e pegou um espumante quando o mordomo passou servindo.

— Tenho uma boa memória, meu caro — descontraiu Ryld, mas ainda havia tensão em seus ombros.

Eu queria desesperadamente me desvencilhar dele e ir até Charlie e Hamish, mas sabia que Ryld jamais permitiria que eu me afastasse. Ousei um novo olhar para Charlie e o olhar que recebi de volta quase congelou meu coração. Ele definitivamente não estava feliz.

— Madame? — Ouvi me chamarem. Era o duque.

— Sim? — Respondi, tentando soar cordial.

— O duque perguntou como você está, depois do trauma que passou devido o sequestro — alertou Ryld com um jeitinho provocador. Eu devia ter suspeitado que ele pegaria no meu pé a noite inteira.

— Ah, bem — tentei soar honesta e ignorar a presença de Ryld, mesmo ainda estando com meu braço entrelaçado ao dele —, estou me recuperando.

Ouvi Ryld reprimir uma gargalhada de zombaria com extremo esforço.

— Já pegaram o suspeito? — Prosseguiu o duque com interesse, dando um gole em seu espumante.

— Na verdade, duque, eu estava indo fazer isso exatamente agora — retrucou Ryld.

Eu me engasguei com a maldita saliva e tossi incessantemente, chamando a atenção de todos. Foi uma crise de tosse totalmente improvisada, mas que serviu como aliada.

Santo Deus, eu precisava encontrar uma maneira de tirar Charlie daquele bendito salão. Em que diabos ele estava pensando quando resolveu comparecer ao aniversário de Mary? Não. Na verdade, ele não

podia estar pensando. Era preferível suspeitar que ele era apenas burro, e não um maluco suicida.

— Querida? Está bem? — Perguntou Ryld de forma teatral. Tanto eu quanto ele sabíamos o quanto ele estava adorando me ver tão desconjugada.

— Foi apenas uma coceira na garganta — menti, abanando o rosto com a mão para tentar me controlar.

Por sorte, o duque já havia encontrado uma companhia mais agradável para interagir. E novamente Ryld e eu ficamos a sós. Eu, ele e a ira crescente que começávamos a sentir um pelo outro.

— O que pensa que está fazendo? — Questionei, ao vê-lo tentar se afastar mais uma vez.

Não tinha jeito, eu não conseguiria impedi-lo de falar com Charlie. Ryld era muito mais forte e mais obstinado que eu.

— Não se preocupe, querida. A forma que pretendo matar seu amante será muito mais dolorosa que escandalosa — murmurou em tom sádico e partiu em direção a Charlie e Hamish.

Santo Deus, tenha misericórdia.

O segui, desejando poder arrancar os malditos saltos de ponta fina dos meus pés. Os olhos negros e encantadoramente sinceros de Charlie encontraram os meus trêmulos, e depois se desviaram até Ryld. Ora, o escocês não era estúpido, sabia a razão do príncipe estar indo tão determinado em sua direção. Porém, o escocês era orgulhoso demais para simplesmente dar as costas e evitar um confronto.

Tentei trocar olhares com Hamish e pedir ajuda, mas ele parecia tão disposto a ficar ali quanto Charlie.

O que acontece com esses malditos homens?

— Alteza — disse Charlie, e se inclinou para uma reverência. Hamish fez o mesmo, ainda que de má vontade.

Ryld soltou um grunhido baixinho. Consegui notar a fúria apenas através do som da sua respiração.

— Charlie — grunhiu —, aproveite muito bem essa noite, pois receio que seja sua última.

Charlie respondeu com uma expressão de surpresa, concentrando-se para projetar as próximas palavras.

— Eu sempre aproveito muito bem minhas noites, alteza — havia um toque de malícia naquela frase, e todos notaram.

Ryld cerrou os punhos com força. Hamish e eu apenas observávamos o desdobramento sem saber de que forma intervir.

— Como ousa aparecer aqui? — Questionou Ryld, muito mais exaltado que Charlie.

Que diabos! O escocês parecia estar achando graça em tudo aquilo. Um sorrisinho mordaz estava estampado em seus lábios.

— Eu sou um convidado da Sua Majestade. Receio que não tive escolha.

Era o que eu havia suspeitado. Mary convidara Charlie. A maldita fizera isso apenas para me perturbar, para brincar com meus sentimentos. Não havia outra explicação. Ela sabia que Charlie era importante para mim. Sabia que vê-lo aqui, essa noite, mexeria comigo. E sabia, acima de tudo, que Ryld e eu precisávamos ficar mais próximos que nunca para que ninguém suspeitasse da nossa separação. Não até ser anunciado formalmente.

Uma diaba. Era isso que ela era!

A vontade que eu tinha era de deixar os dois imbecis resolverem aquilo da forma que gostariam. Se quisessem se matar, que o fizessem. Mas eu havia feito um acordo com a rainha, não podia arriscar colocar Kerrera e Charlie em jogo. Não depois de já ter sofrido tanto para protegê-los.

Agarrei o braço de Ryld *pela*... já tinha perdido as contas de quantas vezes fizera isso para arrastar o homem.

— Ryld, você é um dos anfitriões, precisa receber os convidados — murmurei, tentando colocar juízo em sua cabeça.

Ele não desgrudou os olhos de Charlie ao dizer:

— É exatamente o que estou fazendo, querida, recebendo os convidados!

Charlie soltou um gemido e não conseguiu encarar nenhum de nós.

— Acho que a dama tem toda razão. Sua Alteza não devia perder tempo com convidados tão enfadonhos quanto nós! — Alfinetou. O que eu não sabia, era se o comentário havia sido para mim ou para Ryld. Havia algo de amargo em seu tom de voz que me causou uma angustiante dúvida. Ele certamente interpretara errado meu comentário.

Que maldição!

— Não foi o que eu quis dizer — respondi com os lábios apertados. Quase que um suspirar. — É claro que vocês são...

Eu não imaginava que ele fosse virar e dizer:

— Entendemos perfeitamente bem, madame! — Treplicou, e me cravou os olhos. Uma cor diferente aureolava dentro deles. Uma cor que me lembrava um sentimento: mágoa.

Eu me saíra péssima ao tentar interferir na discussão. De alguma forma, acabei menosprezando a presença de Charlie e Hamish. Eu e minha maldita língua!

Charlie devia estar me odiando, me achando tão fútil que não era mais capaz de me encarar. Os lábios tão rígidos que me fez encolher.

Pelo amor de Deus, pare de franzir essa testa.

Eu simplesmente não conseguia emitir um som.

— O destilado está ótimo — comentou Hamish, rompendo com o silêncio desagradável e olhou para o copo de bebida na mão.

Ryld apenas riu, porém continuava entesado. Charlie não soltou um único sussurro. Eu tinha certeza que ele teria nos dado as costas, caso não estivesse diante de um príncipe. Todo seu corpo dava sinais de que ele estava ansioso demais para deixar o salão.

— Bem, é como a dama disse, precisamos receber os convidados — instigou Ryld, e me puxou pelo braço para me afastar.

— *Charlie...* — balbuciei, enquanto era arrastada para o interior da festa. Ele finalmente me dera as costas, deixando claro seu descontentamento.

Ah, que diabos!

Eu nunca me odiara com tamanha força. Nunca condenara tanto o que saíra da minha boca. Eu partira o coração de Charlie e não tivera um

único segundo para tentar consertá-lo. Fui infeliz com as palavras. As usara de maneira tosca, desastrosa.

A chegada da rainha Mary foi anunciada, e todos se voltaram para porta enquanto aguardavam sua entrada triunfal. Ainda com o braço enlaçado ao de Ryld, lancei olhares furtivos entre os convidados que estavam naquele momento reunidos, procurando por Charlie e Hamish.

— Seu amante foi embora há alguns minutos — murmurou Ryld, se inclinando para falar em meu ouvido.

Senti que meu coração foi parar na garganta. Meus lábios tremeram.

Embora? Como assim Charlie foi embora? Em nosso último encontro ele disse que me levaria com ele quando partisse. Isso não havia mudado. Havia?

Talvez ele só tivesse ido embora da celebração. Ele não sairia de Londres sem ao menos falar comigo. A não ser que eu o tivesse magoado a esse ponto.

— Aonde pensa que vai!? — Questionou Ryld quando me soltei dele.

— Preciso falar com ele — expliquei. Desejando que ele compreendesse de alguma maneira.

Ele agarrou meu pulso antes que eu pudesse me mexer.

— Não se atreva. Não me humilhe dessa forma! — Seus olhos outrora verdes e cálidos, ficaram obscuros e gélidos.

A indecisão me pegou de surpresa. Eu já havia magoado demasiadamente um homem aquela noite. Não podia magoar outro. Mesmo meu coração sendo inteiramente do homem que atravessara aquela porta sem se despedir.

E então eu fiquei, mesmo que essa decisão estivesse me matando. Mesmo com cada parte do meu corpo formigando de dor.

Quando a rainha por fim entrou, os convidados praticamente fizeram fila para falar com ela e parabenizá-la. Os que já haviam a cumprimentado, agora conversavam com Ryld. Eu, ao seu lado, parecia um peso morto dentro de um vestido maravilhosamente belo. Eu tentava me concentrar na conversa que ele estava tendo com a condessa de Wessex, tentava mesmo, até abria um largo e forçado sorriso quando os

via sorrindo também, mesmo sem saber a razão, mas em minha cabeça só pensava em cada passo que Charlie estava dando para longe de mim.

Engoli o choro e peguei apressadamente uma taça de vinho quando o mordomo passou servindo.

Ah, que inferno, eu não posso chorar. Esse não é o melhor lugar e tampouco o melhor momento.

Se o escocês resolveu ir embora, então que o diabo o leve!

Santo Deus, era como se um pedaço considerável do meu coração tivesse sido arrancado a mordidas. Não seria exagero dizer que eu morreria se não falasse com Charlie naquele instante. Seria uma morte lenta e dolorosa. Como se eu pudesse contar as últimas batidas do meu coração.

Mas talvez já fosse tarde demais para me desculpar.



Escocês

— **NÃO FAÇA ISSO. NÃO SEJA UM IDIOTA.** Não agora que eu estava começando a sentir orgulho de você! — Hamish tentou me segurar pela quinta vez.

— Não toque em mim. Estou tão furioso que seria capaz de dar um tiro em você! — Eu gritei e tentei passar por ele. Já fazia cerca de cinco minutos que estávamos na entrada do palácio com Hamish bloqueando minha passagem. Os próprios seguranças já haviam desistido de nós e agora tudo o que faziam era olhar a incrível cena e se certificarem de que não tiraríamos armas de nosso coldre. Quando me ouviram ameaçar Hamish de um tiro, eles ficaram mais atentos.

— Se você for embora pode nunca mais vê-la — ele me alertou, ainda me puxando pelo *smoking*.

Agarrei meus cabelos, furioso. Eu já não tinha certeza do que estava me causando tamanha cólera, mas sentia que podia matar alguém facilmente.

— Você sabe que ela não quis nos insultar — ele prosseguiu, mantendo uma distância segura agora. Um homem sábio.

Praguejei ao vento.

— Estou tão cansado que não me importo.

— Sabemos que isso não é verdade. Não fale como se eu não estivesse lá — ele disse, me cercando com os braços abertos, como se faz com uma criança que está aprendendo a andar. — Ela só estava tentando ajudar.

— Você não pode afirmar isso — eu explodi. — Eu fui um tolo por acreditar que ela o deixaria. Ele é um príncipe. É tão obvio que ela o escolheria.

— Aparentemente eu prefiro os idiotas e brutos — sua voz soou alta feito explosivos.

Eu me virei subitamente ao som daquela voz. Vê-la só me deixou ainda mais furioso, pois fazia parecer que a criatura era a dona de cada

batida do meu coração.

Ela reduziu nossa distância a poucos centímetros. O vestido arrastando no chão me fez olhar para seus pés descalços e eu até poderia pensar em uma piada para aquilo, mas meu mau humor não permitiu. E os cabelos bagunçados me fizeram questionar se ela estivera galopando, mas decerto que não.

— Graças a Deus. Eu pensei que teria que apelar para os socos para conseguir detê-lo — falou Hamish, sinceramente aliviado.

— Cale a boca! — Resmunguei, virando o rosto apenas para fitá-lo, e depois me virei para a *boireannaich* descalça e com um sorriso decorando o rosto. — O que faz aqui?

Sua expressão era totalmente confusa, mas ela não emitiu som algum, apenas relanceou os olhos para Hamish como se estivesse fazendo um pedido a ele em silêncio.

— Está bem. Esperarei no carro — ele disse, como se tivesse compreendido aquela troca de olhares, e o ouvi se afastar.

Pelos deuses. Tess não podia estar querendo privacidade. Não quando se está no palácio real e cercada de seguranças em cada perímetro.

— Pensei que iria me deixar de novo — murmurou.

— Era o que eu estava tentando fazer, mas, aparentemente, não sou capaz de tomar minhas próprias decisões mais — retruquei.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Eu não tive intenção de magoá-lo.

Respondi com um dar de ombros, menosprezando a situação.

Ela fitou-me com um ar avaliador.

— Me diga algo — ela suplicou. Os olhos brilhavam feito vaga-lumes, e, por um instante, eu podia jurar que eram verdes iguais.

— Quer saber tudo que está se passando pela minha cabeça? — A segurei pelos ombros e ouvi os seguranças se aproximarem apenas um pouco, mas não me importei. — Então vou te dizer. Em primeiro lugar, estou cansado e irritado. Cansado, porque vim de longe por você. Irritado, porque, ah, por Odin, estou irritado por tantas razões que seria

tolice enunciar apenas uma. Em segundo lugar, estou furioso comigo mesmo por ter me deixado enganar por você!

Ela apertou os olhos com ódio, até me fez esquecer que era uma dama. Era uma grande sorte ela não ter tamanho o suficiente para me socar a cara; não duvidava de que fosse capaz de fazer.

— Eu não o enganei. Como ousa pensar algo assim de mim? — Rebateu irritada e se soltou para me empurrar. — Isso tudo não passa de um teatro. Eu aceitei fazer esse papel de palhaça por você. Para protegê-lo.

— Você não está me protegendo, está me matando — peguei aquelas palavras dentro das minhas veias. Havia muita dor ali dentro. — Eu tenho agido feito um idiota inconsequente por você. Por sua culpa!

Ela recuou. A expressão era como se eu a tivesse derrubado no chão.

— Não me culpe por ser um imbecil, Charlie. Eu nunca pedi para que viesse até aqui. Pelo contrário, eu tentei salvar sua vida. Mas você e toda sua inconsequência não o trouxe apenas em Londres, o trouxe para dentro da boca do crocodilo. O que achou que aconteceria quando Ryld o visse, hã!?

— Tenha certeza que não fazia parte dos meus planos vê-la nos braços de outro — respondi amargurado.

Seus olhos se arregalaram e fui surpreendido por uma inusitada risada astuciosa.

— Está enciumado — ela disse.

Engoli em seco. Não me agradava ser motivo de deboche. Eu não a respondi, talvez precisasse de um dia inteiro para encontrar as palavras certas para rebater aquela afirmação. Eu não estava acostumado com aquele sentimento obsessivo de querer alguém apenas para mim. Então, tudo que eu consegui fazer foi dar meia volta para deixar o palácio de uma vez por todas.

— Charlie? — Ela chamou. — O que está fazendo? Aonde está indo?

— Estou indo embora — respondi, sem me virar.

— Se você for, garantirei que nunca mais me veja! — Ela ameaçou. E foi justamente essas palavras que me fizeram parar e encará-la.

— Você me conhece o suficiente para saber que ameaças nunca funcionaram comigo.

Eu não saberia dizer quem de nós dois estava se esforçando mais para tentar permanecer forte.

Aguardei pacientemente por sua resposta, mas não estava certo de que ela tivesse alguma, por isso, novamente lhe dei as costas para deixá-la. Talvez fosse melhor assim. *Talvez não tenhamos nascidos para ficarmos um com o outro.*

Eu não estava indo embora para provocá-la, nem para desafiá-la. Ia embora porque era o certo a se fazer. Não pensei com clareza quando cogitei pedi-la em casamento. Raios, onde eu estava com a cabeça?

Os velhos medos me voltaram com a força de um tornado: eu podia morrer a qualquer momento, e isso devastaria aquela mulher a quem eu tanto tentava proteger.

Senti uma pancada na parte de trás da cabeça. Levei a mão para tocar e instintivamente me virei.

Tess ainda estava parada no mesmo lugar. Porém, havia um punhado de pedras em sua mão e o seu olhar era de revolta.

— Você... você jogou uma pedra na minha cabeça? — Perguntei, exasperado. — Por que raios fez isso!?

Seu peito subia e descia rapidamente. Ela marchou em minha direção, encolerizada.

— Você não deixará esse palácio sem mim, seu escocês de *merda*!

— Tess...

Ela atirou outra pedra, enquanto se aproximava. Dessa vez eu consegui desviar a tempo.

— Não quero ouvi-lo. Você fez eu me apaixonar por você, então agora seja homem o suficiente para se responsabilizar por isso!

Congelei e olhei para os seguranças que ainda nos ouviam nitidamente. Onde aquela criatura estava com a cabeça? Para alguns, ela

ainda era noiva do príncipe de Gales. Seria uma tragédia se desconfiassem que ela o traía comigo. Estaríamos mortos.

— Largue essas pedras. Não falarei com você enquanto estiver... *armada* — franzi o cenho, achando tudo aquilo muito ridículo. Ser apedrejado por uma mulher? Que inferno.

Ela sorriu brevemente e me fez ter vontade de arrancar seu vestido pela cabeça.

— Cogite atravessar esses portões novamente — avisou em tom maquiavélico, e só parou de andar quando estávamos a poucos centímetros um do outro. — Permita-me dizer que o senhor estava errado — ergueu a sobrancelha. — Ameaças funcionam muito bem com você.

— Você é uma desvairada! — Insultei-a, mas o que consegui fazer foi que jogasse a cabeça para trás e gargalhasse. Ri junto. — Solte essas pedras antes que eu a faça soltar.

Ela se inclinou e, nas pontinhas dos pés, cochichou em meu ouvido:

— Para isso acontecer, o senhor precisaria estar me tocando, e não acho que seja capaz de tamanha ousadia, visto que estamos sendo observados nesse momento.

Senti o impacto da sua provocação em todos os meus ossos, diretamente no meu interior.

Seu hálito quente em contato com a minha pele me levou à loucura. Como ousava me provocar em público? Quando a agarrei pelos ombros minutos atrás, os seguranças por muito pouco não interviram, o que eles fariam se eu a puxasse pelos cabelos para um beijo avassalador?

— Como eu disse, não é capaz de tamanha ousadia — instigou, e foi o bastante para me explodir. A agarrei pelos cabelos, desmanchando seu belíssimo penteado, e a tomei em um beijo. Todo o meu autodomínio se foi. Foi um suicídio beijá-la, mas suicídio maior seria se eu não o fizesse.

A peguei pelo braço após beijá-la com fervor e a fiz largar as pedras assassinas que ela ainda segurava.

— Agora, madame, você virá comigo!

Tess estava zozza. Quando a puxei para obrigá-la a andar, ela quase caiu. Ficou claro que ela não imaginou que eu teria coragem de fazer o que fiz.

— Você brincou com fogo, criatura. Então farei com que queime.

— Para... para onde estamos indo? — Ela perguntou, gaguejando.

— Agora que você é minha, nada mais justo que levá-la para minha casa. Você me atiçou, agora estou constantemente tentado a beijá-la — disse, entre um ranger de dentes.

Suas bochechas provavelmente coraram, e eu desejava ter luz forte o bastante para conseguir ver. Aquele rostinho avermelhado se tornara minha obsessão, do tipo que gruda na cabeça e não sai. Sonhei com ele quase todas as noites na última semana. Era impossível esquecê-lo.

— Os seguranças estão nos olhando — ela murmurou, olhando de soslaio para os homens que, a essa altura, estavam horrorizados e sem saber como agir.

— Você não pareceu preocupada com eles minutos atrás quando estava me torturando verbalmente.

— Acha que nos deixarão passar? — Murmurou outra vez.

Respirei fundo. Estava sendo difícil pensar com a cabeça de cima, uma vez que a de baixo sabia exatamente o que queria fazer e não se importava com o local inapropriado.

— Só há uma maneira de descobrir — respondi por fim, e obriguei meu corpo a se comportar. Olhei para a pequena brasileira que eu ainda segurava. — Você tem certeza? Tem certeza de que quer ir comigo?

Ela respirou fundo e olhou para cima, para meus olhos, iluminada como se estivesse vendo as estrelas.

— Não há lugar no mundo onde eu prefira estar, que não ao seu lado, Charlie.

Aquilo foi o bastante para me fazer pensar que aquela *boireannaich* era tudo o que me faltava. A vida costumava ser insignificante antes dela. Meu coração passou a ter uma nova função dentro do meu corpo além de bombear sangue e me manter vivo. Agora ele também tinha a função de continuar batendo por ela, para jamais deixá-la sozinha. Éramos dois corações, batendo na mesma frequência.



Tess

ESTÁVAMOS PRESTES A FAZER UMA ENORME MALUQUICE. Eu não pensei a respeito, apenas me deixei ser levada porque, na verdade, era difícil sequer pensar quando sua mão segurava na minha, quando seus olhos refletiam o mesmo sentimento que queimava dentro dos meus. Era como olhar para minha outra metade.

Então eu apenas segui em frente.

Olhei para baixo ao passo em que íamos em direção à saída do palácio, me concentrando para não tropeçar em meus próprios pés ou no vestido longo.

Santo Deus, como nunca percebi antes? Eu não serviria para ser uma duquesa nem em outra vida. Uma duquesa tinha classe, andava elegante em cima do salto. Eu mal sabia andar sem cair estando descalça.

Charlie certamente percebeu meu andar desengonçado e olhou para meus pés de maneira curiosa.

— Se você disser algo, será um homem morto! — Murmurei friamente.

Ele pressionou os lábios, engolindo uma risada.

Quando chegamos bem próximos ao imenso portão, quando estávamos prestes a atravessá-lo, um dos seguranças me chamou.

— Sim? — Perguntei, me fazendo de tonta.

— Não estou certo de que sua alteza real gostaria que a senhorita, hã... — o homem não conseguiu concluir a frase. Estava absurdamente confuso. Era fato. Por que diabos a noiva de um príncipe estava aos beijos com seu segurança?

— Não se preocupe. Com o meu noivo, eu mesma me entendo — rebati de forma rude.

— Madame, não posso permitir que deixe o palácio sozinha a essa...

— Ela não está sozinha e, até onde sei, ainda sou o guarda-costas dessa dama — interrompeu Charlie com grosseria

O segurança se viu perdido, pois o que Charlie dissera fazia todo sentido. Ele ainda era meu guarda-costas, até determinarem o contrário. E certamente Ryld não dissera para seus empregados que eu e Charlie éramos amantes, por mais que já tenha ficado bastante claro. Que homem admitiria tamanha derrota? Um príncipe perder para um simples escocês?

— Se não há mais nada a dizer, saia do nosso caminho! — Acrescentou Charlie, com uma expressão sombria.

O segurança, sem ter o que argumentar, não teve escolha que não a de deixar o caminho livre para nós. Contudo, eu sabia que não seria tão simples assim. Àquela altura, os outros homens já contaram a Ryld sobre o acontecimento, e ele viria feito um dragão pra cima de Charlie se não fôssemos rápidos.

Que diabo. Mary e Ryld iriam me esganar. Eu não humilhara apenas o príncipe em público, como quebrara o acordo com a rainha em pleno aniversário. Mas o medo de perder Charlie novamente superou qualquer outro medo.

Ele me tirou do devaneio em uma puxada brusca no braço. Atravessei o portão aos tropeços.

— A partir de hoje esteja preparada para tudo, Tess, inclusive para ser a *boireannaich* mais amada do mundo — ele disse com seriedade, e me ergueu em seus braços em um gesto rápido e costumeiro.

Meu coração explodiu. Certamente que sim.

Amada?

Eu não queria pensar em outra coisa que não naquelas palavras, em seu perfume pertinho do meu rosto, em seu coração batendo coladinho ao meu, naqueles braços que me envolviam feito um escudo.

— Para onde estamos indo? — Perguntei, enquanto era carregada feito uma donzela.

Ele me cravou um olhar atrevido que foi bastante eficiente no meu íntimo.

— Primeiro, para o carro de Hamish — fez uma pausa. Outro olhar perverso. — Depois, para minha cama.

Me arrepiei inteira. A capacidade que Charlie tinha de me deixar tímida era surpreendente, só que não detinha minha língua.

— Dormiremos muito, suponho — brinquei.

Ele sorriu de maneira devassa.

— Não antes de realizarmos todos meus sonhos — ergueu os olhos para avaliar o caminho por um segundo e depois os voltou para mim. — E os seus, certamente.

— E como você pode saber sobre meus sonhos?

Ele entortou a cabeça, como se estivesse refletindo sobre a pergunta.

— Tenho breves suspeitas.

— Seria terrível se o senhor estivesse errado pela primeira vez — provoquei.

Ele prendeu a respiração por um momento.

— Eu já aceitei que sou inteiramente seu. Quando aceitará que você é inteiramente minha? — Questionou, mas não parou por aí. — Eu posso estar errado sobre muitas coisas, mas não sobre o arrepio que sua pele sente quando a toco.

Abri a boca e só consegui suspirar. Negar o óbvio seria ilógico.

Charlie me colocou no chão quando chegamos ao carro de Hamish e se inclinou. Bateu à porta, para chamar a atenção do amigo.

— Podemos entrar? — Charlie perguntou.

Hamish colocou a cabeça pela janela ao abri-la e me olhou com espanto.

— Meu Deus — e repetiu. — Meu Deus. Estamos fugindo?

— Não temos certeza — Charlie respondeu, achando graça. — Certamente seria mais seguro e confortável se estivéssemos dentro do carro.

Hamish destravou as portas depois de rir. Charlie abriu a do passageiro de forma cavalheiresca para que eu entrasse e sentou-se ao

meu lado.

— Então a senhorita conseguiu colocar juízo na cabeça desse imprestável? — Hamish me perguntou, quando o carro já estava em movimento.

Charlie foi mais rápido na resposta que eu.

— Não vejo como sequestrar a noiva de um príncipe pela segunda vez possa ser considerado juízo.

Dei uma cotovelada nele.

— Não estou sendo sequestrada e não sou noiva de Ryld. Não mais!

— Sua alteza real não parecia estar sabendo disso. A forma como ele a segurava era bastante intrigante.

Arquejei com impaciência.

— Você falará sobre isso por mais quantos dias!?

Hamish riu ao volante.

— Talvez você queira retornar. Ainda há tempo — brincou Hamish.

Charlie praguejou em gaélico.

— Penso seriamente em refletir a respeito — respondi, zombando do mau humor de Charlie.

— Se não pararem, jogarei os dois pela janela. Ou me jogarei!

Peguei em sua mão no banco e a apertei.

Ora, estava mesmo acontecendo? Eu estava indo embora com aquele homem que até poucas semanas atrás desejei matar? Que me amedrontava?

As manobras do destino e do coração me surpreendiam mais a cada dia.

Charlie olhou para nossas mãos entrelaçadas e pareceu pensar o mesmo que eu; eu já o conhecia o suficiente pra saber que sim.

Suas feições se suavizaram aos poucos. Se bem que, aqueles olhos escuros e suas sobrancelhas sempre fechadas, faziam parecer que ele nunca estava apreciando o momento. Era preciso mergulhar dentro das suas órbitas e encarar seus demônios para descobrir o coração puro que existia por detrás de toda aquela brutalidade.

— Por favor, esperem chegar em casa. Posso sentir o cheiro de libertinagem daqui! — Comentou Hamish de maneira espontânea, me fazendo dar um pulo e largar a mão de Charlie feito uma Santa. Eu fazia sexo, claro que sim, mas não estava acostumada a falar tão abertamente sobre o assunto, principalmente com um homem que ainda não havia me desnudado e seu amigo que eu mal conhecia.

Charlie me olhou sem conseguir controlar a gargalhada. Fui ficando ainda mais enrubescida.

— Que maldade com a dama, Hamish!

— Não queria constrangê-la, Tess, mas quando se trata de dar bronca em Charlie, eu não penso duas vezes.

Hamish me olhava pelo retrovisor. Me obriguei a sorrir, mesmo que de forma nenhum pouco natural.

— Não me constrangeu, apenas fui pega de surpresa.

Charlie pigarreou, já acostumado com meu jeito e com as minhas mentiras. Dei outra cotovelada em seu braço.

— Será que conseguirei chegar em casa com esse braço ainda em meu corpo? — Ele resmungou, alisando o local que eu havia golpeado.

— Ora, isso vai depender apenas de você, escocês!

— Quem a deixou constrangida foi Hamish, não eu! — Ele retrucou.

— Já disse que não...

— Chegamos — anunciou Hamish, cortando minha frase.

Olhei pela janela, para o prédio de porta preta e paredes brancas.

Só reparei que Charlie já desembarcara do carro quando minha porta fora aberta para que eu descesse. Agarrei a barra do meu vestido para não tropeçar e aceitei sua mão estendida para mim.

Hamish empertigou a coluna e eu pude ouvir os estalos.

— Que dia, meus amigos, que dia — ele balbuciou.

— Eu que o diga — respondeu Charlie, e antes que eu me desse conta, já estava em seus braços. Ele me pegava em seu colo como se eu não pesasse um grama.

— O que está fazendo? — Questionei, envergonhada por ele ter feito algo assim na frente de Hamish.

— A carregando.

— Por que diabos?

— Porque você está descalça, Tess — respondeu impaciente, subindo a escadinha para entrarmos no hotel.

— Ora, mas ainda tenho pés que me servem para andar!

Hamish, que vinha logo atrás rindo, disse despreziosamente:

— Não vejo como vocês podem dar certo.

Charlie e eu trocamos olhares.

— Há mais mistérios entre Tess e eu, do que entre o céu e a terra, meu amigo.

Ao entrarmos no elevador, eu resmunguei:

— Agora já pode me colocar no chão. Não há como eu me ferir aqui!

Charlie revirou seus olhos enevoados. Descobri que aquela nuvenzinha cinzenta dentro deles não sumiria com tanta facilidade. Eu podia jurar que o homem estava feliz, mas a felicidade não parecia ser grande o bastante para desentenebrececer seu olhar.

— A colocarei, mas se a madame se machucar, saiba que eu a condenarei pelo resto da vida — anunciou, antes de me devolver ao solo.

Coloquei as mãos nos quadris e cravei o olhar em Hamish.

— Como sobreviveu ao lado desse homem sem sair com sequelas?

— Você nunca visitou minha mente, querida. Já faz alguns anos que sou um homem perturbado por culpa desse sujeito — Hamish respondeu com uma austeridade que me fez rir. E ele prosseguiu: — Depois de um tempo, ou você se acostuma ou se mata.

A porta do elevador se abriu no terceiro andar. Descemos.

— Talvez eu já esteja ponderando a segunda alternativa — respondi por fim, e arranquei uma gaitada alta dos dois homens. Eu adorava fazer Charlie rir. Era como se ele se esquecesse de toda dor por um momento. Como se seu triste passado não existisse e como se o futuro fosse algo promissor.

Hamish cruzou os braços e deixou seus olhos azuis em mim demoradamente.

— Tenho pena de você, Tess — e olhou para Charlie apontando-lhe o dedo. — E você é um homem de sorte. Preze isso.

Charlie assentiu e retrucou:

— Eu reconheço a preciosidade que tenho ao meu lado, não se preocupe.

Meu coração dançou dentro de mim como se tivesse ouvido uma adorável melodia. A cada instante eu me via mais confiante na minha decisão. Não que meu coração apaixonado me dera escolha, mas entregá-lo a Charlie estava se mostrando ser a coisa mais certa.

Hamish aquiesceu, tão satisfeito quanto eu com a resposta de Charlie.

— Eu até desejaria boa noite aos pombinhos, mas temo que não seja necessário — comentou em um timbre perverso, antes de nos dar as costas e entrar em um dos quartos.

Prendi a respiração, sentindo um friozinho na barriga. Não sabia se estava pronta para ficar sozinha em um quarto com Charlie. Eu nunca estive nessa situação com um homem tão lindo e tão seguro de si.

— Perderá mais quantos minutos fitando a porta que Hamish atravessou? — Ele cochichou em meu ouvido, me fazendo saltar.

Balancei a cabeça, expulsando os pensamentos.

— Não precisa ter medo de mim. Não irei matá-la, mesmo acreditando que você mereça ser estrangulada por tudo que me fez passar — ele comentou, tentando descontrair.

Me virei de frente para ele.

— Não tenho medo de você — afirmei.

— Então, permita-me? — E me estendeu a mão.

Engoli em seco e segurei sua mão estendida.

Entramos no quarto ao lado do de Hamish. Uma cama de casal, um criado-mudo ao lado, uma mesinha e duas cadeiras pretas de plástico, eram tudo o que tinha ali. Simples, porém, aconchegante. Na verdade,

para mim, qualquer lugar onde Charlie estivesse, podia ser considerado um lugar perfeito.

É o que a paixão faz com as pessoas. A torna estúpidas.

— É temporário.

— É perfeito — eu disse rapidamente, quase não deixando ele terminar de falar.

Charlie tirou seu terno e o jogou sobre a cadeira. Depois se desfez da gravata. Não era como se ele já estivesse se despindo, estava apenas tentando ficar mais confortável. Não havia malícia naqueles gestos para eu ter desviado o olhar como se ele estivesse me olhando.

— Irei... irei lavar meus pés — murmurei.

Me olhou por cima do ombro.

— O banheiro fica logo ali — apontou com o dedo para uma portinha na outra extremidade do quarto.

Me apressei até o banheiro e fechei a porta atrás de mim. Me escorei nela e respirei fundo, fechando os olhos.

Maldição. O que há de errado comigo?

Eu devia estar saltitando por ter um homem daqueles para chamar de meu, e não me escondendo e hiperventilando como uma idiota.

Olhei-me no espelho. Meu penteado estava um completo desastre, a pouca maquiagem era o que salvava aquele reflexo que eu encarava. Arranquei os grampos que haviam sobrado e ajeitei o cabelo em um movimento com a cabeça.

Liguei o chuveiro, subi o vestido até as coxas e lavei os pés com o pequeno sabonete. Vi uma água escura escorrer pelo ralo.

Uma dama... ri sozinha.

— Você precisa de novos sapatos.

Soltei um grito e por muito pouco não escorreguei.

Charlie cerrou o cenho, espantado com meu frágil escândalo.

— Que diabos, não o ouvi entrar! — Levei uma mão ao coração que retumbava.

Seus olhos me perseguiram, quase me despindo.

— Você estava mais preocupada em rir sozinha do que com as duas vezes em que bati à porta.

— Eu realmente não o ouvi — confessei.

Ele levantou a sobrancelha de modo irônico.

— Seria uma honra se compartilhasse comigo os pensamentos que a tiraram de órbita.

— São apenas idiotices — balancei a cabeça.

— Adoro idiotices — disse, se aproximando, me transformando em uma brasa intensa. — Suas idiotices.

Prendi o ar.

— Preciso... preciso terminar de lavar meus pés.

O fiz olhar para o sabonete em minha mão e depois para meus pés molhados.

— Posso?

Hesitei, atordoadada.

— Lavar meus pés?

Ele riu e consentiu.

— Seria uma pena se você molhasse esse fascinante vestido, uma vez que estou aqui para servi-la — havia uma grande porcentagem de malícia em sua voz.

Um calafrio subiu por minhas pernas.

Servi-la?

Mordi o lábio inferior e tentei controlar a respiração.

— Então, por favor, sirva-me — lhe estendi o pequeno sabonete, consciente de que havia dupla interpretação tanto na frase, quanto no gesto.

Ele pegou o sabonete da minha mão, preocupando-se em prolongar o contato dos nossos dedos.

Sem desviar o olhar, ele ajoelhou uma perna e deixou a outra apenas inclinada para eu apoiar o pé. Usei a pia para me equilibrar.

— Erga o vestido, por favor — ele pediu, e eu o ergui apenas até a canela. Ele sorriu de forma divertida. — Um pouco mais.

Subi o vestido até a panturrilha, ciente de que isso o provocaria.

— Estou certo de que esse vestido possa subir ainda mais — insistiu.

Engoli um risinho arteiro.

— Ora, pretende lavar meu pé ou minha perna!?

Abriu um sorriso sórdido.

— Posso até lhe dar um banho, se quiser. Talvez a dama realmente precise de ajuda.

Deixei escapar um cicio.

— Primeiro veremos como você se sai com os pés.

— Então, por favor, erga esse vestido da forma correta — rebateu, e sua mão bruscamente ergueu meu vestido até acima do joelho, roçando os dedos em minha pele.

Minha boca pareceu uma porta entreaberta.

— Exigente — ataquei, palpitante.

— Decidido — refutou, e molhou o sabonete no chuveiro que ainda estava aberto.

O desafiei com o olhar e, como resposta, ele começou a ensaboar meu pé lentamente, provocante. Passou os dedos matreiros da sua mão por entre os meus do pé delicadamente, arrepiando-me.

Apertei os lábios para conter um gemido. A explosão da libido se esparramou em minhas veias, em meu sangue. O endiabrado foi subindo com a mão molhada e ensaboada por minha perna. O gesto de ir e vir encaminhou-se até um pouco acima do meu joelho, pertinho da barra do vestido.

Pressionei os dedos na pia, tentando conter a respiração, o gemido, os espasmos que aquele simples gesto estava me causando.

— A senhorita está muito calada. Estou fazendo algo errado? — Charlie perguntou ardilosamente, e me fitou.

Contenha-se.

— Não diria errado, mas presumo que o senhor possa aprimorar seu trabalho com o sabonete.

Ele parou a mão no meu joelho. Eu gostava do jeito como ele me encarava com desejo, desnudando-me com os olhos.

— Me parece que não sou o único exigente agora.

— Não sou exigente, sou decidida — rebati, o que ocasionou em um sorriso de desestabilizar qualquer um. Sua boca parecia pedir pela minha. Meu coração ardia em fogo.

— Não ouse me subestimar. — Ele enfiou sua mão por debaixo do meu vestido, e subiu com ela por minha coxa, ensaboando vagarosamente.

Engasguei.

— Achei que não quiséssemos molhar meu vestido — murmurei e não pude conter o gemido que saiu em seguida.

— O *cacete* que não quero. Nesse momento cogito até mesmo rasgá-lo!

Gemi outra vez, assim que ele se aproximou do meu íntimo com a ponta dos dedos.

— Pois não cogite. Apenas faça! — Não resisti ao desejo de me entregar ao prazer mais obsceno.

Suspeitava que Charlie nunca tivera acatado uma ordem tão velozmente. Em questão de minutos eu estava em seu colo e sendo carregada para o quarto, enquanto minha boca não fazia outra coisa que não ser ocupada por sua língua cobiçosa.

Eu estava tentando me decidir entre gemer e retribuir os beijos quando fui jogada na cama e depois aprisionada por seu corpo.

— Diga adeus a esse vestidinho, *boireannaich*, porque a partir de agora a única coisa que tocará essa pele, será minha língua — e o rasgou.

O vestido de seda ornado com cristais pareceu papel em suas mãos. Eu jamais vira alguém tão resoluto em uma missão.

Da mesma maneira que ele se desfez do meu vestido, ele se desfez da sua camisa. O corpo quente e forte por cima do meu me fez ofegar de

prazer.

— Você é tão linda que é uma pena não poder andar nua — disse, com uma admiração escandalosa e cheio de más intenções. — Você me provoca a insanidade, criatura.

Senti sua língua molhada deslizar em torno da minha orelha, ao redor do pescoço e depois descer atrevidamente para o meio dos meus seios desnudos. Envolvi seu cabelo com meus dedos e soltei um interminável gemido de prazer perdido nas entranhas do meu ser.

— Charlie... eu...

Seu olhar abusado encontrou o meu e me calou como que com um chicote.

— Gema. Isso. Quero ouvir meu nome ser arrancado de você através de suspiros — sussurrou, e deslizou sua língua lentamente até meu umbigo. A barba arranhando deliciosamente minha pele.

Já fazia um tempo que uma boca não me provava daquela maneira, sedenta, gulosa. Saboreando meu gosto como se estivesse embriagado.

Arrepiando-me até os cabelos da nuca. Molhando-me.

Mais.

E mais.

— Abra-se para mim — pediu em um sussurro e separou minhas coxas para deslizar minha fina calcinha para fora do corpo, deixando-me inteiramente nua.

Avermelhei-me, intimidada pela claridade da luz. Queria ter algo para esconder meu rosto, da mesma forma que meus pelos escondiam os lábios.

— *Àlainn (adorável)* — prosseguiu em estado de êxtase —, e minha.

— Apague a luz — eu pedi com a voz rouca.

Ele arqueou a sobrancelha. Os olhos agora vívidos e brilhantes em mim.

— De modo algum. Quero poder olhar para seu rosto lascivo enquanto faço tudo o que puder com essa dádiva.

Respirei, lenta e pausadamente.

— Charlie... — e suspirei, sendo calada quando sua boca engoliu meu sexo e me chupou os lábios menores, friccionando-os.

Suspendeu-me pelo traseiro com as duas mãos para que sua língua pudesse me penetrar fundo. E ela entrou, como uma linha atravessando o buraco da agulha.

Agarrei o lençol com as duas mãos e gemi alto.

Eu era como um mar e, Charlie, um marinheiro experiente.

— Tess, apenas acredite quando digo que você é uma das maravilhas da criação. Você é como um campo de lírios, fresca e macia — ele se afastou brevemente para me assegurar.

— Ah, Charlie, essa sua língua é muito mais poderosa que suas palavras. Por favor, continue — balbuciei, e ele riu dos meus pálidos receios com a cabeça entre minhas pernas. O sopro que deixou escapar lá embaixo me fez morder o lábio com força.

Os espasmos ao ser chupada com extremo anseio me fez implorar em um gemido delirante:

— Mais depressa.

Ele roçou o queixo levemente para me atíçar. Os pelos da sua barba me retraíram de uma forma boa. E então ele tomou meu clitóris e o sugou. Me contraí, com a respiração ofegante e a pele empastada de suor. O desejo de me deixar escorrer por seus lábios aumentava a cada lambida.

Toquei em meus seios enrijecidos.

— Me peça por isso — ele sussurrou deliciosamente perigoso, e enfiou um dedo em mim. — Diga-me o que quer, *boireannaich*.

Coma-me.

Beba-me.

Calunia-me o corpo.

Ele tirou.

E colocou.

Me manipulando com os dedos.

— Peça-me, criatura — exigiu em um timbre rouco. Não havia dúvida de que Charlie também já estava na beira. — Olhe para mim.

Me contorci no colchão com seu dedo dentro de mim. Um. Dois. Eu já não sabia quantos dedos *fodiam-me*.

— Olhe — enfiou um — para mim. — Dois e três.

Agarrei meus próprios cabelos. Ergui o pescoço para olhá-lo nos olhos promíscuo.

— *Peça* — não saiu som dos seus lábios, mas eu pude lê-los.

— Me *foda*, agora! — Exigi, arfando. Minhas veias pulsavam com o orgasmo aprisionado. Eu podia contar as batidas do meu coração.

Charlie abriu um sorriso descarado e se afastou para arrancar a calça fora. Quando ele se desfez da cueca, seu apelido fez todo sentido para mim: "grande Balder."

— Bem, ainda bem que você é bonzinho — murmurei, cobrindo a boca com a mão para não rir de espanto.

Ele ergueu a sobrancelha, desconfiado. Eu não sabia se encarava o homem ou membro enrijecido que me fitava com desejo.

— Sou? — Ajoelhou-se no colchão e depois inclinou-se sobre mim. Eu senti seu membro encostar em minha virilha lambuzada. — Essa noite farei com que você sinta o verdadeiro poder da Escócia, minha criatura.

Beijou-me a boca e mordeu meu lábio inferior.

— Essa noite a castigarei por ter invadido eroticamente meus sonhos por tantas noites — sussurrou em um adorável timbre rouco e ajeitou-se em cima de mim, aproveitando-se da minha lubrificação para lambuzar-se também. Deixando-me ainda mais molhada, derretida.

Arfei.

— Diga-me, nesses sonhos, o que eu fazia? — Murmurei, descendo com as mãos por suas costas. — Talvez eu possa torná-los reais agora.

Charlie apenas sorriu, mas ele me permitiu sentir o quanto aquela pergunta o instigou um pouco mais.

— Em meus sonhos, essas coxas estavam ainda mais separadas — disse após um tempo, e sugou meu mamilo esquerdo.

Abri ainda mais as pernas com Charlie no meio delas.

— Assim?

Mordiscou meu mamilo, fazendo eu me contorcer.

— Em meus sonhos, você me chamava de nomes que eu não descreveria e — entrou lentamente em mim. O gemido ficou preso na minha garganta que se fechou —, dentro de você era quente como o sol e doce como um pote de mel.

Gemi. Ele me beijou, silenciando-me. E gemi de novo quando se afastou. Desejei que ele fosse mais fundo, pois tudo em mim latejava, esperando para receber cada pedaço do que ele tinha para me dar. Cravei as unhas em suas costas, o arranhando, e respirei seu sopro cálido.

— Então... Ah, diabos... talvez devesse ir mais fundo para descobrir se esse sonho é real — balbuciei, assanhada.

A risada rouca foi solta ao pé do meu ouvido e eu senti seus dedos em minha nuca erguendo meu rosto para o seu. Os olhos pétreos estavam ardentes.

Pensei que Charlie fosse me beijar novamente, mas na verdade, o desgraçado estava apenas se deliciando com aquela tortura carnal.

Oras, eu também sabia como brincar com seu desejo.

Aproveitei quando ele se apoiou com um braço no colchão e peguei sua mão livre. Provocadora, coloquei 3 dedos seus em minha boca, envolvendo-os com a língua úmida e áspera, sugando-os em seguida.

Seu corpo ficou trêmulo, entrando em estado de brasa. Charlie nem se deu ao trabalho de olhar para mim, apertando os lábios e fechando os olhos, enquanto seus dedos ainda eram sugados.

— Desgraçada. Atrevida!

E me penetrou ainda mais fundo.

Todo o meu sangue ferveu. O cheiro do seu prazer me inundou.

Já quase sem forças e trêmulo, ele arrancou seus dedos da minha boca.

— Ah, Tess, eu já estou louco — e pressionou seus lábios em meu tronco, causando fricção.

— Então, encha-me com força!

E foi exatamente o que Charlie fez. Com força.

Uma.

Duas.

Três.

Até cinco vezes, apertando-me os quadris, as coxas, o traseiro. Suas mãos sabiam bem em que parte tocar.

Eu suspirei e gemi, sentindo ternas sensações de prazer e embriaguez.

— Ah, criatura, o meu sonho foi um inverno perto do real calor que há dentro de você. — Disse, quando tornou a ter fôlego, após despejar cada gota do seu prazer dentro de mim.



Tess

QUANDO DESPERTEI EM SEUS BRAÇOS PERFEITOS e deliciosos, que podiam me acolher pela eternidade, na manhã seguinte, senti que estava sendo observada. E, mais que isso, senti que os olhos alcantilados não se desprenderam do meu rosto a noite inteira, feito um vigia noturno.

Ergui as pálpebras, demonstrando que estava acordada. Seus lábios se curvaram em uma insinuação de sorriso.

— Parece tão pura e inocente.

Sorri, acanhada.

— E sou.

Charlie apertou meu nariz de maneira brincalhona. Eu nunca o vira tão relaxado.

— Você e esse rostinho angelical me enganaram, *boireannaich*. Eu adorei isso.

Minhas bochechas esquentaram. Charlie, por sua vez, parecia um predador pronto para me devorar. E também havia paixão em cada arfada dele.

— Não precisamos falar sobre a noite passada — balbuciei, quando a lembrança da boca atrevida de Charlie no meio das minhas pernas me voltou.

Meus braços se arrepiaram. *Ah, diabos, eu enfiei seus dedos em minha boca. EM MINHA BOCA!*

Eu não era uma mulher recatada, mas minha perversão nunca tinha alcançado um nível tão descomunal.

Charlie puxou minha cabeça para si e depositou um beijo terno.

— Faremos amor essa noite novamente, criatura. Quero descobrir quantas outras surpresas você me esconde.

Me retraí, e ele se divertiu ao perceber.

— Você faz isso de propósito — acusei, o empurrando para me desvencilhar. — Você sabe que sou envergonhada e se aproveita disso!

Ele se fez de ingênuo e ofendido.

— Não sei do que estou sendo incriminado, mas nego fervorosamente todas as acusações — aldeagou.

— O diabo que não sabe! — Sentei em meus calcanhares, vendo o escocês se divertir às minhas custas. — Irei tomar um banho agora, e espero que o senhor não se atreva a me espionar!

Ele agarrou meu pulso.

— Não vá, não. Fique mais um pouco em meus braços, você já passou tempo demais longe deles, não acha?

E toda minha determinação se foi com aquele toque.

— Saiba, Charlie, que se eu tivesse pedras nesse exato momento, eu as jogaria em sua cabeça novamente — levei um dedo ao queixo, pensativa. — Talvez eu devesse andar com um punhado delas em meus bolsos.

Ele me puxou com truculência para cima do seu corpo quente. Eu soltei um grito de espanto.

— E por qual razão a dama me apedrejaria dessa vez? Não estou planejando ir embora. É ela quem planeja me deixar.

Cravei meus olhos nos seus.

— Bem, mais cedo ou mais tarde, o senhor sempre acaba me dando motivos para agredi-lo!

Charlie levou suas mãos em meus cabelos para senti-los.

— Se eu ousar, por alguma razão, deixá-la novamente, então me mate. Não permita que eu seja burro o bastante para cometer esse erro.

Engoli em seco. Havia tanta paixão em seu olhar, que não pude evitar beijar seus lábios para demonstrar que todo aquele sentimento que ele carregava dentro de si, existia também dentro de mim.

— Você não irá para lugar algum sem mim, escocês — murmurei, com a boca encostada na sua.

— Só se eu estiver querendo morrer — murmurou de volta.

Suspirei e afastei meu rosto do seu, fingindo implicância.

— Bem, já vimos que você tem um lado suicida.

— Acho que não teremos mais problemas com ele.

— Não? — Franzi o cenho.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos para que eu não pudesse não encará-lo.

— Não. Esse lado suicida se foi quando passei a desejar viver — e foi claro —, com você.

Gemi, sem ar. A facilidade que Charlie tinha em parar o meu coração era surpreendentemente boa.

Eu não podia afirmar que ele me amava, pois nunca me foi dito, mas o que existia entre nós não era apenas desejo. Era algo muito mais profundo. Era como se eu fosse o sangue que corria em suas veias, e como se ele fosse o ar dos meus pulmões. O sol passou a ser mais quente desde que Charlie chegara e o frio deixou de ser congelante quando conheci o calor dos seus braços.

— Então... então você desistiu de ir atrás de Nikolai? — Perguntei, amedrontada com a resposta.

Seus olhos voltaram a ficar escuros e cheios de demônios. E o queixo, de um homem que já foi um garotinho amedrontado, tremeu. Não de medo, de fúria reprimida.

— Não quero falar sobre isso agora — ele disse, e me tirou do seu colo para se levantar. Vestiu sua calça que estava no chão e ficou de costas para mim, fingindo que o zíper era um inimigo imbatível.

— Eu deixei tudo por você, Charlie. Você me deve uma resposta.

Seus ombros ficaram tensos, talvez ele estivesse prendendo a respiração.

— Tess... — se virou para mim, mas não me olhava nos olhos. Ele estava escolhendo as palavras certas para dizer, fosse lá o que quisesse dizer. Era como se estivesse com um dicionário aberto nas mãos carrancudas. — Tess...

O incentivei a acrescentar algo além do meu nome, mas Charlie parecia decidido a não prolongar o assunto. Se ele estava acostumado

com mulheres que desistiam facilmente de algo, então ele arrancaria os cabelos comigo.

— Preciso sair para comprar roupas para você — ele mudou de assunto.

Me enrolei no edredom para me levantar e fiquei na pontinha dos pés para fazer com que o escocês me olhasse nos olhos.

— Não ouse fazer isso — falei entre os dentes cerrados. — Não se atreva a fugir.

— Então está me dizendo que não precisa de roupas? Sei o que eu disse noite passada, sobre ser uma pena você não poder andar nua, porque, raios, você é incrível, mas estou certo de que eu mataria todos que ousassem olhar para você.

Não pude evitar o sorriso.

— Acho que concordamos que seria um desastre se eu fosse preso por assassinar metade da Inglaterra, não? — Aproveitou-se da minha fraqueza para camuflar o assunto principal ainda mais.

— Você não poderá fugir disso para sempre — alertei-o, quando ele se afastou para recolher a camisa branca da cadeira.

— Disso o que?

— Minha insistência — sentei na cama, apreciando aqueles músculos firmes de suas costas proeminentes. *Cristo. Que corpo.*

— Acho que não terei problema com sua insistência, desde que a senhorita não tenha nada em seu caminho que possa ser lançado em mim — disse, abotoando a camisa.

Eu não fiz esforço algum para fingir que não estava o admirando em silêncio. O único esforço era o de me conter para não tocá-lo. Charlie não era mais um fruto proibido, mas eu não queria que ele soubesse o poder que exercia sobre mim. O danado se aproveitaria disso sempre que possível. E eu deixaria. Ah, certamente deixaria.

De repente, ele ergueu os olhos e me pegou no flagra.

— Está se arrumando tanto apenas para me comprar roupas? — Questionei, me obrigando a erguer os olhos para seu rosto que era tão bonito quanto todo o resto.

Charlie trincou o maxilar. Que diabos, aparentemente Nikolai não era o único assunto desagradável que ele não queria tratar no momento.

— Preciso ir ao palácio — dessa vez ele se explicou sem eu precisar arrancar meus miolos. — Eu pedi meu afastamento para a rainha, preciso me certificar de que ela providenciou isso.

— Ah, bem. Isso é bom, não?

Sua expressão foi irônica.

— Eu espero que sim. Se a rainha cumprir com sua parte do acordo e não tomar Kerrera para si, então pode ser considerado algo bom.

Suspirei com pesar.

— Eu também tentei proteger Kerrera, mas quando você ameaçou me deixar pela segunda vez, eu não consegui ser forte.

— Você está exatamente onde deveria: comigo — falou de forma doce e depois foi severo. — Não quero vê-la fazendo acordo novamente com esse tipo de gente. É extremamente perigoso.

— Você pode se arriscar por mim — retruquei, novamente me levantando. E ao perceber que eu estando em pé não surtiu qualquer impacto, aumentei o tom de voz — e eu não posso fazer o mesmo por você?

— Eu estou acostumado com esse tipo de coisa.

— A proteger suas mulheres? — Deixei escapar.

Sua expressão foi de perturbação.

— Não. A proteger pessoas. De onde tirou isso?

Meus olhos tremeram e eu não consegui continuar encarando-o, estava corada.

— Ora, estou certa de que você já teve outras mulheres em sua vida.

Olhando para o chão, pude notar quando se aproximou com passos decididos.

— Decerto — ergueu meu rosto pelo queixo. — Mas nenhuma outra esteve em meu coração.

Enjaulei um sorriso de satisfação.

— Mas seu coração é grande, escocês, pode caber muitas damas aí dentro.

Ele não se deixou abater.

— Apesar da dama escolhida ser muito pequena, ela ocupa um enorme espaço.

Ri muito, muito alto, e o soquei no peito.

— Sempre com a resposta na ponta da língua, não, Charlie?

Ele deu de ombros.

— Isso não aconteceria, caso essa língua estivesse aonde adoraria — sua voz entrou em meu ouvido quando se inclinou para sussurrar: — dentro da sua boca.

Aquilo foi uma monstruosa perturbação para minha libido. A resposta estava na garganta, mas foi impedida por Hamish à porta:

— A noite de núpcias durará por mais quantas horas? Kate e eu estamos famintos!

Charlie revirou os olhos de modo engraçado e foi abrir a porta.

— Eu pretendia prolongá-la por uma semana, caso não tivesse um amigo tão azucrinante.

— Charlie! — Resmunguei, agarrando-me ao edredom para proteger a nudez, inibida.

— Kate, há algo que possa emprestar para Tess temporariamente? Temo que o vestido da noite passada não possa mais cobrir tanta coisa. — Charlie perguntou.

Me encolhi. O escocês não tinha um pinga de vergonha.

— É claro que sim. Me dê um minuto. — Disse Kate e se foi.

Hamish evitou relancear os olhos azuis para mim para não me acanhar ainda mais.

— Kate e eu pensamos que seria bom se fôssemos todos tomar café da manhã juntos.

— Se Tess concordar — Charlie virou o rosto, aguardando minha resposta. Assenti e depois lancei um olhar reprovador, suplicando para que ele parasse de chamar a atenção para mim. O desgraçado sorriu

estonteantemente. E depois encostou parcialmente a porta para que eu ficasse mais à vontade no quarto. Respirei aliviada.

A lanchonete ficava do outro lado da calçada. Eles também tinham serviço de quarto no hotel, mas, por alguma razão, Hamish considerou mais agradável que sentássemos todos em uma mesa para conversar. Pedi por *croissant* e café. O café inglês era estupidamente mais fraco que o brasileiro, mas ainda fazia com que eu me sentisse mais perto do meu país. Hamish, e Kate, pediram o tradicional café da manhã inglês: ovos, feijão, *bacon*, salsichas, pão frito e cogumelos. Já Charlie, se contentou com suco de laranja.

Pensei em perguntar se apenas aquele copo de suco seria o suficiente para repor suas energias, mas levei a xícara de café à boca para conter minha língua. Ele passou o braço por trás de mim e acariciou meu ombro, como se tivesse lido meus pensamentos.

— Até que a calça não ficou tão grande em você — comentou Kate, olhando por baixo da mesa.

— Ficou ótima, obrigada.

Ela terminou de mastigar para dizer:

— Fiquei preocupada de arrastar no chão.

— As botas disfarçaram bem — respondi.

— Será apenas por hoje — Charlie se intrometeu e passou a mão em meus cabelos. Do cocuruto até as pontas.

— Talvez eu devesse ir com você até o palácio para pegar minhas coisas — propus, virando o tronco para encará-lo com mais liberdade.

— Você está muito louca? — Ele perguntou, claramente desaprovando minha sugestão. — Prefiro levá-la até o Brasil para comprar novas roupas a levá-la para aquele covil novamente.

Larguei a xícara na mesa rudemente. Ah, meu espírito brasileiro e audacioso ainda percorria meu corpo.

— Não comprarei novas roupas tendo tantas. O acompanharei até o palácio e não discutiremos mais sobre isso!

Hamish deixou respingos de café escapar por entre os lábios, descontrolado.

Charlie praguejou e afastou seu braço do meu corpo.

— Ouça, criatura dos infernos, eu retornarei ao palácio por não ter outra escolha. Mas você tem — ele disse, ignorando todos a nossa volta.

— Eu disse, sem discussão — e tornei a tomar meu café da manhã despojadamente.

Ele praguejou mais um pouco e se voltou para Kate:

— Pensei que mulheres gostassem de roupas novas.

Ela sorriu docemente.

— E gostamos. Mas também adoramos contrariar os homens.

Hamish se virou para a esposa, desconfiado.

— É por essa razão que me disse preferir Tulipas quando eu acreditava, indubitavelmente, que sua flor preferida era Lisianto?

Ela apenas abriu um sorriso singelo, o que confirmou a suspeita dele.

— Eu vou matar você — Hamish disse entre os dentes, mas o amor pela esposa estava dentro dos seus olhos iluminados pela venustidade dela.

— Me diga onde enterrará a sua, para que eu também enterre a minha — disse Charlie, se envolvendo na ameaça do amigo.

Minha... Minha...

Adorei a forma como essa palavra saiu de seus lábios.

Ah, querido, totalmente sua.



Escocês

FECHEI A PORTA ATRÁS DELA VAGAROSAMENTE assim que retornamos ao quarto de hotel. Eu estava mesmo pensando sobre como ter aquela conversa sem transformá-la em uma discussão. Minha única certeza era que eu não permitiria que Tess voltasse ao palácio nem se eu precisasse amarrá-la.

Eu pensei durante o caminho inteiro em diálogos profundos e inteligentes, mas tudo que consegui dizer quando me virei para ela, foi:

— Você não vai.

Tess suspirou e me deu as costas.

— Realmente acha que vale a pena correr um risco tão grande apenas para me contrariar? — Eu insisti, indo ao seu encontro.

— Acha que eu seria tão fútil assim? — Rebateu e procurou por meus olhos com os seus. — Não pretendo voltar lá para te provocar. E sim porque não permitirei que a rainha ou Ryld interfiram na minha vida dessa forma. Não comprarei novas roupas apenas porque não sou corajosa o bastante para enfrentá-los. É humilhante perceber que alguém exerce um poder tão grande assim na sua vida.

Tess estava coberta de razão. Eu também não permitiria jamais que alguém me amedrontasse a esse ponto. A questão era que, em se tratando da sua segurança, eu preferia lhe dar um guarda-roupa novo e ir a falência, a perdê-la.

— Eu posso tentar pegar suas coisas. E, se eu não conseguir, eu te darei tudo novo.

Seu semblante era de pena.

— Há colares lá que valem mais de quinze mil.

Meus olhos saltaram, em choque.

— Mas o que diabos têm nesse colar? Provavelmente nem a minha vida vale tanto.

Tess caiu na risada. O meu som preferido do mundo inteiro. Aquele rostinho de diamante e os olhos de raposa; não havia beleza no mundo que se comparasse àquela.

— É impossível medir o quão valoroso você é. Sua vida, para mim, está acima de toda riqueza que há na Terra. — Disse com paixão, mas depois houve mágoa na voz. — O colar era da minha mãe. Ele é tão lindo.

A puxei pela cintura, para que seu coração ficasse profundamente perto do meu.

— Linda é você, aquele colar deve ser apenas bonitinho. Sua beleza está acima de todas as maravilhas que o mundo já viu — eu disse, a fitando. — Eu o pegarei para você. Perdoe-me por sugerir que você deixasse tudo para trás. Fui egoísta e demasiadamente insensível.

— O que houve com a sua ferradura? A deixou em Kerrera? — Brincou.

— Bem, aparentemente há algo dentro de você que acalma o homem bruto que há dentro de mim.

Não era para o comentário soar malicioso, mas eu percebi a dupla interpretação tarde demais. As maçãs de Tess já estavam vermelho vivo.

— Charlie! — Resmungou, tentando escapar das minhas garras e esconder o rosto. A segurei firme.

— Lhe asseguro que dessa vez não foi proposital.

— É difícil acreditar em você. Está o tempo inteiro tentando me encabular.

Eu sorri. Na verdade, eu sorria perto daquela *boireannaich* de uma forma que já não fazia há muitos anos.

Acaricieei seus cabelos. Eu adorava a cor escura deles, o perfume fresco, a textura. A forma como caíam em suas costas.

— Oh, vejam só. Parece que alguém aprendeu a fazer cafuné — ela comentou.

— Cafu... Ah, sim. Então isso é o tal do cafuné?

Ela assentiu.

— Digamos que você ainda é um iniciante, mas estou certa de que é capaz de aperfeiçoar os movimentos se praticar diariamente.

— Minha experiência me diz que estou sendo coagido — tentei soar sério. — O que receberei em troca?

Mordeu o lábio inferior. Já a peguei fazendo aquilo inúmeras vezes. Era uma espécie de mania, apesar de parecer um tanto doloroso.

— Achei que o senhor gostasse de ser surpreendido. Podemos deixar sua recompensa como uma dessas surpresas — ela disse por fim.

Fiquei completamente erigido e tentado a jogá-la na cama. Mas eu tinha um compromisso, e precisava estar com a cabeça no lugar.

— Espero, madame, poder cobrá-la mais tarde. E fique ciente de que sou um homem que tem uma excelente memória.

Ela suspirou e se desvencilhou. Girou com os calcanhares, seguindo em direção ao banheiro.

— Bem, então espero que até o anoitecer o escocês já tenha aprimorado os movimentos com os dedos.

E fechou a porta atrás de si.

Ah, que danadinha. Ela estava me provocando!

Eu estava angustiado, seria terrível voltar ao palácio, encontrar a rainha e, por Odin, Ryld; já havia sido uma grande sorte ter esbarrado com ele na celebração e conseguir sair vivo.

Bati à porta de Hamish para lhe pedir o carro emprestado novamente. Tess vinha logo atrás de mim, tamborilando com os dedos na perna, nervosa.

— Já estamos indo? — Questionou ele ao enfiar a cabeça pela porta entreaberta.

— Estamos? — Perguntei confuso.

— Eu irei com vocês — ele disse com seriedade.

— Ah, pelos deuses, isso não é uma excursão escolar. De estúpidos, já bastam Tess e eu!

A criatura deu um murro forte em meu braço, claramente desaprovando meu comentário.

— Começo a considerar seriamente arrancar meus braços! — Grunhi, a encarando.

— Não culpe seus braços por sua língua dizer tanto dislate — retrucou, com o semblante carrancudo.

Hamish jogou os braços para cima, impaciente.

— Em nome de Deus, vocês não param de brigar um minuto!?

Tess e eu nos encaramos. Com meus olhos, eu pedi uma trégua, com os seus, ela negou. Resolvi ignorá-la antes que eu começasse a ponderar jogá-la pela janela do terceiro andar.

— Não há qualquer necessidade da sua presença, Hamish. Não pretendo delongar com a rainha.

Ele balançou a cabeça negativamente e amiúde.

— Eu jamais perderia a oportunidade de salvar sua vida e poder lhe jogar isso na cara eternamente.

— *Ifrinn! (Inferno)*

— Pode latir em gaélico o quanto quiser, meu amigo — ele disse e passou seu braço por meus ombros. Hamish era um pouco maior que eu —, mas o que acha de fazer isso enquanto nos dirigimos ao palácio?

— Acho uma excelente ideia — apoiou Tess.

— Estamos indo, querida. Torça por nós — disse para Kate, que, a essa altura tinha surgido na porta com um largo sorriso no rosto.

— Meus garotos suicidas — Kate disse com afeto, e todos rimos.

— É uma verdadeira satisfação saber que não sou a única a questionar a sanidade desses homens — respondeu Tess para Kate.

— Mas a gracinha não está muito diferente de nós — retrucou Hamish e eu concordei.

— E, por sinal, estou para dizer que sua sanidade se encontra pior que a nossa — acrescentei para ela.

Tess estreitou os olhos e colocou as mãos na cintura, furiosa. Era uma verdadeira penitência não poder molhar seus lábios com os meus naquele momento e desfazer as linhas expressivas de sua testa. Ver seus deliciosos olhinhos se virando de prazer e os gemidos incontroláveis ao pé do meu ouvido. Eu mal podia esperar para vê-la nua novamente e enrolar meu corpo com o seu.

— Voltem vivos. É uma ordem! — Kate disse, e expulsou todos os meus pensamentos pervertidos.

Depois de Hamish se despedir da esposa com um caloroso beijo, entramos os três no elevador.

O caminho até o palácio foi surpreendentemente quieto. Optei por ir ao lado de Hamish no carro, temia que o suave perfume de Tess me levasse à um prazer incontrolável e me fizesse desistir do compromisso para tê-la em minha cama de formas inimagináveis. Um toque, um único toque de seus dedos bastava para eu entrar em curto-circuito.

— Me deixem entrar sozinho — falei e me virei para Tess. — Tentarei conseguir pegar suas coisas, caso eu fracasse, você pode fazer o que tem em mente... *caso tenha algo*.

Seus olhos eram como uma correnteza impossível de velejar; eram impetuosos a ponto de me afogar.

— Como saberemos que está ocorrendo tudo como o... *planejado*? Para ser sincero, planejamos algo? — Inquiriu Hamish, fazendo com que eu me voltasse para ele.

— Ele tem razão, Charlie. E se Mary e Ryld quiserem prendê-lo?

— De certa forma, eles não têm qualquer acusação contra mim. E suponho que ter feito a dama de outro se apaixonar por mim não seja considerado um crime — debochei.

— Odeio admitir, mas ele tem razão, Tess — compactuou Hamish.

— Ora, você me sequestrou — lembrou-me ela.

Me esforcei para não sorrir, mas não fui forte o bastante para detê-lo.

— Bem, a madame pretende dar queixa? — Perguntei.

Uma linda luz surgiu dentro dos seus olhos, e dava para ver as palavras dentro deles, porém, ela não disse coisa alguma. Engoliu em seco diversas vezes, pude notar, uma vez que eu conhecia perfeitamente aquele pescoço por onde minha língua escorregou noite passada, e desviou o olhar.

— Então vá de uma vez para que possa voltar logo! — Acelerou Hamish, me vendo paralisado no rosto genuíno de Tess.

— Se ela tentar algo, a tranque no porta-malas! — Alertei meu amigo, compreendendo que aquilo a deixaria enlouquecida.

— Ora, seu...

Saltei do carro antes que ela pudesse completar a ofensa.

O sorriso apodreceu em meus lábios quando vi a expressão de espanto no rosto dos outros seguranças assim que atravessei o imenso portão do palácio real. Teria sido menos chocante atravessar o portão do inferno. Senti uma bola presa na garganta, meu estômago pareceu ter dado um nó. Ouvi um deles dizer: "vejam, Caim voltou."

— Tenha bondade! — Rosnei, os encarando firmemente, e saí pisando firme. Aos poucos, o meu andar foi deixando de ser confiante.

Quais eram as chances da rainha Mary não me assassinar por eu ter envergonhado a família real em seu aniversário, na frente de todos?

Eu não devia ter beijado Tess...

— Sr. Mikhailovich, que surpresa desagradável! — Disse a governanta do príncipe Ryld interceptando minha entrada.

— Amy, o sentimento é recíproco — retruquei com o mesmo humor.

— Veio pedir perdão por sua traição?

Entrelacei as mãos atrás das costas.

— Não que seja do seu interesse, mas pedir perdão não faz parte dos meus planos para hoje.

Arqueou a sobancelha loura.

— Então veio se demitir?

— Eu vim fazer qualquer coisa, exceto me explicar para você — rebati, me questionando como um dia pude ter me deitado com uma mulherzinha tão indelicada.

Eu sempre soube dos sentimentos de Amy por mim, e apesar dela ser uma mulher atraente, sua beleza estava longe de ser tão grandiosa quanto a de Tess.

— Realmente acha que vale a pena exonerar um cargo tão nobre por uma mulher que estava predestinada à outro?

Rilhei os dentes e expirei com irritação.

— Já lhe disse, meus assuntos não são do seu interesse. Seu trabalho é cuidar da vida do príncipe, não da minha.

Ela se aproximou solicitamente e apertou minha gravata apenas como desculpa para me tocar.

— Espero que a demissão não se aplique à minha cama — murmurou maliciosamente, erguendo as pálpebras para mim. Os enormes olhos verdes estavam presos nos meus.

Agarrei seus pulsos com força, não para machucar, mas sim para mantê-la imóvel e atenta às minhas recusas.

— Estou muito satisfeito com a cama na qual passo minhas noites, Amy!

Ela sorriu demoradamente.

— Você sempre faz isso, Charlie. Se diverte com outras, mas depois procura por mim.

— Não espere por mim dessa vez — disse convicto. — A partir de agora, Tess será a única mulher na minha vida. Não apenas meu corpo, como também meu coração, são integralmente dela.

Seus olhos tremeram, segurando o choro. A pele costumeiramente branca feito neve, agora estava vermelha feito sangue.

— Eu esperarei. Eu sei que virá — Amy respondeu, crédula nas palavras. Soltou-se de mim para acariciar minha barba como costumava fazer. Suas mãos cheiravam a vinho tinto.

— Adeus, Amy.

Me afastei.

Não queria magoá-la. Amy era como conhaque para mim, eu a procurava quando estava com sede. Nunca lhe prometi nada além de prazer, e funcionou para ambos durante anos. Mas, em algum momento, ela deixou seu coração fazer parte da nossa história. Foi uma infelicidade para os dois. Eu precisei deixar de visitar seu quarto durante as noites, já que não era capaz de corresponder seus sentimentos.

— Não permitirei que você faça isso. Não pode ir embora e me deixar como se eu não fosse nada! — Ela gritou, me seguindo para dentro do palácio.

— Se continuar agindo assim, eu não serei o único demitido! — Rebatí grosseiramente, sem me virar para ela.

— Charlie, peça perdão à majestade. Se você se redimir eu sei q...

Passei a mão na testa, exasperado.

— Não pedirei perdão por ter me apaixonado — a cortei.

— E por ter me apunhalado pelas costas?

Me virei quando sua voz escorregou por meus ouvidos.

— Vossa alteza — me curvei para o príncipe. Ele terminou de descer as escadas batendo os pés. Eu não saberia descrever seu humor naquele momento. Ao passo em que os olhos estavam fundos, de quem não havia tido uma agradável noite de sono, os punhos estavam fechados, de quem poderia ir à guerra apenas com eles.

Amy se encolheu quando Ryld a encarou friamente e logo nos deixou a sós.

— Pensei que nunca mais o veria, Charlie — Ryld voltou-se para mim.

— Lamento decepcioná-lo, Alteza — ironizei. Algo dentro de mim odiava saber que ele já beijara a boca de Tess.

Pelos deuses, Charlie, controle-se ou acabará morto.

— Quero atacá-lo com minhas próprias mãos, traidor. Desejo esmurrá-lo como nunca fiz com alguém.

Engoli em seco. Como responder àquilo? Se fosse qualquer outro homem, eu o chamaria para um combate, ou pior, eu quem partiria para as agressões, mas Ryld era o príncipe.

O diabo de um príncipe!

— Estou certo de que permitirei que o faça, Alteza — não o olhei nos olhos ao falar, no entanto, senti que o irritei ainda mais com aquela resposta.

— Beijou minha noiva na frente de todos. Me humilhou e ainda tem a indecência de aparecer aqui!

— Tenho assuntos a tratar com a Vossa Majestade, Alteza. — Procurei ser direto e ignorar suas acusações.

— Quais assuntos? — Ele quis saber.

Estremeci. De forma alguma ele poderia saber da verdade. Era preferível apanhar de Ryld a fazer com que a rainha me odiasse um pouco mais por eu desmascará-la para seu filho.

— Assuntos sobre minha demissão, Alteza.

— Onde está Tess? — Perguntou, passando os olhos ao redor.

Tossi para desfazer o nó preso na garganta.

— Ela preferiu não me acompanhar hoje, Alteza — menti descaradamente. Se eu confessasse que Tess me aguardava do outro lado do portão, Ryld não hesitaria em ir ao seu encontro, e sabe lá o que ele faria com ela. O príncipe estava visivelmente perturbado.

— Sabe, Charlie, em breve Tess enxergará a péssima escolha que fez para a vida dela — improperou com a voz severa. — Ninguém nunca será capaz de amá-la da forma que eu amei.

Combati a vontade de rir e de cruzar os braços.

— Permita-me dizer, Alteza, mas não discutirei meus sentimentos com o senhor, menos ainda os de Tess.

— Eu realmente não sou capaz de dizer o que ela viu em você — ele prosseguiu, despejando a amargura aprisionada dentro do peito.

— Eu sei que não a mereço, mas, de alguma maneira, espero ser alguém que ela queira.

— Sr. Mikhailovich — a voz feminina e fria veio por trás de mim.

Virei-me para a outra soberana.

— Vossa Majestade — curvei-me.

Seus olhos eram como uma espada afiada. *Raios, ela estava realmente muito nervosa.*

— Mikhailovich, saiba que se o senhor já não tivesse pedido demissão, eu mesma o faria agora.

— Demissão não é o bastante. Ele merece ter a cabeça arrancada do corpo! — Grunhiu o príncipe.

Engoli em seco quando me dei conta de que aquilo não era bem uma brincadeira.

— Suponho que tenha vindo para assinar os papéis — ela ignorou o filho, para o meu alívio.

Assenti.

— Certo. Acompanhe-me.

Fiz uma reverência grotesca para Ryld e acompanhei a rainha pelo tapete vermelho no extenso corredor. Os guardas, parados feito estátuas, não puderam evitar virar o rosto quando me viram passar. Eu realmente havia deixado minha marca naquele lugar, era uma pena saber que os créditos não eram por conta dos meus grandes feitos, e sim pela grande desonra que causei ao beijar a noiva de um príncipe.

— Majestade, eu lamento o ocorrido de ontem.

Ela não disse nada, apenas continuou andando até a sala branca onde costumávamos tratar de assuntos importantes e confidenciais. Quando entramos, ela finalmente interagiu comigo:

— Estou com tanta fúria que sequer posso olhá-lo, Sr. Mikhailovich!

Baixei a cabeça. Nada do que eu dissesse poderia melhorar a situação, mas suspeitava de que até mesmo minha respiração podia piorar tudo.

— Todos os meus convidados ficaram cientes da pouca-vergonha sua com a noiva do príncipe...

— Ex-noiva — a corriji irrefreavelmente. Fechei os olhos com força, pronto para receber todo tipo de insulto. Seria uma grande sorte se ela não lançasse sua coroa em minha cabeça.

— Eu sei o que lhe ordenei a fazer, mas o noivado já havia sido rompido, não tinha necessidade daquela cena.

Levantei o queixo para encará-la.

— Perdão? — Arqueei a sobancelha.

— Sr. Mikhailovich, presumo que a razão por ter se envolvido com a brasileira tenha sido por motivação da missão que lhe dei.

— Lhe afirmo que não, Majestade. Estamos apaixonados. Pretendo me casar com ela.

— Ah, tenha santa paciência! — Exasperou. — Vocês planejam destruir a imagem do meu filho? Isso irá devastá-lo.

— Não tenho qualquer intenção de magoar Sua Alteza Real, mas, permita-me dizer, Majestade, minha vida pessoal não diz respeito a ele — disse com a voz severa.

Foi a vez da rainha erguer o queixo de modo desafiador.

— Não posso proibi-lo de se casar com Tess para proteger o coração ferido do meu filho — ela me deu as costas para pegar os papéis sobre a mesa e houve algo perturbador em seu tom de voz quando prosseguiu com o discurso —, no entanto, Mikhailovich, posso lhe garantir de que ficarei imensamente chateada com o senhor se optar em seguir por esse caminho.

Apesar do cuidado que Mary teve com o uso das palavras, eu a conhecia perfeitamente bem para saber que, do seu jeitinho sutil, ela estava me ameaçando. Naquele momento, ficou bem claro para mim que eu não conseguiria recuperar os pertences de Tess, uma vez que já estava sendo extremamente difícil me manter vivo com todos dentro do palácio me odiando com todas as forças.

Recolhi os papéis das suas mãos quando me estendeu e os assinei apressadamente.

Atravessei os portões do inferno enquanto o fogo queimava meu corpo. Hamish me aguardava ao lado de fora do carro, um pouco distante dele. Os braços cruzados indicavam que ele estava ansioso pelo meu retorno.

— Até que enfim! — Exasperou ao me ver. — Como foi?

— Agradável.

Sabendo que eu estava mentindo, ele riu.

— Tão ruim assim? — Perguntou.

Respirei profundamente e soltei o ar com lentidão.

— Isso não tem relevância. O objetivo foi cumprido. Assinei os papéis, agora estou livre — joguei o braço por cima dos seus ombros enquanto seguíamos em direção ao seu veículo. — Tess está no carro?

Senti que ele ficou relutante em responder.

— Sim.

— Qual o problema? — Questionei, reduzindo a velocidade dos passos.

Foram longos minutos de silêncio até Hamish resolver explicar. Aqueles minutos pareciam ter durado mil anos.

— Amy e Tess tiveram uma longa conversa.

Cerrei o cenho.

— Como ela sabia que Tess estava aqui?

Ele deu de ombros.

— Algum segurança deve tê-la informado. Você sabe melhor que ninguém como mulheres têm uma estranha facilidade em extrair informações quando querem.

— Sobre o que elas conversaram? — Questionei, temendo o pior.

Hamish sorriu. Um sorriso que fez com que eu me sentisse um tolo.

— Acho que as damas discutiram sobre a cor dos olhos do grande Balder — zombou, mas eu não ri. Amy podia ser perigosa quando queria, e se ela tivesse envenenado a mente da criatura, ah, então ela teria um grande problema comigo.

— *Diabhal!*

Corri em direção ao carro e, ao entrar, vi que Tess estava dormindo com a cabeça encostada na janela. O sono parecia profundo, sereno. Acomodei-me ao seu lado, desejando acolher a mão que estava sobre seu colo, mas temia despertá-la. Não sabia se ela havia acabado de pegar no sono ou se dormia há mais tempo, mas preferi deixá-la descansar.

Bem, talvez a conversa não tenha sido tão desagradável assim. Talvez Amy só quisesse conhecer Tess um pouco melhor. Eu estava me preocupando a toa.

Ou talvez eu fosse muito ingênuo...



Tess

ELE PASSOU O CAMINHO TODO AO MEU LADO SEM ME TOCAR, enquanto eu fingia estar dormindo apenas para evitá-lo. Eu queria chorar, essa era a grande verdade. O choro aprisionado dentro de mim estava esmagando meu peito, me sufocava. *Santo Deus, se o que aquela mulher me disse for verdade, então... então... Charlie e eu não temos chance juntos.* Ele jamais abandonaria uma mulher grávida, e eu nunca lhe pediria algo dessa magnitude. Mesmo não podendo ter filhos, eu compreendia a importância de uma criança crescer com um pai e uma mãe por perto. E Charlie, que foi uma criança que cresceu longe dos pais, sabia mais que ninguém o que era viver sem o amor de ambos. Ele iria querer proteger o futuro filho do mundo, iria querer lhe ensinar como se defender, como ser um bom homem ou uma boa dama.

De repente, tudo no Universo pareceu tão pequeno perto dessa grande descoberta.

Uma lágrima inesperada escorreu do meu olho esquerdo e eu não queria enxugá-la. Para Hamish e Charlie, eu ainda estava dormindo. A sorte era Charlie estar ao meu lado direito e não poder ver meu desespero deslizando por minha face.

O carro finalmente parou. Esperei mais alguns minutos para abrir os olhos e estirar meus membros de modo preguiçoso para anunciar que eu acordara.

— Bem-vinda de volta, dorminhoca — murmurou Charlie, irrompendo o silêncio, e antes que eu pudesse deter, minha mão já ia de encontro ao seus lábios para um delicado beijo. Estremeci e provavelmente fiquei pálida como gesso.

— E-eu estava cansada — gaguejei e puxei minha mão bruscamente.

Abri a porta para desembarcar antes que Charlie pudesse questionar minha atitude inesperada. Em outra situação, eu jamais impediria nossa pele de entrar em contato, uma vez que eu amava seu toque mais do que amava qualquer outra coisa.

Eu corri para dentro do hotel sem me despedir de Hamish. Deixei que as lágrimas rolassem quando entrei sozinha no elevador sem aguardar pelos dois homens. Eu basicamente encharquei meu rosto.

Ao entrar no quarto, lavei o rosto e me recompus. Se o coração estava fragmentado, ninguém precisava saber.

Mesmo com a porta fechada, eu soube quando Charlie chegou no terceiro andar. Eu podia sentir sua presença aonde quer que ele estivesse, era como se aquele homem fosse uma parte de mim. Um pedaço do meu corpo.

Quando ele entrou no quarto, eu estava de costas, olhando pela janela.

Seu cheiro.

Sua respiração.

Tudo fazia com que eu morresse um pouquinho mais, ao passo em que o escocês se aproximava.

— Tess?

Continuei de costas, sem proferir uma única sílaba inútil e vazia.

— ...vire-se para mim — ele prosseguiu, a voz era cautelosa e tão profunda quanto suas cicatrizes, e tinha uma enorme capacidade de enfraquecer meus pés.

— Eu gosto da vista — falei em baixo tom, criando desculpas para não encará-lo.

Charlie se posicionou ao meu lado e também olhou Londres pela janela.

— É incrível — admitiu —, mas eu prefiro a constelação deslumbrante que há dentro dos seus olhos — virou-se para me fitar, colocando-me em completa rendição. — Olhe para mim.

O chão tremeu sob meus pés. Se meus olhos eram uma constelação, como Charlie disse, naquele momento, eu era uma estrela ardente.

Usei toda força que restava dentro de mim para fazer o que ele me pedia, e meus olhos encontraram os dele. O sorriso cresceu em seus lábios, e foi como se um trem tivesse acabado de passar por cima de

mim. O meu coração foi engolido por seus olhos e depois mastigado por seu sorriso. Eu era tão dele, que sentia que morria de oito bilhões de formas diferentes quando não estava em seus braços.

— Fale comigo agora. Apenas fale — seus olhos eram como um vendaval agitando as árvores. E sua voz, como um sopro intenso em minha alma.

— Não... Não podemos ficar juntos, Charlie — suspirei, anunciando meu terror, estava sendo difícil encontrar as palavras.

Meu coração era uma tempestade, e as nuvens estavam se agitando ali dentro. Quando ele tocou meu rosto, eu senti que toquei o céu.

— Não me importo com o que Amy tenha lhe dito. Mas fixe sua mente nessa verdade única: — disse de forma clara, dissipando meus medos. — Eu estou loucamente apaixonado por você.

— Charlie... — fui ficando sem fôlego para continuar.

Assisti tudo se despedaçar. Eu me despedaçar.

— Tess, você é tudo o que respiro.

Que diabos! Que diabos!

Eu, que estava tão forte, fui quebrada com uma única frase, em um único momento.

Me vi desesperada e fui tremendo para dentro dos seus braços. Eu era dele, mesmo antes de não ser, e era isso que simplesmente me desmontava.

O afastei e precisei da sua respiração emprestada para conseguir dizer o que estava preso na minha garganta, rugindo como um leão.

— Charlie, não podemos ficar juntos porque ela, Amy, está grávida de você.

Seus olhos estouraram em cores mortas. Ele soltou o ar como se tivesse emergido das águas.

— O que disse? — Sua voz me derrotou. Derrotou minha fé.

Engoli em seco.

— Amy me disse que está grávida de você. Me diga, isso é mesmo possível?

A forma como Charlie me fitou nos minutos seguintes arrancou a cortina dos meus olhos e eu me desmanchei em lágrimas novamente.

— Isso não é verdade. Não pode ser verdade! — Ele falou consigo mesmo, esquecendo-se da minha presença por um instante, e depois voltou-se para mim: — Eu a encontrei hoje e ela não me disse nada.

Mordi o lábio inferior, sem saber o que dizer.

— Tess, ela está mentindo para você. Amy não aceita que tenhamos terminado.

— Você não pode afirmar que ela está mentindo — rebati, em um misto de fúria e mágoa.

Charlie tentou me segurar, mas eu me esquivei, recorrendo à outra extremidade do quarto.

— Não posso, mas afirmo. Eu a conheço, sei que tentou envenenar sua mente para que você me deixasse.

Esfreguei os olhos para conseguir olhar para ele sem ver apenas um borrão como estava acontecendo.

— E se não for mentira? E se aquela mulher estiver realmente esperando um filho seu? — O coloquei contra a parede. — A deixará desamparada?

Ele encarou os próprios pés e também esfregou os olhos, depois os cabelos e desceu com as mãos até a barba feita.

— Não permitirei que você abandone seu filho — acrescentei com determinação.

— Eu jamais abandonaria um filho meu! — Rebateu com urgência.

Seus olhos encontram os meus. O sofrimento que havia dentro dos seus me incomodou.

— Então talvez você devesse descobrir se o que Amy diz é verdade.

— E se for? — Charlie perguntou.

Me abracei, tentando controlar a tremedeira que me balançava, perdida nas palavras a serem ditas.

— Se for verdade — procurei forças dentro de mim para conseguir continuar a falar. — Se for verdade, então eu irei embora.

— Tess, por favor... — sua voz desmoronou meu mundo. Seu rosto amável estava marcado por dor.

— Eu estou esmagada, isso é tudo o que posso lhe dizer agora.

Girei com os calcanhares e fui em direção à maçaneta da porta. Eu precisava sair. Precisava ficar distante dele antes que...

— Tess, por favor — repetiu, e aproximou-se de súbito, procurando esperança em meio ao desespero.

— O que está me pedindo Charlie? Para ficar aqui e vê-lo construir uma família com outra?

— Não sei o que estou lhe pedindo, apenas preciso que fique agora. Por favor, Tess, fique. Eu preciso de você agora, mais do que preciso viver um outro dia.

Meus joelhos ficaram tão perto de tocarem o chão.

Se eu ficasse, talvez nunca mais conseguisse ir embora. Se eu ficasse, eu resolveria ficar para sempre, mesmo que Amy realmente estivesse grávida dele, e eu o colocaria em uma posição difícil. Charlie iria querer viver ao lado da mulher que esperava um filho seu.

Então eu saí, enquanto meu coração ainda estava batendo e minha alma respirando.



Escocês

— **QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE SE DEITOU COM ELA?** — Questionou Kate. Eu recorri a eles assim que Tess atravessou a porta depois de eu tanto ter lhe pedido para ficar.

— Eu não tenho certeza. Há um mês, dois talvez — falei, confuso.

— Meu Deus, Charlie. Não usavam proteção!? — Questionou Hamish.

O encarei com frieza.

— Amy tomava remédio. Ao menos era o que ela me dizia.

Kate segurou a mão do marido, como se estivesse tentando controlá-lo. Bem, se Hamish quisesse esmurrar minha cara naquele momento, eu provavelmente deixaria. Quem sabe isso fizesse com que eu acordasse desse pesadelo.

— Isso não importa agora. Você precisa conversar com Amy, Charlie. Se ela está realmente grávida, você precisa ter certeza de que o filho é seu. Não que eu esteja julgando a moça, mas sabemos o quanto ela te ama e de todas as maluquices que já fez para seduzi-lo.

Encostei a testa na parede fria do quarto quando Hamish fez a pergunta que congelou todos meus ossos.

— Se casará com ela? Se Amy estiver mesmo esperando um filho seu, se casará com ela?

Suspirei, fechei os olhos e precisei colocar a cabeça no lugar. Eu era um homem que não fugia das responsabilidades. Se aquela mulher estava carregando um filho meu, eu teria que me casar com ela, se ela quisesse, certamente. Lhe daria um teto para morar e todo conforto que estivesse ao meu alcance. Um filho meu nunca cresceria longe do pai, não importava que meu coração fosse de outra.

— Sabe que sim, Hamish — o respondi com um fio de voz.

— Estamos em pleno século 21, Charlie!

— Sim, mas você sabe que minha criação foi semelhante à do século passado.

— Você estava certo sobre se casar com a brasileira... — provavelmente Kate lhe dera uma cotovelada, porque ele deixou sua frase inacabada e soltou um gemido de dor.

— Onde está Tess? — Perguntou Kate de forma muito mais delicada.

Prendi o ar e desejei afogar cada mágoa em uma garrafa de conhaque.

— Ela saiu. Não sei se voltará — falei, e me virei de frente para o casal. — Por que Amy não falou comigo? Por que optou por falar com Tess?

Hamish deu de ombros.

— Quando eu vi Amy se aproximar, eu percebi que estava abatida, seu rosto estava marcado por lágrimas, mas nem em mil anos eu pensei que ela fosse dizer algo assim — Hamish falou, como se estivesse se desculpando por algo. — Amy pediu privacidade para falar com Tess, e você conhece bem a brasileira, eu realmente não pude fazer nada.

Dei dois tapinhas em suas costas para tranquilizá-lo.

— Nada disso é culpa sua, está me entendendo?

Ele assentiu.

— Não irá procurar por Tess? — Kate perguntou, espantada.

Neguei com a cabeça.

— Ela precisa pensar. Nós dois precisamos. Não estou em condições de acalmá-la agora — olhei de um para o outro. — Eu preciso beber, antes de mais nada.

— Charlie...

— Está tudo bem. Fique com sua esposa — o cortei, sabendo que ele teimaria em ir comigo até o *Pub* mais próximo para que eu não entrasse em coma alcoólico, pois foi o que quase aconteceu quando Logan morreu.

Minhas palavras foram totalmente inúteis. Hamish já estava me seguindo assim que deixei seu quarto.

— Talvez não seja tão ruim assim — ele comentou, e apertou o botão do elevador, já que eu não o fiz. Minha mente parecia uma engrenagem enferrujada, tinha parado. Eu não conseguia pensar.

Um filho. Um filho com uma mulher que não amo.

— Você sempre quis ser pai. E agora talvez isso realmente aconteça — ele continuou, sem saber que cada palavra sua me torturava um pouco mais.

Eu me virei para ele e olhei no fundo dos seus olhos oceânicos.

— Hamish, eu amo a Tess. Pela primeira vez em toda minha vida eu sei o que é amar alguém e estou vendo esse amor ser banhado em lágrimas.

A porta do elevador se abriu, mas não entramos.

— Então não se case com outra mulher, mesmo que ela esteja grávida de você. Você não precisa ser um marido para ser um bom pai. Você não precisa anular sua felicidade para fazer seu suposto filho feliz — aconselhou, austero.

— Eu... eu não quero mais falar disso! — Grunhi e entrei no elevador, sendo seguido por ele.

— Me ouça, Charlie...

— Tess não será feliz comigo se eu tiver um filho com outra!

Ele ergueu a sobrancelha, sem entender.

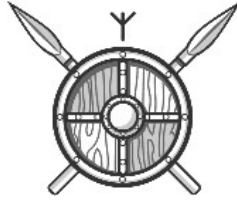
— Ela não pode ter filhos — expliquei com extrema paciência. — Ver outra carregando um rebento meu, a devastaria.

Seu rosto foi tomado por uma expressão de perplexidade.

— Você ia se casar com ela mesmo sabendo que jamais poderiam ter filhos?

Assenti em completo estado de nirvana e saímos do elevador.

— Ter ela seria mais do que o suficiente — murmurei.



Quando me encontrei com Amy um dia depois e ela confirmou a gravidez, pela primeira vez, eu desejei ardentemente a morte. Não pela notícia do filho, mas por ser com alguém que eu não amava de forma alguma. Se não fosse por Hamish, eu teria encontrado um jeito de descontar minha frustração de maneira perigosa e violenta.

Tess havia desaparecido, não como se tivesse sido sequestrada. Ela deixara uma carta com Kate enquanto eu não estava para dizer que se hospedara em outro hotel ainda em Londres. Eu sabia que ela aguardava um parecer meu para confirmar se o que Amy lhe dissera era verdade.

Mas, quando cheguei ao hotel em que Tess estava, eu simplesmente esqueci de como se andava. Fui tomado por uma paralisia momentânea e psicológica. Raios, eu não estava pronto para dizer adeus para aquela criatura. Minha boca amargava apenas com o pensamento de não vê-la nunca mais. Então, covardemente, retornei para meu quarto de hotel.

Três dias se passaram sem que eu a visse, os meus dias em Londres estavam contados, eu tinha que falar com Tess o quanto antes, pois eu precisava voltar para a Rússia como havia prometido para Nikolai. Tudo o que eu não precisava àquela altura, era de russos interferindo na minha vida.

Foi na manhã de sábado que finalmente criei coragem para bater em sua porta e lhe contar a verdade.

Quando ela abriu a porta, eu me apaixonei pela segunda vez pela mesma mulher. Os cabelos castanhos estavam espalhados à vontade pelos ombros, os lábios carnudos entreabertos para uma pequena passagem de ar. Eu não diria que Tess sorriu ao me ver, mas houve um enorme brilho dentro dos seus olhos quando nos encaramos.

— Charlie — balbuciou.

Pigarreei para desfazer o nó na garganta.

— Posso entrar?

Ela aquiesceu timidamente.

— Claro que sim — e me deu passagem.

Ela fechou a porta e cruzou os braços, esperando que eu tomasse a frente do assunto.

— Charlie? — Me chamou, ao perceber que eu estava com dificuldade de projetar as palavras. — Falou com Amy?

— Sim.

— E então?

— Ela não estava mentindo. Está, de fato, grávida — respondi.

Eu vi seu rosto ser tomado por uma sombra melancólica e o estremecer de suas pálpebras.

— Então devo lhe dar meus parabéns — falou com sinceridade.

— Tess — reduzi nossa distância há poucos centímetros, a ponto dela precisar erguer o queixo para olhar em meus olhos.

— Você a ama?

— Não! — Minha resposta rápida a espantou, e também a agradou.

— Eu não posso lhe dizer o que fazer, Charlie. Essa é a sua vida, o seu filho.

Em resposta, a beijei avidamente.

Minha língua buscava pela sua com desespero, e quando elas se encontravam, nada no mundo parecia importar. Era como se tivessem procurado uma pela outra a vida inteira. Nenhuma outra mulher fez com que eu me sentisse tão ardente apenas com um toque. Nenhuma outra mulher coube tão perfeitamente em meus braços. Naquele momento, enquanto eu entregava tudo de mim através de um beijo, decidi que se a vida fosse um sopro, eu queria que o meu último fosse dado ao lado dela.

— Você ainda me quer, *boireannaich*? — Desci com os lábios úmidos por seu pescoço e senti seus batimentos cardíacos acelerados através da fina camada de pele. — Essa nova montanha será muito alta para escalarmos, mas, ainda assim, você quer o meu coração?

A ergui em meu colo e a carreguei para a cama, me deitando por cima dela sem colocar todo o peso do meu corpo.

Eu precisava dela. Precisava do calor da sua feminilidade.

— Diga. Se quiser que eu seja seu, por raios — mordeu o lóbulo da sua orelha e a ouvi gemer de prazer e se contorcer embaixo de mim —, diga e eu serei.

— Charlie. Ah, Charlie — sua voz só não era mais baixa que sua respiração —, seja meu.

Afaguei seus cabelos e lágrimas surpreendentemente boas escorreram dos meus olhos, uma gota em cada olho, molhando seu rosto. Eu odiava chorar. Nunca chorava, mas o alívio que senti foi tão grande que eu não me detive.

— Sou seu, *boireannaich*, agora e para sempre — eu disse, enquanto minha mão erguia sua camiseta e a arrancava pela cabeça. — Nada nunca ficará entre nós. Começando por essas peças de roupa.

— Bem, então talvez eu devesse aguardá-lo nua da próxima vez — ela brincou, me fazendo rir em sua nuca arrepiada.

— Ah, criatura, isso seria escandalosamente generoso.

Deslizei sua calça por suas coxas sem desprender os olhos dela. Nunca imaginei que uma mulher fosse capaz de ficar tão linda com as bochechas coradas e que um simples olhar de cobiça seria o suficiente para me fazer arder de desejo.

Tess de calcinha e sutiã sobre a cama era a visão do mais delicioso pecado brasileiro. Eu queria lhe dar prazer através da minha boca, prová-la demoradamente como se faz com o vinho, mas se eu não me acomodasse dentro dela naquele instante, em um piscar de olhos eu me esfarelaria. Eu viraria pó.

— Você se esqueceu de como funciona isso? — Ela perguntou indelicadamente, consciente de que eu a devorava com os olhos. — O senhor precisa estar dentro de mim para que o ato seja consumado.

— Dentro de você? — Perguntei, para fazê-la ouvir a própria depravação.

— Ora, Charlie!

Sua expressão me arrancou uma risada inesperada. Em menos de um minuto, eu já estava totalmente nu e ajoelhado na cama.

— Me mostre como é estar dentro de você — eu pedi.

— Você já esteve dentro de mim — lembrou-me.

— Eu sei, mas a ideia de ter suas mãos me tocando parece estupidamente boa.

Ela soltou um suspiro e molhou os lábios com a língua, atijando-me ainda mais sem se dar conta de que o fazia.

Quando Tess se inclinou, eu paralisei. A vi se desfazer do pouco tecido que ainda estava em seu corpo. Assisti a todos os seus movimentos, combatendo a vontade de tocá-la.

— Deite-se — ela pediu, e eu, como um bom cavalheiro, obedeci sem pestanejar.

Suas unhas percorreram vagarosamente minha perna, ericando meus pelos, e subiram até minha boca.

— Eu sei que você quer se enfiar entre minhas pernas, mas essa noite sou eu quem comando.

Quando pensei em tomar seus dedos em meus lábios, ela montou em cima de mim, arrancando-me um gemido alto, e eu clamei para todos os deuses.

— Diga-me, isso é bom? — Murmurou, mexendo-se vagarosamente comigo dentro dela em movimentos circulares. Acelerando aos poucos.

Agarrei seus quadris sem respondê-la. Era impossível reproduzir qualquer som que não um gemido. Então, ela parou de se movimentar.

— Tess...

— Você me deu uma missão, então apenas relaxe, pois sou eu quem está no controle.

E começou a me apertar, se fechando comigo dentro dela, eu sequer sabia que aquilo era possível.

— Me diga, o que você me daria por isso? — Perguntou. Havia tanto prazer no som da sua voz, na sua respiração entrecortada.

Ela era como um veneno controlando meu corpo. Rebolava e parava. Se comprimia, e retraía. Se movia de formas misteriosas.

— Tudo, Tess. Eu te dou tudo! — Grunhi quando ela saiu de mim. Seu calor úmido foi substituído pelo frio do quarto.

— Mantenha-se focado no jogo e terá sua recompensa.

— Quero agarrar seus ombros e sacudi-la, querida! — Seu calor encontrou meu membro novamente. E, de alguma maneira, dentro dela pareceu ainda mais quente daquela vez. — TESS! — não consegui conter o grito que atravessou minha garganta.

— Você será meu amanhã? Ou será meu só essa noite? — Ela interrompeu os movimentos dos quadris para perguntar, fazia parte do seu jogo.

Pelos deuses, todas as palavras me fugiam quando ela me apertava daquela forma.

Ela voltou a mexer a bunda. Rebolando devagar, e então rápido.

— *Para sempre. Seu para sempre* — consegui balbuciar, cheio de tesão. — Ah, diabo, isso está muito bom.

Entre um vai e vem dos seus quadris, ela acelerou os movimentos, agarrada na cabeceira da cama com uma mão. Eu senti o calor da sua língua nos meus lábios.

Segurei seus cabelos em profunda devoção para prender sua boca na minha e não deixá-la escapar.

— Seu cavalheiro está cansado de ser gentil — sussurrei e a tirei de cima de mim em um gesto criterioso para deixá-la por baixo. — Eu não sei o que é isso que você está fazendo, mas está me queimando, se eu não gozar dentro de você agora eu irei explodir, lhe garanto, criatura!

— Então, deixe-me ainda mais molhada.

— É você quem manda!



Tess

DEPOIS QUE A ADRENALINA CESSOU, eu não sabia mais como agir perto dele. Eu estava confusa, e o silêncio de Charlie me fez compreender que ele não se sentia diferente de mim.

— O que existia entre você e ela? — Perguntei, com a cabeça deitada em seu peito nu. Eu poderia ficar deitada com Charlie naquela cama o dia todo.

— Nada perto do que há entre você e eu — ele respondeu e respirou o perfume dos meus cabelos, depois beijou minha cabeça.

— E o que há entre nós? — Retorqui, sabendo que estava andando em uma ladeira escorregadia.

A resposta estava escrita em seus lábios, mas eu queria que ele dissesse em voz alta para tirar o meu fôlego.

— Se você me deixar ser seu mais do que por uma noite, então eu vou cuidar de você pelo resto da minha vida.

E então eu fiquei sem fôlego.

— Isso pode ser muito tempo.

— Estou contando com isso, *boireannaich*.

— E Amy? — Questionei, sentindo o peso que continha naquele nome. Nossas vidas quase foram separadas por ela, Amy.

Charlie inspirou profunda e longamente.

— Não poderei tirá-la da minha vida. Mas tenha certeza que a única coisa que me manterá perto dela será o nosso filho.

Assenti.

— Preciso saber se você ficará bem com isso — ele insistiu, esperando por uma resposta verbal.

— Eu... tentarei — falei com sinceridade e mudei de assunto, desviando do futuro como se estivesse desviando de uma bala. — O que você veio fazer aqui, Charlie?

Ele nem fingiu que não sabia sobre o que eu falava. Me sentei na cama, com os olhos arregalados para ele. Minha alma estava oca. Na verdade, acho que eu tinha morrido por dentro.

— Ah, meu Deus, você veio se despedir!? — Questionei, chegando à conclusão sozinha.

Levantei da cama em um pulo, descansando na ideia de que ele estava olhando para mim.

— Eu ia me casar com Amy. Não há razão para esconder isso de você — ele disse, perfurando meu coração com as palavras com uma eficácia espantosa.

— Então o que foi tudo isso? Uma noite de despedida? — Questionei, ressentida. Eu estava queimando por dentro.

— Não. O começo de uma vida inteira. Case-se comigo! — Ordenou.

Ele se levantou e o meu coração foi parar na garganta. Não, eu inteira fui virada do avesso. As emoções ao lado daquele escocês eram constantes. Não havia dúvida de que ele tinha um parafuso há menos na cabeça.

— Como é? — Minha reação foi instantânea.

Seus olhos brilhavam tanto, que podiam facilmente cegar alguém.

— Case-se comigo — ele repetiu e me segurou firme. — Tudo o que eu quero, tudo o que sempre quis, está bem na minha frente.

— Charlie, você não pode vir até o meu quarto com intenção de se despedir de mim e acabar me pedindo em casamento.

Eu tentei recuar, mas minhas pernas estavam moles e seus dedos firmes em meus braços, a junção das duas coisas me mantiveram estática sob um olhar escuro feito a noite.

— Sua tola! — Ele atacou, perdendo a compostura. — Minha intenção sempre foi me casar com você.

— Foi? — Perguntei, esquecendo minhas falas. Eu estava em completo estado de choque.

— Sim. Todos sabem disso, eu só não sei porque raios você não saberia.

— Ora, talvez seja porque você nunca tenha me dito.

— Estou lhe dizendo agora, criatura.

— Você está sendo precipitado...

Ele bufou, impaciente, e de um minuto para o outro, me ergueu em seus braços. Soltei um gritinho de espanto. O homem estava desajuizado.

— O que... o que está fazendo? — Perguntei, confusa.

— A levando para a igreja para que se case comigo.

— Charlie, você enlouqueceu de vez? Me coloque no chão agora mesmo!

— Me responda uma coisa, Tess. Não quer se casar comigo? — Olhou no fundo dos meus olhos com uma determinação de estremecer.

Engoli em seco. A resposta era tão óbvia que chegava a me dar falta de ar e, ainda assim, Charlie aguardava pacientemente por ela.

— Claro que quero, mas...

— Sem "mas". Estou farto de não acordar com a mulher que amo com a cabeça em meu peito toda manhã — as palavras pareciam ter sido derramadas da sua boca.

— O que disse?

Ele ergueu a sobrancelha. Seus olhos eram mais profundos que o mar.

— Você me ama? — Perguntei em um sussurro quando reparei que ele ficara rígido instantaneamente.

Minha garganta estava tão apertada que se tornou difícil de engolir.

— A amo com meu coração humildemente curvado — sua língua confessou. — A amo com cada respirar.

Meu rosto foi tomado por um sorriso enorme, e meu coração, por uma calmaria cálida.

— Charlie... seu escocês maldito. Você é o que eu quero agora e para sempre.

Ele me olhou daquele seu modo desconfiado.

— Você é a única dama capaz de dizer algo tão bonito após um nobre insulto — zombou e me colocou no chão com delicadeza enquanto

eu ria.

— Bem, você torna difícil não ofendê-lo; já que está sempre me aborrecendo.

— Espero poder aborrecê-la pelo resto da minha vida e em Kerrera, caso aceite ser minha esposa.

O pensamento sobre dormir e acordar ao lado de Charlie todos os dias da minha vida, me pareceu assustadoramente bom. Mas... em Kerrera?

— Caso eu aceite ser sua esposa, suponho que poderemos entrar em um acordo sobre onde iremos morar — joguei no ar.

Sua testa de repente foi marcada por linhas de expressão.

— Algo de errado com Kerrera? — Questionou preocupado.

— De modo algum — assegurei. — Mas sou uma moça de cidade grande. Receio que eu enlouqueceria logo no primeiro mês morando em uma ilha.

Ele pareceu compreender meu temor, contudo, senti que algo terrível o preocupava.

— Certo — pigarreou, e agiu como se estivesse pensando cautelosamente sobre o que dizer. — Enquanto não nos decidimos, será que podíamos continuar em Kerrera?

Concordei com a cabeça.

— Claro.

Ele desviou de mim e foi até meu guarda-roupa.

— Vejo que comprou algumas roupas — reparou, e não se virou para me perguntar: — Há uma mala onde eu possa guardar tudo?

Vi minhas roupas serem jogadas na cama. Charlie estava apressado.

— O que está fazendo? — Questionei.

— Recolhendo seus pertences para levá-la comigo. Precisamos sair de Londres ainda hoje.

Fui até ele e o puxei pelo braço para obrigá-lo a me olhar.

— Por que?

Ele trincou o maxilar e olhou por cima do meu ombro. Visivelmente sem coragem de encarar meus olhos.

— Charlie, o que não está me contando?

— Não há nada com o que você deva se preocupar, Tess.

Cruzei os braços, entrando na defensiva.

— Devido a todas as coisas que já nos aconteceu, temo que eu não possa acreditar em você.

Suspirou com irritação.

— Tente não me enlouquecer a essa altura. Estou tentando consertar as coisas.

Segurei suas mãos com carinho.

— Isso é o que você tenta fazer o tempo inteiro. Mas agora somos um time, você precisa começar a ser honesto comigo.

Por um momento, acreditei que Charlie fosse começar a despejar todas as suas frustrações em cima de mim, tudo o que ele guardava em seu coração calejado. Mas o endiabrado era teimoso e orgulhoso demais para isso.

Ele se soltou e seguiu em direção à porta.

— Se quer me ajudar, então pegue suas coisas e venha comigo para Kerrera!



Escocês

— **FOI POR MUITO POUCO QUE NÃO CONTEI TUDO A ELA** — falei para Hamish. Já era noite quando andávamos pelas ruas de Londres.

— Ela teria enlouquecido se soubesse o acordo suicida que você fez com Nikolai para protegê-la — respondeu, chutando uma pedra. Aquela pedra estava nos acompanhando há algumas ruas.

— Foi por isso que mordi a língua no último minuto — confessei.

— E ela concordou em ir para Kerrera mesmo assim?

Dei de ombros.

— Eu saí antes de ter certeza de que ela iria comigo.

— Mas precisamos partir — olhou seu relógio no pulso — em menos de duas horas. Se Tess for tão teimosa quanto Kate, você terá um grande problema para arrancá-la de Londres sem se explicar, meu amigo.

Em resposta, eu apenas sorri.

— E o que fará com Amy? — Perguntou com curiosidade.

— Eu disse a ela que voltarei em um mês para saber como o bebê está.

Hamish breiou os passos para me fitar.

— Ela terá um surto quando descobrir que você pediu a brasileira em casamento. Esteja preparado para uma guerra, grande Balder.

Revirei os olhos e passei por ele, o deixando para trás com sua pedra.

— Eu sempre estou preparado para uma guerra — brinquei. O que já não era verdade há muito tempo. Ultimamente minha única preocupação tinha sido aquela criatura com voz de trissar.

— Você sabe que hoje a bebida é por sua conta, não? — Ele gritou, e ao perceber que estava ficando bem pra trás, se apressou.

— E por que raios seria?

— Você ia se casar com uma doida se eu não colocasse juízo na sua cabeça no último segundo.

— Ainda vou me casar com uma doida, Hamish — o alertei, sem conseguir conter o riso.

— Mas essa doida você ama — retrucou.

— Será que estou fazendo a coisa certa? — Minha pergunta nos obrigou a parar de andar. — Não tenho dúvida sobre o que sinto por Tess, mas esse amor vale todo esse risco que estamos correndo? Que *ela* está correndo.

Ele esfregou a testa.

— Essa é uma decisão dela.

Bufei.

— Era tão mais simples antes de eu conhecê-la.

Ele se abaixou rapidamente para pegar a pedra na mão e a estendeu para mim.

— Está falando da época em que seu coração era tão frio e tão duro quanto essa pedra?

— Você faz parecer que eu era um monstro.

— Bem... — deixou o suspense no ar e gargalhou.

Faltava menos de uma quadra para chegarmos ao *Pub* quando um disparo foi dado, e eu senti o vento proporcionado pela velocidade do projétil em meu ouvido e depois o "*bang*". Alguém tentara me acertar.

Prontamente, Hamish e eu corremos para trás de um muro para nos protegermos, quando um segundo disparo foi dado.

— Mas que... que *porra* é essa!? — Hamish deixou escapar.

— Está armado? — Perguntei com urgência e expectativa.

Ele negou com a cabeça.

— Faz muito tempo que não preciso andar armado. Você também não está? — Perguntou em pânico. Também neguei com um balançar de cabeça. — Então, estamos mortos, meu amigo.

Praguejei baixinho e me inclinei para olhar por cima do pequeno muro. Um homem encapuzado vinha em nossa direção. Os passos eram

determinados, o braço estendido com uma arma em punho. Pela distância e a baixa luminosidade, era praticamente impossível conseguir distinguir com precisão o tipo de arma que o sujeito portava.

Quando ele viu o topo da minha cabeça, deu outro disparo. Foi por muito pouco que não fui atingido. Meu coração acelerou e minhas mãos suaram frio, a única vantagem em quase ter a cabeça alvejada, foi porque eu pude distinguir o tipo de armamento que ele usava através do som.

— Ele já deu três disparos. Precisamos fazer ele errar mais 3 para ficar sem munição!

— Acha que é um Calibre.38?

— Torço para que seja — falei com sinceridade. — Me dê seu blazer.

Mesmo sem entender, Hamish fez o que eu pedi.

— Espero que não seja tão sentimental com suas vestimentas — eu disse, e então joguei o blazer por cima do muro para usá-lo de distração.

O atirador caiu na armadilha e deu seu quarto disparo na peça de roupa por puro reflexo.

— Faltam mais dois — murmurei, sabendo que nosso tempo estava curtíssimo.

Olhei ao redor, procurando por alguma barricada. Tirando os dois postes de iluminação, havia apenas uma lixeira de rua que teria de servir para o propósito.

— Me dê cobertura — sussurrei para Hamish, deixando clara a minha intenção. O plano era aparecermos os dois ao mesmo tempo para que o atirador ficasse confuso em quem atirar e então errasse o quinto disparo.

Contei o tempo usando os dedos. *Três, dois* e no um, eu corri para a lixeira ao mesmo tempo em que Hamish deu a cara para o atirador por cima do muro. Aconteceu o esperado, o sujeito, sem saber em qual dos dois homens devia atirar, errou o quinto tiro e atingiu o vácuo.

Hamish e eu trocamos olhares. Na distância em que estávamos um do outro, seria praticamente impossível bolarmos um plano para que o sexto tiro fosse dado. Já estávamos ficando sem opções, não sabia qual

outra tática utilizaria para que o atirador ficasse sem munição. Então, olhei para as pedras no chão.

Que diabo, isso é ridículo.

Aquela seria minha única alternativa, eu precisava confundi-lo, atordoá-lo e torcer pelo melhor.

Peguei um punhado de pedras na mão e mostrei para Hamish, crédulo de que ele enxergaria e compreenderia minha estratégia.

O fato de termos trabalho juntos por muitas vezes, facilitou a comunicação visual. Não havia dúvida de que ele estava questionando minha sanidade naquele momento, mas como um bom amigo, ele aceitou fazer parte daquilo. Encheu sua mão de pedras do mesmo modo que eu fizera.

Assim que eu assenti com a cabeça e dei a ordem, a tática foi posta em prática. As pedras foram lançadas na direção do sujeito. A terrível maldição, foi o fato dele não ter feito o sexto disparo. Tudo o que fez, foi se esquivar e proteger o rosto com um braço, enquanto o outro continuava estendido e com a arma em punho, mesmo sem enxergar em que estava mirando.

Eu precisava agir, ser rápido e pegá-lo desprevenido. Aproveitei a oportunidade e corri em direção ao atirador, ziguezagueando para não ser alvejado, ao passo em que Hamish continuava lançando as pedras. Me joguei sobre o seu corpo, e a força do impacto e o desequilíbrio nos levou para o chão.

Sua arma, que agora era possível ser identificada precisamente, se tratava de uma *Smith Wesson 610*, escapou da sua mão e foi lançada para trás, ficando fora de alcance.

— Uma única munição. Você estava certo — disse Hamish ao se aproximar. Ele recolheu o revólver do chão e bateu no retém do tambor para abrir a arma. — Como sabia?

— Pelo som — expliquei, após desmaiar o sujeito com uma cotovelada.

— Está bem. Eu admito, você é melhor que eu.

— Quanto a isso eu não tinha a menor dúvida — falei para irritá-lo.

Ele resmungou baixinho.

— Um enviado de Nikolai? — Perguntou, se referindo ao atirador ainda desacordado.

Revirei os bolsos do moletom do homem, procurando por sua identidade. Tudo que encontrei foi um isqueiro e um maço de cigarro.

— Não acho que Nikolai tenha enviado alguém para me matar. Ainda estou dentro do prazo que dei a ele.

As sobrancelhas de Hamish se juntaram tanto que pareceram uma só.

— Um enviado da rainha, então?

Mantive o joelho pressionando o peito do atirador para mantê-lo no chão caso ele despertasse e tentasse reagir.

— Da rainha, não. Acho mais provável que seja do príncipe — respondi com frieza, e tirei o gorro para revelar o rosto do homem. Aqueles traços não me remetiam a ninguém que eu conhecesse. Era um jovem que provavelmente precisava de dinheiro e aproveitou a oportunidade que lhe deram.

— O que faremos com ele? Não podemos executá-lo — disse Hamish.

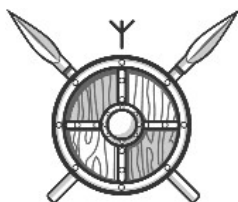
Olhei para a lixeira, que minutos atrás eu usara como escudo, e me posicionei para erguer o homem em meus braços.

— Tire a tampa — pedi a Hamish, que me seguia. Assim que ele o fez, joguei o homem dentro da lixeira e a tampei.

— E o revólver? — Perguntou, me mostrando a arma.

— Bem, eu estou mesmo precisando voltar a andar armado.

Ele sorriu e me entregou o revólver.



Foi uma grande surpresa quando a encontrei deitada em minha cama assim que retornei ao meu quarto de hotel. Já se passavam das

onze da noite e ela ainda estava acordada, esperando por mim. Mas, o que de fato me surpreendeu, foi a pequena mala de rodinhas ao pé da cama.

— Está suado — reparou, assim que eu atravesssei a porta. — Esteve correndo?

Engoli uma risada.

— De certa forma — respondi de forma vaga. Eu não podia ser sincero com Tess e dizer que Ryld provavelmente mandou alguém para tentar me matar, ela surtaria, e do jeito que tinha um gênio forte, ela mesma tentaria resolver a situação com o príncipe.

Ela se levantou e andou até mim de cabeça baixa.

— Bem, quando iremos para Kerrera?

Contive a vontade de agarrá-la em meus braços.

— Em menos de trinta minutos — levei um dedo em seu queixo e ergui seu rosto para olhar em seus olhos. — Admito que o medo de você não ir comigo estava me corroendo por dentro.

Ela deixou seu rosto se iluminar com um sorriso.

— Ora, eu preciso estar por perto para impedi-lo de fazer uma tremenda burrada.

Por um momento eu congelei, temendo que ela soubesse do meu acordo com Nikolai. Contudo, havia pureza demais dentro dos seus olhos de raposa. Se Tess soubesse de algo, a essa altura, objetos já estariam sendo lançados em minha direção. Ter uma criatura daquelas como esposa seria a missão mais difícil da minha vida.

De súbito, seus ombros ficaram mais esticados e seu olhar, mais inclemente.

— Se encontrou com Amy? — Inquiriu.

— Sim. Precisei lhe dizer que iria me ausentar por um tempo.

Empinou o pequeno nariz de modo questionador. Olhei para dentro da sua alma através dos seus olhos.

— Ela sabe que iremos nos casar?

Eu sentia que devia mentir para evitar uma briga, mas eu já mentira o bastante para Tess para protegê-la, então, quanto mais verdades eu conseguisse dizer, eu diria. Um relacionamento não dependia apenas de amor para sobreviver. Era preciso confiança e lealdade. Então optei por ser honesto, mesmo consciente de que isso a chatearia.

— Não, eu não disse.

Ela retesou os lábios.

— Por que?

— Não vi necessidade de dizer — falei com franqueza. Eu não conseguia encontrar palavras certas para dizer as coisas presas em minha mente.

Ela se afastou, como sempre fazia quando estava aborrecida comigo para que eu não a tocasse ou para que eu não visse seus olhos tremerem enquanto ela erguia muralhas para não chorar.

— Certo.

— Tess, não faça isso. Não tente competir com ela.

— Eu, certamente, não teria chance.

— *Ela* não teria chance. Você é única mulher na minha vida. Eu preciso de você e de ninguém mais.

Ela se virou para mim com um oceano ao redor dos olhos. Eu queria ter uma fórmula para fazer seu coração parar de chorar tanto.

— A minha confiança tem desaparecido lentamente. E se... e se esse bebê aproximar vocês a ponto de você se apaixonar por ela? — Havia temor em sua voz.

Encurtei nossa distância lentamente.

— Por que você tem que ser tão teimosa!? Eu terei que arrancar meu coração do peito e entregá-lo a você para que acredite que ele é seu?

— Então por que não disse a ela que iremos nos casar!? — Retrucou irritada. Era compreensível.

Esfreguei meus olhos.

— Por que eu esperava poder precisar dela para pegar seus pertences. Se Amy souber que me casarei com você, ela dificultará ainda mais as coisas — confessei.

— Você... você o quê? — Questionou, incrédula. — E como você pretendia pagar esse favor?

Suspirei, impaciente.

— Não... Você não pode estar me perguntando se eu iria transar com ela. Por Odin, me diga que estou enganado!?

Ela ficou muda e, sem mais nem menos, começou ir em direção à porta.

— Tess? — A chamei. Não houve resposta. — *Mallachd* (maldição). Tess, não ouse atravessar essa porta!

Ela se virou bruscamente e me encarou furiosa, com as mãos na cintura.

— Eu não confio em você! — Disparou, como se aquilo estivesse preso na ponta da língua.

— O quê?

— Eu não confio em você, Charlie. Não posso me casar com alguém em quem não confio.

Engoli em seco e fingi que aquilo não me atingiu.

— Não temos tempo para esse tipo de conversa. Sabe disso.

Ela fingiu não ter me ouvido.

— Você me esconde coisas, isso é tudo o que sei.

— Escondo para protegê-la — rebati.

— Como acha que esconder coisas de mim pode me proteger?

— Porque eu a conheço.

— Esse não é um argumento bom o bastante para quem está deixando tudo por você! — Ela disse em um tom objetivo.

Pressionei as têmporas com os dedos.

— Tess — suspirei pelo nariz. — Tess...

O que eu podia dizer para fazer com que ela me compreendesse? A verdade era terrível demais, mas não compartilhá-la faria com que a mulher que eu tanto amava me deixasse. E isso era ainda mais doloroso que qualquer outra coisa. Empalideci com o pensamento.

Ela deu de ombros com um ar fatalista.

— Não sei porque ainda estou aqui. Se você realmente me amasse, me diria a verdade — ela cuspiu as palavras de modo rancoroso. E a mão que foi à maçaneta foi a mesma que arrancou meu coração do peito.

Era um grande egoísmo da minha parte não deixá-la ir, uma vez que não lhe dera motivos bons o bastante para fazê-la ficar. Mas se ela atravessasse aquela porta, naquele momento, eu estava certo de que nunca mais a veria. E, entre todas as coisas em que eu era muito bom, viver com o coração partido não era uma delas. Só de pensar nisso minha pulsação se acelerou.

Agarrei seu braço no último momento e a fiz olhar para mim. Ela fitou-me sem nenhuma mudança perceptível na expressão.

Eu gaguejei como um covarde desgraçado e não consegui emitir som algum.

Pelos deuses!

— O que quer saber? — Perguntei por fim, impotente. Ficou claro naquele momento que esconder as coisas de Tess jamais seria uma opção em nosso relacionamento. Eu nunca tinha lidado com uma mulher tão... sagaz. Não estava acostumado com aquele tipo de temperamento.

— Tudo — ela respondeu.

Eu fui me distanciando, até que não a tocava mais.

— Bem, hoje alguém tentou me matar — me virei a tempo de ver seus olhos se arregalarem e ela levar uma mão à boca. — Eu e Hamish estávamos andando pelas ruas como sempre costumamos fazer e alguém disparou contra mim. A grande sorte, foi a pessoa ser ruim de mira.

— Ah, meu Deus, Charlie.

— Inclusive — tirei o revólver de dentro da calça e o coloquei na mesinha —, essa é a arma que a pessoa usou.

Tess ficou trêmula e pálida ao encarar a arma de fogo.

— O que... o que aconteceu com o agressor?

Franzi as sobancelhas e senti os cantos da minha boca se erguerem em um sorriso cruel.

— Demos um jeito nele. Não o matei, não se preocupe.

Ouvi ela soltar um: "graças a Deus" baixinho.

— Era algum russo?

— Seria uma grande sorte se fosse. Na verdade, receio que seja algum inglês mandado da realeza.

— Ordem de Ryld!? — Ela gritou.

Consenti com um balançar de cabeça sutil.

— Você... se feriu? — Me lançou um olhar avaliador pelo corpo.

— Estou bem, obrigado. E antes que pergunte, Hamish também não se feriu — falei com rispidez. Eu estava mesmo muito irritado por ter sido chantageado por ela. Se eu não tivesse dito que a amava, ela não estaria usando isso contra mim. Eu fui um tolo. Um tremendo de um tolo que não era capaz de viver sem aquela maldita criatura.

— Entendo. — Ela pareceu perceber minha frieza e parou de fazer perguntas.

A observei calado, até porque seria muito difícil dizer algo com os dentes tão cerrados. Dentro dos seus olhos, tinha uma sombra da bagunça que causei.

— Charlie, eu...

— Nunca mais use o que sinto por você para me chantagear, está me entendendo? Isso é tremendamente cruel! — A cortei em estado de atarabile.

Ela mordeu a boca com força, a ponto de se ferir. Mas o olhar não era de culpa.

— Não viverei com uma mentira, Charlie. Se não está preparado para ser sempre honesto comigo, então a dama que pediu em casamento é a mulher errada!

Senti um calafrio.

Hamish bateu à porta antes que eu cometesse a loucura de esganar Tess. Ela estava me deixando maluco e com dor de cabeça.

— Você... me deixa louco! — Rosnei para ela antes de abrir a porta.

Hamish me olhou com desconfiança, avaliando-me.

— Não está pronto — ele disse em um tom acusatório.

Encarei Tess com firmeza enquanto o respondia.

— Receio que não tive tempo.

— Pensei que o plano fosse partirmos de Londres ainda hoje — ele lembrou-me.

Hamish e Kate já estavam com as malas prontas, apenas aguardando Tess e eu.

— O plano continua o mesmo. Me dê apenas cinco minutos e estaremos prontos — olhei Tess de esguelha. — Isso é, se a madame ainda quiser partir comigo.

Ela soltou um impropério altamente sujo e puxou sua mala de rodinhas para fora do quarto, juntando-se a Hamish e Kate.

— Querida, o lenço — murmurou Kate para Tess, afagando seus cabelos.

— Lenço? — Questionou Hamish para a esposa. Seus olhos pareciam uma montanha de cume verde.

— Sim, os *paparazzi* a estão perseguindo desde que ela voltou para o hotel. Você não lê os jornais!? — Ela inquiriu em tom acusatório.

— Bem, eu leria, caso minha adorável esposa não levasse três horas para concluir a leitura.

— Estou certa de que meu marido possa comprar os próprios jornais!
— Kate revidou, me arrancando um riso frouxo. Tess também não segurou a gargalhada.

— Vocês dois são adoráveis, mas preciso fechar a porta para me preparar para a longa viagem — anunciei, segurando a porta entreaberta e apontei com o dedo para Tess. — E você, devia seguir o conselho de Kate e colocar um lenço na cabeça para evitar ser reconhecida.



Tess

EU ESTAVA TÃO IDIOTA COM AQUELES ÓCULOS ESCURO EM PLENA NOITE, mas se ser idiota evitaria os *paparazzi*, então que fosse. Desde o anúncio oficial do meu rompimento com Ryld poucos dias atrás, eu não tive paz em Londres. Era perseguida por fotógrafos, por cidadãos, *repórteres*. Todos queriam uma lasquinha de informação, e eu só queria que tudo terminasse o mais rápido possível; que Ryld fosse o centro das atenções, não eu. Porém, eu ainda era a noiva que havia sido sequestrada e, agora, a brasileira "abandonada no altar". Existia uma fofoca mais forte que essa!?

— Por que diabos não para de olhar para meus pés? — Questionei, pegando Charlie olhando para meus pés pela sexta vez. Estávamos os quatro no elevador, dividindo espaço com as malas.

— Estou calculando quanto tempo levará até que você tire os saltos e fique descalça — ele respondeu, acarretando em uma revirada de olhos da minha parte.

Eu ainda estava magoada com ele por estar me escondendo coisas. Não apenas isso. Charlie quase me deixou partir por puro orgulho. Passamos por tantas coisas juntos e, em um piscar de olhos, quase que tudo foi em vão.

Por que guardar segredos de mim se pretendia se casar comigo? O endiabrado quase foi morto e por muito pouco não me disse.

E, antes de mais nada, por que eu estava indo embora com ele mesmo me sentindo agudamente traída?

Eu odiava tudo sobre ele e ainda assim o amava. O amor era isso, tão estúpido?

— Ora, cogito arrancá-los agora mesmo para jogá-los em sua cabeça! — Retruquei, irritada.

— Veja, querida, são tão adoráveis quanto nós — Hamish sussurrou para Kate ao seu lado.

— Bem, você também esconde coisas da sua esposa? — Questionei para Hamish, com intuito de provocar Charlie.

— Tenha paciência! — Os lábios de Charlie ficaram brancos, e os olhos, estreitos e chamejantes.

— Está falando sobre eles quase terem sido mortos hoje? — Kate me perguntou, deixando claro que Hamish era muito mais sincero com ela do que Charlie era comigo.

— Então vocês têm um relacionamento de verdade. Meus parabéns — ironizei, perturbando Charlie até a última gota. Eu arrancaria informações dele por bem ou por mal.

A porta do elevador se abriu e Hamish e Kate desceram. Charlie bloqueou a minha passagem e me fuzilou com os olhos enquanto dizia:

— Eu a amo, mas acho que terei de matá-la.

— Talvez eu o mate antes, escocês!

Hamish colocou o pé na porta do elevador para ela não se fechar.

— Se os dois não descerem daí agora, eu mesmo os matarei!

Sem desviar os olhos de mim, Charlie pegou minha mala e a sua para sairmos.

Seguimos em silêncio até o carro de Hamish que estava na rua, ele disse ter achado desnecessário pará-lo no estacionamento do prédio se pretendíamos usá-lo em breve.

Kate vinha ao meu lado, enquanto os dois homens estavam bem atrás de nós.

Depois que eles guardaram nossas malas no veículo, nos acomodamos nos bancos. Hamish assumiu o volante e Charlie sentou-se ao seu lado, deixando o banco do passageiro para Kate e eu.

Tirei o lenço da cabeça e os óculos assim que considerei seguro. O carro começou a andar logo depois.

— Estou feliz por ter vindo — balbuciou Kate, pegando minha mão.

— Não me acha uma maluca? — Perguntei, e vendo que a deixei perdida, expliquei: — Ir embora com um homem complicado feito Charlie.

Ela sorriu daquele seu modo doce que confortava qualquer coração despedaçado.

— Querida, olhe para meu marido. Ele não é tão diferente de Charlie.

Engoli em seco.

— Bem, mas Hamish não engravidou outra moça.

Ela assentiu com pesar.

— Charlie a ama ardentemente. Prenda-se a isso — tentou me consolar.

Ninguém era capaz de compreender o que eu estava sentindo. Provavelmente nem mesmo eu compreendia. Eu estava enciumada, com medo, angustiada...

— Por quanto tempo ele e Amy tiveram isso... que eles têm? — Perguntei, incerta sobre querer ouvir a resposta.

— Que eles *tinham* — corrigiu-me. — Por que não pergunta para ele mesmo?

Eu não conseguia ter uma visão ampla de Charlie de onde eu estava, mas eu pude ver um pedacinho do seu maxilar rígido e o olhar inerte no horizonte.

— Porque não creio que ele consiga ser totalmente sincero comigo — respondi por fim.

— Não confia nele? — Ela ergueu as sobrancelhas em choque.

Soltei minha mão da sua para levá-la ao peito e fechei em punho.

— Estou com os sentimentos confusos. No momento, o que sinto é... — uma brecada brusca me calou e me jogou para frente e depois de volta para trás.

Hamish desceu seu vidro para ofender o carro da frente que o obrigou a pisar no freio repentinamente.

— Estão todos fisicamente bem? — Perguntou, virando o tronco para avaliar Kate e eu, após aliviar a tensão através de ofensas.

— Exceto pelo susto, estamos bem — Kate respondeu por mim.

Eu ainda estava com a pulsação acelerada e com uma palavra de baixo calão presa na garganta.

— Quer que eu dirija? — Perguntou Charlie, inabalável.

— Não, mas gostaria que parasse de me olhar assim — Hamish respondeu. — Faz parecer que sou a *droga* de uma porcelana.

— Suas mãos estão tremendo no volante — reparou Charlie, fazendo Kate e eu nos inclinarmos para olhar.

— Querido, quer que eu dirija? — Debochou Kate, terminando de pisotear no orgulho de Hamish.

— Eu odeio vocês dois. Saibam que a única pessoa que eu salvaria nesse carro é Tess. A não ser que ela também tenha uma opinião deplorável sobre minha situação no momento.

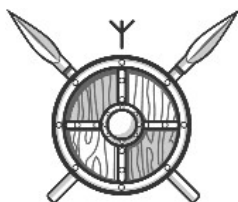
Me fingi de ofendida e gesticulei de forma dramática.

— Bem, eu jamais zombaria sobre a feminilidade de um homem. — Meu comentário fez Charlie e Kate gargalharem encantadoramente. Hamish apenas balançou a cabeça, decepcionado comigo.

Dei de ombros, fazendo-me de ingênua.

— Você está muito ferrado, meu amigo — Hamish disse para Charlie, se referindo indiretamente a mim, e pisou no acelerador.

— Viver ao lado dela em uma completa desgraça, é indubitavelmente melhor que uma vida inteira sozinho — Charlie murmurou, atravessando o meu coração como uma estrela cadente.



Abri os olhos quando o carro parou. Sonolenta, olhei pela janela. Ainda era noite, a estrada escura e o frio, cortante.

— Chegamos? — Perguntei, me endireitando no banco.

Foi Charlie quem respondeu. Além de mim, ele era o único dentro do carro. Hamish e Kate estavam ao lado de fora, esticando as pernas.

— A Escócia é um pouco mais distante que somente três horas de viagem, *boireannaich*.

— Lamento a confusão. É que a primeira vez que fiz esse tipo de viagem eu havia sido dopada — afrontei.

Ele se virou para cravar seus incríveis olhos selvagens em mim.

— *Non bis in idem*, sabe o que isso significa? — Ele não esperou por minha resposta. — Significa que uma pessoa não pode ser punida duas vezes pelo mesmo fato. A senhorita já me puniu pelo sequestro e por tê-la dopado.

Devolvi o olhar selvagem e o tom rude de voz.

— Certamente. O punirei por outras razões, se assim preferir, já que o senhor está a todo momento me dando novos motivos para tal.

Abri a porta e desembarquei do carro em seguida, deixando Charlie remoendo meu comentário.

O ar gélido, era de congelar os ossos. Me espreguicei e soltei um pesado suspiro para aliviar a tensão nos músculos. Depois, olhei ao redor, a estrada era larga, duas mãos, e tinha vegetação de ambos os lados. Era deserto, assustador, noturno.

— Não precisa ter medo. Aqui passa um carro a cada duas horas — alertou Hamish, mas era brincadeira, claro. Era apenas uma maneira de me dizer que o local era seguro.

— Por que paramos? — Perguntei, ignorando seu alerta.

— Kate queria fazer xixi.

— E Hamish estava ficando com câimbra na perna — ela acrescentou.

— Você faz com que eu pareça um idoso — ele contestou, aborrecido.

— Não sei porque se envergonha de estar envelhecendo — Kate protestou.

— Não tenho nem quarenta anos ainda — ele objetou.

Kate cruzou os braços.

— Você não faz mais exercícios como antigamente, é normal que se esgote mais rápido.

— Talvez você devesse passar uns dias em Kerrera — ofertou Charlie ao se aproximar. — Não tenho dúvida de que voltaria a ser sadio como antes.

Hamish levou as mãos aos quadris.

— Estou muito bem assim, obrigado, meu amigo — recusou, entrando na defensiva. A teimosia dele era tão irritante quanto a de Charlie. Não podia imaginar como aqueles dois eram em campo; mais explosivos que um barril de pólvora.

— Como quiser. Mas compreenda que a oferta não tem validade — respondeu Charlie e relanceou a atenção para mim. — Não está apertada?

— Estou bem, obrigada.

Hamish e Kate se ocuparam com uma conversa em particular e ignoraram Charlie e eu completamente.

— Ainda temos quase seis horas de viagem pela frente. Tem certeza de que não quer fazer xixi? — Ele insistiu, me avaliando de todos os ângulos possíveis.

Seu poder de persuasão era tão fantástico que me deixou em dúvida. Charlie agarrou meu braço antes que eu pudesse ter qualquer reação e me puxou mata adentro daquele seu modo cavalheiresco. Se eu quisesse fazer xixi, eu certamente teria feito nas calças naquele momento.

— O que pensa que está fazendo, seu brutamontes!?

— Iremos resolver nossas diferenças de uma vez por todas!

Ele pisou firme nos cascalhos, enquanto eu tentava não torcer os tornozelos com os saltos.

— Charlie, a única maneira de nos darmos bem seria se você fosse surdo e eu falasse libras.

— Se você falasse... lib... Se você falasse o quê? — Questionou, absolutamente confuso.

— Esquece. Acabei de perceber que nem dessa forma daríamos certo.

— *Ná bac le mac an bhacaigh is ní bhacfaidh mac an bhacaigh leat*

— O que isso significa?

— Significa — se inclinou para sussurrar em meu ouvido — que se você não traduz suas frases para mim, eu terei a honra de não traduzir as minhas para você.

— Libras não é uma frase, é uma palavra. Você soltou uma frase inteira em gaélico! — O acusei, nervosa. — Quer saber? Eu não me importo. Não entrarei no seu jogo.

Ele cruzou os braços no peito. Um vento forte desalinhou seus cabelos e eu precisei cruzar os braços da mesma forma para controlar o impulso de ajeitar os fios que se perderam em seus cílios.

Ele respirou rápido.

— Por Odin, você faz com que eu haja feito um garoto birrento. Você está me tornando em um demônio.

— Obrigada.

— Como se atreve pensar que isso foi um elogio?

Fiquei com a língua enrolada e tonta.

— Bem, você acabou de dizer que eu faço com você exatamente o mesmo que você faz comigo. É um grande alívio saber que não estou enlouquecendo sozinha.

Ele suspirou ruidosamente. A grama alta balançou.

— Nós falamos sobre coisas fáceis, mas raramente discutimos sobre as coisas importantes. Por que não me diz de uma vez o que está causando as rachaduras no seu coração? — Sua fala era polida e acendeu o fogo dentro de mim. — Minta para mim se desejar.

Baixei a cabeça e lágrimas desavisadas escorreram dos meus olhos. Eu era como um amontoado de neve derretendo.

— Estou brava, Charlie. Brava por Amy ter o que jamais terei, um filho seu. Eu sempre quis ter uma família, ser a mãe que há muito tempo não tenho. E, a cada segundo, sinto esse desejo mais e mais distante de mim. Esse sentimento sai uma semana para vagar, mas sempre volta para me deixar melancólica — senti um calafrio. — Eu sou quebrada, essa é a verdade.

Ele me puxou para seus braços e me apertou com força na lisonjeira escuridão da floresta.

— Tess, você não é quebrada de forma alguma. Nós teremos uma família, do nosso jeito, e ela será perfeita, porque você é perfeita — ele disse, derretendo os poucos sinelos que ainda não tinham derretido dentro de mim.



Tess

A LUA JÁ HAVIA DADO ESPAÇO PARA O SOL BRILHAR quando Charlie e eu começamos a viagem de barco até Kerrera sozinhos. Hamish e Kate foram para sua casa em *Dindow*, com a promessa de que nos visitariam em breve na ilha.

— Eu havia me esquecido de como a Escócia consegue ser fria mesmo com sol — comentei, sentindo as chicotadas violentas do vento em meu rosto.

— Você se acostumará — Charlie disse, entre uma remada e outra.

— Receio de que terei que me acostumar, já que pretendemos passar um bom tempo por aqui.

Ele virou o rosto para me lançar um olhar intrigado. A luz dentro dos seus olhos era radiante. Minha pulsação se acelerou. O escocês era mais lindo do que o amanhecer e mais excitante do que o crepúsculo.

— Nós iremos para onde você quiser, depois que... — ele mordeu a língua e a expressão enrijeceu.

— Depois que...? — O incentivei a prosseguir.

— Há algo que eu não contei para você — ele largou os remos e deixou o barco singrar rumo a Kerrera por si só.

Como a ventania costumava ser barulhenta fortuitamente, me curvei para frente, disposta a ouvir com limpidez fosse lá o que ele tivesse para me revelar.

— Aquela... aquela vez que eu a deixei na casa de Hamish, eu parti para a Rússia e me encontrei com Nikolai.

— Isso ficou claro para mim quando você devolveu minha aliança.

— ...me encontrei com Nikolai e fiz um acordo com ele — ele ignorou meu comentário.

— Que tipo de acordo?

Os lábios de Charlie descoloriram-se.

— Eu servirei a Nikolai e, em troca, ele não perturbará você nunca mais.

O vento gélido atravessou as camadas de roupa, a pele, carne, ossos e se alojou no meu coração. O peso daquelas palavras me fizeram abandonar o ar. Santo Deus... os extremos a que Charlie era capaz de ir por mim...

— Mas Nikolai já não me perturba há um bom tempo — o alertei em um balbuciar.

— Eu prefiro não correr o risco, *boireannaich*.

— Mas, Charlie, ele matou seus pais — minha garganta doeu ao dizer aquelas palavras e também acreditava que meu casaco encolhera.

Charlie voltou a remar como meio de fugir do assunto e não precisar me encarar mais.

— Você é... você é... — travei ao falar. Eu estava me sentindo tão perturbada. Meu mundo entrou em colapso. — Não faça isso.

— Já está feito.

— Então desfaça! — Eu queria gritar do fundo dos meus pulmões.

Agora seu rosto trazia um sorriso ao me olhar, e eu fui colocada de cabeça para baixo.

— É por essa razão que eu não lhe conto as coisas. Você sempre tenta me fazer mudar de ideia.

Eu queria ficar de pé e colocar as mãos nos quadris, mas, que diabos, estávamos em um barco, e ele chacoalhava demasiadamente.

— Talvez seja porque suas ideias são sempre muito estúpidas! — Rebatí. Muitas vezes era difícil falar apenas docemente com ele, meu humor sempre esgotava. — Eu não preciso que você dê sua vida por mim, Charlie. O que eu posso fazer para te colocar nessa atmosfera?

— Você disse que me queria, criatura; eu sou isso aqui. Alguém disposto a dar a vida e renunciar o orgulho por aqueles que ama. E, nesse momento, você é tudo o que respiro.

E era aquele tipo de coisa que me tirava de órbita. Charlie era como um terremoto na minha vida.

— O que Nikolai quer que você faça? — Perguntei, tentando reencontrar o oxigênio.

— Ainda não sei. Partirei para a Rússia na próxima semana.

— Partiremos, você quis dizer, suponho.

— Não. *Partirei* — reafirmou.

— Você está brincando comigo. Não está?

— Eu estou muito cansado para começar uma briga, Tess.

Bem, talvez eu conseguisse pular no pescoço de Charlie e estrangulá-lo sem me desequilibrar, pois era isso que ele merecia.

— Não pensou em ter essa conversa comigo antes de me trazer para a Escócia!? — Questionei.

— Pensei — ele disse apenas.

Eu explodi. Me levantei no barco sem pensar nas consequências. A única coisa que meus olhos enxergavam, era o pescoço de Charlie.

Ah, eu certamente fincaria minhas unhas na sua jugular.

— Mas que raios... Sente-se agora... O que... O que pensa que está fazendo, sua maluca!? — Ele largou os remos novamente, para me segurar quando me desequilibrei, mas dessa vez um dos remos caiu dentro da água. — Ah, por Odin, veja o que você fez!

Tornei a me sentar, trêmula como uma folha ao vento. Olhei para o remo de madeira flutuando na água, cada segundo mais distante do nosso barco.

— Bem, ainda temos um — falei, abrindo um falso sorriso piedoso.

Charlie suspirou, aborrecido e apertou os olhos.

— Em que diabos estava pensando? — Questionou, estorvado. — Você podia ter caído.

— Eu pretendia estrangulá-lo — confessei. — Você me faz ter vontade de cometer um assassinato.

— Pois bem, agora sou eu quem quer estrangulá-la. Sorte sua estarmos perto de Kerrera, caso contrário, eu faria você buscar aquele remo a nado.

— Você é um homem muito bonito, Charlie, mas também é monstruosamente cruel.

— E você é a deusa de uma galáxia longínqua cuja origem remete ao encontro do brilho de mil sois, mas decerto não é um exemplo de benevolência — ironizou. — Pare de se mexer, sua perturbada. Eu odiaria ter que me molhar para arrancá-la do mar.

Bufei, colérica. Charlie me levava até Kerrera ciente de que não ficaria comigo, pois precisava partir para a Rússia, e agora agia como se eu fosse a única culpada da história. *Humpf*. Era mesmo um cretino. O que eu ficaria fazendo naquela droga de ilha sem ele? Eu ainda teria Maisie, Jailson e Gael, mas não seria a mesma coisa. *Mas, o quê...*

— Aquilo é fumaça ou eu estou enxergando coisas? — Questionei, apontando para o horizonte, onde uma fumaça preta entenebrecia a vasta beleza de Kerrera.

Como Charlie estava de costas, ele precisou virar o tronco para conseguir ver o que eu via.

Conforme nosso pequeno barco de madeira se aproximava da ilha, mais cognoscível e doloroso se tornava a imagem à nossa frente. Fogo. Destruição.

— Não. Não pode ser — gritou Charlie, os olhos esgazeados expressavam que ele teve uma perturbação brusca no equilíbrio emocional.

Sua respiração estava desenfreada e ele agilizou as remadas para chegarmos mais depressa na ilha. Queria poder ajudar de alguma forma, mas eu não tinha a menor ideia do que podia fazer. O segundo remo ainda estava dentro da água e nenhuma palavra de consolo acalmaria seu estado indômito.

— Kerrera foi reduzida a escombros — balbuciei.

Se eu estivesse de pé, o deslize sem dúvida me levaria para o chão.

Santo Deus. E agora?



Tess

ELE GRITOU CERCA DE VINTE "NÃO" ANTES de descer do barco e correr pelos destroços.

O acompanhei, com meus olhos atentos perscrutando sua fisionomia. O calor na ilha amalgamado à fumaça era sufocante.

Uma apreensão asfixiante invadiu meu estado de espírito. Kerrera já não era verde, nem tinha árvores de troncos charmosos. A ilha agora era cinza, como uma neblina de fumaça. O ar poluído, impossível de ser inalado.

Charlie demorou para me notar, a ponto de eu já estar a menos de um passo dele. Soltei uma tímida bufada pelo nariz para alertá-lo da minha presença.

— Isso não pode estar acontecendo — ele verbalizou, andando pelos escombros em uma obstinação louvável.

— Acha que ainda há alguém aqui? — Perguntei, em uma tentativa desesperada de soar casual, mas a certeza era inquestionável: nenhuma alma viva sobreviveria àquela fumaceira por tanto tempo.

Sua fisionomia esfíngica não me permitia decifrar seu humor. As sobrancelhas vincadas transformavam sua testa em um redemoinho. Os olhos austeros, que tanto me perturbavam, eram a mais pura confusão. Dei o melhor de mim para respeitar seu tempo de luto pela ilha e não alertá-lo sobre o risco que corríamos ao respirar aquele ar eivado.

Protegi meu nariz com a manga do agasalho, mas meus olhos ardiam, e a fumaça me fazia sentir um comichão inoportuno pelo rosto. Em menos de um minuto, eu já estava com a roupa cinzenta.

Em resposta, Charlie começou a correr em direção à pequena vila, ignorando qualquer obstáculo à sua frente. Estreitando os olhos para não perdê-lo de vista, o segui.

Como o previsto, as casas se tornaram apenas restos no chão, mas não era como se o fogo fosse o único culpado.

— Charlie... você acha que... acha que foi a rainha Mary? — Revezei o olhar entre Charlie e a vila.

— Incontestavelmente, sim — irou-se.

Represei minhas lágrimas. Se aquela trágica cena estava mexendo comigo, eu não era capaz de supor o que Charlie estava sentindo. Kerrera era seu coração, sua âncora, e agora tudo estava destruído. Tudo o que ele fizera para protegê-la, fora em vão.

— Eu sinto muito — sucumbi ao retrógrado, vendo-o se ajoelhar ao que um dia fora a casa de algum escocês.

— Eu falhei. Eu falhei com todos — balbuciou, a voz já um tanto prejudicada pela fumaça.

Me ajoelhei ao seu lado por puro instinto.

— Não. Nada disso foi culpa sua — procurei assumir um tom autêntico, enfatizando cada sílaba. — Você não tinha como saber que isso aconteceria.

— Então eu não sou o grande Balder como todos me chamam. Sou um incompetente que não foi capaz de prever os passos de uma sádica rainha.

Suspirei profundamente sob seu olhar atento. Minha garganta coçava, mas tentar juntar os caquinhos daquele homem era mais importante do que tossir ou me importar com o forte e nauseante cheiro de capim queimado.

Me levantei, o obrigando a fazer o mesmo. Tentei disfarçar a vertigem que senti.

— Não é hora de se lamentar. Nós precisamos saber onde todos estão.

— Venha, vamos sair daqui antes que eu precise carregá-la em meus braços — falou em um tom bizantino.

Revirei os olhos com uma dramaticidade teatral.

— Eu estou bem — tentei dizer, mas Charlie já estava me puxando pelo braço para sairmos da vila.

Ele estava tão furioso, que não se deu conta da minha dificuldade em andar pelos escombros com aqueles saltos. O cavalheiro, de repente,

se transformou em um cavaleiro.

— Charlie — o olhei, fazendo caretas da mais pura confusão — está me machucando.

Me encarou com aquela típica expressão meandrosa e relaxou os dedos em meu braço.

Só quando estávamos perto do barquinho, que ele resolveu voltar a dialogar comigo.

— Sabe remar. Não sabe?

Levantei uma sobrancelha, deduzindo suas intenções.

— Não ouse me pedir para voltar sozinha!

— Eu preciso me certificar de que não há algum ferido pelos destroços.

— Você pode morrer! — Eu gritei, observando a parte que costumava ser branca em seus olhos, tomar uma cor avermelhada.

Fitou-me com o olhar de desinteresse que tanto me transtornava.

— Entre nesse barco de uma vez! — Ordenou, entre uma tossida e outra.

— Entre comigo! — Disse, em um ranger de dentes, deliberadamente imitando seu tom.

— Não ouse testar minha paciência. Não hoje!

Eu não estava tentando provocá-lo. Longe de mim, contudo, o mesmo risco que eu corria ao respirar aquele ar tóxico, Charlie também corria.

— Veja, estamos com sorte. É o grande Balder! — Havia sarcasmo na voz.

Charlie se virou subitamente, reconhecendo aquela voz, mesmo estando tão modificada pela falta de ar e pelos gemidos de dor. Eu também olhei. Gael estava um pouco atrás, com Jailson pendurado em seus ombros. Jailson não estava desacordado, mas havia um ferimento que parecia profundo em sua perna direita e o sangue escorria sem parar, enfraquecendo-o. Um buraco de bala, talvez.

Charlie saiu a caminho dos escoceses abatidos, as roupas transformadas em trapos, e ajudou Gael a carregar Jailson até a orla. Era o único lugar que ainda era possível respirar mais satisfatoriamente.

— Pelos deuses, o que aconteceu aqui? — Charlie recorreu à pergunta indiscutível e prontamente arrancou seu casaco e, depois, a camiseta de algodão - que era mais macia - para estancar o sangramento de Jailson. Ele pressionou o ferimento do amigo fazendo uso das duas mãos.

Jailson uivou de dor.

— Aconteceu noite passada. Kerrera foi invadida por mais de vinte homens armados. Eu estava dormindo quando acordei com o forte cheiro de fumaça e, quando saí, vi o caos. Os ingleses estavam incendiando as casas — recordou com os olhos trêmulos e o rosto coberto de fuligem — uma por uma.

— Eu tentei impedir, mas atiraram em mim — acrescentou Jailson.

— Mais alguém se feriu? — Eu perguntei, preocupada, chamando a atenção para mim.

— Eu não sei. Todos correram desesperados para os barcos dos invasores que estavam no cais — foi Gael quem me respondeu.

— Os invasores, eles não disseram nada? — Inquiriu Charlie, evidenciando sua desconfiança.

— Me pediram para avisá-lo que sua Alteza Real o aguarda — respondeu Gael, causando um tique-taque no meu coração.

As veias do pescoço de Charlie saltaram sob sua fúria. Aquela era a fisionomia de um homem que estava pronto para iniciar a terceira guerra mundial.

— Pois bem, então ele receberá a minha visita. — Como de praxe, Charlie abriu um sorriso vagamente irônico.



Escocês

EU TERIA QUE FAZER DUAS VIAGENS. Aquele maldito barco não suportava mais que três pessoas. Primeiro, eu levaria Jailson, que estava ferido, e Tess. E então voltaria para buscar Gael, que facilmente concordara em passar mais um péssimo tempo respirando aquele ar tóxico.

Tirei minha bagagem do barco para diminuir o peso e como a de Tess era relativamente pequena e mais leve que a minha, não fiz questão de tirá-la. Tirando também o simples fato de que ela precisaria das suas roupas.

— O que houve com o outro remo? — Questionou Gael, me ajudando a posicionar Jailson no barco.

Ouvi Tess pigarrear baixinho, culpando-se pelo infortúnio que causara.

— O deixei cair na água — não consegui pensar em uma mentira mais articulada.

Gael fez uma careta de incredulidade, mas eu não tinha tempo para lhe dar mais explicações. Eu precisava agir, o ferimento de Jailson era preocupante.

— Devo retornar um pouco menos de uma hora — avisei Gael, assim que terminamos de ajeitar Jailson no barco da forma mais confortável que a situação permitia e então, me volvei para Tess. — Eu preciso que você mantenha suas mãos pressionando o ferimento. Tudo bem?

Ela anuiu rapidamente e sujou suas delicadas mãos com o sangue escocês.

— Obrigado, raposinha — ouvi Jailson grasnar para Tess. Ele estava sonolento, o que não era nada bom, mas a brasileira parecia saber disso pois imediatamente começou a puxar assunto com ele para mantê-lo consciente.

Me adiantei até Gael, que também estava com uma aparência péssima e disse num atropelo só:

— Não saia daqui, está me entendendo? Eu voltarei o mais rápido que conseguir. Verei se consigo um barco motorizado para buscar você.

Ele aquiesceu brevemente e se sentou no chão.

— Gael, eu estou falando sério. Essa fumaça pode facilmente matá-lo e eu não estou pronto para perder outro amigo — disparei.

— Não me moverei um centímetro — garantiu, mas não havia convicção alguma na sua voz.

— Eu farei o culpado pagar por isso. Eu prometo! — A promessa foi arrancada do meu âmagô.

Com muita relutância, o deixei para prosseguir viagem.

A facilidade que Tess tinha em puxar assuntos inúteis para manter Jailson acordado era realmente admirável. Primeiro, ela descreveu sua irmã sem poupar detalhes, dizia o quanto a dita-cuja era alegre e brincalhona como Gael. O quanto os traços do seu rosto assemelhavam-se aos da sua mãe. Tess também contou sobre o quão próxima as duas eram e que compartilhavam até os segredos mais banais uma com a outra. Ela também investiu bons segundos dizendo a falta que sentia da irmã e do pai.

Se Jailson estava a ouvindo ou não, era mesmo irrelevante. A criatura não parou de falar um instante sequer. As mãos já encharcadas de sangue também não foram motivo bom o bastante para paralisá-la.

E, então, ela deixou os ombros caírem para trás e respirou fundo, erguendo os olhos de aljôfar que me deixavam ajoelhado, para mim. Meu coração começou a perder o ritmo, o ar ficou denso.

Eu a amava como nunca imaginei amar um dia alguém. Não, eu a respirava, mas a perspectiva de tê-la na minha vida se mostrava cada dia menor. Ainda que significasse ter o coração partido pelo resto dos meus dias, ainda que isso rasgasse meu peito com unhas afiadas.

Ryld destruiu o que eu jurei proteger, o que ele fez derrubou a barreira frágil que me impedia de cometer loucuras, e era certo que eu iria cometer muitas loucuras em poucas horas.

Tess abriu um sorriso amargo para mim, tal como se pudesse ler meus pensamentos. Redirecionei o olhar para qualquer coisa que não seus curiosos olhos buscando respostas nos meus.

Ela voltou a falar sem parar, mas a fúria reprimida me ensurdeceu.

"*Sua Alteza real o aguarda*". Pressionei os dedos no remo ainda mais. *Eu acabarei com Ryld. Eu o estrangularei com minhas próprias mãos.*

— Charlie? — Ouvi sua voz de fundo, acariciando a minha dor, e depois vi suas sobrancelhas franzidas para mim. — Pode imaginar para onde os outros foram?

— Provavelmente para a cidade mais próxima — respondi de imediato, sentindo um gosto acre na boca.

— É para lá que estamos indo?

Anuí em um balançar de cabeça lento e paciente.

— Seria interessante ter alguém para ir comigo e Jailson ao hospital, já que não conheço muito bem a Escócia — ela disse, melancólica.

— Você é mais esperta do que imagina, *boireannaich* — garanti, procurando não atirar palavras violentas no seu momento de vulnerabilidade, ainda que isso envolvesse controlar o impetuoso monstro que Ryld despertou em mim. — Eu confio em você.

— E-u sou... atra-palhada — gaguejou, inibida.

Meus lábios manifestaram um sorriso que eu não autorizei. Não que eu não quisesse sorrir para Tess, ou que eu tivesse algum controle sobre as reações que ela despertava em mim, eu só não estava muito entusiasmado naquele momento para tal ato.

— Quão atrapalhada? — Perguntou Jailson, em um arrastar de palavras.

— Pode-se dizer que eu tinha dois remos quando comprei esse pequeno barco — o respondi, sem poupar Tess da vergonha.

— Pelos deuses... acho que eu já estou bem melhor — mentiu Jailson, fazendo uso da pouca força que lhe restara.

— Charlie! — Resmungou Tess. — Você o está assustando.

Jailson soltou um ganido ainda mais alto que os anteriores.

— Ah, meu Deus, me perdoe... eu pressionei forte demais — Tess se lamentou e a aflição a fez cambalear para trás a ponto de quase cair do

barco. Agarrei seu agasalho, com a rapidez de um meteoro, a tempo de impedir sua queda. Seu rosto ficou branco e os olhos enormes de pavor.

Esperei o barco tornar a ficar estável para poder gritar com ela.

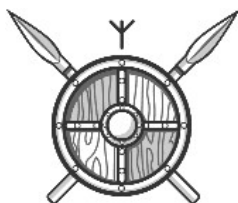
— Você tem formiga nessa droga de bunda!? Qual a dificuldade em ficar quieta!?

— Não grite comigo — ela disse esbaforida e gotas pingaram dos olhos.

Eu não queria ter descontado minhas frustrações nela, mas eu estava tão irritado para conseguir me conter... E, por alguma razão, algo dentro de mim a culpava pelo que aconteceu em Kerrera. Algo dentro de mim odiava saber que eu não estava na ilha quando foi invadida porque eu estava com ela. Eu abandonei todos para procurá-la. Coloquei aquele amor acima de tudo. Acima de vidas inocentes.

Ela me deixava cego.

Fechei os olhos e continuei a remar com uma mão. Isso tinha que acabar.



Não demorou para que algumas pessoas se comovessem com a situação de Jailson e me ajudassem a tirá-lo do barco assim que aportei no cais. E demorou menos ainda para que chamassem o socorro.

Ouvi Tess atrás de mim sussurrar algumas palavras em uma língua que eu acreditava ser português, parecia ser uma espécie de prece, ao passo em que eu e outro homem carregávamos Jailson até um banquinho de madeira para aguardarmos pela ambulância.

A olhei por cima do ombro, Tess encarava suas mãos ensanguentadas e trêmulas. Ela cambaleou algumas vezes, desorientada, e, por fim, seu corpo foi de encontro ao chão em um desmaio.

Diabhal (diabo)!

Pedi ao homem que continuasse a carregar Jailson até o banco sem mim para que eu pudesse socorrer a mulher que estava inconsciente no chão.

Me agachei e passei uma mão por baixo da sua cabeça; chamei seu nome algumas vezes, até ela abrir os olhos em uma confusão transparente.

Eu fui puxado para a profundidade daqueles olhos, afundando como uma pedra afunda na água.

Era tão fácil me deixar levar.

— Bem-vinda de volta, *boireannaich* — murmurei, e esperei até ela se recuperar do atordoamento. — Estava com tanto sono assim?

Ela abriu um sorriso murcho.

— Eu... só precisava de um cochilo — balbuciou com dificuldade.

— Sabe, há lugares mais apropriados para uma dama repousar.

Ela riu pelo nariz, descontraída e eu sabia que teria me dado uma cotovelada se estivesse em condições. Aqueles segundos fingindo que não existia nada no mundo além de nós, foram o suficiente para me lembrar do porque eu escolhera sacrificar tudo por ela. Por aquele sorriso sagrado e pela facilidade que ela tinha em deixá-lo surgir em seus lábios sempre que me via. *Não*. Suspirei. *Isso tem que acabar*.

— Acha que consegue ficar em pé? — Perguntei, perscrutando suas feições.

— Sim. Eu só preciso tirar esse sangue das minhas mãos — olhou para os dedos sujos e fez careta.

— Raios, como fará isso? — Brinquei, voltando os olhos insinuadores para o imenso mar azul logo atrás de nós.

A ajudei a se levantar depois de apreciar sua gargalhada. Um riso tão doce, capaz de ressuscitar um coração.

Quando eu era mais novo, nunca compreendi como minha mãe - uma criatura tão miúda e frágil, foi capaz de amolecer um russo impiedoso feito meu pai. Eram poucas as lembranças que eu tinha deles, mas foram muitas histórias contadas em Kerrera, e em todas elas as pessoas faziam questão de ressaltar o quanto se amavam. Sobre a troca de olhares, de sorrisos. E, acima de tudo, sobre os sacrifícios que fizeram

para ficarem juntos. Nunca passou pela minha cabeça que um dia eu estaria exatamente na mesma posição que meu pai esteve. Agora, mais que nunca, eu conhecia esse amor, pois eu também entreguei o meu coração para uma *boireannaich* miúda.

Ora, pai, valeu a pena todo sacrifício? Valeu a pena ver a mulher que ama ser morta por sua culpa?

Eu encarava Tess quando uma certeza inquestionável me acometeu: Eu era fraco demais para seguir os mesmo passos do meu pai.

— Volte para mim, Charlie — ela disse, traduzindo a tristeza dentro dos meus olhos. Ela sabia que eu não estava voltando apenas para buscar Gael. Tess era astuta demais para se deixar levar por essa mentira.

Me inclinei para beijá-la, mesmo sabendo que isso só iria terminar de me quebrar. Seus lábios delicados fizeram minhas veias começarem a estremecer. A leveza daquele beijo era capaz de me incendiar. Foi mais intenso do que um tiro. Eu trocaria a eternidade por aquele momento triunfante. Aquele instante em que eu me dava conta do quanto ela me queria. Eu trocaria qualquer sabor no mundo, pelo gosto daqueles lábios acalorados.

Ah, aquele era um beijo capaz de me matar, de drenar a minha vida.

Eu orei com todo meu coração para que os céus eternizassem aqueles minutos em que ela salvava a minha alma. Em que transformava o diabo em um santo.

— Eu imploro, volte para mim — disse, com os lábios grudados nos meus, me mostrando como se sentia por dentro.

Ela me pareceu extremamente pálida.

Eu senti o gosto das suas lágrimas, ou o gosto das minhas, eu já não tinha certeza de nada, nem mesmo da minha capacidade de me manter de pé.

... Apenas que aquilo era um adeus.

— Diga que voltará para mim, por favor.

— Eu amo você — falei, afinal. Aquilo teria que lhe bastar; ela era a razão de eu saber o que era o amor, e fazê-la ter ciência disso era tudo o que realmente importava.

— Eu o amo. Ah, Santo Deus, como o amo. E é exatamente por essa razão que não posso deixá-lo ir.

— Tess... eu preciso buscar Gael — a lembrei.

— Não é sobre essa partida que me refiro — objetou, num murmúrio petulante. — Não vá atrás de Ryld, por favor, Charlie.

— Ele destruiu a vida de muitos apenas porque é incapaz de aceitar que a perdeu — limitei-me a dizer, fechando os punhos ao lado do corpo.

Ela apoiou as mãos sujas de sangue seco nos quadris.

— Nós podemos... nós podemos... — e tentou mais uma vez. — Nós podemos... — desistiu. — Ah, que *merda*. Não podemos fazer absolutamente nada, porque ele é um príncipe.

— Fico satisfeito por ter se dado conta — respondi em tom seco.

Ela me encarou, perplexa por minha rispidez.

Observei a ambulância se aproximar e então relanceei os olhos para Jailson que, a essa altura, parecia ter a pele verde.

— Pode fazer isso por mim? — Perguntei, apontando para Jailson com a cabeça para instigar Tess a se virar.

— É claro que posso — garantiu, com todo seu coração precioso. — Charlie... — pareceu engasgada com o choro. E, por uma fração de segundos, acreditei que ela agarraria meu braço para não me deixar partir. Ou, quem sabe, era apenas o meu subconsciente desejando que ela fizesse isso.

Ela não se moveu um centímetro, parecia aflita e angustiada ao mesmo tempo.

— Sim? — A incentivei a falar. Se aquilo era um adeus, então eu degustaria a melodia da sua voz em cada pequena palavra.

— Eu sei que será inútil pedir que não vá. Então, tudo que peço, é que não morra.

Engoli em seco, matando as palavras dentro de mim. Como eu podia prometer algo assim? A minha intenção não era morrer — por Odin, eu não queria morrer. Mas concordemos, o objetivo de Ryld era me matar. Quando dois homens decidem se enfrentar, é certo que um acabará

ferido e, no pior das hipóteses, morto. O único ponto, era que a possibilidade de ser eu, não me assustava nenhum pouco.

Eu queria pelo menos ter a certeza de que tentei.

Afaguei seus cabelos com as pontas dos meus dedos, sentindo a maciez de um algodão.

Ela pigarreou com toda a delicadeza. Um sorriso glorioso brincava em seus lábios pequenos e carnudos, enquanto ela aguardava por minha promessa. Uma promessa que eu jamais faria.

— Eu preciso ir, e aquele escocês pançudo, ele precisa de você.

O seu balançar de cabeça foi tão discreto, que por muito pouco não o notei.

— Eu esperarei por você — ela disse, me deixando em chamas. — Eu esperarei por seu amor.

— Tess... eu não pretendo voltar.

— Pare de agir como se você não tivesse um coração — foi seu último suspiro antes das lágrimas começarem a escorrer.

— Eu faço isso o tempo todo — falei. — Mas isso não significa que não estou sofrendo, não significa que estou bem. Eu apenas acho que mostrar que estou machucado, tão rasgado quanto um pedaço de papel, tomaria todo o meu tempo.

— Você sabe o que estamos fazendo? Sabe que isso pode ser mesmo um adeus? — Ela praticamente gritou, sem se importar se havia alguém nos ouvindo. — Eu achei que essa *merda* fosse durar mais tempo!

— Eu não sou bom o suficiente para alguém como você.

— Essa é a coisa mais *idiot*a que você já me disse. Seria mais fácil recorrer ao clichê e dizer: "Não é você. Sou eu."

— Se tudo fosse fácil, Tess...

— A ilha já está destruída. Por que você precisa sacrificar sua vida também?

— Está arruinada por minha culpa! Por que eu não estava lá. Eu estava com você — perdi as estribeiras e gritei com ela. Eu não queria culpá-la, mas foi o único método que encontrei para esclarecer as coisas.

Ela arregalou os olhos. Com razão. Eu provavelmente estava vermelho feito o próprio diabo.

— Você me enfraquece — baixei o tom de voz, sentindo o mundo cair aos meus pés. — Se eu prometer que voltarei para você, eu me agarrarei à essa ideia e não darei tudo de mim para recuperar o que todas aquelas pessoas perderam. Se eu souber que há alguma chance, mesmo que mínima, de vê-la de novo, eu não serei capaz de entregar minha vida à causa, porque eu irei querer viver... por você.

— É tão ruim assim querer viver? — Ela murmurou.

— Depois de ter falhado miseravelmente? — Repliquei, e não esperei sua resposta. — Sim. É. Uma das piores sensações do mundo.

— Então isso é mesmo um adeus? — Perguntou, mesmo sabendo que a resposta claramente a machucaria ainda mais.

Engoli em seco. E de novo. Até reencontrar a fala.

— Tess, quero te dizer que sinto muito por partir seu coração. Por ter feito você perder tempo com algo que desde o começou mostrou não ter futuro.

Ela não disse nada. Nem a droga de um "se cuida" ou "irei orar por você".

Ela tentou ser forte, sei que tentou, sei que obrigou suas lágrimas a secarem, e eu a admirava por isso. Mas seu queixo ainda tremia, suas bochechas ainda estavam sem cor. E, quando girei com os calcanhares para deixá-la de uma vez por todas, eu a ouvi se desmanchar em um choro alarmante. Eu chorei junto, sentindo a escuridão me devorar.

Certa vez ouvi alguém dizer que: *"Há mais dor no amor do que podemos encontrar no ódio"*. Algo nunca me pareceu tão verdadeiro.

Nós aguentaremos. Eu aguentarei.

E fui embora.

Demorei mais que o esperado para voltar para Kerrera. Tinha sido difícil encontrar um barco motorizado disponível para alugar e que coubesse no meu orçamento no momento. Quando por fim aportei na ilha, vi que Gael estava no mesmíssimo lugar que eu o deixara.

Suspirei aliviado.

— Achei que tivesse me esquecido — ele disparou assim que me viu.

— Tive alguns imprevistos — revelei, indo ao seu encontro. — A fumaça parece menos insuportável ou sou eu quem já me acostumei com as desgraças do dia?

Ele se levantou e olhou em volta, o rosto coberto por cinzas.

— Acho que você já está pronto para o inferno, grande Balder, porque — apontou com o dedo — essa ilha aqui se tornou um.

Soltei um resfôlego de escárnio.

— Está bem. Nós dois sabemos que eu não vim aqui apenas para buscá-lo. Por que não me diz o que realmente está acontecendo? — Ergui o queixo e cruzei os braços.

Gael coçou a testa, pensativo.

— Se o povo de Kerrera foi embora com os barcos dos invasores, isso significa que eles ainda estão aqui. Estou certo? — O pressionei, já que Gael parecia engasgado com a própria língua.

— Há uma parte da ilha que não foi incendiada.

— E é lá que os invasores estão!? — Concluí.

Seu queixo foi para cima e para baixo, em um gesto de confirmação. Era tudo que eu precisava para sair pisando firme.

— Espera — Gael agarrou minha mala e correu para me seguir. — Os homens não estão sozinho.

Me virei abruptamente e pressionei os olhos para obrigá-lo a terminar de falar.

— O príncipe Ryld chegou em Kerrera essa manhã.

Apertei os dentes a ponto de quase quebrá-los. Ouvir aquele nome fazia meu sangue ferver nas veias. Não me importava quem ele era, se era um príncipe ou uma santidade, eu o castigaria por ter entrado no meu caminho. O faria chorar sangue.

— Ele aportou seu barco na outra plataforma!? — Questionei, enfurecido pelo fato de não tê-lo visto.

— Sim. Acredito que o verdadeiro plano dele tenha sido esse desde o começo. Por isso os invasores pouco se importaram por terem levado os barcos.

— Ora. O tolo apenas facilitou meu trabalho de ir até Londres — confidenciei. Gael arregalou os olhos, provavelmente achou que aquela informação me faria recuar. Bem, ele estava redondamente enganado. Aquilo apenas me instigou mais.

— Charlie — protestou. Ergui meus olhos para seu rosto. Gael nunca me chamava pelo nome de origem —, você sabe que eu raramente contesto suas decisões, mas, dessa vez, não estou confiante. O príncipe está acompanhado de muitos homens, e mesmo que estivesse sozinho, ele ainda é o príncipe de Gales. Não pode matá-lo.

— Ah, eu posso. E como posso — garanti.

Ele levou uma mão à boca para tossir e disse em seguida:

— Você está caindo direto na armadilha dele.

— Valerá a pena se eu tiver ao menos uma oportunidade de lhe arrancar os dentes da boca! — Grunhi com a fúria de um lobo.

Não me importava se eu estava agindo feito uma criança birrenta. Eu enxergava os riscos, raios, não era nenhum burro. No entanto... Ryld transformou nossas casas em cinzas, ele destruiu uma das poucas coisas que eu amava. Ele incendiou as minhas memórias, o meu coração.

— Pegue o barco e vá embora! — Ordenei decididamente um tempo depois.

Gael não escondeu a surpresa.

— Não — contestou, igualmente decidido.

— Não há necessidade de dois irresponsáveis. Você já fez tudo o que podia, não vejo explicação para continuar respirando essa toxicidade. Apenas vá.

Ele estava moribundo até me ouvir falar. Prontamente endireitou as costas e firmou os pés no chão para me fazer crer em sua força.

— Aqui também era meu lar, grande Balder. Você não lutará sozinho por uma causa que é de todos — fez uma pausa profunda e esfregou os olhos fingindo que havia caído algum cisco neles, mas eu sabia que se

tratava de lágrimas. — Além do mais, meu melhor amigo levou um tiro, farei que paguem por isso. Eu sou o único que pode machucar aquele pançudo desgraçado.

Dei um tapinha no seu braço, pois sabia que Gael odiava ser visto como um fraco. Ele odiaria que eu o abraçasse.

— Se sobrevivermos a isso, eu ficaria honrado se você aceitasse ser padrinho do meu filho.

Ele ficou em choque e seu peito inflou.

— Tess está grávida?

Deixei escapar uma risada nervosa.

— Os deuses sabem como eu desejei que isso fosse verdade. Mas o filho é de outra dama.

— Mas... você... Tess... Que desgraça aconteceu? Eu não sei se estou ouvindo direito ou se isso é efeito da fumaça. Havia plantação de maconha aqui? Isso explicaria muita coisa...

O segurei pelos ombros para controlar seu ataque de pânico.

— Não, Gael. Você não está sob efeito de drogas. Bem, pelo menos até onde sei — ergui a sobrancelha, fitando seus olhos vermelhos. — Eu adoraria te explicar tudo. Mas eu realmente preciso matar um príncipe.

— Matar um príncipe, engravidar outra mulher... Tem certeza de que não estamos muito chapados? — Questionou, cada vez se afastando ainda mais do assunto principal.

Dei um tabefe na sua cara para trazê-lo de volta à realidade. Quando Gael começava com esses pensamentos, nem o diabo era capaz de conter sua língua. Era piada, atrás de piada.

Ele ficou visivelmente ofendido pelo meu tapa e demorou alguns segundos se questionando se devia retribuí-lo. Eu o conhecia suficientemente para interpretar seu semblante.

Por fim, ele decidiu deixar pra lá.

— Vamos logo com isso — ele falou e pegou minha bagagem.

— Deixe isso ai — e olhando para a água eu soube. — Tudo o que eu tinha de valioso ficou do outro lado do mar.

— E o revólver?

Levantei a sobancelha.

— Você mexeu nas minhas coisas? — Inquiri, incrédulo, mas não irritado.

— Era isso ou ficar contando quantas pedras há no chão. E levando em consideração que todas as casas foram destruídas, eu realmente teria muitas pedras para contar.

Revirei os olhos impacientemente.

— De qualquer forma, a arma tem apenas uma munição — expliquei.

Ele lambeu os lábios ressecados.

— Mas os homens estão armados...

— Será fácil reverter essa situação — observei, ao notar a nuvem de incerteza cobrindo o verde dos seus olhos.

— Como assim?

Meus lábios foram tomados por um sorriso sádico, e não se fez necessário qualquer explicação.

Gael nos levou até as bandas da ilha que não havia sido consumida pelo fogo. A caminhada, mesmo que cansativa e asfixiante, me permitiu refletir com sensatez sobre a minha situação. O ódio que eu sentia por Ryld não diminuiu de tamanho, pelo contrário, se intensificou conforme as solas dos meus sapatos pisavam nos escombros. Mas vencê-lo não precisava necessariamente destruir a minha vida, e com destruir a minha vida, eu me referia à morte. Eu era mais inteligente que aquilo. Como Gael havia dito anteriormente, eram cerca de vinte homens (excluindo Ryld da contagem) ou perto disso. Se eu encontrasse uma maneira de...

Cof cof...

... se eu encontrasse uma maneira de eliminá-los para lidar apenas com Ryld. Eu não tinha qualquer dúvida de que eu podia acabar com ele usando apenas minhas mãos.

Agir sorrateiramente. E se eu... Bem. Grande ideia!

— Gael, Gael. Você é mesmo um gênio! — Exclamei, admirado.

O outro escocês me dirigiu um olhar aturdido, parando imediatamente.

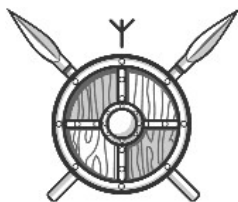
— Finalmente alguém além de mim mesmo enxergou isso — ele foi inteiramente sarcástico e depois bastante ansioso. — Mas, o que de incrível eu fiz dessa vez???

Meus olhos brilhavam, e nada tinha a ver com a fumaça. Todo aquele brilho vinha do fato de eu ter tido uma ideia genial graças as idiotices de Gael.

— Nós vamos envenená-los — falei, em tom baixo e suave. — Claro, precisaremos contar com a sorte de encontrarmos uma mamoneira.

— Mamoneira?

— Sim. Os envenenaremos a base de ricina. Apenas me ajude a encontrar a árvore. O resto eu mesmo faço.



Era até burlesco dizer que estávamos com sorte devido a situação de Kerrera, haja visto que grande parte dela havia sido consumida pelo fogo. Contudo, quando vi aquela pequena árvore depois de uma hora inteira procurando entre a destruição, tudo o que consegui pensar era que a sorte estava a nosso favor.

— *Tapadh leibh (obrigado)*, Odin! — Boquejei, sem conseguir me conter.

— *Ceart gu leòr (tudo bem)* — Gael cogitou levar a mão até a folha, mas paralisou. — O que essa coisinha faz? Tem dentes? É carnívora? — Questionou, olhando para as folhas sem compreender.

— O verdadeiro segredo está nas sementes — expliquei. — Ao ser inalada, ingerida, ou injetada, a ricina entra nas células e se liga aos ribossomos, impedindo a produção de proteínas e levando a célula à morte.

Gael fez um som estranho com a boca, como se tivesse engasgado com o próprio oxigênio.

— E pensar que, quando era criança, eu vivia atirando essas sementes em Jailson para irritá-lo — pensou alto e arregalou os olhos em choque. — Eu podia ter matado aquele pançudo de merda!

Assenti.

— Como você sabe disso? — Ele questionou, apontando para as sementes.

— Eu descobri quando estava pesquisando plantas venenosas para matar os cavalos do príncipe — revelei, recordando-me. — Mas não vamos perder tempo, me ajude a colher o máximo que conseguirmos.

Enchemos nossos bolsos, tomando o máximo de cuidado para não tocarmos em alguma semente acidentalmente. Não era certo que conseguiríamos matar todos os "soldadinhos" de Ryld, mas eliminar alguns deles já seria muito vantajoso.

Cof, Cof... Me sentei no chão ao sentir uma forte dor no peito por tanto tossir.

— O fogo pode não ter se alastrado até aqui, mas a fumaça por sua vez... — resmunguei, esfregando o nariz com o dorso da mão.

Gael também soltou uma tosse rouca e depois cuspiu no chão.

— Eu que o diga, grande Balder — concordou, e se sentou ao meu lado em seguida. — Agora que colhemos... *essa coisa*, me diga, como faremos que eles comam ou inalem?

Funguei.

— Precisaremos nos aproximar deles — funguei novamente. — Com certeza eles estão comendo e bebendo, se conseguirmos inserir as sementes dentro da comida ou da bebida...

— Se não morrermos baleados antes, claro — ele me interrompeu.

— Isso. Se não morrermos antes — concordei.

Gael jogou a cabeça para trás, olhando para o céu anil, suspirou e exclamou:

— De toda forma, grande Balder, eu me considero muito sortudo por ter conhecido cada um de vocês.

Meus olhos ficaram marejados.

— Eu quem sou sortudo, *bràthair* (irmão) — reiterarei. — Eu quem sou.

— Seu pai se orgulharia de você. Sabe disso, né?

Engoli em seco. Aquela frase acabou com a minha capacidade de falar.

— Não importa o desafio, você está sempre tentando proteger seus irmãos. Sempre dando sua vida por nós — ele completou, me deixando desconfortável. Eu era o único culpado por tudo o que aconteceu. Eu não podia permitir que Gael continuasse me vendo como um herói quando eu era o grande vilão.

— Gael... O... príncipe... Ryld incendiou a ilha porque eu o provoquei — admiti, causando uma enorme confusão dentro da sua cabeça. — Se eu não tivesse... se eu não tivesse ficado com Tess, nada disso teria acontecido. Eu... troquei Kerrera por ela.

— Não seja imbecil. Você viveu durante anos apenas para nós. Era hora de fazer uma escolha para si mesmo. E, com todo respeito, a brasileira é um pitelzinho.

Senti uma bola presa na garganta.

— Ela é o quê?

— É uma palavra nova que aprendi com Maisie e seus livros. Ah, melhor deixar isso *pra lá*.

— Pitelzinho — repeti, apenas para sentir como a palavra soava em minha boca. — Se porventura eu a chamasse disso, eu estaria sujeito à força?

Flagrei Gael refletindo sobre a pergunta.

— Depende. Se Tess for do tipo que se enrubesce facilmente. Então, sim. Ela o mataria.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu adoraria experimentar o efeito daquela nova palavra em suas maçãs, eu poderia olhar para seu rosto até o nascer do sol. Mas isso nunca aconteceria, as lembranças teriam que ser o suficiente para mim.

E então, um vazio inexorável preencheu meu peito. Eu estava tão oco quanto uma caixa, como se as batidas do meu coração tivessem ficado do outro lado do horizonte, *com Tess*. Como se sua voz fosse o som pelo qual meu coração batia.

Me desengasguei com um pigarro e me coloquei de pé. Delongar o inevitável só acabaria levando Gael e eu à uma mágoa paralisante.

Resolvi deixar as boas memórias o mais distante possível da minha mente, embora soubesse que elas iriam sangrar dia após dia. Eu precisava agir friamente como fiz durante anos. Precisava ser um homem de gelo e ter a alma tão escura quanto carvão.

— Gael, levante-se. Vamos acabar com isso — eu disse. — Agora somos apenas eu, você e essas sementes abençoadas por Odin.

As gargalhadas foram ouvidas a quilômetros de distância. Os malditos ingleses estavam se divertindo às nossas custas.

Malditos. Certifiquei-me se as sementes venenosas ainda estavam em meus bolsos e dei o primeiro passo, manifestando a minha presença. Procurei o rosto de Ryld em meio aos homens, e quando o encontrei, decidi dar as palavras.

— Soube que estava esperando por mim.

Seus subalternos praticamente pularam ao som da minha voz e sacaram suas armas, inclusive, o jovem rapaz que eu havia deixado na lixeira em Londres.

O príncipe me analisou dos pés à cabeça antes de se atrever sorrir.

— Eu nunca estive tão ansioso por um encontro, Sr. Mikhailovich.

Eu sempre fui bom com sarcasmo. Bem, era hora de fazer uso dessa virtude.

— Eu não teria me expressado melhor, Alteza — e sorri ostensivamente, como se ganchos estivessem puxando meus lábios gelados.

Ele encurtou nossa distância com seu par de botas.

— Kerrera ficou um pouco quente, não acha? — Gesticulou com uma mão, em forma de abano.

Precisei levar minhas mãos para trás das costas para conseguir me segurar.

— Acredito que não tão quente quanto o inferno, que certamente é para onde sua alma será levada, Alteza.

Sua risada de escárnio saiu pelo nariz, em forma de suspiro.

— Caso eu chegue primeiro, prometo que guardarei o seu lugar ao meu lado, Sr. Mikhailovich.

— Será uma grande gentileza — exasperei. Após o silêncio de ambos, resolvi questionar: — Agora me diga, a que devo sua presença em um lugar tão... estapafúrdico?

A ironia o levou a dar de ombros.

— Soube há pouco tempo que a rainha queria tomar Kerrera para transformá-la em um local turístico. Achei que eu poderia lhe dar uma... Como é mesmo a expressão? Ah, claro, uma mãozinha.

Cerrei os dentes e imaginei uma navalha traçando uma linha vertical no seu pescoço.

— Creio que seja por essa razão que as casas de muitas famílias foram incendiadas — levei um dedo ao lábio, fingindo pensar e o provoquei impiedosamente: — Ou, na verdade, isso tem a ver com o fato de Tess tê-lo rejeitado por mim?

Ouvi o risinho debochado de Gael às minhas costas.

Os olhos de relva de Ryld se incendiaram. Ele ergueu o punho como se fosse me golpear, mas se deteve.

— Não é a primeira vez que uma dama faz uma escolha inferior — devolveu o insulto, mas o dele não teve tanto sucesso no meu ego, uma vez que eu já estava acostumado a ser ofendido.

— Por que não diz de uma vez o que quer de mim, Ryld? — Questionei, em um humor derrotista, sem me importar por não ter usado a forma de tratamento correta.

Para mim, o único título de Ryld naquele momento era o de verme, desprezível e desgraçado.

— Ainda não tenho planos para a sua pessoa, Charlie. Mas admito que vendo seu rosto, muitas ideias me vieram à mente.

O fitei como se estivesse abalado.

— Novamente o senhor tirou palavras da minha boca. Isso está ficando realmente interessante, *Alteza* — zombei, em uma dramaticidade teatral. — Admito que estava temeroso com o transcorrer dos acontecimentos, pois, na maioria das vezes, a sua presença me causava tédio, mas... francamente, estou surpreso.

O rilhar dos seus dentes pôde ser ouvido por mim. Por Odin, eu estava mesmo adorando poder me expressar sem ter barreiras.

— Amarrem os dois! — Ryld ordenou, agitado. Ficou claro naquele momento que, entre nós dois, eu era muito mais experiente quando se tratava de dominar a cólera.



Escocês

EU SEMPRE TENTAVA TIRAR ALGO DE BOM em tudo de ruim que me acontecia. Então, eu preferia agradecer por não terem descoberto as sementes de mamona em meus bolsos, a reclamar por estar amarrado com Gael em um tronco de árvore na noite fria de Kerrera.

— São vinte e três homens — sussurrei para meu companheiro suicida.

— Isso significa que estamos *fodidos* ao extremo! — Exasperou. — Veja, que desgraçados... fizeram uma fogueira para se aquecer. Bem que podiam se jogar dentro dela.

Eu ainda conseguia rir das suas idiotices, apesar da desagradável circunstância.

Os homens tinham barracas armadas e agiam como se aquilo fosse um acampamento, e não o que de fato era: uma catástrofe.

— Quando aceitaremos que foi uma péssima ideia termos nos entregueado? — Prosseguiu Gael.

Me permiti revirar os olhos.

— Nunca ouviu a expressão: "Se não pode contra seus inimigos, junte-se a eles?"

— Sim. Mas ela sempre me pareceu uma grande *merda* — confessou, me arrancando outra revirada de olhos.

— Não se desespere. Em breve surgirá uma oportunidade e precisaremos estar prontos para ela. Então, fique quieto e tente se concentrar.

Gael era um bom homem, e também era forte fisicamente, mas se eu pudesse escolher estar com alguém naquele instante, eu escolheria Hamish. Hamish era treinado para adversidades, além de ser muito mais calmo que Gael. Ele me ajudaria a arquitetar um plano sem temer as consequências.

Em todo caso, não me adiantava pensar dessa forma. Gael era tudo o que me restara.

— Precisamos soltar nossas mãos, antes de mais nada — ele disse.

Virei o rosto para conseguir encará-lo.

— Eu já fiz isso — respondi. — Por Odin, não consegue se livrar de uma corda?

— Como é que... Como é que você se soltou tão facilmente?

— Eu afrouxei uma ponta usando meus dedos, enquanto você perdia tempo reclamando — retruquei.

— Às vezes acho que você não é humano, grande Balder.

— O nó que eles fizeram foi absolutamente ridículo, me espanta que você ainda esteja preso.

Gael apenas sorriu misteriosamente e ergueu a sobrancelha de uma maneira bem estranha, então, me mostrou suas mãos livres, enchendo-me de orgulho. O felizardo também conseguira se soltar.

— Eu sou lerdo, mas não burro — ele falou, afinal.

Retribuí o sorriso.

— Está bem, agora esconda as mãos. Eles não podem saber que nos desamarramos, isso complicaria as coisas.

Ele anuiu e novamente levou as mãos para as costas.

Ryld não apareceu nas horas seguintes, o que me levou a suspeitar que ele também estivesse armando algum plano ou apenas se preparava psicologicamente para matar Gael e eu. Alguns homens foram dormir ao anoitecer e cerca de cinco ficaram de guarda.

— Acho que essa é a chance que estávamos esperando — cochichou Gael, observando o mesmo que eu.

— Penso o mesmo — respondi, também em um sussurro.

Não haveria número menor de homens que não aqueles cinco idiotas de costas para nós e encarando a fogueira. Eu conseguiria lidar com três, e torcia fortemente para que Gael pudesse lidar com os outros dois. Eu sabia que os subalternos de Ryld eram muito bem treinados, afinal, eles serviam a realeza. Não era qualquer um que tinha essa "honra". A única vantagem que Gael e eu tínhamos, mesmo que mínima, era o fato de estarmos em nossas terras. Conhecíamos cada lasca dela. Sabíamos exatamente aonde pisar e sermos sorrateiros.

— Qual o plano? — Gael questionou assim que teve oportunidade.

Eu sabia que assim que um dos subalternos fosse atacado, o restante faria barulho e isso acordaria os outros. O silêncio que eu tanto almejava, iria pelo ralo.

Eu ainda tinha as sementes da mamona, contudo, o veneno não agiria imediatamente, podia levar até três dias. Era apenas uma alternativa, já que não tínhamos mais nada. Em algum momento eu iria usá-los, afinal.

Voltando para o início. O que eu tinha? Cinco homens armados, uma fogueira, que a todo momento precisava ser alimentada devido ao vento gélido, cabanas e... Espera um pouco.

O que... que diabos era aquilo se movendo na mata?

O vulto esgueirou-se para um canto escuro. *Não*. Apertei os olhos com intuito de enxergar melhor. Os vultos. Pareciam dois.

Não... só podia ser brincadeira.

— Gael — cutuquei sua costela com o cotovelo. — Me diga que estou vendo coisas.

Ele seguiu a direção do meu olhar e, ao reparar os vultos, apavorou-se.

— São mulheres? — Inquiriu, em choque.

Por Odin, que não seja quem estou pensando.

— Aquela... aquela ali é Maisie, não é? — Inquiriu Gael. A essa altura, já estávamos os dois em pé e ignorando completamente o fato de sermos prisioneiros.

Estiquei o pescoço para frente, afim de observar mais de perto. De qualquer forma, eu jamais conseguiria distinguir naquela distância.

— Como você...

— Eu reconheceria esses cabelos ruivos em qualquer lugar, grande Balder — Gael nem me deixou concluir a frase para expressar seu descontentamento. — E também, sua vizinha irritante.

— Tudo bem, agora me diga que a outra ali com Maisie não é quem estou pensando — rilhei os dentes furiosamente.

Gael riu baixinho e questionou com seriedade:

— Matamos primeiro as duas e depois os homens?

— Com toda certeza do mundo! — Acirrei. — Eu não posso acreditar que Tess ignorou todos os meus alertas.

— Não pode mesmo? — Zombou Gael. — De toda forma, elas podem ser úteis. Por que não esperamos para saber o que as duas doidinhas têm em mente?

O encarei com os olhos arregalados e incrédulos. Se ele conseguia enxergar ou não, eu não tinha certeza, e pouco me importava.

— Quer mesmo confiar nossas vidas àquelas duas ali?

— Tess já escapou de russos, grande Balder. E Maisie, bem... a ruivinha tem lá suas habilidades.

— Eu não posso acreditar nisso — balancei a cabeça de um lado para o outro e enfiei os dedos nos cabelos.

— Apenas sente sua bunda aí. Na pior das hipóteses teremos que salvá-las, mas para quem já está totalmente *fodido*...



Tess

CHARLIE ME DECAPITARIA. Claro que sim. Ele me agarraria pelo pescoço e me estrangularia com todo vigor. Como me deixei ser influenciada por Maisie daquela forma? Certo, admito que não pensei nas consequências muito mais que ela.

Quando Jailson me disse sobre Ryld ter aportado em Kerrera, eu apenas estremeci pensando em tudo o que podia acontecer com Charlie, e quando trombei com Maisie no hospital (ela havia levado uma mulher ferida para lá) e ela me contou que queria ir até Kerrera para ajudar Gael, eu apenas concordei com a cabeça.

Jailson, mesmo em seu estado debilitado, tentou nos impedir, mas quando os médicos o levaram para cirurgia... Bem, ele não pôde fazer mais nada.

— Me diga mais uma vez que isso não é loucura — ela pediu, tentando controlar o barco. Desde que ela assumira o volante, ficou claro que não tinha experiência alguma com barcos motorizados.

— Mas isso é uma loucura. Correção, isso é muito, muito, muito suicida. Devíamos estar ajudando as pessoas que saíram de Kerrera e não indo em busca de mais confusão.

Ela virou o volante abruptamente e eu fui jogada para o outro lado do barco feito uma bola de *Ping Pong*.

— Pelos deuses, isso aqui é muito sensível — resmungou, se referindo ao volante, e em seguida voltou ao assunto principal. — Os deixamos no hospital, não podíamos fazer mais que isso por eles. Agora é com os médicos. Se a ciência realmente cura, eis a chance dela se mostrar útil.

— Maisie, eu te falei que Charlie já tinha ido buscar Gael e também contei que Jailson me contou que Ryld estava em Kerrera com seus homens — falei, assim que me recompus.

— Eu sei... eu sei.

— Devíamos ter alertado a polícia! — Eu disse.

— E dizer que o príncipe de Gales está tomando uma terra que decerto lhe pertence? — Ela retrucou em um timbre que eu ousava dizer ser irônico.

Exprimi minha frustração através de longos suspiros.

— Charlie e Gael podem já não estar mais na ilha — acautelei.

— Eu conheço muito bem aquelas dois. Eles jamais deixariam Kerrera sem lutar — ela se virou para me olhar.

— Pelo amor de Deus, olhe para frente! — Esperneei. Eu estava mesmo à flor da pele. Como diabos Maisie e eu podíamos ajudar aqueles dois cabeças de vento? Aportaríamos em Kerrera no meio da noite sem qualquer plano bem elaborado.

A ruiva era uma lunática que acreditava em deuses para nos proteger. Eu não iria contrariá-la, mas tinha total certeza de que esses tais deuses não nos protegeriam de uma bala perdida, e era exatamente isso o que me assustava.

Chegamos um tempo depois. A viagem era ainda mais desgastante quando sabíamos o que nos esperava.

Desembarcamos juntas.

Estava tudo tenebroso e quieto (exceto pelo estralar crocante das madeiras sobre o baixo fogo). A fumaceira ainda continuava terrível e nauseante.

— Há um lado positivo — ela colocou as duas mãos nos quadris ao observar o horizonte esfumaçado. — O fogaréu diminuiu.

Assenti. Eu não concordava e nem discordava. O fogo estava menor porque ele já tinha devorado tudo o que tinha para devorar, isso de forma alguma era um lado positivo.

Dei cerca de quatro passos antes de tropeçar em algo e ir direto para o chão.

Um impropério dos mais sujos escapou dos meus lábios.

— Isso é do Charlie... — ciciei, encarando a mala revestida de cinzas.

— Vamos abrir. Quem sabe não achamos algo útil — instigou Maisie acelerada. Ajoelhou-se ao meu lado e começou a correr o zíper pelo

trilho.

— Útil? Deve ter apenas cuecas e olhe lá... Mas o quê... Não acredito... Por que diabos eles deixaram isso para trás?

Maisie segurava o revólver na altura dos meus olhos e tinha um semblante pra lá de enigmático.

— Vamos descobrir — e analisou a arma de todos os ângulos possíveis. Até chegar em uma conclusão. — Há apenas uma munição.

— Ora, mas isso é muito melhor do que nada.

Ela franziu a testa.

— Talvez eles tenham encontrado algo mais útil que a arma.

Concordei, ainda que com um pé atrás. O que podia ser mais útil que uma arma em uma situação como aquela?

— Vamos levar isso. Você sabe usar... *né*? — Perguntei, antes de me lembrar que certa vez Maisie me contou que sabia atirar.

— Sim, eu sei, mas estamos falando de um único disparo. Jailson nos disse que eram muitos homens.

A segurei pelos ombros.

— Todo bando tem um líder.

Ela fez aquela típica expressão de perplexidade.

— Está me pedindo para atirar no príncipe?

Engoli em seco.

— Se não puder fazer, deixe que eu faça.

— Você enlouqueceu mesmo.

— É a única maneira. Se acertarmos o príncipe, os outros homens ficarão paralisados, sem saber como agir.

— Eles me matarão! — Ela gritou, como se o tom alto fosse me fazer enxergar o risco com mais eficácia.

— Se eles pegarem a arma para atirar em você, eu juro que entro na frente. Eu a protegerei com a minha vida.

— Ah, Tess — disse com doçura. — Você é uma ótima amiga.

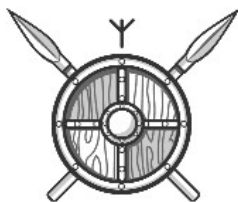
— Bem, eu estou pedindo que você atire em um príncipe. Não sei como diabos isso pode me tornar uma boa pessoa.

Maisie soltou uma gargalhada tão magnífica quanto o som de ondas do mar ouvido através de uma concha. Ela inspirava serenidade. Maisie tinha uma aura tão boa em torno de si, ficar perto dela era como voltar a ter a pureza de uma criança, era quase impossível não acreditar em unicórnios, caso ela dissesse que eles são reais.

— Eiiiiiii.... Eu tive uma ideia — agitou-se e se levantou. Maisie começou a dar pulinhos e bater palminhas, feito uma boba alegre.

Santo Deus... E mesmo temerosa, eu pronunciei:

— Então me diga.



Não foi difícil encontrar o acampamento de Ryld, já que Jailson nos dera uma vaga explicação antes de partirmos. Como ele sabia que não desistiríamos da ideia absurda de ir até Kerrera, ele achou mais sábio não nos deixar perdidas em uma floresta incendiada.

Uma das ideias de Maisie foi a de amarrarmos uma camiseta de Charlie em nossos rostos para não respirarmos a fumaça podre. Sua outra ideia... bem, era mesmo muito tola e difícil de funcionar. No entanto, como eu não conseguira pensar em nada melhor que aquilo, achei mais adequado seguir suas instruções.

— Acha que Charlie e Gael estão com eles? — Ela perguntou baixinho assim que nos aproximamos do acampamento. Sua voz saiu abafada por conta do tecido no rosto.

Usamos os troncos espessos das árvores para nos esgueirarmos sem sermos vistas. Avistei cerca de cinco homens em torno de uma fogueira. Estava mesmo bem frio e a ideia de me aproximar da chama para me aquecer, foi tentadora.

— Eu não saberia dizer. É difícil ver algo além de uma figura indistinta nessa escuridão toda — minha voz soou bochornosa como a

sua.

— É por isso que eu preciso que você faça o que lhe pedi. Acha que consegue?

— Não conseguir não é uma opção — atentei, antes de encher meus pulmões de ar. Assim que o fiz, soube imediatamente que não podia continuar procrastinando. Eu precisava agir para que o (péssimo) plano de Maisie se desenrolasse. E, antes de mais nada, precisava confiar nela.

Andei rumo aos homens na fogueira com as mãos para o alto, deixando claro que eu estava desarmada. Quando me viram, se levantaram. Apenas um deles sacou a arma, os outros sorriram, achando graça de algo que eu era incapaz de saber o quê.

— Quero falar com Ryld.

— E quem é você? — Um deles questionou.

Arranquei a camiseta do meu rosto para que me identificassem.

— Sou Tess, sua ex-noiva.



Escocês

— **O** QUE ELA PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? — Tentei me levantar, porém Gael me segurou firme.

— Eu não sei. Mas Maisie não tentou impedi-la. Veja — ele cochichou, apontando com a cabeça para Maisie que permanecia entre as árvores sem saber da nossa presença, observando Tess de longe, da mesma forma que Gael e eu fazíamos.

Tess falou algo com os homens, da distância que eu estava era difícil ouvir. Então ela arrancou o pano que cobria seu rosto e balançou a cabeça para soltar os cabelos do coque.

— E se elas não tiverem um plano? E se acharem que somos refém deles...

— Nós somos reféns — ele me cortou e olhou para os pulsos livres, tirando sarro, porque os subalternos ainda não sabiam que tínhamos nos desamarrado. — Quero dizer, era para sermos.

Meu coração se acelerou ainda mais quando vi um dos homens se afastar e ir em direção à barraca de Ryld.

— Gael, você precisa me soltar agora mesmo! — Disse rispidamente.

— Sossegue, grande Balder. Eu prometo que se algum deles tocar naquela brasileira, eu mesmo vou pra cima — declarou com uma intensidade abrasadora. — Mas, enquanto nada de ruim acontece, vamos apenas observar e tentar entender o que tem na cabeça daquelas duas doidas.

Soltei o ar brevemente antes de aceitar ficar imóvel feito uma árvore enquanto a mulher que eu amava fazia sacrifícios por mim.

Ryld saiu da cabana um tempo depois, provavelmente estava surpreso pela visita de Tess. Ele se aproximou da criatura com seu jeito grotesco de quem se acha dono do mundo.

— Queria poder ouvir o que conversam — lamentou Gael, arrancando palavras da minha boca.

— Não podemos nos aproximar. Até onde sabemos, somos o elemento surpresa daquelas duas.

Tess não conseguia disfarçar, de vez em quando olhava por cima do ombro em direção à Maisie. Ela simulava uma coçadinha na testa, mas se Ryld fosse esperto ele logo veria a ruiva à espreita e saberia que Tess armara uma emboscada para ele.

A questão era: que emboscada?

Ifrinn (inferno). Que raios era aquilo nas mãos de Maisie?

Não. Nem pensar. A-mhàin thar mo mharbhan (só por cima do meu cadáver).

— Gael... — o cutuquei, sendo terrivelmente indelicado. — Olhe para aquilo!

Ele praguejou de dor antes de me obedecer e tornar a encarar Maisie.

— Minha nossa... É UMA ARMA? — Levou uma mão à boca para conter o espanto. Assim que se controlou, ele perguntou em um tom mais fraco: — É o seu revólver? Você não disse que há apenas uma munição?

Apertei os olhos para tentar dizer se era mesmo o revólver que eu deixara para trás.

— Que diabo, eu estava dizendo a verdade — rebati. Em menos de um piscar de olhos, eu compreendi o plano das duas. — Maisie pretende matar o príncipe e Tess foi sua isca para atraí-lo.

— E-e a ruivinha... é tão boa de mira assim? — Ele titubeou.

Balancei a cabeça, sentindo meu corpo inteiro se retesar de ansiedade.

— Mesmo que fosse, está escuro. O disparo pode passar longe de Ryld e pior que isso, ela pode acertar Tess acidentalmente.

— Certo. Dessa vez concordo com você. Me dói até os ossos admitir, mas você é o único que conhece capaz de acertar um tiro desses.

— Me dê cobertura.

— Hey, psiu — ele me chamou, mas eu já estava distante. — O que você vai fazer!?



Tess

—... **E** VOCÊ SE ACHA MUITO MELHOR QUE EU depois de ter destruído todas essas casas!? — Questionei, impetuosa.

Ryld cruzou os braços com marra.

— Não seja tão dramática, essas pessoas terão todo suporte necessário para recomeçar suas vidas.

— Ah, claro, isso certamente resolve tudo — debochei, em um tom terrivelmente indelicado. — Seus capangas feriram pessoas. Você sabia que um deles até baleou um homem inocente!?

— Tess, você não veio até aqui para me passar sermão — ele pressionou, e eu tinha certeza que seus olhos estavam inescrutáveis. Era a segunda vez que ele me forçava a revelar minhas verdadeiras intenções e eu era evasiva.

Eu me tremi e suei frio dos pés à cabeça. Eu já estive naquela situação antes, confiando em Maisie e em sua pontaria, e eu fui parar em um barco russo. EM UM BARCO RUSSO!

Que Deus me ajude, mas se Maisie errar o disparo eu estarei verdadeiramente encrencada.

Já não sabia como continuar enrolando Ryld, ficar evidenciando suas perversidades não estava funcionando já fazia pelo menos dois minutos. Todos me olhavam com expectativa e desconfiança.

Troquei a perna de apoio, antes de pensar na próxima besteira a ser dita.

— O que pretende fazer?

— Não é da sua conta — Ryld perdeu a paciência, por fim. — Minha vida deixou de ser da sua conta quando escolheu aquele imprestável ao invés de mim!

— Ora, Ryld, não é minha culpa se Charlie e eu temos o mesmo sangue quente — retruquei com altivez, quando engoli a minha língua já era tarde demais. Como algo tão malicioso pôde sair da minha boca em um momento infeliz como aquele? Santo Deus.

Ryld agarrou meus braços e me chacoalhou para frente e para trás violentamente. Me senti tão leve quanto uma bexiga ao vento.

Maisie... Essa é uma boa hora para interferir.

— Eu vou destruir tudo o que você ama. Eu vou...

Bam!

E Ryld foi para o chão como um saco de lixo.

E um grito. Provavelmente o meu, pôde ser ouvido do outro lado do oceano.

Após o primeiro estrondo, houve muitos outros. Foram tantos tiros que eu ensurdeci e fiquei desorientada. Levei as mãos à cabeça para me proteger e me encolhi feito um pássaro molhado.

— Fique aqui! — Ordenou Charlie, ao me pegar no colo e me colocar desajeitadamente atrás de uma árvore.

Eu cambaleei até encontrar o equilíbrio das pernas. Porém, minhas mãos continuaram trêmulas e meus lábios gelados.

— Charlie... — respirei aliviada ao senti-lo. Ele estava vivo. Vivo. Tentei puxar seu braço quando vi que ele pretendia voltar para o meio do tumulto.

— Eu preciso ajudar Gael e Maisie — alertou-me em um tom condescendente e se soltou. Fiquei novamente perdida. Eram tantos ruídos, gemidos, gritos, tiros e sangue. Eu precisei fechar os olhos e abri-los por um minuto para conseguir entender claramente o que estava acontecendo.

Gael estava lidando com vários homens ao mesmo tempo. Ele não estava armado ainda, *quer dizer*, havia um pedaço de tronco de árvore nas suas mãos que o estava ajudando. Assim que ele conseguia golpear um adversário, outro aparecia por trás ou pela frente e o atacava, ferindo-o com fúria. Quando um dos homens conseguiu sacar sua arma para tentar disparar em Gael, Maisie interveio por trás e pulou nas costas do sujeito feito um bicho, e impediu o tiro de acertar o alvo. Com tantos homens abatidos e indefesos no chão, foi fácil para os escoceses conseguirem algumas armas de fogo. Inclusive Charlie. Assim que ele conseguiu um armamento, quatro homens desabaram mortos no chão.

Contei um tiro para cada cabeça.

Um tiro para cada cabeça...

Deus do céu, Ryld!

Olhei para o outro lado.

Ryld estava sendo carregado por dois homens para longe da algazarra; ainda que morto, ele precisava ser protegido, era o dever dos capangas.

Será que... que está vivo? E se não estiver, o que acontecerá com Maisie? Fora ela quem dera o disparo fatal. Ora, não importava mais. Eu prometi que lhe daria o meu apoio. *Mesmo que isso signifique viver feito uma fugitiva?* Chacoalhei a cabeça para expulsar o pensamento. Não era hora de me preocupar. Antes de mais nada, eu precisava ajudá-los... *Mesmo estando tão evidente que eles não precisam de ajuda alguma.*

Como... como diabos eles estão vencendo essa luta?

— Charlie... atrás de você! — Gritei, a ponto de fazer a garganta arder, quando vi que um dos homens de Ryld pretendia surpreendê-lo pelas costas. Graças ao meu grito, Charlie se virou a tempo e se esquivou do punho fechado. Tive a impressão de ter ganhado uma piscadela em troca. Era impossível ter certeza devido a escuridão e a distância de metros, mas eu corei mesmo assim.

Não demorou para que os invasores se dessem conta de que estavam em total desvantagem — mesmo que estivessem em um número grande de homens, eles não eram páreos para os escoceses tempestuosos e armados — e batessem em retirada.

Os primeiros a deixarem o confronto foram os que estavam com Ryld nos braços. Aos poucos todos foram saindo. Afinal, aquele confronto terminou para eles quando o líder foi alvejado.

— Isso mesmo. Fugam seus covardes! — Gritou Gael a plenos pulmões. Algo escorria dos seus lábios, certamente era sangue.

Maisie se aproximou de mim em passos trôpegos e enxugou o suor da testa com o braço. A claridade bruxuleante da fogueira me fez notar um sangramento aflitivo que emanava da sua sobrancelha.

— Você está bem? — Ela me perguntou quando a distância entre nós duas foi reduzida a centímetros.

A fitei com incredulidade, ainda que ela não pudesse enxergar com nitidez.

— Está falando sério? Olhe para vocês, enfrentaram aqueles homens destemidamente — falei sincera e em choque. — E você... Acertou o tiro em Ryld.

Ela deixou escapar um gemido.

— Oh, Tess, não fui eu.

— O quê? — Questionei, confusa.

— Charlie apareceu antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. E, pelos deuses, fiquei feliz, eu estava com as mãos suadas e dormentes. Não sabia se conseguiria acertar o disparo.

Meus olhos varreram todo o acampamento em busca de Charlie. Ele estava posto de cócoras, olhando para o solo pedregoso e alienado do mundo ao seu redor.

Ofeguei, não conseguia produzir qualquer outro som. Estava abalada. Todos nós estávamos.

— Precisamos deixar a ilha antes que os bombeiros cheguem — atentou Charlie, depois de cinco minutos em pleno silêncio. Eu contei, pois a ausência da sua voz me agonizava mais que sua aspereza.

Todos concordaram. Afinal, qualquer lugar era melhor que no meio daqueles cadáveres que eu me recusava olhar.

Outra vez o silêncio conquistou seu espaço entre nós. Gael e Maisie iam na frente, abrindo espaço na mata, enquanto Charlie e eu seguíamos logo atrás, rumo ao cais.

— Não dirá nada? — Perguntei, sentindo fortes palpitações no peito.

Ele se absteve de falar. E era certo que seus lábios estavam esticados formando uma linha única.

— Charlie... não pode me culpar por ter vindo — prossegui.

Silêncio.

— Fale alguma coisa, pelo amor de Deus! — Insisti, e puxei seu braço com truculência.

— Eu, honestamente, prefiro não insultá-la! — Rosnou com a violência de um trovão.

— Ora, e eu prefiro que me insulte, ao menos dessa forma eu saberei o que está pensando.

— Pois eu tenho certeza de que não quer saber. — Senti o seu hálito cálido em meu rosto e eu sabia que seus olhos estavam tão escuros quanto as nuvens do céu naquela noite.

— Eu quero... — falei, com a fragilidade de um cristal.

Charlie me segurou pelos pulsos com afinco. O desejo que eu tinha até poucos segundos sobre querer contato, se dissipou com a rajada de vento.

— Então quer mesmo saber que eu desejo estrangulá-la? Que eu estou odiando o fato de não ter obedecido a droga de uma ordem tão simples?

— Você me odeia?

Ele bufou.

— O quê? Não, é claro que não a odeio. Eu odeio o fato de quase ter morrido por minha culpa.

Fiquei parcialmente aliviada, porém, continuava com medo do escocês. Uma vez que eu vi do que ele era capaz.

— A morte passou muito longe de mim, Charlie. Não seja melodramático.

— NÃO SEJA MELODRAMÁTICO!? — Ele estrondeou para ninguém em especial, no ápice da indignação. — Alguém leve essa mulher daqui antes que eu cometa outro assassinato!

— Pare de gritar!

— Ah, agora eu tenho que parar de gritar? Mas não era você mesma que estava pedindo para que eu me expressasse?

Ele estava fazendo eu perder a cabeça de vez. Se eu não amasse a simetria do seu rosto, eu certamente teria lhe dado um murro no nariz.

— Esqueça o que eu disse. Apenas continue quieto — e puxei meus braços para me soltar, irritada.

— Não. Eu estou adorando exprimir meus sentimentos, reconheço que já me sinto muito mais aliviado.

Inalei o ar com força.

— Você está realmente bravo comigo ou está descontando o peso de todos os acontecimentos em minhas costas?

Ele ficou calado por cerca de dois minutos. Eu estava ficando boa em contar o tempo das suas pausas.

— Eu não tenho dúvida de que estou bravo com você — alertou-me — porque eu a amo, e, ultimamente, meu maior medo tem sido perdê-la.

— Mas você me deixou...

Ele balançou a cabeça antes que eu pudesse finalizar a frase.

— Tudo o que preciso é que *seu* coração continue batendo para que o *meu* bata.

Fui golpeada por aquela doce confissão.

— Ahhhhh... Se beijem de uma vez! — Gritou Gael, nos atentando da presença deles.

— O que ainda estão fazendo aqui? — Questionou Charlie, rispidamente.

— Observando vocês discutirem — admitiu Maisie, também se fazendo presente.

— E não tem vergonha de admitir? — Retrucou Charlie, espantado com a ousadia da ruiva.

— Até tenho, mas a discussão estava muito mais interessante.

Eu gostaria de ter ficado brava com Maisie e Gael pela intromissão deles em um assunto tão sério, só que era impossível. Os dois eram muito mais engraçados que irritantes.

Charlie resmungou palavras indecifráveis antes de voltar a andar, e deu nossa conversa por encerrada. Eu fiquei chateada, é claro, queria saber como seria dali em diante. Se algo havia mudado entre nós. Se aquele adeus dado no cais da cidade era mesmo definitivo. E, não menos importante: o que aconteceria com ele depois do que fez com Ryld?

Mas nem um furacão deteria os passos decididos daquele homem, e tampouco uma faca ameaçadora na sua garganta o faria falar outra vez.

Bem, talvez eu devesse mesmo ficar zangada com Maisie e Gael. Eles me privaram de um assunto muito, muito importante.

— Acho que nunca vi Kerrera com tantas opções de barcos — comentou Maisie ao chegarmos no cais. Ela estava exagerando. Havia somente dois barcos ali, o nosso e o de Charlie. O de Ryld não estava naquele mesma plataforma.

Ryld... Santo Deus.

— Gael, você vai em um barco com Maisie. Tess e eu iremos no outro.

— Nunca me ocorreu o oposto — ouvi Gael murmurar e deu um empurrão nada gentil em Maisie. — Ande logo, ruivinha, não temos a noite toda.

— Encoste em mim outra vez e eu lhe arranco as mãos! — Ela esbravejou em resposta.

Eu acelerei os passos para me aproximar de Charlie e balbuciar:

— Acha seguro eles irem juntos?

— Penso o mesmo, porém, em relação a nós — ele revidou.

Fechei a cara e me sentei no barco. Eu ainda não tinha me acostumado com o desconforto daquele meio de transporte, o que era lamentável, considerando quantas vezes eu já tinha andado de barco desde que conhecera os escoceses.

Charlie pegou sua bagagem antes de subir a bordo.

— Nos vemos em breve, grande Balder — gritou Gael, antes de ligar o motor do seu barco e acelerar. Existia uma grande chance do escocês estar vendo aquilo como uma competição, o que não era surpresa alguma. O espírito competitivo de Gael não se deixava abater por nenhuma intempérie, ainda que isso pudesse envolver o assassinato de um príncipe.

Não tínhamos nos distanciado muito da plataforma para que eu começasse a falar feito uma matraca. Se Charlie estava me dando atenção ou não, era irrelevante. Eu apenas detestava ficar calada e ser obrigada a pensar sobre as últimas horas.

— ...e tentou nos impedir, ainda que com uma perna baleada e cheio de dor...

— Por Odin, fique quieta por pelo menos um minuto, *boireannach!*

Fiz um som bastante irritante com os lábios, antes de cruzar os braços com a birra de uma criança que recebeu um "não" dos pais.

Fiquei sem dizer nada pelo tempo que me pediu, e eu contei, um minuto, para começar a projetar muitas palavras novamente.

— Tenha piedade — exclamou Charlie, impaciente.

— Você me pediu um minuto de silêncio, foi o que lhe dei — me defendi.

Ele suspirou.

— Me conceda cinco minutos. Eu imploro.

Da distância que estávamos era possível ouvir as gargalhadas estridentes de Maisie e de Gael. Eu os invejei.

— *Quero trocar meu acompanhante.*

— O que disse? — Charlie perguntou com interesse.

Mordi o lábio inferior com força. Seu tom árido me deixava reprimida.

— Nada.

— Estou certo de que disse algo.

— Não era para ter ouvido — expliquei, birrenta.

— Então não devia ter pronunciado em voz alta — refutou. — Ouça, criatura, se não me disser o que raios saiu dos seus lábios, eu desligarei o motor desse barco e passaremos longas horas vagando no mar. Acredito que odiaria isso.

— Que diabo, Charlie, foi você mesmo quem ordenou que eu ficasse calada e agora está insistindo arduamente para que eu fale? — E ele fez, desligou o motor do maldito barco e se virou de frente para mim. À excêntrica luz do luar, o desgramado era de tirar o fôlego e de deixar as pernas bambas. Ele era mais lindo que qualquer coisa à minha volta; era de uma beleza extraordinária.

— A madame queria que eu a ouvisse, pois bem. Agora sou todo ouvidos.

Claro que o maldito me chamaria de madame para me pirraçar.

— Eu odeio seu mau humor — confessei.

— Eu odeio sua irresponsabilidade.

— Não sou irresponsável!

Ele deu de ombros por hábito.

— Há controversas.

Decidi que não era primordial discutir sobre aquilo. Eu era mesmo um pouquinho irresponsável, às vezes. Mas, oras, quem não era?

— Odeio o fato de você não compartilhar comigo o que está pensando e sentindo — continuei.

— Bem, esse é o meu jeito. Não posso mudá-lo.

— Talvez você *não queira* mudá-lo — retifiquei, o surpreendendo. Pela primeira vez, vi Charlie perdido na resposta.

Por fim, como esperado, ele mudou de assunto.

— Não era para você estar aqui.

— Mas eu estou e não há nada que você possa fazer.

— E é exatamente isso que me deixa extremamente furioso — explodiu, esquecendo-se que estávamos em um barco e que qualquer movimento brusco podia nos derrubar. — E se eu não tivesse tirado a arma da mão de Maisie? Você podia ter morrido, sabia disso?

— S-sim — gaguejei covardemente. — Eu estava ciente dos riscos.

— Novamente, há controversas — ele disse, em um tom inaceitavelmente rude. — Por que você veio, Tess?

Por que? Era difícil encontrar uma única resposta para uma pergunta que abrangia uma complexidade berrante de sentimentos.

— Eu... não sei — falei, enfim.

— Não sabe? — Pareceu decepcionado com a minha resposta. — Você arriscou sua vida sem saber porquê?

— Não é bem assim — me abracei. Não gostava do percurso que a conversa estava tomando. Era para falarmos sobre ele, não sobre mim.

Não era do meu feitio ficar sem resposta.

— Então, por favor, me explique — insistiu.

Ah, Charlie estava mesmo adorando aquilo, fazer de mim o centro das atenções e me deixar desconjuntada.

— Aquilo são guardas. Não são? — Apontei para o horizonte, para um barco e uma forte luz vindo em nossa direção.

Charlie se virou com urgência.

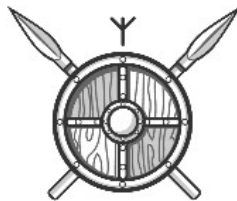
— Maldição! — E rapidamente voltou a assumir o controle do barco.

Não fazia parte dos meus planos mudar de assunto, mas, bem, veio a calhar.

— Segure firme! — Ele avisou e acelerou.

Eu soltei um gritinho antes de cair de bunda e decidir que eu nunca mais andaria de barco.

A pergunta que eu cogitara fazer sobre estarmos fugindo ficou apenas dentro da minha cabeça. E, quando reparei que seguíamos uma direção oposta a dos guardas, ela foi muito bem respondida.



— Que ilha é essa? — Perguntei, olhando em volta. A areia era bem branca, mas a vegetação não era tão densa e nem tão bonita quanto a de Kerrera. *A antiga Kerrera.*

— Não sei — respondeu Charlie com sinceridade. Ele saltou do barco e molhou a calça ao andar pela água de encontro à areia.

— Por que paramos?

— Estamos sem dormir há horas. Precisamos descansar — falou. E era verdade. Eu não tinha pregado os olhos desde que deixamos Londres. Contudo, quem conseguiria dormir em meio a tudo aquilo?

— E Maisie e Gael? — Perguntei, aflita.

— Eles sabem se virar. Não se preocupe com os dois.

Quanto àquilo eu não tinha dúvida alguma. Eu vira de perto como enfrentaram os homens de Ryld. Na verdade, o meu medo era de que eles fossem pego pelas autoridades. Gael faria piadinhas até ser algemado e Maisie pediria aos deuses que eles lançassem um raio na cabeça de cada policial.

Me deixei cair de costas na areia, exausta. Charlie se sentou ao meu lado e sacudiu as barras da sua calça para tirar o excesso de água.

— Que *Déjà vu* — comentei.

— Que o quê!? — O tom soou feito o de um garoto bobinho.

O amanhecer refletia o brilho dos seus olhos curiosos e toda a profundidade existente dentro deles. Era como um planeta desconhecido, um mistério jamais revelado. Havia muitos segredos dentro daqueles olhos, e eu desejava ser a única capaz de desvendá-los.

— É um termo da língua francesa para expressar algo que já foi vivido antes, como se fosse o *replay* de uma cena — dei uma explicação rasa. — O que quero dizer é que esse momento me remeteu à vez em que fugimos dos russos. Eu e você nos sentamos assim, na orla da praia.

— Você tem razão — e olhou para as ondas suaves do mar. — Eu me lembro de tudo. Principalmente de tê-la beijado.

— Isso é irrelevante.

Ele cerrou o cenho e perguntou ofendido:

— Como ousa dizer que meu beijo é irrelevante?

— Porque o mais significativo daquele dia, foi você ter admitido que estava apaixonado por mim.

— E você me rejeitou — lembrou também, amargurado.

Eu me sentei e o fitei intensamente. O intuito não era me sufocar, mas aconteceu. Sempre acontecia perto de Charlie, era tão certo quanto enfiar os pés na água e saber que eles molhariam. Os meus pulmões pareciam menores quando eu olhava pra ele, quase do tamanho de uma ervilha. A culpa era daqueles olhos e a forma como eles pareciam me deixar feito um carro desgovernado.

— Não o rejeitei. Eu fiquei confusa. Você *sempre* me deixa confusa.

— Não — retrucou abruptamente. — Eu só confessei o que você sabia o tempo todo. Achei que gostasse de quando eu me expressei.

— Não gostaria de tentar fazer isso agora? — Provoquei.

— Me expressar?

Confirmei com a cabeça. Ele estudou meu rosto por um minuto. Seus olhos foram dos meus cabelos até a minha boca.

— Eu gostaria de poder beijá-la.

Engasguei com a saliva.

— Gostaria?

— Mais do que qualquer coisa.

— E por que não o faz? — Perguntei corajosa.

— Eu perdi esse direito quando a deixei — falou e olhou para as próprias mãos. — Além do mais, receio que não seria capaz de me contentar com um mísero beijo.

Meus lábios estavam mais do que prontos para receber sua língua, e minha intimidade mais molhada que a areia sob meus pés agora descalços. Porém, quando me dei conta do que o desgraçado estava fazendo, eu recuei.

— Você não quer *mesmo* me beijar. Você só está evitando o assunto principal.

— Acho que ainda sou capaz de interpretar os desejos do meu corpo — uma pausa para suspirar. — Mas, preciso admitir que a senhorita está coberta de razão — ele leu algo em minha expressão que o fez acrescentar: — me refiro a sobre eu estar evitando o assunto principal.

— Ora, não poderá fugir disso dessa vez. Você está preso em uma ilha comigo, Charlie.

Ele riu ardentemente.

— *Boireannach*, creio que seja o oposto.

— Bem, não importa. Você atirou em Ryld; precisamos conversar sobre isso.

Charlie praguejou e enfiou os dedos das mãos dentro da areia.

Ahhh... esses dedos que já me levaram para outro mundo.

Que diabo, se concentre!

— Não estou afim de fazer uma terapia agora — objetou. E tirou os dedos da areia, lentamente, um por vez, ciente de que eu observava atentamente.

Ele estava me provocando. Não estava?

— Acha que o matou? — A voz soou fraca. A pergunta chamou atenção de Charlie e ele parou tudo o que estava fazendo apenas para me encarar firmemente.

— Se um calibre.38 na cabeça não é mais capaz de matar um homem, então eu já não sei o que é.

Desviei o olhar.

— Isso a assusta? — Inquiriu, e apontou com o dedo sujo de areia para um pouco acima do meu queixo. — Seus lábios estão brancos.

— É só que... — fechei os olhos, indecisa sobre as próximas palavras. — Ele era meu noivo.

O silêncio de Charlie me obrigou a erguer as pálpebras para entender que diabos o calou daquela vez. Ele estava com uma expressão de dor no rosto. E a rigidez do seu peito deixava claro que estava prendendo o ar.

— Você o amava? — Sua voz soou carregada, sombria, venenosa.

— Eu nunca amei outro além de você, Charlie — a resposta rápida era para não causar dúvida. — Mas isso não oblitera o fato de um dia eu ter pensado em casar com ele e agora ele estar morto.

— Ele incend...

Levei um dedo em sua boca para calá-lo.

— Não estou dizendo que Ryld não merecia a morte. O que digo é que é assustador pensar que ele está morto.

— Sei — falou, quando distanciei o dedo.

— Não... não me olhe como se eu estivesse mentindo! — Critiquei.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Não estou fazendo isso — retrucou, sem convicção. — Eu nunca tive dúvida sobre o que sinto por você, Tess. Eu só não imaginava que

fosse tão intenso.

Respirei sutilmente.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que, se não for para tê-la em meus braços agora, eu prefiro não viver mais nem um segundo.

Então eu fui beijada, no frágil amanhecer e ao som das ondas do mar, pelo homem que eu tinha a honra de compartilhar cada preciosa respiração.

O beijo foi suave, como uma brisa acariciando o meu rosto, e doce como um pedaço de algodão doce.

— Ah, Deus do céu. Você me emburrece, Charlie — falei, meus lábios ainda grudados nos seus.

Ele se distanciou e sorriu. Simplesmente sorriu, sem se dar a menor conta do quanto aquelas curvas em seu rosto me eletrizavam.

— Acho que não estou familiarizado com esse insulto.

— Não foi um insulto — eu disse.

— Também não foi um elogio — atentou, cético.

Entreabri a boca e deixei escapar um suspiro.

— Você disse que sou irresponsável, e é a mais cruel verdade. Mas isso é exclusivamente culpa sua. Estou a todo momento agindo erroneamente quando se trata de você.

Suas sobrancelhas se juntaram em uma desconfiança impiedosa.

— Devo agradecer ou me defender? A madame me deixou extremamente confuso agora.

Eu o olhei.

Só olhei.

— Você é linda — ele comentou despretensiosamente, e suas mãos, ainda sujas de areia áspera, acalentaram meu rosto com a mesma gentileza do glorioso sol da manhã —, e eu sou um grande sortudo por tê-la inteiramente para mim.

— Eu não diria sortudo...

— Shhh. Deixe que eu decida sobre isso — silenciou-me. — Apenas fique quieta e me permita apreciar sua adorável companhia.

E naquele átimo, onde a luz do dia se libertava por toda a Escócia com a sua magnitude, Charlie me beijou pela segunda vez.

E foi como se eu soubesse que tudo ficaria bem.



Escocês

ESTAVA TUDO ARRUINADO, e da pior forma possível. Pelos deuses, se aquilo não era o caos, nada no mundo seria.

Eu iria para à força quando a rainha descobrisse o que eu fiz com seu filho, tudo declinaria tal como uma ladeira. E ela descobriria, era só uma questão de minutos. Ou segundos.

E ainda tinha Nikolai. Ele cumpriria com sua promessa caso eu não cumprisse com a minha. Ele iria atrás de Tess com todo furor. Somente por essa razão eu não fui no barco com os subalternos de Ryld. Se não fosse por Tess, eu me entregaria sem pensar duas vezes.

Ah, criatura, que raios farei com você?

— Está tudo bem? — Ela perguntou, algumas horas depois. Estávamos esticados na parte menos úmida da praia para conseguirmos descansar os olhos por um tempo.

Só aquiesci com a cabeça e evitei encará-la.

— Que pergunta idiota — ela resmungou, e me obrigou a arquear a sobrancelha de maneira solene. — É claro que não está tudo bem. Eu só não soube formular uma frase descente para perguntar o que eu realmente quero.

— E o que seria?

Ela abriu a boca algumas vezes e paralisou, sem emitir som. Eu aguardei (impacientemente) até que ela conseguisse pronunciar algo.

— Viveremos feito fugitivos?

— Não — fui imediato na resposta.

— Não?

Me sentei nos calcanhares e estendi a mão para ajudá-la a ficar na mesma posição. Tess me lançou um olhar incomum, aguardando por minha explicação.

— Eu não permitirei que meus erros interfiram na sua vida.

— Você não fez nada sozinho, Charlie — lembrou-me, com olhos que repreendiam.

— *Eu* peguei o revólver e fiz o disparo. *Eu* o matei. Não você, nem Maisie ou Gael — falei, pontuando o "eu" nas frases.

— Isso é irrelevante.

— Você desaprendeu a usar essa palavra — critiquei em um timbre severo.

Nossa troca de olhares se arrastou por longos minutos. Aquela cabecinha - de longos cabelos sedosos e castanhos - estava com os pensamentos a todo vapor. As engrenagens do seu cérebro não paravam de trabalhar.

— Estou começando a acreditar que você tem medo de, hã, relacionamentos.

A surpresa causada por aquela acusação me levou a me inclinar para frente, a fim de ouvi-la melhor.

— Como é?

Tess ergueu o queixo em desafio.

— Está claro que usará isso como desculpa para me afastar novamente de você.

— Tess — a fitei —, eu assassinei um príncipe e também outros homens — falei pausadamente, como se isso fosse fazê-la compreender a gravidade do ocorrido. — Isso não é uma desculpa, é um fato.

— Não implorarei para que fique comigo — alertou-me e baixou o olhar. Logo tornou a me encarar profundamente. — Mas gostaria que soubesse que não sou tão fraca quanto acha. Eu vejo como você trata Maisie e vejo como Hamish trata Kate. Gostaria que me tratasse assim também e me deixasse enfrentar essas coisas ao seu lado. Eu o amo, Charlie e tenho dado tudo de mim em nome desse amor. Só não posso mais continuar lutando por ele sozinha.

A ouvi atentamente.

— Então, saiba que se você resolver me deixar pela milésima vez, eu não irei atrás de você.

Suspeitei que ela não diria qualquer outra coisa depois daquele longo discurso. E eu esperei, não queria interrompê-la. Era bom capturar algumas frases românticas perdidas no seu desabafo.

Seus olhos me aguardavam esperançosos. Dos lábios, com uma pequena fenda, saía o mais impactante suspiro.

— Nunca me passou pela cabeça que você fosse fraca. E se ter um... *relacionamento* inclui deixar a pessoa que você ama correr perigo, então, criatura, tenho orgulho de ser o mais ignorante dos homens. Eu jamais, em sã consciência, permitirei que você se arrisque por mim.

O semblante decepcionado à minha frente era de quem não apreciou o que ouviu.

Que raios essa mulher quer que eu diga? Que tudo bem ela ir presa por um crime que não cometeu? Que tudo bem ela desafiar pessoas perigosas?

— Tess, eu não amo Maisie da forma que amo você. Talvez seja por isso que me parece sufocante a ideia de vê-la morrer. Não. Por Odin — repugnei a ideia que me ocorreu. — Eu a deixarei no Brasil com sua família, e pode me odiar por isso, se assim desejar!

Ela se colocou em pé e saiu chutando a areia da praia, esbaforida.

Uma maluca. Era isso que aquela criatura era!

— Tess, volte aqui agora mesmo!

Não me ouviu. Ou fez que não ouviu.

Argh, tenha piedade!

Corri à seu enlace. Ela acelerou os passos, no intuito de se manter afastada. E conseguiu.

— Que maldição. O que queria que eu dissesse!? — Insisti.

— Queria que não fosse tão idiota. Mas você certamente já nasceu assim! — Ela cuspiu as palavras, sem se virar. Eu já estava próximo o bastante para segurá-la, caso quisesse, mas optei por só segui-la. A distância, ainda que insignificante, era o mais seguro para ambos.

— Vejo que pegou gosto em me proferir insultos — grunhi, descontraído.

Ela se virou de súbito e nossos corpos se chocaram. Foi uma trombada estranhamente deliciosa. Qualquer contato que minha pele tinha com a sua me queimava.

— Ah, Charlie, você não faz a menor ideia dos insultos que estou aprisionando na minha garganta. Eu tenho um dicionário inteirinho apenas para ofendê-lo!

Sua bravura me levou a gargalhar, o que a deixou com os nervos à flor da pele. Seu rosto ficou rubro e a boca se tornou um biquinho que, em minha singela opinião, a endeusara ainda mais. E os olhos, céus, era como ver estrelas. Era a coisa mais linda que a Escócia - eu e metade do Reino Unido - já tinha visto.

— Eu sou uma piada para você, Charlie?

Estiquei os lábios em um sorriso de canto.

— Não, Tess, você é encantadora — dei um passo — e muito, muito singular.

Ela passou a língua nos lábios para umedecê-los. Era um convite para beijá-la, mesmo que não intencionalmente. Qualquer homem com um pingo de juízo se veria enfeitado por aquele gracioso gesto. E eu não a beijei, ainda que não fazê-lo estivesse sugando todas as minhas forças.

— Estou o odiando fervorosamente agora — disse devagar e com um pouco de sarcasmo.

Minha sobrancelha se ergueu em um arco perfeito e soltei uma risada ressentida e breve.

— Eu causo esse efeito nas mulheres — o comentário fútil a fez revirar os olhos.

— O que fará comigo? — Ela questionou sem preâmbulos.

Meu corpo esquentou, como em um banho quente. Uma enxurrada de pensamentos libidinosos me vieram à mente. O seio timidamente arrepiado ao toque friccionado dos meus dedos, enquanto minha outra mão percorria por suas costas até sua bunda para um aperto. A viro, suas pernas ligeiramente abertas clamam por minha língua. Mas ela já está deliciosamente molhada, pronta para me receber. A inclino sobre a mesa (em uma cozinha, talvez?) e a deixo em uma posição favorável para penetrá-la em estocadas fortes.

Tess nua era o paraíso na terra, e todo homem que a visse assim, estaria destinado a viver rígido cada minuto do dia para o resto da vida.

— Charlie? — Seu queixo se projetou um pouco para frente. — Está me ouvindo?

— Seria impossível não ouvi-la. Você está gritando.

— Ora, você claramente estava divagando e não me respondeu — acusou, o sol avivando a cor dos seus olhos.

Culpado.

— Qual foi a pergunta?

— Quero saber o que fará comigo? — Questionou em um tom arrogante por ter que repetir. A forma como a pergunta foi feita, evidenciava que não se tratava de atos sexuais. Longe disso, para a minha infelicidade.

Meu membro rígido prontamente se recolheu, agudamente decepcionado pelo desenrolar da história.

— Primeiro, a farei entrar naquela droga de barco, o que tenho total convicção que demandará algumas horas — apontei para o leste, ainda muito irritado pra conseguir ser gentil. — Depois disso, meu bem, só Odin sabe o que acontecerá.

— Como assim? — As rugas salientes na sua testa eram um sinal claro de que continuava zangada.

A preocupação voltou a ser o único sentimento habitando em mim. Tess tinha uma esplêndida facilidade para me fazer esquecer do transtorno. Raios, eu até sorria. Quando ela não estava por perto, eu ficava tão vazio quanto uma casca de ovo e frio como uma caverna.

— Tudo dependerá de quanto tempo levará para a rainha descobrir que eu sou o culpado pela morte de Ryld.

Seus olhos desanimados foram para os pés.

— Você quer se entregar, não quer?

Pigarreei duas vezes até responder. Me forcei a relaxar o maxilar.

— Estou preocupado com o destino das pessoas de Kerrera. Eles devem estar perdidos pela cidade. Preciso encontrá-los. E também estou

preocupado com a sua segurança — desconversei, e ela não ter percebido, foi um bônus inesperado.

— Maisie me disse que eles se separaram quando chegaram à cidade e que não tinha ninguém gravemente ferido. Apenas uma das mulheres feriu o braço ao tentar correr, mas Maisie a deixou no hospital. De resto, todos estavam encantados pela beleza e luzes da cidade.

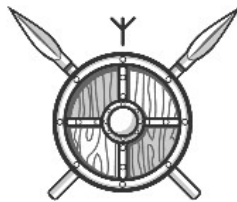
Engoli convulsivamente. *Encantados? Com todo aquele barulho? Eu duvido muito.*

— E quanto a Jailson? Como ele estava?

Ela abriu um sorriso terno.

— Resmungando como sempre — e afirmou, a voz deliberadamente tranquila. — Ele ficará bem.

Concordei. Isso já não era tão difícil de acreditar. Afinal, Jailson tinha sangue escocês. Um tiro na perna jamais o derrubaria.



Dois dias depois e nada estranho aconteceu. Dois dias e eu continuava vivo e com todos os membros no lugar. Não que eu tivesse entrado em contato com a rainha para questionar se aquela demora era uma espécie de tortura psicológica, mas eu também não estava me escondendo.

— Ficar olhando essa janela não vai te ajudar em nada, meu amigo — comentou Hamish. O batuque dos seus dedos na mesa me causavam dor de cabeça.

— Eu não quero ser surpreendido — alertei, com a voz abafada. — Onde estão Kate e Tess?

— Foram dar uma volta pela cidade para ver se encontram alguém de Kerrera — explicou ele.

Dei um pulo e a pergunta saiu em um grito aflito:

— Elas enlouqueceram!?

Ele olhou para o copo de conhaque na sua mão.

— Essa pergunta exige mesmo uma resposta?

Ignorei seu sarcasmo.

— Nikolai pode estar em qualquer esquina esperando por Tess. Eu falei para ela não meter a cara na rua e agora isso!? — Rugi, calçando meus sapatos.

— Sossegue aí, grande Balder — lançou uma pequena escultura de madeira próximo aos meus pés. — Faz apenas um dia que anunciaram a morte do príncipe de Gales, todo o Reino Unido está abalado. Será impossível Tess ser sequestrada com todos esses policiais na rua.

Hamish tinha razão. Toda a Escócia estava um inferno. Primeiro, uma das ilhas mais exuberantes foi incendiada, e havia ingleses mortos nela, logo depois saiu o anúncio da morte misteriosa do príncipe de Gales. Havia mais policiais pelas ruas do que em qualquer outro lugar. Nikolai não se atreveria a pisar na Escócia, pois ele tinha muito a temer.

Me permiti respirar aliviado.

— Por que a maldita rainha ainda não divulgou que fui eu quem matei o príncipe? — Questionei, arrancando os cabelos da cabeça. Eu estava tão irritado quanto um leão enjaulado.

— Talvez ela não saiba — sugeriu meu amigo. A sua tranquilidade estava me dando inveja.

— Impossível. Os homens que conseguiram escapar com vida viram o meu rosto. E todos ali sabiam quem eu sou. Eles contariam para ela, não?

Hamish tamborilou mais um pouco com os dedos antes de eu olhar furioso para sua mão e ameaçar cortar seus dedos.

— Você ficar andando de um lado para o outro não lhe dará respostas. Apenas tome seu conhaque ainda intacto no copo e *carpe diem*, meu amigo — ele tentou me animar pela vigésima vez. Eu continuei sem tocar no copo posto à mesa. — Por Deus, eu desisto de você!

— Faz quanto tempo que Tess e Kate saíram? — Inquiri, com as mãos nos quadris.

Seu olhar seguiu para o relógio preso na parede à sua frente.

— Mais ou menos uma hora.

— Isso é muito tempo — alertei-o, e continuei com a missão de calçar os sapatos. Dessa vez não fui interrompido por objetos voadores.

— Charlie, você está na minha casa porque é o lugar mais seguro para você no momento. Não pode sair andando por aí como se nada tivesse acontecido.

Hamish se levantou com o copo na mão. Havia um único gole dentro dele. Ele sempre fazia isso para evitar ficar embriagado, bebia seu conhaque em pequenos goles e grandes pausas, enquanto eu virava tudo de uma vez. Ou duas, sem me importar em ficar com a vista turva ou as pernas bobas.

— Você disse que elas saíram faz uma hora. Muita coisa pode acontecer em uma hora.

— Você agiria da mesma forma se fosse meia hora ou cinco minutos. Você está descontrolado — ele disse, e cerrou o cenho.

Esfreguei os olhos com as mãos.

— Minha esposa sabe que os russos ameaçaram Tess. Kate é esperta e sabe o que deve fazer em situações críticas. Foi por essa razão que me casei com ela — ele acrescentou, cheio de orgulho.

Ouvimos um barulho na porta da frente assim que Hamish terminou seu discurso. Eu passei por ele apressado e com o coração quase saindo pela boca.

Kate e Tess tiravam os pesados casacos para pendurá-los, *Dindow* estava especialmente gelada naquela tarde.

As duas riam de algo em particular e sequer notaram a minha presença escandalosa ali.

Esperei Tess tirar o lenço da cabeça para chacoalhá-la pelos ombros em fúria.

— Nunca mais saia sem me dizer, está me entendendo?

Com os olhos arregalados e boquiaberta, ela encarou Kate antes de me encarar. Não demorou para que eu ouvisse os passos leves de Kate nos deixando a sós.

— Você anda muito preocupado comigo para quem pretende me largar no Brasil em breve.

Cerrei os dentes, absolutamente irritado, fazendo a criatura perceber que estava em apuros.

— Eu não estou para brincadeira, Tess. Você precisa ter mais cuidado.

Ela estirou os membros, o que foi significativo para sua altura.

— Eu estava procurando por Maisie e Gael ou por algum rosto conhecido de Kerrera — ela confessou com paciência.

— Eu sei. Mas não tenho dúvida de que estão em segurança. Eu os conheço e sei que...

— Ah, francamente, irá jogar na minha cara que eles sabem se defender e fazer com que eu me sinta uma frágil mulher apenas porque não tenho o incrível sangue escocês?

Eu interpretei seu sarcasmo. Apertei os olhos para ela e me contive para não pressionar os dedos em seus ombros.

— Nikolai virá atrás de você e...

Sua revirada de olhos atrevida e seu suspiro incrivelmente chato me interromperam.

— Quando foi que você ficou tão intolerante? — A pergunta saiu rude.

— Quando você começou a ficar paranoico com a minha segurança — devolveu.

— Não. Não é isso — perscrutei seu rosto e afirmei convicto. — Você está zangada comigo porque a deixarei.

Ela riu com escárnio e brevemente.

— Você se acha muito, Charlie. Contenha-se ou caíra do cavalo — falou em tom firme e olhou para mim exigente. — Agora me deixe passar. Estou com os pés doendo.

Baixei o olhar até seus pés protegidos por botas de salto quadrado que certamente eram de Kate.

— Pedirei para Hamish procurar por Jailson para descobrir se sua bagagem ficou com ele — avisei, esforçando-me para ser mais gentil.

Ela suspirou. Céus, seu humor estava especialmente ruim naquela tarde. Nada do que eu dizia parecia ser certo ou agradá-la. Percebi logo no café da manhã que eu estava sendo evitado. Quando peguei minha xícara para me juntar à ela na mesa, Tess me veio com a desculpa de que Kate precisava da sua ajuda no jardim. Quem se preocuparia com as malditas flores com uma guerra acontecendo do outro lado da porta? E, honestamente, eu tinha era pena das flores que fossem tocadas por mãos tão pouco experientes e severas quanto as da criatura naquela manhã.

Tess desviou de mim escada acima, indo para seu quarto. Eu a segui, com o maxilar trincado, detestando estar sendo ignorado por aquele ser abominável. Como ousava me tratar tão friamente?

— Achei que estivesse cansada de pegar roupas de Kate emprestada. Pelo menos foi o que você resmungou nos últimos dois dias — a pressionei, como se aperta um limão para arrancar o suco.

— Tanto faz — Disse, fazendo descaso.

Fechei as mãos em punho. Eu precisava mesmo socar alguma coisa o mais depressa possível.

— Ou você realmente odeia suas roupas ou não está ouvindo uma palavra do que estou dizendo.

— Não odeio minhas roupas e, infelizmente, estou ouvindo claramente tudo o que diz — ela entrou no quarto e eu entrei atrás.

— Então o que é? — Fechei a porta e girei a chave. Ela pareceu questionar minha atitude mentalmente, mas não objetou.

— Temos coisas muito mais importantes que minha bagagem de roupas, Charlie.

— Eu sei — respirei fundo para me controlar, a ira martelando na minha cabeça e causando dor. — Eu apenas queria que você se sentisse mais confortável com tudo isso.

Seus lábios se estenderam em um pequeno sorriso amargurado.

— Isso é um pouco difícil, não acha? Estamos presos na casa dos seus amigos apenas esperando a rainha pedir a sua cabeça ou Nikolai vir

arrancar a minha.

— Eles são seus amigos também — a corrigi, desanimado.

Ela bufou, temperamental. A pergunta sobre ela estar "naqueles dias" estava coçando na minha garanta, mas não iria provocá-la ainda mais e correr o risco de ser arremessado pela janela (não duvidava que uma mulher furiosa fosse capaz de algo assim).

— Quer beber? — Sugeri.

— O quê? — Olhou para mim aturdida. Percebi que minhas palavras não lhe fizeram o menor sentido.

— Hamish tem uma excelente garrafa de conhaque. Eu adoraria compartilhar da sua companhia em um drinque.

— Charlie... Estamos em apuros e você está me convidando para beber com você?

Dei de ombros.

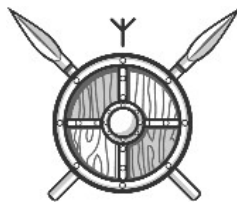
— É. É exatamente isso que estou fazendo. Mas ainda aguardo pela resposta da dama.

Ela sorriu com glamour e recato.

— Que fique claro que eu não o ajudarei a subir as escadas se ficar ébrio demais — alertou-me um pouco mais tranquila, apontando o dedo na minha cara.

Por fim, relaxei os músculos e me senti muito mais leve. O sorriso daquela coisinha funcionava feito calmante no meu mau humor.

— Estou certo de que acontecerá o exato oposto, criatura.



— Vai com calma, dona flor. Isso não é uma competição — Hamish alertou a esposa, vendo-a entornar seu conhaque goela abaixo como se fosse água.

— Não tenho culpa se você bebe igual uma donzela, querido — ela retrucou para provocá-lo.

Hamish não se deixou vencer.

— Eu aprecio a bebida. Ela não vai desaparecer do meu copo, eu posso beber com calma — e olhou para mim. — Isso é, se o grande Balder não estiver comigo.

— Ah, por favor. Só aconteceu uma vez — me defendi, e vendo que Tess estava perdida na conversa, expliquei: — Eu passei a beber muito depois da morte de Logan; Hamish ainda me culpa pela vez que convidou seus amigos para jantarem em sua casa e eu esvaziei o copo de bebida de todos. Isso aconteceu uma única vez, mas ele parece não ser capaz de superar.

Hamish se voltou para Tess com seu típico olhar de espanto.

— Estávamos em 8. Ele esvaziou os oito copos e ainda me perguntou se tinha outra garrafa.

— E tinha? — A pergunta de Tess deixou todos fora de órbita.

— Tinha, mas Charlie apagou antes de descobrir — Kate a respondeu.

Lancei um olhar acusador para Hamish.

— Seu cretino mentiroso, você me disse que não tinha!

— Me desculpe se eu sou um amigo que se preocupa com a sua saúde — ele retrucou, bem calmo.

— Na verdade, Hamish não queria abrir a outra garrafa porque ela lhe custou uma fortuna — desmentiu Kate, adorando jogar mais lenha na fogueira.

Hamish ficou boquiaberto e olhou de Tess para mim.

— Não a ouçam, ela é um diabo! — Atacou a esposa verbalmente. — Deus do céu, Kate, por que inferno me casei com você?

— Eu a acho fascinante — me intrometi, e bebi do conhaque logo em seguida. De soslaio, olhei para Tess que, ao meu ver, estava adorando observar aqueles dois.

— Pois então a leve com você! — Disse meu amigo, fingindo estar bravo. Todos nós sabíamos que por dentro ele estava extasiado.

Kate e Tess gargalharam juntas.

— Eu adoraria que fosse me visitar no Brasil — Tess disse diretamente para Kate, mudando de assunto.

— Já sabe quando partirá? — Kate questionou, e foi como se um caco de vidro estivesse acariciando o meu coração.

Era por essa razão que eu bebia. Eu não era capaz de esconder meu desconforto quando estava sóbrio. Qualquer um que me olhasse naquele momento saberia exatamente o que eu estava sentindo. O álcool não amenizava a tristeza, mas pelo menos ele não a deixava tão transparente, tão estampada em meu rosto.

Tess não olhou diretamente para mim ao dizer, contudo, a resposta sem dúvida foi destinada a mim.

— Ah, bem, eu raramente sei para onde e quando vou.

Hamish tentou disfarçar a risada com sua bebida. Só que foi inútil demais.

— Você não precisa ficar esperando por Charlie se quiser voltar para o Brasil. Eu posso ajudá-la, se desejar.

— Kate! — A repreendi.

— Ora, ora. Você não a achava fascinante, meu amigo? — Azucrinou Hamish, não sendo útil em nada.

Kate deu de ombros, se fazendo de ingênua.

— O que foi? Apenas estou sendo gentil.

Pressionei os dedos no copo com força.

— Eu levarei Tess para o Brasil assim que possível — alertei, sem dar espaço para questionamentos e argumentos contraditórios.

Mas Tess não tinha papas na língua, e era uma mulherzinha difícil de lidar e aceitar a hora de ficar calada.

— Claro. Você é o grande Balder, sempre sabe o que fazer e em que momento fazer!

— Não é o que estou dizendo...

Ela arquejou sendo pirracenta.

— Vocês sabiam que ele me pediu... Na verdade, que ele ordenou que eu me casasse com ele? — Sua pergunta foi feita para Hamish e Kate, que estavam apreciando com conhaque a nossa desavença.

— Charlie!! — Repreendeu Kate. — Que coisa horrorosa de se fazer.

— Eu não ordenei — Refutei em um grito.

— Ora, ordenou sim, e foi no mesmo dia em que tinha se decidido se casar com Amy por causa do bebê — detalhou Tess. Por que raios ela estava revelando aquelas informações? Era possível que já estivesse embriagada demais?

Não. Olhei para seu copo. Ela tinha dado poucos goles. A bebida não tinha culpa alguma da sua tagarelice.

— Sabe, Charlie não admite, mas ele não sabe bem o que quer — ela continuou soltando seu veneno.

Agora chega!

— Eu sei muito bem o que eu quero! — Retruquei, a encarando firme. Àquela altura, eu já tinha perdido todo o autocontrole.

Ouvi Hamish se levantar do sofá e dizer algo sobre fazer pipoca porque aquilo estava ficando muito interessante. Mas eu não dei atenção para ninguém naquela sala, exceto Tess.

— O que pensa que está fazendo? — Questionei em um tom sombrio.

Ela ergueu seu copo de bebida com um sorriso gelado nos lábios.

— Ora, estamos apenas conversando e bebendo.

Se ela queria jogar, pois bem. Eu era muito bom em competições.

Soltei todo o ar pausadamente para relaxar e me obriguei a sorrir ao me virar para Kate. Fazer isso com os dentes trincados foi uma tarefa bem complicada.

— Na verdade, Kate, Tess não compreende que tudo o que tenho feito é tentado protegê-la. Mas ela e sua insensatez são incapazes de enxergar isso.

A olhei de canto de olho, eu nunca a vira tão retesada. Queria lhe dizer que o sofá era muito confortável para uma posição tão rígida.

Sorri com os olhos. Foi prazeroso deixá-la sem reação.

— MINHA INSENSATEZ? — Grunhiu. Se o sofá fosse um pouco menor, eu provavelmente teria sido esmagado por sua fúria.

— Sim — a tranquilidade com que respondi a deixou ainda mais selvagem. — A estou privando de desgostos, mas você insiste em querer fazer parte da minha vida caótica — fitei Kate e dei de ombros. — Eu assassinei um príncipe e a tola não conseg...

Eu senti o líquido gelado em meu rosto e soltei um impropério dos mais sujos. Não fazia parte dos meus planos tomar um banho de conhaque naquela noite. Eu adorava a bebida, claro, mas... por Odin! Não queria me afogar nela.

Quando foi que Tess se levantou e decidiu me atacar com sua bebida?

— Eu posso até ser uma tola, mas eu pelo menos sei o que quero. Você fica aí dizendo que não há saídas para o que fez, mas você pelo menos tentou, Charlie? Você diz que não podemos ficar juntos, mas também não me deixa ir embora. Estamos aqui há dois dias e nada aconteceu. Absolutamente nada. Porém, você continua esperando, só Deus sabe o que, enquanto podia agarrar a oportunidade e fugir!

Limpei os olhos e me levantei.

Um banho de conhaque. Que diabos!

— Só Deus sabe como estou assustada por tudo que aconteceu, mas eu pelo menos estou tentando reagir — ela acrescentou.

— Você quer que eu fuja como um covarde? — Consegui perguntar depois de minutos tentando me recompor e aceitar o frio da bebida em meu rosto.

— A rainha Mary e o príncipe Ryld destruíram a sua vida e a minha.

— E eu o matei — a lembrei.

— Sim. Mas você quer desistir e se entregar. Me diga, Charlie, no seu planeta isso é uma vitória?

Ela estava terrivelmente certa. Ryld incendiou Kerrera e a rainha, bem, ela teve sua participação em cada desgraça que aconteceu na minha vida. Eu ainda a suportava pelo simples fato de ela ter ajudado

meu pai quando ele precisou. Mas eu não precisava passar cada segundo do meu dia agradecendo-a em nome dele.

Reparei o vazio no outro sofá. Em algum momento, no meio da nossa briga, Kate se esvaiu para nos dar privacidade.

— Diga, Charlie. Do fundo do seu coração, o que você quer? — Olhou para mim com olhos tão radiantes quanto o sol se preparando para nascer.

— Eu quero você — a confissão escorregou da minha língua, e eu não tive tempo de impedi-la. Na verdade, suspeitava que a resposta seria a mesma ainda que eu refletisse a respeito por um dia inteiro. O jeito como Tess falava, respirava e suspirava, fazia com que eu desejasse me entregar de bandeja para ela.

Ela arquejou aliviada. Era a primeira vez naquele dia que eu tinha dado uma resposta verdadeira.

— Então lute por nós — pediu, com traços de esperança refletindo em seus olhos.

— E-eu não quero que você termine como a minha mãe — gaguejei com sinceridade e urgência, sentindo a dor que acompanhava aquelas palavras.

Era por isso que eu estava me deixando vencer? Por isso que eu estava abrindo mão da minha vida e cogitando me entregar para a rainha? Tudo porque eu não queria ter uma chance com Tess e correr o risco de vê-la morta por minha culpa?

Não havia uma única vez em que eu não tinha encontrado uma saída para os percalços da vida. Mesmo que a saída significasse sequestrar a noiva de um príncipe ou fazer um trato com mafiosos. Eu sempre, sempre encontrava um meio para consertar as coisas. Mas daquela vez eu estava mesmo disposto a desistir. E assim que aquelas palavras desconexas atravessaram os meus lábios, eu soube a razão de tudo.

Por Odin! Eu não queria ter uma chance com Tess porque acreditava fortemente que acabaríamos como meus pais por culpa daquele amor que nasceu em meio à desgraça. Como se fosse um ciclo. E, pensando a respeito, fazia todo sentido eu me sentir daquele jeito. Eu segui os passos do meu pai a vida inteira, ainda que involuntariamente. Quem me garantia que eu não terminaria como ele? Morto com o grande amor da minha vida.

— Ah, não me digam que a briga acabou — reclamou Hamish ao chegar. — Eu fiz até pipoca.

Tess e eu nos viramos para o felizardo que carregava um balde de pipoca nas mãos.

— Você não fez isso... — desacreditei, por mais que estivesse vendo ele levar uma pipoca à boca.

— Você... está... molhado? — Ele perguntou, arqueando as sobrancelhas em surpresa.

— Foi um... acidente — Respondi secamente.

— Não imagino como — Hamish continuou. O olhar investigativo transitando de Tess a mim.

— Na verdade — relanceei os olhos para Tess —, eu também estou confuso sobre a ordem do acontecido.

Ela ficou encabulada, mas não permitiu que isso a vencesse. Percebi que Tess detestava quando suas bochechas coravam ou quando sua pele arrepiava, porque isso contrariava toda a valentia que ela tentava desesperadamente demonstrar ao mundo.

— Charlie pode ser bem desastrado às vezes.

— Quanto a isso, você está certa — concordou ele, com a boca cheia de pipoca.

— Estou certa sobre muitas coisas, Hamish. Em breve você se dará conta — ela disse. A modéstia, bem, essa ela deixara em algum lugar do Brasil.

Hamish piscou algumas vezes para Tess, tentando buscar alguma resposta para aquilo, até que, enfim, desistiu e estendeu o pote de pipoca para nós.

— Servidos?

Neguei educadamente, e Tess fez o mesmo.

— Alguém sabe onde está a minha esposa?

Tess abriu a boca para falar. Eu a interrompi antes que ela pudesse concluir a primeira palavra.

— Ao contrário de você, meu amigo, Kate é educada e nos deu privacidade.

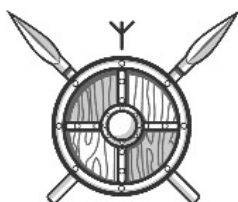
— Estamos falando da mesma Kate? — Zombou e riu. — Eu amo a minha esposa, meu amigo, mas reconheço suas falhas. Impossível um ser humano mais curioso que ela.

— Estão falando de mim? — A dita-cuja retornou à sala.

— Nem se dê ao trabalho de saber. Esses dois são insuportáveis juntos. Como você aguenta? — Perguntou Tess, enlaçando o braço no de Kate como se fossem amigas de infância e a conduzindo para fora do cômodo. Eu adorava ver como Tess simpatizava com meus amigos e a maneira que os tratava. Ela era mesmo uma mulher incrível e apaixonante.

— Não posso acreditar que você jogou conhaque nele! — Pude ouvir Kate cochichar antes de desaparecer por completo.

— Shhh. Fale baixo — Tess a reprimiu entre risadas. — Charlie odeia admitir que eu o desafio de forma tão destemida.



Na manhã seguinte eu decidi que era hora de deixar a Escócia. Não. Isso não era totalmente verdade. Era hora de Tess deixar a Escócia.

Eu levei em consideração tudo o que ela me disse na noite anterior. Levei mesmo, mas eu ainda ia ter um filho, não podia simplesmente desaparecer e deixar Amy na mão. Ainda que eu não a amasse, eu tinha uma responsabilidade com ela e com aquela criança em seu ventre. Eu preferia morrer pagando por meus erros, a viver como um fugitivo. Sabia que das duas formas a criança acabaria sem um pai presente na sua vida, mas existia uma diferença, mesmo que pequena, entre ambas opções. Eu morto, ele (ou ela) saberia que não a abandonei por vontade própria.

Em relação a Nikolai, algumas decisões foram tomadas. Ah, sim, a noite que passei em claro, basicamente em estado vegetativo na sala de Hamish, me ajudou a pensar. Eu mandaria uma carta a Nikolai explicando

a situação. Diria o que fiz com Ryld, isso o deixaria satisfeito, sem sombra de dúvida. Mas eu também sabia que Nikolai era movido por dinheiro... Por Odin, eu lhe daria metade da minha fortuna para que ele deixasse Tess em paz. Não era uma quantia significativa, já que eu a outra metade eu deixaria com Amy e o bebê, mas teria que lhe bastar. Era a única coisa que eu podia lhe oferecer, já que a minha vida estaria nas mãos da rainha Mary.

— Você não tem que fazer isso — disse Hamish, assim que terminei de compartilhar meu plano com ele.

— Eu preciso averiguar a situação. E se Mary descobriu que Amy está esperando um filho meu e resolveu descontar sua fúria nela e no bebê?

Percebi que ele foi convencido por minha hipótese.

— Deve haver outra opção — falou.

— Não tenho tempo para pensar, Hamish.

— Você não pode dar dinheiro para aquele russo maldito depois de tudo o que ele te fez!

— Tenha certeza de que eu repugno a ideia mais que você.

Hamish paralisou. Foi como se tivesse se transformado em uma estátua. Ele não piscava, não respirava. Eu sabia que aquela excentricidade tinha um significado: ele tivera uma ideia monstruosa.

— Ele gosta de conhaque? — Questionou.

— Além de lhe mandar meu dinheiro, também mandarei uma bebida para que ele deguste do meu sofrimento?

— Exatamente isso.

Os olhos divertidos eram como os de uma criança inocente. Ah, mas eu sabia que não existia inocência alguma dentro daquele homem.

— Como é?

— As sementes de mamona — me lembrou. Eu lhe contei sobre as sementes assim que ele as viu nos bolsos do meu casaco quando o deixei jogado na sua sala. Fora Kate quem encontrara, mas aqueles dois dividiam tudo um com o outro. Até mesmo os assuntos mais banais, como sementes de mamona no casaco do seu amigo.

— Quer que eu o envenene? — Perguntei em dúvida.

— Eu quero que você corte aquele russo em pedacinhos, mas já que não teremos oportunidade, então, sim. Quero que você batize o conhaque dele.

— Sei...

A ideia não era tão terrível assim. Eu reconhecia o esforço de Hamish sempre que ele se impressionava por sua criatividade. No entanto, o risco de enviar uma bebida envenenada para Nikolai era algo que eu não queria correr.

— Você não fará isso, né?

— Negativo.

— Por que? — Ele quis saber.

— Além de ser muito arriscado e não termos certeza de que irá funcionar?

— Você me disse que já usaram esse veneno até em guerras. Por que não funcionaria com Nikolai?

Inspirei profundamente.

— A bebida pode não chegar nas mãos de Nikolai. E caso chegue, e se ele resolver dividir um gole com algum inocente? Prefiro não arriscar matar mais alguém e ir para o inferno. Já me basta ter de encontrar com Ryld quando eu descer até lá.

— Nikolai dividir algo com alguém? Acredita mesmo nisso? — Questionou irônico.

Bufei com impaciência.

— Eu tenho certeza de que daria certo, Charlie. E o melhor em tudo isso é que ninguém descobriria — insisti. Hamish era persistente e irritante quando queria.

— Podemos voltar para sua casa agora? — Mudei de assunto sem respondê-lo. Tínhamos saído para dar uma volta pela cidade, para conseguirmos conversar sem Tess e Kate espionarem. Mas eu sabia que quando eu desse as costas, Hamish diria tudo a Kate. Ele fingia que me enganava, e eu fingia acreditar quando ele dizia que guardava alguns segredos da esposa.

— Você é mesmo muito, muito difícil! — Resmungou em um ranger de dentes, quando já estávamos na porta da sua casa.

A minha paciência, que era tão fina quanto uma linha, se rompeu, e eu agarrei Hamish pelo colarinho do casaco para fazê-lo me ouvir. Eu estava cansado de todos me culpando por minhas escolhas, quando na verdade eu também não me sentia feliz por elas.

— Você acha que eu estou gostando disso, Hamish? — Grunhi, estreitando os olhos. — Acha que quero me entregar e que quero pagar Nikolai por ameaçar a mulher que amo? Eu estou a ponto de me jogar de uma ponte e acabar com toda essa *merda*. Mas eu não posso nem me dar ao luxo de me matar porque preciso proteger Tess e meu filho!

Seu rosto, outrora jovial, foi domado por uma fúria cega, o que não era da sua estirpe; Hamish costumava ser mais calmo que eu.

— É dessa forma que nos sentimos sobre você, Charlie. Estamos tentando protegê-lo porque nos importamos com você.

— Há uma mulher carregando meu filho no ventre dentro daquele palácio. E há uma mulher aqui fora por quem eu sou completamente louco e em quem penso vinte e quatro horas! Já aceitei o fato de ter perdido minha casa e ter falhado com todos daquela ilha. Não suportarei se algo acontecer com as duas.

Minha cólera foi reduzida a rancor, que foi reduzido a lágrimas imprevistas. Sem que eu me desse conta de como aconteceu, eu estava dentro de um abraço apertado e acolhedor. Eu podia enumerar as vezes em que Hamish e eu baixamos a guarda a ponto de nos abraçarmos.

— Você não está sozinho, meu irmão. Se você for naquela *porra* de palácio, eu irei com você, e não haverá como me impedir!

— Hamish...

— Eu já disse que irei com você. Não me obrigue a desmaiá-lo com um soco para fazê-lo concordar comigo.

— Ah, aí está você! — Kate abriu a porta e olhou para Hamish daquele seu jeitinho meigo. — Estou há horas olhando pela janela e nada de vocês voltarem.

Hamish passou o braço ao redor de Kate e a puxou pelo quadril.

— E o que a dona flor queria comigo? — Ele perguntou com a voz mansa.

Kate olhou à nossa volta, como se procurasse por algo ou alguém.

— Tess não está com vocês? — Ela inquiriu, desconfiada.

— Como assim? Ela estava com você quando saímos — disse Hamish.

Kate continuou com o mesmo semblante de dúvida.

— Sim, mas ela saiu há algumas horas dizendo que tinha combinado de encontrar vocês par...

— Não combinamos nada! — A interrompi, enervado, e atravessei a porta da casa.

O casal me seguiu em passos largos.

Subi os degraus correndo até o quarto onde Tess devia estar. O encontrei vazio, como o esperado. Mas uma folha de papel deixada no travesseiro me chamou atenção.

Fui até ele e o recolhi com as mãos estupidamente trêmulas.

"Charlie, lamento profundamente estar fazendo isso dessa forma. Covardemente. Santo Deus, muito covardemente, o que sem dúvida não é do meu feitio. Mas temia que de outra forma eu não fosse capaz de conseguir. Quando o vi essa manhã soube que as minhas palavras de ontem não causaram o menor efeito em você. Tudo bem, não serei injusta, talvez eu tenha acendido uma fagulha de sensatez na sua cabecinha teimosa, mas quando vi a escuridão dos seus olhos e a desesperança dentro deles, eu soube o que precisava fazer. Estou voltando para meu país, o Brasil. Eu sou uma mulher adulta e, ainda que inconsequente (como você mesmo insiste em dizer), sei me cuidar.

Não seria justo com você fazê-lo percorrer uma viagem tão longa depois de tudo o que passou.

Sinto que tenho sido uma pedra no seu sapato. Uma vez você me disse que eu o deixava fraco e que você não conseguia pensar com clareza perto de mim. Ainda que essas palavras sejam doces (optei por vê-las como um elogio, se me permite), elas são

verdadeiras e preocupantes. Dessa vez sua vida está correndo perigo e é com isso que você deve se preocupar. Apenas com isso.

Você está sempre protegendo aqueles que ama, mas dessa vez chegou a hora de fazer o mesmo por você.

Se decidir se entregar ou fugir, eu lhe desejo sorte. Eu prometo que o terei em minhas orações todos os dias. Cada minuto deles.

Eu continuarei respirando. Por você, ainda que do outro lado do mundo.

O que tivemos foi bom... enquanto durou.

Com amor,

Tess."

— Como é? No Brasil? Essa criatura está brincando comigo? — Exasperei. Por muito pouco não rasguei aquele pedaço insensível de papel.

— Ela se foi? — Perguntou Kate, cheia de dedos.

— Ela me deixou... Ela... ela foi embora sem se despedir! — Havia mais angústia na minha voz do que raiva.

— Isso não é verdade. Ela lhe deixou um bilhete — atentou Hamish, apontando para a folha em minha mão.

— Geralmente esperamos mais do que uma carta de despedida daqueles que amamos. Ou eu estou sendo muito exigente? — Ironizei.

Notei que os dois ficaram em dúvida sobre a resposta. Estavam com medo de falar. E, devido ao meu mau humor, eu recomendava se manterem distantes também.

— Talvez ela nem tenha planejado ir embora... — observou Kate, sendo cautelosa como sempre.

— Pode ter sido melhor assim — completou o marido.

Eu o fuzilei com os olhos.

— Eu irei buscá-la pelos cabelos! — Garanti. Hamish e Kate bloquearam a minha passagem quando ousei atravessar a porta.

— Você não vai trazê-la de volta, principalmente pelos cabelos — vociferou Kate.

Não pude respondê-la.

— Você já ia mesmo levá-la embora. Qual o sentido de ir atrás dela então? — Questionou Hamish. E a voz da sabedoria naquela maldita pergunta me perturbou.

— Não estou satisfeito com essa despedida... esdrúxula — minha resposta soou infantilizada.

— Se trata mesmo da forma que ela se despediu ou da despedida em questão? — A pergunta veio de Kate, e foi muito parecida com um tapa na cara. Não. Pior que isso. Teria doído menos se eu tivesse enfiado minha mão na hélice de um ventilador de metal.

— Charlie, resolva primeiro os seus problemas antes de trazer Tess de volta para a sua vida — a voz masculina me puxou para a realidade. A realidade que queimava o meu coração.

— *Foi bom enquanto durou* — menosprezei a frase rabiscada por ela. — Essa... essa... É isso o que eu fui para ela? *Bom?* Ela faz eu me sentir alguém que esteve debaixo do seu edredom por uma única noite.

Kate jogou os braços por cima do meu pescoço e puxou minha cabeça para seus ombros, precisei dobrar os joelhos para alcançá-la. Era a segunda vez que eu estava sendo abraçado naquele dia.

— Não seja tonto. Ela ama você — sussurrou.

— Não foi o que ela disse no papel — falei ao me desvencilhar.

— Mas quantas vezes ela te disse isso pessoalmente? — Intrometeu-se Hamish.

— Há um número de vezes em que podemos dizer isso? Até onde sei, as pessoas têm intolerância à lactose ou à chocolate. Não à "eu te amo" — eu disse com seriedade. Mas por alguma razão ilógica, fiz os dois rirem.

— Você é tão, tão, tão insuportável, grande Balder. Mas você apaixonado... *puta merda*, consegue ser ainda pior.

Kate repreendeu Hamish pelo comentário através de um olhar cuidadosamente selecionado por ela e que eu desconhecia. O marido, por sua vez, o compreendeu, e se conteve.

— Por que vocês não continuam com essa conversa autodepreciativa com um gole de conhaque, rapazes?

Os olhos do marido se acenderam.

— Ah, Kate. Charlie tinha toda razão, você é mesmo fascinante.

— Eu não pretendia ficar nauseado, mas todo esse amor está prejudicando minha respiração — desdenhei, e novamente fui motivo de deboche.



Escocês

— *TESS? TESS?*

Recebi uma espécie de murro no braço que me obrigou a abrir os olhos.

— Sonhando com ela de novo? — Perguntou Hamish ao meu lado no carro. Era a quarta vez que ele me acordava fazendo a mesma pergunta. Duas quando ainda estávamos em sua casa em Dindow — em uma dessas duas vezes, Hamish chegou a dizer que eu gritara o nome de Tess a pleno pulmões — e duas durante a viagem até Londres.

— Eu não *planejo* sonhar com ela, se é o que está insinuando — e massageei minhas têmporas.

— Você precisa se desconectar dela um pouco, para o bem da sua vida...

— Para o bem da minha sanidade — o corriji baixinho. — Esqueça isso — desembacei a janela com a manga do meu casaco para poder enxergar o palácio com mais clareza. — Vejo que chegamos.

— Sim. Na verdade, chegamos a mais ou menos quarenta minutos, mas você parecia cansado. Não quis te acordar.

Só assenti.

— Já sabe como vai fazer? — Ele perguntou após um suspiro. — Você não pode entrar lá e perguntar por que ela não divulgou que você é o culpado pela morte do filho dela.

— Fico me perguntando o tipo de homem que você acha que sou. Algo me leva a crer que me acha bem menos inteligente do que a maioria dos seres humanos.

— O acho tão inteligente quanto as aves.

— As aves são mesmo geniais, se quer saber.

— São? — Questionou, incrédulo. — Não foi o que eu quis dizer...

— Relaxa. Sei que tentou me menosprezar — o assegurei.

— Graças a Deus. Morri de medo de que pensasse que eu o elogiara.

A gargalhada me atingiu velozmente e eu a deixei escapar.

— Isso claramente seria terrível para você.

— Ah, sim. Eu me daria um tiro!

A espontaneidade foi passageira. Após aquele intervalo divertido, voltamos a nos preocupar com o que havíamos ido fazer ali. Eu não ia apenas entrar no palácio para interrogar a rainha e aceitar minha penitência, mas eu sentia que algo estranho (não fui capaz de pensar em uma palavra que melhor se adequava para aquilo) estava acontecendo, porque no dia seguinte, após a partida de Tess para o Brasil e meu surto de homem que não aceitava o fato de ter sido abandonado, saiu uma matéria sobre Ryld, e dessa vez eles sabiam a causa da morte: "O príncipe de Gales se suicidara, um tiro na cabeça, e muito se especula se há alguma relação nisso com o fim do noivado com a brasileira Araújo". O Reino Unido teria de ser muito ingênuo para engolir essa mentira, mas estava acontecendo. E os quatro homens que eu assassinei foi acobertado de maneira ainda mais bizarra: "Um confronto com os homens que incendiaram Kerrera". O fato de eles terem saído como heróis me incomodava mais do que o fato de eles serem os culpados do incêndio.

Por que... Por que raios eu estava sendo protegido de tudo o que fiz?

Quem estava me acobertando e...

— Que *merda* está fazendo aqui, Mikhailovich? — Noah bateu na janela do carro com o punho. Ele era um dos homens que eu tive piedade na noite em que matei Ryld.

Eu o repugnava. Ele era um homem inescrupuloso, que desprezava qualquer um que tivesse um cargo menor que o dele. Nunca apreciei sua companhia, e quando fomos colocados para trabalhar juntos, o conheci melhor e descobri que ele era mesmo tão péssimo quanto eu já suspeitava.

Aquilo não era bem o que eu estava esperando acontecer, mas... Baixei o vidro.

— E aonde mais eu estaria?

Ele ergueu a sobrancelha, aturdido.

— Aproveitando a droga da sua liberdade!

Interessante...

— De que está falando? — Hamish questionou. Ah, meu querido amigo era mesmo o parceiro ideal para aquilo. Ele sabia as perguntas que deviam ser feitas para arrancar a informação que desejávamos.

— Eu conheço você — falou Noah, sem responder a pergunta. Noah era um funcionário antigo, ele certamente já se deparara com Hamish quando ele ainda servia à realeza.

Hamish abriu um sorriso forçado.

— Já nos esbarramos — respondeu.

— Sim — Noah espreitou os olhos e então voltou sua atenção para mim. — Saia daqui antes que eu o mate!

— Na verdade, era isso que eu estava esperando acontecer — admiti, confundindo os dois ao meu lado.

— Veio até aqui para que eu o mate? — Noah perguntou. Eu nunca vira alguém mais confuso na vida.

— Bem, eu contava com alguém mais habilidoso... — sorri com escárnio, o que resultou em uma pistola colada no meu crânio.

Hamish sacou seu revólver em menos de um minuto — dessa vez ele se certificara de ir armado — e apontou para Noah.

— Tire essa *merda* da cabeça do meu amigo agora. Eu realmente não quero sujar meu carro com sangue inglês! — Rosnou.

Noah o obedeceu à contragosto e guardou sua pistola.

— Eu o mataria com muito prazer, Mikhailovich, se a ordem da rainha não fosse outra!

O quê?

— O quê!? — Hamish e eu perguntamos ao mesmo tempo, ambos bem atentos.

— Vossa Majestade não nos permite matá-lo.

Meu queixo foi parar no assoalho do carro e meus olhos em Netuno

— Bom, isso é um grande alívio. Mas, por que raios? Eu matei o filho dela!

— Você deve saber como as mulheres às vezes podem ser bem esquisitas. — Foi o comentário mais bem humorado que ouvi de Noah desde que o conheci. Ainda assim, eu não ri. Como eu podia rir daquilo? Eu preferia ser morto pela rainha a ter a vida poupada por ordem dela.

— Charlie, isso está muito longe de ser normal. É como se o planeta Terra fosse acabar nos próximos minutos — Hamish disse.

— Pior que isso, meu amigo. Pior que isso — balbuciei, olhando para nada e tudo ao mesmo tempo.

— Dê o fora daqui antes que eu desacate a ordem dela! — Noah falou. Eu quase não senti seus dedos em volta do meu pescoço. Me sentia fora de mim, para falar a verdade. Se Hamish não tivesse feito outra ameaça ao inglês, eu teria sufocado até a morte sem perceber.

Se passaram vinte minutos para que eu conseguisse voltar a falar. Suspeitava de que eu sequer tenha respirado nesse tempo.

— Por Odin! — Soltei o ar.

— Graças a Deus. Pensei que não falaríamos sobre o que aconteceu! — Hamish me encarava com esperança.

— E o que direi? Em toda minha existência nunca vi algo assim.

— O que aquela cobra está aprontando?

— Eu preferia ser morto. — Hamish e eu estávamos pensando alto, e não de fato conversando. Projetar frases coerentes exigia muito de nós naquele momento.

Levou um tempo para voltarmos a interagir como seres com intelecto.

— Eu preciso saber o porquê.

— Hã? — Ele franziu o nariz como se tivesse sentido um cheiro podre.

— Preciso saber o que é mais importante que a vida do seu único herdeiro.

— E lá vamos nós... — azucrinou Hamish, junto com uma revirada de olhos. As pessoas tinham que parar de fazer aquilo perto de mim. Era mesmo uma atitude bem grosseira.

Prendi a respiração, pensativo.

— Você vai questioná-la, não vai? — Hamish interpretou minha expressão, já habituado com ela.

— Preciso saber porque o diabo não quer levar a minha alma — admiti.

Ele socou o volante três vezes.

— Então vamos logo — disse.

Sem ter como convencê-lo do contrário, deixei Hamish me acompanhar até o palácio. Não fomos interceptados (como as pessoas comuns seriam) depois de nos identificarmos. Nos sentamos e nos comportamos como bons cidadãos no banco que foi nos indicado pelo mordomo.

— Sr. Mikhailovich, Vossa Majestade irá recebê-lo agora — e relanceou o olhar até Hamish, que prontamente se levantou, e depois voltou para mim. — Apenas você.

— Charlie... — Hamish estufou o peito, agindo como um irmão protetor.

— Está tudo bem, Hamish. Me aguarde aqui — o assegurei.

— Se ela tocar em você eu acabo com ela — ameaçou, fazendo o mordomo arregalar os olhos. — É isso mesmo que você ouviu!

— Você não vai acabar com ninguém. Vai ficar sentado aí como o bom homem que é! — Falei autoritário, e me esclareci com o mordomo que não devia conhecer Hamish: — Ele é explosivo às vezes.

Apertei os ombros de Hamish e o empurrei para baixo.

— Raios, sente logo!

Ele se sentou, ainda que relutante.

Segui o mordomo até a sala em que a rainha Mary me aguardava, sem saber que, de todas as coisas mais absurdas que eu já ouvira nos meus anos de vida, nada me prepararia para o que eu ouviria dos lábios dela naquele dia.

A rainha estava de costas para mim, olhando atentamente para uma das esculturas no canto da sala, que se tratava de uma mulher nua e de aparência triste. Mas, por Odin, eu não queria saber de uma *droga* de escultura.

— Sr. Mikhailovich, eu estava mesmo o aguardando — disse, sem se virar.

— Estava?

Foi quando ela se virou.

— Claro. O conheço há tempo demais para saber que o senhor jamais mataria meu filho e se esconderia.

Engoli a saliva para molhar a garganta que, de repente, pareceu ferida.

— Seu filho, Sua Alteza Real — resolvi usar o tratamento apropriado para não aborrecê-la. Seria burrice irritá-la ainda mais. —, incendiou Kerrera e feriu muitas pessoas.

A mentira não foi tão grande assim.

— Eu sei — disse melancólica. Notei a vermelhidão dos seus olhos e o semblante marcado pelo choro. Eu nunca a vira tão abatida.

Por mais que eu detestasse a rainha, eu ainda era capaz de compreender a dor de uma mãe que perdeu seu único filho.

— Vossa Majestade... — me calei.

Que droga eu devia dizer? Que sentia muito? Eu sentia coisa alguma, não seria hipócrita. Eu tinha honra, e Ryld mereceu a bala atravessada na sua cabeça.

— Vossa Majestade — tentei de novo, mais preparado dessa vez. — Por que não estou sendo punido?

Apenas retrucou:

— Você gostaria de ser punido?

— Não. Mas sei que todo crime merece castigo — fui honesto.

— Não irei castigá-lo. Meu filho já fez isso antes de morrer — ela disse, e eu suspeitei que se referisse a Kerrera.

Engoli em seco.

— A senhora anunciou que o príncipe cometeu suicídio — falei, cauteloso. Não era possível que ela não considerava aquilo um fenômeno sobrenatural. Mary não esboçou reação alguma, então resolvi ir direto ao

ponto antes que eu surtasse: — Não sou capaz de imaginar o que Vossa Majestade queira em troca.

Dessa vez ela ergueu uma sobrancelha, ainda que imperceptivelmente.

— O que o leva a pensar que quero algo em troca? — Objetou. Eu até diria que a rainha estava ofendida, o que me deixava ainda mais alarmado. A hipótese de eu estar dentro de um pesadelo se mostrava a cada segundo mais lógica.

Olhei em volta, crédulo de que em alguns minutos homens altamente armados atravessariam aquelas paredes.

Nada aconteceu.

Nem nos minutos em que perdi contando minha respiração para me certificar de continuava vivo.

— Isso é alguma espécie de brincadeira? — Questionei irritado, o que era até justificável.

Ela soltou um suspiro cansado.

— Há algo que eu nunca te contei, Charlie — declarou, deixando a formalidade de lado. Ela se sentou e me indicou a poltrona ao lado. Me sentei também.

— Creio que Vossa Majestade não me contou muitas coisas.

Que diabos estava acontecendo ali? Eu não queria me sentar e perder tempo com a mãe cujo filho matei a sangue frio e sem pudor.

Eu me decidi. Se eu não recebesse minha penitência em menos de vinte minutos, eu deixaria o palácio e nunca mais voltaria.

E Amy? Maldição. Eu precisava vê-la antes de tomar qualquer decisão. Eu não podia simplesmente desaparecer. Não seria esse tipo de pai.

— Tenho certeza de que a informação que escondi de você é do seu interesse — o comentário foi extremamente eficaz. Nada teria me deixado mais alerta que aquilo.

— Pois então me diga, Majestade.

Ela olhou para os dois lados, como se para garantir de que não havia ninguém à espreita.

Eu fui me sentindo um pouco mais ansioso a cada minuto.

O que de tão importante ela teria para me dizer?

— Você... — olhou para as mãos enrugadas e sardentas sobre o colo. — Você... — Não conseguiu dizer nada além das quatro letras.

— Eu??? — A incentivei a continuar.

Eu já tinha visto pessoas perdidas nas palavras antes, mas nunca a rainha. Mary sempre sabia o que dizer, estava preparada para tudo o tempo todo. Ela era como uma rocha que não rachava. Era inacreditável que estivesse gaguejando naquele momento e para mim. Poucas pessoas gaguejavam para mim sem eu precisar ameaçá-las de morte.

Como se estivesse envergonhada por sua gagueira, se endireitou na poltrona e contou até dez. Era o método que Mary criara para se recompor. Era surpreendente a facilidade que ela tinha de reencontrar o equilíbrio emocional, eu não podia negar.

— Eu sou sua mãe, Mikhailovich.

E assim, sem mais e nem menos, Mary considerou apropriado dizer tamanha besteira em um momento tão inapropriado. Por Odin, já tinha visto pessoas de luto fazerem todo tipo de coisa e dizerem grandes absurdos, mas nada comparado àquilo.

Projetei o queixo um pouco para frente e disse rindo:

— Vossa Majestade, minha mãe deve estar se contorcendo de tanto rir dentro do caixão nesse exato momento.

Eu interpretei sua esticada de lábios mau humorada.

— Perdoe-me — me obriguei a controlar a gargalhada que vinha do âmago —, mas o que a senhora disse... Nossa, eu não estava preparado para um comentário desses.

Sua expressão continuou inalterada.

— Eu sou sua mãe, goste você ou não! — Grunhiu e se levantou. Em outra ocasião, eu teria me levantado no mesmo instante por respeito. Mas o que aquela vigarista inglesa de cabelos louros estava me dizendo me irritou de tal forma, que fui obrigado a ficar sentado para não socá-la.

— Pelos deuses. Tenha um pinga de respeito por minha falecida mãe!

— Seu pai e eu nos conhecemos quando eu ainda era jovem e nos apaixonamos. Mas eu já estava destinada ao Duque de Edimburgo...

— Pare de falar!

Ela não me deu ouvidos.

— Meu casamento não foi o bastante para nos separar. Uma única noite foi o suficiente para gerar você...

— Cale a boca agora mesmo! — O grito foi estrondoso. Meu coração estava disparado, eu não ousava exigir menos dele.

— Todos achavam que o filho era do Duque, mas eu sabia que não — ela enxugou as lágrimas.

Eu me levantei e, ao passo em que eu me aproximava dela, mais informações eram dadas.

— Eu não queria o bebê. Não queria você — disse apática —, mas seu pai não me permitiu tirá-lo, disse que iria à público se eu fizesse algum mal a você. Então elaboramos um plano, eu continuei com a gravidez, fingindo para todos que o filho era do Duque. Assim que você nasceu, eu e a parteira fizemos todos acreditarem que havia dado à luz um bebê morto e o entreguei para seu pai. Entreguei meu primogênito.

O chão estava tremendo. Era a única explicação para eu estar com as pernas tão fracas. E se eu não havia bebido, por que raios a sala estava girando?

Ela me fitou por um longo tempo, avaliando-me de todos os ângulos possíveis.

Era inútil eu tentar abrir a boca e formular palavras, quando a simples tarefa de piscar os olhos já me parecia inacreditavelmente difícil.

— Diga alguma coisa — ela pediu. Por mais que Mary estivesse chorando, ela continuava ríspida. Não havia amor dentro daquela mulher. E pela frieza do seu coração, duvidava que houvesse até mesmo sangue correndo em suas veias.

— Eu não acredito em você — consegui dizer, por fim.

Ela anuiu discretamente com a cabeça.

— Na verdade, eu prefiro que me mate da pior forma possível a ficar aqui te ouvindo mais um minuto sequer — acrescentei impiedosamente.

— Eu não posso matá-lo. Fiz um juramento ao seu pai.

— Pois ele está morto. Nada a impede de quebrar sua promessa.

— Isso não é verdade — ela disse e me encarou com severidade. — Ele foi um homem de muitos amigos. Em algum lugar do Reino Unido, há alguém garantindo que eu cumpra minha promessa.

Devolvi o olhar severo.

— Por que está me contando isso? — Questionei. Eu não acreditava nela. De forma alguma. Mas queria entender suas intenções.

— Porque você assassinou o meu filho. Você arrancou um pedaço de mim. Achei justo fazer o mesmo com você — aproximou-se e murmurou em um tom nebuloso. — A verdade destruirá suas lembranças. Tudo o que um dia você acreditou, todos que te enganaram. Você descobrirá que cada detalhe da sua vida não passou de uma ilusão.

Havia um limite que a sanidade de um homem podia suportar. E o limite da minha foi destruído como um castelo de areia.

Tudo foi para o chão.

A escultura que a rainha almejava, a pequena xícara de chá que estava sobre a mesa, livros, documentos, cristais, quadros. Eu virei o diabo e fiz daquela sala o meu inferno.

Eu não ia matar a rainha. Ia fazer picadinho dela.

— Diga que está mentindo ou eu quebrarei tudo o que pode ser quebrado — rugi, enquanto arrancava outro quadro da parede e o lançava para o outro lado da sala.

Como alguém ainda não tinha entrado ali para intervir? Que ordem ela havia dado para seus guardas?

Ela foi para a outra ponta da sala, fugindo da minha cólera.

— Controle-se, Mikhailovich!

— Me controlar? — Gracejei. — Eu vou é matá-la! Se não retirar tudo o que acabou de dizer, eu mesmo irei matá-la!

A rainha se abaixou quando outro objeto foi lançado no chão, por mais que estivesse bem longe de atingi-la. Eu não tinha qualquer intenção de destruir toda a realeza. Mas o Duque de Edimburgo morrera há anos de pneumonia, o príncipe de Gales eu fizera questão de lhe tirar

a vida, e agora pretendia fazer o mesmo com a rainha. Eu ia mesmo acabar com o governo britânico.

— Não posso negar um fato. Ainda que queira! — Alegou. — Eu amava seu pai, por isso o mantive por perto durante tantos anos. Por isso o nacionalizei...

Cerrei o maxilar e rilhei os dentes. Ela estava implorando para ser assassinada. Não havia qualquer outra explicação.

— Minha mãe se chamava Aila e ela está morta! — Repliquei.

— Não tenho dúvida de que ela cuidou muito bem de você. Mas você tem o meu sangue em suas veias, e isso é simples de provar.

Raios. Senti meu estômago embrulhar. Sangue inglês?

Olhei fixamente para aquela mulher na minha frente; ela não podia ser a mãe de ninguém porque não era capaz de amar qualquer outra pessoa que não ela mesma. Eu passei minha vida inteira ao seu dispor, correndo riscos por ela, por respeito ao que fez por meu pai. E agora isso? Eu era seu filho renegado, um plebeu.

— Se você amava tanto meu pai, por que me odeia?

Seus olhos ficaram ardentes. Havia mais cor dentro deles do que no arco-íris.

— Você o afastou de mim. Você fez com que eu conhecesse a dor da rejeição. O lado escuro do amor.

Acaricieei minha barriga, me sentindo zozado e enjoado como em um carrossel. Eu era muito pequeno quando meus pais morreram e, por mais que não tivesse memórias as quais pudesse me agarrar, eu os amei por tudo o que me disseram sobre eles. Me apeguei às histórias contadas... às inverdades.

— Eu nunca quis matar você — ela acrescentou, após um curto período de silêncio.

Escorei na parede para não cair.

— É o que todo filho quer ouvir de uma mãe — falei, resabiado.

Mary tentou pegar em minha mão, mas eu recuei, evitando o contato. O que ela pretendia com aquela atitude, eu nunca saberia.

— Não ouse fazer isso — falei em tom de aviso. — Eu não estou dizendo que acredito em você, mas, ainda que fosse verdade tudo o que me contou, eu jamais iria querer qualquer aproximação entre nós.

Ela assentiu, amuada.

— Somos tudo o que restou um para o outro — atentou, pretensiosa. — Eu não posso reconhecê-lo como meu filho...

— Eu não quero nada de você! — Interrompi, feroz. — E se puder me deixar em paz, terá o meu mais sincero agradecimento!

— Você matou o meu filho. Seu irmão — Mary atentou, lentamente.

Senti uma dor lancinante no peito. Meu irmão... meu irmão.

— Ele ser meu irmão, e não estou dizendo que seja, não mudaria a péssima índole que tinha. Ryld mereceu o fim que teve.

— Não se atreva a falar assim dele! — Grunhiu entre os dentes.

Engoli em seco. Não podia ser verdade. Eu me recusava acreditar naquilo. Aquela mulher impiedosa e fria que a vida inteira me destratou, que me ofereceu uma proposta indecorosa, não podia ser minha mãe. Que tipo de mãe faria algo assim com um filho? Que tipo de mãe renegaria seu primogênito apenas por não ser totalmente nobre? Não só isso, Mary insultou Tess por ela não poder ter filhos quando ela própria escondia um do mundo. Cínica!

Ela disse para todos que eu tinha morrido. MORRIDO!

— Eu preciso... preciso ir embora — cambaleei até a saída, enfiando os dedos em meus cabelos. Aquela conversa não estava fazendo bem à minha saúde. Quanto mais eu pensava a respeito, mais os pontos se encaixavam, e mais atemorizado eu ficava.

— Sr. Mikhailovich! — Ela gritou, quando lhe dei as costas de forma grosseira. — Eu ainda sou sua rainha!

— E isso só faz com que eu a odeie ainda mais!

— Não sou tão má quanto pensa — rebateu, descurvando as costas.

— Mas eu sou. E se ousar vir atrás de mim ou ordenar que seus capangas venham, eu lhe garanto que mostrarei ao Reino Unido como é a verdadeira rainha deles — ameacei, destemido. — Eu sei o que fez com a esposa de Antony.

Seu rosto petrificou, mas ela manteve a cabeça erguida e os ombros para trás.

— Eu não a matei — falou suavemente.

— Você aprovou a dama para o príncipe e depois a ameaçou e desapareceu com a coitada.

— Eu faço o que for preciso para o bem do meu país, ainda que falhe. Quanto mais você falhar, mais coisas faz. Quanto mais coisas fizer, melhor você será em tudo o que faz. E quanto mais você falhar, mais saberá o que não fazer. Ela não era a dama adequada para o príncipe de York. Sua saúde deplorável a impedia de conceber um filho ao meu irmão. E ele também não estava satisfeito — falou cuidadosa, e voltou o rosto para mim depois de avaliar a bagunça que fiz no cômodo. — O senhor também tentou desaparecer com uma dama; não está muito diferente de mim.

Diminui nossa distância em um caminhar equilibrado e elegante, para disfarçar o furacão dentro de mim. Evitei olhar para tudo o que eu podia usar de arma contra ela. Ryld despertou o meu lado assassino e agora estava sendo penoso contê-lo.

— Nunca mais me compare com você. Estamos bem longe de sermos parecidos.

— Ainda temos o mesmo sangue, Mikhailovich — sorriu com os olhos e, como se não fosse o bastante para a minha desgraça, ela repetiu: — *O mesmo sangue*.

Agarrei seus braços e pressionei os dedos com força, a fim de machucá-la. Ela não perdeu a postura, mesmo com a minha atitude violenta. Ela era uma rainha, uma rainha jamais abaixaria a cabeça, mesmo que algo a estivesse matando.

Eu precisei soltá-la e deixar a sala antes que perdesse a cabeça por completo.

Encontrei Hamish andando de um lado para o outro enquanto aguardava no corredor. Ele arregalou os olhos para mim, em expectativa e ansiedade. Eu não parei para trocar palavras com ele, mesmo quando me chamou. Continuei andando, rumo a saída do palácio.

— Aonde está indo? — Hamish gritou para mim, me acompanhando.

— Me jogar em um trilho de trem!



Escocês

EU PODIA ESTAR FURIOSO E ATÉ INDIGNADO, pois tinha todo esse direito. Mas depois de uma semana desde que eu tivera aquela conversa estarrecedora com a rainha - indivíduo que dizia ser minha mãe biológica -, eu consegui analisar a situação com perspicácia. Claro, depois de ter tido um acesso de loucura e muitos goles de uísque deslizando por minha garganta. Eu havia me prendido apenas ao fato de ser o filho renegado da mulher mais poderosa do Reino Unido quando, na verdade, eu tinha a faca e o queijo nas mãos. Eu não iria me lamentar e tampouco perder meu tempo a odiando. Eu ia tomar o que era meu de direito. Ia assumir o trono.

Só tinha um detalhe. Um único e pequeno detalhe: a rainha precisava morrer.

— Você está mesmo escrevendo uma carta para a brasileira ou apenas divagando? — questionou Hamish, adoçando seu chá com açúcar.

Olhei para o papel em branco na mesa e depois para a caneta que eu havia mordido sem perceber.

— Não sou um idiota por estar tentando entrar em contato com ela após ter sido abandonado? — Questionei.

Hamish mexeu o chá com a pequena colher e eu fiquei observando o movimento circular e constante.

— Que você é um idiota, bom, não contesto. Mas não por isso, meu amigo. Sua idiotice se deve há outros feitos.

— Adoro sua sinceridade — ironizei.

Ele levou a xícara à boca para provar e desprendeu os olhos de mim apenas por esse momento.

— Tem certeza que não quer que eu peça à Kate para lhe servir uma xícara? Essa caneta não me parece nada apetitosa.

Tirei a caneta da boca imediatamente. Eu tinha perdido a noção dos meus gestos. Ainda que estivesse conversando com Hamish, meus

pensamentos estavam bem distantes - viajando entre o Brasil e Londres.

— Acha que devo contar a Tess sobre a conversa que tive com a rainha? — Perguntei, após rejeitar a oferta da xícara de chá.

Ele molhou o bico com sua bebida, apenas pra constatar a temperatura. O fato dele ter assoprado, me levou a crer que estava bem quente.

— Acho que isso a faria vir correndo atrás de você e creio que não seja o que você queira. Ao menos por enquanto — atentou. — Você ainda não decidiu sobre o que quer fazer com essa sua nova descoberta. Tess não merece um homem indeciso na vida dela.

Arregalei os olhos, surpreendido por sua honestidade.

Que raios, ele estava coberto de razão. Eu ainda tinha muitos assuntos pendentes. Precisava resolvê-los antes de mais nada.

Hamish aguardou por minha resposta mexendo a colher na xícara de chá, a fim de esfriá-lo.

— A falta que sinto dela é asfixiante e dolorosa. É como se eu estivesse prendendo a respiração sem saber que o faço.

— Então lhe escreva uma carta — olhou-me fixamente — despretensiosa. Apenas para que ela saiba que você sente sua falta.

Senti um gosto estranho. Um sabor amargo e bastante excêntrico.

Que diabos, a caneta havia estourado na minha boca!

— Maldição! — Exasperei.

Me apressei até o toalete e lavei a boca. Ao retornar ao jardim, vi que Kate e Hamish estavam tendo uma conversa profunda. Bastava observar os olhos brilhantes de Kate para o esposo e a forma como Hamish alisava o cabelo da esposa que se derramava pelos ombros.

Tess me olhava com os mesmos olhos. Ah, raios, queria ser capaz de esquecer aqueles olhos de raposa e o aroma campestre dos seus cabelos.

A saudade era mesmo uma armadilha para quem tinha uma boa memória.

Antes que eu pudesse me dar conta, já estava sentado no escritório de Hamish com uma nova caneta entre os dedos.

“Tess, meu primeiro e único amor. A falta que você me faz é mesmo agonizante. Entre todas as coisas que um homem é capaz de suportar, a ausência da mulher amada é a que mais dilacera.

Essa é a nona carta que lhe escrevo sem saber se serei capaz de enviá-la (eu ignorei o fato de ter lhe escrito outras três proferindo todos os insultos existentes no mundo); você me deixou mesmo muito furioso por ter ido embora.

Ao mesmo tempo em que desejo trazê-la de volta para os meus braços, eu penso no quão segura você está o mais distante possível de mim.

São 9.705km entre nós. A cada vez que calculo essa distância, eu me desespero.

É surpreendente e assombroso imaginar que vivi a minha vida inteira longe de você para hoje estar calculando até as milhas que nos separam.

...onde você está, Tess?

Ainda pensa em mim?

Eu sinto sua falta. A cada milissegundo do dia.

A Escócia é mesmo muito chata quando você não está aqui para me irritar.”

Dobrei a folha antes que uma lágrima saltasse do meu olho e a joguei no baixo fogo da lareira antes que o impulso me fizesse enviá-la.

— Charlie, você não precisa queimar toda carta que você escreve para ela — aproximou-se Kate.

Observei a chama distorcer as linhas escritas até reduzi-las à nada.

— É mais seguro — expliquei, enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Não posso enviá-las.

— Então qual o sentido de escrevê-las?

Respirei fundo e olhei bem dentro dos olhos de Kate.

— É o único antídoto para a minha dor.

Eu odiava ser motivo de pena, ser a razão daquelas sobrancelhas curvadas em piedade. Mas eu não era um bom ator para dissimular a minha tristeza.

— Oh, Charlie. Vocês vão se ver novamente. Sabe disso, não sabe?

— Não tenho a mesma certeza. Mas sua convicção massageia o meu sofrimento — respondi em tom azedo. — Onde está Hamish?

Kate levou alguns minutos para alcançar minha mudança abrupta de assunto e de humor.

— Está tentando salvar um gato que subiu no nosso telhado.

Assenti, assim que percebi que ela não estava brincando.

— Deve estar sendo uma cena admirável — e girei com os calcanhares. — Se juntará a mim?

— Ah, não. Preciso ir comprar terra para o meu jardim — explicou. — E eu não estaria tão empolgada se fosse você, o felino sempre desiste de esperar Hamish conseguir alcançá-lo e acaba descendo sozinho.

— Então não é a primeira vez que Hamish sobe no telhado para salvar um gato?

Kate riu e balançou a cabeça.

— Não. Meu marido está a todo momento tentando salvar algo. Acho que sente falta da adrenalina do antigo emprego. A verdadeira felicidade dele foi você ter aparecido em nossa casa com todos os seus problemas, dessa forma ele se ocupa.

— Ah, fico satisfeito por saber que meus problemas têm divertido ambos — ironizei, e a fiz gargalhar. Eu ri junto.

— Charlie, você sabe que te amamos. Ainda que tenha sangue inglês e russo em suas veias.

Estremeci.

— Não faça eu ter vontade de drenar todo meu sangue, Kate — grunhi. Não estava furioso com ela, longe disso. A ira era comigo mesmo. Eu me tornara aquilo que sempre odiei. Eu não era mais o escocês que tanto me orgulhava, era a junção das duas estirpes que repudiei a vida toda e incansavelmente.

Eu era a *merda* de um inglês. O filho da mulher que fiz todos de Kerrera execrar.

Por Odin! Nunca imaginei que um dia eu fosse capaz de repudiar tanto alguém quanto eu estava repudiando a mim mesmo.

— Você ainda é o mesmo homem, Charlie.

— Não sou. Mas isso não é algo necessariamente ruim.

Suas pálpebras tremeram e foi visível a olho nu.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que eu sou filho de uma rainha. Seu primogênito. Herdeiro legítimo do trono.

— Você o quer? — Perguntou, confusa e aflita. — Quer o trono?

Estirei os ombros para ajustar a postura acabrunhada. Embora não estivesse satisfeito com o novo rumo que a minha vida estava seguindo, eu tinha plena consciência de que precisava tomar uma atitude. Mary não podia simplesmente sair ilesa. Não depois de tudo.

— Minhas decisões deixaram de ser sobre o que eu quero há muito tempo. Agora eu faço apenas o que é preciso.

Kate empenou o pescoço um pouco para o lado, ressabiada.

— Charlie, assumir um trono vai além de se sentar nele. Há muito mais coisas envolvidas, coisas as quais eu tenho absoluta certeza de que você está longe de ter conhecimento.

Cruzei os braços. Eu não iria discutir meus assuntos com Kate, independente dela ser a mais engenhosa entre todos nós. Não queria correr o risco de descontar minhas ilimitadas frustrações nela.

— Farei o que julgo correto — falei, afinal.

— Ainda que isso envolva deixar a Escócia e todos que ama?

Soltei um suspiro cansado.

— Vou ver se Hamish precisa de ajuda com o gato.

Passei por ela sem dar tempo de me impedir. Se havia alguém capaz de fazer uma pessoa mudar de ideia, esse alguém era Kate e toda sua argúcia.

A escada estava vencendo Hamish por três a zero. A habilidade que meu amigo exercia com armas de fogo, sem sombra dúvida era seu único talento. Eu não podia afirmar que ele era ruim em todo o resto, mas eu estava certo de que abrir uma escada e posicioná-la no telhado não exigia mais do que cinco minutos.

Hamish soltou um dito afrontoso para o gato que esperneava, suplicando por ajuda.

— Quer ajuda?

Ele se virou ao me ouvir e abriu caminho para que eu pudesse me aproximar.

— Acho que ela está emperrada — comentou, melindroso, se referindo à escada.

— Deve haver alguma trava — expliquei, observando o objeto por vários ângulos.

— Nós temos outra escada. Vou perguntar a Kate onde está.

— Sua esposa saiu — alertei.

A escada deixou de ser motivo de atenção. Ele arqueou uma sobrancelha, desconfiado.

— Aonde ela foi? — Inquiriu com urgência.

Dei de ombros, mas então me lembrei que Kate dissera algo sobre comprar terra para seu jardim e lhe contei. O meu comentário pareceu tê-lo deixado ainda mais aturdido.

— Há algum problema? — Perguntei, ao reparar que Hamish não diria nada por livre e espontânea vontade.

— Kate saiu praticamente todos os dias essa semana — revelou, e me deixou ainda mais perdido.

— E isso é um problema?

Seu maxilar enrijeceu.

— É quando ela me diz que está saindo para comprar sementes de cardo e volta dizendo que não encontrou os hastes.

— Ela pode ter saído para comprar ambos.

Ele fechou a carranca.

— E retornar sem nenhum? — Balançou a cabeça em negativo. — Eu conheço a minha esposa. Ela está aprontando algo.

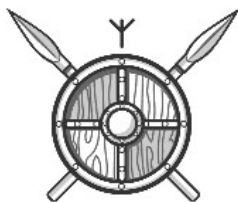
O observei calado. Eu conhecia Kate há muitos anos, mas Hamish a conhecia como se fosse a vida toda. Se ele dizia que sua esposa não estava agindo como costumeiro, quem era eu para contradizer?

— Espero que não esteja planejando segui-la. Ainda temos um gato para salvar — o lembrei. O felino cinzento nos olhava com esperança. Finalmente tinha parado de miar.

— Eu não irei segui-la. Por favor, Charlie. Não sou tão maluco assim.

Concordei com a cabeça, incrédulo, e com um sorriso irônico estampado no rosto. Hamish, em um gesto furioso, largou a escada em cima de mim sem dó e piedade.

— Que você e esse gato se divirtam — exclamou, e deixou o jardim.



— Comprou a terra? — Hamish perguntou a Kate durante o jantar. — Charlie me contou que você disse a ele que ia sair para comprar terra para suas plantas.

Ela levou um pedaço de salmão à boca antes de respondê-lo.

— Sim. Ah, nossa, o peixe ficou sem sal.

Olhei para Hamish de soslaio. Ele sequer havia tocado na sua comida, estava analisando a esposa como se ela fosse um enigma.

— Não tenho dúvida de que o salmão está delicioso. Eu não sabia que você precisava de terra — ele retrucou.

Kate ergueu os olhos para ele. Eu devia me retirar antes que eles aprofundassem ainda mais aquela discussão. Mas a comida estava mesmo fantástica e Hamish foi muito impiedoso comigo quando Tess e eu precisamos de privacidade para conversar.

Mastiguei devagar e esperei a resposta de Kate, olhando de um para o outro.

— *Eu* não preciso de terra, são minhas plantas que precisam.

Virei o rosto para Hamish, afim de encará-lo com mais clareza.

— E ontem? — Ele questionou. — O que *suas plantas* precisaram ontem?

Kate largou os talheres com graciosidade e sem escândalo. Apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçou os dedos e posicionou o queixo neles.

— O que quer me perguntar, querido?

Hamish molhou a boca com um gole de sua taça de vinho seco.

— Na verdade, eu preciso mesmo é de um banho quente. Me deem licença — e empurrou a cadeira para se levantar.

— Mas você nem tocou na comida...

Ele deixou a sala de jantar sem respondê-la.

Continuei minha refeição sem projetar nenhuma palavra. Kate encarava seu prato, atordoada. Eu concordava com Hamish, ela estava escondendo algo e isso a consumia.

— O peixe não estava sem sal — ousei falar, para aliviá-la dos pensamentos. *Seja lá quais fossem.*

Ela sorriu à contragosto.

— Salvaram o gato? — Mudou de assunto.

— Sim. A escada tinha um segredo, perdi alguns minutos tentando desvendá-lo, mas consegui.

Ela bebeu seu vinho sem piscar. Mergulhara outra vez em sua própria cabeça.

— Kate? — A chamei em um balbuciar. — Você está bem?

— Hã? — Se fez de desentendida. — Estou. Por que não estaria?

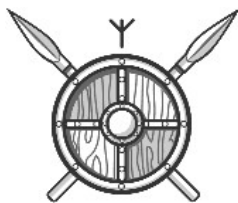
A fitei.

— Você me contaria se não estivesse?

Ela esvaziou sua taça de vinho em um gole rápido.

— Você sabe, Charlie. Sou um livro aberto.

Minha resposta demorou para sair. E, antes que eu percebesse, fiquei sozinho na mesa de jantar.



— VOCÊ ENLOUQUECEU? — Minha porta foi aberta em um chute e eu fui acordado com um grito. — Não permitirei que você assuma o trono nem que seja a última coisa que eu faça na vida!

Me espreguicei e sentei na cama.

— Vejo que você e Kate fizeram as pazes — desconversei.

Ele ruborizou e desviou o olhar.

— Não havíamos brigado.

— Certo. Então o que foi aquilo noite passada?

— Charlie Mikhailovich, eu não sou tão tolo. Não ouse pensar que pode mudar de assunto sem que eu perceba! — Grunhiu e voltou a me perscrutar.

Praguejei e me levantei.

— Não apresse as coisas. A rainha precisa morrer para que eu assumo tudo.

Esubalhou os olhos.

— Cogita matá-la!? — Espantou-se.

— Ainda não sei o que farei. Mas eu realmente prefiro que não se envolva nisso.

Meu amigo se aproximou de mim arrastando os pés e me segurou pelos ombros com firmeza. Suas mãos eram grandes e tinham o poder de me paralisar.

— Não sou capaz de compreender tudo o que você está sentindo. Sua vida nunca foi fácil, você sempre viveu a mercê de outro; tem cicatrizes não apenas físicas, são psicológicas também. Mas, me ouça, Charlie. Não faça nada que possa prejudicá-lo ainda mais.

— Não farei...

— Se pensar em fazer, eu terei que impedi-lo — me interrompeu e pressionou os dedos em meus ombros.

Fechei o punho.

— Eu fui abandonado por aquela mulher. Se meu pai não a tivesse ameaçado, se não tivesse garantido a minha segurança pelo resto da vida, eu estaria morto. Eu passei metade da minha vida sendo grato a alguém que sempre me odiou. Então, você tem razão, Hamish. Não é capaz de entender o que estou sentindo.

— Você terá um filho — lembrou.

Relaxe os dedos e esfreguei a testa.

— O que isso tem a ver? — Questionei, sem entender.

— Você não pode entrar em uma luta que pode perder, pelo bem daquela criança. Ele crescerá sem saber que tem sangue real nas veias, da mesma forma que você cresceu.

— Eu posso lhe deixar uma carta antes de morrer — falei. Nos encaramos fixamente e sem piscar. — Eu não quero o dinheiro, Hamish. Quero apenas arrancar dela o que ela arrancou de mim.

— Você já matou o filho dela. Isso não basta!?

— Eu não arranquei algo que ela ama de verdade — contra-argUMENTEI e venci aquela discussão.

Hamish me soltou e deu as costas.

Duas horas depois, eu lhe fazia companhia no café da manhã. Ele lia um jornal, no intuito de me ignorar. Estava enfurecido comigo, e ficou ainda mais por eu não tentar reverter a situação. Agi como se nada estivesse acontecendo.

— Não se atreva a assoviar! — Ele resmungou, sem desprender os olhos do jornal.

— Onde está Kate? — Retruquei.

Ele respirou fundo.

— Se arrumando — disse ríspido.

— Ela vai sair novamente?

Olhou-me por cima do jornal. Os olhos estavam nada serenos.

— Vai.

Kate apareceu assim que Hamish fechou a boca. Cumprimentou a mim educadamente, deu um beijo na cabeça do marido e saiu porta afora.

Observei Hamish fechar o jornal e colocá-lo à mesa. Ele terminou seu suco de laranja, deu uma mordida no pão e se levantou.

— Pensei que você fosse racional demais para segui-la — provoquei, tentando causar alguma reação nos seu estilo mecânico.

— É como dizem: “Onde a razão não ousa ir, o instinto prevalece”.

Anuí.

— Vou com você — e o acompanhei até a saída.

O dia estava cinzento e gelado como de praxe, mas naquela manhã também garoava. Eu nunca tinha visto Hamish dirigir tão quieto ou tão tenso. O carro de Kate estava logo à frente, mas ele não piscava, com medo de perdê-lo.

— Estamos dando voltas em círculo — alertei.

— Ela sabe que está sendo seguida — ele respondeu, e socou o volante com força. — Que *merda*. Em que eu estava pensando?

— Converse com Kate. Ela não mentirá para você — aconselhei.

Ele encostou o carro e permitiu que Kate seguisse sua viagem livremente.

— É o que você faria?

Neguei com a cabeça.

— Eu a amarraria à cama até fazê-la falar, mas você é muito melhor que eu.



Escocês

— **HAVERÁ** UMA CONFERÊNCIA SOBRE o meio ambiente amanhã em Londres e eu pretendo estar lá — atentei.

Hamish assentiu. Os olhos não despregavam da porta.

— Quer mesmo ir adiante com isso? — Questionou.

— Pelos deuses, eu não farei nada. Apenas quero que Mary me veja lá e estremeça até os ossos!

Ele fingiu que me ouvia atentamente pela segunda vez. Eu sabia que sua concentração estava na porta que Kate ainda não atravessara.

— Ela nunca demorou tanto — ele comentou, ciente que eu o estudava.

— Que horas são? — Perguntei e procurei pelo relógio. — Dez da noite. Está bem tarde.

Nunca imaginei ver Hamish roendo as unhas daquela forma. Como se fosse um cão com um pedaço fresco de carne.

— O que quer fazer? — Questionei. — Estou com você em qualquer decisão que tomar.

Ele se levantou e andou de uma extremidade da sala até a outra, coçando a barba feita.

— Vou aguardar. O que mais eu poderia fazer? Eu nem sei para onde ela foi e ainda é muito cedo para contatar as autoridades.

— E você conseguirá ficar parado apenas esperando ela atravessar aquela porta? — Perguntei, erguendo uma sobrancelha em dúvida.

Hamish disparou três palavrões em sequência e esmurrou a parede, forte o bastante para ferir o vão dos dedos. E antes que ele pudesse inutilmente ferir-se pela segunda vez, Kate iluminou a sala com sua ilustre presença.

Assim que Hamish a viu, ele correu para abraçá-la, e a segurando pelos braços, questionou:

— Onde foi que você se meteu!?

— Você nos preocupou — acrescentei, mais ameno que Hamish.

O rosto de Kate estava pálido e transparente como uma pedra de gelo, ainda assim, ela esticou os lábios em um sorriso jocoso.

— Calma, rapazes. Vocês estão muito sérios.

— Deixe de brincadeira, Kate. Eu estava roendo os dedos de preocupação! — Alarmou Hamish, sem ser capaz de se tranquilizar, ainda que Kate estivesse visivelmente bem.

Ela se libertou das mãos que a seguravam e se desfez do cachecol em seu pescoço.

— Vocês já comeram? — Perguntou despreocupadamente.

Hamish bufou pelo nariz, e eu fui junto.

— Me fará perguntar? — O questionamento foi feito por Hamish.

Cogitei deixar a sala, porém, o olhar severo que meu amigo transferiu para mim assim que viu minhas pernas ganharem movimentos, me paralisou.

— O farei perguntar... O quê? — Kate era boa em se fazer de tola.

— Onde você estava? Aonde tem ido todo santo dia e por que sempre retorna como se tivesse visto um fantasma. — Ele lançou as palavras.

Kate revirou os olhos castanhos, depois ajeitou alguns fios de cabelo atrás da orelha.

— Você não combina com esse semblante desconfiado, querido — desconversou.

Raios, eu não tinha o direito de me intrometer, mas já estava perdendo a paciência com a dissimulação de Kate. Ela era uma grande atriz, tão boa quanto Tess. As duas juntas seriam capazes de extirpar a sanidade de todos os homens do Mundo. Não. A sanidade de toda raça humana!

— Kate, por que não nos diz o que está acontecendo? — Inquiri em tom passivo.

Ela voltou o rosto para mim.

— Eu acho que era eu quem devia fazer essa pergunta, Charlie. Sei que os dois me seguiram hoje.

— A seguimos porque estamos preocupados! — Grunhiu Hamish, impaciente.

— Me seguiram porque são dois desocupados. — Ela disse, em tom agressivo e severo, causando um enorme espanto em Hamish e em mim. Foram poucas as vezes em que vi Kate perder a paciência tão rapidamente. — Agora, se os dois rapazes não têm mais nada a acrescentar, exijo que me deixem em paz!

E, por consideração a essa exigência, fomos obrigados a deixá-la ir sem nos dar qualquer informação pertinente. Eu vi medo nos olhos de Kate, vi inquietação. Algo grave estava acontecendo e ela se recusava a compartilhar conosco.

— O que você acha? — Perguntou meu amigo, angustiado. Ele estava subindo pelas paredes.

Movi aleatoriamente uma peça do jogo de xadrez intacto na mobília, apenas para evitar encará-lo, porque eu ia mentir.

— Você devia confiar nela.

Insinuei movimentar outra peça do jogo, quando Hamish segurou meu pulso com força.

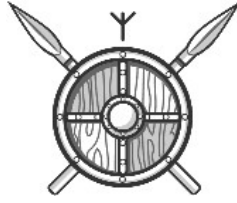
— Eu sei que você viu o mesmo que eu — acusou. — Eu nunca vi os olhos de Kate tremerem tanto. Quero saber que *merda* a está assustando.

— Ela deixou muito claro que não nos contará — o alertei. Ele suspirou. — Mas isso não significa que não quer que descubramos.

Ele largou meu pulso abruptamente.

— Kate será capaz de quebrar minhas duas pernas se eu ousar segui-la novamente.

— Então deixe que ela quebre as minhas.



Kate não saiu de casa por dois dias seguidos. Duvidava que ela soubesse de minhas intenções, contudo, ela era uma mulher muito esperta. Estava se prevenindo.

Passei esses dois dias sem pensar em Mary ou em Tess. Hamish precisava de mim, eu não faria outra coisa que não ajudá-lo como eu havia prometido. Os meus problemas podiam esperar.

Nunca passou por minha cabeça que Kate estivesse sendo infiel a Hamish. Pelos Deuses, por todos os infernos, eles eram perfeitos juntos. Mas então, por que eu estava vendo Kate entrar em um hotel paupérrimo acompanhada de outro homem? Obviamente havia uma explicação coerente para aquilo.

Observei os dois de uma distância segura. Sem razão para pânico. Aquele homem podia ser algum funcionário do hotel, ou o marido de alguma amiga que ela estava indo visitar. Bem, mas isso não explicava o fato de Kate estar escondendo segredos de Hamish e de mim.

Por Odin. Eu confiava em Kate, e se eu a estava seguindo, era porque queria garantir sua segurança. Por isso, quando vi o homem de aproximadamente um metro e noventa de altura empurrá-la com grosseira, fui obrigado a descer do carro. Se aquele sujeito a estava machucando, eu o faria pagar por isso.

— Está tudo bem por aqui?

Os dois se viraram ao som da minha voz. Os olhos de Kate brilharam ao me ver, eu só não tinha certeza se era de alívio. A mulher empalideceu, como se estivesse perdendo sangue de forma rápida.

— Charlie, não... — ela sussurrou, desapontada.

O homem repetiu meu nome, e foi como se tivesse tido um estalo na cabeça. Ele sorriu por debaixo do bigode escuro e eu reconheci o sotaque quando ele disse:

— Camarada, não estávamos te esperando tão cedo.

Russo? Que raios Kate estava fazendo com aquele russo?

Prendi a respiração. *Não. Não. Não. Nikolai.* Aquilo só podia ser obra de Nikolai.

O sujeito segurou Kate pelos cabelos e a fez grunhir de dor.

— Solte-a agora mesmo! — Falei em tom de alerta. — Eu mandei soltá-la!

Ele ignorou. O homem abriu espaço e me indicou as escadas com um aceno de cabeça.

— Vá na frente — ele ordenou.

— Charlie, não o escute — falou Kate, com a voz abafada devido a condição elevada do queixo. — Vá embora.

O russo deu um forte puxão no cabelo de Kate no intuito de silenciá-la.

— Eu não saio daqui sem você — garanti a Kate e ameacei o russo. — Solte-a agora mesmo e eu pouparei sua vida.

Ele me ofereceu um sorriso sádico em resposta.

— Você não devia estar se preocupando tanto com essa daqui. Tenho certeza de que as duas lá de cima estão sofrendo muito mais.



Tess

— **PARE DE CHORAMINGAR.** Isso não está nos ajudando — resmunguei para ela.

— Minhas costas estão doendo! — Replicou.

— Estou assim a mais de cinco de dias e não estou chorando como você está!

Ela ergueu uma sobrancelha em provocação.

— Talvez seja porque você não está grávida.

Engoli em seco e deixei de encarar a loira de nariz perfeito ao meu lado. Como alguém podia ter traços tão harmoniosos? Amy era mesmo maravilhosa. O tipo de mulher que os homens viravam o pescoço para apreciar.

— É. Você tem razão. Sinto muito — falei sincera. O fato dela estar carregando um filho do homem que eu amava não era motivo para eu odiá-la. Eu era muito melhor que isso. — Respire fundo e tente se acalmar.

Amy se remexeu na cadeira e se esticou para espreguiçar. Levei o olhar até sua barriga que já revelava a gestação.

— O que esse sadista pretende com a gente? — Ela questionou, sem se dar conta que eu encarava indiscretamente sua barriga.

Voltei os olhos para Nikolai e o outro capanga que dividiam uma garrafa de uísque do outro lado do quarto.

— Eu ainda não sei — confessei.

— Você ainda não me disse como veio parar aqui — ela atentou.

— Você nunca me perguntou — a lembrei. Ela assentiu, e esperou até que eu comesse a explicar. — Eu pretendia voltar para o Brasil, mas os russos já estavam me vigiando a dias. Quando tiveram uma oportunidade... Quando eu lhes dei uma oportunidade, eles aproveitaram.

— O que você fez para eles? — Ela questionou, aflita. — Não. O que eu fiz para eles?

Relanceei o olhar para sua barriga outra vez. Dessa vez ela o seguiu.

— Bem, você carrega um filho de Charlie.

— E o que tudo isso tem a ver com Charlie? — Ela pressionou.

— É uma longa história — desconversei.

— Eu tenho tempo, como você mesma pode perceber — ironizou.

Eu não tinha escapatória. Estava amarrada a uma cadeira ao lado de Amy, não podia simplesmente sair andando para fugir do assunto, como eu certamente teria feito. E, na verdade, eu fiquei um tanto surpresa por ela não saber sobre Charlie e Nikolai, já que a mulher conhecia o escocês há muito mais tempo que eu.

Eu contei a ela sobre como Nikolai assassinou os pais de Charlie, contei sobre como fui sequestrada pelos russos para ser usada de chantagem para Ryld. Não dei muitos detalhes, relatei apenas o necessário para que ela parasse de me perturbar com tantos questionamentos.

— E aquela mulher, ela os está ajudando? — Perguntou alarmada, se referindo a Kate.

— Não. Claro que não. Ela também é uma prisioneira.

Amy suspirou e riu baixinho, de forma sarcástica.

— Ela não me parece uma prisioneira, já que está livre para ir e vir quando bem quiser.

Cerrei o cenho. Não estava gostando do tom que Amy usava para se referir a Kate.

— Não seja burra. Eles a estão usando de informante. Se Kate está indo e vindo a todo momento, é para nos proteger. O que acha que aconteceria conosco se ela não obedecesse a ordem deles?

Ela apertou os olhos com raiva quando a ofendi. Mas deixou pra lá.

— E que informações eles querem?

— Sobre Charlie. Não prestou atenção em nada do que falei!? — Inquiri com impaciência e revirei os olhos. — Olha, Amy, sei que não gosta de mim, mas precisamos confiar uma na outra se quisermos sair vivas daqui.

Amy tinha uma resposta pronta para mim, e assim que ela abriu a boca para dá-la, Nikolai se aproximou com aquele seu andar confiante e destemido. Eu olhei para as mãos que me golpearam durante dias no rosto, e estremei. Era fácil fingir não estar me tremendo de medo quando ele estava longe de mim, mas sempre que o russo encurtava a distância, eu parava de respirar.

E tinha também aquele novos capangas. Nikolai havia me dito como se livrara de Andrei e Bóris depois deles terem falhado em uma missão. Ele relatou com minúcia os gritos dos homens enquanto o fogo consumia seus corpos. E, com a chama de uma vela, à baixa luz daquele pequeno e desprezível quarto de hotel - repleto de imundices e odores podres - ele me fez sentir na palma da mão um pouco da dor dos homens. E a verdadeira surpresa, foi que a queimação resultante do fogo se mostrou mais aprazível que os golpes em minha cara.

No entanto, dessa vez Nikolai não se agachou aos meus pés ao se aproximar. Dessa vez suas más intenções estavam destinadas a Amy e seu rosto de pêssego sem marcas de dedos. Ele se inclinou sobre a inglesa, e respirou o aroma de seus cabelos cor de sol.

— Eu sempre preferi as loiras — ele cochichou para ela, na tentativa de deixá-la desconfortável. E conseguiu.

Eu olhei para o outro russo, que tinha o rosto endurecido feito pedra. Ele não sorria. Nunca sorriu desde que o conheci. Era como se não soubesse movimentar seus lábios para algo tão carismático.

—... Eu ficarei com você e com esse bebê — prosseguiu Nikolai para Amy.

Me solidarizei com o choramingo da moça quando Nikolai acariciou sua barriga.

— Deixe-a em paz. Você já está comigo. Não precisa dela também.

Nikolai transferiu o olhar duro para mim.

— Eu preciso, sabe que preciso. Você se lembra do que sua amiga nos disse, não lembra? — Perguntou, se referindo a Kate. — Essa mulher carrega o filho do primogênito da rainha. Esse bebê vale muito.

— O quê? — Gritou Amy com ingenuidade. — Esse filho não é de Ryld, é de Charlie... — E então sua ficha caiu. — Está me dizendo que Charlie é filho da rainha Mary?

— Tolinha. — Nikolai sorriu.

— Você nunca tocará no meu filho! — Rugiu Amy, com a fúria de uma leoa.

— Estou tocando agora — zombou Nikolai, alisando a barriga da inglesa de maneira ousada para afrontá-la.

Um estrondo seguido de um: “onde ela está?” atravessou a porta da frente. Armas foram sacadas às pressas. O meu coração, que antes estava silencioso, começou a bramar dentro de mim ao som da voz de Charlie. Kate e o outro capanga de Nikolai surgiram logo em seguida.

— Eu te falei que haveria consequências se você contasse a ele. — Nikolai falou para Kate em tom de ameaça.

— Eu não falei. Eu juro. Ele... ele me seguiu. — Kate disse nervosamente. A coitada temia prejudicar Amy e eu de alguma forma.

— Você não passa mesmo de um covarde. Está usando as pobres moças para me atingir? — Rugiu Charlie, tentando chamar a atenção para ele. E conseguiu.

— Tínhamos um acordo, e você não honrou com a sua palavra. Farei com que se arrependa disso, camarada! — Devolveu Nikolai.

— Você deve saber que tive um grande contratempo — alertou Charlie, se referindo discretamente ao ocorrido com Ryld.

Aqueles olhos negros... Deus, como eu senti falta daqueles olhos.

— Deixe-as ir. Eu já estou aqui — continuou.

Nikolai olhou ao redor de maneira calculista e provocadora.

— Isso aqui está superlotado. Eu não pretendia recebê-lo tão já. Por que não fazemos uma brincadeira? O que acha? — Nikolai coçou o queixo e disse em um tom sombrio: — Escolha, Charlie. Qual delas morrerá primeiro?

Engoli em seco. Kate engoliu em seco. Amy engoliu em seco.

Qualquer pessoa teria engolido em seco ao ouvir alguém dizer a possibilidade de que você tinha de ser assassinada naquela noite.

O russo que segurava Kate pelos cabelos a empurrou com força para dentro do aposento, a ponto derrubá-la no chão, e depois fechou a porta.

Os olhos de Charlie ficaram fúnebres e ele procurou amenizar a situação.

— Ninguém precisa morrer, Nikolai.

— Você está certo. Não precisa, mas eu quero. — Ele olhou para Kate ainda caída no chão e disse: — Eu começaria por ela. Essa aí é só a esposa do seu amigo, não deve ser importante pra você.

As veias saltaram na testa de Charlie quando ele cerrou o cenho.

— Não. Toque. Nela — ele disse pausadamente, vendo Nikolai se aproximar de Kate com o revólver.

— E nessa aqui? Posso tocar? — Nikolai foi com a arma até Amy e encostou o objeto na têmpora direita dela.

Os ombros de Charlie foram tomados por tensão.

— Ela não tem nada a ver com isso. Deixe-a ir! — Charlie falou.

Era de se esperar que eu seria a terceira a ser ameaçada. Nikolai nem precisou voltar o revólver em minha direção para Charlie alertá-lo dos riscos:

— Se encostar essa arma nela eu farei com que você a engula!

Nikolai brecou os movimentos e sorriu alegremente.

— Agora sabemos quem é a sua preferida.

Charlie o encarou sem piscar.

— O que quer, Nikolai?

— Eu já disse. Quero que escolha qual delas morrerá primeiro.

Os olhos de Charlie saltaram em choque. E quando ele deu um passo para frente, um dos capangas o segurou pelos braços.

— Não... não faça isso. Elas não têm culpa.

— Sabemos que não. — Nikolai foi até uma mala e pegou algo. — Mas é divertido fazer você agonizar com a dor delas.

O russo substituiu sua arma de fogo por um alicate e me olhou.

— Qual dedo você gosta menos?

Fechei minha mãos imediatamente.

— Eu te fiz uma pergunta! — Gritou. E foi com o alicate até o lóbulo da minha orelha, o apertando com força e me arrancando ganidos de dor.

Tive a impressão de ter ouvido Charlie e Kate gritarem, pedindo misericórdia por mim. Mas a dor ensurdeceu minha consciência. Não demorou para que eu sentisse o sangue escorrer pelo meu maxilar e depois por meu pescoço.

— Então, eu escolherei por você — prosseguiu Nikolai.

Em nenhum momento eu achei que ele estivesse brincando, eu só não acreditei que sua insanidade fosse grande àquele ponto. Mito. Eu sempre soube de sua crueldade, só não contava que um dia *eu* seria sua vítima.

Ele deu a volta, indo até minhas mãos presas atrás da cadeira. Selecionou um de meus dedos. O anelar esquerdo foi o bendito escolhido. A voz de Charlie ao fundo foi desaparecendo conforme eu tentava impedir Nikolai de abrir minhas mãos. Ele era forte e eu estava em desvantagem.

Eu me chacoalhei na cadeira, e acabei descobrindo que tentar evitar ser machucada, pode acabar te machucando ainda mais. A corda impiedosamente apertada estava cortando meus pulsos e dificultando a circulação de sangue às mãos. Me remexer para evitar ter o dedo amputado, quase me resultou à perda das duas mãos. Quanto mais eu me mexia, mais a corda apertava, e me cortava com ela.

Eu desisti. Correção. Eu me dei conta que perder um dedo era ainda a minha melhor alternativa.

Nikolai conseguiu me fazer abrir as mãos e até fez uma piadinha para Charlie antes de encostar o metal gelado em meu dedo quente e apertá-lo, como se estivesse cortando um pedaço de fio de cobre.

Eu gritei. E novamente. E mais um pouco.

A dor e a ardência camufladas, começavam nos pés e se espalhavam por todo corpo. O suor contornava as curvas das minhas costas.

Eu senti quando o alicate afiado atravessou a carne, os nervos, e a falange foi cortada. Mas a dormência instantânea não me deixou saber se todo o dedo tinha sido arrancado ou se apenas uma parte dele.

Um.

Dois.

Três.

Foram três minutos antes de outra pessoa começar a sentir dor. Um russo foi lançado contra a parede como se não passasse de um saco de arroz. E então houve um disparo que calou todos os gritos. Bem, ao menos era o que eu estava supondo. Era difícil me manter consciente enquanto o sangue do meu corpo se esvaía através do meu dedo.

— O segundo disparo será na sua cabeça ou na de alguma delas! — Anunciou Nikolai.

Me obriguei a me concentrar nos acontecimentos. Charlie pressionava seu ombro e o rosto estava marcado por uma expressão de... Santo Deus! *Ele levou um tiro.*

E eu estava ali, me lamentando por um mísero dedo.

O russo que dera o disparo, agora tinha Kate como refém. Amy, por sua vez, reprimia o choro ao meu lado, mesmo que ninguém estivesse a tocando.

— Sabe de uma coisa, Nikolai? — Charlie começou a dizer. — Eu sempre quis saber quão rápidos os russos são.

Tudo aconteceu em uma velocidade que eu quase fui incapaz de acompanhar, mas em pouquíssimos minutos, uma faca havia atravessado a cabeça do capanga que segurava Kate e Nikolai levava um belo disparo no peito que o derrubou. Em algum momento, enquanto eu divagava com a minha dor, Charlie notara a presença de uma faca ao seu alcance, a lançara contra o russo e tomara o revólver da sua mão para disparar em Nikolai. A sua agilidade era invejável, e sua pontaria... coisa de outro mundo.

Ouvi ganidos masculinos. Um deles fora de Charlie se lamentando pelo ferimento a bala no ombro. Vê-lo com dor me fez lembrar dos meus próprios ferimentos, e eu também gemi.

— Kate, solte as duas — pediu Charlie, e ela obedeceu sem pensar duas vezes.

Soltou primeiro Amy, por ouvi-la chorar desesperadamente. E quando chegou a minha vez de ser libertada, Kate gritou.

— Ah, meu Deus. Tadinha!

— Está tão ruim assim? — Perguntei, ainda que eu já soubesse a resposta. Qual era a possibilidade de ter um dedo amputado a sangue frio e ele aparentar algo menos que decididamente horrível?

Kate olhou do machucado para mim e assentiu com pesar. E então deu um sorriso miúdo.

— Você ficará bem — e me soltou.

Não tive tempo para avaliar a situação deplorável da minha mão ensanguentada, porque Charlie estava gritando com Nikolai no chão.

— ACORDE! — Gritou. E cobriu o ferimento de bala do corpo do russo com as duas mãos, ignorando o próprio machucado. — Você não morrerá assim. Não de forma tão medíocre.

Olhei ao meu redor, procurando pelos outros dois homens. Ambos estavam caídos no chão. O que havia sido lançado contra a parede não parecia morto, apenas desmaiado. Já o que levou uma facada... Bem, esse não abriria os olhos na manhã seguinte.

Senti quando alguém me cutucou no braço delicadamente. Era Amy, com um pano estendido na mão. Era um pedaço da própria roupa que ela rasgara propositalmente.

— Enrole sua mão. Você está perdendo muito sangue — ela disse com doçura.

Foi quando resolvi encarar aquele problema. Aquele desconforto que despejava gotas de sangue ininterruptamente. Não estava totalmente cortado. Mas Nikolai fizera questão de arrancar uma parte considerável dele. O estendi até a altura dos meus olhos e olhei para dentro do buraco. Deus do céu. Parecia com carne moída, só que muito mais vermelha e nojenta. A pele escapava pelas beiradas devido ao corte mal feito.

— Pare de olhar. Você está ficando sem cor no rosto — aconselhou Kate, igualmente chocada. — Tess? Tess?

— Eu não sinto. Eu não...



Escocês

— **VOCÊ ESTÁ BEM?** — Perguntei, assim que ela abriu os desnorteados olhos castanhos.

— Já estive melhor — Tess balbuciou, com uma pitada de humor. Eu a conhecia bem o suficiente para saber que um dedo arrancado e um ferimento em sua orelha não seriam fortes o suficiente para derrubá-la.

Eu ignorei completamente o fato de que vê-la tão machucada contorcia meu estômago e me foquei no que realmente precisava ser feito. Nikolai pagaria por tudo aquilo. Eu o faria pagar.

Assenti friamente.

— Você também está ferido — disse Tess, após eu dizer para Kate acompanhá-la ao hospital.

Olhei para o ferimento de bala em meu ombro que eu tentava cobrir com um pedaço de pano. Por sorte, o projétil havia atravessado, aparentemente sem pegar em nada vital. Claro que estava me incomodando, mas se Tess soubesse daquilo (ainda que estivesse muito perceptível a olho nu), ela insistiria para que eu desistisse de Nikolai e a acompanhasse ao hospital.

— Já estive mais ferido — falei com honestidade.

Os olhos de mel me confrontaram, mas o que atravessou seus lábios foi algo totalmente inusitado.

— O faça sofrer!

— O que disse, *boireannaich?* — A perscrutei.

Tess se levantou e encarou Nikolai caído e ainda respirando no chão. Kate, Amy e eu seguimos seu olhar.

— Esse desgraçado arrancou meu dedo, ameaçou a mãe do seu filho e torturou minha amiga Kate. Ele merece mais que uma bala atravessada no corpo!

Eu não saberia dizer se aquilo era mesmo o seu desejo ou se ela estava apenas me apoiando, ainda que não soubesse certamente

minha real intenção.

Não consegui articular nenhuma resposta plausível, então olhei para Nikolai ainda respirando no chão, foi preciso muita força para não acertar sua cabeça para finalizá-lo de uma vez. Eu precisei me concentrar para conseguir mirar em um ponto específico para não matá-lo imediatamente.

— Charlie... — Tess tentou acrescentar algo, mas engasgou com as palavras.

— Eu amo você — murmurei. — Nada nunca mais ficará entre nós.

— Nem mesmo sua teimosia?

Fui obrigado a sorrir para aquela doce e impetuosa mulher.

— Principalmente a minha teimosia. Você tem a minha palavra e também o meu coração.

— Eu amo você. Mas agora quero que você acabe com aquele russo de *merda*. O faça sentir dor como nunca sentiu antes — ela disse, semicerrando os olhos.

— Considere feito.

Em pouco tempo as três haviam deixado o quarto de hotel. Fiquei sozinho com os três russos, sendo que um deles já não estava respirando.

Pressionei o tecido encharcado de sangue no buraco de bala e não consegui reprimir um gemido doloroso.

— Você errou o tiro propositalmente — balbuciou Nikolai, de maneira quase ininteligível.

Baixei o olhar para ele. O projétil estava alojado em seu peito. Fiquei surpreso ao ver a quantidade de sangue que esguichava sem que ele morresse.

— Não errei. Acertei exatamente no local que queria. Na verdade, me esforcei muito para não mirar em sua cabeça. Eu jamais me perdoaria por te dar uma morte tão rápida e quase indolor.

Sua respiração era baixa e sufocada.

Ah, sim, ele estava agonizando.

— Ficou para me ver morrer?

Reparei quando Nikolai desviou o olhar para algo atrás de mim. Então me lembrei que o russo que eu lancei contra a parede já podia ter acordado do desmaio.

Me virei apressadamente, temendo ser surpreendido. O homem estava atordoado, não encontrava o equilíbrio das pernas, com a mão na parte de trás da cabeça que sangrava devido à forte pancada.

Sem hesitar, larguei o pano que ainda tinha em mão, me apressei até o revólver equipado de silenciador - o que era desnecessário, eu sabia que Nikolai escolhia a dedo os locais para praticar suas maldades sem ser interrompido - caído no assoalho do quarto e dei um disparo fatal no sujeito. Sangue e miolos se espalharam pela parede encardida.

E quando me virei para Nikolai, respondi laconicamente:

— Não, camarada. Fiquei para terminar de matá-lo.

Ele tentou fingir não estar com medo. Tentou não esbranquiçar de pavor ou não ter todos os pelos do corpo arrepiados ao som tenebroso da minha voz. Mas foi absoluta e completamente inútil. Só havia espaço para uma única certeza na mente de Nikolai: ele ia morrer naquela noite pelas mãos do homem que mais o odiava.

Não foi difícil ignorar meu próprio sofrimento ao me inclinar para arrancar a lâmina de 15 cm alojada na cabeça do outro russo, eu estava muito mais irritado do que qualquer outra coisa.

Apoiei meu pé no corpo do defunto para conseguir puxar a faca para fora. Ela saiu e, ainda que pingando sangue, conseguia ser o objeto menos asqueroso daquele quarto.

Nikolai compreendeu meu objetivo apenas com um rápido olhar e tentou se arrastar pelo assoalhado com a ajuda dos cotovelos. O russo não era capaz de perceber o quão ineficaz eram seus esforços para tentar fugir. Ele já estava morto.

Me aproximei e carimbei a sola do meu sapato em seu pescoço, na traqueia. Pisei com força. E pressionei, dificultando sua respiração.

Ele levou as duas mãos em meu tornozelo, tentando se soltar. Eu estava enfraquecido devido meu próprio ferimento, mas ainda estava mais forte que ele.

— Poupe os esforços, Nikolai. O jogo acabou para você!

Ele se contorceu mais um pouco antes de eu afastar meu pé para que respirasse. Seu rosto foi de vermelho para pálido outra vez. Eu não era capaz de diagnosticar o nível da sua consciência, mas continuei brincando com a minha vítima um pouco mais antes de finalizá-la por completo.

— Escolha, Nikolai. Em que parte do seu corpo devo enfiar essa faca?

Comecei a suar frio. Por Odin, se eu não me livrasse dele o quanto antes, era eu quem acabaria esparramado na minha poça de sangue nos próximos minutos.

O olhar areado de Nikolai não me dizia nada. Não me dava certeza nem de que ele estava mesmo me dando ouvidos.

— Sabe, Nikolai — me abaixei para ficar bem próximo dele —, depois que você matou meus pais, eu me peguei pensando se era muito doloroso morrer à facadas — enfiei a lâmina lentamente em seu peito, um pouco acima do buraco de bala. — Por que você não me tira essa dúvida!?

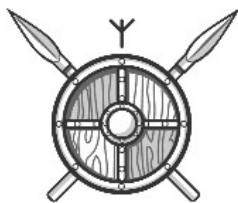
Ele gritou quando perfurei sua carne. Eu estava indo devagar para prolongar seu martírio. Ainda que não me agradasse a sensação que aquilo me causava, eu admitia que sonhara com aquele momento.

— Isso me parece muito doloroso. E, bem, estou contando com isso — afundei ainda mais. — Olhe para mim — exigi, e enterrei a lâmina em seu peito — e lembre-se do rosto do homem que lhe tirou a vida!

Ele se contorceu antes de projetar seu último suspiro. Eu presenciei a última batida do seu coração, sua última arfada, o último ganido.

E foi ali, naquele chão frio e sujo, que Nikolai vivera pela última vez.

— Os infernos te esperam, *Ruiseanach* (russo) de merda!



Um mês depois...

— Me deixe ver isso de uma vez, criatura!

— Nem que me amarre! — Ela contornou a escrivaninha para fugir de mim.

Ergui uma sobrancelha de modo desafiador.

— A ideia me parece tentadora.

— Charlie Mikhailovich, não se atreva — ela disse com seriedade.

Dei a volta na escrivaninha a fim de capturá-la, mas a coisinha pequena era muito mais ágil que eu.

— Pelos deuses, eu permiti que você me ajudasse a trocar meus curativos, por que raios não me deixa ajudá-la também? Isso não me parece muito justo.

Ela trincou o maxilar e estreitou os olhos.

— Você só levou um tiro...

— De onde você vem é comum as pessoas levarem um tiro? — Ironizei e corri para a outra ponta da escrivaninha. Tess outra vez a contornou, se mantendo afastada.

— Mais comum do que terem um dedo amputado por um mafioso — retrucou.

— Tess, você não poderá ficar com esse curativo pelo resto da vida — alertei-a.

— É por essa razão que fui fazer compras com Kate. Agora eu tenho um estoque de luvas.

O comentário espontâneo me arrancou uma gargalhada.

— *Boireannaich*, faça a gentileza de vir até aqui.

— Seu cavalheirismo quase me convenceu, mas eu me sinto mais segura nessa distância.

Respirei fundo, na tentativa de ser mais paciente.

— Tess, você continua sendo a mulher mais linda desse Universo para mim. Não importa quantos dedos você tenha. Eu não posso mudar seus pensamentos, ou seus medos, mas se você quiser, minha querida, eu posso fazê-los desaparecer.

Ela soltou um gemido baixinho e desapontado. Meu coração ficava em pedaços sempre que eu via aquele semblante cabisbaixo e vulnerável. Era como se uma parte de mim fosse arrancada.

— Eu não posso — exprimi.

— Ah, que diabos! — Me preparei para saltar por cima da escrivaninha quando Hamish entrou.

— Deus do céu, vocês ainda estão nisso? — Ele questionou indignado. — Estão brincando de gato e rato a mais de uma hora.

— Tess se recusa a deixar eu me aproximar dela — expliquei suavemente.

— Isso não aconteceria se você promettesse não tentar tirar o curativo da minha mão — ela retrucou.

Hamish me fitou friamente.

— Prometa de uma vez e vamos acabar logo com isso. Kate vai arrancar a cabeça de vocês do pescoço se deixarem o jantar esfriar.

Suspirei, sem desviar o olhar de Tess.

— Está certo. Você tem a minha palavra. Eu esperarei até que esteja pronta para me mostrar.

Hamish sorriu, satisfeito. Tess o acompanhou no sorriso. Eu continuei com a expressão inalterável. Não era capaz de compreender aquele receio de Tess em me mostrar seu ferimento. Eu a amava, independente de tudo. Nada nunca mudaria isso. Por que a criatura custava a acreditar?

Tratamos de amenidades durante o jantar, e assim que encerramos a refeição, Kate e Hamish subiram para o quarto, deixando Tess e eu a sós na mesa.

— Você nunca me disse o que fez com Nikolai — ela puxou o assunto.

Eu desisti de levar o copo de conhaque que estava em minha mão até a boca. A lembrança daquele fatídico dia me congelava como uma tempestade; me assombrava. Eu podia jurar que ainda sentia a aspereza dos meus dedos no cabo da faca. A sensação da lâmina atravessando a carne de Nikolai.

Eu quase não me recordava de como sai de lá. Lembrava-me das pernas bambas, das mãos suadas e grudentas ao volante. Dirigi até a casa de Hamish com a força dos deuses, não podia ir até o hospital para não parecer um suspeito em potencial, mas apaguei assim que atravesssei a porta. O resto que sei, descobri através de Hamish, que se dedicou integralmente para tratar do meu ferimento. Seu trabalho em meu ombro ficou tão bom, que o fiz jurar de pés juntos que ele não recorreu à nenhum médico particular. Era uma ferida que deixaria marca, mas eu ficaria orgulhoso por aquela cicatriz.

— Não é algo que você precise saber — respondi, afinal.

Ela aquiesceu.

— Eu sei que se culpa por tudo o que aconteceu comigo, com Kate e Amy, Charlie. Mas nada disso é culpa sua. Nikolai era um homem perturbado e teve o que mereceu.

Ergui os olhos para ela. Tess estava sendo sincera e decidida com as palavras. Era imperdoável a forma como aquela mulher me fazia derreter feito neve na fogueira. Ela era como um incêndio. Todo o caos parecia simples quando atravessado por seus lábios.

— Você é muito especial, Tess. Eu sempre soube disso, mas nunca me dei conta do quanto precisava tê-la na minha vida. Eu enlouqueci quando soube que Nikolai estava com você, me senti rasgado. Foi como um buraco crescendo na minha alma — deitei o braço na mesa e fui com a minha mão de encontro à sua. — Permita-me recompensá-la por toda dor que a fiz passar.

Ela piscou os olhos quentes como sol rapidamente, e deixou uma arfada escapar de sua boca pequena e molhada quando me viu ficar de pé e ir até ela na cadeira.

— Te escrevi inúmeras cartas que não fui capaz de enviar. Tinha a impressão de que nenhuma frase fazia jus ao que de fato eu estava sentindo — prossegui.

— E o que você estava sentindo?

Me inclinei. E outra vez. Até ter meus joelhos dobrados no chão da sala de jantar. Me ajoelhar diante alguém nunca me pareceu tão certo.

— Que eu pertenço a você. Que ficar sem você não me matou, mas me fez desejar estar morto. Você é a minha Nana, o meu oceano. Eu

prefiro me afogar a continuar sem você. — A confissão vinha em ondas.

Ela levou as duas mãos em meus cabelos e ergueu meu rosto para o seu.

— Charlie, você não precisa estar ajoelhado para me dizer isso.

Olhei-a profundamente, e foi como alcançar o nirvana.

— Eu devia ter me ajoelhado para você há muito tempo. Para pedir perdão, por motivos que não sou capaz de enumerar. Mas hoje eu me ajoelho não somente por isso — senti que minha voz foi sumindo em algum lugar profundo conforme eu falava. — Dessa vez quero fazer da maneira correta. Hoje me ajoelho para pedir que você seja minha esposa. Eu te darei tudo o que tenho, você pode pegar até mesmo o ar que respiro. Eu quero você, e nada chega perto da maneira que eu preciso de você.

Segurei a respiração. O seu silêncio estava me enterrando vivo. Até que uma lágrima rolou por seu rosto. E depois outra. Então ela se atirou em meus braços, e por muito pouco não fomos para o chão.

— Seremos eu e você, para sempre. Um só ar. Um só coração.

Eu ia confirmar. Ia concordar. Mas eles entraram. Arrombaram a porta da casa de Hamish como se fossem donos de tudo, da Escócia, e me ergueram do chão, prendendo minhas mãos atrás das costas. Eu gritei de dor, sentindo os pontos do ombro reabrirem.

Tudo o que vi antes de levar uma coronhada forte na cabeça e desmaiar, foram as roupas pretas e o brasão de armas da realeza britânica estampado no peito.



Escocês ou Inglês?

ESTAVA FRIO. Não como se fosse o vento gélido da ilha de Kerrera ou o inverno da Escócia. Estava frio porque o lugar era gelado, como se eu estivesse em *Niflheim*. As paredes eram frias, o chão era frio. E escuro. Minha segunda constatação fora a escuridão do lugar. Uma luzinha ordinária não fazia o menor esforço para clarear o cômodo, até me questionei a utilidade dela ali.

Eu estava amarrado no chão. Mãos e tornozelos amarrados. Também senti um sabor de ferrugem na boca, era meu sangue.

Passei a língua nos lábios e minha terceira constatação foi a ferida no lábio inferior. Não me lembrava de ter apanhado. Que inferno! De que eu me lembrava, afinal? E, por Odin, onde raios eu estava?

— Ei! — Gritei. — OLÁ!??

E repeti o chamado, mais uma vez. Não demorou para que um sujeito que eu nunca vira na vida atravessasse a porta portando correntes de ferro nas mãos. E em um pequeno instante eu senti as correntes em meu rosto, com a força de uma chicotada, seguido de um: “cale a boca”. A dormência veio logo após a ardência instantânea dos cortes.

Rangi os dentes para enjaular um gemido. Cuspi sangue, calculando para o cuspe cair próximo às botas de couro do sujeito.

— Quem mandou você? — Rosnei, fingindo não desejar acalantar meu maxilar golpeado.

Ele absteve-se de responder. O observei separar um pouco as pernas, girar com a corrente no ar, e atingir minha costela esquerda com violência. Me desequilibrei e caí no chão (que a pouco eu reparara) molhado e cheirando a mijo.

O terceiro golpe foi depositado em meu peito. O quarto, no meio das minhas pernas, rigorosamente em meu membro.

Pelos deuses, eu gritei insultos como se minha vida dependesse disso. Como se uma lança tivesse atingido meu coração e o esburacado em quatro lugares diferentes.

Me encolhi feito um filhote de lobo quando o sujeito de correntes de ferro se aproximou ainda mais. Se ele me golpeasse novamente...

O *brasão*. É claro. O maldito brasão!

— O que *ela* quer de mim!? — Uni forças para perguntar. E, como se estivesse ouvindo atrás da porta, ela entrou.

— Mikhailovich! — Ela grunhiu e se virou para o homem de correntes, ordenando que ele saísse.

Me contorci até conseguir me sentar outra vez.

— Majestade, se me lembro bem, a senhora disse que não podia tocar em mim. — Zombei, assim que ficamos a sós. — A que devo a honra?

Ela ergueu o queixo e jogou os ombros para trás.

— Eu posso tudo — rebateu. E acrescentou minutos depois: — Soube que o senhor pretende roubar meu trono, Mikhailovich. Vim lhe perguntar: de que forma pretende fazer isso?

Meu rosto petrificou.

— Vejo que os boatos correm rápido por aqui. Mas, já que a Majestade mencionou, não pode ser considerado roubo algo que é meu por direito.

Ela sorriu com os olhos, aparentemente havia achado meu comentário uma tremenda tolice.

— Eu nunca quis ser rainha, sabia disso? Mas quando meu irmão abdicou do trono para viver a vida com uma amante - com quem ele no final nem se casou -, eu não tive escolha. Quando senti o peso da coroa em minha cabeça, eu fiz um juramento. Prometi ser a melhor rainha que esse mundo já conheceu — compartilhou, e começou a andar de um lado para o outro. — Eu preparei Ryld para assumir meu lugar, não você. Jamais entregarei o trono para alguém que só o quer por vingança.

— Preciso confessar, a senhora não executou muito bem a sua promessa — ousei dizer.

Seu semblante enrijeceu.

— Você é um bastardo. Um bastardo nunca sentirá o peso de uma coroa.

— O *seu* bastardo — retruquei rancoroso. Ela desviou o olhar.

— Ninguém sabe disso — murmurou sem me encarar.

— Um fato que pode ser facilmente revertido.

Ela deixou escapar um grunhido como eu jamais a vira fazer.

— Você não gostará de entrar em uma guerra comigo, Mikhailovich!

Dei de ombros, fazendo pouco caso e senti a dor pulsante na ferida reaberta, mas a ignorei.

— Eu particularmente odeio guerras, mas nada me daria mais satisfação do que humilhá-la e destruir tudo aquilo que você preza.

Ela deu um passo decisivo em minha direção.

— Não pense que eu não pondero matá-lo. Você pode ter alguém o protegendo, mas não está em uma bolha.

— Eu não preciso de ninguém para me proteger, Majestade!

Mary cruzou os braços graciosa e despreocupadamente.

— Você pode dizer o mesmo sobre aqueles que ama? Eu posso não matá-lo, mas há outras formas de atingir o seu coração.

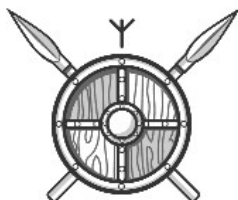
Não me importei com quem ela era, nem me preocupei com quanto dinheiro ela usaria para me destruir depois daquilo. O impulso foi mais forte e rápido que a consciência. Eu usei minhas pernas acorrentadas para atingir as suas. Mary era velha, seus reflexos não eram tão bons quantos os meus, por isso, não teve outra alternativa que não a de cair de bunda no chão sujo que ela preparara especialmente para mim.

— De onde venho, as pessoas morrem após ameaçarem um dos meus — alertei, observando-a se levantar e se recompor. Nada me preparara para a expressão de asco em seu rosto enquanto batia as mãos no vestido para limpá-lo. — Pense duas vezes antes de fazer outra ameaça. Eu já matei um príncipe.

Ela endireitou a postura rígida, e os olhos que se voltaram para mim eram vazios de sentimentos.

— Haverá mais cadáveres nessa cela essa noite do que há no maior cemitério. Farei lágrimas de sangue saírem dos seus olhos, Charlie Mikhailovich — prometeu, de forma quase poética. — Se você acredita em algum Deus, comece a orar.

Acompanhei a barra do seu vestido se arrastar pelo chão sujo até atravessar a porta e desaparecer do meu alcance. Eu gritei impetuosamente e soquei a porta com os punhos ainda presos. De quantas formas uma mulher era capaz de enlouquecer um homem?



Eu não tinha como precisar que horas eram, mas eu sentia, através dos ossos e nas profundezas do meu coração, que o tempo que eu passava longe de Tess era semelhante à imensidão da eternidade. O paradeiro dela era uma incógnita para mim. Não me recordava de ter visto os capangas de Mary pegá-la, porém, se o juramento da rainha de concretizasse, a brasileira morreria e Hamish, Kate... Maisie... Jailson...

Urrei para ser ouvido por qualquer um que estivesse pelas redondezas. E eu, que não era de implorar, supliquei. Sem sucesso.

Tentei me soltar das correntes que me prendiam feito um cão feroz, mas elas eram inquebráveis e meu estado físico deplorável não colaborava.

Procurei por algo ao meu redor, qualquer coisa. Se eu conseguisse me libertar, talvez pudesse atacar a próxima pessoa que atravessasse aquela porta e fugir. Só que não havia nada. Nada além de uma cela feita para apodrecer a mente de um ser humano lentamente.

Uma lamúria feminina interrompeu meus pensamentos. O arrastar de pés se aproximava. Senti minhas veias pulsarem, o coração acelerar e a língua adormecer.

Giraram a chave na fechadura e a porta foi aberta. O homem das correntes segurava uma mulher pelos cabelos de forma bastante desumana.

— Amy? — Sussurrei ao reconhecer os cabelos claros, e me dirigi ao soldado: — Solte-a, por favor. Não a machuque, eu imploro. Faça... faça o que quiser comigo.

O sujeito a colocou de joelhos, e quando percebi que dessa vez, no lugar das correntes, ele portava uma faca de lâmina extremamente

afiada, eu estremei. Não fazia muito tempo que eu mesmo segurara uma faca semelhante para acabar com a vida de alguém.

Um momento depois, Mary apareceu.

— Sr. Mikhailovich, soube que você engravidou essa moça — falou Mary.

Cerrei os dentes com força.

— Mentira!

O homem aproximou a lâmina do pescoço de Amy e ela chorou mais alto.

— Mesmo? Ela me disse que o filho é seu — respondeu com uma doçura venenosa.

Minha respiração saiu entrecortada. Negar o fato demonstrara não ser uma saída.

— O que você quer de mim? — Perguntei, apenas para ganhar tempo, porque eu já tinha somado dois mais dois. A rainha queria vingar seu filho, nada mais justo que arrancar o meu de mim.

À baixa luz, vi os olhos dissimulados de Mary cintilarem.

— Quero que observe.

— Não... não faça isso.

— O que você disse para meu filho antes de matá-lo? — Questionou.

Balancei a cabeça de um lado para o outro. Não era forte o bastante para encarar os olhos suplicantes de Amy para mim. Não havia nada que eu pudesse fazer para salvar ela e aquele bebê.

— O QUE VOCÊ DISSE PARA MEU FILHO ANTES DE MATÁ-LO COVARDEMENTE!? — Dessa vez ela gritou.

— Na-da. Eu não disse nada — gaguejei, apavorado. Eu nunca tinha visto a rainha perdendo a compostura.

— Arranque a cabeça dela e a jogue para ele. — A rainha ordenou e saiu andando.

— MAJESTADE! EU FAÇO O QUE VOCÊ QUIZER. MAJESTADE!
— Ela me ignorou e continuou andando. — Corte a minha cabeça. A MINHA CABEÇA. ME TORTURE, MAJESTADE!

Tentei partir para cima do homem armado, mas minhas correntes não alcançavam àquela distância. Tentei novamente. E mais uma vez. A ponto de me machucar gravemente a cada inútil tentativa.

— Salve nosso filho. Salve nosso filho. — Amy repetia angustiada, chorando tão alto quanto uma criança.

Em uma troca de olhares, balbuciei, confiando que ela faria leitura labial: “*Eu vingarei você. Eu vingarei você*”.

Quando o soldado ergueu a faca, eu fechei os olhos e os pressionei com força. Deixei que minhas lágrimas rolassem.

E, como mágica, não houve mais o som da sua voz. Ela se calou. Na verdade, não havia mais barulho algum, exceto o da minha respiração descomedida.

Amy havia morrido.

Minha camiseta estava grudada de tanto suor, e as pernas tremiam tanto, que precisei me sentar.

Eu abri os olhos. Precisei abrir, mesmo sabendo que isso significaria ver a cabeça de Amy em um lugar que não deveria estar. A quietude da cela estava me deixando maluco.

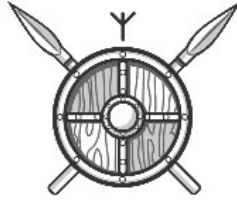
Mas... O quê? Como era possível? Ela estava viva. Viva e intocada. O homem não havia desferido o golpe.

Levantei, me policiando para não fazer movimentos bruscos para que o sujeito não interpretasse errado meus gestos.

Amy começou a chorar novamente. A coitada estava tão aflita que chegou a vomitar. Eu não estava muito diferente. Aquela mulher grávida quase foi cortada viva por minha culpa.

O soldado a ergueu com um puxão truculento pelo braço e a empurrou pelo corredor.

— Para aonde vai levá-la? — Perguntei em um tom alto, e estiquei o pescoço para tentar alcançá-los com os olhos. Mas foi em vão, os dois já tinham desaparecido.



— Acorde! — Ordenou, e em seguida me deu um banho de água fria.

Me levantei em um pulo desengonçado e usei os braços para limpar as gotas de água dos cílios.

— Majestade — ciciei, atordoadado.

Mary estava com outro vestido e outro penteado, o que me levou a suspeitar que já fosse o dia seguinte.

— Amy. O que fizeram com Amy? — Perguntei, sem esconder a ansiedade.

Ela relanceou os olhos verde-mar até a marca de sangue em meu ombro e fez uma cara confusa.

— Não sou uma assassina, Sr. Mikhailovich. Minha intenção nunca foi matá-la. Eu apenas queria fazê-lo agonizar com sua impotência.

Lágrimas de alívio atravessaram meus olhos e gotejaram no chão. *'s fhearr deireadh math na droch thoiseach (tudo está bem quando acaba bem)*

— *Desgraçada!*

— O que disse?

Cravei o olhar nela.

— Pretende me deixar aqui por quanto tempo!? — Desconversei.

— Até eu me cansar de você e decidir matá-lo de uma vez.

— Faça isso agora ou me solte! — Rosnei entredentes.

Ela sorriu sem pudor, e eu desejei enforcá-la com aquele seu colar de pérolas. Ver seu sorriso ordinário se transformar em um grito.

— Sabe de uma coisa, Mikhailovich. A brasileira tem suportado tudo muito melhor que você.

Senti como se estivesse tentando engolir barro. Minha garganta nunca pareceu tão estreita e dolorida.

— Fique.Longe.Dela — falei em tom de ameaça. — Me diga o que quer e a deixe fora disso.

— Ajoelhe-se e implore o meu perdão!

Percebi que ela esperava que eu o fizesse naquele momento. Nada me deixava mais humilhado do que me ajoelhar diante uma mulher como aquela. Alguém que acabou com a minha vida. Alguém que tentara me matar enquanto eu ainda estava em seu ventre... *minha própria mãe*. Sangue do meu sangue. Mas eu me ajoelharia, beijaria até mesmo seus pés, se me pedisse. Não havia nada no mundo que eu não fizesse por Tess. Pela minha *boireannaich*.

— Se eu fizer isso... se eu fizer isso agora, tenho sua palavra que a soltará sem feri-la?

Ela só assentiu. E, como se para me desgraçar um pouco mais, ela ergueu o queixo do seu jeitinho soberano.

Soltei todo o ar que estava esmagando meus pulmões e dobrei os joelhos, me abaixando lentamente até o chão.

— Imploro pelo seu perdão, Majestade. Imploro pela mulher que amo.

— Comovente — menosprezou. — Mas a brasileira não está comigo.

Franzi o cenho com tal intensidade, que cheguei a acreditar que as linhas de expressão formadas em minha testa jamais sairiam.

— Mentiu para mim apenas para me fazer ajoelhar!?

— Ah, Mikhailovich, prostrado diante meus pés sempre foi o seu lugar!

Me ergui em um salto e tentei agarrar seu pescoço, mas ela recuou a tempo.

— Quando eu sair daqui, eu a matarei com o objeto mais afiado que encontrar. Eu prometo, em nome do meu pai, da minha mãe, de todos de Kerrera e de todos os deuses.

— Aguardarei ansiosamente por isso.

Antes de sair, Mary chamou seu soldado e ordenou que ele só parasse de me golpear com suas correntes quando eu estivesse atordado a ponto de esquecer meu próprio nome. O sujeito era mesmo muito obediente. Não demorou para que cada parte do meu corpo fosse atingida violentamente. O som do ferro colidindo com meus ossos e minha carne, seria algo que eu jamais me esqueceria.

Eu sangrei até cair em minha própria poça de sangue e mijo.



Tess

BATI COM OS PUNHOS NA MESA PARA EXIGIR A ATENÇÃO DE TODOS.

— Ele está desaparecido a mais de uma semana! Eu não passei todos esses dias procurando por vocês apenas para ficarmos aqui, de mãos atadas!

— Você está certa — concordou Maisie. — Mas não sabemos para onde ele foi levado. Você mesma disse que não viu nada porque estava vendada.

Anuí, impaciente.

— Fique calma, raposinha. Nada pode deter o grande Balder. Ele já passou por coisas que você não pode nem imaginar — tentou consolar Jailson. Gael segurou sua muleta para que o amigo pudesse se sentar.

— Vocês não entendem. Eu vi o brasão da família real britânica. Sabem o que isso significa? — Questionei, aflita.

— Que agora o grande Balder está com a mãe dele — respondeu Gael. — Por Tyr, custo a acreditar que ele é mesmo filho daquela cobra.

Maisie e Jailson acompanharam o pensamento de Gael, ambos chocados.

— Hamish voltará com boas notícias. Posso sentir — falou Kate, ao se aproximar com uma bandeja de chá preto. — Não vamos nos desesperar.

Foi a primeira vez que eu não aprovei um comentário de Kate. Eu queria me desesperar. Queria agir. Ninguém naquela sala, exceto eu, sabia o quão perversa a rainha Mary podia ser.

Se ela matar Charlie... Senti como se meu sangue tivesse parado de circular.

Eu criaria um exército, se fosse preciso, para salvá-lo. Eu... Eu moveria montanhas. Incendiaria todo aquele palácio.

— Tess? — Maisie me sacudiu pelo braço e me ofereceu uma xícara de chá. — Você precisa comer. Está ficando sem cor...

— Estou bem — a cortei e recusei a oferta do chá.

Num baque, a porta da frente foi aberta com a potência de um furacão e a sombra do corpo alto e forte de Hamish surgiu entre nós.

Seus olhos tinham uma obscuridade nunca antes vista. Sua expressão ao dirigir as palavras para Jailson foi firme como uma rocha:

— Você, eu vou matar você!

Um “Oh” espantoso de todos nós foi acompanhado da fisionomia de choque.

— Querido, você enlouqueceu? — Kate balbuciou para o marido.

Hamish a ignorou e foi até Jailson com passos de estremecer o chão. Ele agarrou o homem pelo colarinho para arrancá-lo da cadeira.

— Tire suas mãos dele. Você está ficando louco!? — Gael entrou na frente do amigo para acobertá-lo.

— Hamish! Que diabos é isso? O que aconteceu? — Kate questionou, enfuriada.

— Ele — Hamish apontou com o dedo para Jailson que respirava descompassadamente. — Ele vendeu Charlie para a rainha!

Não houve uma única pessoa naquele cômodo que não arregalou os olhos.

— Isso é mentira — abismou-se Maisie. — Não pode ser verdade.

— Eu descobri que esse miserável fez um acordo com a rainha. A vida de Charlie em troca de terras! — Hamish acusou. — Confesse!

Jailson ficou pequeno feito um garotinho. Ele se encolheu tanto, que cheguei a pensar que a cadeira o estivesse engolindo como areia movediça.

Esperamos pacientemente até que o homem conseguisse articular uma resposta.

— Não... não foi bem assim — gaguejou. Os olhos perdidos em nossos rostos. Ele não sabia para quem devia olhar. Para o homem grande que o ameaçava de morte, ou para o único amigo que se

prontificou a defendê-lo. — Eu não quis entregá-lo da forma que estão pensando, mas quando os capangas da rainha me cercaram em um beco e exigiram saber de um possível paradeiro de Charlie, eu não tive escolha.

— Não tente amenizar a situação e nos fazer sentir pena de você. Sei que você ganhou alguns hectares em troca da informação — acusou Hamish novamente.

— Você entregou a vida do seu amigo em troca de terras. Que espécie de amigo é você!? — O confrontei amargurada.

Ele me encarou.

— Eu não tenho onde morar. Não tenho o que comer... — tentou se defender.

— Íamos resolver isso juntos, Jailson; como fizemos durante anos — a decepção na voz de Gael era quase palpável.

— Pensei que fôssemos irmãos. Você acabou de romper um laço de anos — falou Maisie. — Eu preciso... preciso tomar um ar. — E deixou a sala de jantar enxugando o canto dos olhos.

— Me perdoem.

— Como podemos perdoá-lo? Charlie pode acabar morto por sua culpa! — Expôs Kate, que até então ouvia tudo em silêncio.

Jailson balançou a cabeça negativamente e em desespero.

— E-ela não irá machucá-lo. É... é a mãe dele. — A frase soou entrecortada.

Gael, no auge da impaciência, acertou um tabefe no rosto de Jailson, como se para despertá-lo de um sonambulismo.

— Seu imbecil, aquela mulher tenta matar Balder desde quando ele estava dentro da sua barriga! Você não prestou atenção em nada do que a brasileira disse!?

Jailson se levantou sem apoiar a perna ferida no chão.

— O que posso fazer para reverter meu erro?

— Fora da minha casa! — Ordenou Hamish zangado. Seu rosto estava tão vermelho quanto um pôr do sol.

Jailson assentiu, depois de alguns minutos fazendo expressões de tristeza.

— Espere — o detive. — Talvez você possa nos ajudar. — Todos me fitaram com desconfiança. Eu me mantive fixa apenas em Jailson. — Descubra para onde Charlie foi levado. Você deve saber como encontrar os ingleses.

Ele confirmou.

— Não podemos confiar nele — disse Hamish. — Ele já nos traiu uma vez. Quem garante que ele não trocará uma nova vida por um jatinho particular!?

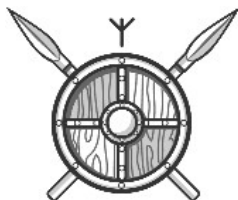
— Eu dou a minha palavra que não.

— Sua palavra não tem mais significado algum para nós — disse Maisie ao retornar.

— Eu confio nele — afirmou Gael e o esperamos acrescentar algo. — Ele é burro, não saberia o que fazer com um jatinho.

Jailson abriu um enfraquecido sorriso de gratidão.

E o resto da semana eu vivi em função da espera de notícias de Jailson.



— Um calabouço aqui em Dindow, ele disse — comentou Gael em um fim de tarde chuvoso.

— Isso é muito aleatório. Temos algum endereço? — Questionei.

Gael me entregou um pedaço de papel com uma caligrafia ruim de arder os olhos.

— Pode ser uma armadilha — atentou Hamish, lendo o bilhete por cima do meu ombro.

— Não é — garantiu Gael. — Jailson pode ser burro, mas não é cruel. E, pelos deuses, se aquele pançudo estiver mentindo eu mesmo

darei um jeito nele. Não se preocupem.

Hamish resmungou baixinho e coçou a barba - que parecia não ter sido feita a dias.

— Não sei. O que você acha? — Hamish perguntou para mim, já que a ideia de fazer uso da traição de Jailson tinha sido minha.

Olhei para Maisie, Kate e Gael em busca de algum auxílio.

Ergui o papel para que todos o vissem em minha mão.

— É tudo o que temos até agora. Não dormimos bem faz muitas noites. Mal conseguimos beber o delicioso chá da Kate. Não podemos continuar assim. E... E se eu não fizer nada, eu morrerei pouco a pouco.

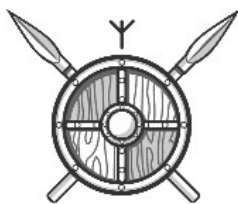
— Eu concordo com você — apoiou Maisie.

— Charlie já salvou minha vida mais vezes que sou capaz de lembrar. Se me falassem que ele está enterrado a dez palmos de neve em algum lugar do Alasca, eu cavaria até encontrá-lo — alertou Hamish.

Nos viramos para Kate, na expectativa. Ela era a única que ainda não tinha compartilhado sua opinião.

— Estou sentindo falta de cozinhar *Haggis* para aquele homem. É claro que devemos ir salvá-lo.

Suspirei de alívio, e senti minhas pernas começarem a amolecer ao som do vento esfuziando nos beirais.



— Optamos mesmo em não acionar os policiais para executar esse serviço? — Perguntou Hamish em um murmúrio.

— Concordamos que zombariam de nós se disséssemos que a rainha deles tinha seu próprio filho como refém em um calabouço. Lembra-se? — Falei. Ele soltou o ar pausadamente.

— Eu devia estar com medo. Não devia? — Sondou Gael.

— E não estamos? — Indagou Maisie, sobressaltada.

— Claro que eu estou. Só queria ter certeza de que é totalmente aceitável esse calafrio nas minhas costas.

— Vocês deviam ficar dentro do carro. Gael e eu podemos fazer isso sozinhos — expressou Hamish, observando o limpador do para-brisa indo de um lado para o outro.

— Por favor, querido. Não temos tempo para machismo. Se não fosse por Tess, estaríamos até agora sem qualquer pista do paradeiro de Charlie — rebateu Kate.

Hamish virou o pescoço para examinar a esposa.

— Estou tentando proteger vocês. Precisam ter em mente que podem sair gravemente feridas de lá. Ou podem nem sair.

— Querido, o que eu estava fazendo quando você me conheceu? — Interpelou Kate.

— Agredindo um sujeito que batia em um cão de rua com um pedaço de madeira — respondeu Hamish, sem compreender.

— Pois então, se eu sou capaz de fazer algo assim com alguém que...

— Tudo bem. Já entendi — o marido a interrompeu. — Mas e quanto a Maisie e a Tess?

Gael riu baixinho.

— Está mesmo preocupado com a ruivinha? Essa daí é capaz de arrancar a orelha de alguém com os dentes — ele respondeu por ela.

E quando foi minha vez defender a minha coragem, eu disse:

— Para quem já sobreviveu duas vezes nas mãos de mafiosos, enfrentar ingleses será uma extraordinária piada.

Senti orgulho de mim. Eu não me reconhecia mais. Há alguns meses eu me preparava para me tornar uma duquesa, era chamada de madame. Todos me viam como alguém respeitoso, as pessoas se curvavam quando eu passava. Mas de repente me tornei uma selvagem.

Ah, bem, isso era *quase* verdade. Eu não me *tornei* uma selvagem, talvez eu tenha sido isso o tempo todo e não sabia. Claro que não me agradava ter sacrificado um dedo e ter a pele machucada, mas era gratificante saber que no meio do caminho eu havia salvado vidas e

colaborado para eliminar pessoas tóxicas do mundo. Eu fiz o que pude, dei o meu melhor.

Eu estava longe de ser uma heroína, contudo, eu me tornara algo além de um rostinho bonito dentro de roupas sofisticadas. E, além disso, entre ruínas e com pedaços do meu coração, eu encontrei o homem que do olhar esfuzilavam centelhas capazes de colorir os dias cinzas, e em homens com olhares assim, não nos esbarramos todos os dias na face da Terra.

— Vamos prometer, aqui e agora, que não sairemos de lá se não estivermos todos juntos — pronunciou Gael.

— Ninguém ficará para trás — prometeu Maisie.

— Ninguém ficará para trás — concordamos todos ao mesmo tempo.

O calabouço ficava em uma casa de campo longe da civilização. Parecia comum e inofensiva, contudo, se Jailson estivesse certo, aquele lugar estava longe de ser inofensivo. Podia ser coisa da minha cabeça atormentada e temerosa, só que assim que eu desci do carro de Hamish, eu podia jurar que senti cheiro de sangue. Um irrespirável odor de coisa morta.

Não éramos um exército, não éramos salvadores, por isso não demorou para as coisas começarem a dar errado. Mas nenhum de nós ousou desistir. Charlie valia o risco.

O primeiro erro aconteceu quando ainda estávamos fora da casa e Gael acidentalmente se escorou na buzina do carro ao se sentar no banco do motorista para arrumar sua bota que, de acordo com ele, tinha entrado uma pedra.

— Eu não sabia que isso era um botão — desculpou-se ele. Era visível que o escocês não andava muito de carro, ou, quem sabe, nunca tenha andado.

Olhamos de um para o outro sem saber o que fazer. A casa de campo ficava distante de tudo, o lugar era silencioso, qualquer mínimo ruído podia ser ouvido a quilômetros de distância. Alguém sairia da casa nos próximos minutos e precisávamos urgentemente de um plano.

— Maisie e Kate, vocês podem cuidar disso? — Perguntou Hamish. Aparentemente ele tivera uma ideia.

Elas se entreolharam e assentiram.

Hamish tornou a entrar no carro e pegou algo de lá. Ao voltar, ele abriu o capô e falou:

— Tess e Gael, se escondam.

Gael e eu escolhemos um canto escuro da casa para nos abrigar, enquanto Hamish se agachou próximo ao carro, mantendo-se fora do alcance de olhares.

Como previsto, um inglês de braços irracionalmente fortes saiu da casa com uma arma em mãos. Me retraí, temendo ser vista, no entanto o homem, ao ver duas damas que ele interpretara serem indefesas, ignorou todas as outras direções e caminhou até elas.

— Vocês nos enganam com uma facilidade assustadora — expôs Gael, quando o inglês já estava longe.

— Sim, vocês adoram subestimar o sexo feminino — salientei.

— Balder nunca subestimou você. Ele sempre disse que você era uma criaturinha difícil — manifestou.

O calor das palavras aqueceu meu coração gelado.

O assunto foi suspenso pela grossa voz do inglês perguntando para as garotas o que havia acontecido. Kate apontou para o capô do carro, dando a entender que o veículo tinha quebrado. O homem se deixou levar pela mentira das duas. Ele baixou a guarda e foi verificar, quando Hamish surgiu por trás e o surpreendeu com um corte na garganta.

Uma morte rápida e silenciosa.

Não. Espera. Não tão rápida assim. O inglês tentou revidar, ao mesmo tempo em que morria. Ele agarrou Hamish pelo pescoço e o asfixiou com as duas mãos antes de perder a força e finalmente cair.

Ao ser solto, Hamish tossiu discretamente para recuperar o fôlego e Kate deu tapinhas em suas costas para ajudá-lo.

— Está machucado? — Perguntei, ao me aproximar.

Ele negou, e limpou o canivete ensanguentado para guardar no bolso da sua jaqueta.

— Você, me ajude a carregar o corpo para os fundos — pediu a Gael.

Enquanto os dois retiravam o homem da rua, Maisie, Kate e eu avaliamos as possíveis entradas da casa.

— Quebrar a janela será muito escandaloso — avaliou Kate. Ela tinha razão, quebrar as janelas...

— O que é aquilo? — Indagou Maisie. Segui o curso do seu dedo que apontava para uma câmera voltada para nós. A adoradora de unicórnios não conhecia muito bem a tecnologia, então ela se aproximou ainda mais do objeto, de forma a deixar seu rosto bem visível para quem estivesse nos assistindo.

Merda. Como me esqueci disso?

— Já fomos vistas. Não precisamos mais ser silenciosas — refleti em voz alta.

Kate foi inteligente o suficiente para se inclinar em meu ouvido e cochichar, cuidando para que a câmera não ouvisse:

— Acho que não viram os rapazes. Então ainda temos uma...

— O que estão fazendo aqui? Essa é uma área particular! — Levantamos em um salto. O homem de farda nos examinou com sua lanterna. — Estou esperando uma resposta.

Ficamos imóvel feito uma árvore. Certamente alguém dentro da casa chamara a polícia ao nos ver pelas câmeras. Muito sábio, eu tinha de admitir.

Então me lembrei do corpo... *Santo Deus*. Se o guarda visse Gael e Hamish carregando o cadáver, estaríamos ferrados.

— Querem fazer uma visita à delegacia? — Ele perguntou, de forma quase amigável. — Muito bem, entrem na viatura.

— Não, por favor. — Rapidamente me lembrei de como se falava. — Só estávamos... — Sua lanterna quase me cegou quando ele a fixou diretamente em meu rosto para me estudar com cautela. — Pelo amor de Deus, há mesmo necessidade disso? Aqui já me parece iluminado o bastante.

— Você não é britânica — afirmou ao ouvir meu sotaque. — Está com sua permissão de residência aí?

Minha cara de perda o respondeu por mim. Que diabos, fazia meses que eu não andava com aquele cartão idiota. Na verdade, a

presença de Ryld ao meu lado costumava ser a minha permissão de residência.

— Ela era a noiva do príncipe de Gales. Não a reconhece? — Kate entrou em minha defesa.

Fui examinada pelos olhos do guarda mais uma vez.

— Sim, me lembro. Mas isso não muda nada. O príncipe está morto, e enquanto ela não me mostrar a validade dos documentos eu terei de levá-la comigo.

— Não lhe ocorreu que ela pode ter apenas esquecido em casa? — Kate rebateu.

Ele dirigiu o olhar até a aliança de Kate antes de dizer:

— A senhora gostaria de nos acompanhar também?

Maisie rosnou para ele, eu tomei a frente da situação antes que ela pudesse se prejudicar também.

— Tudo bem. Eu vou com você.

— Ótimo — ele disse. — E vocês duas, deem o fora daqui agora.

Segui o guarda até a viatura depois dele ter garantido que Maisie e Kate haviam entrado no carro e deixado a casa de campo.

De soslaio, vi Gael e Hamish encolhidos atrás de um arbusto, sem saberem o que deviam fazer. Ora, eu mesma tinha consciência de que não havia muitas escolhas. Estava fora de cogitação eles intervirem.

Em questão de minutos, vi todo nosso plano ir por água abaixo.



Tess

— **TUDO CERTO**, SENHORITA ARAÚJO. Você já pode ir — disse o Oficial de Imigração, e voltou ao marasmo de sua vida.

Ergui as sobrancelhas para ele.

Como assim está tudo certo? Eu não apresentara meus documentos. Sequer sabia onde estavam.

Não fiquei para descobrir como eu conseguira me safar dessa vez. Deixei sua sala imediatamente ao ser liberada. Eu não estava certa sobre o que fazer ou para aonde ir. Não conhecia muito bem a Escócia, tampouco Dindow.

O alvorecer parecia querer se aproximar; lembrava-me de ter visto as horas no relógio da delegacia: uma da manhã. Porém, fazia um bom tempo que eu vira os ponteiros. Então, talvez já se passasse das duas ou três da madrugada. Na verdade, o horário não era relevante, eu perdi tempo demais dentro daquele maldito lugar. Não tinha a menor ideia de qual trajeto devia percorrer para encontrar Kate e todos os outros. Deus do céu. Se uma *merda* bem grande tivesse acontecido, eu seria a última a saber.

— Madame? — Busquei a origem da voz com os olhos. — Poderia me acompanhar?

Esse sujeito. Eu conheço esse sujeito... Ah, sim. Noah. Um dos que serviam Ryld. Um dos que ajudou a destruir Kerrera. Por que diabos ele estava me esperando do lado de fora da delegacia e indicava um carro preto para que eu entrasse?

— O que você quer? — Indaguei. Me recusava a obedecê-lo. Todos que eram inimigos de Charlie, também eram meus inimigos.

O inglês de terno e gravata, seguro de si, se aproximou até estar em uma distância que conseguisse me agarrar pelo braço.

— A ordem que tenho é de levá-la comigo. De que forma farei isso? Bom, isso é você quem decide.

Tudo ficou claro como a manhã. Mary armara tudo, desde o guarda até minha liberação na delegacia. A questão era: quais eram seus planos comigo?

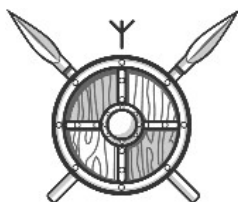
— Se a *sua* rainha quer me ver, então ela que venha até mim — falei, arisca. Puxei o braço para me soltar. Mas o inglês era insistente.

— Tudo bem. Então será do jeito difícil — ele concluiu, e começou a me arrastar para o carro. Tentei breicar com os pés, só que o contraste das nossas forças era como tentar fazer o estrago de um redemoinho com um simples sopro.

— ME SOLTE! — Gritei. E mais um pouco. Na vã tentativa de ser salva por alguém. Por Deus, eu estava sendo raptada em frente a uma delegacia e nenhum guarda viera prestar socorro.

Noah usou sua mão para calar minha boca. Ele fez isso de uma forma que não consegui mordê-lo. Ora, eu realmente tinha tentado.

Me sacudi em seus braços, pisei com força em seu pé, até golpe baixo eu tentei. O inglês não recuou, tampouco desistiu da sua missão desonrosa. Quando vi, eu já estava presa em seu carro e sem qualquer opção de escape.



Eu achava que nunca mais pisaria ali, mas lá estava eu novamente.

Eu sabia que havíamos chegado antes mesmo de Noah parar o carro. Algo na forma como meu coração começou a bater acelerado me dava essa certeza.

Eu fui colocada em uma sala como se fosse uma escultura que pertencesse à ela. A agitação não me permitiu sentar na poltrona para aguardar a rainha. Me movimentei de um lado para o outro, esperando, sem saber ao certo o que esperava.

Quando a porta finalmente foi aberta e Mary entrou, meu primeiro e ilógico impulso foi o de partir pra cima dela e ignorar todos os seus títulos.

Para o inferno com os seus títulos!

Mary era uma pessoa má, e pessoas más deviam pagar por seus atos. Bem, talvez eu tivesse passado tempo demais na companhia dos escoceses, pois em outros tempos eu jamais teria agido dessa forma.

Detive minhas mãos antes de agarrar seus cabelos. No lugar disso, eu questionei:

— O que estou fazendo aqui?

Mary parou e entrelaçou os dedos à frente do corpo em um gesto de paciência.

— Pensei que quisesse ver Charlie Mikhailovich.

— Charlie não está aqui.

— Não? — Perguntou com sarcasmo.

A encarei, desconfiada.

— Mas... Jailson... — me calei.

— Você nunca viria se eu fizesse um simples convite.

Aquilo tinha sido um jogo, uma cilada, e eu fui seu pião. Charlie nunca esteve na casa de campo. Mary enganara Jailson para ele nos enganar. Fomos arrastados para aquele lugar por puro sadismo da rainha. *Tolos. Fomos grandes tolos.*

Seus extensos cílios maquiados piscavam para mim. Havia algo sombrio por detrás daquelas pálpebras. Uma espécie de estigma, como se... se Mary não estivesse feliz. Por favor. Só podia ser loucura da minha mente fantasiosa. Ela era a rainha. O que no mundo seria capaz de estremecê-la?

— Quando irá direto ao ponto, Majestade? — Joguei na lata, odiando precisar respeitá-la mesmo depois de tudo. Se eu não estivesse em seu território...

— Nunca lhe ocorreu que eu apenas quisesse vê-la? — Sugeri.

Soltei um sopro em forma de risada.

— Majestade, lhe agrada insultar a minha inteligência? — A mansidão da minha fala não disfarçou a zombaria.

— Nunca foi fácil manipulá-la, Srta. Araújo. É uma das poucas qualidades que admiro em você. — Insultou ou elogiou. Eu não saberia

interpretar seu comentário.

Ela me deu as costas e seguiu até uma janela que dava vista para o lustroso jardim de roseiras. E suspirou. Santo Deus. Mary deixara escapar um suspiro de derrota. Eu estava compreendendo errado sua forma de se expressar. Só podia ser. Aquela mulher era de ferro. Nada seria capaz de arruiná-la, a menos que ela quisesse isso para benefício próprio.

O que estava longe de ser o caso.

— O faça desistir — falou por fim.

Me adiantei até ela.

— Desistir?

Por ser mais alta, ela precisou baixar o queixo para me encarar.

— Disso tudo. O faça perceber que não vale a pena.

— Ele é seu filho — conclamei pausadamente. — Ryld nasceu em berço banhado a ouro enquanto Charlie teve uma faca fincada nas costas e sangrou em cevada quase até a morte!

— Há sacrifícios que uma rainha precisa fazer. Você nunca entenderia.

— Não — rebati com urgência. — Eu nunca serei capaz de entender ou aceitar uma mãe que tenta a todo custo matar seu próprio filho.

— Eu não quero matá-lo — revidou prontamente. — É por isso que a trouxe aqui.

— Mas também não quer reconhecê-lo — acrescentei.

— Eu não *posso*. Isso acarretaria problemas de uma magnitude imensurável. Eu sou uma rainha antes de qualquer outra coisa.

— Então por que contou para ele? Você não pode jogar uma bomba e esperar que ela não exploda.

— Eu estava magoada — tornou a encarar as rosas ao longe. — A cada dia que passa Charlie se parece mais com Mikhail. Se parece mais com o homem que eu nunca fui capaz de esquecer e nem superar.

— Charlie não tem culpa do que aconteceu entre você e seu amante. Ele a admirava. Foi fiel a você mesmo depois da missão desonrosa que

concedeu a ele.

Mary esqueceu-se completamente da janela e de toda paisagem através dela e se virou abruptamente para mim.

— Ele era um bom soldado até você aparecer — acusou. — Isso não importa mais. Meu filho foi assassinado e eu não quero delatar Charlie...

— Não *pode* delatá-lo — a corrigi. — Se não me falha a memória, ele tem um protetor.

Um riso baixo e esnobe preencheu seus lábios.

— Esse protetor não existe. Eu o inventei para justificar a minha falta de coragem em executar Charlie. Eu não o odeio. Uma mãe jamais odiará verdadeiramente seu filho, ainda que não o suporte.

Balancei a cabeça em negação.

— Não acredito em você.

— Mikhail era um bom homem e muito sábio. Mas não sábio o bastante para garantir a segurança do seu filho pelo resto da vida.

Esfreguei a minha testa com a mão, me sentia zozza. Por que o mundo estava girando tão depressa?

— O faça desistir do trono. É impossível que um bastardo algum dia sente nele — e prosseguiu. — Eu o fiz sentir dor. O fiz se ajoelhar. Mas seu orgulho o impede de desistir.

Parei de ouvir o que ela dizia depois de: “*o fiz sentir dor e se ajoelhar.*”.

O mundo de repente parou de girar. A aceleração dessa vez estava em meus batimentos cardíacos e no sangue correndo em minhas veias.

— O que fez com Charlie!? — Questionei, cheia de cólera. — O que você fez com ele, sua víbora!?

Reparei em seus pés recuando um passo.

— O castiguei por ter matado meu filho.

— CHARLIE TAMBÉM É SEU FILHO, SUA ANTA MALDITA! — Meu estrondo foi ardente feito um sino.

Ah, Tess. De hoje não passa. Você irá presa.

— Me perdoe — procurei acalmar a cobra. — Não quis... Não quis chamá-la de anta.

— Claro que quis. E de maldita também.

Concordei, no fim. Não havia porque negar o incontestável.

— Eu só... Eu não me conformo com vossa Majestade renegar um homem tão incrível quanto Charlie. Se a senhora o conhecesse melhor. Ele é alguém especial, que sempre coloca os outros acima de tudo. Acima dele próprio.

Seus olhos endureceram. Não havia como fazê-la enxergar o filho maravilhoso que ela tinha. Ela se recusava. Mary criara uma barreira inquebrável dentro de si para não permitir que Charlie entrasse em seu coração. Ora, se ela não o matasse já me bastaria.

— Por favor, me deixe vê-lo — implorei, depois de concluir que ela não amoleceria nem mesmo se eu enumerasse cada qualidade de Charlie. Nem mesmo se eu falasse daquele seu sorriso que tirava qualquer um de circulação. Ou dos seus olhos singulares, que pareciam me abraçar feito o sol.

Ele era especial. Ele era único e desesperadamente meu. Não me importava se sua mãe não era capaz de enxergar isso. Eu o amaria como nenhuma mulher no mundo foi capaz de amá-lo.

— Eu preciso da sua palavra. Que me jure fazê-lo desistir — persistiu.

— Não posso tomar uma decisão por ele.

— Isso não é um conto de fadas, Srta. Araújo. Acha que iriam aceitar um bastardo como seu príncipe ou, futuramente, seu rei?

Blasfemei mentalmente. Abominava dar razão a Mary, contudo, naquele aspecto, ela era todinha sua.

— O que ganhamos em troca? — Perguntei. Eu não sairia daquele palácio até que ela jurasse não ferir Charlie outra vez ou a mim.

— O que querem? — Replicou.

— Vejamos, a senhora mandou me sequestrarem duas vezes; a senhora sequestrou Charlie, destruiu Kerrera... Bem, esse último tópico não é necessariamente um feito seu, mas como o culpado já recebeu sua sentença, então nada mais justo que transferi-la para você — deixei de

falar para fitá-la. Um erro gravíssimo, quase me engasguei diante do seu olhar de ódio. — Se quer minha palavra de que Charlie desistirá de toda regalia que é merecedor, então quero sua palavra de que não prejudicará mais nenhum de nós.

Ela fez cara de surpresa.

— Temos um acordo — ultimou, e se dirigiu à um telefone que eu sequer reparara. — Levem o garoto para a ala leste.

O garoto... Por Deus, como ela conseguia ser tão hipócrita?

— Iremos em carros separados para não especulem — falou comigo ao finalizar a ligação.

— Achei que ele estivesse no palácio.

— Eu não me arriscaria à esse nível. Ele está em Londres, mas não aqui.

Meu olhar para ela foi de uma antipatia ímpar.

Ao sairmos da sala, seu *chanceler* a lembrou de uma reunião com o primeiro-ministro e muitas outras obrigações que me faziam questionar se ela tinha tempo para dormir. Sem parar de andar, ela pediu que ele remarcasse seus compromissos para outro dia.

Como ordenado, fomos em carros separados, depois de todo um ensaio para despistar os *paparazzi*. A viagem não levou mais que dez minutos. O xilindró onde ela mantinha Charlie era ainda pior do que eu imaginara. Era um lugar abandonado, como todo local de tortura costumava ser.

Além de uma melancolia profunda e sufocante. Senti uma queimação no estômago e ânsia de vômito, mas consegui contê-la.

Os acompanhei à passos rápidos. Foi na metade do corredor que comecei a questionar a veracidade daquilo. E se fosse outra armadilha de Mary? E se ela pretendesse me matar ali, onde ninguém jamais encontraria meu corpo?

Mas então, uma porta de ferro pesada foi aberta e eu o vi. Vi Charlie, ou o que restara dele.

Ele estava deitado no chão encardido, de costas para mim, algemado como um animal feroz. Fiquei tão enfurecida que quis agredir

as pessoas que fizeram aquilo com ele, independente de não ter força suficiente para isso.

Me agachei e o toquei no ombro. Nem mesmo toda minha delicadeza ao realizar o contato foi suficiente para não retraí-lo.

— Charlie? — Murmurei e repeti, acreditando que ele não me escutara.

— Tess? — Seus olhos atravessaram os fios de cabelos sebosos caídos em seu rosto e procuraram os meus.

— Oi, sou eu, meu amor. Vamos embora — sussurrei, e acalentei seu rosto marcado por lesões.

— Embora? Como? — A confusão estava estampada em seu semblante.

Me virei para Mary e seus homens parados à porta. Ela deu a ordem para que soltassem Charlie das correntes.

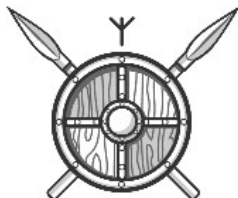
Na primeira tentativa do escocês se levantar, ele caiu. A impressão que dava, era que ele tinha duas pernas esquerdas. Eu sabia que não era o caso. O desequilíbrio vinha da sua condição física. Ele estava debilitado. Gravemente debilitado.

— Meu Deus, o que você fez com ele!? — rugi para a rainha. — Ele não consegue nem andar.

— O ajudem — ela ordenou para seus homens. E foi o que fizeram.

Carregaram Charlie até o carro. E do carro fomos levados até o hospital de Londres mais próximo. Mary não nos acompanhou até lá, mas em nossa última conversa, ela me fez garantir que eu cumpriria a minha palavra.

Ao ouvir os ganidos de dor de Charlie, eu senti que minha promessa deu uma vigorosa estremecida.



Foram três longos dias no hospital para que ele recebesse alta. Passei todos ao seu lado, obviamente. E foi como estar ao lado de uma múmia. Charlie se recusava a falar, e eu até podia numerar as poucas vezes em que dirigiu seu olhar a mim. Duas. Duas únicas vezes. Era como se o corpo de Charlie não tivesse morrido naquela cela, mas sua alma sim.

Mary cuidou para que tivéssemos um lugar para ir assim que saíssemos do hospital, e como nossas opções eram quase inexistentes, não pudemos negar.

Ajudei Charlie a se deitar na cama e me certifiquei de que ele comeria o café da manhã que nos foi entregue pelo serviço de quarto.

— Beba o suco — aconselhei, ao notar o suco de laranja intocado.

— Não.

— Oh, você projetou uma palavra! Eu quase me esqueci de como era sua voz — brinquei.

Nenhum sorriso. Nem mesmo uma estirada melindrosa nos gloriosos lábios.

Ele desistiu de morder o *croissant*.

— Como conseguiu me soltar, Tess? Como... — engoliu em seco algumas vezes. — Como a convenceu?

A apreensão dominou o meu interior.

— Prefiro não conversar sobre isso agora.

— Bom, eu estou proibido de andar por dias, então estou certo de que o assunto me cairia bem.

Me levantei da cama. Charlie me odiaria se soubesse o acordo que fiz por sua liberdade. Ele jamais aceitaria o acordo. Era um homem teimoso e orgulhoso. E homens teimosos e orgulhosos raramente raciocinavam.

— Descanse. Você precisa dormir — divaguei.

— Tess. Não me faça desobedecer as ordens médicas — ameaçou, e fez que ia se levantar.

— Se não quer que eu o mande de volta para o hospital, sossegue essa *droga* de bunda na cama!

Finalmente arranquei um sorriso seu. Ele tinha o mar dentro dos olhos. Não existia uma explicação mais plausível para eu me afogar toda vez que o encarava.

— Não importa. Eu posso imaginar mil coisas que você possa ter feito, e acabo sempre chegando a uma única conclusão: eu faria além por você. Eu mataria e morreria por você.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Obrigado por ter me salvado, minha *boireannaich*. Obrigado por não ter desistido de mim.

— Eu nunca desistiria de você, Charlie. Nunca! — Reiterei. — Mas ainda me preocupo com o que irá pensar sobre o acordo que fiz.

— Era sua única alternativa?

— Era.

Ele suspirou.

— Neste caso, nosso assunto está encerrado — determinou.

— Está pronto para abrir mão de tudo? — Criei coragem para perguntar.

Encurvou as sobrancelhas.

— Se calcularmos tudo o que tenho, sobrará absolutamente nada. Então, sim.

— Isso não é verdade. Você tem a mim — contrapus.

— Me agrada você pensar que é minha. Mas desconfio que não estejamos falando sobre você.

— Não — confirmei, e me sentei ao seu lado outra vez. Tirei a bandeja do seu colo e a coloquei na mesinha ao lado. — Sua mãe...

— Mary não é minha mãe. Nunca a reconhecerei como tal! — Me interrompeu com indelicadeza.

—... Mary quer que você desista de tentar tomar o trono ou de ser admitido como membro da realeza britânica — continuei. — Charlie, sei que você deseja isso por vingança, sei que a odeia como nunca odiou outrem. Mas essa briga precisa acabar.

As bolsas embaixo dos seus olhos pareciam guardar os pedaços do seu coração. Ele estava tão maltratado, que talvez a morte no lugar dessa autodestruição teria sido um alívio para ele.

— Enquanto ela se divertia açoitando meu corpo ou usando você e meu filho para me chantagear, eu prometi que a primeira coisa que faria assim que eu saísse de lá, seria matá-la — cerrou os dentes e procurou minha mão na cama para agarrar. — Eu costumo cumprir minhas promessas.

— Antes de prometer qualquer coisa para a rainha, você jurou que ficaríamos juntos. Qual das suas promessas você prefere cumprir? — O coloquei contra a parede.

— Você. Entre todas as opções existentes no mundo, sempre você.

— Então deixe que ela sente naquela *merda* de trono e seja engolida e esmagada por ele!

Charlie Mikhailovich puxou meu rosto para perto do seu e o beijou como nenhuma outra pessoa no mundo havia sido beijada. Eu tinha certeza que não. Havia uma chama que não se apagava dentro de nós. Eu queimava feito papel quando estava em suas mãos ou sendo tomada por sua língua.

— Me sinto envergonhada por estar me aproveitando de um homem debilitado.

— Cale a boca e sente com esse traseiro em cima de mim. — O tom de voz apimentado, era também divertido.

Foi uma grande tortura ter que me afastar dos seus lábios sedentos para lembrá-lo que ele precisava repousar.

— Se me lembro com exatidão, o médico me proibiu de andar — e olhou firme para mim —, não de meter.

Corei, antes de ter qualquer outra reação.

— Você é impossível, Charlie!

Mordeu meu lábio inferior com força, me arrancando um gemido involuntário.

— Me castigue, eu irei adorar. Você é a única que tem permissão para marcar meu corpo com suas garras. Ou da forma que quiser.

E beijou minha mão com curativo.

— Você é tudo o que me mantém vivo, Tess. Olhar para você, para esse rostinho magnificamente pequeno, me traz mais paz do que orar para todos os deuses. Eu a amo cada dia mais. E eu nem sei explicar como isso é possível. — Seus lábios que estavam em minha mão, subiram por meu braço. — É por essa razão que hoje sou capaz de desistir de tudo, exceto de você.

— Isso significa o que eu acho que significa?

A língua molhada foi parar em minha clavícula. Depois, em meu pescoço. Me causando deliciosos espasmos.

— Talvez a madame devesse tirar a roupa para que eu pudesse refletir com mais clareza.

Como eu seria capaz de negar um pedido daquele? Ora, eu não negaria. Arranquei o casaco, depois a camiseta, sem pensar duas vezes.

Charlie não podia mexer muito mais que as mãos, mas nem precisava. Ele era bastante eficiente com apenas elas.

— Algo me diz que o olimpo se esconde por detrás desse tecido — e abriu meu sutiã.

— Acho que isso já é o suficiente para elucidar sua mente. Não acha? — Brinquei, e tive os seios tocados suavemente.

Ele me ofereceu seu melhor sorriso canalha.

— Raios, eu devo estar perdendo a memória. Apesar desses seios serem o paraíso na Terra, me ocorre que talvez a lembrança se esconda um pouco mais embaixo. — Os dedos levados foram até o botão da minha calça. — Vamos nos desfazer disso? Ela está atrapalhando a nossa conversa.

Ele se referia à calça. Eu não ousei discutir; desde pequena meus pais diziam que eu devia ser uma menina obediente.

— Acho que agora podemos conversar um pouco melhor, não? — Provoquei.

— Ah, por favor. Eu estou de cama. Não seja uma garota má — lastimou, olhando dos meus olhos para a calcinha.

Ora, Charlie é um homem ferido. Não sejamos malvadas. Concordou minha cabeça pervertida.

Deslizei a peça para fora do corpo. Também me desfiz das meias e fiquei inteiramente nua. Ser analisada por um homem nunca foi tão poético.

— Veja, *boireannaich*, acabei de me lembrar que eu não preciso de título algum. *Foda-se* tudo aquilo. Eu sou um escocês, independente do que digam. E essa Escócia aqui está louca para entrar em você.

Levei as mãos aos quadris.

— Bem, então não vamos deixar a Escócia passando vontade.



Majestade

— **A**CHA QUE ELA CONSEGUIRÁ CONVENCÊ-LO? — Eddy perguntou.

— Ela é a única que poderia.

— Talvez devêssemos tê-lo matado, Majestade.

Fitei o velho homem com severidade.

— Ele é meu filho, Eddy. Não irei matá-lo. Já foi um erro terrível tê-lo raptado. Talvez eu devesse parar de lhe dar ouvidos.

— Sou seu *chanceler*. Venho protegendo-a durante anos, e assim pretendo continuar. Lembra-se o que aconteceu quando permitiu que seu irmão se casasse com aquela mulher que eu lhe aconselhei não permitir? Ela era uma repórter e descobriu a verdade sobre a Majestade. Se não tivéssemos conseguido desaparecer com ela... — deixou sua frase inacabada propositalmente.

Por estarmos a sós na sala, precisei eu mesma me servir de vinho seco.

— Charlie só quer ser reconhecido como meu filho. Ele não está inteiramente errado, visto a vida escassa que teve se comparada à de Ryld.

— Majestade, se a senhora tornasse público a sua verdadeira ligação com esse sujeito, acha que os repórteres parariam por aí? Ele iriam cavar a fundo, e acabariam descobrindo aquilo que a Majestade mais teme!

Eddy estava coberto de razão. O segredo mais decadente que eu vinha protegendo durante anos seria revelado. Tudo porque não fui capaz de continuar fazendo o que eu fiz a vida toda: ignorar meu primogênito.

— Acha que eu perderia o trono se todos soubessem o que aconteceu? — Molhei a garganta com vinho.

— Você é a melhor rainha que eles poderiam ter — consolou Eddy.
— Mas se me permite, a senhora escondeu um filho ilegítimo deles.

— EU FUI ESTUPRADA POR AQUELE RUSSO! — Gritei, enfuriada e trêmula. — Você não sabe o que é ter que olhar para o rosto do meu filho e ter que proferir elogios a seu pai apenas porque ele é a única lembrança boa que tem. Apenas para não ter que lhe contar sobre a forma que ele montou em cima de mim e me aprisionou com as mãos.

— Não se culpe, Majestade...

— Eu nacionalizei Mikhail quando na verdade devia tê-lo matado! — Grunhi, segurando a taça com mais força do que devia.

— Ele não lhe deu escolha, Majestade. Você era muito jovem, não conhecia o verdadeiro poder que tinha. Era acatar a ordem do russo ou ter os dois filhos assassinados.

— Sim. Mas parece que no fim os russos se voltaram uns contra os outros, e Mikhail teve o que mereceu. Minha única queixa, é por não ter sido ordem minha!

— Não se lamente pelo que já passou.

Entornei o vinho deixando todo requinte de lado.

— Se torna difícil esquecer o passado quando vejo meu estuprador no rosto do meu filho.

Eddy fez o favor de encher minha taça assim que a viu vazia.

— Precisamos focar no futuro e nos certificarmos de que Charlie Mikhailovich desistirá de querer ser reconhecido. E ainda que descubram que ele é um bastardo, você não precisa revelar quem é o pai — ele disse, tentando ser prestativo. Mas no final das contas, Eddy sabia que a palavra final era sempre minha.

Da sua rainha.



Tess

ALGUNS MESES DEPOIS.

— **VAMOS**, eu quero que você me ajude a escolher um nome para ele. Em breve vocês dois irão se casar e esse menino passará muito tempo com você — insistiu Amy.

Aquela mulher não era a minha pessoa favorita no mundo, mas eu passei a suportar um pouco mais sua companhia depois de termos sido feitas reféns juntas.

Ainda que não fôssemos inimigas, eu reparara na forma que ela olhava para Charlie. Por isso, foi uma baita surpresa quando ela me fez aquele pedido. Ajudá-la a escolher o nome do filho que teria com Charlie? Por Deus, não era uma cortesia, era um tormento.

Kate apertou meu joelho para me dar apoio. Maisie sorriu com recato. E Charlie? Bom, Charlie estava mais preocupado em ajudar os homens a tirar os escombros que restaram na ilha.

— Acho que poderia chamá-lo de Mikhail, em homenagem ao pai de Charlie — sugeri, por fim.

Amy acariciou a barriga enorme e repetiu o nome para senti-lo em sua boca.

— Gostei. Então você será Mikhail, rapazinho.

Todas sorrimos com agrado.

— O que aquele pançudo está fazendo aqui!? — Indagou Maisie, nos obrigando a olhar o barquinho de madeira aportando em Kerrera.

Jailson desembarcou. Não estava mais de muletas, mas ainda mancava.

— Ai, que *merda* — falei, ao ver Charlie notar a presença daquele que costumava ser seu amigo. Ele largou imediatamente o tronco de árvore que carregava e Gael praguejou quando a madeira por muito pouco não caiu em seu pé.

Charlie se atirou em Jailson como se ele fosse sua presa e os dois foram *pro* chão. Ele esmurrou o rosto do outro escocês com uma fúria que vinha acumulando por meses. Foram socos atrás de socos, até Hamish e Gael ousarem interferir.

— Está bem. Acho que ele já entendeu que você estava com saudades — zombou Gael. Ele nunca se continha.

Jailson cuspiu sangue ao se levantar. Nenhum de nós se comoveu ao notar o estrago que Charlie fez em seu rosto.

— O que você pretende vindo aqui? — Maisie questionou, assim que nos aproximamos deles.

— Vim ajudá-los — ele respondeu, para ninguém em específico.

— Não queremos a sua ajuda! — Gael falou.

— Vocês *precisam* da minha ajuda.

— Você é um manco agora. Tudo o que pode fazer, é olhar — Gael devolveu.

— Eu passei todo esse tempo desenhando casas. Até aprendi a mexer na internet para pesquisar modelos. Posso ser útil aqui. Me deixem ajudar.

Hamish largou o braço de Charlie ao perceber que ele estava mais calmo.

— Você me traiu — Charlie acusou. — Você foi desleal a mim na primeira oportunidade que teve, mesmo depois de tudo o que fiz por você.

Jailson, que tentava a toda maneira continuar forte, deixou incidir suas primeiras gotas de lágrimas.

— Me perdoe. Eu sinto muito. Se... se eu pudesse voltar atrás...

— É fácil falar isso agora que tem uma casa — intrometeu-se Gael. De todos nós, ele era o que estava mais magoado com Jailson. Eles costumavam ser melhores amigos, era o que todos diziam.

— Não — Jailson balançou a cabeça rapidamente. — Eu não aceitei os subornos da rainha.

— Além de ser burro você continua pobre? — A pergunta não podia ter vindo de outra pessoa que não Gael.

— Me deem outra chance, por favor — o homem tornou a suplicar, com o rosto coberto de sangue. — Eu faço o que quiserem para mostrar como estou arrependido.

Charlie olhou para mim. Por alguma razão, parecia que esperava o meu aval. Mas quem era eu para opinar sobre algo assim? Havia sido ele quem crescera com aquele homem, ele quem saberia dizer se Jailson era alguém merecedor de uma segunda chance.

O olhar apressado dele me fez anuir no final das contas.

— Nada desse tipo poderá se repetir, está bem? — Charlie exprimiu.

Jailson relaxou os ombros e se jogou nos braços de Charlie e depois nos de Gael, e seguiu assim até chegar em Amy.

— Quem é essa? — Questionou.

— Ela está esperando um filho meu — explicou Charlie, e Jailson não podia ter ficado mais atordoado. Ele olhou para mim sem saber como reagir.

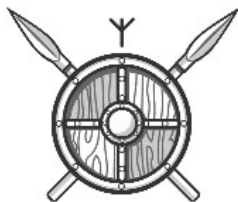
— Charlie e eu estamos juntos, Jailson. Mas Amy descobriu que esperava um filho dele; isso antes de nós dois começarmos a nos relacionar — detalhei, agoniada com a expressão aturdida do escocês.

Charlie me puxou pela cintura sem qualquer pudor e lascou um beijo em minha cabeça.

— A dama esqueceu de mencionar que agora é minha noiva.

Minhas bochechas esquentaram.

— Sou noiva dele — falei para Jailson, e todos riram.



— Ele pode ter sido um grande filho da puta, mas precisamos admitir que os desenhos ficaram muito bons.

Charlie concordou comigo, mesmo que contra sua vontade.

— Ele insiste em construir nossa casa. Eu disse que falaria com você antes de tomar qualquer decisão.

Peguei a garrafa de vinho da sua mão estendida e dei um gole ingênuo.

— Eu gostava da sua casa. Aquela que construiu com seu amigo. Acho que podíamos seguir o parâmetro e acrescentar o quarto de Mikhail.

— Quarto... quarto de quem?

Ele se sentou ao meu lado no tronco de frente à fogueira.

— Achei que Amy já tivesse te contado. Eu sugeri a ela que colocasse o nome do seu pai no bebê de vocês. — Dei de ombros, timidamente.

Os olhos de Charlie brilharam como a estrela mais brilhante do céu. Ele afagou meus cabelos com todo cuidado do mundo.

— Ah, criatura. O que eu faria da minha vida sem você?

— Se casaria com uma mulher que não ama — avaliei sua expressão para saber se o havia abalado. Nadinha. — Ou talvez já estivesse morto.

— Ainda bem que os deuses me trouxeram você. — Apertou a pontinha do meu nariz.

— Eles foram um pouco generosos, não acha? — Brinquei para vê-lo sorrir. As noites não tinham o mesmo efeito sem aquele sorriso.

— Eu poderia me casar com você agora. Com as constelações como testemunha.

Ergui as sobrancelhas, desafiadora.

— E perder a oportunidade de te ver vestido de saia? Não mesmo, escocês. Quero olhar para você e imaginar o vento assoprando o interior das suas pernas.

Sua gargalhada ecoou mais alto que o cantarolar das aves noturnas.

— Você sabe que usamos algo por baixo da *kilt*, não sabe? Não ando com meu membro balançando solto.

Foi minha vez de quase cair do tronco de tanto rir.

— Bem, você acabou de comprovar que na minha imaginação tudo é bem mais divertido.

— Perdoe-me por estragar seus pensamentos depravados, minha cara. — Ele pegou a garrafa de vinho da minha mão e a virou como se fosse suco de maçã. — Você comunicou seu pai e a sua irmã?

— Sim, e podemos aguardá-los aqui em Kerrera a qualquer hora do dia ou da noite.

Ele franziu o cenho.

— Mas estamos dormindo em barracas. Eles não podem vir até terminarmos de limpar ao menos metade.

— Ah, Charlie. Quem está sendo tolinho agora? Você não conhece minha família.

— Pelo menos espero que, ao contrário de você, eles usem sapatos — e olhou para meus pés descalços na terra.

Fiz careta para ele e roubei o vinho da sua mão.

— Até posso imaginar a cara do meu pai ao descobrir que Amy está grávida de você. — Engoli o vinho para desfazer o nó da minha garganta. — Vai achar que é *poliamor*.

— Mas que raios vem a ser isso?

Virei o rosto para ele. Charlie de fato desconhecia a palavra.

— Como é que você vive sem conhecer metade das coisas? — Perguntei rindo. Ele deu de ombros. — *Poliamor* é a possibilidade de ter dois ou mais relacionamentos simultâneos.

— Humm, me parece interessante — tentou. Dei uma cotovelada em seu braço para repreendê-lo. — Estou provocando você. Por Odin, deixarei muito claro para seu pai que todos os meus beijos são dedicados a você.

— Bem, não sei se meu pai lhe dará muitas chances de se explicar.

— Está tentando me assustar, *boireannaich*? Pois está conseguindo.

O barulho do zíper sendo aberto foi seguido pelo bramido de Hamish:

— Será que vocês dois podiam, por gentileza, calar a *droga* da boca ou irem transar de uma vez? Tem gente aqui tentando dormir!

— A segunda alternativa me parece mais atrativa. O que acha, criatura? — Charlie perguntou, no intuito de irritar o amigo ainda mais.

As pálpebras de Hamish estavam quase fechadas. Ele estava morto de sono, era visível.

Me levantei e estendi a mão para que Charlie a segurasse. Aos poucos eu estava me acostumando com o dedo machucado. Ali, éramos todos incompletos de alguma forma. A falta de alguns era física, de outros, sentimental. Não havia razão para eu me envergonhar.

— Obrigado, Tess — falou Hamish assim que Charlie pegou na minha mão para deixarmos a fogueira.

— Acha estranho estarmos aqui depois de tudo que aconteceu? — Perguntei, quando já estávamos deitados e prontos para dormir.

— Um pouco. Acho mais estranho você estar abraçada nessa garrafa de vinho como se fosse a última do planeta.

Relaxe os dedos na garrafa.

— Eu não confio em deixá-la solta. Seus amigos têm toda razão, você bebe muito rápido.

Ele se virou de lado e tateou na escuridão até sentir a garrafa em meu peito.

— Largue isso e venha para perto de mim. Quero sentir você.

E eu fui. O que era aquela miserável garrafa perto dos braços daquele deus grego? Não. Deus escocês/russo/inglês.

— Charlie?

— Sim?

— Diga que me ama em gaélico?

— *Tá grá agam duit* — disse baixinho. — *Mo An-álainn bean na bainnse.*

— Você disse mais que eu te amo.

— Disse que eu te amo, minha noiva linda. E no Brasil, vocês dizem como?

— A gente chama pra dormir de conchinha e já era — tirei sarro. Sua risada em minha testa me arrepiou. — Charlie?

— Sim?

— Você ainda pensa sobre aquilo?

Eu senti quando seus braços ficaram mais firmes. E ele também prendeu a respiração. Me arrependi no mesmo instante por ter tocado no assunto.

— Sempre que não estou pensando em você nua — falou com honestidade.

Como ele conseguia falar esse tipo de coisa sem enrubescer era um dos seus milhares de mistérios.

— Talvez algum dia ela o reconheça como filho dela — insisti. Não queria voltar ao passado, mas eu sentia que não tinha Charlie por inteiro. Uma metade dele ficara naquele xilindró e não sabia como voltar. Não dizia que ele estava sendo falso comigo, mas na maior parte do tempo Charlie tentava me agradar e me deixar satisfeita. Ele estava se esforçando para me fazer feliz, porém, não fazia o mesmo por ele.

— É. Talvez.

— Sei que ela se arrepende por tudo que...

— Tentar defendê-la é tão inútil quanto regar uma flor de plástico! — Me cortou bruscamente. Tão afiado quanto uma navalha.

— Tudo bem. Talvez ela não se arrependa. Mas eu vi nos olhos dela que ela não estava feliz por aquilo.

— Já se passou pela sua cabeça que você não é tão boa em ler as pessoas quanto pensa que é?

Como eu não estava em uma posição favorável para lhe dar uma cotovelada, eu apertei sua bunda de forma impiedosa. E foi glorioso. Mal podia esperar para ele me irritar novamente.

— Você fez o que acho que fez? — Rebuscou.

— Fiz. E se ousar questionar minha sagacidade de novo, eu farei pela segunda vez.

— Se for do seu agrado, faça algo parecido aqui na frente — estimulou, se referindo propriamente ao seu membro.

— Santo Deus, Charlie. Você é um pervertido.

— Tess, estamos em uma barraca, de noite, agarrados e com você apalpando meu traseiro. Estou exausto, mas não sou de aço. — Me virei de costas, fingindo estar zangada. — Você complicou a minha situação em um nível colossal agora — atentou.

Não demorou para que eu sentisse a vitalidade dele em minha bunda. Meu fogo se misturou com o seu.

— Controle essa coisa.

— A deixarei encarregada dessa tarefa.

Uma missão que eu adorarei executar, depois de provocá-lo um pouco mais.

— Que diabos tinha nesse vinho? — Questionei, ao senti-lo ainda mais endurecido.

— Não tem nada a ver com o vinho. Tem a ver com você. — Charlie subiu em cima de mim e beijou meu queixo, descendo pelo pescoço. — Com seu cheiro de pecado e seu corpo de fogo. Essa noite somos só eu e você em um universo só nosso. — Ele prendeu o ar e o soltou ao pé do meu ouvido, me levando ao delírio. Eu morri por alguns instantes. — Que homem de sorte eu sou por podê-la beijar assim. E chupá-la. Mordê-la. Permita-me arrancar suas roupas, querida, depois entrar em você e fazer com que isso dure a noite inteira?

Provocá-lo? Por Deus, eu é quem estava sendo seduzida e escorrendo feito um caldo quente.

Eu gemi. Me curvei para ele. Para sentir sua barba sedosa roçar atrevida em meu rosto ou aonde ele quisesse. Senti sua respiração em minha face, suas mãos quentes passeando por meu corpo, por minhas curvas. Me apertando pelas costas.

— Isso foi um sim? — Sua pergunta saiu um tanto rouca. Agarrei seus cabelos para trazer sua boca para perto da minha, na fúria de possuí-lo. — Ah, isso certamente foi um sim.

Nossos lábios abundantemente gulosos respiravam um no outro. Inspirando desejo, transpirando tesão e surrando gemidos.

Charlie se afastou para tirar minha calça, depois minha calcinha. Em menos de um minuto eu estava nua. Sua mão se moveu para o centro

das minhas pernas, da minha carne. Senti minha pele tremer e revirei os olhos.

— Tire sua roupa. Vamos. Tire — exigi, e me inclinei para ajudá-lo quando ele começou a se desfazer da camiseta após tirar os dedos de mim.

O corpo forte e coberto por cicatrizes se deitou sobre mim. Eu gostava de tê-lo daquela forma, por cima, me espremendo de maneira prazerosa a ponto de nos tornarmos um só.

Enfiei minha mão por dentro da sua calça para senti-lo. Tão quente e tão rijo; ele estava mais que pronto para navegar dentro de mim e eu estava prontinha para recebê-lo.

— *Meu príncipe* — deixei escapar aleatoriamente.

— O que disse? — A boca que antes gemia em meu ouvido, mudou totalmente o tom de voz.

— E-eu... Não sei porque disse isso — falei honesta.

— Nunca mais me chame dessa forma — disse em tom de exigência.

Não vi mais razão para continuar com a mão dentro da sua calça, então a retirei.

— Mas você é um príncipe. É um herdeiro — entrei em minha defesa.

Charlie saiu de cima de mim. Me sentei nos calcanhares para ficar de frente para ele.

— Eu sou um bastardo, e os únicos pais que reconheço estão mortos! — Atacou de forma rude, mas aos poucos procurou amenizar a situação. — Você pediu para que eu deixasse tudo isso para trás e foi o que fiz.

— Não. Você não deixou nada para trás — rebati, sem saber como diabos aquilo se tornara uma briga. — Eu vejo o passado dentro dos seus olhos, ouço ele em cada sílaba sua. Ele está escondido até mesmo em sua risada. Você provavelmente odeia eu ter te pedido...

Ele segurou minhas mãos com pressa e me interrompeu:

— Nunca odiarei você, criatura. Acredito que a perdoaria mesmo se enfiasse uma estaca em meu peito.

— Não me dê uma chance, Charlie. — Minha feição séria o levou a rir.

— Eu sou Charlie Mikhailovich, o grande Balder para os íntimos, e em breve serei o homem mais feliz do mundo por ter a honra em tê-la como minha esposa. Isso é o que sei. Tudo o que sou. Esse é o meu castelo e você, *boireannach brèagha* (mulher bonita), é muito mais importante para mim do que qualquer coroa.

Levei minhas mãos até seu rosto e as deixei lá.

— Como não chamá-lo de príncipe quando me diz essas coisas, Charlie?

Ele se inclinou. E mais um pouco. Até fazer eu me deitar outra vez.

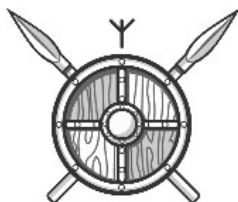
— Raios, então talvez eu devesse agir feito o bastardo que sou e aproveitar essa bela vista que está me oferecendo.

— Não imagino como possa estar enxergando meu corpo nessa escuridão.

Conheci sua risada mais vulgar nesse momento.

— Tenho tudo memorizado na minha mente, querida. Sei exatamente onde colocar minha boca e em que pedaço de pele passar a língua. Apenas relaxe. Vamos, relaxe e se abra para mim.

Não houve uma única fibra em mim que não o obedecesse.



— Téci — Alguém me chacoalhou pelos ombros. — Vamos, acorde logo.

Téci? Só havia uma única pessoa em todo o planeta que me chamava por aquele apelido, e a última vez que conferi, ela estava no Brasil.

— Lis? — Esfreguei os olhos e me sentei. — O que está fazendo aqui?

Os cabelos dourados estavam bem mais claros que dá última vez em que a vi, e o nariz parecia mais arrebitado. Os grandes olhos da mais incrível tonalidade amêndoa. Meu Deus, Lis era a própria cópia da nossa mãe.

— Vim para o seu casamento. Ainda haverá um casamento, né? — Perguntou desconfiada.

— Bem, sim, mas...

— Oxalá. — Fechou as mãos em oração por pura graça.

— Mas como eu ia dizendo, Charlie e eu não decidimos uma data ainda. — Olhei para meu lado no colchão da barraca, onde ele devia estar. — Já o conheceu?

Lis fez seu típico beicinho pensativo antes de responder.

— Deve ser o sujeito alto, forte e estupidamente carrancudo que saiu apressado no barco assim que papai e eu aportamos.

— Saiu? — Perguntei em dúvida.

— Isso. Ele entrou no barco de um outro homem e saíram como se estivessem fugindo de um incêndio. Por falar em incêndio, que desgraça aconteceu no lugar?

Outro homem? Bem, Lis só podia estar falando de Hamish, ou dos outros dois. Contudo, Charlie ignorar minha irmã e meu pai completamente mesmo sabendo que a aprovação dos dois com relação ao nosso casamento era de extrema importância para mim? Isso não era do seu feitio.

— Téci? — Ela pressionou.

— Uma longa história, minha irmã. Venha, vou te apresentar aos outros.

Elisandra me seguiu para fora da barraca, onde todos pareciam ter começado o dia muito antes de mim. Kate, Maisie e Amy se preocupavam em executar a função que lhe deram em fazer o máximo de plantações que conseguissem com a terra e sementes que foram compradas. Já os rapazes trabalhavam para levar os escombros para o

leste, inclusive papai. Se todos estavam em Kerrera, quem estava com Charlie no barco?

— Eu já conheci todos, exceto seu noivo — avisou Lis.

— Eu o apresentarei a você e ao papai assim que ele retornar — falei, sem graça.

— Quando você escreveu para mim dizendo que ia se casar com um escocês, depois de quase ter se tornado uma duquesa, eu quase não acreditei. Téci do céu, eles podem não ser tão ricos quanto o príncipe de Gales era, mas em relação à aparência eles devem ter passado na fila umas quatro vezes.

A olhei com espanto.

— Sua assanhada! — Reprovei com deboche e acenei para meu pai, que abandonou o telhado com urgência para vir me abraçar.

Me deixei ser acolhida por seu abraço de urso que traduzia toda saudade que ele sentia. Foi como estar no Brasil, aconchegada em casa nas nossas reuniões no sofá, com um pote de pipoca no colo e brigando para saber quem escolheria o filme da vez. Fazia tanto tempo, e por um átimo, pareceu ter sido ontem que deixei tudo para trás.

— Quero também — disse Lis, e se envolveu no abraço apertado.

— Minhas meninas, todas juntas novamente. — Papai beijou nossas cabeças com afeto.

— Quase não acredito que estão aqui — falei chorosa e me soltei.

— Sua irmã quem organizou tudo. Só soube para onde estávamos indo quando o avião decolou.

Lis deu de ombros e fechou os botões do casaco.

— Se eu dissesse que estávamos vindo para uma ilha, sabemos que o senhor não teria arredado o pé de casa.

Papai abriu os braços para gesticular.

— E com razão, olha para esse lugar; precisa de uma grande reforma.

— Estamos cuidando disso — eu disse. — A rainha queria tomá-lo dos habitantes, mas conseguimos reverter a situação.

— Se foi ela quem destruiu, não devia consertar? — Indagou minha irmã.

— Ah, Lis, não confie em rainhas de filmes de romance.

— Ainda bem que você largou aquele príncipe, lamento que ele tenha morrido, mas nunca gostei dele. Quando telefonávamos para você no palácio, eles sempre davam um jeito de não transmitirem a ligação. Fora suas redes sociais. Como ousaram excluir suas redes sociais!? — Perguntou irada. — Até papai tem Instagram e você não.

Me virei para o assunto em questão.

— O senhor deixou Lis te influenciar dessa forma? — Questionei entre gargalhadas.

— Era o Instagram ou uma tatuagem de pai e filha — ele se defendeu.

Lis colocou as mãos nos quadris e fingiu zanga.

— Esse não era bem o acordo, senhor Araújo. A questão da tatuagem em conjunto ainda está de pé — apontou o dedo para mim. — E você fará conosco.

— Sua irmã não entende que eu sou o pai dela, e não um irmão. — Papai se virou para mim.

— Quer um biscoito, pai? — Interferiu Lis.

— Alguém disse biscoito com chá? — Gael resolveu se ajuntar.

— Ninguém falou em chá — retrucou Lis.

— Biscoito com chá e cigarro? Pelos deuses, melhor ainda — ele fingiu ignorá-la.

Lis revirou os olhos com implicância. Minha irmã adorava implicar com os rapazes quando se interessava por eles... *Santo Deus*. Não é possível que Lis tenha gostado de Gael. Não que Gael não fosse bonito. Ele tinha lá seu charme escocês. Mas ele era ruivo demais, e eu nunca o tinha visto passar um pente naquele cabelo enorme ou uma tesoura na barba.

— Achei que tivesse largado o cigarro. — Eu me intrometi, antes que as bochechas da minha jovem irmã ficassem mais rosadas do que já estavam.

— O cigarro e eu temos um caso de amor e ódio, *boireannaich* — Gael falou.

— *Boi... boi...* Do que você chamou ela? — Lis projetou o pescoço para frente, a fim de ouvi-lo com mais clareza.

Gael repetiu a palavra em gaélico e explicou para ela. *Ah, que maldição.* Os olhos grandes de Elisandra brilharam alucinados, encantada. Eu ficava com essa expressão boba no rosto quando Charlie falava em gaélico comigo também?

— Isso me pareceu mais um rosnado do que uma palavra — comentou papai, sem notar a química que estava rolando ali, e desfez o feitiço que Gael jogara em Lis.

— Verdade. Sem falar na sua aparência de homem das cavernas. Em nome de Deus, há quanto tempo você não faz a barba? — Lis voltou a ser afiada, mas Gael não se insultou.

— Há quanto tempo alguém não te diz para cuidar da própria vida? — Ele rebateu.

Minha irmã abriu a boca em um formato surpreendentemente grande e assim a deixou.

— Esse homem é um grosseiro! — Ela se virou para me dizer.

— Você também é — atentei.

— Sim... Bem... Mas — Elisandra se perdeu na gagueira e não conseguiu formular nem uma frase coerente por longos minutos. — Lamento se insultei o senhor, não era minha intenção.

— Minha nossa, você está mesmo me chamando de senhor? — Gael perguntou, abismado.

Alguém pegou na minha mão, foi meu pai, e me contou:

— Estou cansado da sua irmã. Vamos dar uma volta?

— Papai! — Lis reprovou. Eu sorri.

— Não se preocupe, Lis, Gael ficaria honrado em lhe fazer companhia — zombei.

— Não ficaria não — refutou Gael. — Sua irmã é adorável, Tess, mas estou ajudando os rapazes com os escombros.

Fingi não ter visto Elisandra corar diante do elogio e dei continuidade à conversa.

— Falando em escombros, por que Charlie não está ajudando vocês hoje?

Gael coçou a cabeça pensativo.

— Um inglês apareceu aqui pela manhã e parou para conversar com ele. De repente pegaram o barco e zarparam sem dizerem nada.

Um inglês? Que merda.

— O que foi? Por que essa cara? — Questionou Lis, me avaliando.

— Sempre que um inglês aparece é um mau presságio — explicou Gael.

— Pensei que gostassem uns dos outros — falou papai.

— Somos um pouco seletivos ao escolher nossos amigos — o escocês respondeu. — Deixamos o senhor nos ajudar com os destroços, isso significa que gostamos de você.

— Que honra a minha então. Quando gostam dos visitantes vocês permitem que eles os ajudem a carregar pedras e troncos de árvores? Me pergunto o que fazem com os inimigos — debochou meu pai, entrando na onda. Ele, sem dúvida, sabia socializar muito melhor do que eu.

— Téci, olha ali. Aquele não é o seu ogro? — Elisandra apontou para o pequeno barquinho se aproximando do cais, ou do que restara dele.

Cruzei os braços e esperei Charlie desembarcar e vir até nós. Ora, àquele escocês de *merda* tinha muito que se explicar.

— Olá — ele disse, se virando para Lis. — Isso aqui é para você — entregou um adorável buquê de flores coloridas para ela.

Lis era o tipo de pessoa que se encantava facilmente. Não que as flores não fossem exuberantes, mas assim que ela pegou o buquê nas mãos e o cheirou, tudo nela se iluminou, o que me levou a pensar no quão fácil era um homem partir seu coração e depois ser perdoado.

— E para o senhor, tudo o que posso oferecer é minhas sinceras desculpas. Não queria ter saído da forma que sai. Fui grosseiro e completamente desrespeitoso — Charlie disse para o meu pai. Ele estava

sendo honesto, e isso me tranquilizou. — Espero que possamos recomeçar. Sou Charlie Mikhailovich, o homem cuja vida e força são destinadas à sua filha, caso o senhor me conceda a honra de me casar com ela.

Meu coração subiu para a boca. Eu podia dizer o mesmo de minha irmã. Ela estava suspirando com a declaração de Charlie para mim.

Charlie estendeu a mão e esperou que meu pai a tocasse. Meu pai não se moveu.

Charlie sabia bem como dobrar uma mulher, mas seu encanto derivado das apologias não surtia efeito algum nos homens.

Foram longos minutos de tensão até meu pai movimentar os lábios para dizer algo.

— Esse homem é dominador das palavras. Até eu me apaixonaria por ele.

Eu claramente me enganara. Charlie conquistara o coração do meu pai. Soltei o ar que prendia inconscientemente.

Eles finalmente se cumprimentaram. Foi como tirar uns vinte tijolos das minhas costas.

Pedi ajuda de Kate para providenciar um vaso para colocar as flores de Lis, enquanto Charlie e meu pai continuavam o serviço braçal.

— Você fará eles usarem saia, né? — Perguntou Lis, assim que nos sentamos em frente à fogueira que Maisie acendeu ao cair da noite.

Olhei torto pra minha irmã. Ela costumava ser mais ingênua.

— Que foi? — Ela se fez de tonta.

Insisti no olhar. Ah, ele sempre foi eficaz com Lis.

— Quando foi que virou uma libertina? — Indaguei.

— São apenas pernas masculinas. Não tem nada a ver com o que há no meio delas.

— Elisandra! — Dei um soco em seu braço.

Ela entortou os olhos de maneira irritante.

— Eu teria que ser cega para não enxergar a beleza daqueles homens ali.

— Daqueles homens ou daquele ruivo em específico? — Apontei com a cabeça para Gael.

— Ele é um tremendo de um grosseiro exibicionista.

— Sabemos que esses dois fatores são considerados qualidades para você, minha querida irmã.

Lis enfiou uma uva na boca e falou de boca cheia:

— Ele nem deve saber o que fazer com uma mulher de sangue quente. Olhe para esse lugar. É gelado. Homens que nascem em lugares assim são retraídos.

Roubei uma uva do seu cacho.

— Quanto a isso, terei que discordar.

Ela me empurrou com os ombros.

— Quem está sendo pervertida agora, hã?

— Quando vocês duas pararão de falar em português para que nós possamos entender o que dizem? — Questionou Kate, olhando de cara feia para nós duas.

No começo estava divertido conversar com Lis sem que as outras compreendessem o que dizíamos, mas então a conversa foi ficando apimentada e acabou se tornando uma questão de honra não permitir que as outras nos entendessem.

Voltamos a nos comunicar em inglês.

— Estávamos falando sobre o Brasil. Nada de importante — menti facilmente.

— É menino ou menina? — Perguntou Lis para Amy.

— Um menino. — Amy sorriu.

Eu não estava me sentindo muito confortável com ela ali, porém, sabia que era errado menosprezá-la depois dela ter pedido demissão do seu emprego. Charlie me contou o que a mulher passou nas mãos da rainha por culpa dele, então era o nosso dever protegê-la. Ele por ser o pai do bebê, e eu por empatia. Amy estava perto de ter seu primeiro filho e precisava de todo apoio. Eu daria isso a ela. Não me custava absolutamente nada.

De rabo de olho, vi Charlie e Hamish deixarem os outros homens e seguirem por uma estradinha. Eu estava longe de ser o tipo de mulher que corveja os assuntos particulares do noivo, mas nada explicava o sumiço dele pela manhã. E o inglês, quem diabos era o inglês que todos diziam ter ido a bordo com ele? Bem, eu teria perguntado tudo para Charlie, caso ele não tivesse me evitado a *droga* do dia todo.

— Me deem licença — falei para as moças e me levantei.

— Aonde você vai? — Perguntou minha irmã. Ela sempre fez o tipo que corveja os assuntos dos outros.

— Dar uma volta — fui escusa, e me apressei antes de perder os dois de vista.

Segui pelo mesmo caminho, ainda questionando minha maldita sensatez.

Uma espiadinha não fará mal a ninguém. Ouvirei apenas o começo da conversa para me certificar de que não há nada de errado acontecendo. Eu só estou preocupada com Charlie, apenas isso.

Quando por fim os alcancei com os olhos, decidi que estavam longe demais para que eu os escutasse, e devido ao incêndio, sobraram poucas árvores para utilizar de escudo. A árvore que eu passei a usar para me esconder estava distante, os galhos, por outro lado, tinham extensões incríveis.

Isso já é demais, Tess. Você não subirá na árvore para mexericar. Você é melhor que isso. Você é uma mulher madura. Você... Ora, até que não era tão alto assim. Ainda não posso ouvi-los, talvez devesse ir um pouco mais para frente. Ah, isso; perfeito.

—... Ela não pode saber sobre isso de forma alguma — Charlie falou.
— Ela enlouqueceria.

Diga de uma vez, esse galho está rasgando minhas pernas.

— Você tem a minha palavra — disse Hamish.

Charlie agradeceu com um aceno de cabeça.

— Aquele inglês, o *chanceler* da rainha, ele veio para me fazer uma proposta em nome dela.

— Achei que esse diabo em forma de mulher já tivesse desistido de atormentar você.

Charlie soltou uma grosseria em gaélico. Eu já o ouvira fazer uso daquela palavra certa vez e ele fizera questão de traduzi-la para mim.

Vamos, Hamish, pergunte que proposta a víbora fez dessa vez.

— Qual a ideia dela dessa vez? — Hamish perguntou.

Bom garoto.

— Ela quer me dar um título. Na verdade, ela precisa me tornar um Marquês.

Ela precisa o quê?

— Como é? — Hamish teve o mesmo choque que eu.

— Todos acham que invadimos Kerrera, já que estamos acampados aqui; começaram a questionar a razão de ainda não termos sido expulsos, já que, aparentemente, Ryld, antes de morrer, adquiriu a ilha para si. Se eu me tornar um Marquês esses questionamentos acabarão.

— Então que ela lhe dê o título — simplificou Hamish.

Um Marquês? Que sexy.

— Não é tão simples assim, meu camarada.

— Deus do céu, não use seu jeitinho russo comigo — reprovou Hamish quando Charlie o chamou de camarada, todos sabiam que esse termo era comum entre os russos.

Charlie o ignorou e deu continuidade ao assunto principal.

— Seria muito raro se um simples segurança ganhasse o direito de governar uma ilha sem ter feito algo notável. Então Mary quer que eu me case com a Marquesa de Abercorn para que eu possa receber o título sem levantar suspeitas.

É O QUÊ!? Me esqueci por um momento onde eu diabos estava e me remexi violentamente. *Droga. Droga.*

Cracccc! Que merda é essa? Cracccc. Virei o pescoço para trás, na tentativa de distinguir o som misterioso.

Isso só pode ser... Não. Não. O galho é fir....

Aaaaaaahhh!

Tentei me segurar em alguma coisa, mas a queda foi mais rápida que minha reação. Cai de cara no chão, muito próximo das botas de

Charlie.

— Tess? Tess o que... — ele cortou a própria frase. — Você está bem?

Além de ter perdido minha dignidade e correr o risco de ter quebrado um dente?

— Já estive melhor — respondi, assim que consegui tirar a cara da terra.

Charlie estendeu a mão para me ajudar a levantar. Eu aceitei de bom grado.

— Você estava na árvore ou é impressão minha? — Perguntou Hamish.

— Você acreditaria se eu dissesse que foi impressão sua?

— Bom, você teria que ter uma explicação razoável, mas suspeito que nem dessa forma eu seria convencido — Hamish respondeu, e fez a gentileza de tirar uma folha seca da minha cabeça. — Acho que vocês precisam conversar. E Tess, tente estar em solo firme dessa vez.

Quando Hamish se foi, Charlie cravou seus olhos em mim e mastigou minha coragem. Eu me sentia muito envergonhada por ter sido pega no pulo, ou melhor, na queda, só que eu estava muito mais curiosa para saber sua resposta em relação ao título que lhe foi oferecido. Então, a humilhação que esperasse sua vez na imensa fila de sentimentos desprezíveis.

— Não queria ter bisbilhotado — me desculpei.

— Foi a vontade de *não* espionar que a fez subir na árvore?

Mordi o lábio. Eu não articulava nenhuma defesa condizente com o flagrante.

— O que você ouviu? — Ele perguntou.

— O suficiente para me fazer temer sua resposta.

— A rainha estava aqui na Escócia, então fiz seu *chanceler* me levar até ela para que eu pudesse respondê-la pessoalmente. — Charlie esticou a mão para esfregar uma sujeirinha na minha bochecha. — Eu disse a ela que já tenho uma noiva.

— Mas não é um fidalgo, nem tem terras — retruquei.

— E quem se importa? A dama não está comigo pelo meu exorbitante número de hectares, estou certo?

Concordei.

— Acho que ela está tentando se redimir — declarei.

— Sendo assim, seu *chanceler* devia lhe dizer que ela está fazendo isso da forma mais errada possível. Qualquer pessoa racional desse Universo devia saber que eu não me casaria com outra mulher que não você.

— Ainda que isso signifique não ter privilégios?

— O único privilégio que aceito, é o de me deitar ao seu lado por todas noites, até a última da minha vida — disse em um ritmo lento e cadenciado.

Permiti que ele me beijasse assim que terminou de falar. Eu queria estar feliz por sua resposta, ela tinha sido muito melhor do que minha cabeça era capaz de imaginar, mas eu não estava. Vasculhando em meu coração, encontrei a culpa após ter sentido o sabor da mágoa. Uma coisa era não concordar com Charlie entrar em uma briga para fazer parte da realeza, outra, era ser a razão por ele não aceitar quando estava prestes a receber isso de bom grado. Uma vez ele entrara em meu caminho, agora era eu quem estava no seu.

— Se você não aceitar, a rainha será obrigada a tomar Kerrera — falei, ao nos afastarmos.

— Kerrera já nos foi tomada há muito tempo. Está na hora de eu aceitar isso. Todos que moravam aqui conseguiram de alguma forma reorganizar a vida, enquanto eu fico remoendo o que já passou. Eu fiz você viver da minha maneira, talvez esteja na hora de eu viver da sua. Em uma cidade grande...

— Se não fosse por mim, você aceitaria? — O cortei em desespero.
— Aceitaria se casar com essa mulher que você não conhece?

— Isso não é relevante — se esquivou.

— Se casaria? — Insisti.

Ele procurou um novo modo de fugir da indagação, mas eu não dei espaço para que isso acontecesse.

— Seja franco comigo.

— Se fosse o único meio de salvar Kerrera, então sim: eu me casaria.

Foi uma tremenda idiotice pensar que aquilo me consolaria. Quis voltar cerca de trinta minutos antes e jamais ter levantado da fogueira para segui-los. Se eu não soubesse que era a única razão da vida patética que ele estava levando, então eu poderia continuar imaginando ele me esperando no altar com sua encantadora saia escocesa.

Às vezes a ignorância é uma dádiva.

— Tess, olhe para mim — Charlie ergueu meu queixo. Eu fitava seus pés sem perceber — e me faça a próxima pergunta.

— Próxima pergunta?

— Não está interessada em saber se eu estaria feliz casado com essa desconhecida?

— Antes de você me raptar, você deslindou toda minha vida para me conhecer. Seria fácil para você fazer isso com uma Marquesa.

— Eu pesquisei sobre você porque era do meu interesse. Todos diziam que a senhorita era uma criaturinha petulante e arisca, precisei tirar minhas próprias conclusões.

— Já tem alguma?

— Conclusão? Não. Preciso pesquisar um pouco mais.



Majestade

— **EU** DISSE QUE ELE NÃO ACEITARIA, MAJESTADE.

— Cale a boca, Eddy.

— É uma ordem, Majestade?

Suspirei em agonia.

— Não. Estou irritada. Eu fiz minha melhor proposta, ainda assim, aquele bastardo recusou. Passei dias estudando cada possibilidade para ele se achar no direito de recusar.

— Mikhailovich está apaixonado pela brasileira, Majestade. Nada o faria abrir mão dela, não depois de tudo o que passaram.

Ajustei o chapéu azul na cabeça. Se não fosse pelo evento de caridade em menos de uma hora, eu já teria arrancado aquilo de mim.

— Por falar nisso, conseguimos fazer com que a Máfia Vermelha desistisse de procurá-lo?

— Sim, Majestade. Foi fácil encontrar um culpado plausível pela morte de Nikolai e seus homens.

— Ótimo. Mikhailovich não sobreviveria se os russos viessem atrás dele. Não depois dele ter assassinado aqueles três.

— Majestade, sei que não é da minha conta e que..

— Pergunte de uma vez, Eddy!

— Por que está protegendo esse homem agora?

— Porque ele é meu rebento. — Bebi o chá já frio na xícara. — E aquela garota me fez enxergá-lo com outros olhos. Nunca serei capaz de amá-lo, mas posso considerar ser uma mãe melhor para ele.

— Se é o que a Majestade realmente deseja, então fio-me que haja outra forma de a senhora dar um título a ele.

— Já conversamos sobre isso, Eddy. Não posso intitulá-lo...

— Não, Majestade. A senhora pode comprar o título para ele. Haverá o leilão anual de títulos nessa quarta-feira. Os títulos à venda, apesar de genuínos, podem transformar o dono em lorde ou barão. Apesar de não o transformarem em um verdadeiro nobre, acho que já o deixaria satisfeito. A Majestade poderia comprar para ele o título de lorde da ilha de Guernsey.

— Quantas libras?

— Há rumores de que o título pode chegar a 35 mil libras.

O chá frio escorregou por minha garganta seca.

— Me parece um bom negócio. Mikhailovich realmente gosta de ilhas e concordamos que Kerrera já não tem salvação — pensei alto. — Conseguimos fazer com que ele vá a esse leilão? Afinal, ninguém pode saber que é a rainha quem está comprando o título.

— Providenciarei isso, Majestade.

— Sabemos que sim, Eddy.



Tess

— **TÉCI**, ME DIGA QUE A RUIVA ESTÁ BRINCANDO. Como assim ela não sabe o que é *Twitter*, ou *Instagram* ou qualquer rede social?

— Algumas pessoas têm vida fora da *internet*, Lis.

— Surpreendente. Mas como eles se comunicam?

— Através da fala, oras. Pare de tanta pergunta besta e me ajude com isso daqui. — A barraca estava desmontando em cima de mim. Aquela era a última, e como os rapazes estavam colocando as coisas nos barcos, eu me encarregara dela.

A ficha de Lis finalmente caiu e ela correu para me socorrer.

— Espere... Cuidado com sua mão. Você não quer perder outro dedo, né? — Alarmou. — Já sabe para aonde iremos?

— No momento, o plano é deixar Kerrera antes de sairmos algemados.

— Interessante. Interessante. Eu já devia ter me acostumado com suas ideias ruins.

— Não é uma ideia. É um fato. Que *porra*, Elisandra, segura essa *droga* direito!

— Adorável. Esse é o sotaque brasileiro? Palavras baixas seguidas de palavras baixas? — Gael suscitou ao chegar.

— Admita que é muito mais agradável do que aquele rosnado que vocês chamam de língua — devolveu Lis.

Gael sorriu deslumbrado.

— Me deixe fazer isso antes que as duas se matem. — Se referiu à barraca. Em poucos minutos ele já tinha realizado a tarefa que estávamos levando uma hora. — Ah, antes que eu me esqueça. Deixaram isso para você, brasileira. Acho que preciso criar um novo apelido para você, já que agora temos duas brasileiras conosco.

Tomei o envelope misterioso da sua mão. O selo britânico me fez suar frio. O que a maldita rainha queria dessa vez? Me oferecer um

cônjuge como fizera com Charlie?

Cara Srta. Araújo,

Venho por este meio, em nome de vossa Majestade, convidá-la para o leilão anual de títulos - Lords of Manor - que acontecerá na quarta-feira, dia 08, no edifício Moro, e localizado na cidade de Dindow. Seria satisfatório, e de grande interesse para ambos, se a senhorita e o senhor Charlie Mikhailovich pudessem comparecer.

Agradecemos antecipadamente a vossa atenção.

Atenciosamente,

Eddy Hughes.

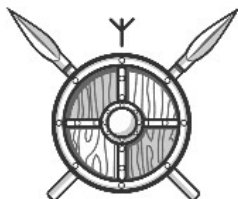
— E então? — perguntou Lis, interessada.

— A coisa mais estranha acabou de acontecer, minha irmã.

— Desde a minha chegada à essa ilha coisas estranhas têm acontecido. Não me surpreendo mais, Téci.

Guardei a carta dentro do sutiã e balancei a cabeça em negação.

O que a rainha tramou agora?



— Acha que pode ser uma cilada? — Charlie perguntou.

— Claro. Consegue imaginar uma razão menos pérfida para termos sido convidados para um leilão de títulos?

— Então está decidido. Não iremos.

— Mas na carta diz que seria benéfico para ambos — inquietei.

— Cada palavra nesse papel foi orquestrada para nos atormentar. Não caia nessa.

— Eu ainda acho que ela só está tentando se redimir — Maisie infiltrou-se na conversa e nos ajudou com as bagagens até o hotel. —

Posso estar sendo inocente, mas talvez ela não tenha planejado nada maléfico, ao menos dessa vez.

— O mundo em que você vive me parece um lugar adorável, ruiva — comentou Elisandra, do último degrau da escada. — Só que terei de concordar com ela nisso daí, Téci. Uma pessoa com má intenção não costuma enviar cartas incriminatórias. Caso algo aconteça com vocês dois, temos nome e endereço. Seria uma tremenda burrice da parte deles, não acha?

— Sua irmã encontrou um ponto — murmurou Charlie, assim que chegamos no corredor do quarto.

Peguei a chave no bolso da calça e abri a porta.

— Vamos nos instalar primeiro, depois continuamos essa conversa — falei.

Como Hamish e Kate moravam na cidade e a conheciam muito melhor do que qualquer um de nós, deixamos a escolha do hotel por conta deles. O casal foi para casa logo depois. Nenhum de nós quis incomodá-los, então Maisie, Lis e Amy toparam dividir um quarto e Gael fez o mesmo com Jailson. Papai, por sua vez, tinha seus hábitos noturnos, então preferiu ficar só.

— O que faremos agora? — Perguntei, após o banho.

— Sobre o que? — Ele arrumou os travesseiros atrás de si. — Tem acontecido tanta coisa que já não sei sobre o que fala.

— Essa gente toda. — Enrolei a toalha na cabeça. — Eles não podem ficar em quartos de hotéis para sempre.

Charlie deu dois tapinhas no colchão, me convidando para me sentar ao seu lado. Não rejeitei o pedido.

— É admirável a maneira como se preocupa com todos. Mas sua família está apenas de passagem, e quanto aos outros, bom, eles são adultos e têm suas economias; não ficavam em Kerrera apenas por diversão. Eles tinham plantações e um acervo de coisas que vendiam para estabelecimentos. Eu cuidava disso pessoalmente para eles. E em relação a Amy... Tem ideia de quanto uma governanta recebe? Se mesmo depois de tantos anos trabalhando para os monarcas ela não conseguiu se precaver para emergências, então não há nada que eu possa fazer por ela. — Ele deixou um riso encantador escapar. — Eu já

estive no seu lugar, me preocupando com todos, mas veja como eles se saíram bem mesmo sem a gente. Darei todo apoio que precisarem, só que não viverei mais em função disso. Você e meu filho serão minhas prioridades a partir de agora até meus últimos dias.

Soltei o ar, sem me dar conta de que meus pulmões, há dias, encheram-se de preocupações.

— E quanto à carta? O leilão é amanhã. Precisamos tomar uma decisão.

— Não imagino o que aquela mulher tenha para me dizer que possa me interessar.

— Talvez ela queira me oferecer um marido também — disse para descontrair em um dar de ombros.

Charlie fitou-me pelo canto dos olhos sem mover a cabeça.

— Se isso for verdade, nem os deuses me impedirão de dulcificar a bebida dela com sementes de mamona.

— Charlie! — O repreendi. — Por Deus, tente não se meter em confusão pelas próximas horas.

Ele passou o braço por mim e em instantes eu estava enroscada em seu corpo. Eu podia sentir as batidas do seu coração, sua alegria e também sua dor, e toda sua adrenalina em minhas próprias veias. Eu sempre soube, desde o início, desde a primeira troca de olhares que, uma vez naqueles braços, e eu nunca mais seria a mesma. Eu tinha a impressão que, de alguma maneira, Charlie e eu havíamos colidido.

— Pelo que vejo, você já se decidiu sobre o leilão.

— Acho que sim — confirmei e sussurrei ao vento: — *Seja o que Deus quiser.*



Escocês

— **VOCÊ É TÃO LINDA QUE ÀS VEZES CHEGA A DOER** — comentei, embora soubesse que nenhum elogio seria bom o bastante para descrever Tess naquele vestido preto abraçando suas curvas e os fios de cabelo ondulados espargindo em seu rosto de diamante; era mais melódico que uma sonata.

— Você também está muito agradável, escocês.

Sorvi o conhaque.

— *Agradável* — repeti. — O adjetivo me pareceria pouco se não tivesse vindo de uma criatura como você.

Tess borrifou o perfume em seu pulso.

— Estou sendo cortês, meu caro. Muitos outros adjetivos passaram por minha mente, mas todos muito depravados. Seria inadequado se eu compartilhasse com você que esse *smoking* está me deixando loucamente excitada, não é verdade?

Abandonei o copo de álcool na mesa. Por que continuar com aquilo em minhas mãos quando o que eu desejava, na verdade, era um gole longo e demorado daquela mulher?

A puxei pela cintura.

— Se vamos trocar elogios, eu peço que me deixe contemplar tudo mais de perto. — Dei um beijo suave em seu colo. Ela acendeu como um isqueiro. Senti o calor da sua pele através do sedoso tecido, e as chances de ter ficado tão molhada quanto um temporal eram incomensuráveis.

— Charlie, não podemos... — disse a voz da razão, assim que a luxúria deu espaço. Um toque delicado com os lábios em sua nuca e ela se calou.

— Será um prazer provar que você está redondamente enganada, minha cara. — Enfiei uma mão por baixo do justo vestido e percorri por sua perna até alcançar o caminho mais pecaminoso com seus esplendorosos gemidos me acompanhando durante todo o trajeto.

Testemunhei o calor embriagante da sua feminilidade sem qualquer barreira. — *Diabhal*. Sem calcinha? Que modo sublime de tentar me matar.

Ergui sua perna em meu quadril.

— Mmm — arfou. — Eu... Eu não esperava ter uma mão aí essa noite.

— Esteja sempre aberta para surpresas, madame.

A estimulei com os dedos. Eu sabia exatamente como Tess gostava de ser tocada, com a delicadeza de uma gota.

— Charlie... Deus... Ammm! — Ela repetiu meu nome mais algumas vezes em meu ouvido, conduzida pelos espasmos.

Permiti que um de meus dedos provasse seu sabor ainda mais fundo. Eu podia sentir as ondas do seu fogo bem ali, no agito do corpo implorando por mais.

— Goza para mim, goza — incitei.

Ela agarrou meus braços com as unhas e me prendeu com sua coxa. Jogou a cabeça para trás e deixou que o clímax a consumisse. Uma revirada de olhos e uma lambida nos lábios nunca me enrijeceu tanto.

— Tem certeza que não podemos continuar isso na cama?

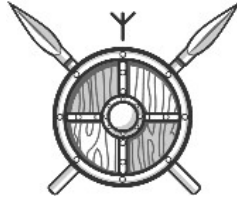
Esperei ela se recuperar para me responder.

— Não. Se não formos naquela droga de leilão, nunca deixaremos de especular sobre o que Mary quer. É a primeira vez que ela decide nos convidar ao invés de nos sequestrar. Mesmo a desprezando, temos que dar algum crédito a ela.

— A única forma de eu dar algum crédito a rainha, seria se ela morresse voluntariamente.

— Santa língua afiada. Tente não falar sobre a morte de Mary muito alto quando estivermos lá. Eu odiaria ter que pagar sua fiança para te tirar da cadeia.

— Tudo bem. Vamos acabar logo com isso.



— Charlie Mikhailovich e Tess de Araújo — eu disse para o sujeito que conferia a lista. Eu não entendia muito de leilões, mas suspeitava que um evento daquele porte exigia muita segurança. Afinal, ali estavam reunidas as pessoas mais nobres do mundo.

Tess agarrou meu braço assim que fomos liberados para entrar. Estávamos elegantes, porém, nada se comparava aos trajes daqueles aristocratas.

— Que diabos estamos fazendo aqui? — Ela cochichou nervosamente. Não era bem uma pergunta, mas a respondi mesmo assim.

— Quer dar o fora? Eu só vim por você, no instante em que quiser ir... Espumante? Sim, obrigado. — Peguei uma taça de cristal e Tess fez o mesmo.

— Acho que é um pouco tarde para querermos ir embora. Vamos, acho que aquela é a nossa mesa.

Puxei uma cadeira para ela se sentar e me sentei em seguida. A luz ambiente era tão aconchegante que quase me dava sono. A música baixa era tocada por violinistas no palco onde em breve se iniciaria o leilão.

— Olhe para essas pessoas, só o broche de um deles e eu não precisaria trabalhar nunca mais — cochichei para Tess em um péssimo momento. O drinque que estava em sua boca espirrou para todos os lados em um surto de gargalhada. — Falo sério, criatura. Nem meu rim pagaria o preço desses *smokings*.

— Charlie, o que combinamos antes de sairmos? Se comporte.

— Isso é ridículo. Ainda não sei o que viemos fazer aqui.

Tess se levantou elegantemente e trouxe sua cadeira para o meu lado.

— Esse não pode ser seu primeiro evento sofisticado. Por que está se sentindo tão deslocado? — Perguntou baixinho. Todos que passavam

viravam o pescoço para nós. Não. Não para nós. Para ela, Tess. Eles a conheciam. Era óbvio que sim. A ex-noiva do príncipe morto. A mulher que meses atrás tinha o rosto em todas as colunas de jornais.

Eu não queria estar agitado, mas a cada olhada curiosa daquelas pessoas eu ficava mais retraído. Foi um grande erro pensar que algum dia eu seria como um deles. Pelos deuses, eu odiava tanta futilidade. Como quase me deixei ser conduzido por uma vingança?

— Leilão de títulos? Que raios vem a ser isso? — Mudei de assunto.

— Não sei, nunca ouvi falar. Mas pelo nome do evento, acredito que os títulos sejam o “objeto” à venda. — Ela fez aspas com os dedos.

— Bem, eu não pretendo comprar um... Espere. Então é isso? Mary quer que eu compre um título?

Tess cerrou o cenho, como se estivesse fazendo uma análise de toda situação.

De repente não havia mais música, ou pessoas andando de um lado para o outro. Uma mulher pegou o microfone e deu as boas-vindas a todos. O discurso foi longo e exaustivo, mas o choque da descoberta me tirou de órbita durante todo o diálogo. Quando a consciência retornou ao meu cérebro, o primeiro título já estava sendo anunciado: *“Barão de Essex por 15 mil libras.”*

— Ah, em nome de Odin, vamos sair daqui.

Tess agarrou minha perna por baixo da mesa e me impediu de levantar.

— Espere, *cacete*. Se você se levantar agora todos pensarão que quer comprar o título!

Arregalei os olhos para ela.

— Então eu não posso me mexer? Ótimo! Maravilha!

Comecei a chacoalhar a perna de nervoso. Em troca, tive as unhas de Tess fincadas em minha coxa para que eu parasse de me balançar.

— É assim que leilões funcionam. Fique quietinho aí ou você será o próximo Barão por — ela esperou a mulher anunciar o valor pelo microfone. — 10 mil libras. *Putá merda*. Quem compra um negócio desse?

— Aquele homem ali — aponte com o dedo discretamente para o nobre que levantara a taça para fazer sua aposta.

— Não entendo. Mary acha que você tem dinheiro para comprar um título? — Ela procurou falar o nome da rainha em um sussurro para não sermos ouvidos, ainda que isso fosse praticamente impossível visto a algazarra do salão.

— Ela é maluca. Não tente compreendê-la, querida.

“Chegou o grande momento, meus amigos. O título de Lorde da Ilha de Guernsey. O valor inicial da aposta é de... Uau, 35 mil libras. Esse é o título mais valorizado da noite.”

— Você ouviu isso? Trinta-e-cinco-mil-libras. Meu deus do céu. Quem gasta tanto dinheiro assim em algo tão bobo? — Tess perguntou indignada e bebericou o último gole do seu espumante.

— Em breve descobriremos quem terá coragem de pagar esse valor — zombei e passei os olhos pelos convidados. — Aposto que aquele ali vai erguer sua taça nos próximos instantes.

Tess seguiu a direção que eu observava e negou.

— Acho que não. Apesar de ele estar muito bem vestido, não me parece o tipo de homem que gasta dinheiro insensatamente.

— Como sabe? — Indaguei.

Ela deu um sorriso de canto.

— Veja o cabelo dele, coberto por fios grisalhos e a barba irregular. Sem falar do olhar cabisba...

“Vendido para o Sr. Mikhailovich pelo valor de 40 mil libras.”

Como é?

— Ô diabo! — Eu gritei, esmurrando a mesa. Senti a mão de Tess sobre a minha em um gesto de quem tenta mitigar uma fera.

O meu grande espetáculo fez com que todos ali presentes se virassem para mim. Eu estava de pé. Como raios fui parar em pé?

— Deve haver um engano, senhora... — Não me recordava o nome dela. — Eu não comprei esse... esse... título de... de... Não sei ao menos qual título a senhora afirma que comprei.

— Não há engano, meu Lorde. Me passaram a mensagem de que o senhor já entregou até mesmo o cheque assinado. Talvez seja um presente da sua esposa, não? — A mulher falou ao microfone.

Olhei para Tess, que balançou a cabeça negativamente.

— Eu adoraria ter lhe dado esse presente, mas não fui eu — disse escusa.

— Farei com que aquela mulher se arrependa de não ter me matado assim que vim ao mundo! — Exacerbei e deixei o salão, ciente de que depois daquele *show* ninguém ali jamais esqueceria o meu nome.



Tess

— **COMO ASSIM NÃO POSSO SAIR!?** Você está muito errado se acha que esperarei essa maldição acabar! — Rugiu Charlie, forçando a passagem pelos seguranças. O homem estava descontrolado.

Deus do céu, os escoceses reagem de forma muito estranha quando ganham presentes. Um Lorde. Um delicioso Lorde. Como diacho ele podia ter se chateado com isso?

— São as ordens, Sr. Todos precisam permanecer até o final. — O segurança explicou pacientemente.

— Isso só pode ser brincadeira. Quantos títulos estão à venda hoje?

— São dez, senhor. Mas também temos que esperar até que todos assinem os documentos.

Charlie fechou os olhos com força, e eu precisei intervir antes que ele optasse por agir com os punhos.

— Charlie, venha. Vamos voltar e nos sentar.

O puxei pelo braço, no entanto, ele não se permitiu ser conduzido para muito longe.

— Não voltarei lá dentro nunca mais. Eu irei embora agora. Por bem ou por mal.

— Larga de ser cabeça dura. Não está vendo o tamanho daqueles seguranças? Tente passar por eles e você virará picadinho.

— Tess, eu já estou sem paciência, não me aborreça ainda mais.

— Sem paciência por que? Uau, nossa! Você ganhou um título e o direito a uma ilha. Não era o que você queria? — Me irritei. Ele também se irritou com meu deboche.

— Você é sempre tão ingênua ou tem apenas memória ruim? — Ele desabotoou a camisa e expôs a cicatriz em seu peito. — Isso é o que me aconteceu quando a rainha descobriu que eu pretendia ser reconhecido. Ela me torturou em um cárcere por dias e noites, ameaçou meu filho e

ameaçou você. Acha que Mary não cobrará por esse título? Acha que ela espontaneamente pagou 40 mil libras por um bastardo?

Minhas pálpebras tremeram. Eu odiava quando Charlie se exaltava. Ele se tornava cruel com as palavras. E os olhos... Eles se tornavam tão nublados quanto às noites na Escócia.

— Foi exatamente o que ela fez, Mikhailovich. Pagou 40 mil libras por um bastardo. — O velho surgiu por uma porta sigilosa e gesticulou para que os seguranças se fossem. — Seu título estava sendo vendido por 35 mil, mas, para não correr o risco de perdê-lo, vossa rainha aumentou a aposta. Meus parabéns, Sr. Mikhailovich.

Charlie, no ápice da insensatez, agarrou o *chanceler* de Mary pelo colarinho e o grudou contra a parede.

— Pois diga àquela tratante que eu rejeito o presente! — Ele rosnou para o homem que, mesmo com dificuldade, rebateu:

— Um pouco tarde demais, Mikhailovich. O título já é seu.

— E-eu não me casarei com nenhuma outra mulher que não aquela ali, está me ouvindo?

O *chanceler* olhou para mim. Me vi perdida sobre o que devia fazer. Não podia chamar os seguranças para não criar problemas para Charlie e também não queria impedi-lo de esmurrar aquele velho que dias atrás foi até Kerrera oferecer uma noiva para ele. Ainda que tivesse sido ordem da rainha, o sujeito não me descia.

— Isso não é sobre casamentos. — O *chanceler* respondeu.

— Não? — Charlie amansou a voz. — Então o que ela quer?

— Nada — falou. — Ela não quer nada.

— A rainha sempre quer algo — me intrometi.

— Vocês não a conhecem de verdade! — Eddy devolveu. A entonação da voz ultrapassou o recomendado para o ambiente.

— Tudo o que sei é que aquela mulher merece viver os piores dias na Terra e depois ser mandada para o mais ardente inferno quando morrer — amaldiçoou Charlie, e se afastou do *chanceler*.

— Vossa Majestade já viveu os piores dias na Terra, Mikhailovich. Ou devo chamá-lo de meu Lorde a partir de agora? — O velho estava

mesmo tentando enfurecer Charlie ou era um grande idiota?

— Seu nome é Eddy, não é? — Ele fez que sim com a cabeça. — Por que não nos deixa falar com sua rainha?

— *Minha* rainha?

— Não se atenha ao modo como falo.

— Não estou certo de que ela gostaria de vê-los, senhorita.

— Não nos ver não é uma alternativa. Se ela concedeu de bom grado um título a Charlie, o mais apropriado seria ela dizer isso a ele pessoalmente, e não mandar um mensageiro.

Eddy pareceu ter sido convencido por meu argumento.

— Verei o que consigo. — Ele atravessou a mesma porta e se foi.

Charlie segurou minhas mãos e cravou o par de olhos abalados em mim.

— Eu não quero ver aquela mulher. Quero ir embora e fingir que não viemos aqui hoje.

— Charlie, não ouviu o que Eddy disse? Você é agora o Lorde de uma ilha. Você não ganhou apenas um título, como também um novo lar. Eu estava me sentindo culpada por ter sido um obstáculo para você não ter aceitado a primeira proposta, por isso insisti para que viéssemos aqui hoje, para que você tivesse uma nova chance.

— Sabia disso o tempo todo? — Questionou irritado.

— Não tinha certeza, mas suspeitava. Já tinha ouvido falar sobre esses leilões secretos e sabia mais ou menos como funcionava.

Ele largou minhas mãos e me deu as costas.

— Agora terei uma dívida eterna com ela. Suspeitava disso também?
— Perguntou em tom de desprezo.

— Ainda não sabemos se isso é uma moeda de troca. Não vamos pressupor nada.

Charlie se virou bruscamente e se preparou para rebater, quando fomos interrompidos por Eddy.

— Me acompanhem.

A indecisão de Charlie era transparente, por isso o incentivei. Ele expirou devagar antes de seguir Eddy. Os acompanhei. A porta misteriosa não escondia nada extremamente valioso como eu suspeitara, ela apenas levava a uma sala privativa com vidros espelhados que dava vista para todo o salão. Mary nos observou a noite inteira sem que nos déssemos conta disso. Ela provavelmente presenciou do camarote o surto de Charlie quando o título dele foi anunciado.

Mary nos recebeu sentada em uma odalisca vermelha de couro com uma taça em mãos. Ela olhou primeiro para Charlie, depois para mim. Era como se minha presença não fosse aguardada.

Eu estava certa, afinal de contas.

— Srta. Araújo, gostaria de falar em particular com Mikhailovich.

— Ela fica — objetou Charlie. — Para o bem da minha sanidade e da sua segurança, ela fica.

Mary fez cara feia antes de aceitar a exigência do filho.

— Diga de uma vez o que quer e vá para sua ilha.

— Minha ilha? Você devia saber que tivemos que deixar Kerrera... *Majestade!* — As palavras permearam entre os dentes trincados.

— Me refiro a Guernsey. Suponho que levará sua corja para lá. — Tomou sua bebida tranquilamente. A mulher era a rainha do deboche, não somente do Reino Unido.

— Eu não quero essa ilha. Não quero esse título, não quero nada de você. Graças a *minha noiva* eu fui capaz de perceber onde estava me metendo.

— E foi graças a *sua noiva* que eu tomei a decisão de torná-lo um nobre — retribuiu na mesma entonação.

Ora, então talvez eu deva receber um título também em forma de agradecimento, não?

— Se Tess lhe pediu por isso, eu lamento. Mas...

— Ela não me pediu por nada — Mary foi mais rápida que eu. — Tudo o que ela fez, foi me fazer enxergá-lo com outros olhos, Mikhailovich.

Charlie riu, gozando da situação.

— Faça um favor para nós dois, Majestade, guarde a hipocrisia para si.

— Se não fosse meu filho, Mikhailovich, eu já o teria repreendido por seu vocabulário!

Minhas mãos suavam e tiritavam nervosas. Eu não devia estar ali. Era uma conversa pessoal. Charlie se tornara um homem amargo graças aquela mulher, e agora ela estava (aparentemente) tentando reverter seus erros. Era um assunto entre os dois, nem mesmo Eddy ficara. Mas, e se Charlie tentasse enforcá-la? O fio que unia o juízo e a prudência do sujeito estava perto de romper; eu precisava estar ali para quando isso acontecesse.

— Eu não sou seu filho. Não quero ser seu filho. Você é uma mulher desprezível que jamais devia ter colocado uma criança no mundo.

— Infelizmente seu pai não me deu essa opção!

A conversa de repente tomou um outro caminho. Um que me parecia profundamente arriscado.

— O que disse?

O rosto de Mary ficou tão pálido quanto um iceberg.

— EU TE FIZ UMA PERGUNTA — bradou.

— Você não acreditaria — ela desconversou e virou sua bebida, não como se quisesse ela, era uma questão de necessidade, assim como o ar.

— Para o bem da sua saúde, Majestade, sugiro que pense muito bem na próxima vez que tentar insinuar algo sobre meu pai.

— É um fato, não uma insinuação, Mikhailovich. — Suas frases foram ficando cada vez mais intrigantes.

— Está sugerindo que... que meu pai... — ele parou de falar. — Chega a ser ridículo completar o pensamento.

O silêncio repentino me obrigou a dizer qualquer coisa que fosse.

— Majestade, pare de jogar incógnitas e diga de uma vez o que quer.

— Quantas mulheres escondem a verdade por medo? Quantas encobrem seu estuprador com receio de transformarem sua dor em

piada? — Ela transferiu seu olhar mortiço para Charlie. — A verdade é que seu pai não foi o amor da minha vida, ele foi o começo do meu fim.

Eu paralisei. Charlie, no entanto, teve uma reação muito diferente da minha, e era fácil entender, já que de quatro coisas que Mary dizia, ele acreditava em menos de um por cento. Ele foi até ela, e quando ergueu sua mão, eu podia jurar que a levaria no rosto da rainha, no entanto, ele deu um tapa na mão que estava a taça e ela foi jogada para longe.

— Tess, saia daqui! — Ordenou. — Saia. Saia agora!

— Charlie, não acho q...

Senti que seu olhar me rasgou ao meio. Poucas coisas no mundo transformavam os olhos de Charlie em algo tão cortante, e Mary, infelizmente, acabara de descobrir uma delas: Mikhail.



Escocês

— **ME DÊ UMA BOA RAZÃO PARA ACREDITAR EM VOCÊ,** Majestade. Por que até agora não vi nenhuma — exige, assim que Tess atravessou a porta.

Ela demorou para deixar de encarar a taça quebrada no chão e voltar sua atenção para mim.

— Acha que eu mentiria sobre algo assim? Acha que eu desrespeitaria todas as vítimas de tamanha crueldade? — Questionou ofendida.

— Eu realmente quero acreditar que não. Mas depois do que você fez comigo e com uma mulher grávida...

Ela desdenhou.

— Aquela garota sabia que não ia morrer. Ela aceitou fazer parte disso para que eu não revelasse o segredinho dela a você.

E mesmo correndo o risco de estar sendo enganado por Mary mais uma vez, eu perguntei:

— Que segredinho?

— Eu quero que essa guerra entre nós tenha um fim. Nós dois já sofremos o suficiente. Você é meu filho, e mesmo que cada detalhe do seu rosto me recorde o que eu mais desejo esquecer, eu quero algum dia vê-lo com os mesmos olhos que vi Ryld — mudou de assunto.

Cerrei os dentes e os punhos com ira. Como ela era capaz de pensar que algum dia eu esqueceria tudo o que me fez? Mary foi a pior mãe que um filho poderia ter. Eu nunca, em sã consciência, a reconheceria como tal. Ela podia me dar todos os títulos do mundo, todos os maiores castelos, mas nada apagaria o sofrimento que me causou.

— Não tenho interesse em erguer uma bandeira branca — falei. — Respeito sua dor e tudo que diz ter passado nas mãos do meu pai — disse com uma gritante dificuldade —, mas os atos dele não justificam os seus. Você me fez sequestrar uma mulher apenas porque não queria que

ela se casasse com seu filho. Se foi capaz de fazer isso com um filho que ama, o que não faria com um filho que tanto renega?

Ela fungou. Os olhos úmidos brilhavam. Meu esgotamento psicológico era tão intenso, que não encontrei forças nem ao menos para brigar ou sentir compaixão.

— Minhas escolhas não foram as mais sábias, admito. Mas eu quero compensá-lo por tudo. Não acho que seja tarde para isso.

— É tarde, muito tarde, Majestade — rebati de imediato. — Diga tudo o que tem para dizer e desapareça da minha vida de uma vez por todas.

Ela engoliu algumas vezes antes de tomar iniciativa para falar.

— Aquela menina, Amy. Ela tem mentido para você. O bebê no ventre dela é de um dos meus seguranças, de Noah. Não seu.

Eu podia sentir que eu estava desaparecendo para o local mais frio que existia dentro de mim.

— E antes que se questione se eu teria motivação para mentir, lhe asseguro que não. A garota, por outro lado, sempre teve sentimentos por você, mas o senhor sabe disso — completou.

Meu coração foi partido de tantas formas, que me perguntei se algum dia ele voltaria a ser inteiro.

— Você poderia, por favor, encontrar uma maneira de me decepcionar aos poucos? — Engasguei com o ar.

— Não pode somente agradecer por tudo que tenho feito por você, Mikhailovich? — Mary afagou a mão avermelhada que eu havia golpeado rudemente e eu me senti péssimo. Nunca foi do meu caráter ferir uma mulher, só que aquela em especial desafiava o temperamento até de um monge.

— Não aceito caridades, Majestade. Me diga, como posso pagar por tudo que me dadivou? — Busquei manter a indiferença na voz quando, na verdade, estava com o choro confinado na garganta.

A rainha se levantou, os ombros para trás e o peito estufado de quem não se deixava abater por nada. Eu não tinha uma compostura daquelas há muitos anos.

— Peço que considere viver pacificamente comigo pelo tempo que me resta de vida. O tempo que resta para ambos.

Abri a boca, mas resolvi deixar a ofensa para lá. Fui em direção à porta e ela entrou na frente decididamente.

— Não decida agora. Há muito para assimilar por uma noite — ela disse, então.

— Majestade, a senhora entende que eu só não soquei você ainda porque é uma mulher? Saia do meu caminho antes que eu a faça sair. Eu não quero gritar — falei, enquanto gritava —, não quero chamar mais atenção do que já chamei no meio de tanta gente sofisticada, mas, pelos deuses, se a senhora não me deixar sair, eu, de verdade, não sei do que serei capaz.

— Eu sou sua mãe e sua rainha. Se não puder respeitar uma, respeite ao menos a outra! — Não se preocupou com as camadas de rugas que aquela expressão enfarruscada deixaria nela.

— Raios, acabei de perceber como teria sido minha infância ao seu lado, e agora me sinto um sujeito muito sortudo por ter crescido longe. Por favor, não se sinta compelida, continue com suas exigências.

— Isso foi insensível.

— A culpa por eu desprezá-la é inteiramente sua, minha rainha — a olhei diretamente nos olhos enquanto exprimia para que não houvesse dúvidas.

— Mikhailovich, nada nunca mudará o fato de que sou sua mãe — sua voz deu uma leve estremeção.

— Eu diria diferente, diria que nada nunca mudará o fato de que não nos respeitamos. Eu matei o seu filho, e a Majestade nunca esquecerá isso, da mesma forma que eu nunca me esquecerei do que passei naquela cela fria. Eu não tentarei me desculpar por ter tirado a vida de Ryld, porque eu realmente gostei de ter feito aquele disparo, e algo me leva a crer que minha rainha adorou ouvir o estralo das correntes em minhas costas.

O fluxo de sangue deixou seu rosto com uma tonalidade carmesim.

— Não finja que não me deu todas essas coisas porque é caridosa e quer se redimir. Diga a verdade, Majestade, você o fez por medo.

Ela ergueu a sobrancelha, e os olhos arregalados eram prova de que eu estava certo. A rainha estava com medo, a questão era: medo de quê?

Seu ofegar rompeu o silêncio.

— Eu preciso que você faça um último serviço para mim. — No fim, ela se entregou.

Me distanciei um passo.

— Não! — Rejeitei.

— Mikhailovich, eu ainda não disse do que se trata — atentou.

Franzi a testa.

— Não importa. Eu recuso. Meus dias a servindo chegaram ao fim.

Ela enfiou sua mão em um bolso discreto e me estendeu o papel que retirou de lá.

— Isso é tudo o que escondo — avisou. — Depois que você ler, não existirá um único segredo entre nós.

A olhei com os olhos semicerrados antes de aceitá-lo.

“Quem é, quem é, que usa uma coroa, senta em um trono, mas não é digna dele?”

Será que você consegue desvendar esse enigma?

Há uma bomba, minha rainha. E ela está pronta para explodir”

— O que é isso que estou lendo? — Questionei, confuso.

— Uma chantagem.

— Mas aqui está sugerindo que vossa Majestade não é digna do trono real. Por que alguém faria tal insinuação?

Ela arrastou seus pés para longe sem dizer coisa alguma, e seu semblante apreensivo me levou a questionar:

— A rainha não é quem diz ser?

— Se o senhor não pretende executar o serviço, Mikhailovich, não vejo razão para prolações — cominou. A miserável sabia manipular, como fazer uso dos vocábulos.

Havia uma justificativa para aquelas palavras terem a abalado tão intensamente. Aquela não era a primeira chantagem que a monarca já recebera, eu mesmo já lera inúmeras durante meus anos atuando como

segurança real, no entanto, nenhuma nunca a deixara com uma expressão tão questionável e acariciando os próprios braços.

— Minha rainha, mesmo após anos vossa Majestade ainda não entendeu o modo como trabalho? Não jurarei servi-la sem uma justificativa. Diga-me sobre o que se trata esse bilhete e eu direi se aceito a missão que propõe-se a me destinar.

Ela voltou a se sentar. Eu permaneci em pé e próximo a porta.

— Certo — reconsiderou. — Eu admiro sua negligência para comigo, Mikhailovich — desviou do assunto principal por um minuto. — Isso que irei compartilhar com o senhor, nem mesmo meu *chanceler* tem conhecimento. É um segredo de família e pretendo manter assim.

— Permita-me interrompê-la, Majestade, mas a senhora decidiu compartilhar esse grandioso segredo comigo porque precisa de mim, não porque sou da família — a ousadia escorregou por minha língua e eu não fiz o menor esforço para impedi-la.

Ela se remexeu no odalisca, mas o desconforto eu sabia ser interno.

— Eu nasci em uma propriedade rural de dimensões consideráveis, mas não sou filha de nobres. Sou filha de camponeses. Meus pais trabalhavam para o rei Jorge VI e a Rainha-Mãe. Minha mãe camponesa faleceu ao me dar à luz e meu pai, pouco antes de eu completar um mês de vida, contraiu pneumonia e não resistiu. Eu estava desnutrida e sem qualquer perspectiva de melhora quando fui deixada em frente ao castelo de Hyde. Não se sabe como cheguei até lá — ela fez uma pausa para pigarrear. — Enquanto isso, dentro do castelo, a Rainha-Mãe havia acabado de descobrir que carregava um filho morto em seu ventre, o primeiro herdeiro do casal — ela ergueu os lumes verdejantes para mim. — O rei Jorge não quis ficar comigo no início, dizia que seria arriscado e que eles não conseguiriam guardar o segredo por muito tempo, mas a Rainha-Mãe o convenceu ao dizer que eles seriam punidos se recusassem a dádiva de Deus.

A nova pausa que ela fez aguardava que eu dissesse algo. Mas que raios eu devia dizer? Estava boquiaberto, surpreso e assustado demais até para conseguir respirar moderadamente.

— Está me dizendo que eu, você e Ryld, não temos sangue real? Que você é uma ilegítima?

Concordou.

— Isso se parece muito com o que você viveu, não?

— Mas ao contrário de mim, o rei e a Rainha-Mãe decidiram criar você — satirizei. — Certa vez a Majestade me disse que um bastardo nunca se sentaria no trono, e veja você, está em um.

— Eu *precisei* ocupá-lo. Era o meu dever, dadas as circunstâncias — diferiu.

Passei as mãos pelo rosto, sentindo a cabeça latejar. Sem falar no líquido azedo que de repente aflorou na minha garganta.

— Isso... Tudo isso é demais para um dia.

— O que eu contei a você não é nem metade do que já passei. — Deu um sorriso mordaz para completar. — Não importa mais, há uma pessoa que investigou a fundo sobre a minha vida e agora está me chantageando. Eu preciso que você dê um fim a isso.

Um conhaque. Eu preciso de um conhaque e de um beliscão para despertar desse pesadelo.

— É por isso que me deu um título e todas as regalias? Por que sabia que ia precisar de mim? Estava me comprando!

— Mikhailovich, o senhor sempre foi um homem de confiança. Não há outro mais qualificado para essa incumbência.

— Eu não matarei por você nem se me implorar pelo resto da vida — falei pausadamente para que ficasse claro. — E com toda honestidade, Mary, devia se envergonhar por pedir isso ao único filho que lhe restou!

Ela engoliu em seco.

— Olhe nos meus olhos — pediu. O fiz. — Essa pessoa irá nos destruir. Me enterrará viva. Não será apenas o meu passado que virá à tona, o seu também. Se eu cair, Mikhailovich, todo o Reino Unido cairá.

Foi minha vez de engolir com dificuldade.

— Já sabe quem está a chantageando?

Sua fisionomia era de quem aprovara o novo rumo da conversa.

— A antiga esposa de Antony.

— A que a Majestade pagou para que desaparecessem? — Perguntei com surpresa e um misto de deboche. — Vejo que não

executaram com excelência o trabalho.

— A mulher subornou os sequestradores — explicou impaciente.

— Como essa mulher pode saber sobre sua vida? Achei que a rainha tivesse me dito que apenas membros da família sabiam sobre o ocorrido.

Ela ergueu o lábio superior em repulsa.

— Digamos que meu irmão nutria sentimentos profundos por essa mulherzinha, e o triste fato de ela ser uma jornalista colaborou para que arrancasse informações dele sem que o tolo percebesse.

— Uma mulher de grande habilidade, pelo que vejo — admirei para irritá-la.

— Antony que foi um completo *idiota* — retrucou, e eu tive de concordar.

— Não posso acabar com uma mulher apenas porque ela desempenha muito bem seu trabalho. Lamento.

A rainha se levantou assim que percebeu que eu pretendia deixar a sala.

— Mikhailovich, ela não é uma boa pessoa. Meu irmão foi seduzido, enganado e roubado por ela. Ela... ela se aliou aos russos para derrubar meu reinado e me executar. Eu imploro, Mikhailovich, tais palavras nunca saíram da boca de uma rainha antes.

— Repita isso.

Ela fez cara de confusa.

— Eu imploro — disse em um baixíssimo tom.

— Mais uma vez, acho que...

— Eu imploro Mikhailovich. Eu imploro por sua ajuda.

— O faça de joelhos — exigi, encurtando um passo. — De joelhos, ou eu sairei por essa porta e me esquecerei que um dia tivemos essa conversa.

Suas pálpebras estremeceram, os lábios brancos, nem mesmo o batom rosado era capaz de esconder.

A rainha ergueu o vestido longo e dobrou os joelhos depois de instantes sem reação. Ergueu o queixo e pronunciou em alto e bom tom:

— Eu imploro.

O sorriso estampado em meu rosto foi automático.

— Pensarei no assunto — e deixei-a solitária com a incerteza e os joelhos tocando o chão gelado e áspero.



Tess

PARA MINHA SORTE (OU TALVEZ NEM TANTA), dei de cara com Eddy. Sua surpresa ao me ver deixar a sala foi perceptível e icônica.

— Me expulsaram também — expliquei sem delongas, e me escorei na parede ao seu lado.

— Acha seguro eles ficarem sozinhos?

Troquei a perna de apoio.

— Depois do que sua rainha disse para Charlie, eu já não sei de mais nada.

— O que ela disse? — Questionou estupefato e apressou: — Diga de uma vez, menina!

— Naturalmente, mais uma de suas mentiras. Que o pai de Charlie... que ele se aproveitou da inocência de Mary. — Dizer isso embrulhou meu estômago. — É mentira, certo?

Eddy ficou boquiaberto, mas não incrédulo.

— Mary está mentindo — reafirmei, na esperança de vê-lo concordar comigo. No entanto, ele era o *chanceler* da rainha, ele tinha a obrigação de acobertá-la em tudo, até mesmo em mentiras tão bárbaras. — Por que estão fazendo isso com Charlie? Não veem que ele já está destruído? Vocês já arrancaram tudo o que ele tinha, como podem querer deturpar até mesmo suas memórias? Isso é... é desumano.

— Tenha certeza, madame, seria de grande estima se esse acontecido fosse uma invenção. Vocês podem chamar vossa Majestade de tudo, exceto de farsante, especialmente sobre algo assim.

Fiquei sem força nas pernas e em qualquer outra parte do corpo.

— Essa não era a resposta que eu esperava — expus. Se era irracional para mim pensar que Mikhail era mesmo esse homem monstruoso que estavam me dizendo, eu não era capaz de imaginar o que Charlie estava sentindo. O herói dele nunca foi real; ainda que ele fosse um adulto, ninguém nunca estava preparado para abandonar o conto de fadas que o acompanhou durante toda sua infância.

Muitos minutos se passaram em plena quietude, à exceção do leilão ainda acontecendo no interior do salão. Esperei pacientemente por Charlie. Tudo bem, não tão paciente assim. Minha ansiedade me jogava de um lado para o outro, tal como uma bola de *ping pong*.

— Acha que Mikhailovich a mataria? — Eddy decidiu perguntar. Eu esperei por esse questionamento há dez minutos, mas o homem não o fez, então decidi retirá-lo da minha cabeça para não martirizar-me sozinha com ele.

— Claro que não. Ela é a rainha — falei, tanto para ele, quanto para mim. — Ele seria condenado e morto. E ele também será pai. Charlie não jogaria tudo isso fora.

Decerto, nenhum de nós acreditou em meu raciocínio. Um homem angustiado não possuía capacidade de ser lógico. E Charlie era um homem angustiado, dentre outros atributos.

Então os passos obstinados e firmes nos deixaram apreensivos, até que a figura masculina tomasse forma. Fiz uma avaliação rápida e precisa no *smoking* de Charlie à procura de qualquer mancha que pudesse incriminá-lo. Nada. Nem um resquício de líquido viscoso. Contudo, de quantos modos era possível assassinar alguém sem derramamento de sangue?

— Charlie?

Ele me ignorou e seguiu até a saída, bem quando os seguranças retornaram com a mesma decisão de não permitir que ninguém deixasse o espaço até o final da hasta.

— Senhores, sei que é seu dever não autorizar a saída de qualquer pessoa, mas suponho que seria ainda mais inadequado se pessoas tão nobres como as do salão vissem seguranças atracando-se com um Lorde, não? — Eu disse. Os meses que passei ao lado de Ryld, indo de um evento a outro, me foram úteis, no final das contas. Eu aprendera a manipular pessoas e ocorrências.

Os dois sujeitos que interceptavam a porta me olharam.

— Se vocês forem inteligentes, ouvirão a dama — rugiu Charlie, fazendo uso da sua última partícula de tolerância.

Ele não ter quebrado o nariz daqueles dois ou ter enfiado o crânio deles na parede, já era um excelente começo.

— SAIAM DA MINHA FRENTE! — Vociferou.

Certo, eu glorificara cedo demais.

Presumindo que aquilo acarretaria por certo em uma briga entre dois seguranças e – agora - um Lorde, eles abriram espaço para Charlie passar.

— E ela vem comigo — acrescentou o escocês, antes que os dois brutamontes ousassem me impedir.

Não olhei para trás ao segui-lo. Não esperei Eddy confirmar se a rainha continuava respirando. Meus sentimentos pela mulher estavam bem confusos àquela altura. Eu desejei sua morte por meses, sonhei que eu mesma a estrangulava, para então descobrir que existia uma razão para ela ser como era.

— Charlie? — Seu caminhar era o meu correr, e executar isso de salto alto era uma tormenta. — Charlie, me espere. Aonde está indo?

— Chamarei um táxi para levá-la ao hotel — falou, ainda em movimento.

— E você? Para onde irá?

— Não podemos ficar juntos agora, não estou na melhor versão de mim mesmo. Ainda sou um homem com dignidade. Me odiaria se gritasse com você duas vezes em uma noite.

Eu sorri. Ele não esquecia quem ele era, mesmo que estivesse ferido.

— Fico lisonjeada, mas converse comigo, tente me dizer o que está sentindo. Quem sabe eu não possa ajudá-lo.

Ele então parou e se virou para me fuzilar com os olhos.

O que era aquele rosto? Tão semelhante a um buraco umbroso e sem fim. Charlie passava a impressão de ter ficado tão vazio quanto um balão. Seus passos até mim me mantiveram alerta.

— Você pode negar tudo o que Mary me disse? Você pode retroceder trinta anos e me contar tudo o que sei hoje? Pode dizer para aquele garotinho ingênuo que toda sua vida é uma farsa? Pode Tess? Pode fazer isso por mim? — Soluçou.

Eu nunca tinha visto Charlie permitir que sua fraqueza escorregasse pelas rachaduras do seu coração. Lágrimas não foram feitas para olhos tão extraordinários, mas mesmo assim elas estavam lá, correndo feito um rio.

Dei um passo à frente e toquei seu rosto em um ato de comiseração.

— Não posso, Charlie. — Enxuguei a primeira gota que escapou, depois a outra. — Mas estou aqui para passarmos por isso juntos.

— Minhas lembranças são tão desconexas quanto um sonho. Não sei mais quem sou, Tess. Um bastardo, filho de uma violência. Estou tão envergonhado que não consigo nem olhar para você.

— Envergonhado?

Ele deu um sorriso exagerado que me fez recuar de leve.

— Eu defendi Mikhail durante toda a minha vida. Eu matei por ele. Briguei por ele. Por um... Por um estuprador. Como todos me enxergarão quando souberem? Eu sou o defensor do indefensável.

Meu coração foi partido ao meio, e eu queria oferecer um pedaço a Charlie para que ele pudesse remendar o seu.

— Se você quiser, ninguém nunca saberá.

O silêncio foi sua resposta. Havia mais coisas dentro dele que pareciam o estar matando. O que ele estava me escondendo?

Ele me deu as costas e tornou a marchar com seus passos vagarosos. Eu o segui calada até vê-lo parar na ponte e... *O que é que ele está fazendo?*

— Charlie? Charlie, por que está tirando sua roupa?

— Preciso nadar — respondeu, sem hesitar.

— Você ficou louco? Está geando.

— Não se preocupe, estou acostumado. Era o que eu fazia em Kerrera sempre que precisava adormecer minhas emoções para refletir sobre algo.

Isso é loucura! A água me parecia fria o bastante para queimar a pele.

Ele arrancou as calças, depois a camisa. Quando o vento soprou com efeito de neve, Charlie aparentou não ter sentido.

— Morrer congelado é mesmo o único jeito de desligar suas emoções? — Tentei fingir que não estava com uma pedra entalada na garganta.

Charlie abriu um meio sorriso antes de saltar da ponte e submergir por inteiro até o leito do rio e se tornar uma parte dele. O cheiro de umidade e as chicotadas do ar em meu maxilar já me pareciam frias o suficiente, não era corajoso o bastante para imaginar a temperatura daquela água.

O corpo alto e anguloso retornou à superfície com uma aparente dificuldade em tirar a expressão de triunfo do rosto.

— Você devia tentar, *boireannaich* — sugeri.

Fiz que não.

— Estou muito bem aqui, sequinha, obrigada.

Ele meneou a cabeça. A aparência de desalinho combinava com seu olhar escaldado de quem já passara pelo pior.

Que Charlie estava tentando evitar pensar em tudo, era indubitável. Que eu não sabia se devia insistir na questão, também. Ele aparentava estar satisfeito com a forma que eu estava agindo, porém, não era saudável fugir das emoções, principalmente das mais profundas. Era quase certo que depois elas voltariam em uma enxurrada capaz de derrubar até os mais fortes. Suas emoções mereciam ser libertadas.

Cerca de trinta minutos depois, ele decidiu sair. As pontas dos dedos enrugadas iguais às de um senhor de oitenta anos. Os lábios arroxeados não paravam de tiritar.

Esperei ele se trocar, se recompor, e seu rosto voltar a ter alguma pigmentação para fazer a pergunta que estava coçando dentro da minha boca.

— O que aconteceu quando eu saí da sala?

Ele vacilou na resposta, o que me fez ter vontade de entrar em sua mente e descobrir o que estava guardado a sete chaves lá.

— Cogitei agir feito um louco e usar todos os meios convenientes para machucá-la, mas não o fiz. Hesitei no instante em que você segurou

naquela maçaneta e saiu. E não sei por que não o fiz. Acho que foi o medo nos olhos dela. Ela estava com medo, e eu nem precisei tocá-la.

— Você acreditou nela? Acredita que seu pai fez o que ela diz que fez?

— Não tenho muitas lembranças sobre ele, sabe? Tudo o que sei foram histórias contadas por pessoas que o amavam. Passei minha vida defendendo a memória de um homem que eu mal conhecia, de um mafioso. E Mary... Eu conheço a rainha, e não apenas as coisas que me dizem. Eu sei quem ela é, conheço todas suas versões, até as mais horríveis.

— Então você acredita nela — concluí, ao ver que ele estava com dificuldade em dizer com todas as letras.

Ele esfregou os olhos. Charlie não estava realmente ali, aquela era apenas a sua sombra. Ele estava lutando apenas para se manter inteiro.

— Só vamos embora antes que minha cabeça exploda.



Escocês

ACORDEI BEM CEDO NA MANHÃ SEGUINTE. Para falar a verdade, eu não me lembrava de ter dormido. Se não fosse por Tess, se ela não estivesse comigo noite passada, quando tudo desmoronou sobre mim, muito provavelmente eu teria me embriagado até esquecer o movimento das pernas.

Bati à porta do quarto em que Amy estava e pedi para que ela me acompanhasse em uma caminhada. O bebê estava perto de nascer e eu não queria ser o responsável por nada de ruim que acontecesse a ele, mas eu precisava ser franco com ela.

Na verdade, eu queria chacoalhá-la pelos ombros e perguntar aos berros milhares de vezes porquê raios mentiu. Mas eu não faria isso. Eu era um homem controlado. Um homem que media as consequências dos atos. Um homem que...

— Você tem consciência da *merda* que fez? — Questionei furioso.

— Como? — Ela não escondeu a surpresa ao me ver usar um linguajar tão chulo.

— Como te direi isso — cocei o queixo pensativo. — Bem, acho que sei. Você é uma farsante inescrupulosa. Estou decepcionado com você e não posso sequer gritar para não aborrecê-la e causar algum dano ao seu filho. Por Odin, esses dias têm sido um teste de paciência!

— Charlie, não sei o que...

— Não se dê ao trabalho de justificar, eu não quero testar o nível da sua criatividade em mentir. Você disse que o filho era meu, mas é de Noah. Essa é a verdade. É apenas disso que preciso.

Desde que ficara grávida, todas as reações de Amy se resumiam em tocar sua barriga. Se estava triste ela acariciava o bebê, se estava feliz ela segurava a barriga enquanto gargalhava, se estava em choque ela apenas pousava sua mão acima do umbigo como se para proteger o feto de algo. Eu não sabia se ela tinha consciência disso ou se era automático. Mas não deixava de ser curioso.

— Charlie, me ouça. Eu não planejei isso. Eu... Apenas pensei que fosse seu. Acho que eu quis tanto que esse menino fosse seu filho, que não enxerguei a verdade.

— Em momento algum você pensou em me contar?

Nosso café da manhã foi servido. A lanchonete não ficava muito distante do hotel em que estávamos, por isso me peguei receoso de Tess nos observar da janela do quarto e tirar conclusões precipitadas. Eu ainda não lhe contara sobre as grandes descobertas, não tivera tempo. A noite passada fora recheada de informações assombrosas. De alguma forma, eu me esquecera daquela em especial.

Amy baixou o olhar para sua xícara.

— Você me fez acreditar que ia ser decapitada. Sabe por quanto tempo essa culpa me perseguiu!? — Inquiri, e descobri que a voz de um homem amargurado era capaz de alcançar uma entonação nunca antes vista.

— Eu sinto muito. Eu não queria que esse bebê fosse de um homem que não amo. Isso pode parecer fútil para você, só que não é para mim — confessou, e a segunda descoberta se revelou. A voz de uma mulher transtornada era capaz de ser ouvida há quilômetros de distância, mesmo se produzida em um mágico sussurrar.

— E como acha que me senti por pensar que engravidara uma mulher que *eu* não amo?

A intenção não era magoá-la, contudo, não existia uma forma menos desastrosa de se relatar o óbvio.

— Eu nunca quis fazer mal algum a você ou a Tess. Eu realmente gosto dela e sei o quanto você a ama.

Eu duvidava muito, nem eu mesmo era capaz de mensurar a magnitude do meu amor por aquela mulher.

— Amy — busquei a pacificidade em mim —, o pai dessa criança sabe da existência dela?

Ela negou. Eu precisei beber o chá quente para fazer o grito descer pro meu âmagô. A língua queimada era um mero detalhe para quem já estava vivendo um grandioso inferno há meses.

— Você precisa contar para ele. Ainda que eu não goste do sujeito, ele merece saber a verdade.

Ela levou uma mão em forma de concha à boca para conter um soluço túrbido.

— Ele não é um homem bom e honrado, Charlie.

— Amy, você me enganou por meses e me fez viver os piores vinte minutos da minha vida. Você também está longe de ser uma mulher boa e honrada — alfinetei e tirei a carteira do bolso para separar o dinheiro. — Aproveite seu café da manhã. Será a última vez que lhe pagarei por um.

Eu conhecia todas aquelas vozes vindas do saguão do hotel. Os risos barulhentos que escaldavam meu coração. Era a minha família. A família que eu escolhi, que me acolheu quando eu mais precisei, que lutou por mim. Estavam todos ali. Meus irmãos e irmãs, e a mulher da minha vida. Subitamente, eu me senti o homem mais afortunado de todos. Não existia angústia dentro de mim, não mais. Apenas gratidão e uma desmedida curiosidade em saber o motivo da piada.

— Olha quem voltou, meu Lorde — Gael e seu bom-humor fizeram uma reverência para mim. Eu não precisava dizer o quão malíssimo ele foi.

Virei-me para Tess.

— Pelo que vejo, o assunto chegou rápido por aqui — farpei.

Ela me voltou um olhar cândido.

— Você sabe como os escoceses podem ser insistentes às vezes.

Maisie, que preparava um coque em seu cabelo, se dispôs a palpar:

— Todos sabem que não há segredos entre nós.

Engoli em seco e Tess notou. Eu não queria criar um muro entre eu e meus irmãos, mas era vergonhoso admitir que eu julgara meu pai errado durante toda minha existência. E ainda tinha o segredo de Mary... Que raios eu faria com aquele segredo?

— Quando iremos para o seu castelo, meu Lorde? — Provocou Jailson.

Enfie as mãos nos bolsos da calça de moletom para que ninguém visse meus dedos tremerem.

— Tenha piedade, estou longe de ser um Lorde.

— O que acham de Charlie tentando ser modesto? — Hamish deu as caras e perguntou à todos de uma vez.

— É uma gracinha — a esposa compactuou. — Vejam, ele está corando.

— Não estou corando. Sabem que minhas bochechas ficam rubras pela manhã — contradisse. — O que estão fazendo aqui, afinal?

— Viemos acompanhá-los no café da manhã — disse Hamish. — Por falar nisso, de onde está vindo?

— Eu tenho que falar com você — o ignorei e disse para Tess.

— Por favor, fale — Gael se envolveu.

— A sós — cortei suas asas.

— Podemos facilmente fingir que não estamos aqui — ele pressionou.

— Gael, sabe o limite? Você sempre o ultrapassa — reprovou Maisie com as mãos nos quadris.

— Acho que esse daí não tem um — acrescentou Lis rindo.

Ele soltou um “aaah” profundo e frustrado.

— Tess, quando sua irmã voltará para o Brasil? — Gael perguntou.
— Acho que a estadia dela aqui já foi longa demais. Com todo respeito, Sr. Araújo.

— Não se preocupe com isso. A Escócia a expulsará em breve, disse eu tenho certeza — o pai de Tess respondeu.

— Papai, de que lado você está? — A garota retrucou.

Tess me puxou pelo braço e alertou:

— Vamos, isso aí pode durar o dia todo.

A segui.



Tess

FIZ CHARLIE REPETIR UMAS TRÊS VEZES A INFORMAÇÃO, e ainda assim, eu custava acreditar.

— EU VOU ARRANCAR OS CABELOS DAQUELA QUENGA! — Anunciei. Ah, meu sangue quente não tinha a menor civilidade.

— O que vem a ser *quenga*? — Charlie indagou com inocência.

— Uma palavra cujo significado você não precisa saber. Mas isso não importa. EU VOU PEGAR AQUELES CABELOS LOIROS E V...

Ele segurou meu braço e não me deixou sair do quarto.

— Não, criatura selvagem, você não vai sair nos tapas com ninguém. Principalmente com uma mulher grávida.

— Ora, então eu espero ela parir.

Ele caçoou da minha ousadia.

— A senhorita é uma dama, porte-se feito uma. Eu já resolvi isso; vá tomar um banho de água fria para se acalmar.

— Eu não quero um banho. QUERO ARRANCAR OS OLHOS DAQUELA RAPARIGA!

— Tess! — Repreendeu.

— Tudo bem, eu deixo você escolher qual parte do corpo dela eu devo arrancar.

— Tess! — O fez novamente.

Eu o fitei colérica.

— Como pode estar tão calmo? Aquela — mordi a língua — *mulher* mentiu sobre a gravidez por meses. A acolhemos, a protegemos, e ela teve a indecência de nos enganar.

— Depois de tudo que me contaram nesse último ano, creio que nada me surpreenda mais.

— Está chateado pelo filho não ser seu?

— Sem sombra de dúvida, não. Cada coisa que eu conquistar na minha vida, eu quero que seja com você. As exceções me deixam feliz, mas não me satisfazem, e com isso eu quero dizer que ter um filho me deixaria realizado, mas não sendo com você, eu não estaria satisfeito.

— Não diga coisas bonitinhas para tentar me acalmar. Eu não sou uma doida varrida. — Me olhou de soslaio. Ratifiquei: — Não sou. Eu não ia bater nela de verdade, talvez a beliscasse, mas só um pouquinho. Não ia doer.

Cruzou os braços.

— O problema já foi resolvido — assegurou.

— Não imagino como.

— Com uma conversa, como dois adultos devem fazer.

— Então agora somos dois sujeitos civilizados que não agridem ninguém? Ainda bem que noite passada o senhor disciplinado não ameaçou dois seguranças e uma rainha, não é mesmo? — Provoquei. Ele retesou os lábios. — Podemos adotar um cachorro. Ou dois.

Ele içou as sobrancelhas.

— Bem, já que não teremos filhos nós podemos adotar um animalzinho — expliquei, e arranquei um autêntico sorriso dele.

De início achei que Charlie tinha se aproximado para me beijar, mas ele me ergueu em seu colo e disse com seriedade:

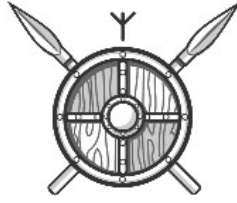
— Teremos tudo o que você quiser, *boireannaich*. Gatos, cachorros, aves, até animais selvagens, se a dama desejar. Mas se eles tiverem o mesmo temperamento que você... — deixou no ar.

— Ah, Charlie, eu sou calminha.

— A calma de um vendaval.

— Ainda bem que você adora uma bagunça — fomentei.

— Ainda bem, *gràdhach (querida)*. Ainda bem.



UMA SEMANA DEPOIS.

Era como se eu tivesse atravessado uma cortina do tempo: Guernsey era deslumbrante como Kerrera, mas não tão isolada. As amplas praias abrigadas do vento e baías estendiam-se ao longo de vários quilômetros, interrompidas apenas por rochas, com o granito a emprestar um tom ocre à paisagem. Havia moradores por lá, casas de luxo próximas à costa. E, sobretudo, a ilha era um ovo. Um ovo pequeno e, sem dúvida, muito caro.

— Você é o Lorde disso tudo. Consegue acreditar? — Perguntei abalada, assim que pisamos na ilha.

Charlie tentou fingir indiferença, só que era impossível. O mar tinha uma forte tonalidade de azul, semelhante ao azul-violeta. A cor da relva era esplendorosa e a praia de areia branca. Os campos verdejantes e um mar calmo e transparente: nada que se assemelhasse com as costas agrestes e rochosas. Um local que tinha muito mais de mediterrâneo do que de atlântico, e de um clima relativamente ameno, sobretudo quando comparado com o que acontecia nas terras gaulesas, como em Kerrera, por exemplo. Eu podia facilmente imaginar uma vida ali. Eram poucos lugares que me davam essa sensação de estar em casa.

— É uma migalha de terra anglo-normanda — menosprezou, em uma clara alusão às raízes históricas, com sua honra e orgulho inabaláveis. Mas era fato que todos aqueles que pisavam naquele solo estavam de acordo com a afirmação de que a ilha tinha um encanto especial.

Ajeitei o chapéu que me protegia do vento denso.

— Tem o tamanho perfeito — discordei. — Qual delas será a nossa casa?

— Pelo que o *chanceler* da rainha escreveu em sua última carta, creio eu que seja aquela de fachada esguia — recordou.

Cerca de dois dias atrás, Eddy nos escrevera para nos auxiliar sobre o próximo passo que deveríamos dar em relação a Guernsey. Nessa mesma carta ele nos contou sobre o imóvel que o novo Lorde recebera junto ao título. Foi uma surpresa maravilhosa, ainda que Charlie não aprovasse.

Atravessamos calmamente a pé o leito marinho, depois o interior do bosque de pinheiros, até a casa cinza e solitária.

— É uma mansão — enalteci. — *Putá merda*, é uma mansão mesmo!

— Você ia se casar com a *droga* de um príncipe. Ia morar em um palácio com adereços de ouro, como pode ainda se impressionar tão facilmente?

— Eu não sei. Por vezes não percebo que estou agindo feito uma boba — confessei, timidamente.

— Você fica uma graça ruborizada. Já te disse isso? — Assenti. — Eu apreciaria sua companhia em qualquer lugar. Não me importo se tudo isso é meu.

Saltitei até umas flores e arranquei uma amarela do caule.

— Permita-se ser feliz, meu Lorde — a entreguei a Charlie, que ainda se fazia de durão e indiferente à tudo aquilo. — Vamos, sorria.

Ele pegou a flor, mesmo com as duas mãos extremamente ocupadas.

— Se você saltitar mais uma vez, eu lhe prometo que o faço.

Ponderei sobre a proposta.

— Terei de passar pelo ridículo novamente?

Ele largou as malas no chão. Seus olhos brilhavam como um farol em meio ao oceano.

— A não ser que a madame tenha uma contraproposta.

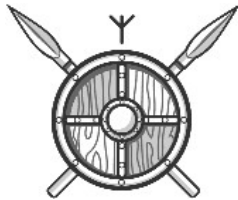
Instiguei em um tom de voz provocante:

— Bem, o que acha de avaliarmos o quarto dessa mansão?

Os ventos da manhã impeliram seus cabelos no rosto.

— Acho que em toda sua vida você nunca teve uma ideia tão excepcional, minha dama.

E para fazer o homem da minha vida sorrir, eu saltitei outra vez rumo à mansão. O som grave da sua risada atrás de mim era um encanto para meus ouvidos.



O cantarolar melodioso dos pássaros me despertaram cedo. Tentei me desvencilhar dos braços de Charlie que me envolviam feito uma concha. Ele me apertou com mais força ainda e eu percebi que ele também havia acordado.

— Aonde a madame pensa que vai? — Questionou, em um timbre aveludado.

— Meu pai e Lis disseram que viriam bem cedo nos visitar. E tem os outros também, não sabemos se a rainha cumpriu com a promessa de dar uma nova casa para todos eles.

— Ela cumpriu com sua palavra. Ah, meu Deus, se vistam! — Disse Lis ao entrar.

Me agarrei à coberta, ainda que estivesse de camisola.

— Lis! Como diabos você entrou aqui? — Questionei, enquanto Charlie, ao meu lado, só gargalhava da ousadia dela.

— A porta estava aberta, ué. E se você quer saber, quando papai e eu chegamos, os outros já estavam aqui revirando a geladeira de vocês.

— Outros?

— É. Maisie, Jailson, Gael... Esse povo todo.

— E tinha algo na geladeira? Estamos aqui há um dia, não tivemos tempo d...

— Acho que os empregados compraram, pois o café da manhã de Gael estava muito bem saturado.

— Empregados? Que raios de empregados? — Charlie indagou incrédulo.

Elisandra nos olhou de forma suspeita, tentando se decidir se estávamos zombando dela.

— Há quanto tempo estão dormindo? Ou esse povo todo da sua casa está trabalhando, ou roubando vocês. Acho melhor eu descer para verificar — ela gesticulou com o dedão. — Ah, antes que eu me esqueça. Papai e eu já escolhemos nosso quarto.

A doida saiu logo depois.

— Acho que eles ficarão com a gente por uns dias — falei, envergonhada, para Charlie.

— Eu não esperaria outra coisa da sua família — brincou. — E, além do mais, essa casa é enorme. Tem espaço para muita gente.

— Charlie, estamos sonhando? — Me sentei sob meus calcanhares. — Não estou acostumada com as coisas dando certo para nós dois.

Ele deu um beijo no topo da minha cabeça para me tranquilizar. Mas eu o conhecia bem o bastante para saber que ele mesmo não compartilhava da mesma felicidade.

— Tess, há algo que não contei para você. Estou surtando, mesmo tentando parecer tranquilo — Ele se retraiu imediatamente e aconteceu o mesmo comigo. Eu estava habituada àquele tom de voz, àquela respiração descompassada, algo ruim estava prestes a ser contado. — Lembra-se de todas as vezes em que eu lhe disse que Mary nunca dava algo sem pedir qualquer coisa em troca?

— Santo Deus. O que ela quer agora? — Perguntei inquieta, um pouco desgastada de tudo aquilo.

Quando Charlie e eu teríamos paz?

— Que eu mate uma pessoa para ela.

— Como é que é!? Não. Nem pensar. Nós vamos embora dessa casa agora mesmo e encontraremos uma forma de devolver seu título.

— Tess...

— Me ouça, Charlie, porque estou prestes a perder a cabeça e ir até aquela velha maldita e matá-la com minhas próprias mãos. Você é um bom homem, ela devia saber que jamais aceitaria fazer algo assim...

— Tess, eu aceitei — me cortou, e eu fiquei impressionada.

— Sem me consultar? Pensei que fôssemos um time.

— Desde o minuto em que te vi, eu comecei a pensar duas vezes sobre minhas decisões. Eu teria perdido a minha mente há muito tempo, se não fosse por você. Eu estava decidido a não aceitar trabalhar para ela nunca mais, mas então eu soube de algo que mudou minha decisão.

Ele se levantou e foi até o parapeito da janela, e então me contou tudo. Cada sílaba dita pela rainha naquela noite do leilão. Eu teria ficado menos surpresa se ele tivesse me dito que a pele da mulher trocou de cor, ficou rosa, roxa ou qualquer outra cor, do que as coisas que me revelou.

— Filha de camponeses? — Inquiri, incrédula. — Então ela é uma bastarda como você?!

Ele confirmou.

— Quantos outros segredos a rainha guarda?

— Ela me garantiu que esse era seu último.

Deitei a cabeça nas mãos e fechei os olhos.

— Charlie, eu não sei o que dizer. Ainda que eu odeie o que essa mulher fez com todos nós, ela não deixa de ser sua mãe, de ser alguém cuja vida foi um inferno.

Ele foi com o punho fechado na parede.

— A priori, eu tentei ser indiferente e deixar pra lá, mas não pude, Tess. Não apenas por tudo que ela passou, como também pelo país. Se a ex-esposa de Antony resolver ir à público com as coisas que sabe, teremos uma terceira guerra mundial. Estou certo disso.

Eu me levantei, fui até ele e o abracei por trás, deitando a cabeça em suas costas.

— Você é mais forte do que pensa ser.

— Você é a minha força, *boireannaich*. O seu amor é o que me faz voltar todos os dias para casa.

O apertei com mais força, retribuindo o afeto.

— Já sabe o que fará com a mulher? — Perguntei.

— Tentarei conversar, porém, se ela se aliou aos russos, como Mary sugeriu, acho que a conversa será inútil — disse, ao se virar.

— Irei com você — declarei e acrescentei: — e isso não está aberto à discussão.

— Isso está aberto à discussão, e você ficará bem aqui, nessa casa, com os outros.

— Veremos.

Charlie me segurou pelos cotovelos; os dedos estavam firmes, mas não machucavam.

— Ouça, criatura: eu trabalho com isso há anos, sei manusear uma arma de fogo e arma branca, sei lutar, falar russo e reagir em situações de risco. Agora diga, o que a madame sabe fazer?

— Sei correr — respondi e dei de ombros. — Correr é fundamental em uma situação de risco.

Ele tentou me levar a sério e não conseguiu. Acabou rindo.

— Você não irá e ponto final — decretou, após a gargalhada estridente.

Resolvi não respondê-lo, mas se Charlie pensava que eu iria ficar em casa enquanto ele corria risco por algo que eu tinha uma parcela de culpa, ele estava redondamente enganado. Eu ia coagi-lo, e se não fosse o suficiente, ora, então eu iria escondido.

— O seu nariz mexe quando você está tendo uma ideia estúpida, sabia disso? — Observou.

Toquei o nariz por reflexo. *Maldito traidor.*

— Irá compartilhar comigo essa sublime ideia ou já convenceu a si mesma que o melhor é descartá-la? — Ele continuou.

— Na verdade, estou pensando no quanto estou faminta. — Acaricieei a barriga, mergulhando de cabeça na mentira. — Devíamos nos juntar aos outros antes que Gael se alimente até dos móveis.

— Tess!

Dei as costas para ele feito uma garota desaforada e acaricie os braços. Meus pelos geralmente arrepiavam quando ele pronunciava meu nome naquele tom intransigente.



Escocês

“Caro Mikhailovich, soube através de fontes que a dama em questão está instalada em um hotel em Dindow. Se o senhor esperava por uma oportunidade para efetivar a incumbência, julgo enfaticamente que seja essa.

Seria de grande estima se o senhor agisse o quanto antes, visto que minha parte do acordado foi cumprida sem dilação.

O endereço se encontra no avesso da carta.

Cordialmente,

V.M”

Era a terceira carta da rainha em uma semana. Desde que eu aceitara encarar aquele serviço a mulher não me deixara em paz. Ela realmente tinha cumprido sua palavra sem delongas, meus amigos, vítimas da maldade de Ryld, ganharam um novo lar, Tess e eu tínhamos a casa dos sonhos e estávamos satisfeitos com ela. No entanto, por alguma razão, eu estava procrastinando com a minha parte da promessa. *Até hoje...* Eu iria acabar com aquilo e excluir Mary de uma vez da minha vida.

O plano eu arquitetara mentalmente há dias. Coisa rápida, sem muita bagunça. O mais custoso seria sair de casa sem acordar a criatura que repousava sua cabeça confortavelmente em meu braço adormecido. O puxei vagarosamente e ajeitei o travesseiro no lugar.

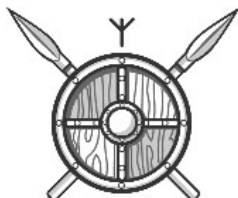
Me levantei de forma silenciosa, um movimento por vez, nada brusco. Tess tinha sono de passarinho, qualquer ruído provocava o efeito de um míssil e a despertava.

Calcei as botas, após substituir o pijama por outra roupa. Olhei a criatura uma última vez, antes sair do quarto. Sua respiração era profunda e pacífica.

Desci as escadas. Peguei o necessário para a viagem e deixei a casa.

— Que *merda* de lugar — falei comigo mesmo. A ilha era de uma beleza indiscutível, mas era cheia demais para o meu gosto. Havia mais casas do que árvores, mais mercearias do que plantações próprias. Tinha a agitação de uma cidade grande, não a calma que existia em Kerrera.

Entrei na porcaria do barco e deixei a ilha antes do sol nascer.



A observei de longe. Quando a mulher deixou o hotel já era de noite. Estava bem vestida, como se fosse para um encontro, vestido preto, bota até os joelhos e os cabelos cacheados presos em um coque alto. Eu a vira poucas vezes quando ainda era esposa de Antony. Uma dama bonita, graciosa e de andar confiante, mas hoje eu sabia de algo que mudava totalmente a forma que eu a enxergava. Ela era solitária. Tão solitária que vivia a vida dos outros, e não a própria.

Ela entrou em um restaurante italiano bastante sofisticado. Eu entrei logo depois. O ambiente de baixa iluminação e com mulheres vestidas semelhantes a ela me confundiu, e eu a perdi de vista.

— Me acompanhe. Reservei uma mesa para dois — alguém disse em meu ouvido. Uma voz feminina, madura e nada vulnerável.

Eu me virei, e ali estava a criatura com um sorriso vitorioso nos lábios.

— O que você está fazendo aqui!? — Perguntei, irritado.

A acompanhei até uma mesa discreta e nos sentamos.

— Bem, dias atrás você me perguntou em que eu era boa. Creio que agora eu tenha uma resposta mais adequada: eu sou boa em enganá-lo, meu caro.

Os olhos de canela em uma tonalidade quase laranja, partiram para o cardápio que nos foi entregue. Aquilo estava muito distante do que eu planejava, o desenrolar parecia transcorrer exatamente como Tess calculou.

— Está atrasado, Charlie Mikhailovich.

Finquei meus olhos nos dela assim que os ergueu para mim.

— De que está falando?

— Ela — Tess apontou com a cabeça para a ex-esposa de Antony em uma mesa logo atrás de nós. Precisei virar o pescoço para olhar — janta aqui toda quinta-feira, geralmente pede um espagete com almôndegas e um vinho seco para acompanhar. Está sempre muito bem vestida, talvez esteja paquerando algum dos solitários à mesa, eu realmente não sei muito sobre a vida amorosa dela...

— Tess, perguntarei novamente, o que você está fazendo aqui? — Inquiri de maneira lenta e severa.

— O mesmo que você: “salvando o Reino Unido”.

— Você nem gosta do Reino Unido — rebati, descontrolado.

— Tem razão, no entanto, eu amo um ogro que pertence ao país.

Apoiei os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

— Eu vou trucidar você. Tem ciência disso, eu espero — disse, com uma calma de arrepiar.

— Vamos primeiro determinar o que faremos com a jornalista, depois decidiremos quem trucidará quem, já que o escocês também me deu razões para isto — respondeu em uma entonação irritante.

— Como chegou aqui?

— Eu li todas as cartas que Mary lhe enviou, ainda que tentasse escondê-las de mim, e quando o tolo pensou que estava saindo no meio da madrugada sem me dizer, eu estava acordada e sabia que viria atrás da mulher. Então peguei um barco em seguida do seu e vim.

— E sobre ela jantar aqui todas as quintas?

— Hamish. Eu sei que você não queria envolver ninguém, mas a única forma de eu fazer parte disso, era estando um passo à frente de você. Ah, por favor, não vamos perder tempo com essa conversa. O que você quer jantar?

Respirei fundo.

— Eu não vim jantar, vim cumprir uma missão — sussurrei.

— Sim, só que não precisamos fazer isso com fome, né?

— Tess, eu preciso conversar com aquela mulher. Tenho que convencê-la a parar de chantagear Mary e não poderei fazer isso se ficar sentado aqui com você, ainda que me agrade.

— Ora, então vá.

A encarei um pouco mais, havia uma vela acesa dentro dos seus olhos. Os lábios vermelhos e entreabertos eram enlouquecedores.

— Tente não borrar seu batom. Eu quero ter a honra de fazer isso no final da noite.

Empurrei a cadeira e me levantei.

— Espere — ela segurou minha mão e não deixou eu me afastar. — Isso já aconteceu antes.

— Eu dizer que quero beijá-la? Tenho certeza de que pelo menos um milhão de vezes.

Tess balançou a cabeça rapidamente e várias vezes.

— Não. Não isso. Me refiro àquilo ali. — Me obrigou a seguir a direção dos seus olhos até a jornalista conversando com um homem bem vestido e de costas para mim. — Eu estive aqui na quinta-feira passada, analisando o território, e aconteceu exatamente essa cena. O senhor esbarrou na cadeira dela e sua mão entrou habilidosamente na bolsa.

— Acha que ele a roubou? — Perguntei. Mas ficou claro que essa ideia nunca se passou pela cabeça de Tess.

— Acho mais provável que ele tenha colocado algo na bolsa, não tirado.

Continuei observando à distância. Nada parecia incomum, até eu reconhecer os traços do sujeito de *smoking*.

— Isso começou a ficar interessante — balbuciei, perplexo.

— O *chanceler* da rainha — ela revelou, assim que compreendeu também. — O que acha que ele faz com a jornalista?

— Sinto que irei descobrir.

— Charlie — me segurou de novo quando me preparei para ir. — Como saberei que está em perigo?

Libertei minha mão para tocar-lhe o pequeno queixo com doçura.

— Não saberá, minha querida. Por que não aproveita o jantar, hã?

— Tá de brincadeira? — Era sempre muito espirituoso quando ela deixava escapar aquele tipo de comentário. Como se ela deixasse a Tess verdadeira assumir o comando por um momento. Ela se recompôs para dizer: — Apenas faça um sinal se as coisas estiverem indo ruim, está bem?

Fiz um sinal afirmativo com um balançar de cabeça e avancei até a mesa da jornalista com o *chanceler* de Mary.

— Há espaço para três? — Perguntei, e tive o imenso prazer de vê-los deslocados.

— Mikhailovich, o que faz aqui? — Eddy questionou, e, na tentativa de parecer inalterável na minha presença, ele esbarrou com o braço na taça de vinho da jornalista, e em poucos instantes a mesa ganhou uma cor mais quente. Um garçom apareceu prontamente para limpar, antes que a sujeira se espalhasse.

— Jantando. Eu gosto de comida italiana, não sabia? — Debochei e puxei uma cadeira para mim assim que o garçom desocupou a mesa.

O rosto do *chanceler* ficou cinzento, em uma tonalidade quase metálica.

— E o senhor, Eddy, estou curioso para saber o que faz jantando com a mulher que está ameaçando sua rainha? — Joguei o chumbo para qualquer um dos dois pegar. — Por falar nisso, você tem um novo nome, minha senhora?

— Júlia. Me chamo Júlia agora.

— Adorável — elogiei, mas não fui sincero. — Algum dos dois responderá a minha pergunta ou terei que questionar diretamente à vossa Majestade?

— N-não é o que você pensa, Mikhailovich — ele titubeou.

— E o que estou pensando, Eddy? Que você está vendendo informações sigilosas da sua rainha para a mulher que a está ameaçando? — Ridicularizei, para deixá-lo incomodado. — Não, Eddy, acho que você só esbarrou coincidentemente duas noites em Júlia e acidentalmente deixou cair algo na bolsa dela.

— Isso não é da sua conta — rebateu Júlia. — Ela o mandou para me matar?

— Calma, minha senhora. Não apresse as coisas. Eu ainda tenho algumas perguntas para o *chanceler* da rainha. Quero dizer, o senhor ainda é o *chanceler* dela ou estou enganado?

Os dois tentaram falar, mas não conseguiram começar a dizer.

— Vamos, eu quero saber o que está acontecendo aqui — falei em um timbre mais grave.

— Não é sobre dinheiro — Eddy deixou a timidez de lado e se inclinou para mim, temendo que outros ouvissem. — Mary é ilegítima, ela te....

— Claro que ela disse a ele. É por isso que o mandou — a jornalista o interrompeu.

— Vejo que Júlia te deixou a par dos acontecimentos — falei, afiado.

— Eu procurei por Eddy há poucas semanas para ser honesta com ele, já que sua rainha se recusa ser — ela explicou.

— Agora que nos certificamos que os três sabem dos segredos mais obscuros da rainha, podemos conversar abertamente. O que ganharão expondo-a? — Perguntei.

— Ela não é digna do trono — respondeu Júlia.

— Por que é uma bastarda? — Indaguei, sendo sarcástico.

— Não preciso me explicar para você — retrucou.

— Claro que precisa. Você está ameaçando expor minha vida também, e isso não me alegra nem um pouco.

Ela me olhou no fundo dos olhos.

— Dizer a verdade é o meu trabalho, Mikhailovich.

— Ainda que a verdade fira pessoas? — Refutei.

Júlia deu de ombros, ela realmente não se importava com os danos que aquilo podia causar.

— Eu sei alguns segredos sobre seus amigos escoceses. Gostaria de saber? — Tentou me extorquir.

— Prefiro que eles mesmos me contem seus segredos — recusei. Eu não me atingiria tão facilmente. Estava acostumado com aquele tipo de pessoa.

— Eu devia ter me livrado de você quando ainda era criança, assim pouparia essa escória que se tornou a monarquia britânica — expôs Eddy, dando a entender que aquelas palavras estavam entaladas na garganta. — Uma ilegítima no trono e um bastardo com título de Lorde. Isso é cúmulo do absurdo!

Fiquei surpreso, muito surpreso. Eu nunca tinha visto o velho expor tão abertamente seu ódio.

A guerra estava se consolidando lentamente.

— Acho que você perdeu a oportunidade, não? — Flauteei e cruzei as pernas relaxadamente. — Agora sou eu quem estou aqui para eliminar as escórias da sociedade e no momento — apontei com o dedo para provocar — vocês dois são essas escórias.

— Te direi o que acontecerá, Charlie Mikhailovich, você se aliará a nós ou eu darei um telefonema que colocará a vida de todos os seus amigos em risco. Por falar nisso, o que achou dos empregados russos que eu mandei para você e a brasileira?

A pulsação acelerada e o forte aperto no peito não me deixaram agir naturalmente. Desejei relancear os olhos até Tess para verificar se ela estava segura, mas fazer isso entregaria sua posição e a colocaria em perigo.

— Você não sabia que eram russos? Eles têm mesmo um inglês formidável — completou Eddy.

— Pensei que gostasse do seu país, Eddy. — Tentei ganhar tempo para pensar em como sairia daquela maldita situação. Levantar o homem pelo colarinho estava fora de questão, ao menos naquele restaurante refinado. Se eu conseguisse fazer com que os dois saíssem... Ah, por Odin, eu adoraria agredi-los. Eu faria Júlia se arrepender de ter ameaçado os meus.

— Eu amo meu país. É por isso que não posso permitir que essa mixórdia continue dentro do palácio.

— Se trata da pureza do sangue que corre nas veias? As realizações da rainha pelo país são irrelevantes já que ela não vem de uma linhagem

real?

— Sabe quantos reis eu já servi, Mikhailovich? São poucos nesse mundo que podem dizer que já presenciaram duas coroações — falou com o peito protraído de orgulho. — Respeito todas as infelicidades a que Mary foi submetida, mas ela não é merecedora da coroa e ela se recusa a renunciar. Não temos outra alternativa que não tornar público que ela é filha de camponeses.

Por Odin, por que eu estava prestes a defender a desgraçada que arruinou minha vida? Por que a traição do seu *chanceler* me incomodava tanto?

— Preferem matar a mim e a ela a permitir que tudo continue como está? — Perguntei em um tom alto. A voz soou feito uma sirene em uma cidade silenciosa.

Júlia e Eddy passaram os olhos pelas outras mesas, temerosos. Para minha sorte, Tess mudara de posição e se sentara de costas, tornando impossível que eles a reconhecessem somente pelos cabelos.

— Nunca ameaçamos matá-lo, Mikhailovich. Apenas achamos que o mais seguro para seus amigos seja você ficar afastado — falou Júlia.

Era preciso mudar o destino para o qual a conversa estava se encaminhando. Por um deslize, possibilitei que eles tomassem as rédeas e perdi o controle total. Fiz um sinal com a cabeça, para que o garçom se aproximasse e pedi por uma taça de vinho do mais profundo dourado-âmbar. Se era para ter uma conversa tão meritória, então que fosse com gosto de álcool na boca.

— Você pode provar tudo o que diz? — Perguntei a Júlia assim que fui servido pelo garçom.

— Meu Lorde, não sou amadora — a resposta foi mecânica. Provavelmente Eddy já tinha feito a mesma pergunta. — Tenho gravações de Antony sendo bem específico e generoso nos detalhes.

— Mas isso é irrisório — desprezei, tendo o deleite de enterrar sua dedicação debaixo da terra. — Ficou desaparecida por tantos anos e não conseguiu nada melhor?

Fúria, foi isso que ela demonstrou por um momento; já fazia um bom tempo desde que eu a vira sorrir gloriosa.

Beberiquei meu vinho, apreciando duas vezes mais lento o sabor, sem interromper aquela troca de olhares com Júlia.

— É o suficiente para pedirem uma investigação — falou, sem levantar a voz. Ela reencontrara o equilíbrio emocional.

— Diga-me, Júlia, você sempre admite a derrota tarde demais? — Fomentei, era como se eu tivesse me preparado para aquilo durante toda a minha vida.

— Eu acabarei com você. Farei com que todos saibam quem era seu pai de verdade, que saibam o que realmente aconteceu quando Tess ficou desaparecida, e antes de mais nada, contarei o que realmente aconteceu com Ryld! — Ela fez com que eu sentisse o som do seu hálito frio. — Eu acabarei com você, Mikhailovich. Garantirei que seu nome seja ouvido por muitos anos.

— Eu ficarei grato. Admito que adoro holofotes — abespinhei. O autocontrole tentava ficar acordado em algum lugar na minha mente.

Ela respondeu com uma erguida de sobrancelha.

— Diga, você está do nosso lado ou será do modo mais difícil? — impôs Eddy.



Tess

DESLIZEI POR ENTRE AS MESAS, na tentativa de não ser vista por nenhum dos três. Meu coração ribombava dentro de mim a cada passo. Eu nunca tinha feito nada parecido com aquilo, nunca havia matado alguém, só que para tudo tinha a primeira vez, certo? Eu conhecia de forma plena o homem com quem iria me casar: quando sua expressão o entregou, eu soube que estava em perigo e que eu tinha de agir antes que o pior acontecesse para nós.

Será fácil, dissera Hamish. *Não há como errar. Apenas certifique-se de que Charlie não beberá do mesmo vinho.*

O garçom escolhido para a tarefa tinha tudo o que Hamish pediu para eu encontrar: personalidade fácil de ser manipulada. Olhar de quem faria o pedido sem querer detalhes.

Me adiantei até ele em um ângulo que fosse possível ver Charlie e os outros dois sem ser vista.

— Está vendo aqueles três ali? — Perguntei ao garçom. — Eles acabaram de perder um amigo importante e as coisas não têm sido fáceis. — Esperei ele absorver a informação. — Será que você poderia entregar essa garrafa de vinho e dizer que é um presente do próprio restaurante?

O sujeito encarou a garrafa em minha mão.

— Esse vinho é do próprio restaurante? — Ele questionou, em dúvida.

— Oh, mas é claro. — Era verdade. — O comprei faz alguns minutos e estou receosa em ir entregar. Sabe, acho que minha presença atrapalharia o luto, já que eu não era tão próxima do falecido.

O suor frio escorreu por minha espinha. Eu odiava mentir. Odiava manipular. O garçom apresentou indecisão nos olhos. Foi preciso jogar minha carta final para convencê-lo:

— Você receberá por isso. — Mostrei as notas a ele.

Quando ele finalmente aceitou o trabalho sujo, recolheu a garrafa da minha mão.

— Senhorita — chamou, assim que planejei me afastar —, o que devo dizer?

— Diga apenas que eles são os afortunados da noite.

Ele anuiu e foi de encontro à mesa. Usei o balcão para me escorar e as palmeiras para me esconder.

O garçom serviu as taças como de tradição. Os três ficaram surpresos, no entanto, não recusaram; a conversa parecia ser muito mais intrigante que receber um presente inesperado.

— Feito — disse o garçom ao retornar. Entreguei suas notas e agradei.

O nervosismo me levou a atormentar a pobre palmeira e arrancar suas folhas. *Charlie não pode beber. Se ele for com a mão à taça eu terei que intervir.* Minha pressão arterial estava instável, ora elevada, ora quase parada. A liberação de adrenalina deixou meus pés frios e suados, a boca seca, uma terrível sensação de fraqueza, e falta de ar, e náusea, e... Charlie bateu a mão na mesa em fúria. As leves taças dançaram.

Vai dar merda. Santo Deus, vai dar muita merda.

Eddy segurou a taça, só que não a levou à boca. A jornalista, por sua vez, aparentava não ter a menor pressa em molhar a garganta. Eu podia somente esperar, porém, a ansiedade em acabar com aquilo o mais depressa possível me fez ter a terrível ideia de aumentar a temperatura do restaurante. Quanto mais quente, maior a sede, não?

O ar-condicionado. Procurei o objeto pelas paredes e encontrei dois. Um era praticamente inacessível, já que as mesas ao redor estavam ocupadas. O outro, bem pertinho da porta de saída. *Como diabos mexerei nisso?*

Seria loucura de um nível que eu não ultrapassaria puxar uma cadeira e subir nela sem qualquer motivo, sem contar que chamaria atenção indesejada. No entanto, a taça de vinho da jornalista permanecia intocada e Eddy até largara a sua. Eu tinha que agir mais uma vez. Ter algum plano.

Ah, cacete. Que ideia idiota.

Escolhi o ar-condicionado que eu dissera ser inacessível. Puxei uma cadeira entre as mesas, ergui o vestido longo e subi na desgraçada.

Qual a necessidade de me sujeitar àquele tipo de vergonha?

— Podemos ajudá-la? — Perguntou o senhor que eu grosseiramente atrapalhara o jantar com quem eu suspeitara ser sua esposa.

Limitei-me a encará-lo com um olhar direto.

— Uma barata. Eu vi uma barata. — Feito uma atriz, tentei demonstrar pavor, mas o pior de tudo era que eu sequer sabia se os escoceses tinham o inseto asqueroso em suas terras. Pelo amor de Deus, eu não tinha feito uma pesquisa sobre os bichos quando decidi me mudar para o Reino Unido.

— Barata? — A loira enxerida da mesa vizinha perguntou e sua colega de jantar também esperou ansiosa pela resposta. Em meio minuto, os que estavam ao redor procuravam o inseto pelo chão, embaixo de suas mesas, até mesmo em cima delas. Algumas mulheres subiram na cadeira assim como eu, e o escândalo que eu tentara evitar, bem... Eu estava por um triz de ferrar com tudo.

É notório que a merda já está feita, querida. Aproveitei a deixa e mexi no ar-condicionado, aumentando a potência do calor, na esperança de que ninguém estivesse me observando. Se estava em 30 graus, eu mudara para 80. Eu realmente não tinha ideia do que estava fazendo, apenas cliquei no “+” um bocado de vezes.

Desci da cadeira e foi fácil fingir que nada aconteceu.

— Senhorita, senhorita — alguém me chamou. Era um homem de terno, talvez o gerente do estabelecimento —, perdoe-me incomodá-la, mas você disse que viu uma barata?

Pigarreei e confirmei com a cabeça, incapaz de falar em palavras.

— Mas isso é impossível.

Droga, não existe barata na Escócia?

— Ora, foi o que vi. Talvez fosse um besouro. Eu fiquei horrorizada e saí correndo — disse, um tanto bruscamente.

Sabe o inferno, Tess? Já faça sua mala para ir pra lá.

— Pedimos desculpa pelo transtorno. De que forma podemos recompensá-la? Temos um excelente espaguete em nos...

Chacoalhei as mãos afobada. Minhas bochechas estavam pegando fogo.

— Não precisa, por favor — respondi, a voz vacilante e desajeitada. O ambiente ficara duas vezes mais quente, os homens sentados começavam a tirar o *smoking* e as mulheres a trocarem a perna cruzada.

— Madame, pedimos que nos permita amenizar esse infortúnio — ele insistiu.

Limpei o suor da testa de forma decorosa para não chamar a atenção do gerente. Se ele mudasse a direção do seu olhar até o ar-condicionado, toda minha humilhação seria em vão.

Cheguei o pescoço para frente, arriscando uma olhadela na mesa dos três. O ângulo não me permitia vê-los.

— Era só um inseto. Está tudo bem — dei uma réplica mordaz. — Eu tenho que ir. — Aproveitei seu único minuto calado e me despedi.

Voltei para minhas amigas palmeiras, o local perfeito para espionar Charlie e os... *Ah. Não. Não. Cadê aqueles três?*

Meus lábios tremeram, e então mordi o inferior.

Apressei os olhos até a mesa e encontrei as taças. Duas vazias e uma inalterada.

A questão era: qual dos três não bebera o vinho batizado?



Escocês

— **ONDE É QUE VOCÊ SE METEU?** Estou há dez minutos te procurando. — Afundei os dedos em seus ombros.

— Você precisa vomitar — arfou.

— Como disse?

Ela estreitou os olhos e me encarou com uma perigosa intensidade.

— O vinho que eu mandei entregar na mesa de vocês. Você bebeu?
— As palavras saíram embaralhadas e confusas.

— Foi você quem o mandou? Que gentil da sua parte — zombei, mas ela não riu. Franzi os lábios numa expressão contrariada. — *Diabhal*, que raios você fez!?

— Hamish usou as sementes de mamona para fazer um veneno, eu o trouxe e misturei com o vinho que mandei entregar para vocês.

— Você ficou doida!? — Explodi.

— Charlie, me diga que você não bebeu — pediu, a voz profunda.

— Não. Eu não bebi — assegurei. — Mas podia ter bebido. Aquele restaurante é bem abafado.

Ela danou-se a gargalhar até lágrimas saltarem dos seus olhos. Era como se risse de felicidade e alívio ao mesmo tempo. Eu a amava do jeito que falava até o jeito que se movia.

— De que está rindo? — Questionei, oferecendo-lhe um sorriso enviesado.

— Eu... no... condicionado... barata... — falou ininteligível. Havia mais risos que palavras em sua frase, então resolvi deixar *pra* lá.

— Você é uma doida. — Rir da sua risada era algo que eu não abria mão. Ela me libertava no modo como sorria, como uma sensação de lar. — O que você se dispôs a fazer é muito grave.

— Eu precisei agir quando vi que precisava de ajuda — disse e enxugou o canto dos olhos.

— O que a fez pensar que eu precisava de ajuda? — Indaguei, sendo incapaz de descobrir só.

Ela formou um peculiar bico com os lábios.

— Tudo. Principalmente os tapas que a mesa levou de você.

— Eu não queria que você tivesse se metido nisso, Tess — disse sério. — Você pode ir presa. — A segurei para que parasse de andar.

— Por você valeu a pena passar do limite.

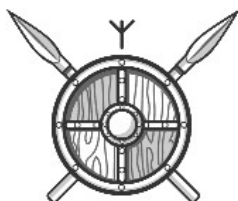
Me desfiz da preocupação e da raiva apenas para tocar seu rosto e depois seus cabelos que balançavam aos ventos da noite, e pude celebrar a lua brilhando em seus olhos.

— Se você cair, eu vou cair com você, mas deixá-la fora de perigo é meu principal objetivo.

— Charlie — ela tocou meu rosto igualmente —, nós já caímos há muito tempo. O que estamos fazendo agora é lutando durante a queda.

— Como raios nós fomos terminar desse jeito?

— Quando o mundo arrancou o melhor que existia em nós — ecoou.



— Por que está andando como se estivesse em um campo minado?
— Ela perguntou, no meio do caminho, às luzes da cidade.

— Por que estou em um. Apenas fique atrás de mim — respondi, poupando detalhes.

O prédio em que a jornalista se hospedara ficava logo à frente.

— Charlie, o que estamos fazendo aqui?

Suspirei. Ela nunca aceitava ficar no escuro.

— Júlia, a jornalista, disse ter uma gravação de quando Antony compartilhou o segredo da rainha. Quero encontrar esse gravador.

— Você quer pegá-lo para Mary?

— Não necessariamente. Depois eu explico melhor — prometi.

— Tudo bem, mas como iremos entrar aí?

A presei com meu corpo em um pinheiro e encostei minha testa na sua para obrigá-la a olhar unicamente em meus olhos.

— Você ficará aqui dessa vez, está me entendendo? Tess, me prometa que não dará um passo sequer ou eu a amarrarei à essa árvore sem dó nem piedade — disse em um timbre grave e sem piscar.

— Eu ficarei aqui — sua voz falhou, entregando sua mentira.

— Você não tentará dar uma de espertinha. Tess, eu juro pelos meus deuses e pelo seu que se você sair daqui...

— Não sairei. Juro pelo meu Deus e pelo seu — garantiu, mas eu não conseguia acreditar e ela era a principal culpada disso. — Mas se você gritar, se eu suspeitar que estão ferindo você, eu quebrarei essa promessa e todas que eu tenha feito durante minha existência.

A beijei com mais raiva que amor. Eu sabia que Tess só estava fazendo por mim nada menos do que eu faria por ela, contudo, pensar que ela era uma cabeça dura que se arriscava sem pensar nas consequências me deixava maluco. Se o prédio estivesse em chamas, ela pensaria em como entrar sem ser incendiada ao invés de pensar em como apagar o fogo.

— Quietinha aqui — sussurrei novamente, e antes de me afastar, arranquei seu grampo de cabelo. — Depois o devolvo.

Não era certo que Júlia voltara para seu quarto de hotel. Não tinha informação alguma sobre seu paradeiro. Porém, quando vi o quão descomplicado foi entrar no edifício sem ser barrado, deixei de me preocupar com a mulher. Subi até o terceiro andar e coloquei em prática minha experiência em abrir uma porta com grampo de cabelo. A fechadura era comum e frágil.

Encontrei um quarto de organização impecável, e comecei a vistoria pelos objetos ao constatar que a jornalista não retornara. Abri suas malas, procurei entre as roupas, *nécessaires*, no banheiro, armário, em cada lugar que coubesse um gravador pequeno, até nos mais improváveis.

Nada.

Eu não desistiria na primeira tentativa fracassada. Eu subestimara Júlia ao procurar em lugares óbvios. O primeiro passo para fazer dar certo, era ser tão inteligente quanto ela.

Ergui o colchão, arranquei as fronhas dos travesseiros e tirei as gavetas dos armários. *Nada*. A frustração me fez sentar no chão, de frente para sapatos muito bem alinhados. *Espera. Júlia é uma mulher caprichada ao que pude constatar, por que ela deixaria as botas longe dos outros calçados se não fosse mais importante que qualquer outro?*

Fui até o calçado. Sacudi o direito, mas foi o esquerdo que me deu o objeto.

Apertei o *play* no gravador, um minuto de quietude até que a voz de Antony perfurasse o silêncio da noite.

Organizei tudo da forma que encontrei para poder sair sem deixar suspeitas, mas assim que segurei na maçaneta e abri a porta, ela entrou e foi direto para o chão.

— QUE *PORRA* ESTÁ FAZENDO AQUI, TESS!?



Tess

EU FICARIA QUIETINHA FEITO UMA ESTÁTUA COMO CHARLIE PEDIU, eu podia fazer isso. Era só respirar fundo e me distrair com outras coisas, como o céu, por exemplo, apesar das nuvens escuras, quase pretas, estava estrelado e com uma lua cheia. Eu podia contar as estrelas, ou procurar a Úrsa maior. *E você entende alguma coisa de constelações, Tess?*

Cruzei os braços e me escorei na árvore. Ouvi a barriga roncar, pois eu tive a infelicidade de sair do restaurante com uma fome avassaladora. Bocejei. Roí as unhas e nada do escocês retornar.

Pode ter dado merda. Disse meu estado de alerta. *Confie nele, ele sabe o que está fazendo.* Contrariou a prudência, enfatizando sua opinião com um resfolegar desdenhoso.

A grande calamidade que me fez jogar a prudência no cantinho do meu cérebro, foi quando vi a mulher. A maldita jornalista desembarcara do táxi. Hamish dissera que o veneno demoraria a fazer efeito, e que dependendo da quantidade, podia levar dias, então eu não devia estar tão surpresa por ver a mulher desfilar saudável pelas ruas. No entanto, eu fiquei muito surpresa. Ela procurou algo em sua bolsa, seguindo em direção ao prédio.

Charlie. Ah, mas que droga!

Eu era muito ruim de pontaria, mas quando se tratava de lançar pedras, eu podia dizer que era a melhor. Ela tocou a parte posterior da sua cabeça quando recebeu o baque, o que eu não esperava era que a mulher despencasse no chão.

MEU DEUS. Eu a matei? Quer dizer. Eu a envenenei e contava com sua morte, só que uma pedra? Como diabos a desmaiei com uma pedra?

Olhei para os dois lados da rua, antes de atravessar correndo. Eu tinha que encontrar Charlie antes que alguém chamasse a polícia ou só Deus sabe quem.

Entrei no saguão do hotel e passei pela recepcionista devagar, eu podia fingir ser uma hóspede. A cumprimentei de forma educada e assim

que saí do seu ponto de vista, corri escada acima até o terceiro andar, como Mary mencionara em uma das cartas a Charlie. A questão era que eu não me lembrava o número do quarto em que a jornalista se hospedara, não tinha nem mesmo uma nuvenzinha de lembrança.

Tudo bem, é fácil. Eu ouvirei através das portas e o quarto que estiver mais silencioso, eu entrarei.

Coloquei a ideia em prática. Crianças barulhentas no 26, gente discutindo no 27, barulho de talher no 29, ronco no 30. Me inclinei no 31, o ruído baixinho parecia coisa da minha cabeça. Me espremi ainda mais contra a porta, a ponto de comprimir a orelha e fazê-la arder.

Eu não esperava que a porta fosse aberta naquele momento, então, quando aconteceu, o desequilíbrio me levou direto para o chão aos berros.

Tanto Charlie, quanto eu, esquecemos que havíamos invadido aquele quarto e gritamos um com o outro como nunca. Os olhos dele luziram de raiva.

— QUE *PORRA* ESTÁ FAZENDO AQUI, TESS!?

Ainda esparramada no chão, o respondi:

— Eu a matei. A matei com uma pedra.

— O que disse?

Me levantei e esfreguei as mãos nas coxas. Elas ardiam devido a pancada.

— A jornalista ia entrar no hotel quando arremessei uma pedra na cabeça dela. E-ela... ela caiu no chão. Não sei o que aconteceu.

— Você jogou uma pedra ou um tijolo? — Eu não sabia se tinha sido uma indagação ou uma piada.

— Foi uma pedra, Charlie. Uma pedra pequena — retruquei.

Meus dentes batiam em uma crise nervosa convulsiva. Ao perceber, ele passou as mãos em meus braços para me acalmar.

— Tess, eu tenho poucas certezas nessa vida, e uma delas é que você não matou aquela mulher com uma pedra. Não com uma pedra pequena. — Me fitou com cisma para garantir que eu não mentia.

— Foi uma pedra pequena, já disse!

— Tudo bem. Eu acredito em você — deixou escapar uma risada.

— E-então o q-que aconteceu? Por que ela caiu dura no chão? — Gaguejei, sem controle.

— Acho que o veneno já começou a fazer efeito.

— Tão rápido?

Ele tocou em minhas costas para me conduzir para fora do quarto.

— Ela ingeriu em grande quantidade. Ela passará mal antes de morrer, provavelmente o desmaio tenha sido um dos sintomas.

Fiquei enjoada ao me dar conta do que fiz, e foi impossível continuar andando com a coluna ereta. *Eu matei. Eu realmente matei alguém.*

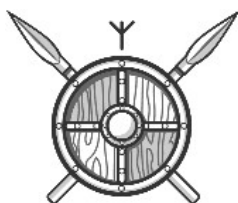
— Charlie, ela era uma má pessoa?

Ele desceu dois degraus antes de considerar responder.

— Os empregados em nossa casa são russos que Eddy e Júlia contrataram para assassinar sua família e meus amigos caso eu ficasse no caminho deles — ele voltou o rosto para mim. — Isso responde sua pergunta?

— Russos? — Devassei em choque e petrifiquei.

— Sim, mas não preocupe. Já sei como resolverei isso — atestou e correu escada abaixo. — Seja rápida. Não podemos ser vistos aqui — e agarrou minha mão para sairmos feito os fugitivos que éramos.

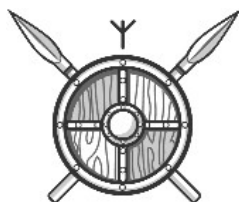


Vossa Majestade, venho por esse meio lhe assegurar que o inconveniente foi solucionado. Por outro lado, trago também péssimas notícias, as quais opto por não redigir nessa carta.

Seria de grande deferência se minha rainha se predispor-se a vir em minha morada para tratarmos de assuntos de maior destaque.

Atenciosamente,

C.M.



— Se vocês querem transar não tem problema, seja na sala, no banheiro, na cozinha, em qualquer *droga* de lugar. É só me avisar que eu saio, não precisa me despachar da sua casa — replicou Lis, segurando a porta com o pé.

— Não estamos expulsando vocês. Tenha bondade Elisandra, o faço por sua segurança e a do papai.

Forcei a porta para fechá-la, só que minha irmã sabia ser persistente.

— E por que considera que estejamos em perigo? — E levou uma mão à boca que abrira em um “o” assustado. — A casa está em ruínas?

Revirei os olhos com implicância.

— A casa está ótima, não há qualquer rachadura. Eu lhe garanto. Nós receberemos uma visita da rainha e precisaremos estar a sós — expliquei. Era uma pequena parcela da verdade, eu ocultara o fato de termos assassinos servindo-nos o jantar e todas as outras refeições.

— Pretendem matá-la?

— Elisandra, vá agora mesmo ou chamarei Gael para levá-la daqui — ameacei. Ela e Gael se bicavam o tempo inteiro, nada a deixaria mais impotente do que ameaçar convocá-lo para lidar com ela.

Assim que Lis bobeou, forcei a porta até fechá-la.

— Onde nós iremos nos hospedar? — Ela gritou do lado de fora.

— Na casa dos escoceses — respondi no mesmo tom.

Ela disparou todas as palavras baixas conhecidas em nossa língua.

— Téci, eu não sobreviverei morando com aquele cabeludo exibido! — Resmungou com indelicadeza.

Ri da sua desgraça porque eu já estivera em seu lugar. Não fazia muito tempo desde que eu pensara o mesmo de Charlie. Eu o odiei com

toda minha força e agora era capaz de morrer por ele. O amor era mesmo irônico e surgia nos corações mais improváveis.

Elisandra suplicou por mais dez minutos antes de eu ouvir papai arrancá-la da minha porta como se ela fosse uma criança.

— Pensei que demandaria mais uma hora — ele ironizou.

Eu amava como seu corpo se movia ao longo da escada em minha direção.

— Meu pai veio buscá-la — confessei.

Charlie não era o homem mais lindo do universo, mas ele, sem dúvida alguma, ocupava o lugar entre os primeiros. Quando ele estava com a barba feita, os cabelos de petróleo penteados e aquele olhar de homem decidido, era de me fazer cair de joelhos. E para terminar de me transformar em uma libertina de mente muito fértil, naquela manhã ardente, o escocês fizera questão de esquecer a camiseta dentro do guarda roupa e exibir o peitoral bronzeado feito o sol poente pela casa.

Se eu não estivesse com a casa recheada de russos perigosos e aguardando a visita indesejada da rainha, eu lamperia deliciosamente aqueles gominhos e suas cicatrizes.

— O que está olhando? — Ele questionou ao me flagrar com um semblante de depravada.

— Acha seguro ficar desfilando tão exposto por aí?

Crispou os olhos.

— Os russos não sabem o que fizemos com aqueles dois, não estamos em perigo, por enquanto — informou.

— Não é com eles que você devia se preocupar — e lambi o lábio inferior, obscena.

Sua expressão foi de preocupado para devasso em segundos.

— Tenho um ávido interesse em saber os riscos que corro — devolveu. — E, se possível, descreva suavemente.

— Ora, você corre um risco muito grande de adoecer.

— Que descuido o meu, não? — Ele me estendeu a mão. — Gostaria de me acompanhar até o quarto para me ajudar a resolver esse nosso problema?

Fiquei tentada a aceitar o convite.

— Estamos esperando visita, Charlie. Por favor, fique onde você está. Não chegue mais perto — falei rápida, quando o vi mover os pés.

Ele me puxou e segurou forte, me deixando entrar em sua órbita, em seu coração e sua alma.

— Mas eu a quero. Eu quero cada pedaço de você, mais do que quero qualquer coisa. Você me deu algo que eu não consigo viver sem.

Ofegante, perguntei:

— O que?

— Sua boca. Seus beijos. Você faz eu me sentir de uma maneira que nunca me senti antes. Eu me envergonho por não me arrepender das coisas que fiz para que você fosse minha. Desde o momento em que nos conhecemos não houve dúvida na minha mente de que eu imploraria um milhão de anos para tê-la. Eu passaria fome, me ajoelharia por toda Escócia, mergulharia em um mar revoltado, para fazer você sentir o meu amor. Não há nada que eu não faria por você, *boireannaich*.

— Charlie... Eu não sei nem o que dizer — falei, sem fôlego, sentindo meu coração iluminado.

— Se isso é amor nos seus olhos, é mais que o suficiente.

E me beijou. Havia muito amor em meus olhos, apesar da boca vazia. As palavras não me saiam direito quando ele estava bem na minha frente.

Havia algo novo dentro do meu coração e chorava como uma criança. Era a esperança, eu sabia.



— O que há de tão urgente que me fez vir até aqui? — Ela questionou.

— Não esperava que eu fosse até Londres quando o assunto é mais do seu interesse do que do meu, certo, Majestade? — Charlie devolveu.

Ela mudou a direção do olhar até mim.

— E o que ela faz aqui? Eu o alertei que sua missão era algo particular.

Charlie pegou minha mão em um momento de glória, quando meus pedaços estavam prestes a virar pó.

— Majestade, a senhora devia agradecer de joelhos o que minha noiva fez por você. A senhora sabe que sou um homem de um orgulho incorrigível, mas reconheço que essa mulher possui duas vezes a nossa inteligência — ele falou. — Nós descobrimos que seu *chanceler* se aliou à jornalista. O flagramos com ela durante um jantar.

— Desgraçado. Meus instintos sempre me alertaram sobre a índole dele — confessou, com uma aparência vítrea. — Mas não entendo, qual a relação disso com ela? — Se referiu a mim.

— Bem, digamos que durante o jantar eu fiquei encurralado. Júlia queria que eu me aliasse a eles para trair vossa Majestade ou eles dariam ordem para os russos que estão em minha casa assassinar meus amigos. Como eles não me deixaram sair sem uma aliança, eu tive de afirmar que me uniria a eles. — Ela o olhou especulativa. — Nesse meio tempo, uma garrafa de vinho foi servida à nossa mesa. Um vinho que mais tarde descobri ter sido enviado por Tess e que estava com um veneno altamente poderoso. O que quero dizer com isso, minha rainha, é que a missão foi cumprida por minha noiva, não por mim.

Minha mão tremeu. Mary olhou firme para mim e anuiu em forma de agradecimento.

— Quanto tempo eles têm de vida? — Ela quis saber.

— Depende da quantidade ingerida. — Charlie respondeu.

— Preciso de uma resposta melhor — Mary pediu, em um som que demonstrava bastante irritação.

Como eu era a única que sabia a quantidade de veneno que foi colocada no vinho, Charlie deixou que eu respondesse.

— Eu daria não mais que dois dias para cada um.

Mary acenou com a cabeça pela segunda vez. Ela parecia extremamente abalada, eu diria que era devido a traição de Eddy. Não

devia ser fácil ouvir que a pessoa que você mais confiava, a apunhalou pelas costas.

— Srta. Araújo, de que forma eu posso agradecer por seu serviço?
— Ela mudou de assunto.

Segurei a mão de Charlie com mais firmeza.

— Quero que prometa que nunca mais mandará Charlie para outra missão. Quero que não volte a nos incomodar. Quero que nos deixe viver em paz! — Pedi, sem energia para disfarçar a exaustão na voz.

Ela volteou os olhos dissimulados para Charlie, talvez na esperança de que ele não concordasse com o pedido. Ao contrário de mim, a mulher sem escrúpulos certamente queria que Charlie continuasse a servindo, afinal, ele era um homem altamente qualificado e fiel.

— A ouviu, Majestade. Atenda ao pedido de Tess — Charlie a fulminou.

Ela engoliu em seco e não ergueu as pálpebras para nós ao dizer:

— Vocês têm a minha palavra. — Disse, com uma brandura estudada, e se levantou. — Creio que acabamos por aqui.

Nos levantamos juntos.

— Não tão cedo, Majestade. — Charlie divergiu, conciso. — Tenho russos em minha casa que podem se irritar facilmente, e só Odin sabe o que são capazes de fazer. Dê um jeito nisso.

— Mikhailovich, acredito que o senhor possa facilmente resolver seu problema — respondeu com insolência.

— Nem me ocorreu até você apontar — fez gracejo com o assunto. — Mas prefiro não ter a mira de russos em minhas costas. Além do mais, nós temos um novo acordo, a partir de agora.

A mulher olhou para ele com surpresa, como se aquilo fosse um jogo de xadrez em que Charlie dera um xeque-mate inesperado. Ele deu três passos em sua direção e quando ficaram muito próximos, ele declarou:

— Você vai resolver essa situação dos russos para mim, porque agora, minha rainha, é você quem está em minhas mãos. Eu fui seu fantoche durante anos, você jogou comigo, brincou com a vida dos que eu amava, mas agora sou eu quem estou no controle. Você dará um jeito nos russos e também dará uma casa para cada um que Ryld destruiu ao

incendiar Kerrera, e não me refiro apenas aos meus amigos. Me refiro à todos aqueles que estão desaparecidos pela Escócia.

Depois de ter presenciado o esbranquiçar dos seus lábios e a tremedeira das suas mãos, em um timbre calmo, ela perguntou:

— O que eu ganho o ajudando, Mikhailovich?

Charlie chegou seu corpo mais para frente, oferecendo-lhe um risinho desdenhoso.

— Eu entregarei a você a única prova que Júlia tinha contra nós. O gravador.

— Nós o pegamos porque não confiamos em você — completei, de forma bastante sarcástica.

Ela inspirou e expirou profundamente, então estendeu sua mão enrugada para que Charlie a tocasse para selar o acordo, aceitando finalmente a derrota.

— Acho que isso é um adeus, Mikhailovich — ela disse, no fim.

— Não tenha dúvida de que é — ele garantiu.

— Eu realmente espero que encontrem a felicidade que tanto procuram — Mary acrescentou.

— Encontraremos assim que você sair de nossas vidas — rebati, pelo que parecia ser a centésima vez. E, pela primeira vez, tive o prazer de ser a última a dar a palavra.

Charlie a acompanhou até a saída. Menos de uma hora depois, os seguranças que Mary enviara chegaram na ilha para levar os três russos infiltrados. O que ela faria com eles era um mistério para mim e para Charlie. Tudo o que queríamos era viver em paz, sem aquela loucura toda em que fomos envolvidos por, de certa forma, culpa da rainha.

— Se você quiser, Noah, eu faço 90% do serviço para você — Charlie não se conteve ao ver o inglês orquestrando a invasão durante vinte minutos. — Eu amarro as mãos e as pernas e você só os leva daqui.

— Não pense que eu não daria um tiro na sua cabeça só porque agora você é um Lorde! — O outro rosnou.

— Você estaria morto antes de conseguir alcançar sua arma, meu caro — Charlie acusou.

Olhei enviesado para Noah, as veias saltavam na testa cerrada e os punhos pareciam prontos para irem no maxilar de Charlie. Era visível que ele odiava o escocês e que o mataria sem ponderar.

— Por que você não leva sua cadela daqui antes que eu o faça comer areia!? — Noah ameaçou. Foi o bastante para Charlie fechar o semblante, perder a cabeça e deixar a cólera agir.

— O que você disse? — Ele se aproximou do inglês e perguntou em tom grave.

Os lábios de Noah se curvaram em um sorriso audacioso. Eu tentei dizer para Charlie deixar para lá e não cair nas provocações do *idiota*, mas ele não me ouviu. Era outro *idiota*!

— O que foi? Não gosta que eu ofenda sua *puta*?

O que aconteceu foi coisa de segundos. Deu para sentir a dor do golpe através do estalido. Charlie socou primeiro a mandíbula, depois o nariz.

Dei um grito entrecortado. Nenhum dos dois pareceu ouvir.

— Retire o que você disse ou eu juro que será a última vez que você respirará! — Ele ameaçou, agarrado ao pescoço do sujeito.

— Qual é, não se ofenda. Basta olhar para ela e você... — O inglês tentou provocar uma terceira vez, sem se importar com os dentes cobertos de sangue e o nariz escorrendo igualmente, no entanto, Charlie e seus murros eram muito mais eficazes quando se tratava de humilhações eficazes.

O inglês rodou atordoado antes de desfalecer na areia branca.



Escocês

ALGO EM MIM SE TRANSFORMAVA drasticamente quando Tess estava em perigo ou pelo simples fato de alguém que eu odiava fazer uma mera menção de seu nome. Então, quando Noah atreveu-se a insultá-la, nada no universo seria capaz de impedir o murro em sua mandíbula. Eu só pararia depois de ouvi-lo suplicar, bom, talvez nem isso.

Ele devolveu o golpe em meu nariz. Eu o retribui com um no queixo. Quando já estávamos rolando no chão feito garotos imaturos, meus amigos irromperam para intervir.

— O que está fazendo? Ficou doido? — Gael me arrancou de cima do homem e segurou meus braços para me impedir de matar o *filho da puta* inglês.

Ah, e eu o mataria.

— Eu farei você se arrepender por ter nascido! — Gritei para Noah ainda caído no chão. — Está me ouvindo? Seu *merda* inglês.

— O que diabos deu em você? Vai tentar matar todo mundo que me ofender!? — Tess questionou ao entrar na minha frente.

— Vou! — Respondi furioso e ela me aniquilou pelo olhar. Me chacoalhei. — Já pode soltar meus braços, Gael.

— Só quando você se acalmar — me respondeu.

— Ah, pelos deuses, já estou calmo — disse, bastante cínico.

Tess colocou as mãos nos quadris e parou os olhos no meu nariz ensanguentado.

— Eu devia terminar o trabalho do inglês para ver se assim você aprende! — Grunhiu, mordaz.

— Então a culpa é minha!? — Questionei, ofendido. Eu acabara de brigar por sua honra e tinha de ouvi-la reclamar. Mulheres e suas injúrias.

— Você chamou o sujeito de incompetente — lembrou.

— Não me recrimine por apontar o óbvio — retruquei. — Gael, solte-me agora mesmo!

Quando finalmente fui libertado, corri até o sujeito inglês que preparava-se para levantar e dei um chute em sua costela com ímpeto. Um, não. Alguns chutes que ele certamente merecia.

— Faça seu serviço direito ou eu garantirei que você não saia daqui com vida — o alertei, antes de ter Gael agarrando meus braços outra vez, como se eu fosse um animal feroz que fugira da jaula, e Tess praguejando ao vento e dizendo o quanto eu era impossível.

No entardecer gélido e ventoso, a casa já estava livre dos russos. Mary não os matara como eu suspeitara. Ela os comprou para que a servissem. O que ela não comprava, afinal? Os russos aceitaram a proposta feita sem que fosse preciso agir com violência. Eles reconheceram que os ingleses estavam em maior número e que, àquela altura, uma aliança não seria a pior alternativa.

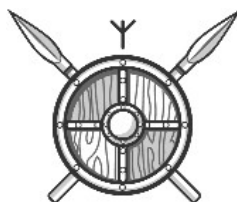
— Minha rainha mencionou que você teria algo para me dar após o serviço — disse Noah, referindo-se ao gravador. Me ocorreu que o homem estava sentindo extrema dor no nariz, maxilar, queixo, olhos. Em todo pedaço de carne que eu fiz questão de atingir. Minhas mãos foram feitas para agredir violentamente aquele homem, ninguém teria prestado um trabalho melhor para adestrá-lo.

— Claro, me acompanhe — disse, com os dentes cerrados, abrindo e fechando os dedos.

Seguimos rumo ao quarto. Peguei o objeto na gaveta do criado-mudo, só que não entreguei a Noah como fora combinado. No lugar, fiz com que ele me seguisse até o banheiro e me visse jogar o gravador na privada.

— Diga a sua rainha que as regras mudaram. Se ela não confia a segurança de nossas vidas em minhas mãos, não há razão para que eu confie nela. — E dei descarga no objeto, sem desviar os olhos do anglicano ao meu lado.

Eu não seria o bobo que fui antes, não daria uma nova munição para Mary me atacar. Ao jogar o gravador fora, eu me certificava de que ela não o usaria no futuro para me fazer servi-la outra vez. Eu me certificava que o ciclo entre nós finalmente chegara ao fim para que Tess e eu pudéssemos ter a vida que merecíamos. Juntos.



“Mikhailovich, essa é a última carta que lhe redijo. Seria do meu agrado que soubesse que na última terça-feira meu chanceler foi encontrado morto. Ataque do coração, é o que disseram.

Sei que o convencionado era de não entrarmos em contato, por outro lado, presumo que gostaria de ter essa informação para viver aliviado com sua dama. Dentre outras coisas, soube através do meu segurança que o senhor se livrou do objeto em questão. Noto que não sou a única a quebrar acordos, uma vez que o senhor disse olhando em meus olhos que o entregaria a mim.

Contudo, estou disposta a perdôá-lo, pois sei que não lhe dei razões para confiar em mim. Fio-me que dessa forma tenha sido o mais prudente para ambos.

E por último, e não menos significativo, me submeterei ao retrógrado: “No fim, o amor sempre vence”.

Felicidades a você e sua noiva.

Cordialmente,

V.M.”



Tess

SEMANAS SE PASSARAM DESDE A ÚLTIMA VEZ QUE MARY APARECERA, coincidentemente desde a última vez em que algo ruim acontecera também. Era como se o verão finalmente tivesse chegado após um intensivo nevoeiro. O sol que bruxuleava pela janela era equivalente ao calor que tirava férias no meu coração. A mulher dentro de mim sentia-se feliz como nunca antes.

— Vamos, Téci, levante — Elisandra me sacudiu pelos ombros.

Minhas pálpebras adejavam para abrir. O nascer do dia mal havia começado quando minha irmã irrompeu no quarto, eufórica.

— O que foi? Que horas são? — Indaguei sonolenta, e procurei meu noivo ao meu lado na cama. Seu lado estava vazio. — Onde Charlie está?

Lis tinha o rosto iluminado como o sol naquela manhã. A felicidade irradiava em seus grandes olhos de cílios densos e bochechas vermelhas de quem estava com a língua queimando para compartilhar uma novidade.

— Se trocando — ela disse, distraidamente.

E lá vamos nós fazer o joguinho dela.

— Para que? — Cocei os olhos para enxergá-la com nitidez, cada movimento pontuado por um bocejo.

— Para o grande dia. Vocês vão se casar.

Como é? Era uma grande maldade brincar com uma romântica inveterada tão cedo. Eu nascera preparada para me casar.

— Como é? Não marcamos uma data ainda. Charlie me pediu para esperar todos estarem bem alocados em G...

— Ah, minha irmã. Sua bobinha, era tudo fingimento. Charlie queria fazer uma surpresa para você, então ele pediu nossa ajuda para organizar tudo — me cortou, com as palavras estudadas.

Fui de sonolenta para impressionada. Poucas coisas teriam me despertado tão eficientemente quanto aquilo. Era o sonho de qualquer mulher ouvir dizer que seu grande amor preparara o dia mais especial de suas vidas em segredo somente para agradá-la, não? Eu teria ficado menos estupefata se Lis tivesse dito que Charlie foi à Lua. Um ogro como aqueles! Eu não era fantasiosa o bastante para imaginar um escocês arrogante e convencido escolhendo flores decorativas para o casamento.

— E-eu não tenho uma roupa — disse, naturalmente entrando em pânico.

Nesse instante, Maisie e Kate se materializaram no quarto, comprovando que eram ótimas em mexericar atrás da porta.

— Que madrinhas seríamos se não providenciássemos sua roupa?
— Kate brincou e jogou o vestido branco de cetim na cama.

O choro veio com a força de uma enchente que rompeu uma barreira. Não era apenas as emoções pré-casamento que pulavam dos meus olhos em forma de lágrimas. Era uma junção de tudo. Eu amava aquelas pessoas mais do que um dia pensei amar. E eu estava feliz. Há quanto tempo eu não me sentia tão em paz e satisfeita? Charlie não era o príncipe encantado que eu desejei durante toda vida, estava longe de ser um perfeito cavalheiro, mas ele era perfeito para mim com todos os seus inúmeros defeitos.

— Obrigada, meninas. Obrigada por fazerem parte da minha vida, por serem as melhores madrinhas que um dia pensei em ter. Eu amo vocês, amo tanto que chega a ser ridículo — falei, ao me sentar na cama.

As três correram para me abraçar. Eu senti meus ombros molharem. Estávamos tão unidas, que eu não saberia dizer qual delas estava chorando, ou talvez fossem todas.

— Estou interrompendo? — Charlie perguntou, para nos alertar da sua presença.

Nos desvencilhamos de súbito.

— Eeee! Nunca ouviu dizer que dá azar ver a noiva antes do casamento? — Maisie resmungou e tentou empurrá-lo para fora do quarto com um jogo de corpo.

— Por favor, *piuthar*, Tess e eu já tivemos azar o suficiente para uma vida — ele retrucou e se recusou a sair. — Um minuto. Eu só quero falar

com a minha noiva um minuto.

— Um minuto — reiterou Lis e pegou o vestido da cama para que Charlie não o visse. — Vou pendurar isso no outro quarto, não se atreva a entrar lá.

Charlie ergueu as mãos em brincadeira, mostrando estar de acordo e desarmado de qualquer defesa verbal.

— Só se eu quisesse morrer — ele respondeu, quando todas já tinham saído.

Ele moveu seu corpo forte em minha direção. Notei que ainda não estava trocado, mas a barba e o cabelo estavam mais alinhados do que de costume.

— Charlie, o que é tudo isso? — Perguntei, à beira de um novo choque de emoção. Respirei fundo e obriguei a chorona em mim a se controlar.

— Nada além do que você merece. Nada além de uma prova do meu amor por você. Uma vez eu te disse que te faria se sentir a mulher mais amada desse mundo, minha dama. Isso não é nem um terço do que eu farei por você enquanto estiver vivo. Eu a servirei, a honrarei, porque a partir de hoje você é a única rainha a qual eu pertenço.

Deus.Do.Céu. Aquele havia sido o meio mais digno de parar o meu coração.

Ele se ajoelhou diante da cama e eu fiquei sem reação. Estática feito uma pedra e doce como um pote de mel.

— Charlie?

Ele baixou o olhar e procurou algo nos bolsos da calça.

— Não me lembro de ter falhado em muitas missões durante meu tempo de serviço, mas uma vez você me deu uma bem simples e eu fui incapaz de cumpri-la. Peço desculpas por isso e espero que não seja tarde demais para me redimir.

Quando eu vi o objeto brilhante estendido na minha frente eu não acreditei. Meu coração parou de bater. *Juro* que parou.

— O colar. O colar da minha mãe — o peguei com os dedos trêmulos. Era uma das poucas coisas que minha mãe havia deixado para trás e Charlie sabia o quão importante era para mim. — Eu não acredito.

Como você conseguiu? Pensei que Mary o jogara fora junto com as minhas coisas.

— Foi uma das minhas exigências a ela. Eu o fiz quando você não estava por perto, queria que fosse surpresa.

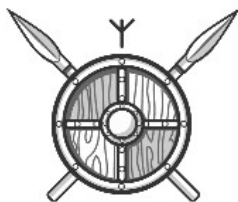
— E estou. Estou surpresa com tudo. Estou tão perdidamente feliz que não consigo nem me levantar com medo das minhas pernas fracas me derrubarem.

Eu fui recompensada com um sorriso jubiloso.

— Agora deixarei a senhorita se trocar antes que aquelas três me arranquem daqui à pontapés. — Antes de se levantar, ele pegou em minha mão e a beijou delicadamente. — A espero no altar, *boireannaich*.

— Charlie — o chamei apressada, antes que ele partisse. — Eu amo você.

— Impossível ser mais do que eu a amo, minha criatura.



Empurrei o fino tecido da cortina para o lado, na intenção de ver o lado de fora da casa. Não me interessava a paisagem, não mesmo, eu queria era espionar os convidados. Havia homens de *kilt* vermelho xadrez por todos os lados. O visual era completado por uma jaqueta tradicional, uma camiseta, meias na altura dos joelhos e sapatos. Na lapela, o cardo, a planta símbolo da Escócia.

— Meu Deus, Lis, Lis — a chamei com urgência. — Aquele ali é o papai?

Ela interrompeu o *blush* que pretendia passar em minhas maçãs para olhar pela janela.

— *Cacete*, não é que convenceram papai a usar a saia — ela colocou a mão na boca para conter a risada.

— Tenho certeza de que foi ideia do Gael. Ele sabe ser chato quando quer algo — Maisie disse, sem estagnar a segunda trança que preparava

em mim.

Prendi a respiração por um minuto, sem deixar de olhar o horizonte da ilha. A decoração era simples e excêntrica. As árvores foram aproveitadas para pendurar garrafas com flores brancas e gaiolas.

— Está nervosa? — Perguntou Kate, assim que prendeu a faixa xadrez em minha cintura sobre o vestido branco.

Mordi o lábio. *Meu bom Deus. Eu finalmente irei me casar e com um escocês. UM ESCOCÊS!!!*

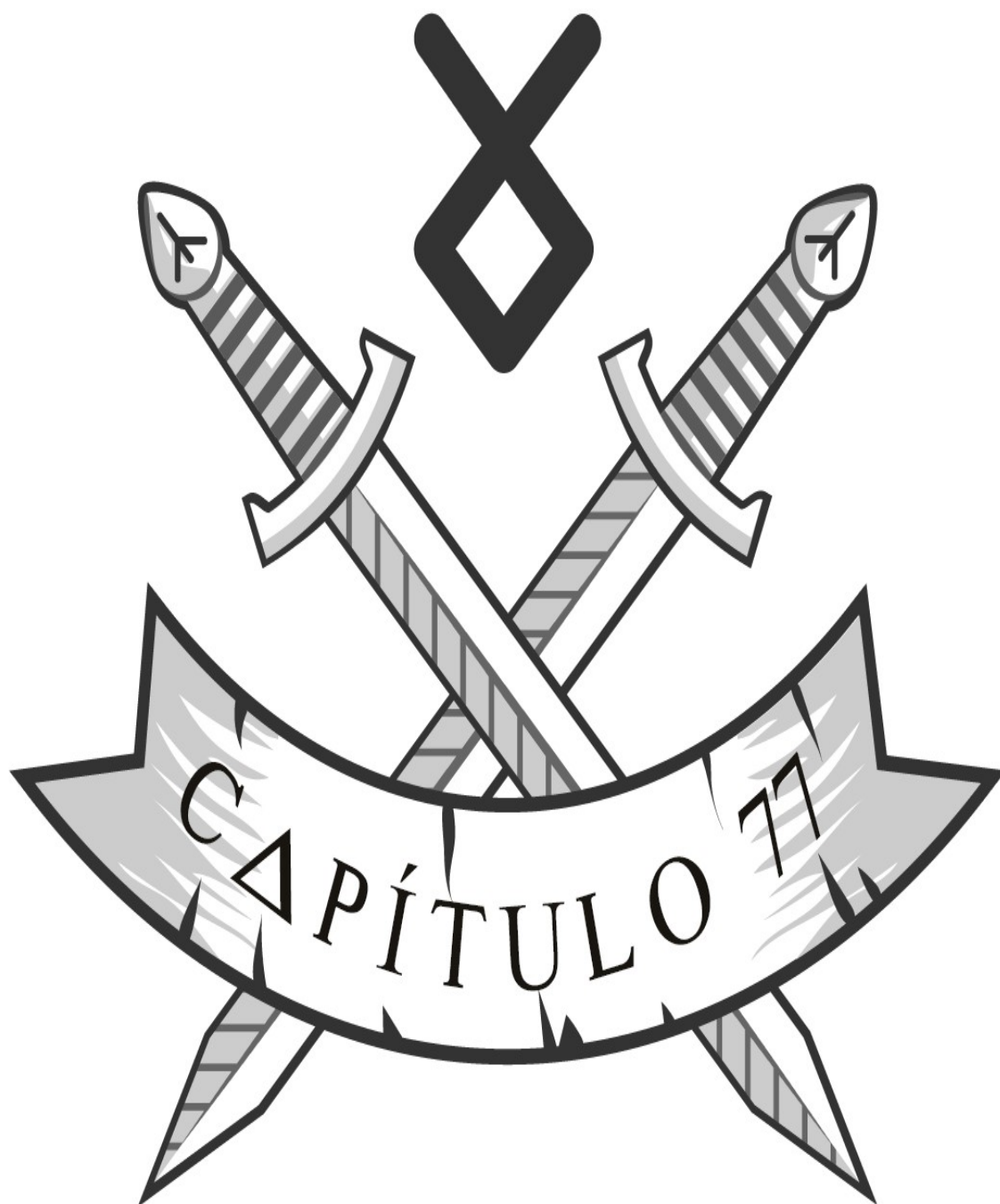
— Um pouco. Está bem cheio.

— Balder conhece gente por toda a Escócia, ele fez questão que todos os antigos moradores de Kerrera viessem, inclusive a garotinha que você ajudou a salvar — foi Maisie quem respondeu.

— Brenda? Ela está bem?

— Sim. — Ela enfiou o último grampo que segurava a trança e disse: — Você está pronta, querida.

Olhei meu reflexo no espelho e toda a beleza, em minha singela opinião, estava dentro dos meus olhos. Nada me deixara tão bonita quanto a grande camada de felicidade.



Escocês

AO CONTRÁRIO DE MUITOS HOMENS, eu queria me apaixonar e me casar. No entanto, se anos atrás alguém me dissesse que seria com aquela mulher, não havia dúvida de que eu questionaria a sanidade desse indivíduo. Não que Tess não fosse uma mulher digna de todo amor; ela era brasileira e não compartilhava os mesmos costumes que eu durante anos honrara (independentemente do meu sangue, eu era um escocês e ponto), mas ao vê-la ser conduzida pela areia, naquele vestido branco, ao som de gaitas de fole, agarrada ao braço do seu pai, todas as minhas dúvidas se transformaram em certezas, e não houve uma única parte de mim que cogitou recusar passar os últimos dias de vida nos braços daquela criatura.

Eu fui enfeitiçado por seus olhos de raposa, pelo seu linguajar totalmente inapropriado para uma dama da sociedade, por aqueles cabelos que vez ou outra se desprendiam dos grampos e caíam por seu rosto de queixo pequeno. Ela foi um choque no escuro que me deixou surpreso e conquistou um lugar no meu coração que sempre seria dela.

Quando ela curvou os lábios num sorriso misterioso ao me ver no pergolado, uma gota escorreu por minha bochecha e eu fiquei sem fala.

Raios. Há ser humano mais sortudo e tolo do que eu?

— Até que enfim, hein, grande Balder — Gael, ao meu lado, me deu uma cotovelada e sorriu furtivamente. — Eu sempre soube que em algum lugar no mundo existia uma *boireannach* corajosa o bastante para suportá-lo.

— Tenha bondade, você está no meu casamento — repreendi, só que não de verdade. Gael tinha razão; apesar de eu ter acreditado no amor durante toda a vida, eu nunca estive de braços abertos para recebê-lo. Quando eu me relacionava com uma mulher, não era nada além do prazer carnal. Nenhuma me tocara tão profundamente a ponto de me fazer ajoelhar para que fosse minha. Mas ali estava eu, ali estava Tess, prontos para termos um final apropriado.

— Não aceito devolução, hein? — Brincou o pai de Tess ao chegar.

— Papai! — Ela o advertiu entre risos.

— Eles me fizeram usar saia, se queriam destruir minha masculinidade era melhor terem arrancado meus testículos — ele a respondeu sem pudor.

— Quando o senhor se acostumar, nunca mais usará calça — o alertei e estendi minha mão para cumprimentá-lo.

— Não vejo como eu poderia me acostumar com essa coisa — o velho resmungou ao me dar as costas e ir para seu lugar ao lado de Gael, Hamish e Jailson.

— De saia. Espero que tenha encomendado um vento apropriado para erguê-la, ou teremos de cancelar a cerimônia — a criatura sussurrou ao chegar pertinho de mim.

Dei um suave beijo em sua testa apenas para responder ao comentário.

— Tudo do jeitinho que você sonhou, minha cara. Tenho uma forte suspeita de que o vento compactuará com sua libertinagem — sussurrei de volta e a olhei firmemente: — Em nome dos deuses, não há nada tão gloriosamente belo quanto você.

Ela ruborizou e eu me questionei, como ela não estava habituada a receber aquele tipo de elogio? Tess, dos cabelos aos pés, era de dobrar qualquer homem, nem mesmo seu dedo distinto fora capaz de diminuir a beleza que ia do interior ao exterior. Ela fora desenhada pela lua, pintada pelo sol e contornada pelo brilho de todas as estrelas do céu.

A cerimônia foi breve. Fomos abençoados pelos meus deuses e pelo de Tess. Assim que as alianças passaram de mão em mão entre os convidados para absorver as boas energias e votos de felicidade, fomos declarados casados e nos beijamos diante todos. E dentre todos os homens do planeta, naquele momento, não existia nenhum mais feliz que eu.

— O que está fazendo? — Perguntei a Tess, quando já estávamos sentados após cumprimentar todos os convidados, ao vê-la retirar o anel que eu acabara de colocar em seu dedo. — Já está arrependida por ter se casado com um inserível feito eu?

Ele sorriu docemente.

— Quero saber o que você gravou. Lembro de ter lido a aliança de Kate certa vez e estava escrito...

— *Tha gaol agam ort*, era o que estava gravado na dela — a cortei, ao entender que ela não saberia repetir. — Que significa: “Eu te amo”.

Ela ergueu a sobrancelha em questionamento, sem desprender os olhos do seu anel.

— Não é isso que está escrito na minha.

— Não — revelei. — Eu fiz um ajuste.

— E o que escreveu?

— *Prometo que serei digno de estar em seus braços*.

Ela abriu-me um sorriso que me deixou abaixo dos seus pés; eu me tornara um fraco por ela. Um tolo apaixonado. Um homem cuja força era inútil quando se tratava dela. Anos sendo o melhor em tudo, o coração de gelo, o grande Balder, o destemido; de que me adiantaram se agora eu era capaz de beijar seus calcanhares diante todos se assim ela ordenasse?

— Você é digno, meu amor — sua voz soou feito melodia e ela inclinou o rosto em direção ao sol. — Antes do dia em que te conheci, a vida era tão desagradável, mas você foi a chave para me fazer sentir viva, e quando você me beijou pela primeira vez, eu não tive mais dúvida do que estava procurando. Se eu tenho você, então eu não preciso de mais nada.

— Agora você é minha, criatura.

— E você é meu, escocês.

Sorrimos feito bobos e eu me inclinei para beijá-la, mas logo a patrulha chegou para fazer o melhor que sabiam: interromper-nos.

— Ora, ora, grande Balder, você acha que escapará das suas obrigações? — Jailson sentou-se ao meu lado no banco de madeira e me tocou o ombro direito.

— A gincana era pré-casamento. Vocês já perderam a oportunidade — rebati.

— Você estava salvando o mundo; não tivemos tempo para organizar — recordou Gael.

Revirei os olhos.

— O que prepararam? — Perguntei, eu sabia que não conseguiria escapar daquilo. Gael e Jailson ficariam no meu ouvido o resto da tarde e me chamariam de covarde. E eu não permitiria ser chamado de covarde.

O rosto dos dois escoceses se transformaram. Diabolicamente.

— Está vendo aquela bandeira ali? — Gael apontou com o dedo para uma bandeira vermelha dentro do mar, longe o bastante para que eu precisasse apertar os olhos para enxergar.

— Sim. O que tem? Uma corrida a nado? Vocês querem perder para mim pelo que me parece ser a quinquagésima vez? — Ousei provocar.

— Não. Eu acabei de comer, não é recomendado entrar na água — Gael acariciou a própria barriga estufada. — A corrida será contra você mesmo, grande Balder. É simples, se você não arrancar a bandeira em cinco minutos, sua dama pagará o preço.

— Como é? — Tess levantou a voz, assustada.

— Você queria um casamento escocês, querida. Bem-vinda ao nosso mundo — Kate deu de ombros, dissimulada.

— O que farão com a minha esposa? — Perguntei em um cruzar de braços.

— Se você não cumprir a gincana a tempo, sua esposa será submetida à uma chuva de sujeira. Mas não se preocupem, teremos apenas ovos, farinha, leite, penas de aves. Nada extraordinário — Maisie explicou com tranquilidade.

Ah, nada extraordinário. Que sorte a nossa.

Tess se levantou com os olhos arregalados e uma fumaça de divertimento por detrás deles.

— Eu nunca estive tão bonita em toda minha vida. Charlie, acho bom você pegar aquela bandeira ou não terá noite de núpcias para você — ameaçou, me sobressaltando.

Todos riram do atrevimento dela, exceto eu, que passara o dia todo *muito* bem acordado fisicamente, contando cada volta dos ponteiros, ansioso pelo anoitecer para colocar minhas mãos naquele corpo insinuante.

Tirei a jaqueta, o *sporrán*, os sapatos com cadarços, as meias e tudo que pudesse interferir na minha velocidade. Os urros de guerra foram

dados pelos convidados. Todos se reuniram na costa, eufóricos. A maioria torcia por minha vitória, mas havia Gael e as madrinhas de Tess que até tentaram me subornar para que elas pudessem sujá-la sem arrependimentos.

— Você consegue, o mar está calmo hoje — incentivou Hamish com um copo de conhaque em mão. — Quer um gole?

Recusei.

— Prefiro beber ao retornar para comemorar minha vitória da melhor forma possível.

— Vamos lá, grande Balder. Será que você ainda está em forma? — Atiçou Gael, com os dentes amostra no seu maior sorriso faceiro.

— Se eu pegar aquela bandeira a tempo... Ou melhor — me corrija —, quando eu pegar aquela bandeira e cumprir a gincana, eu terei uma brincadeira escandalosa para você também.

— Não sou eu quem estou casando, milorde — zombou ele. — Mas aceito o desafio, seja ele qual for.

Limitei-me a olhar para Elisandra. Era do conhecimento de todos que Gael e a mulher não se bicavam. Ele compreendeu minhas intenções rapidamente, mas um pouco tarde demais para desfazer sua promessa. Ah, eu teria um jogo perigoso para ele.

— Charlie — Tess me puxou. Me virei para olhá-la enquanto a ouvia —, se eu fosse você não perderia a noite de núpcias por nada. Eu realmente adorei vê-lo de *kilt*.

Seus olhos eram duas bolas de fogo. Me inclinei para cochichar ao pé do seu ouvido.

— Se você continuar me provocando, nem mesmo esse mar frio será o suficiente para apagar minha chama — insinuei, certo de que aquilo a deixaria arrepiada.

— Ei, vocês dois. Parem de enrolar! — Kate acelerou e os outros compactuaram, inclusive o pai de Tess. Ele era um homem que demonstrou se adaptar bem a nós.

— Estejam prontos para serem derrotados, meus camaradas — falei para todos e pulei dentro da água impiedosamente fria apesar do sol.

Mergulhei, antes de começar as braçadas. As pernas agiam num movimento parecido com uma tesoura. Bati os pés sobre a água e, ao mesmo tempo, girei os braços na linha do corpo, alternando-os em batida sobre a superfície. Era o estilo de nado mais rápido que eu conhecia, contudo, a *kilt* estava me atrasando. Estar completamente nu era o mais apropriado. Eu já teria alcançado objetivo.

Dei uma olhada na bandeira. Estava perto. Só que há quanto tempo eu estava na água? Os cinco minutos já haviam passado?

Ergui a bandeira vermelha logo que a peguei, tive de desamarrá-la da pedra em que estava presa e isso demandou um tempo que eu não calculara. Ao retornar em solo firme, pela expressão emburrada de Tess, soube que eu havia perdido.

— Quanto tempo? — Inquiri para Gael, que pulava feito um parvo e não se preocupou em responder. Na verdade, eu me tornara a última coisa se passando por sua cabeça.

— Você perdeu por meio segundo, meu amigo — Hamish fez a gentileza de contar, e deu dois tapinhas em meu ombro, em consolo.

Joguei a maldita bandeira na areia e aceitei a toalha que Kate me estendera. Enxuguei o rosto, depois os braços.

— Eles trapacearam — falei para Tess, e questionei para ninguém em específico: — Quem foi o responsável por aquele nó?

Jailson pigarreou e apontou culpadamente para Hamish.

— Traidor! — O acusei e dei um tapa em sua mão para derrubar o copo de conhaque. — Se eu não fizer sexo hoje, garantirei que você também não faça!

Ele tentou transmitir um olhar inocente ao se virar para a esposa. Um olhar que não a convenceu. A intriga já estava armada. Se eles tinham como plano destruir a minha noite, por Odin, eu faria o mesmo com cada um que compactuou com aquilo.

— Tudo bem, acho que agora as madrinhas têm uma grande missão pela frente — anunciou Gael para levar todos de volta para a gincana e entusiasamá-los.

Bem, os escoceses realmente adoravam ver a desgraça alheia.

De esguelha, testemunhei minha noiva espertinha arrancar os saltos, erguer o vestido até os joelhos e de imediato a danada colocou seus pés para correrem com a velocidade de um meteorito.

— A NOIVA ESTÁ FUGINDO. A NOIVA ESTÁ FUGINDO — berrou Maisie. — PEGUEM-NA.



Tess

O QUE FIZERAM COM A CHUVA DE PÉTALAS? Ou a chuva de arroz? Eu aceitaria até mesmo uma chuva de arroz. Mas de ovos, leite, farinha e penas de aves... *Meu bom Deus*. Era desesperador imaginar a situação em que meu cabelo ficaria e o vestido, com o cheiro podre de gema e leite. *Argh*.

Corri por dentro da floresta, com as pedrinhas ferindo meus pés e os espinhos das roseiras arranhando meus braços. Àquela altura eu estava certa de que todos os convidados já estavam procurando por mim, mas se eu ficasse escondidinha e de cócoras entre as flores, ninguém me encontraria. Calei minha boca com a mão, a respiração profunda podia facilmente me denunciar e...

— Vejam só, eu sempre soube que você era uma covarde. Mas se esconder? Por favor, criatura, agora você é uma escocesa. E os escoceses nunca fogem de uma obrigação!

— Charlie, como é que me encontrou? — Perguntei, em uma entonação acusatória.

Ele estava todo desgrehado depois do que o submeteram, mas ainda era uma figura linda e de tirar o fôlego.

— Eu senti seu cheiro. O cheiro do medo — provocou, e caminhou em minha direção feito um leão pronto para atacar um coitote.

— Charlie, não se atreva a me denunciar — o alertei com gravidade.

— Eu não me atreveria — disse, com um olhar de diabo. — Acha que eu denunciaria a minha esposa que está prestes a desonrar meu nome e toda uma tradição?

— Charlie... Eu estou avisando — falei uma segunda vez. Meu coração estava saltando de felicidade, e isso fez com que eu risse e quebrasse toda minha rigidez.

Ele abriu espaço por entre as rosas e parou feito uma montanha na minha frente.

— Eu não seria capaz de gritar alto o bastante para dizer — e ele deu seu melhor grito: — ELA ESTÁ AQUI.

Prendi a respiração e fechei os olhos com força quando vi Maisie, Lis e Kate surgirem na floresta com as mãos ocupadas com tudo que pretendiam tacar em mim.

— CHARLIE EU VOU MATAR VOCÊ — berrei, e tive o primeiro ovo quebrado na minha cabeça por Kate. A farinha veio de Lis e o leite de Maisie. Fechei os olhos após sentir a clara escorrer por minha testa, depois pelos cílios.

Segui a gargalhada de Charlie para encontrá-lo e pulei sobre seu corpo para lambuzá-lo também.

— Sua criatura maldita — ele disparou.

— Meninas, joguem mais farinha, vamos, mais farinha — pedi, agarrada decididamente ao corpo do escocês.

— É você quem manda — as três disseram em uníssono. E não houve um único lugar em mim e em Charlie que não foi sujado. As penas foram a última coisa a ser jogada, daí em diante a desgraça já estava feita.

E entre risos de indignação e extrema felicidade, Charlie disse, ao me erguer em seu colo:

— Bem-vinda à Escócia, *boireannach*.

E eu me senti em casa.

ACOMPANHE O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE:

UMA
LADRA
EM
TERRAS
ESCOCESAS

Prólogo

Duas coisas se passaram por minha cabeça enquanto eu andava em Dindow à procura da confeitaria que Kate me dissera para encomendar o bolo de casamento de Tess. A primeira, era que eu cumpriria a única tarefa que me deram, nem se eu passasse a tarde inteira andando. A segunda me ocorreu quando vi o padeiro jogar os pães doces na cesta. Eu precisava de um pãozinho daquele, não somente por estar faminta, mas também porque eles me pareciam absurdamente saborosos e macios.

— Quero 5 — pedi ao padeiro ao me aproximar.

— Cinco? — pareceu surpreso. — Está bem.

Ele jogou os pãezinhos dentro do saco e me entregou. Coloquei o primeiro imediatamente na boca. *Ah, dos deuses*. Depois o segundo. O terceiro. E o padeiro sem desviar os olhos de mim.

— O dinheiro. Claro. Claro — me atentei timidamente e tirei as notas do bolso da calça.

— Não. Dinheiro não. Apenas cartão. — Apontou para uma placa grudada na vitrine que falava o mesmo que ele. — Parei de aceitar dinheiro por receber muitas notas falsas.

Levei o quarto pãozinho à boca antes de respondê-lo.

— Cartão? Eu tenho apenas dinheiro, senhor — disse de boca cheia.

O velho me olhou de cara feia.

— Se não tem como pagar então pare de comer! — falou com grosseria e tentou arrancar o saco da minha mão.

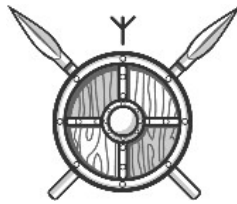
— Eu tenho como pagar, o senhor é que se recusa receber! — rebati e puxei o saco de volta. Enquanto encaminhava o último doce para minha boca e dava uma bela mordida, um homem fardado vindo em nossa direção me paralisou. Nem mesmo mastigar eu consegui.

— Seu policial. Seu policial — o padeiro chacoalhou o braço para o sujeito de farda.

Policial?

Quando o policial já estava perto o bastante para atender ao chamado do padeiro, ele parou de andar e me olhou. E sorriu. Eu não saberia dizer porque sorriu, e tampouco o que o fez parar de andar. Eu apenas mastiguei e limpei os cantos da boca com a língua.

Depois, fugi. Corri sem temer as consequências e com o padeiro gritando que se eu não aparecesse para pagar os pães até o dia seguinte, as coisas ficariam bem feias para mim.



Não acreditei nos meus olhos quando vi o policial aparecer na festa de casamento dos meus amigos. Como ele se atreveu?

Ele foi até o noivo e lhe mostrou um papel.

Corri até eles. Eu não permitiria que aquele insensível atrapalhasse a festa.

— Eu não acredito que você terá a indecência de estragar um casamento. Eu já disse que pagarei pelos pães, não disse!? — reclamei com o policial, o que era uma mentira. Eu não dissera nada sobre pagar os pães, sequer trocara palavras com o sujeito.

— *Piuthar*, você furtou pães? — Charlie perguntou rindo. — Por Odin, por que furtou pães?

— Eu disse ao padeiro que só tinha dinheiro, mas ele só aceitava pagamento através daquele negócio de cartão. Não tive culpa. Eu já havia comido o pão.

— Foram cinco pães, minha senhora. E o padeiro alega que lhe deu um dia para realizar o pagamento, e já se passaram três — o policial atentou.

Sua voz era grave. Rouca e nada amigável.

Estendi os pulsos com impaciência e revirei os olhos para Charlie.

— Está tudo bem, grande Balder. Eu acompanharei esse insuportável de farda e farei o pagamento. Kate me emprestou o negócio do cartão — menti. Eu não tinha compartilhado com ninguém o incidente na padaria, mas não iria deixar o noivo preocupado comigo justamente no dia mais importante da sua vida.

O policial ouviu meu insulto e preparou-se para retrucar, mas Charlie o interrompeu:

— Eu irei com você.

Neguei apressadamente.

— Ela poderá retornar assim que fizer um acordo com o padeiro pelos pães furtados — garantiu o policial.

— Não se preocupe, grande Balder. Eu e esse sujeito desagradável já nos esbarramos algumas vezes. — menti pela segunda vez. Encarei os olhos azuis do policial. Lindos olhos, não podia negar, era uma pena que estivesse me colocando algemas enquanto eu o admirava. — Apesar de não me agradar sua companhia, sei que é um homem de palavra.

— Tem certeza que ficará bem? — Charlie quis garantir. Ele sempre fora um homem superprotetor com todos.

Eu sorri, para fingir que não estava levando aquilo tão a sério.

— É claro. Só garanta que Gael não comerá todo o bolo. Ah, eu matarei aquele grosseiro se ele não me deixar um pedaço — resmunguei, enquanto o policial me puxava para o barco de forma nenhum pouco gentil.

Table of Contents

[Agradecimientos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)
[Capítulo Final](#)